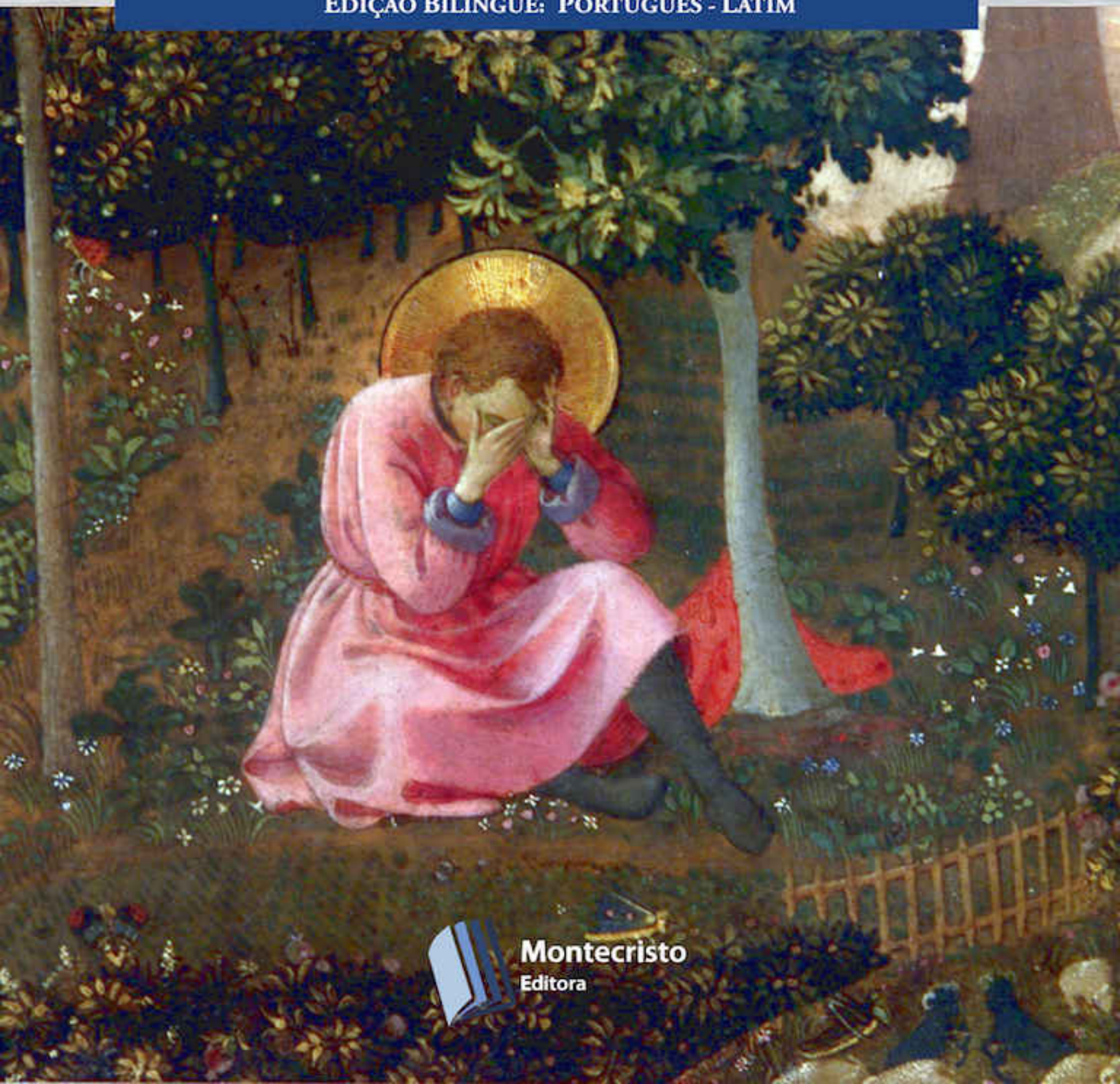


SANTO AGOSTINHO

# CONFISSÕES

EDIÇÃO BILÍNGUE: PORTUGUÊS - LATIM



Montecristo  
Editora

Santo Agostinho de Hipona

## Confissões

"QUEM É BOM É LIVRE, AINDA QUE SEJA  
ESCRAVO. QUEM É MAU É ESCRAVO, AINDA  
QUE SEJA LIVRE."



**Montecristo**  
Editora

©2020 Copyright Montecristo Editora

# Santo Agostinho de Hipona

## Confissões

**Supervisão de Editoração/Capa**  
Montecristo Editora

**Original em Latim**  
[The Stoa Consortium](#)

**Imagem da Capa**  
Conversão de Santo Agostinho, por Peter Paul Rubens

**ISBN:**  
**978-1-61965-173-9 – Edição Digital**

**Montecristo Editora Ltda.**  
**e-mail:** [editora@montecristoeditora.com.br](mailto:editora@montecristoeditora.com.br)



### **Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**

Agostinho de Hipona, 354-430; A221c  
**Confissões**; – Montecristo Editora, 2020.  
**ISBN:** 978-1-61965-173-9

1. Agostinho 2. Filosofia. 3. Ensino 4. Cristianismo. 5. Patrística; I. Agostinho,  
Santo; II. Título  
79-0302 CDD 922.22-370

**índices para catálogo sistemático:**

1. Ensino 370
2. Linguagem : Filosofia 401
3. Santos : Igreja Católica : Autobiografia 922.22

# SUMÁRIO

## SANTO AGOSTINHO DE HIPONA

### CONFISSÕES

#### INTRODUÇÃO

Sobre o autor

Cronologia

Confissões de Agostinho de Hipona

#### LIVRO I - A INFÂNCIA

I — Apelo ao Ser (1-5).

II — Infância e puerícia (6-8).

III — A educação (9-20).

#### LIVRO II - OS PECADOS DA ADOLESCÊNCIA

I — A adolescência (1-3).

II — O prazer de praticar o mal (4-10).

#### LIVRO III - OS ESTUDOS

I — Em Cartago. Nos estudos (1-5).

II — Santo Agostinho e a seita de Maniqueu (6-12).

#### LIVRO IV - O PROFESSOR

I — Pelas estradas do erro (1-3).

II — Em louvor da amizade (4-8).

III — Engano das criaturas, libertação para Deus (9-12).

IV — O problema do belo (13-14).



## LIVRO V - EM ROMA E EM MILÃO

I — Primeiras desilusões do maniqueísmo (1-7).

II — Em Roma (8-12).

III — Em Milão. Abandono da doutrina de Maniqueu (13-14).

## LIVRO VI - ENTRE AMIGOS

I — Aproximação do catolicismo (1-6).

II — Com os amigos: Alípio e Nebrício (7-10).

III — Miragens terrenas (11-16).

## LIVRO VII - A CAMINHO DE DEUS

I — O problema de Deus e o problema do mal. A astrologia (1-8).

II — O neoplatonismo e Santo Agostinho. Solução ao problema do mal (9-21).

## LIVRO VIII - A CONVERSÃO

I — Simpliciano. A conversão de Vitorino, suas dificuldades e alegrias (1-4).

II — A luta na conversão: As duas vontades... A exposição de Ponticiano (5-7).

III — A conversão de Santo Agostinho, de Alípio e a alegria de Santa Mônica (8-12).

## LIVRO IX - O BATISMO

I — O adeus ao professorando. Na quinta de Cassiciaco. De novo em Milão (1-7).

II — Traços biográficos e morte de Mônica, mãe de Agostinho (8-13).

## LIVRO X - O ENCONTRO DE DEUS

I — Introdução à segunda parte: A caminho de Deus (1-7).

II — Da análise da memória a Deus (8-17).

III — Misérias e tentações do homem (18-41).

IV — Cristo é o único Mediador (42-43).

## LIVRO XI - O HOMEM E O TEMPO

I - Deus criador. O Verbo de Deus (1-9).

II - Análise do tempo. O tempo e a eternidade (10-27).

## LIVRO XII - A CRIAÇÃO

I — "No princípio criou Deus o céu e a terra" (1-15).

II — Como a profundidade das Escrituras é inexaurível (16-32).

## LIVRO XIII - A PAZ

I — Agradecimento a Deus pela sua bondade manifesta na Criação e descoberta da Santíssima Trindade nas primeiras palavras do Gênesis (1-12).

II — Diversas alegorias sugeridas pelos primeiros versículos da Sagrada Escritura: a Luz (a alma iluminada pela fé), o Firmamento (a Bíblia), Águas no Firmamento (os anjos), Águas Amargas (os mundanos), a Terra Enxuta (a alma caritativa), os Frutos da Terra (as obras de misericórdia), os Peixes e os Cetáceos (os milagres estupendos), etc. (13-28).

III — Finalmente, a Beleza da Criação no pormenor e no conjunto (29-34), e a Esperança do Repouso em Deus (35-38).

## Confessiones - Original em Latim

Liber primus

Liber secundus

[Liber tertius](#)

[Liber quartus](#)

[Liber quintus](#)

[Liber sextus](#)

[Liber septimus](#)

[Liber octavus](#)

[Liber nonus](#)

[Liber decimus](#)

[Liber undecimus](#)

[Liber duodecimus](#)

[Liber decimustertius](#)

[Bônus](#)

[I. Sobre aproveitar o tempo](#)

[LXVI. Sobre vários aspectos da virtude](#)





# INTRODUÇÃO

**Confissões** é livro autobiográfico escrito por **Agostinho de Hipona**, no qual narra sua própria vida, sua evolução espiritual, sua procura pela verdade até atingir sua conversão. Escritas dez anos após sua conversão, as **Confissões** são, ainda hoje, modelo de narração autobiográfica. Revelam uma vontade viva de encontrar a verdade definitiva, absoluta, que satisfaça seu enorme desejo de saber, de ter fé e de ser perdoado. A obra expõe os dotes, o impulso da vida, a sensibilidade aos problemas da existência humana.

É considerada a primeira autobiografia ocidental escrita, e foi um modelo influente para os escritores cristãos em toda a Idade Média. Nas **Confissões** Agostinho registra o quanto se arrepende de ter levado uma vida pecaminosa e imoral. Discute seus arrependimentos por seguir a religião maniqueísta e acreditar na astrologia. Escreve sobre o papel de seu amigo Nebridius em persuadi-lo de que a astrologia não era apenas incorreta, mas maligna, e o papel de Santo Ambrósio em sua conversão ao cristianismo. A obra de Agostinho marca a transição da cultura greco-romana para a síntese entre Classicismo e Cristianismo. Os primeiros nove livros são autobiográficos e os últimos quatro são comentários e significativamente mais filosóficos.

**Versão bilíngue, português - Latim.** O original em latim que integra a obra está disponível em [The Stoa Consortium](#)

## Sobre o autor

**Agostinho de Hipona** nasceu em 354 no município de **Tagaste** na província romana da Numídia, atual Argélia. É conhecido universalmente como Santo Agostinho, foi um dos mais importantes teólogos e filósofos nos primeiros séculos do cristianismo, cujas obras foram influentes no desenvolvimento do cristianismo e filosofia ocidental.

Em Milão, num dia qualquer de agosto do ano de 386, este homem de 32 anos de idade chorava nos jardins de sua residência. Deprimido e angustiado, estava à procura de uma resposta definitiva que lhe desse sentido para a vida. Nesse momento ouviu uma voz de criança a cantarolar como se fosse um refrão: "*Toma e lê, toma e lê*". Levantou-se bruscamente, conteve as lágrimas, olhou em torno para descobrir de onde vinha o chamado, mas não viu mais que uma bíblia sobre a mesa. Abriu e leu a página caída por acaso sob seus olhos:

*«Andemos honestamente como de dia, não em orgias e bebedices, não em impudicícias e dissoluções, não em contendas e ciúmes; mas revesti-vos do Senhor Jesus Cristo, e não vos preocupeis com a carne para não excitardes as suas cobiças.»*  
(Romanos 13:13-14).

Agostinho não foi propriamente um bom aluno: frequentemente era castigado por gazetear e principalmente por não se dedicar ao estudo da língua grega. Gostava, no entanto, de ler na língua materna e toda a sua cultura se fez essencialmente latina. Foi um texto clássico Cícero, hoje perdido, que lhe abriu as portas do saber. Chamava-se *Hortensius* e era uma eulogia à filosofia. Antes, porém, de se interessar pelas questões intelectuais, sua atenção estava voltada para as coisas mundanas. Vemos nas Confissões algumas pequenas más ações, como roubar peras no quintal do vizinho pelo puro prazer de enfrentar o proibido.

Após sua conversão, Agostinho se tornou vigário aos 36 anos. Bispo coadjutor de Valério aos 41 e sucessor deste, logo depois, permanecendo por mais de quarenta anos ligado à igreja de Hipona, dividindo-se entre tarefas administrativas e reflexão filosófica.

Agostinho redigiu uma obra imensa, a maior parte da qual inspirada em problemas concretos que preocupavam a Igreja da época. Excetuaram-se alguns poucos livros, como as *Confissões*, onde Agostinho se revela admirável analista de problemas psicológicos íntimos tanto quanto de questões puramente filosóficas, e o *De Trinitate*, ao que parece, fruto de uma exigência interior e espontânea. Entre as principais obras de Agostinho, situam-se: *Contra os Acadêmicos* (escrita em 386). *Soliloquios* (387), *Do Livre Arbítrio* (388-395), *De Magistro* (389). *Confissões* (400), *Espírito e Letra* (412), *A Cidade de Deus* (413-426) e as *Retratações* (413-426). Quase todas assumiram caráter polêmico, em decorrência dos diversos conflitos que teve de enfrentar pessoalmente. Esse aspecto foi tão importante que levou São Posídio, amigo e primeiro biógrafo de Agostinho, a classificá-las conforme os adversários enfrentados: pagãos, astrólogos, judeus, maniqueus, e etc.

O fim de sua vida viria junto com a invasão dos Vândalos, que, depois da devastação da Espanha, invadiram a África e sitiaram Hipona. Pouco depois de a cidade ser incendiada pelos bárbaros, Agostinho adoeceu. Morreu no dia 23 de agosto de 430. Despedia-se assim da "cidade dos homens", que considerava pecaminosa e em trevas, e penetrava na "Cidade de Deus". Deixava, no entanto, uma obra de pensamento que dominaria o Ocidente cristão durante pelo menos sete séculos.

## Cronologia

313	Constantino promulga o Edito de Milão, tornando o cristianismo religião oficial do Império Romano Ocidental
-----	---

354	Agostinho nasce em Tagaste, Numídia, na África
355	Invasão da Gália pelos francos, alamanos e saxões
365	Agostinho estuda em Madaura
369	Vive em Tagaste
370	Estuda em Cartago
372	Nasce o filho Adeodato Agostinho descobre a filosofia através de Cícero
373	Leciona em Tagaste Santo Ambrósio torna-se bispo de Milão
374	Leciona em Cartago
380	O Edito de Teodósio torna o cristianismo religião oficial no Império Romano do Oriente
383	Agostinho abandona o maniqueísmo e leciona em Roma
384	É professor em Milão
386	Agostinho descobre o neoplatonismo; lê as cartas de Paulo de Tarso; converte-se ao cristianismo; demite-se do cargo de professor e redige <i>Contra Acadêmicos</i> , <i>De Beata Vita</i> e <i>De Ordine</i>
387	Agostinho é batizado, depois da morte de Mônica, sua mãe, e escreve <i>De Immortalitate Animae</i>
388	Parte para a África e começa a viver monasticamente em Tagaste. Redige <i>De Vera Religione</i>
389	Morte de Adeodato, seu filho
390	Conflito entre Santo Ambrósio e Teodósio
391	Agostinho torna-se presbítero de Hipona
392	Polemiza com o maniqueu Fortunato

395	Agostinho torna-se bispo de Hipona
396	Os godos invadem a Grécia
397	Agostinho redige As Confissões
399	Redige a obra De Trinitate
407	Invasão da Gália pelos vândalos e suevos
413	Agostinho começa a redigir <i>A Cidade de Deus</i>
417	Paulus Orosius, discípulo de Agostinho publica a <i>Historia Universalis</i>
429	Os vândalos invadem a África
430	Agostinho falece em 28 de agosto.

## Obras Relacionadas publicadas pela Montecristo:

- [A Consolação da Filosofia](#), por Boécio
- [Confissões](#), por Santo Agostinho
- [A Vida Intelectual: Seu espírito, suas condições, seus métodos](#), por Sertillanges
- [Sobre a Amizade](#), por Cícero
- [Cartas de um Estoico](#), por Sêneca
- [Obra completa de Sêneca](#)







# Confissões de Agostinho de Hipona

## LIVRO I - A INFÂNCIA

I — Apelo ao Ser (1-5).

II — Infância e puerícia (6-8).

III — A educação (9-20).

### 1 - Invocação ou louvor?

1. "Sois grande, Senhor, e infinitamente digno de ser louvado." "É grande o vosso poder e incomensurável a vossa sabedoria." O homem, fragmentozinho da criação, quer louvar-Vos; — o homem que publica a sua mortalidade, arrastando o testemunho do seu pecado e a prova de que Vós resistis aos soberbos. Todavia, esse homem, particulazinha da criação, deseja louvar-Vos. Vós o incitais a que se deleite nos vossos louvores, porque nos criastes para Vós e o nosso coração vive inquieto, enquanto não repousa em Vós.

Concedei, Senhor, que eu perfeitamente saiba se primeiro Vos deva invocar ou elogiar, se, primeiro, Vos deva conhecer ou invocar.

Mas quem é que Vos invoca se antes Vos não conhece? Esse, na sua ignorância, corre perigo de invocar a outrem. — Ou, porventura, não sois antes invocado para depois serdes conhecido? "Mas como invocarão Aquele em quem não acreditaram? Ou como hão de acreditar, sem que alguém lhes pregue?" "Louvarão ao Senhor aqueles que O buscarem." Na verdade, os que O buscam, encontrá-Lo-ão, e aqueles que O encontram hão de louvá-Lo.

Que eu Vos procure, Senhor, invocando-Vos; e que Vos invoque, crendo em Vós, pois nos fostes pregado. Senhor, invoca-Vos a fé

que me destes, a fé que me inspirastes por intermédio da humanidade de vosso Filho e pelo ministério do vosso pregador.

## **2 - Deus está no homem; o homem em Deus.**

2. E como invocarei o meu Deus — meu Deus e meu Senhor —, se, ao invocá-Lo, O invoco sem dúvida dentro de mim? E que lugar há em mim, para onde venha o meu Deus, para onde possa descer o Deus que "fez o céu e a terra"? Pois será possível, Senhor meu Deus, que se oculte em mim alguma coisa que Vos possa conter? E verdade que o céu e a terra que criastes e no meio dos quais me criastes Vos encerram?

Será, talvez, pelo fato de nada do que existe poder existir sem Vós, que todas as coisas Vos contêm? E assim, se existo, que motivo pode haver para Vos pedir que venhais a mim, já que não existiria se em mim não habitásseis? Não estou no inferno, e, contudo, também Vós lá estais, pois "se descer ao inferno, aí estais presente".

Por conseguinte, não existiria, meu Deus, de modo nenhum existiria, se não estivésseis em mim. Ou antes, existiria eu se não estivesse em Vós, "de quem, por quem e em quem todas as coisas subsistem"? Assim é, Senhor, assim é. Para onde Vos hei de chamar, se existo em Vós? Ou donde podereis vir até mim? Para que lugar, fora do céu e da terra, me retirarei, a fim de que venha depois a mim o meu Deus, que disse: "Encho o céu e a terra"?

## **3 - Deus está todo em toda parte.**

3. Encerram-Vos, portanto, o céu e a terra porque os encheis? Ou, enchendo-os, resta ainda alguma parte de Vós, já que eles Vos não contêm? E, ocupado o céu e a terra, para onde estendereis o que resta de Vós? Ou não tendes necessidade de ser contido em alguma coisa, Vós que abrangeis tudo, visto que as coisas que encheis as ocupais, contendo-as? Não são, pois, os vasos cheios de Vós que Vos tornam estável, porque, ainda que se quebrem, não

Vos derramais. E quando Vos derramais sobre nós, não jazeis por terra, mas levantai-nos, nem Vos dispersais, mas recolheis-nos.

Vós, porém, que tudo encheis, não ocupais todas as coisas com toda a vossa grandeza? E, já que não podem conter-vos todas as criaturas, encerram elas parte de Vós e contêm simultaneamente a mesma parte? Ou cada parte contém a sua, as maiores, as partes maiores, as menores, as partes menores? Há então uma parte maior e outra menor de Vós — ou estais inteiro em toda parte e nenhuma coisa Vos contém totalmente?

## **4 - Cantando as perfeições de Deus.**

4. Que sois, portanto, meu Deus? Que sois Vós, pergunto, senão o Senhor Deus?

"E que outro Senhor há além do Senhor, ou que outro Deus além do nosso Deus?" Ó Deus tão alto, tão excelente, tão poderoso, tão onipotente, tão misericordioso e tão justo, tão oculto e tão presente, tão formoso e tão forte, estável e incompreensível, imutável e tudo mudando, nunca novo e nunca antigo, inovando tudo e cavando a ruína dos soberbos, sem que eles o advirtam; sempre em ação e sempre em repouso; granjeando sem precisão; conduzindo, enchendo e protegendo, criando, nutrindo e aperfeiçoando, buscando, ainda que nada Vos falte.

Amais sem paixão; ardeis em zelos sem desassossego; arrependeis-Vos sem ato doloroso; irais-Vos e estais calmo; mudais as obras, mas não mudais de resolução; recebeis o que encontrais, sem nunca o ter perdido.

Nunca estais pobre e alegrais-Vos com os lucros; jamais avaro, e exigis com usura.

Damo-Vos mais do que pedis, para que sejais nosso devedor; mas quem é que possui coisa alguma que não seja vossa? Pagais as dívidas, a ninguém devendo, e perdoais as dívidas, sem nada perder. Que dizemos nós, meu Deus, minha vida, minha santa delícia, ou que diz alguém quando fala de Vós?... Mas ai dos que se

calam acerca de Vós, porque, embora falem muito, serão mudos!

## **5 - Lágrimas do Pródigo.**

5. Quem me dera repousar em Vós! Quem me dera que viésseis ao meu coração e o inebriásseis com a vossa presença, para me esquecer de meus males e me abraçar convosco, meu único bem!

Que sois para mim? Compedeei-Vos, para que possa falar! Que sou eu aos vossos olhos para que me ordeneis que Vos ame, irando-Vos comigo e ameaçando-me com tremendos castigos, se o não fizer? É acaso pequeno castigo não Vos amar? Ai de mim!

Pelas vossas misericórdias, dizei, Senhor meu, o que sois para comigo? Dizei à minha alma: "Sou a tua salvação". Falai assim para que eu ouça. Estão atentos, Senhor, os ouvidos do meu coração. Abri-os e dizei à minha alma: "Sou a tua salvação". Correrei após esta palavra e alcançar-Vos-ei. Não me escondais o rosto. Que eu morra para o contemplar, a fim de não morrer eternamente!

6. A minha alma é estreita habitação para Vos receber; dilatai-a, Senhor. Ameaça ruína, restaurai-a. Tem manchas que ferem o vosso olhar. Eu o reconheço e o confesso.

Quem há de purificá-la? A quem hei de clamar, senão a Vós? "Purificai-me, Senhor, dos pecados ocultos, e perdoai ao vosso servo os alheios!" Creio, e por isso falo. Vós o sabeis, Senhor. Não confessei contra mim os meus crimes, e não "me perdoastes, meu Deus, a impiedade do meu coração"? "Não entro em razões convosco", que sois a mesma Verdade. Não me quero iludir "para que a minha iniquidade não se minta a si mesma". Não quero entrar em razões convosco, porque, "se atendeis à iniquidade, Senhor, Senhor, quem permanecerá?".

## **6 - No alvorecer da vida.**

7. Permiti, porém, que "eu, pó e cinza", fale à vossa misericórdia. Sim, deixai-me falar, já que à vossa misericórdia me dirijo, e não ao homem que de mim pode escarnecer.

Talvez Vos riaís de mim, mas aplacado, compadecer-Vos-eis.

Que pretendo dizer, Senhor meu Deus, senão que ignoro donde parti para aqui, para esta que não sei como chamar, se vida mortal ou morte vital? Receberam-me na vida as consolações da vossa misericórdia, como ouvi contar aos pais da minha carne, de quem e em quem me formastes no tempo, que eu de nada disto me lembro.

Saboreei também as doçuras do leite humano. Não era minha mãe nem as minhas amas que se enchiam a si mesmas os peitos de leite. Éreis Vós, Senhor, que, por elas, me dáveis o alimento da infância, segundo os vossos desígnios e segundo as riquezas que depositastes até no mais íntimo das coisas.

Também fazíeis com que eu não desejasse mais além do que me dáveis; permitíeis às amas que me quisessem dar o que lhes concedíeis: movidas por afeição ordenada, desejavam dar-me aquilo em que, graças a Vós, abundavam. O meu bem, recebido delas, constituía para elas igualmente um bem, não que delas proviesse, porque eram apenas o instrumento e não a origem: de Vós, Senhor, me acorrem todos os bens e toda a salvação.

Isto conheci, algum tempo mais tarde, falando-me Vós por meio destes mesmos dons que interior e exteriormente concedeis. Então, nada mais fazia senão sugar os peitos, saborear o prazer e chorar as dores da minha carne.

8. Em seguida comecei também a rir, primeiro, enquanto dormia, depois, acordado. Destas minhas ações me informaram, e acreditei, porque assim o vemos fazer às outras crianças, pois nada me lembra do meu passado decorrido nesse tempo.

A pouco e pouco ia reconhecendo onde me encontrava. Queria exprimir os meus desejos às pessoas que os deviam satisfazer e não podia, porque os desejos estavam dentro e elas fora, sem poderem penetrar-me na alma com nenhum dos sentidos.

Estendia os braços, soltava vagidos, fazia sinais semelhantes aos meus desejos, os poucos que me era possível esboçar, e que eu exprimia como podia. Mas eram inexpressivos.

Como ninguém me obedecia, ou porque não entendiam ou porque

receavam fazer-me mal, indignava-me com essas pessoas grandes e insubmissas, que, sendo livres, recusavam servir-me. Vingava-me delas, chorando. Reconheci que assim eram as crianças, como depois pude observar. Elas me informaram melhor, inconscientemente, daquilo que eu tinha sido então, do que as amas, com a sua experiência.

9. A minha infância morreu há muito; mas eu vivo ainda. Porém, Vós, Senhor, que viveis sempre e em quem nada falece — porque sois anterior à manhã dos séculos e a tudo que se possa dizer anterior —, sois Deus e Senhor de tudo quanto criastes. Em Vós estão as causas de todas as coisas instáveis, permanecem as origens imutáveis de todas as coisas mudáveis. e vivem as razões eternas das coisas transitórias. Dizei-me, eu Vo-lo suplico, ó Deus, misericordioso para comigo que sou miserável, dizei se a minha infância sucedeu a outra idade já morta ou se tal idade foi a que levei no seio da minha mãe. Pois alguma coisa me revelaram dessa vida, e eu mesmo vi mulheres grávidas.

E antes deste tempo, que era eu, minha doçura, meu Deus? Existi, porventura, em qualquer parte, ou era acaso alguém?

Não tenho quem me responda, nem meu pai, nem minha mãe, nem a experiência dos outros, nem a minha memória. Sorris, talvez, de que tais perguntas Vos faça, a Vós, que me ordenais que Vos louve e confesse, naquilo que me é conhecido.

10. Confessar-Vos-ei, Senhor do céu e da terra, louvando-Vos pelos alvares da vida e pela infância de que me não lembro. Concedestes ao homem a graça de conjecturar de si pelo que vê nos outros, e de acreditar muitas coisas a seu respeito, confiado na autoridade de simples mulheres. Já então verdadeiramente existia e vivia. No fim da infância, já buscava sinais com que exprimir aos outros as minhas vontades.

Donde podia vir semelhante criatura, se não de Vós, Senhor? Alguém pode ser artífice de si mesmo? Ou pode derivar-se doutra parte algum manancial por onde corram até nós o ser e a vida, diferentes dos que nos dais, Senhor — Vós, em quem o ser e a

vida se equivalem, porque sois o Ser supremo e a suprema Vida? Sois o mais excelso e não Vos mudais. O dia presente não passa por Vós, e, contudo, em Vós se realiza, porque todas estas coisas em Vós residem, nem teriam caminhos para passar se com o vosso poder as não contivésseis. "Porque os vossos anos não morrem", são um eterno dia sempre presente. Quantos dias não passaram já para nós e para nossos antepassados pelo dia eterno de que gozais e dele receberam a existência e a duração! E hão de passar ainda outros que dele receberão igualmente o seu modo e o ser! Vós, porém, sois sempre o mesmo, e todas as coisas de amanhã e do futuro, de ontem e do passado, hoje as fareis, hoje as fizestes. Que posso eu fazer, se alguém não compreende? Que esse exulte, dizendo: "Que maravilha é esta?" Exulte muito embora e prefira encontrar-Vos não Vos compreendendo, do que, compreendendo, não Vos encontrar.

## **7 - Prognósticos de vícios.**

11. Ouvi-me, ó meu Deus! Ai dos pecados dos homens! É um homem que assim fala. Vós, Senhor, compadecei-Vos dele, porque sois o seu Criador e não o autor do seu pecado. Quem me poderá recordar o pecado da infância, já que ninguém há que diante de Vós esteja limpo, nem mesmo o recém-nascido, cuja vida sobre a terra é apenas um dia?

Quem mo trará à memória? Será porventura algum menino, ainda pequerrucho, onde posso ver a imagem do que fui e de que me não resta lembrança?

Em que podia pecar, nesse tempo? Em desejar ardentemente, chorando, os peitos de minha mãe? Se agora suspirasse com a mesma avidez não pelos seios maternos, mas pelo alimento que é próprio da minha idade, seria escarnecido e justamente censurado.

Sem dúvida, então o meu procedimento era repreensível. Mas como não podia perceber a reprimenda, o uso e a razão não permitiam que eu fosse repreendido. Com o crescer dos anos,



porém, desarraigamos e lançamos fora esta sofreguidão do apetite. Sinal evidente de que é viciosa, pois nunca vi ninguém que, para cortar o mal, rejeitasse conscientemente o bem!

Ou seria justo, mesmo para aquela idade, exigir com choros o que talvez prejudicialmente seria concedido, encolerizar-me com violência não contra pessoas a mim sujeitas, mas contra pessoas livres e respeitáveis pela idade? Estaria bem zangar-me até contra os pais, contra muitas outras pessoas mais sensatas, só por se não curvarem a um aceno do meu capricho, batendo-lhes e esforçando-me, quanto possível, por lhes fazer mal, porque não se sujeitavam às minhas exigências, com as quais seria pernicioso condescender?

Assim, a debilidade dos membros infantis é inocente, mas não a alma das crianças. Vi e observei uma, cheia de inveja, que ainda não falava e já olhava, pálida, de rosto colérico, para o irmãozito colaço. Quem não é testemunha do que eu afirmo? Diz-se até que as mães e as amas procuram esconjurar este defeito, não sei com que práticas supersticiosas. Mas, enfim, será inocente a criança quando não tolera junto de si, na mesma fonte fecunda do leite, o companheiro destituído de auxílio e só com esse alimento para sustentar a vida? Indulgentemente se permitem estas más inclinações, não porque sejam ninharias sem importância, mas porque hão de desaparecer com o andar dos anos. É este o único motivo, pois essas paixões não se podem de boa mente sofrer, quando se encontram numa pessoa mais idosa.

12. E Vós, Senhor e Deus meu, que destes à criança a vida e o corpo, assim como o vemos, provido dos sentidos, formado pelos membros e adornados pelos traços da sua configuração, de Vós que lhe inspirastes o instinto natural de defesa para assegurar a sua integridade e conservação — ordenais-me que em todas estas obras "louve, confesse e exalte o vosso nome, ó Altíssimo"! Sois Deus onipotente e bom, ainda que só tivésseis criado estas coisas. Nenhum outro as pode fazer senão Vós, ó Unidade, origem de toda a variedade, ó Formosura infinita que tudo formais e ordenais, pela vossa lei.

Por isso, Senhor, envergonho-me de contar, na minha vida terrena,

esta idade que não me lembro de ter vivido. Somente acredito nela pelo testemunho alheio e pelas conjecturas que formei ao observar as outras crianças, conjecturas estas aliás muito fidedignas. Tudo quanto se oculta nas trevas do meu esquecimento é para mim igual ao tempo que vivi no seio materno. E se "fui concebido em iniquidade" e se "em pecado me alimentou, no ventre, minha mãe", pergunto, Senhor e Deus meu, onde e quando esteve inocente este vosso servo? Passo em silêncio esta quadra da vida. Que tenho eu que ver com ela, se nem reminiscências conservo?

## **8 - Como aprendi a falar.**

13. Seguindo o curso da minha vida, não é verdade que da infância passei à puerícia? Ou antes, não foi esta que veio até mim e sucedeu à infância? A infância não se afastou. Para onde fugiu então? Entretanto, ela já não existia, pois eu já não era um bebê que não falava, mas um menino que principiava a balbuciar algumas palavras.

Dessa época já eu me lembro, e mais tarde adverti como aprendera a falar. Não eram pessoas mais velhas que me ensinavam as palavras, com métodos, como pouco depois o fizeram para as letras. Graças à inteligência que Vós, Senhor, me destes, eu mesmo aprendi, quando procurava exprimir os sentimentos do meu coração por gemidos, gritos e movimentos diversos dos membros, para que obedecessem à minha vontade. Não podia, porém, exteriorizar tudo o que desejava, nem ser compreendido daqueles a quem me dirigia.

Retinha tudo na memória quando pronunciavam o nome de alguma coisa, e quando, segundo essa palavra, moviam o corpo para ela. Via e notava que davam ao objeto, quando o queriam designar, um nome que eles pronunciavam. Esse querer era-me revelado pelos movimentos do corpo, que são como que a linguagem natural a todos os povos e consiste na expressão da fisionomia, no movimento dos olhos, nos gestos, no tom da voz, que indica a afeição da alma quando pede ou possui e quando rejeita ou evita.

Por este processo retinha pouco a pouco as palavras convenientemente dispostas em várias frases e frequentemente ouvidas como sinais de objetos. Domando a boca segundo aqueles sinais, exprimia por eles as minhas vontades.

Assim principiei a comunicar com as pessoas que me rodeavam, e entrei mais profundamente na sociedade tempestuosa dos homens, sob a autoridade de meus pais e a obediência dos mais velhos.

## **9 - Na paixão do jogo.**

14. O Deus, meu Deus, que misérias e enganos não experimentei, quando simples criança me propunham vida reta e obediência aos mestres, a fim de mais tarde brilhar no mundo e me ilustrar nas artes da língua, servil instrumento da ambição e da cobiça dos homens.

Fui mandado à escola para aprender as primeiras letras, cuja utilidade eu, infeliz, ignorava. Todavia batiam-me se no estudo me deixava levar pela preguiça. As pessoas grandes louvavam esta severidade. Muitos dos nossos predecessores na vida tinham traçado estas vias dolorosas, por onde éramos obrigados a caminhar, multiplicando os trabalhos e as dores aos filhos de Adão. Encontrei, porém, Senhor, homens que Vos imploravam, e deles aprendi, na medida em que me foi possível, que éreis alguma coisa de grande e que podíeis, apesar de invisível aos sentidos, ouvir-nos e socorrer-nos.

Ainda menino, comecei a rezar-Vos como a "meu auxílio e refúgio", desembaraçando-me das peias da língua para Vos invocar. Embora criança, mas com ardente fervor, pedia-Vos que na escola não fosse açoitado. Quando me não atendíeis — "o que era para meu proveito" —, as pessoas mais velhas e até os meus próprios pais, que, afinal, me não desejavam mal, riam-se dos açoites — o meu maior e mais penoso suplício.

15. Haverá, Senhor, alma tão generosa e tão unida a Vós pelos laços dum ardente afeto, que despreze, não por insensibilidade louca, mas por amor intenso e forte para convosco, os cavaletes,

os garfos de ferro e os demais tormentos deste gênero dos quais os homens em toda parte suplicam que os liberteis? Haverá alguma alma dessas que despreze essas torturas a ponto de rir dos que tão acerbamente temem esses suplícios, como meus pais caçoavam das penalidades que a nós, meninos, infligiam os mestres? Eu não temia menos os castigos do que as torturas, nem Vos suplicava menos que nos livrásseis deles.

Contudo, pecava por negligência, escrevendo, lendo e aprendendo as lições com menos cuidado do que de nós exigiam.

Senhor, não era a memória ou a inteligência que me faltavam, pois me dotastes com o suficiente para aquela idade. Mas gostava de jogar, e aqueles que me castigavam procediam de modo idêntico! As ninharias, porém, dos homens chamam-se negócios; e as dos meninos, sendo da mesma natureza, são punidas pelos grandes, sem que ninguém se compadeça da criança, nem do homem, nem de ambos. Um juiz reto aprovaria os castigos que me davam, por eu, em pequeno, jogar a bola e o jogo ser um obstáculo ao meu aproveitamento nos estudos, com os quais eu havia de jogar menos inocentemente quando chegasse a homem? Agia, porventura, de modo diferente aquele que me batia, se nalguma questiúncula era vencido pelo seu competidor? Então esse não era mais atormentado pela ira e inveja do que eu quando superado no desafio da bola pelo meu rival?...

## **10 - O orgulho da vitória.**

16. Contudo eu pecava contra Vós, Senhor Deus, ordenador e criador de todas as coisas da natureza, e dos pecados somente o regularizador. Eu pecava, Senhor, desobedecendo às ordens de meus pais e mestres, pois podia no futuro fazer bom uso desses conhecimentos que me obrigavam a adquirir, qualquer que fosse a intenção com que mos impunham. Além disso, eu não desobedecia para fazer melhor escolha, mas só pelo amor do jogo.

Amava nos combates o orgulho da vitória. Gostava dessas histórias frívolas que tanto me deleitavam os ouvidos e me excitavam com

interesse sempre mais apaixonado.

Essa curiosidade brilhava dia a dia mais intensa nos meus olhos, atraindo-me para espetáculos e jogos de gente crescida.

Por outro lado, aqueles que presidem aos jogos sobressaem tanto por esta dignidade que quase todos desejam que seus filhos lhes sucedam nesta honra. Apesar disso, regozijam-se em castigá-los se tais divertimentos os afastam do estudo, que, segundo os seus desejos, lhes permitirá mais tarde organizar semelhantes espetáculos. Examinai, Senhor, estas fraquezas com um olhar de compaixão. Socorrei-nos, que já Vos invocamos, e socorrei também os que ainda Vos não invocam, a fim de que eles também Vos invoquem e sejam libertados.

## **11 - No limiar do batistério.**

17. Ouvira eu falar, ainda criança, da vida eterna que nos é prometida, graças à humildade do vosso Filho, Deus e Senhor nosso, descido até à nossa soberba. Fui marcado pelo sinal da cruz e condimentado com sal divino, logo que saí do seio da minha mãe, que punha em Vós todas as esperanças.

Vistes, Senhor, que, sendo ainda criança, sobrevindo-me certo dia uma febre alta, motivada numa opressão do estômago, bati às portas da morte. Sabeis, meu Deus, pois já então por mim vigiáveis, com que ardor e fé pedi à piedade de minha mãe e de nossa mãe comum — a vossa Igreja — o batismo de Cristo, Deus e Senhor meu. A minha mãe carnal, porque na sua fé e coração puro me gerava com maior solicitude para a vida eterna, perturbada, procurava com pressa iniciar-me e purificar-me nos sacramentos da salvação, confessando-Vos eu, Senhor Jesus, para obter a remissão dos meus pecados.

Dentro em breve, porém, achei-me melhor, e essa purificação foi diferida, como se fosse necessário continuar a corromper-me, para prolongar a vida. Na verdade, depois do banho do batismo, as recaídas na imundície do pecado seriam mais graves e perigosas.

Tinha eu já verdadeira fé, como minha mãe e todos os de casa, exceto meu pai, que não prevaleceu em mim contra os direitos da piedade materna de eu crer em Cristo, no qual ele ainda não acreditava. Minha mãe desejava ardentemente que eu Vos considerasse a Vós, meu Deus, como pai, mais do que àquele que ainda não tinha fé.

Nisso a ajudáveis a triunfar do marido, a quem servia melhor pelo fato de nisso obedecer às vossas ordens.

18. Rogo-Vos, meu Deus, que me mostreis — se Vos apraz — qual o desígnio por que me foi então diferido o batismo: se seria para meu bem soltarem-se ou não as rédeas do pecado. Por que razão ainda agora de toda parte chega aos meus ouvidos a respeito de uns ou de outros: "deixai-o fazer o que quiser, pois ainda não está batizado"? Mas da saúde do corpo ninguém diz: "deixai-o, que se fira mais, porque ainda não está curado"!

Quanto me não era preferível ser logo curado, obtendo, pela minha diligência e dos meus, conservar intata, sob a vossa proteção, a saúde da alma que me tínheis concedido!

Sem dúvida, seria melhor. Minha mãe, porém, já previra quantas e quão grandes ondas de tentações pareciam ameaçar-me depois da infância, e preferiu expor-me a elas, como terra grosseira em que eu depois receberia forma, a expor-me a esse perigo já como imagem.

## **12 - Relutância em estudar.**

19. Neste período da infância, cujo perigo temiam menos para mim do que o da adolescência, não gostava do estudo, e tinha horror de ser a ele obrigado. Por meio desta coação faziam-me um bem — embora eu procedesse mal —, pois não aprenderia se não fosse constrangido. Todavia, contra a vontade, ninguém procede bem, ainda que a ação em si mesma seja boa. Os que me obrigavam não agiam retamente. O bem que daí resultava vinha só de Vós, meu Deus. Nesses estudos a que me aplicavam, não tinham outra finalidade senão saciar os insaciáveis desejos de opulenta miséria e

de ignominiosa glória. Mas Vós, "para quem estão contados os nossos cabelos", utilizáveis em meu proveito o erro dos que me coagiam. Com relação a mim, que não queria aprender, utilizáveis a minha falta para me dardes o castigo com que eu, tão pequenino e já tão grande pecador, merecia ser punido.

Era assim que Vós transformáveis em meu bem o mal que eles faziam, e me dáveis justa retribuição pelos meus pecados. Com efeito, é vosso desígnio, e, assim, acontece que toda alma desregrada seja para si mesma o seu castigo.

### **13 - Gosto do latim.**

20. Mas qual era a causa da aversão que tinha à língua grega que me ensinaram quando criança? É o que ainda hoje me não sei explicar. Pelo contrário, gostava muito da língua latina, não da que ensinavam os primeiros mestres, mas da que lecionavam os gramáticos.

Aquelas primeiras lições em que se aprende a ler, escrever e contar eram-me tão pesadas e insuportáveis como as de grego. Onde me vinha este aborrecimento senão do pecado e vaidade da vida — porque "eu era carne e espírito que passa e não volta"?

Aquelas primeiras letras, a que devia e devo a possibilidade de não só ler qualquer escrito mas também de escrever o que me aprouver, eram sem dúvida mais úteis e mais certas do que aquelas em que, esquecido dos meus erros, era obrigado a gravar na memória as navegações errantes dum certo Enéias e a chorar Dido, que se suicidara por amor.

Entretanto, eu, misérrimo, suportava com olhos enxutos a minha morte no pecado, longe de Vós, ó meu Deus e minha Vida!

21. Nada mais digno de compaixão do que o infeliz que derrama lágrimas pela morte de Dido, originada no amor de Enéias, sem se compadecer de si mesmo nem chorar a própria morte por falta de amor para convosco, ó meu Deus, luz da minha alma, pão da boca interior do meu espírito, poder fecundante da minha inteligência e



seio do meu pensamento! Não Vos amava. "Prevaricava longe de Vós" e em toda parte ressoavam aos meus ouvidos de luxurioso estas palavras: "Bravo! Coragem!" A amizade deste mundo é adultério contra Vós. Proferem-se as palavras "Bravo! Coragem!" para que o homem não se envergonhe de ser pecador. Não chorava essas faltas, mas pranteava "a morte de Dido, que se suicidara com uma espada". Segui atrás dos ínfimos objetos da vossa criação, abandonando-Vos; como era terra, tendia para a terra.

Se me proibiam a leitura desses episódios, afligia-me por não ler aquilo que me impressionava até à dor. Ó loucura! Reputavam-se tais estudos como mais honrosos e úteis do que aqueles em que aprendi a ler e a escrever!

22. Agora, que o meu Deus clame em mim e que a vossa Verdade me diga: "Não é assim, não é assim: aquela primeira ciência é muito superior". Eis-me mais pronto para esquecer as navegações errantes de Enéias e outras narrações semelhantes do que para esquecer a leitura e a arte de escrever.

E verdade que nas escolas de gramática há cortinas pendentes das portas, mas servem mais de cobertura aos erros do que de honra aos seus segredos. Não gritem contra mim estes mestres — que eu já não temo — enquanto Vos patenteio, meu Deus, todos os desejos da minha alma, e enquanto descanso na repreensão dos meus perversos caminhos para amar a retidão dos vossos! Não se levantem contra mim esses vendedores e compradores de gramáticas, pois se os interrogar e lhes propuser uma dificuldade acerca da veracidade do poeta ao narrar que Enéias veio a Cartago, os néscios responderão que não sabem, os instruídos negarão a autenticidade do fato. Mas se lhes perguntar com que letras se escreve o nome de Enéias, todos os que estudaram responder-me-ão acertadamente segundo esse contrato com que os homens fixaram o valor do alfabeto.

Do mesmo modo, quem não vê o que há de responder todo aquele que ainda se não esqueceu inteiramente de si, se eu lhe perguntar que dano seria mais sensível à vida: esquecer a leitura e a escrita ou todas aquelas ficções poéticas? Pecava, sendo ainda criança,

quando antepunha todos aqueles conhecimentos vãos a estes mais úteis; ou antes, quando odiava estes para estimar aqueles.

Repetir "um e um, dois; dois e dois, quatro" era para mim uma cantilena fastidiosa.

E, pelo contrário, encantava-me o vão espetáculo dum cavalo feito de madeira e cheio de guerreiros, o incêndio de Tróia e até a sombra de Creusa.

## **14 - Aversão à língua grega.**

23. Por que aborrecia eu também a literatura grega, que entoava tais ficções?

Homero teceu habilmente essas fábulas, e é dulcíssimo na sua frivolidade, ainda que para mim, menino, fosse amargo. Creio que aos jovens gregos sucederá com Virgílio o mesmo que a mim com Homero, quando me obrigavam a estudá-lo. O trabalho de aprender inteiramente essa língua estrangeira como que aspergia com fel toda a suavidade das fábulas gregas.

Não conhecia nenhuma palavra daquela língua, e, para me fazerem aprender, ameaçavam-me com terríveis castigos e crueldades. É verdade que outrora, quando criancinha, também não sabia nenhuma palavra latina, e contudo instruí-me, sem temores nem castigos, só com prestar atenção entre carícias das amas, entre os gracejos dos que se riam e as alegrias dos que folgavam. Aprendi, sem a pressão correccional de instigadores, impelido só pelo meu coração desejoso de dar à luz os seus sentimentos, o que não seria possível sem aprender algumas palavras, não da boca dos mestres, mas daqueles que falavam comigo e em cujos ouvidos eu depunha as minhas impressões.

Disso ressalta com evidência que, para aprender, é mais eficaz uma curiosidade espontânea do que um constrangimento ameaçador. Contudo, esta violência refreia, graças às vossas leis, os excessos da curiosidade; sim, graças às vossas leis, que, desde as férulas dos mestres até às torturas dos mártires, sabem dosear as suas

tristezas salutares, para nos chamarem a Vós, do meio das doçuras perniciosas com que nos íamos afastando.

## **15 - Ouvi, Senhor.**

24. "Ouvi, Senhor, a oração" para que a minha alma não desfaleça sob a vossa lei, nem esmoreça em confessar as misericórdias com que me arrancastes de perversos caminhos. Fazei que a vossa doçura supere todas as seduições que eu seguia. Que eu Vos ame arrebatadamente e abrace a vossa mão com toda a minha alma para que me livreis de todas as tentações até o fim.

Vós, Senhor, sois o meu rei e o meu Deus. A Vós consagro tudo quanto de útil aprendi em criança. A Vós consagro tudo o que digo, escrevo, leio e conto porque, quando aprendia vaidades, Vós me disciplináveis, perdoando-me depois os pecados de deleite nelas cometidos. É verdade que nessas frivolidades aprendi muitas coisas úteis.

Mas poder-se-iam aprender em estudos sérios, conscienciosos! Seria esta a via segura pela qual deveriam encaminhar as crianças.

## **16 - A mitologia impura.**

25. Ai de ti, torrente dos hábitos humanos! Quem te resistirá? Até quando hás de correr, sem te secar? Até quando rolarás os filhos de Eva para o mar profundo e temeroso, somente atravessado pelos que se embarcam no lenho da cruz? Não li eu em ti que Júpiter troveja e adultera? Decerto, não podia fazer essas duas coisas simultaneamente, mas representou-se assim para que tivesse autoridade para imitar um verdadeiro adultério com o encanto desse trovão imaginário.

Porém, quem, dentre esses mestres de capa e capuz, ouve com paciência um homem nascido do mesmo pó a afirmar bem alto: "Imaginava Homero estas ficções e atribuía aos deuses os vícios humanos; eu preferiria que trouxesse para nós as perfeições divinas?"

Mas dir-se-á, com mais verdade, que Homero fingia essas coisas para que, atribuindo aos homens viciosos a natureza divina, os vícios não fossem considerados como tais, e todo aquele que os cometesse não parecesse imitar homens dissolutos, mas habitantes do céu.

26. Todavia, ó torrente infernal, em ti se precipitam os filhos dos homens, com suas mercadorias, para aprenderem essas coisas. Tem-se como acontecimento importante representar tudo isto oficialmente no Foro, à vista das leis, que concedem um salário aos atores, além da paga dos particulares. Ferindo as penedias das margens com tuas vagas, ó torrente, clamas, dizendo: "Aqui aprendem-se as palavras, aqui adquire-se a eloquência tão necessária para persuadir e expressar os pensamentos". Desconheceríamos, então, os vocábulos "chuva de ouro" (imbrem aureum), e "regaço" (gremium) e "logro" (fucum), e "templos do céu" (templa caeli) e outras palavras que naquele lugar estão escritas, se Terêncio não apresentasse um jovem escandaloso, imitando a Júpiter na libertinagem?

O mancebo observa uma pintura na parede onde se desenhara a maneira como Júpiter, um dia, enviara, segundo contam, para o regaço de Danai uma chuva de ouro a fim de a lograr. Repara como o jovem se excita à devassidão com este exemplo celeste:

"Mas que deus é este", pergunta, "que abala o templo do céu, com sumo estrondo"?

"Eu, um homenzinho, não havia de fazer o mesmo? Pois fi-lo, e de bom grado".

De modo algum, de maneira nenhuma se aprendem melhor tais palavras por meio dessa torpeza, mas por essas palavras se comete mais afoitamente a devassidão. Não incrimino as palavras, quais vasos escolhidos e preciosos, mas o vinho do erro que por eles nos davam a beber os mestres embriagados. E se não bebêssemos, batiam-nos sem que pudéssemos apelar para juiz mais sóbrio. Apesar disso, ó meu Deus, em cuja presença está segura a minha lembrança, apesar disso, aprendia com gosto essas

palavras, e, miserável, comprazia-me nelas, sendo tido por essa razão como menino de boas esperanças.

## **17 - A declamação.**

27. Consenti, ó meu Deus, que também conte alguma coisa do meu talento, dádiva vossa, e em que desatinos o gastava. Propunha-se-me uma tarefa de muita preocupação para o meu espírito por causa dos louvores e descrédito ou receio de ser açoitado: que dissesse as palavras de Juno encolerizada e cheia de dor por não poder "afastar da Itália o rei dos troianos". Bem sabia que Juno nunca proferira tal coisa, mas obrigavam-nos a seguir, errantes, as pegadas das ficções dos poetas, e a repetir em prosa o que o poeta cantara em verso. Recebia maiores louvores o aluno que, segundo a dignidade da personagem figurada, exprimisse, mais fortemente e com maior verossimilhança, os sentimentos de ira e de dor, revestindo as frases com palavras muito apropriadas.

Que me aproveitou tudo aquilo? Que me aproveitou, ó Vida verdadeira e meu Deus, ter sido mais aclamado que os contemporâneos e condiscípulos, quando recitava?

Não é tudo isso fumo e vento? Não havia outra coisa em que exercitar a língua e o talento?

Que os vossos louvores, Senhor, que os vossos louvores, enunciados pela Escritura, levantassem a palmeira do meu coração, e não seria arrebatado por quimeras vãs, qual presa imunda das aves. Com efeito, há várias maneiras de "sacrificar" aos anjos pecadores.

## **18 - Desprezo das leis eternas.**

28. Que admira, pois, que fosse arrastado pelas vaidades e me afastasse de Vós, ó meu Deus, se me propunham exemplos dos homens, a quem uma crítica cobria de vergonha por um barbarismo ou erro gramatical cometido ao narrarem ações virtuosas, e que se gloriavam de serem louvados quando contavam com termos

castiços e bem dispostos, copiosa e elegantemente, as suas torpezas?

Vedes tudo isso, ó Senhor, e calais-Vos, "paciente, cheio de compaixão e de verdade". Porventura ficareis sempre calado? Agora arrancais, deste abismo imenso, a alma ansiosa de Vós, sequiosa das vossas delícias, e cujo coração Vos diz: "Busquei o vosso rosto e torná-lo-ei a buscar, Senhor". Andava longe da vossa face, retido por afeições tenebrosas. Todavia, não nos apartamos ou aproximamos de Vós com os pés ou com as distâncias de lugares. Aquele vosso filho mais novo — o da parábola — procurou cavalos, ou carros, ou navios, ou voou, com penas visíveis, ou viajou a pé, para viver e dissipar prodigamente, em região afastada, o que Vós lhe entregáreis ao partir? Fostes Pai bondoso porque lhe destes a fortuna, e fostes mais carinhoso ainda para com ele, ao voltar necessitado. Viveu entre paixões luxuriosas, isto é, tenebrosas, que é o que quer dizer longe do vosso rosto. Vede, ó Senhor Deus, e reparaí benigno, segundo é vosso costume, como os filhos dos homens observam diligentemente as regras da ortografia e das sílabas, recebidas dos primeiros mestres, e desprezam as leis eternas da salvação eterna, de Vós recebidas. Se alguém, ao aprender ou ensinar as regras tradicionais dos sons, pronunciar sem aspiração da primeira sílaba a "homo" (homem), desagrade mais aos homens do que se odiar, contra os vossos mandamentos, outro homem, apesar de este ser o "homem". Como se, na realidade, se persuadissemos haver um inimigo mais molesto que o próprio ódio com que se irrita contra si mesmo; ou como se alguém prejudicasse mais gravemente, a outrem, com perseguições, do que ao próprio coração, com essa inimizade! Com certeza a ciência gramatical não é mais interior do que a lei da consciência — de não fazer a outrem o que não queremos que nos façam a nós mesmos.

Quão misterioso sois Vós, que habitais em silêncio no céu, Deus grande e único, espalhando, com lei infatigável, cegueiras vingadoras sobre as paixões desordenadas! Vede este homem, procurando a glória da eloquência, diante dum homem, o juiz, e, na

presença de grande número de homens, atacar o inimigo com ódio violentíssimo. Como evita com toda a vigilância dizer algum erro de linguagem, como não aspira o h de "inter homines" (entre os homens), pronunciando "inter omnes"! Mas não tem cuidado de vigiar o furor da sua alma, que o arrasta a tirar um homem de entre os homens!

## **19 - Perversidade na puerícia.**

30. Jazia eu, pobre criança, à beira deste abismo de corrupção. A luta desta arena era aquela onde eu mais temia cometer um barbarismo de expressão do que acautelar-me, se o cometesse, da inveja que sentia contra aqueles que o evitavam.

Digo e confesso, diante de Vós, meu Deus, estas fraquezas que me angariavam aplausos daqueles cuja simpatia equivalia para mim a viver cheio de honra. Não via a voragem de luxúria para a qual "era atirado, longe da vossa vista".

Que coisa houve mais corrupta aos vossos olhos do que eu? Até desagradava a esses homens, ao enganar com inumeráveis mentiras o pedagogo, mestres e pais, por amor do jogo, gosto de espetáculos frívolos e ardor inquieto de imitá-los!

Cometia furtos na despensa e na mesa de meus pais, ou impelido pela gula ou para ter que dar aos rapazes, retribuindo-me estes com o jogo, com o qual igualmente se deleitavam à minha custa, porque mo vendiam. Vencido pelo louco desejo de superioridade obtinha também muitas vezes nesse jogo as vitórias com fraude. No entanto, se surpreendia alguém, não o queria tolerar, e até atrozmente o repreendia, quando era isto mesmo o que eu fazia aos outros! Caso fosse eu o surpreendido e o acusado, preferia antes ser cruel a ceder.

Será esta a inocência das crianças? Não é, Senhor, não é, permiti que Vo-lo diga, meu Deus. É isto mesmo que, com o andar dos anos, passa dos pedagogos, dos mestres, das "nozes", das "bolas" e dos "passarinhos", para os magistrados, para os reis, para o ouro, para os prédios, para os escravos, assim como ao castigo da



palmatória sucedem piores suplícios.

Por conseguinte, apenas louvastes, ó nosso Rei, na estatura das crianças o símbolo da humildade, quando dissestes: "Delas é o reino dos céus".

## **20 – Magnificat.**

31. Contudo, Senhor, graças Vos sejam dadas, a Vós, Criador e Ordenador do universo, tão excelso e tão bom, embora quisésseis que eu não vivesse além da infância.

Então já eu possuía o ser, a vida, o sentimento, e tinha cuidado da minha incolumidade, reflexo da misteriosa unidade, fonte do meu ser. Vigiaava, por um secreto instinto, pela integridade dos meus sentidos, e até nos meus frágeis pensamentos acerca de pequenas coisas me deleitava em encontrar a verdade.

Não queria ser enganado. Gozava de memória vigorosa e dotes de elocução. Era sensível à amizade, fugia à dor, à objeção, à ignorância. Não é isto admirável e digno de louvor em tal criatura?

Tudo eram dons do meu Deus. Não fui eu quem mos deu a mim mesmo. São bens, e todos eles constituem em mim o "eu".

Portanto, é bom Aquele que me criou. Ele mesmo é o meu bem, e eu louvo-O com alegria por todos os bens que eu tinha até mesmo na infância.

Eu pecava, porque em vez de procurar em Deus os prazeres, as grandezas e as verdades, procurava-os nas suas criaturas: em mim e nos outros. Por isso, precipitava-me na dor, na confusão e no erro.

Graças Vos sejam dadas, minha doçura, minha glória, minha confiança e meu Deus! Graças Vos sejam dadas pelos dons que me concedestes. Conservai-nos.

Assim me haveis de conservar. Também aumentareis e aperfeiçoareis os vossos dons, e eu estarei convosco, pois, se existo, Vós me destes a existência.

# **LIVRO II - OS PECADOS DA ADOLESCÊNCIA**

**I — A adolescência (1-3).**

**II — O prazer de praticar o mal (4-10).**

## **1 - Desordens da juventude.**

1. Quero recordar as minhas torpezas passadas e as depravações carnis da minha alma, não porque as ame, mas para Vos amar, ó meu Deus. É por amor do vosso amor que, amargamente, chamo à memória os caminhos viciosos, para que me dulcifiqueis, ó doçura que não engana, doçura feliz e firme. Concentro-me, livre da dispersão, em que me dissipei e me reduzi ao nada, afastando-me de vossa unidade para inúmeras bagatelas.

Quantas vezes, na adolescência, ardi em desejos de me satisfazer em prazeres infernais, ousando até entregar-me a vários e tenebrosos amores! A minha beleza definhou-se e apodreci a vossos olhos, por buscar a complacência própria e desejar ser agradável aos olhos dos homens.

## **2 - Sob a ação da carne.**

2. Que coisa me deleitava senão amar e ser amado? Mas, nas relações de alma para alma, não me continha a moderação, conforme o limite luminoso da amizade, visto que, da lodosa concupiscência da minha carne e do borbulhar da juventude, exalavam-se vapores que me enevoavam e ofuscavam o coração, a ponto de não se distinguir o amor sereno do prazer tenebroso. Um e outro ardiam confusamente em mim. Arrebatavam a minha débil idade despenhadeiros das paixões e submergiam-se num abismo

de vícios.

Sem eu saber, a vossa ira tinha-se robustecido sobre mim.

Ensurdeci com o ruído da cadeia da minha mortalidade, em castigo da soberba de minha alma.

Afastava-me para mais longe de Vós, e permitíeis-mo. Arrojava-me, derramava-me, espalhava-me e fervia em minhas devassidões, e Vós em silêncio! O alegria que tão tarde encontrei! Vós calado, e eu a afastar-me cada vez mais de Vós, buscando, constantemente, estéreis sementes de dores, com aviltante soberba e desinquietação cansaço!

3. Quem poderia refrear a minha miséria e fazer com que usasse bem da formosura transitória de cada objeto? Quem me fixaria um limite às suas delícias, de tal maneira que as ondas da minha idade se agitassem de encontro à praia do matrimônio — já que doutro modo não era possível a tranquilidade — e encontrassem o fim natural na geração de filhos, como prescreve a vossa lei, ó Senhor, que criais a descendência da nossa raça mortal e podeis suavizar, com mão bondosa, os espinhos desconhecidos no paraíso? A vossa onipotência está perto de nós, ainda quando erramos longe de Vós.

Certamente, deveria com mais diligência prestar ouvidos ao som vindo de vossas nuvens: "Sofrerão as tribulações da carne. Eu, porém, quisera poupar-Vos". Ou ainda: "E bom para o homem não tocar em mulher alguma"; "o que não tem esposa pensa nas coisas de Deus e em como lhe há de agradar; o que está unido em matrimônio pensa nas coisas do mundo e em como há de agradar à esposa". Oxalá tivesse ouvido mais atentamente essas palavras! Se tivesse vivido eunuco "por amor do reino dos céus" esperaria agora, mais feliz, os vossos abraços.

4. Miserável de mim! Fervia em cachões, seguindo o ímpeto da minha torrente, abandonando-Vos, e transgredia todos os mandamentos sem escapar aos vossos açoites.

E que mortal haverá que os evite? Sim, estáveis sempre a meu lado, irritando-Vos misericordiosamente e aspergindo com amargos

desgostos todos os meus deleites ilícitos, para que buscasse a alegria sem Vos ofender, e nada pudesse encontrar em parte alguma senão a Vós, Senhor, a Vós, que "nos dais a dor como preceito", que "feris para curar" e nos tirais a vida para não morrermos longe de Vós.

Onde me encontrava eu? Como me tinha exilado para longe das delícias da vossa casa, aos dezesseis anos de idade, segundo a carne, quando a loucura deste prazer, que a nossa degradação liberta de todo o freio, e que é proibido pela vossa lei, me fez aceitar o cetro que empunhei com ambas as mãos! Nenhum dos meus teve o cuidado de me sustentar na queda, pelo matrimônio, porque de mim só tinham uma preocupação: que aprendesse a compor discursos o mais belamente possível e a persuadir por meio da oratória.

### **3 - "Nas praças de Babilônia".**

5. Nesse mesmo ano, interrompi os estudos porque fui chamado de Madaura, cidade vizinha, aonde tinha ido assistir às aulas de literatura e oratória. Meu pai, cidadão muito modesto de Tagaste, levado mais pela ambição que pelos seus recursos, preparava-me os meios necessários para uma viagem mais longínqua, para Cartago.

Mas a quem narro eu estes fatos? Não é a Vós, meu Deus. Na vossa presença dirijo-me ao gênero humano, àquele a que eu pertenço, ainda que estas páginas possam chegar apenas a uma minoria. Então, para que escrevo isto? Para que eu e todos os que lerem estas palavras pensemos de que abismo profundo se deve chamar por Vós. Que coisa mais próxima de vossos ouvidos do que um coração arrependido e uma vida de fé?

Quem não cumulava, então, de louvores a meu pai, por ultrapassar até os recursos do patrimônio, só para conceder tudo o que era necessário ao filho que tinha viajado para longe por causa dos estudos? Numerosos cidadãos muitíssimo mais opulentos nem de longe mostravam tal cuidado pelos filhos. No entanto, meu pai não

se preocupava com saber se eu crescia para Vós, isto é, se vivia castamente. Contanto que fosse deserto! . . . Mas eu era antes um deserto quanto à vossa cultura, ó meu Deus, único, verdadeiro e bondoso Senhor do vosso campo — o meu coração.

6. Ora, nesta idade dos dezesseis anos, sucedendo-se um intermédio de ociosidade por me ver livre de todas as aulas devido a dificuldades domésticas, comecei a viver com meus pais. Foi então que os espinhos das paixões me sobrepujaram a cabeça, sem haver mão que os arrancasse. Bem pelo contrário: meu pai, durante o banho, vendo-me entrar já na puberdade e revestido da adolescência inquieta, contou-o todo alegre, a minha mãe, como se tal verificação o fizesse saltar de prazer com a ideia de ter netos. Era uma alegria, aliás, proveniente da embriaguez produzida pelo vinho invisível da sua vontade perversa e inclinada às coisas baixas — embriaguez com que este mundo esquece o Criador, para, em vez de Vós, Senhor, amar as criaturas. Porém, já tínheis começado a edificar em minha mãe o vosso templo e os fundamentos da vossa santa habitação. Meu pai era simples catecúmeno, recente ainda. Por isso, minha mãe, com tal nova, agitou-se, levada de piedosa perturbação e temor. Apesar de eu ainda não ser batizado, receou que enveredasse por caminhos tortuosos, por onde andam "os que Vos voltam as costas e não o rosto".

7. Ai de mim! Como me atrevo a dizer que estáveis calado, quando continuamente me ia afastando de Vós! Guardáveis, porventura, silêncio diante de mim? De quem eram, senão de Vós, aquelas palavras que, por meio de minha mãe, vossa fiel serva, pronunciastes aos meus ouvidos? Nenhuma delas, porém, desceu ao meu coração, para cumprir o que ela me aconselhava. Lembro-me que, um dia, querendo que me abstinêsse da luxúria e sobretudo não cometesse adultérios, avisou-me em particular e com grande solicitude.

Envergonhava-me de seguir tais conselhos, por me parecerem só próprios de mulheres. Porém eram vossos, e eu sem o saber! Julgava que nada me dizíeis, que só ela me falava; mas Vós dirigíeis-Vos a mim, por sua boca. Éreis desprezado na sua pessoa

por mim, sim, por mim, pelo filho da vossa escrava, pelo vosso servo. Mas eu não sabia!

Ignorante, precipitava-me tão cegamente que, entre os companheiros da minha idade, me envergonhava de ser menos infame do que eles. Ouvia-os jactarem-se de suas ignomínias, e tanto mais se gloriavam quanto mais depravados eram. Assim, praticava o mal não só pelo deleite da ação, mas ainda para ser louvado.

Que haverá mais digno de vitupério do que o vício? E eu, para não ser vituperado, fazia-me cada vez mais vicioso! Se não cometesse pecado com que igualasse os mais corrompidos, fingia ter cometido o que não praticara, para que não parecesse mais abjeto quanto mais inocente, e mais vil quanto mais casto.

8. Eis os companheiros com quem andava pelas praças de Babilônia, revolvendo-me na lama, como em cinamomo e unguentos preciosos. Para que mais tenazmente me agarrasse no meio desse lodo, o inimigo invisível calcava-me aos pés e seduzia-me, porque era fácil de seduzir. A mãe da minha carne, que já "tinha fugido do meio de Babilônia", mas que noutras faltas caminhava mais devagar, refletiu no que ouvira dizer a meu pai, e aconselhou-me a castidade.

Mas, apesar de não poder cortar de raiz esta paixão pestífera que mais tarde, como ela pressentia, me havia de ser perigosa, não procurou contê-la pelo afeto conjugai. Temia que o vínculo do matrimônio servisse de empecilho à esperança que de mim acalentava.

Não temia que ele me impedisse a outra vida, pois esta colocava-a minha mãe unicamente em Vós. Receava que me prejudicasse no estudo das letras, com que, tanto ela como meu pai, desejavam ardentemente a minha celebridade: este, por não pensar quase nada em Vós e alimentar de mim vãs ambições; e minha mãe por julgar que estes tradicionais estudos literários não me causariam dano, antes ajudariam a aproximar-me de Vós. Assim era, julgo eu, segundo a lembrança, quanto possível exata, que faço do caráter

de meus pais.

Ultrapassando até a medida da severidade, afrouxaram-me as rédeas no jogo e na dissolução de várias paixões. De toda essa miséria, ó meu Deus, elevava-se uma escuridão que me ocultava a luz serena da vossa Verdade. "A maldade como que brotava da minha substância."

## **4 - História dum furto.**

9. O furto é punido pela vossa lei, ó Senhor, lei que, indelevelmente gravada nos corações dos homens, nem sequer a mesma iniquidade poderá apagar. Ora, que ladrão haverá que suporte com gosto outro ladrão, se até o rico não perdoa ao indigente que foi compelido ao roubo pela miséria? E eu quis roubar; roubei, não instigado pela necessidade, mas somente pela penúria, pelo fastio da justiça e pelo excesso da maldade.

Tanto é assim que furtei o que tinha em abundância e em muito melhores condições. Não pretendia desfrutar do furto, mas do roubo em si e do pecado.

Havia, próximo da nossa vinha, uma pereira, carregada de frutos nada sedutores, nem pela beleza nem pelo sabor. Alta noite, pois tínhamos o perverso costume de prolongar nas eiras os jogos até essas horas, eu com alguns jovens malvados fomos sacudi-la para lhe roubarmos os frutos. Tiramos grande quantidade, não para nos banquetearmos, se bem que provamos alguns, mas para os lançarmos aos porcos.

Portanto, todo o nosso prazer consistia em praticarmos o que nos agradava, pelo fato de o roubo ser ilícito.

Eis o meu coração, Senhor, eis o meu coração, que olhaste com misericórdia no fundo do abismo. Diga-Vos ele agora o que buscava nesse sorvedouro, sendo eu mau desinteressadamente e não havendo outro motivo para a minha malícia senão a própria malícia. Era asquerosa e amei-a. Amei a minha morte, amei o meu pecado. Amei, não aquilo a que era arrastado, senão a mesma queda. Que

alma tão forte que se apartava do vosso firme apoio, para se lançar na morte, apeteendo não uma parcela da desvergonha, mas a própria desvergonha!

## **5 - A causa ordinária do pecado.**

10. O ouro, a prata, os corpos belos e todas as coisas são dotadas dum certo atrativo. O prazer de conveniência que se sente no contato da carne influi vivamente.

Cada um dos outros sentidos encontra nos corpos uma modalidade que lhes corresponde.

Do mesmo modo a honra temporal e o poder de mandar e dominar encerram também um brilho, donde igualmente nasce a avidez de vingança. Todavia, para a aquisição de todos estes bens, o homem não Vos deve abandonar nem afastar-se da vossa lei, ó Senhor. A vida neste mundo seduz por causa duma certa medida de beleza que lhe é própria, e da harmonia que tem com todas as formosuras terrenas. A amizade dos homens torna-se doce, por unificar, com um laço querido, muitas almas.

Por todos estes motivos e outros semelhantes, comete-se o pecado, porque, pela propensão imoderada para os bens inferiores, embora sejam bons, se abandonam outros melhores e mais elevados, ou seja, a Vós, meu Deus, à vossa verdade e à vossa lei. De fato, as coisas ínfimas também deleitam, mas não como o meu Deus, que criou todas as coisas, porque "Ele é as delícias dos corações retos, e é n'Ele que o justo rejubila".

11. Portanto, quando se indaga a razão por que se praticou um crime, esta ordinariamente não é digna de crédito, se não se descobre que a sua causa pode ter sido ou o desejo de alcançar alguns dos bens a que chamamos ínfimos, ou o medo de os perder. Esses bens são, sem dúvida, belos e atraentes, ainda que, comparados com os superiores e celestes, não passem de desprezíveis e abjetos.

Alguém matou um homem. E por quê? Ou porque lhe amava a



esposa ou o campo, ou porque queria roubar para viver, ou porque temia que lhe tirasse alguma coisa, ou finalmente porque, injuriado, ardia no desejo de vingança. Quem acreditará que cometeu o homicídio só por deleite, se até Catilina, aquele homem louco e crudelíssimo, de quem se disse ser perverso e cruel sem razão, tinha um motivo: "o receio", diz o historiador, "de que o ócio lhe entorpecesse as mãos e o espírito"? Por que fim procedia ele assim? Evidentemente, para que, exercitado no crime, alcançasse, depois de tomada a cidade de Roma, as honras, o poder e as riquezas, libertando-se do medo das leis e da dificuldade em que o lançara a pobreza da herança e a consciência do crime. Logo, nem o mesmo Catilina amou seus crimes, mas aquilo por cujo fim os cometia.

## **6 - A alegria do mal.**

12. Que amei eu, miserável, em ti, ó meu furto, crime noturno dos meus dezesseis anos? Não tinhas beleza alguma, pois eras um roubo! Mas és realmente alguma coisa, para eu me dirigir a ti? As peras que roubamos, sim, eram belas por serem criaturas vossas, ó mais belo de todos os seres, Criador de tudo, ó Deus tão bom, Deus soberano e meu verdadeiro Bem. Aqueles pomos eram belos; mas não foram esses que a minha alma depravada apeteceu, pois tinha abundância doutros melhores. Colhi-os simplesmente para roubar. Tanto é assim que, depois de colhidos, os lancei fora, banquetecendo-me só na iniquidade com cujo gozo me alegrara. Se algum dos frutos entrou em minha boca, foi o meu crime que lhes deu o sabor.

Agora, Senhor e Deus meu, procuro saber o que me deleitava no furto, e não lhe encontro beleza alguma. Não falo já da beleza que se encontra na justiça e prudência, na inteligência do homem, na memória, nos sentidos e na vida vegetativa; nem mesmo da que resplandece ou nos astros magníficos e brilhantes nas suas órbitas ou na terra e mar, cheios de espécies que, nascendo, sucedem às que morrem; nem tampouco desta defeituosa sombra de formosura

com que os vícios seduzem.

13. O orgulho imita a altura, mas só Vós, meu Deus, sois excelso sobre todas as coisas. Que busca a ambição senão honras e glória, embora só Vós tenhais direito a ser honrado sobre tudo e glorificado eternamente? A sevícia dos poderosos aspira a fazer-se temer; mas quem deve ser temido senão Deus? Quando, onde, até onde e quem pode tirar ou subtrair alguma coisa ao vosso poder? As carícias dos voluptuosos desejam a reciprocidade do amor; mas nada há mais acariciante que a vossa caridade, nem se pode amar nada mais salutar que a vossa verdade, a mais formosa e resplandecente de todas. A curiosidade parece ambicionar o estudo da ciência, quando só Vós é que conheceis plenamente tudo!

Até a própria ignorância e estultícia se encobrem sob o nome de simplicidade e de inocência. Mas nada se encontra mais simples do que Vós. Quem há mais inocente do que Vós, pois são as próprias obras que prejudicam os pecadores? À preguiça parece apetecer apenas o descanso; mas que repouso seguro há fora do Senhor? A luxúria deseja apelidar-se saciedade e abundância; Vós, porém, sois a plenitude e a abundância interminável da suavidade incorruptível. A prodigalidade cobre-se com a sombra da liberalidade; mas o mais magnânimo dispensador de todos os bens sois Vós. A avareza quer possuir muito; e Vós possuís tudo. A inveja litiga acerca da "excelência"; mas que ser há mais excelente que Vós? A ira procura a vingança; e quem se vinga mais justamente que Vós? O temor, enquanto vigia pela segurança das coisas que ama, detesta os acontecimentos insólitos e inesperados que lhes sejam adversos; porém, que há de insólito para Vós? Que há de inesperado? Quem separa de Vós o que amais? E onde encontrar a firme segurança senão em Vós? A tristeza define-se com a perda dos bens em que a cobiça se deleita — porque desejaria que nada, como a Vós, se lhe pudesse tirar.

14. É assim que a alma peca, quando se aparta e busca fora de Vós o que não pode encontrar puro e transparente, a não ser regressando a Vós de novo. Imitam-Vos perversamente todos os que se afastam de Vós e contra Vós se levantam. Ainda assim,

imitando-Vos deste modo, mostram que sois o Criador de toda a natureza, e que, por conseguinte, não há lugar para onde nos possamos afastar totalmente de Vós.

Que amei, portanto, naquele roubo e em que imitei o meu Senhor, ainda mesmo criminosa e perversamente? Tive ao menos o gosto de lutar pela fraude contra a vossa lei, já que o não podia pela força, a fim de imitar, sendo cativo, uma falsa liberdade, praticando impunemente, por uma tenebrosa semelhança de onipotência, o que me não era lícito? Eis-me "aquele escravo que fugindo a seu senhor, seguiu uma sombra!" Ó podridão, ó monstro da vida e abismo da morte! Como pode agradar-me o ilícito sem outro motivo que o de me ser proibido?

## **7 - O perdão.**

15. "Como agradecerei ao Senhor" o ter-se a minha memória recordado destes fatos e a minha alma não ter sentido temor? Amar-Vos-ei, Senhor, dar-Vos-ei graças e confessarei o vosso nome, porque me perdoastes ações tão más e tão indignas. Atribuo à vossa graça e à vossa misericórdia o terdes-me dissolvido, como gelo, os pecados. À vossa graça devo também o ter fugido do mal que não pratiquei. Oh! De que não era eu capaz, se até amei, sem recompensa, o pecado?!

Confesso que tudo me foi perdoado: o mal que de livre vontade cometi e o que não pratiquei graças à vossa ajuda. Que homem há que refletindo na sua enfermidade, ouse atribuir às próprias forças a sua castidade e inocência para Vos amar menos, como se lhe fosse pouco necessária a misericórdia com que perdoastes os pecados aos que se voltam para Vós? Aquele que, a vosso convite, seguiu o chamamento e evitou as faltas — que agora lê em mim, quando as recordo e confesso — não se ria de eu ter sido curado da minha doença por Aquele médico. Por Ele foi-lhe concedido não cair na mesma doença, ou antes, fez com que enfermasse com menos gravidade. Por conseguinte, ame-Vos ele outro tanto. Mas que digo eu? Ame-Vos ainda mais, por me ver a mim livre de tão

grande enfermidade, graças Àquele por quem, do mesmo modo, se vê desenredado de tão grande languidez de pecados.

## **8 - O prazer da cumplicidade.**

16. Que fruto nessa ocasião colhi eu, miserável, das ações que agora, ao recordá-las, me fazem corar de vergonha, nomeadamente daquele roubo, em que amei o próprio roubo e nada mais? Nenhum, pois o furto nada valia, e, com ele, me tornei mais miserável. Sozinho não o faria — lembro-me de que era esta a minha disposição, naquele momento; sim, absolutamente só, não era capaz de o fazer. Portanto, amei também no furto o consórcio daqueles com quem o cometi. Amei, por isso, mais alguma coisa do que o furto. Mas não: não amei mais nada, porque a cumplicidade nada vale.

Que é esta, na realidade? Quem mo ensinará senão Aquele que ilumina o meu coração, rasgando-lhe as sombras? Por que ocorreu ao meu espírito estar aqui a inquirir, discutir e considerar tais particularidades? Se então amasse os pomos que furtei e com eles me apetecesse regalar, poderia tê-los roubado sozinho, se isso bastasse. Poderia ter cometido a iniquidade por onde cheguei ao meu deleite, sem acender, com a fricção de almas cúmplices, o prurido da minha cobiça. Mas porque não experimentava prazer naqueles furtos, este consistia na própria falta que praticavam os pecadores simultaneamente, em cumplicidade.

## **9 - O riso da maldade.**

17. Que sentimento era aquele da minha alma? Sem dúvida, um sentimento muitíssimo vergonhoso; e ai de mim que o mantinha! Mas, enfim, que era ele? "Quem conhece todos os delitos?" Era um riso, como que a fazer-nos cócegas no coração, provocado pelo gosto de enganar os que tinham como impossível o nosso feito e vivamente o detestavam.

Qual o motivo por que me deleitava o não estar sozinho, quando

cometia o furto? Seria porque ninguém facilmente se ri, quando está só? É certo que, sozinho, ninguém se ri facilmente. Mas, se alguma coisa demasiado ridícula acode aos sentidos ou à imaginação, o riso vence por vezes o homem, mesmo quando sozinho e sem ter ninguém presente. Ah! Sozinho não praticaria tal ação. Se estivesse absolutamente só, não a faria.

Eis perante Vós, ó meu Deus, uma viva lembrança da minha alma. Sozinho, não cometeria aquele furto, em que me não aprazia o que roubava, mas o ato de roubar, porque, completamente só, não sentiria prazer em praticar o furto. Nem sequer o faria. Ó amizade tão inimiga, ó sedução impenetrável da mente, avidez de perpetrar o mal por brincadeira ou gracejo, ó apetite do dano alheio, sem lucro nenhum, sem paixão de vingança, mas só porque sentimos vergonha de não ser desavergonhados, quando nos dizem: "Vamos, façamos".

## **10 - Quero a luz.**

18. Quem desembaraçará este nó tão enredado e emaranhado? É asqueroso; não o quero fitar nem ver.

Quero-Vos a Vós, ó Justiça e Inocência tão bela e tão formosa, como puros resplendores e insaciável saturação. Em Vós há grande tranquilidade e vida imperturbável.

Quem entra em Vós penetra "no gozo do seu Senhor", e não só não terá receio, mas também permanecerá soberanamente no bem perfeito.

Na adolescência, afastei-me de Vós, andei errante, meu Deus, muito desviado do vosso apoio, tornando-me para mim mesmo uma região de fome.

# LIVRO III - OS ESTUDOS

**I — Em Cartago. Nos estudos (1-5).**

**II — Santo Agostinho e a seita de Maniqueu (6-12).**

## **1 - Amores impuros.**

1. Vim para Cartago. De todos os lados fervia a sertã (sartago) de criminosos amores. Ainda não amava e já gostava de amar. Impelido por uma necessidade secreta, enraivecia-me contra mim mesmo por não me sentir mais faminto de amor. Gostando de amar, procurava um objeto para esse amor: odiava a minha vida estável e o caminho isento de riscos, porque sentia dentro de mim uma fome de alimento interior — de Vós, ó meu Deus. Não tinha fome desta fome, porque estava sem apetites de alimentos incorruptíveis, não porque deles transbordasse, mas porque, quanto mais vazio, tanto mais enfastiado me sentia. Por isso minha alma não tinha saúde, e, ulcerosa, lançava-se para fora, ávida de se roçar miseravelmente aos objetos sensíveis. Mas se estes não tivessem alma, com certeza não seriam amados.

Era para mim mais doce amar e ser amado, se podia gozar do corpo da pessoa amada. Deste modo, manchava com torpe concupiscência aquela fonte de amizade.

Embaciava a sua pureza com o fumo infernal da luxúria. Não obstante ser feio e impuro, desejava, na minha excessiva vaidade, mostrar-me afável e delicado.

Precipitei-me finalmente no amor em que anelava ser enredado. Ó meu Deus, Misericórdia minha, ah! Quanto fel derramou a vossa bondade nestas delícias! Fui amado, cheguei ocultamente aos laços do gozo. Mas, ainda que alegre, enredava-me nos laços das

tribulações para ser flagelado pelas férreas e esbraseantes varas do ciúme, das suspeitas, dos temores, dos ódios e das contendidas.

## **2 - Do prazer dramático.**

2. Arrebatavam-me os espetáculos teatrais, cheios de imagens das minhas misérias e de alimento próprio para o fogo das minhas paixões.

Mas por que quer o homem condoer-se, quando presencia cenas dolorosas e trágicas, se de modo algum deseja suportá-las? Todavia, o espectador anseia por sentir esse sofrimento, que, afinal, para ele constitui um prazer. Que é isto senão rematada loucura? Com efeito, tanto mais cada um se comove com tais cenas quanto menos curado se acha de tais afetos (deletérios). Mas ao sofrimento próprio chamamos ordinariamente desgraça, e à coparticipação das dores alheias, compaixão. Que compaixão é essa em assuntos fictícios e cênicos, se não induz o espectador a prestar auxílio, mas somente o convida à angústia e a comprazer ao dramaturgo, na proporção da dor que experimenta?

E, se aquelas tragédias humanas, antigas ou fingidas, se representam de modo a não excitarem a compaixão, o espectador retira-se enfasiado e criticando. Pelo contrário, se se comove, permanece atento e chora de satisfação.

3. Amamos, portanto, as lágrimas e as dores. Mas todo homem deseja o gozo. Ora, ainda que a ninguém apraza ser desgraçado, apraz-nos contudo o ser compadecidos. Não gostaremos nós dessas emoções dolorosas pelo único motivo de que a compaixão é companheira inseparável da dor?

A amizade é a fonte destas simpatias. Mas para onde se dirige? Para onde corre?

Por que se despenha na torrente de pezo a ferver e nas vagas alterosas das negras paixões, onde voluntariamente se transforma e se aparta da serenidade celeste, que o homem abandonou e repudiou? Logo, deve-se repelir a compaixão? De modo nenhum.

Convém, portanto, amar, alguma vez, as dores. Mas acautela-te da impureza, ó minha alma, "sob a proteção do meu Deus, do Deus dos nossos pais, digno de louvor e honra por todos os séculos"; fuge da impureza.

Agora nem por isso me fecho à compaixão. Mas em tempos passados compartilhava no teatro da satisfação dos amantes que mutuamente se gozavam pela torpeza, se bem que espetáculos destes não passassem de meras ficções. Quando se desgraçavam, eu piedosamente me contristava. Numa e noutra coisa, sentia prazer.

Hoje, porém, compadeço-me mais do homem que se alegra no vício do que daquele que pungentemente sofre com a perda do prazer funesto, ou com a privação duma miserável felicidade. Esta piedade é mais real. Porém a dor não encontra nela prazer algum. Ainda que o dever da caridade aprove que nos condoamos do infeliz, todavia aquele que fraternalmente é misericordioso preferiria que nenhuma dor houvesse de que se compadecesse. Se a benevolência fosse malévola — o que é impossível —, poderia aquele que verdadeira e sinceramente se inclina aos sentimentos de compaixão desejar que houvesse infelizes para se compadecer.

Em certos casos podemos, pois, aprovar que haja alguma dor, mas nunca a podemos amar. Portanto, Senhor, Deus meu, amais as almas com amor infinitamente mais puro que o nosso, compadeceis-Vos, sem perigo de corrupção, porque não sois ferido por dor alguma. "Que homem há capaz disso?"

4. Mas eu, miserável, gostava então de me condoer, e buscava motivos de dor. Só me agradava e me atraía com veemência a ação do ator quando, num infortúnio alheio, fictício e cômico, me borbulhavam nos olhos as lágrimas. Que admira pois que eu, infeliz ovelha desgarrada do vosso rebanho e renitente à vossa guarda, me afeiasse com ronha hedionda?

Disto provinha o meu afeto pelas emoções dolorosas, só por aquelas que me não atingiam profundamente, pois não gostava de sofrer com as mesmas cenas em que a vista se deleitava.



Comprazia-me com aquelas coisas que, ouvidas e fingidas, me tocavam na superfície da alma. Mas, como acontece quando remexemos (uma ferida) com as unhas, este contato provocava em mim a inflamação do tumor, a podridão e o pus repelente.

Tal era a minha vida! Mas isso, meu Deus, podia chamar-se vida?

### **3 - O estudante de retórica e os "demolidores".**

5. E a vossa fiel misericórdia pairava, de longe, sobre mim. Em quantas iniquidades me corrompi e a quantas curiosidades sacrílegas me entreguei, até me precipitar, abandonando-Vos, nos profundos abismos de infidelidade e no serviço enganador dos demônios a quem "sacrificava" as minhas maldades! Mas Vós em tudo me flageláveis! Até ousei, nas cerimônias dos vossos mistérios, dentro das paredes da Igreja, conceber um mau desejo e descobrir o meio para buscar os frutos de morte! Por isso me punistes com graves castigos, não em proporção do meu pecado, ó meu Deus, infinita misericórdia, meu refúgio em todas estas horrorosas desordens! Nelas divaguei, de cabeça alta, desgarrando-me para longe de Vós, preferindo os meus caminhos aos vossos, amando a liberdade de escravo fugitivo!

6. Os estudos a que me entregava, e que se apelidavam de honestos, davam entrada para o foro dos litígios, onde me deveria distinguir tanto mais honrosamente quanto mais hábil fosse a mentira. Quão grande é a cegueira dos homens que até da cegueira se gloriam! Já naquele tempo era o primeiro da escola de retórica, coisa que me alegrava soberbamente e me fazia inchar de vaidade.

Como Vós o sabeis, Senhor, apesar de eu estar mais sossegado e inteiramente alheio às turbulências dos "demolidores" — nome sinistro e diabólico por eles considerado como um distintivo de elegância —, vivia contudo entre eles com imprudente rubor de não os imitar. Quando me encontrava com eles deleitava-me com a sua amizade, se bem que sempre me horrorizasse o seu proceder, isto é, as troças com que insolentemente assaltavam a simplicidade dos calouros, a quem amedrontavam, rindo-se sem razão e achando

nisso pasto para as suas malvadas alegrias. Nada mais semelhante aos seus atos do que as ações dos próprios demônios. E assim, que nome mais acomodado para eles do que o de "demolidores"? Mas primeiro foram "demolidos" e pervertidos pelos espíritos que ocultamente escarneciam deles e os seduziam com os mesmos enganos com que eles gostavam de ludibriar e surpreender os outros.

## **4 - A influência de um livro de Cícero.**

7. Era entre estes companheiros que eu, ainda de tenra idade, estudava eloquência, na qual desejava salientar-me, com a intenção condenável e vã de saborear os prazeres da vaidade humana. Seguindo o programa do curso, cheguei ao livro de Cícero, cuja linguagem, mais do que o coração, quase todos louvam. Esse livro contém uma exortação ao estudo da filosofia. Chama-se Hortênsio. Ele mudou o alvo das minhas afeições e encaminhou para Vós, Senhor, as minhas preces, transformando as minhas aspirações e desejos. Imediatamente se tornaram vis, a meus olhos, as vãs esperanças. Já ambicionava, com incrível ardor do coração, a Sabedoria imortal. Principiava a levantar-me para voltar para Vós. Não era para limar a linguagem — aperfeiçoamento que, segundo o meu parecer, compraria à custa do dinheiro da minha mãe —, não era para limar a linguagem, repito, que utilizava aquele livro — contando eu dezenove anos de idade e havendo já decorrido dois após a morte de meu pai. Não era o estilo, mas sim o assunto tratado que me persuadiam a lê-lo.

8. Como ardia, Deus meu, como ardia em desejos de voar das coisas terrenas para Vós, sem saber como procedíeis comigo? "Em Vós está, verdadeiramente, a sabedoria".

Porém, o amor da sabedoria, pelo qual aqueles estudos literários me apaixonavam, tem o nome grego de FILOSOFIA. Alguns há que nos seduzem por meio dela, colorindo e adornando os seus erros com um nome grandioso, suave e honesto. Quase todos os filósofos daquela época ou anteriores que assim erram são

apontados e refutados nesse livro. Nele transparece aquele salutar conselho do vosso espírito, dado por meio do vosso bom e piedoso servo: "Vede não vos iluda alguém com a filosofia e com miragens, conforme as tradições dos homens e os ensinamentos do mundo, e não segundo Cristo, porque é n'Ele que habita corporalmente toda a plenitude da Divindades".

Mas Vós sabeis, Luz do meu coração, que naquele tempo ainda me não eram conhecidos estes ensinamentos do Apóstolo São Paulo.

Apenas me deleitava, naquela exortação, o fato de essas palavras me excitarem fortemente e acenderem em mim o desejo de amar, buscar, conquistar, reter e abraçar, não esta ou aquela seita, mas sim a mesma sabedoria, qualquer que ela fosse.

Uma só coisa me magoava no meio de tão grande ardor: não encontrar aí o nome de Cristo. Porque este nome, segundo disposição da vossa misericórdia, Senhor, este nome do meu Salvador e Filho vosso, bebera-o com o leite materno o meu terno coração, e dele conservava o mais alto apreço. Tudo aquilo de que estivesse ausente este nome, ainda que fosse duma obra literária burilada e verídica, nunca me arrebatava totalmente.

## **5 - Perante a simplicidade da Bíblia.**

9. Determinei, por isso, dedicar-me ao estudo da Sagrada Escritura, para a conhecer.

Vi então uma coisa encoberta para os soberbos, obscura para as crianças, mas humilde ao começo, sublime à medida que se avança e velada com mistérios. Não estava ainda disposto a poder entrar nela ou inclinar a cerviz à sua passagem.

O que senti, quando tomei nas mãos aquele livro, não foi o que acabo de dizer, senão que me pareceu indigno compará-lo à elegância ciceroniana. A sua simplicidade repugnava ao meu orgulho e a luz da minha inteligência não lhe penetrava no íntimo.

Na verdade, a agudeza de vista cresce com as crianças, porém eu de nenhum modo queria passar por criança, e, enfatuado pelo

orgulho, tinha-me na conta de grande!

## **6 - Seduzido pelo maniqueísmo.**

10. Caí assim nas mãos de homens orgulhosamente extravagantes, demasiado carnavais e loquazes.

Havia na sua boca laços do demônio e um engodo, preparado com a mistura de sílabas do vosso nome, do de Nosso Senhor Jesus Cristo e do Paráclito consolador, o Espírito Santo.

Jamais esses nomes se lhes retiravam dos lábios, mas eram apenas sons e estrépito da língua. O seu coração estava vazio de sinceridade. Diziam: "Verdade e mais verdade"!

Incessantemente me falavam dela, mas não existia neles!

Exprimiam-se falsamente não só de Vós, que verdadeiramente sois a Verdade, mas ainda acerca dos elementos deste mundo, criaturas vossas. A respeito destas, por amor de Vós, Pai sumamente bom e Formosura de todas as formosuras, tive de ultrapassar, nos raciocínios, aos filósofos, ainda mesmo aos que falam com exatidão.

Ó Verdade, Verdade, pela qual intimamente suspiravam as fibras da minha alma, ainda mesmo quando eles frequentemente e de muitos modos te pronunciavam apenas com os lábios e te liam em muitos e volumosos livros! As iguarias que me apresentavam a mim, faminto da vossa graça, eram em vez de Vós, o Sol e a Lua, lindas obras vossas, mas enfim obras vossas e nunca Vós mesmo. Aquelas nem sequer são as primeiras da criação.

Com efeito, as vossas criaturas espirituais são superiores às corpóreas, ainda que estas se apresentem brilhantes e se movam no céu. Mas também não era dessas primeiras criaturas que eu andava faminto e sequioso, mas sim de Vós, de Vós, Verdade em que não há "mudança nem sombra de vicissitude".

Naquelas bandejas serviam-me então ficções brilhantes. Já era mais acertado amar este Sol, verdadeiro ao menos para os olhos, do que estimar estas falsidades, que pelos olhos iludiam a

inteligência. Contudo, porque julgava que éreis Vós, alimentava-me com aqueles manjares, mas não avidamente, porque não Vos saboreava na minha boca, tal qual sois. Nem estáveis naquelas ficções vãs, que, longe de me nutrirem, mais me debilitavam.

A comida, em sonhos, é muitíssimo semelhante à comida dos que estão acordados.

Contudo, os que dormem não se alimentam, porque dormem. Mas aquelas coisas de nenhum modo Vos eram semelhantes, como Vós me comunicastes depois, porque eram espectros corpóreos, falsos corpos. Mais verdadeiros do que eles são os corpos celestes ou terrestres que vemos realmente com os olhos carnis. Vemo-los como os veem os animais e as aves, e têm mais realidade do que ao imaginá-los.

Do mesmo modo, essas imagens são mais reais do que as conjecturas que formulamos acerca doutros corpos mais grandiosos e infinitos, mas que de modo nenhum existem.

Destas quimeras me alimentava eu, então, sem me saciar. Mas Vós, meu Amor, diante de quem desfaleço para me tornar forte, não sois estes corpos que vemos, mesmo que seja no céu. Não sois nada daqueles seres que aí não vemos, porque Vós os ocultastes e não os considerais obras-primas das vossas mãos. Quão longe estais, portanto, daquelas minhas quimeras, ficções de corpos que de nenhum modo existem! Mais certas que elas são as imagens dos corpos que existem, e mais certas ainda que estas mesmas imagens são os próprios corpos que Vós não sois. Mas também não sois a alma que é a vida dos corpos — esta vida dos corpos melhor e mais real do que os corpos —, porém sois a vida das almas, a Vida das vidas, que vive em razão de si mesma, e que não muda, ó Vida da minha alma!

11. Onde então estavas para mim e quão distante? Peregrinava longe de Vós, excluído até das bolotas dos animais imundos, com que eu os alimentava. Quanto melhores na verdade eram as fábulas dos gramáticos e poetas do que aqueles enganosos laços!

Com efeito, os versos, o canto e o "voo de Medeia" são certamente

mais úteis que os cinco elementos do mundo, coloridos de mil modos, em razão dos cinco antros de trevas, que, além de não existirem, matam a quem neles acredita. Porém à poesia e ao verso transformo-os em delicioso alimento do meu espírito. Além disso, ainda que cantasse o "voo de Medeia", contudo, não afirmava a sua autenticidade, e, mesmo ao ouvi-lo cantar, não lhe dava crédito.

Mas — ai! Ai de mim! — acreditei nos erros dos maniqueístas. Por que passos ia descendo até ao profundo do inferno, trabalhando e consumindo-me com a falta da verdade, quando eu Vos procurava!

Meu Deus, a Vós o confesso, a Vós que de mim Vos compadecesteis quando ainda Vos não conhecia, quando Vos buscava não segundo a compreensão da inteligência, mas segundo o raciocínio da carne.

Vós, porém, éreis mais íntimo que o meu próprio íntimo e mais sublime que o ápice do meu ser! Encontrei aquela mulher audaz e desprovida de prudência, enigma de Salomão, assentada à porta numa cadeira, a dizer: "Comei à vontade o pão tomado às escondidas e bebei a doçura da água roubada". Ela me seduziu, porque me encontrou fora de mim, a habitar nos olhos da minha carne e a ruminar o que por eles tinha devorado.

## **7 - Vencido pela ignorância e pelos maniqueístas.**

12. Com efeito, eu ignorava outra realidade, cuja existência é indubitável. Era como que impelido, por uma aguilhada, a submeter-me à opinião de insensatos impostores quando me perguntavam a origem do mal, se Deus era ou não limitado por forma corpórea, se tinha cabelos e unhas, se se deviam reputar justos os que possuíam simultaneamente muitas mulheres, os que assassinavam homens e sacrificavam animais.

Perturbava-se a minha ignorância com estas perguntas. Assim, afastava-me da verdade com a aparência de caminhar para ela, porque não sabia que o mal é apenas a privação do bem, privação cujo último termo é o nada.

Como podia eu conhecê-lo, se meus olhos só atingiam o corpo e meu espírito não via mais do que fantasmas?

Ignorava que Deus é espírito e não tem membros dotados de comprimento e de largura, nem é matéria, porque a matéria é menor na sua parte do que no seu todo. Ainda que a matéria fosse infinita, seria menor em alguma das suas partes, limitada por certo espaço, do que na sua infinitude! Nem se concentra toda inteira em qualquer parte, como o espírito, como Deus.

Desconhecia inteiramente que princípio havia em nós segundo o qual na Sagrada Escritura se diz que "fomos feitos à imagem de Deus".

13. Ignorava a verdadeira justiça interior, que não julga pelo costume, mas pela lei reta de Deus Onipotente. Segundo ela formam-se os costumes das nações e dos tempos, consoante as nações e os tempos, permanecendo ela sempre a mesma em toda parte, sem se distinguir na essência ou nas modalidades, em qualquer lugar. A face desta lei foram justos Abraão, Isaac, Jacó, Moisés, Davi e todos os que Deus louvou por sua própria boca.

A estes tiveram-nos na conta de loucos os ignorantes, que julgam conforme à "sabedoria humana" e avaliam todos os costumes do gênero humano pela medida dos seus — tal qual um néscio que, desconhecendo na armadura o que é apto a cada parte do corpo, quisesse cobrir a cabeça com uma couraça e guarnecer os pés com um capacete, e se queixasse de que não se adaptavam convenientemente. Ou declarada feriado, alguém se irritasse por não lhe ser concedido expor mercadorias à venda, sob o pretexto de que lhe fora permitido de manhã! Ou como se na mesma casa alguém visse um escravo a manusear qualquer coisa que não é permitido tocar ao copeiro, ou fazer atrás duma estrebaria qualquer serviço proibido à mesa, e se indignasse de que, sendo uma só a habitação, uma só a família, não tenham todos as mesmas atribuições em toda parte.

Tais são os que se irritam por terem ouvido dizer que noutros tempos se permitia aos justos o que agora lhes é vedado e que

Deus, por razões momentâneas, preceituou aos primeiros uma coisa e aos vindouros outra, estando uns e outros sujeitos à mesma injustiça. Como se não vissem que no mesmo homem, no mesmo dia e na mesma casa, tal coisa convém a este membro, tal outra àquele. O que há pouco era permitido já não o é agora. Certas coisas, que antes eram lícitas e até prescritas, agora são justamente proibidas e castigadas.

Porventura a justiça é desigual e mutável? Não. Os tempos a que ela preside é que não correm a par, pois são tempos. E os homens — cuja vida sobre a terra é breve — não sabem harmonizar pelo raciocínio as razões dos tempos passados e dos outros povos, porque delas não tiveram conhecimento direto. Mas podem verificar facilmente pela experiência própria, no mesmo corpo, no mesmo dia e na mesma casa o que convém a tal membro, a tais circunstâncias, a tal lugar ou a tais pessoas. No primeiro caso escandalizam-se, mas no segundo já se conformam.

14. Estas coisas desconhecia-as eu então, e não refletia. De todos os lados feriam os meus olhos, sem que as visse. Declamava versos e também não me era lícito colocar um pé onde me aprouvesse, mas sim conforme as exigências do metro, e ainda num só verso não podia meter o mesmo pé em todas as partes. A própria arte da prosódia, segundo a qual recitava, não constava duma coisa aqui, outra ali. Pelo contrário, constituía um conjunto de regras. Não reparava que a justiça, a que os homens retos e santos se sujeitaram, formava nos seus preceitos um todo muito mais belo e sublime. Não varia na sua parte essencial, nem distribui e determina, para as diversas épocas, tudo simultaneamente, mas o que é próprio de cada uma delas.

Na minha cegueira, censurava os piedosos patriarcas, que não só usavam do presente, conforme aos preceitos e inspirações de Deus, mas também prefiguravam o futuro, segundo o que Deus lhes revelava.

## **8 - A moral e os costumes.**



15. Em que tempo ou lugar será injusto que "amemos a Deus com todo o nosso coração, com toda a nossa alma e com toda a nossa mente, e que amemos o próximo como a nós mesmos"? Por isso as devassidões contrárias à natureza sempre e em toda parte se devem detestar e punir, como o foram os pecados de Sodoma. Ainda que todos os povos as cometessem, cairiam na mesma culpabilidade de pecado, segundo a lei de Deus, que não fez os homens para assim usarem de si.

Efetivamente, viola-se a própria união que deve existir entre Deus e nós, quando a natureza, de quem Ele é autor, se mancha pelas paixões depravadas. Porém as torpezas luxuriosas, contrárias aos costumes humanos, devem-se repelir, em razão da diversidade de costumes, a fim de que, por nenhuma desvergonha de cidadão ou de estrangeiro, se quebre o pacto estabelecido pelo costume ou lei duma cidade ou nação.

É, pois, indecorosa qualquer parte que não condiz com o seu todo. Contudo, quando Deus ordena alguma coisa contra os costumes ou contra quaisquer convenções, ainda mesmo que esse preceito jamais aí se haja observado, deve restaurar-se. Se é lícito ao rei da cidade a que preside dar uma ordem que antes dele jamais alguém, nem sequer ele mesmo, prescreveu, e se o obedecer-lhe não vai contra os princípios sociais da cidade, antes é contrário a eles o desobedecer-lhe — pois a obediência aos reis é um pacto geral da sociedade humana — com quanto maior razão se deve obedecer, sem hesitações, às ordens de Deus rei efetivo de toda a criação ?

De fato, assim como, nos poderes que existem na sociedade humana, o maior se impõe ao menor, para que este lhe preste obediência, assim Deus domina a todos.

16. O mesmo sucede nos atos em que aparece o desejo perverso de fazer mal, quer pela injúria, quer pela agressão. Uma e outra coisa têm sua origem ou no desejo de vingança, como a hostilidade entre dois inimigos; ou no furto dos bens alheios, como no caso em que o ladrão ataca o viajante; ou na intenção de evitar a desgraça, como acontece àquele que se faz temido; ou nasce da inveja, como quando um miserável quer mal ao afortunado ou àquele que se lhe

avantaja em alguma particularidade, receando ser por ele igualado ou sofrendo por ele lhe ser igual. Esses atos culpáveis podem também provir unicamente do prazer de contemplar o infortúnio alheio, como por exemplo nos que assistem aos combates de gladiadores ou nos que se riem e escarnecem de outras quaisquer pessoas.

Tais são os capítulos da iniquidade que brotam da paixão de dominar, de ver e de sentir, de uma ou duas paixões ou simultaneamente de todas. Vive-se pecaminosamente contra os mandamentos, contra o saltério de dez cordas, que é o vosso decálogo, ó Deus tão sublime e tão suave. Mas que ações pecaminosas Vos podem afligir, a Vós, a quem a corrupção não atinge? Ou que pecados se podem levantar contra Vós, a quem nada pode prejudicar? Punis o que os homens cometem contra si próprios, porque, ainda mesmo quando Vos ofendem, agem impiamente contra as suas almas. A própria iniquidade, se engana a si mesma, corrompendo-se e pervertendo-se na sua natureza, feita e ordenada por Vós, quer servindo-se imoderadamente das coisas que lhe são lícitas, quer ardendo na concupiscência do ilícito, "no uso daquilo que é contra a natureza".

Agem pecaminosamente revoltando-se contra a vossa vontade, de coração ou com palavras, e recalcitrando contra o aguilhão. Ofendem-Vos igualmente quando, transpostos os limites da sociedade humana, se alegram audaciosamente com as facções ou com as desavenças, conforme o que lhes trazer agrado ou moléstia.

Tudo isso sucede quando sois abandonado, ó fonte de vida, único e verdadeiro Criador e Senhor de tudo! Neste caso, por orgulho individual, ama-se a parte falsamente tomada como um todo.

É pela piedade humilde que se vai até Vós, para purificardes os nossos maus hábitos. Por causa dela, mostrais-Vos indulgente para com os pecados daqueles que os confessam e ouvis os gemidos dos cativos carregados de ferros. Desse modo, soltais-nos dos grilhões por nós mesmos preparados, contanto que jamais ergamos contra Vós "os chifres duma falsa liberdade", cobiçosos de possuir

mais haveres, com risco de tudo perdermos prejudicialmente, se amarmos mais o nosso egoísmo do que a Vós, soberano Bem.

## **9 - As imperfeições.**

17. Mas, a par de tantos delitos, crimes e iniquidades, há também as imperfeições dos que vão progredindo, censurados pelos que julgam retamente segundo as normas da perfeição e louvadas pela esperança de proveito que anunciam, assim como a verdura é indício prometedora duma seara.

Há certos atos que se assemelhavam a delitos ou a maldades, e contudo não são pecados, porque nem Vos ofendem a Vós, Senhor nosso, nem ao convívio social. Por exemplo, quando se procura alcançar alguma coisa útil à vida e aos tempos, não se sabendo se é por desejo desregrado de possuir, ou quando uma autoridade, legalmente estabelecida, castiga pelo desejo de corrigir, duvidando-se se o pratica pelo prazer de fazer mal.

Desse modo muitas ações que aos homens parecem reprováveis são, pelo vosso testemunho, aprovadas. Pelo contrário, há muitas ações que os homens louvam e que o vosso testemunho condena, porque a aparência do ato e a disposição do que o pratica, bem como as circunstâncias ocultas do tempo, não se correspondem plenamente. Mas quando subitamente ordenais alguma coisa imprevista e extraordinária, posto que alguma vez a tenhais proibido, e ocultais temporariamente a razão desse preceito, quem duvida que a devamos cumprir, embora seja contra as convenções sociais de alguns indivíduos?

Só é justa a sociedade que Vos obedece.

Felizes aqueles que sabem o que Vós lhes preceituastes!

Tudo o que os vossos servos praticam se dirige ou a executar o que presentemente é preciso ou a significar o futuro.

## **10 - Extravagâncias heréticas.**

18. Porque desconhecia essas verdades, ria-me dos vossos santos e profetas. Que fazia eu, quando me ria deles, senão dar motivo a que Vos rísseis de mim? Pouco a pouco, insensivelmente, cheguei à extravagância de crer que um figo, ao ser colhido, chorava, juntamente com a mãe, a figueira, lágrimas de leite! Mas se algum "santo" comesse o figo, criminosamente colhido não por ele mas por outrem, misturando-o nas suas entranhas, arrotando e gemendo entre orações, exalaria anjos e até partículas de Deus!

Essas partículas do soberano e verdadeiro Deus ficavam presas no fruto, a não ser que fossem libertadas pelos dentes e estômago dum Eleito. Pobre de mim! Julgava que aos frutos da terra se devia mais piedade do que aos homens para quem o solo os produz.

Pois se algum esfomeado, que não fosse maniqueísta, me pedisse de comer, o dar-lhe umas migalhas quase me parecia merecer a pena capital.

## **11 - O sonho de Mônica.**

19. Mas Vós, lá do alto, estendestes a mão e arrancastes a minha alma dessa voragem tenebrosa, enquanto minha mãe, vossa fiel serva, junto de Vós chorava por mim, mais do que as outras mães choram sobre os cadáveres dos filhos. É que ela, com o espírito de fé com que a dotastes, via a morte da minha alma. Vós, Senhor, escutastes seus rogos. Vós a ouvistes. Não desprezastes as lágrimas que, brotando-lhe dos olhos, regavam a terra por toda parte em que orava.

Sim, vós a ouvistes.

Com efeito, donde podia vir aquele sonho com que de tal modo a consolastes que condescendeu em viver comigo e assentar-se, em casa, à mesma mesa? Durante certo tempo recusou a minha morada, porque aborrecia e detestava as blasfêmias do meu erro.

Nesse sonho viu-se de pé sobre uma régua de madeira. Um jovem airoso e alegre veio ao seu encontro a sorrir-lhe, enquanto ela se conservava triste e amargurada. Perguntando-lhe ele as causas do

acabrunhamento e das lágrimas cotidianas — não para saber, mas para instruir, como é costume —, e respondendo-lhe ela que chorava a minha perdição, mandou-a sossegar, aconselhando-a a que atendesse e visse que onde ela se encontrava lá estaria eu também. Apenas olhou, viu-me junto de si, de pé, na mesma régua.

Donde poderia vir tudo isto, se os vossos ouvidos se não inclinassem sobre o seu coração? Ó bondosa Onipotência que olhais por cada um de nós como se dum só cuidásseis, velando por todos como por cada um!

20. Como explicar o fato seguinte? Narrando-me esta visão, esforcei-me por interpretá-la de modo que ela não desesperasse de vir a ser o que eu era, isto é, maniqueísta. Declarou-me imediatamente, sem a mínima hesitação: "Não, não me foi dito: 'onde ele está, aí estarás tu', mas sim: 'onde tu estás, aí estará ele também' ".

Senhor, quanto me posso lembrar, confesso-Vos o que muitas vezes tenho dito: mais do que o próprio sonho, abalou-me então aquela vossa resposta dada por intermédio da solicitude de minha mãe. Esta não se perturbou com aquela interpretação falsa, mas tão prontamente viu o que devia ver, e o que eu, na verdade, não vira, antes que ela o dissesse.

Por meio deste sonho, foi anunciada com antecedência, a esta piedosa mulher, para lenitivo da sua aflição presente, uma alegria que só devia dar-se muito tempo depois.

Seguiram-se, efetivamente, quase nove anos mais, em que, tentando muitas vezes levantar-me, caía mais gravemente e me revolia nesse lodo profundo e nas trevas da mentira. Entretanto, aquela viúva casta, piedosa e sóbria — como Vós a quereis —, já, certamente, mais alegre pela esperança, mas não menos remissa em prantos e gemidos, não se cansava de Vos fazer queixa de mim, durante as horas em que orava. "As suas preces chegaram à vossa presença". Contudo, deixáveis-me ainda revolver e envolver naquela escuridão.

## 12 - Teu filho não perecerá!

21. Nessa mesma ocasião destes-me outra resposta de que ainda me lembro. Como estou com pressa de Vos confessar o que é de mais urgência, deixo de referir algumas coisas, não falando já de muitas outras de que não me recordo. Destes-me, pois, outra resposta, por meio de certo bispo, ministro vosso que crescera à sombra do santuário, e muito douto nos vossos livros.

Pedira-lhe minha mãe que se dignasse falar comigo, refutar-me os erros, afastar-me do mal, ensinar-me o bem. Costumava fazer isto mesmo com todos os que achava dispostos. Recusou-se, porém, sem dúvida por prudência, como depois vim a perceber.

Respondeu que eu era ainda indócil, por me encontrar enfatuado com a novidade daquela heresia e por ter já embaraçado, com certas objeções fáceis, a muitos ignorantes, como ela lhe acabava de dizer. E acrescentou: "Deixe-o ficar onde está; limite-se a rezar por ele a Deus; pela leitura ele mesmo reconhecerá o erro e quão grande é a sua impiedade".

Ao mesmo tempo contou que também ele, em criança, tinha sido entregue aos maniqueístas pela mãe, seduzida pelo erro; que não só lera, mas copiara também quase todos os seus livros; que, sem qualquer controvérsia e sem que ninguém procurasse convencê-lo, chegara à conclusão de que tinha de abandonar aquela seita, e que por isso a deixara.

Depois de assim falar, não querendo ela sossegar e instando com mais súplicas e mais copiosas lágrimas, para que me visse e discutisse comigo, disse-lhe o bispo, já um pouco enfadado: "Vai em paz e continua a viver assim porque é impossível que pereça o filho de tantas lágrimas"!

Muitas vezes recordava ela, mais tarde, nas suas conversas comigo, que recebera aquelas palavras como vindas do céu.

# **LIVRO IV - O PROFESSOR**

**I — Pelas estradas do erro (1-3).**

**II — Em louvor da amizade (4-8).**

**III — Engano das criaturas, libertação para Deus (9-12).**

**IV — O problema do belo (13-14).**

## **1 - Nove anos de erro.**

1. Durante esse período de nove anos, desde os dezenove até aos vinte e oito, cercado de muitas paixões, era seduzido e seduzia, era enganado e enganava: às claras, com as ciências a que chamam liberais, e às ocultas, sob o falso nome de religião. Aqui ostentava-me soberbo, além supersticioso, e em toda parte vaidoso. Ora corria atrás da futilidade da glória popular, até aos aplausos dos teatros, aos jogos florais, ao torneio de coroas de feno, às bagatelas de espetáculos e paixões desenfreadas, ora desejava purificar-me dessas nódoas, conduzindo aos que eram chamados "eleitos" e "santos" alimentos com que, na oficina dos seus estômagos, fabricassem anjos e deuses que me dessem a liberdade. Seguia estas práticas, dando-me a elas com meus amigos, iludidos por mim e comigo.

Gracejem de mim os orgulhosos e os que ainda não foram salutarmente prostrados e esmagados por Vós, meu Deus. Eu, para vosso louvor, hei de confessar minhas desvergonhas. Permiti-me, eu Vo-lo peço, e concedei-me que percorra com memória fiel os desvios passados dos meus erros, "imolando-Vos uma vítima de louvor".

Com efeito, sem Vós, que sou para mim mesmo, senão um guia para o abismo?

Que sou, quando tudo me corre bem, senão um pequenino a sugar o vosso leite e a gozar de Vós, alimento que se não corrompe? E quem é o homem, seja quem for, se é homem?

Riam-se de mim os fortes e os poderosos, mas eu, fraco e pobre, confesso-me a Vós.

## **2 - Pela estrada larga...**

2. Ensinava por aqueles anos retórica; e, vencido pela cobiça, vendia esta vitoriosa verbosidade. Contudo, como sabeis, Senhor, preferia ter bons discípulos, dos que se chamam "bons", e, com simplicidade, ensinava-lhes artifícios, para deles usarem não contra a vida dum inocente, mas em proveito, por vezes, da vida dum criminoso. E Vós, meu Deus, vistes de longe resvalar num caminho escorregadio e cintilar com muito fumo esta minha boa fé, que eu, no ensino, mostrava aos amantes da vaidade, indagadores da mentira. Nisso era-lhes companheiro.

Por esses anos tinha em minha companhia uma mulher que não havia sido reconhecida em matrimônio o que se chama legítima, e que fora procurada por um inquieto ardor, falho de prudência. Mas era só uma, e guardava-lhe a fidelidade do leito.

Com meu exemplo aprendi claramente, por experiência, qual é a distância que existe entre a moderação do prazer conjugal, contratado em vista da geração, e o pacto do amor sensual. Deste também nascem filhos, mas contra a vontade dos pais, se bem que, uma vez nascidos, se vejam obrigados a amá-los.

3. Recordo-me também de que, sentindo vontade de concorrer a um certame de poesia dramática, não sei que feiticeiro me mandou perguntar que dádiva lhe queria oferecer, para eu sair vencedor. Mas eu, que detestava e abominava práticas tão nojentas, respondi-lhe que não consentia que se matasse uma mosca para ganhar a vitória, mesmo que o prêmio fosse uma coroa de ouro incorruptível. Sim, porque esse homem tinha de matar animais, em sacrifício, julgando ele que, com tais honras, convidaria os demônios a darem-me o voto. Mas não foi por amor da vossa



pureza, ó Deus do meu coração, que repudiei este crime. Não sabia amar-Vos quem não sabia conceber senão esplendores corpóreos. Não é verdade que a alma que suspira por tais quimeras "se aniquila longe de Vós", coloca sua confiança na falsidade e "apascenta ventos"? Não queria, é certo, que, por minha causa, se sacrificasse aos demônios, mas, por superstição, sacrificara-lhes a alma! Com efeito, que significa "apascentar ventos" senão apascentar os espíritos diabólicos, isto é, tornarmo-nos, por nossos erros, objeto do seu prazer e escárnio?

### **3 - A sedução da astrologia.**

4. Não desistia, por isso, totalmente, de consultar os embusteiros, a que chamam matemáticos, por me parecer que não sacrificavam nem dirigiam preces a nenhum espírito para adivinhar o futuro: ação que, conseqüentemente, repele e condena a piedade cristã e verdadeira. Bom é, portanto, confessar-se o homem a Vós, Senhor, e dizer-Vos: "Compadecei-Vos de mim, curai a minha alma porque pequei contra Vós". Porém não deve abusar da vossa indulgência para se dar permissão de pecar. Deve antes lembrar-se da palavra do Senhor: "Eis-te curado; não peques mais, para que te não aconteça algo pior".

Ora, esses astrólogos procuram destruir o efeito salutar deste conselho, quando dizem: "A causa inevitável de pecares vem-te dos céus". Também afirmam: "Foi Vênus ou Saturno ou Marte quem praticou esta ação". Evidentemente, para que o homem, carne, sangue e orgulhosa podridão, se tenha por irresponsável e atribua toda a culpa ao Criador e Ordenador do céu e dos astros. E este quem é senão Vós, nosso Deus, suavidade e origem da justiça que haveis de pagar "a cada um segundo as suas obras" e "não desprezais o coração contrito e humilhado"?

5. Ora, havia, nesse tempo, um homem sagaz, perito e nobre arte da medicina. Foi este quem, por sua própria mão, me colocou na cabeça doentia a coroa, o prêmio do concurso. Colocou-me como pro cônsul, não como médico, pois só Vós, "que resistis aos

soberbos e dais graça aos humildes", curais desta doença. Mas, ainda que não fosse mais que pela mão daquele velho, abandonastes-me ou cessastes de proporcionar remédios à minha alma?

Tendo mais familiaridade com ele, estava atenta e assiduamente suspenso das suas conversas, que, sem atavios de palavras, eram, pela viveza do pensamento, agradáveis e solenes. Logo que, por conversa, chegou ao conhecimento de que me tinha dado à leitura dos livros dos astrólogos, admoestou-me, com paternal benevolência, a que os rejeitasse e, em tal quimera, não despendesse cuidado e trabalho que me seriam necessários para assuntos de utilidade.

Acrescentou que se tinha entregado também a este estudo, a ponto de, nos seus primeiros anos, ter tido o desejo de o adotar como profissão para manter a vida. Já compreendia Hipócrates, e, assim, poderia também entender aqueles livros. Contudo, abandonou-os, para seguir a medicina, só pelo motivo de ter descoberto a sua falsidade absoluta. Como homem sério, não queria ganhar o pão a enganar os outros. "Mas tu", disse-me ele, "tens a retórica para te manteres na sociedade. Segues estas mentiras não por necessidade, mas por gosto e de livre arbítrio. Para que mais confiadamente me acredites, repara que quem to diz sou eu, que estudei astrologia com tanto ardor como quem dela somente queria viver".

Perguntei-lhe então o motivo por que saíam certos tantos presságios. Respondeu-me como pôde, que era pela força do acaso, espalhado por toda parte na natureza. Se alguém, dizia ele, consulta casualmente as páginas de qualquer poeta, que de propósito cante um assunto inteiramente indiferente, depara muitas vezes com um verso admiravelmente adaptável à sua preocupação. Não é para admirar que, em virtude de algum instinto superior, soe na alma humana, inconsciente do que em si se passa, alguma palavra que se harmonize, não por arte, mas por acaso, com os gestos e fatos do investigador.

6. Foi isso o que, daquele médico, ou antes, por meio dele, me

fizestes aprender.

Pintastes em minha memória o que mais tarde devia procurar por mim mesmo. Mas, por então, nem ele nem o meu queridíssimo Nebrídio, jovem tão bom e tão casto, que mofava de toda essa arte de adivinhar, me puderam persuadir a que a rejeitasse; porque, mais do que eles, movia-me a autoridade dos seus autores.

Também não tinha ainda encontrado a prova evidente, que procurava, por onde pudesse ver, sem ambiguidade, que os presságios dos astrólogos consultados saíam certos por acaso ou sorte, e não pela arte da observação dos astros.

7. Por aqueles anos, no tempo em que começava a ensinar no município onde nasci, travei relações com um amigo que, por ser meu companheiro nos estudos, por ter a minha idade, e estar, como eu, na flor da juventude, me veio a ser muito querido. Menino, havia crescido comigo, tínhamos andado juntos na escola e juntos jogado também. Mas, então, ainda não era amigo íntimo, nem mesmo, mais tarde, a nossa amizade foi verdadeira. Com efeito, só há verdadeira amizade quando sois Vós quem enlaça os que Vos estão unidos "pela caridade difundida em nossos corações pelo Espírito Santo que nos foi dado". Contudo, era-me sumamente doce esta amizade aquecida ao calor de idênticos estudos.

Da verdadeira fé, que ele, na adolescência, já não conservava íntima nem profundamente, tinha-o arrastado para as minhas quimeras supersticiosas e funestas, que faziam derramar lágrimas a minha mãe. Quanto a ideias, já este homem andava comigo errante. Minha alma já não podia passar sem ele. Mas eis que, indo no encalço dos escravos fugitivos, Vós, ó Deus de vingança, que sois juntamente fonte de misericórdia e nos converteis por modos admiráveis, eis que o levaste desta vida, quando apenas se tinha passado um ano sobre esta amizade, para mim mais doce que todas as suavidades da minha vida.

8. Que homem haverá, um só que seja, que possa enumerar os vossos louvores, ainda dos que só em si experimentou? Oh! O que não fizestes Vós, então, ó meu Deus! Como é impenetrável o abismo dos vossos juízos!

## 4 - A perda dum amigo.

Lutando ele com febre, jazeu por muito tempo, sem acordo, banhado em mortal suor. Sendo o caso desesperado, batizaram-no, sem ele o saber. Não me importei com isto, persuadido de que o seu espírito reteria antes o que de mim recebera que a cerimônia feita sobre o corpo inanimado. Mas sucedeu inteiramente o contrário. Recobrou ânimo e melhorou. Imediatamente, apenas pude falar com ele — o que se realizou logo que ele também pôde, de tal maneira dependíamos um do outro que não me afastava do seu lado —, tentei pôr a ridículo, na sua presença, o batismo que recebera com privação do entendimento e dos sentidos. Mas já lhe tinham dito que o havia recebido. Olhou-me, então, com horror, como a inimigo. Com incrível e brusca liberdade, avisou-me que, se queria continuar a ser seu amigo, acabasse com tais modos de falar. Estupefato e perturbado, reprimi toda a emoção, esperando que convalescesse e recuperasse as forças da saúde, para assim poder tratar com ele o que quisesse. Mas, arrancado à minha louca amizade, a fim de consolar a minha alma e se conservar junto de Vós, poucos dias depois, estando eu ausente, recai na febre e expira.

9. Com tal dor, entenebreceu-se-me o coração. Tudo o que via era morte. A pátria era para mim um exílio, e a casa paterna, um estranho tormento. Tudo o que com ele comunicava, sem ele convertia-se-me em enorme martírio. Os meus olhos indagavam-no por toda parte, e não me era restituído. Tudo me aborrecia, porque nada o continha e ninguém me avisava: "ali vem ele!", como quando voltava, ao encontrar-se ausente.

Tinha-me transformado num grande problema. Interrogava à minha alma por que andava triste e se perturbava tanto, e nada me sabia responder. Se lhe dizia: "Espera em Deus", não obedecia. E com razão, pois o homem tão querido que perdera era mais verdadeiro e melhor que o fantasma em que lhe mandava ter esperança. Só o choro me era doce. Só ele sucedera ao meu amigo, nas delícias da alma.

## **5 - O reconforto das lágrimas.**

10. Agora, Senhor, já tudo passou e o tempo aliviou a minha ferida. Poderei aproximar da vossa boca o ouvido do coração, para ouvir de Vós, que sois a Verdade, o motivo por que o choro é doce aos desgraçados? Ainda que Vos acheis presente em toda parte, repelistes para longe de Vós a nossa miséria? Permaneceis também em Vós mesmo, quando somos revolidos pelos acontecimentos? Se não chorarmos a vossos ouvidos, nada restará da nossa esperança. Onde provém o suave fruto que se colhe da amargura da vida, dos gemidos, dos prantos, dos suspiros, das queixas? Encontraremos aí doçura, pela esperança que temos de nos atenderdes? Na verdade, isto sucede na oração, porque esta encerra a ânsia de chegar até Vós.

Mas ter-se-á dado o mesmo caso com a dor do objeto perdido e a tristeza que então me cobriam? Já não esperava que o meu amigo revivesse nem o suplicava com lágrimas. Só me condoia e chorava, porque era infeliz e tinha perdido a minha alegria.

Sucederia isto porque o pranto — que de si é amargo — nos deleita quando nos invade o fastio dos prazeres que antes gozávamos, andando nós aborrecidos com eles?

## **6 - Violência da dor.**

11. Mas para que falar de tudo isso, se agora não é o tempo de investigar, mas de me confessar a Vós? Era desgraçado, e desgraçada é toda alma presa pelo amor às coisas mortais. Despedaça-se quando as perde, e então sente a miséria que a torna miserável, ainda antes de as perder.

Eis o que era nesse tempo: chorava muito amargamente e descansava na amargura.

Oh! Era desgraçado! Todavia, tinha em maior apreço esta miserável vida que aquele amigo, pois, se bem que desejasse mudar de vida, preferia, contudo, perdê-lo a ele do que a ela. Não sei se queria morrer por ele, como se conta — se não é ficção — de Orestes e

Píldes, que juntamente desejavam morrer um pelo outro, porque o não viverem juntos era para eles pior que a própria morte. Mas não sei que sentimento tinha nascido em mim, tão contrário a este: dominava-me um pesadíssimo tédio de viver e um medo de morrer. Creio que quanto mais o amava, mais odiava e temia, como inimigo feroz, a morte que mo arrebatara. Julgava que ela ia consumir, de repente, todos os homens, já que isto mesmo o pôde fazer a ele. Era exatamente este o meu estado de espírito, se bem me lembro.

Eis o meu coração, ó meu Deus, ei-lo por dentro! Reparai nestas evocações do passado, ó Esperança minha, que me limpais da imundície destas afeições, dirigindo para Vós os meus olhos e "arrancando do laço os meus pés". Admirava-me de viverem os outros mortais, quando tinha morrido aquele que eu amava, como se ele não houvesse de morrer! E, sendo eu outro ele, mais me admirava de ainda viver, estando ele morto.

Que bem se exprimiu um poeta, quando chamou ao seu amigo "metade da sua alma"! Ora, eu, que senti que a minha alma e a sua formavam uma só em dois corpos, tinha horror à vida, porque não queria viver só com metade. Talvez por isso é que receava morrer, não viesse a morrer totalmente aquele a quem eu tanto amara.

## **7 - Deixa Tagaste.**

12. Oh! Loucura que não sabe amar os homens humanamente! Oh! Que louco o homem que sofre, sem conformidade, os reveses humanos! Assim era eu então. Por isso, inquietava-me, suspirava, chorava, perturbava-me sem descanso nem circunspecção.

Trazia a alma despedaçada a escorrer sangue: repugnava-lhe ser por mim conduzida, e eu não encontrava lugar onde a depusesse. Não descansava nos bosques amenos, nem nos jogos e cânticos, nem em lugares suavemente perfumados, nem em banquetes faustosos, nem no prazer da alcova e do leito, nem finalmente nos livros e versos. Tudo me horrorizava, até a própria luz. Tudo o que não era o que ele era tinha por mau e fastidioso, exceto os gemidos e lágrimas, pois só nestas encontrava algum repouso. Mas apenas

de lá arrancava a minha alma, pesava sobre mim o grande fardo da desgraça.

Sabia, ó Senhor, que a devia erguer para Vós a fim de ser curada, mas não queria nem tinha forças, tanto mais que, ao pensar em Vós, não me parecíeis solidamente firme.

O meu Deus não éreis Vós, mas um fantasma irreal e o erro. Se ali tentava colocá-la, para descansar, deslizava pelo vácuo e ruía sobre mim, continuando eu a ser um lugar de infelicidade, onde não podia permanecer e donde não podia afastar-me.

Para onde o meu coração fugiria do meu coração? Para onde fugiria de mim mesmo? Para onde me não seguiria? Por isso fugi da pátria. Os olhos procurariam menos esse amigo lá onde o não costumavam ver. Da cidade de Tagaste vim para Cartago.

## **8 - O tempo diminui a dor.**

13. O tempo não descansa, nem rola ociosamente pelos sentidos: pois produz na alma efeitos admiráveis. O tempo vinha e passava, dia após dia. Vindo e passando, inspirava-me novas esperanças e novas recordações. Pouco a pouco, reconfortava-me nos antigos prazeres, a que ia cedendo a minha dor. Não se sucediam, é certo, novas dores, mas fontes de novas dores. Mas por que me penetrava tão facilmente e até ao íntimo aquela dor, senão porque derramei na areia a minha alma, amando um mortal como se ele não houvesse de morrer?

Confortavam-me e alegravam-me sobretudo as consolações doutros amigos, com os quais amava o que amava em vez de Vós, ou seja, a extensa fábula e a longa mentira a cujo contato impuro se corrompia o nosso espírito levado da comichão de ouvir o que lhe lisonjeava as paixões. Porém, esta fábula não morria em mim, ainda que morresse algum dos meus amigos.

Havia neles outros prazeres que me seduziam ainda o coração: conversar e rir, prestar obséquios com amabilidade uns aos outros, ler em comum livros deleitosos, gracejar, honrar-se mutuamente,

discordar de tempos a tempos, sem ódio, como cada um consigo mesmo, e, por meio desta discórdia raríssima, afirmar a contínua harmonia, ensinar ou aprender reciprocamente qualquer coisa, ter saudades dos ausentes e receber com alegria os recém-vindos. Estes e semelhantes sinais, procedendo do coração dos que se amam e dos que pagam amor com amor, manifestam-se no rosto, na língua, nos olhos e em mil gestos cheios de prazer, como se fossem fáceis de acender; inflamam-se os corações e de muitos destes se vem a formar um só.

## **9 - A verdadeira amizade.**

14. É isto o que se ama nos amigos. De tal maneira se amam que a consciência humana se julga por culpada, se não ama a quem lhe paga amor com amor, ou se não paga com amor a quem primeiro a amou, só procurando na pessoa do amigo os sinais exteriores da benevolência. Daqui, esse luto quando alguém morre, as trevas de dores, o coração umedecido pela mudança da doçura em angústia e a morte dos vivos pela perda da vida dos mortos.

Feliz o que Vos ama, feliz o que ama o amigo e Vós, e o inimigo por amor de Vós.

Só não perde nenhum amigo aquele a quem todos são queridos n'Aquele que nunca perdemos. E quem é Esse, senão o nosso Deus, o Deus que criou o céu e a terra e os enche porque, enchendo-os, os criou? Ninguém Vos perde, a não ser quem Vos abandona; e, se Vos deixa, para onde vai, para onde foge, senão de Vós manso, para Vós irado? Onde é que não encontra, no seu castigo, a vossa lei? "A vossa lei é a verdade", e "Vós a mesma verdade".

## **10 - Insatisfação nas criaturas.**

15. Deus das virtudes, convertei-nos, mostrai-nos a vossa face, e seremos salvos.

Para qualquer parte que se volte a alma humana, é à dor que se



agarra, se não se fixa em Vós, ainda mesmo que se agarre às belezas existentes fora de Vós e de si mesma. Estas nada teriam de belo, se não proviessem de Vós. Nascem e morrem. Nascendo, começam a existir; crescem para se aperfeiçoarem; e, quando perfeitas, envelhecem e morrem. Nem tudo envelhece, mas tudo morre. Por isso, os seres, quando nascem e se esforçam por existir, quanto mais depressa crescem para existir tanto mais se apressam a não existir. Tal é a sua condição. Só isso lhes destes, porque são partes de coisas que não existem simultaneamente, e que, desaparecendo e sucedendo-se, perfazem juntas um todo de que são partes. É assim que as conversas se completam por meio de sinais sonoros. Não existiriam na sua totalidade se cada palavra, depois de emitidas as sílabas, se não extinguisse, para outra lhe suceder.

Que minha alma Vos louve por tudo isso, ó meu Deus, Criador de todas as coisas. Que não se agarre a elas pelo visco do amor que entra pelos sentidos do corpo. Também as coisas caminham para não existirem, e dilaceram a alma com desejos pestilenciais, porque ela quer existir e gosta de descansar no que ama. Mas não tem onde, porque as coisas não são estáveis: fogem. Quem as pode seguir com a sensibilidade? Quem as pode alcançar mesmo quando presentes? A sensibilidade é vagarosa porque é sensibilidade. Tal é a sua condição. É suficiente para aquilo para que foi criada; mas não o é para reter as coisas que transitam dum princípio devido para um fim que lhes é devido, porque, no vosso Verbo, que as criou, ouvem estas palavras: "Daqui até ali".

## **11 - Eis a paz!...**

16. Não sejas vã, ó minha alma, nem ensurdeças o ouvido do coração com o tumulto da tua vaidade. Ouve também: o mesmo Verbo clama que voltes. O lugar do descanso imperturbável está onde o Amor não é abandonado, a não ser que o Amor nos abandone primeiro. Eis como estas coisas passam, para outras lhes sucederem, e assim se formar de todas as suas partes este

mundo, cá embaixo. "Afasto-me eu, porventura, para outro lugar?", diz o Verbo de Deus. Fixa aqui, ó alma, a tua mansão. Retribui-lhe tudo o que dele alcançaste, já que estás cansada de tantos enganos.

Entrega à Verdade tudo o que tens recebido da Verdade, e não só não perderás nada, mas ainda a tua podridão reflorescerá, as tuas fraquezas serão curadas, as tuas frouxidões serão reformadas, rejuvenescidas e estreitamente unidas a ti, sem te colocarem na ladeira por onde descem, mas ficando contigo e permanecendo junto do Deus sempre estável e eterno.

17. Por que é que tu, perversa, segues a tua concupiscência? Que ela te siga a ti, quando retrocederes. O que por ela sentes constitui partes, e tu ignoras o todo formado por essas partes que ainda te deleitam. Mas se a sensibilidade do teu corpo fosse apta para receber o todo — e se na parte do todo não tivesses recebido, para teu castigo, a justa limitação —, quererias que passasse o que presentemente existe, para que o conjunto mais te deleitasse. Ora, tu ouves pelos mesmos sentidos carnis o que pronunciamos, e certamente não queres que as sílabas parem, mas desejas que voem para outras lhes sucederem, para assim ouvires o conjunto. Do mesmo modo acontece com as partes que formam um todo sem que haja simultaneidade nas partes de que consta o todo. Deleita mais o todo uno, quando pode ser percebido, do que cada uma das partes. Mas quanto melhor que estas coisas é Aquele que as fez todas, o nosso Deus, que não passa porque nada Lhe sucede!

## **12 - O amor em Deus.**

18. Se te agradam os corpos, louva neles a Deus e retribui o teu amor ao divino Artista para Lhe não desagadares nas coisas que te agradam.

Se te agradam as almas, ama-as em Deus porque são também mudáveis, e só fixas n'Ele encontram estabilidade. Doutro modo passariam e morreriam. Ama-as portanto n'Ele, arrebatá-Lhe contigo todas as que puderes e dize-lhes: "Amemo-Lo". Ele, que

não está longe, foi o criador destas coisas. Não as fez para depois as deixar, mas d'Ele vêm e n'Ele estão. Ele está onde se saboreia a Verdade. Está no íntimo do coração, mas o coração errou longe d'Ele.

"Voltai, ó pecadores, ao coração", e ligai-vos Àquele que vos criou. Firmai-vos n'Ele e estareis firmes. Descansai n'Ele e descansareis. Para onde ides por caminhos escabrosos? Para onde ides? O bem que amais d'Ele procede. Mas só é bom e suave quando para Ele é dirigido. Pelo contrário, será justamente amargo, se se ama injustamente o que d'Ele provém, abandonando a Deus.

Por que andar de contínuo por caminhos difíceis e trabalhosos? Não há descanso onde o procurais. Procurais a vida feliz na região da morte: não está lá. Como encontrar vida feliz onde nem sequer vida existe?

19. Ele, a nossa vida, desceu até nós. Suportou a nossa morte e matou-a pela abundância da nossa vida. Com voz de trovão clamou que voltássemos para Ele, para o lugar escondido donde veio a nós, descendo primeiro ao seio da Virgem onde se desposou com Ele a natureza humana, a carne mortal, para não ficar eternamente mortal.

E de lá, "como um esposo que sai do tálamo, deu saltos como um gigante para percorrer o seu caminho". Não se deteve, mas correu clamando com palavras, com obras, com a própria morte, com a vida, com a descida (ao Limbo), com a Ascensão, clamando sempre que a Ele voltássemos.

Fugiu dos nossos olhos para que entremos no coração e aí O encontremos. Sim, separou-se de nós, com relutância, mas ei-Lo aqui. Não quis estar conosco muito tempo, mas não nos abandonou. Arrancou-se donde nunca se retirou, porque "o mundo foi por Ele criado", e "estava neste mundo e veio a este mundo salvar os pecadores".

A Ele se confessa minha alma, a Ele, seu Médico, pois contra Ele pecou. "Filhos dos homens, até quando sereis duros de coração?" Será possível que, depois da descida da vida, não queirais subir e

viver? Mas para onde subis quando vos levantaiis e "abris a vossa boca contra o céu?". Descei para subirdes, para subirdes até Deus, pois precipitastes-vos pensando elevar-vos contra Deus.

Alma, dize-lhes isto para que chorem neste vale de pranto, e, assim, os arrebatos contigo para Deus, pois é o seu Espírito que te inspira estas palavras, se as disseres, ardendo no fogo da caridade.

## **13 - O que é o belo?**

20. Por esse tempo ignorava estas verdades e amava as belezas terrenas.

Caminhava para o abismo e dizia a meus amigos: "Amamos nós alguma coisa que não seja o belo? Que é o belo, por conseguinte? Que é a beleza? Que é que nos atrai e afeiçoa aos objetos que amamos? Se não houvesse neles certo ornato e formosura, não nos atrairiam".

Eu notara e via que nos mesmos corpos se devia distinguir a beleza proveniente da união das suas partes — o todo — e a resultante da sua apta acomodação a alguma coisa, como, por exemplo, a parte dum corpo ao seu todo, ou o calçado ao pé, e outras semelhantes. Essas considerações borbulhavam no meu espírito desde o fundo do coração. Escrevi, por isso, os tratados De Pulchro et Apto, creio que em dois ou três livros. Vós o sabeis, meu Deus. Eu já me esqueci. Já os não possuo. Desapareceram-me, não sei como.

## **14 - Homenagem a Hiério.**

21. Que motivo, Senhor e Deus meu, me levou a dedicar este tratado a Hiério, orador de Roma? Não o conhecia pessoalmente. Apenas o estimava pela brilhante reputação de ciência e por algumas palavras que, ao ouvi-las repetir, me agradaram. Era-me simpático sobretudo por agradar aos outros e todos o cumularem de louvores.

Admiravam-se de que um sábio de nascimento, já mestre de

eloquência grega, chegasse a orador admirável da língua latina, e fosse sábio profundo em assuntos de ciências filosóficas.

Louva-se um homem, e, ainda que se encontre ausente, é amado. Mas esse amor, que sai da boca do que louva, entrará no coração do que ouve? Não; mas o amor de um acende-se com o amor do outro. Por isso só se ama o que é louvado quando se está persuadido de que esses louvores partem dum coração que não engana; quer dizer, quando é o afeto (sincero) que o louva.

22. Assim é que eu amava, então, os homens regulando-me pelo juízo dos mesmos homens, e não pelo vosso, o meu Deus, no qual ninguém se engana. Mas por que os não louvava como se louva um cocheiro triunfante ou um caçador do circo, aclamado pelas ovações populares? Pelo contrário, por que os louvava de modo tão diferente, com ponderação e da mesma maneira como eu o queria ser? Certamente não desejava ser louvado e estimado como os comediantes, apesar de também eu os elogiar e amar. A escolher, queria antes ficar obscuro que tornar-me célebre com a arte deles. Assim, antes queria ser odiado que amado.

Como se podem manter numa alma propensões de amor tão variado e diferente?

Como amo em outro o que odeio e repilo para longe de mim? Não somos ambos porventura homens? Não se pode efetivamente aplicar ao histrião, companheiro de nossa natureza, o que se diz dum bom cavalo que alguém estima, e ao qual ninguém se quer assemelhar, mesmo no caso de isso ser possível?

E então, sendo eu homem, amo num homem o que me horroriza ser? Grande abismo é o homem, Senhor! Tendes contados os seus cabelos, e nenhum se perde para Vós. Contudo, os seus cabelos são mais fáceis de contar que os afetos e movimentos do coração!

23. Mas aquele retórico pertencia à classe dos que eu amava tal qual como eu mesmo queria ser amado. Eu andava errante com o orgulho e era levado em redemoinho de qualquer tufão. Mas, apesar disso, muito às ocultas, era ainda governado por Vós!

Como sei e posso confessar, com verdade, diante de Vós, que o

amava mais pela estima dos que o louvavam que pelos méritos por que era louvado? Se, em vez de o louvarem, o vituperassem, apregoando essas mesmas qualidades como censura e desprezo, de modo algum me entusiasmaria por ele. Contudo, os méritos eram os mesmos; a pessoa a mesma; somente seria outra a estima dos narradores! Eis onde jaz enferma a alma que ainda não aderiu à solidez da Verdade! Avança e volta, retrocede e torna a retroceder, como os sopros das línguas que ventam dos pulmões dos sentenciosos! Para a alma a luz cobre-se de nuvens e a verdade não se distingue, estando diante de nós.

Tinha muito a peito que minhas palavras e estudos fossem conhecidos desse homem. Se os aprovasse, havia de me entusiasmar ainda mais por ele; se os condenasse, o meu coração, fútil e vazio da vossa firmeza, sentir-se-ia ferido. Com grande prazer, meditava no "Belo e Conveniente" — assunto da obra que tinha dedicado a Hiério, admirando-a na minha imaginação, sem haver mais ninguém que a louvasse!

## **15 - O problema do belo e do mal.**

24. Mas, ó Todo-Poderoso, "que só criais maravilhas", ainda não via na vossa arte o fulcro de tão grandes obras. O meu espírito errava pelas formas corpóreas.

Definia o belo "o que agrada por si mesmo"; e o conveniente "o que agrada pela sua acomodação a alguma coisa". Distinguia-os e comprovava-os com exemplos hauridos dos corpos. Voltei-me, depois, para a natureza da alma, mas as falsas opiniões que tinha dos seres espirituais não me deixavam vislumbrar a verdade. A própria força desta precipitava-se-me contra os olhos, mas logo eu retirava da realidade incorpórea o espírito, para o meio dos traços, cores e empoladas grandezas. Ora, como as não podia distinguir na alma, julgava que não podia ver a minha alma. Amando a paz na virtude e odiando a desunião no vício, notava unidade na primeira e certa desunião no segundo. Parecia-me que a alma racional e a essência da Verdade e do Soberano Bem residiam nessa unidade.

Pensava eu, miserável, que na desunião da vida irracional existia qualquer substância e natureza do sumo mal que não era só substância, senão também verdadeira vida. Mas era vida que não proviria de Vós, Deus meu, de quem se originaram todas as coisas. Sem saber

O que dizia, chamava àquela unidade "mônada", como a alma sem sexo; à multiplicidade chamava "díade" por ser ira nos crimes e voluptuosidade nas paixões. Não conhecia ainda nem tinha aprendido que o mal não é substância alguma, nem a nossa mente é bem supremo e imutável.

25. Comete-se um crime quando o movimento vicioso do espírito, onde reside a paixão, se atira arrogante e tumultuosamente, ou pratica-se uma infâmia quando a alma não refreia os afetos donde nascem os prazeres carnavais. Assim, se a própria alma racional é viciosa, os erros e as falsas opiniões contaminam a vida.

Era este o estado da minha alma. Ignorava que ela, por não ser a mesma essência da verdade, devia ser ilustrada por outra luz, para participar da Verdade, "porque Vós alumiareis a minha lâmpada, Senhor, e esclarecereis as minhas trevas, ó meu Deus".

"Todos nós participamos da vossa plenitude", porque "sois a verdadeira luz que alumia todo o homem vindo a este mundo", e "em Vós não há mudança nem sombra instantânea".

26. Mas eu esforçava-me por me aproximar de Vós, e repelíeis-me para que saboreasse a morte, "pois resistis aos soberbos". Haverá soberba maior do que afirmar, com inaudita loucura, que eu, por natureza, era o mesmo que Vós? Ora, sendo eu mudável — o que para mim era evidente, pois desejava ser sábio para, de menos perfeito, me tornar mais perfeito —, não obstante, preferia imaginar-Vos mudável a não ser o que Vós sois. Por isso me repelíeis e resistíeis à minha soberba cheia de vento.

Imaginava formas corpóreas. Eu, carne, acusava a carne; eu, "espírito errante", ainda não me voltava para Vós. Vagueando, caminhava por quimeras que não existem nem em Vós, nem em mim, nem nos corpos. Não são criações da vossa verdade, mas

puras ficções que o meu orgulho formava segundo os corpos. Com inepta tagarelice, perguntava aos pequeninos, fiéis vossos e meus concidadãos, de quem inconscientemente andava exilado: "Por que razão vagueia a alma, criada por Deus?" E não tolerava que me respondessem: "E então, por que vagueia Deus?" Antes queria defender que a vossa substância imutável era coagida a andar errante do que confessar que a minha, mudável, se tivesse desencaminhado livremente, ou vagueasse por castigo.

27. Contava talvez vinte e seis ou vinte e sete anos, quando escrevi aquele tratado revolvendo no pensamento estas imaginações puramente materiais que faziam ruído aos ouvidos do meu coração. Voltava-os, ó doce Verdade, para a vossa melodia interior, quando meditava no "Belo e no Conveniente". Desejando estar na vossa presença, ouvir-Vos e alegrar-me intensamente com a "voz do Esposo", não o podia porque os rumores do erro arrastavam-me para fora e o peso da soberba precipitava-me no abismo.

"Não concedíeis ao meu ouvido o gozo e a alegria"; e os meus ossos, que não tinham sido "humilhados", "não exultavam".

## **16 - As dez categorias de Aristóteles.**

28. Que importava ter lido e compreendido, sozinho, pelos vinte anos, a obra de Aristóteles, chamada As dez Categorias, que me tinha vindo às mãos?

Quando um retórico de Cartago, meu professor, e outros que se tinham por doutos a citavam com palavras a estalarem de soberba, ficava suspenso, à espera de qualquer coisa sublime e divina. Conversando sobre este assunto com alguns que confessavam tê-las dificilmente entendido, apesar de mestres muito eruditos lhas explicarem com palavras e inumeráveis desenhos traçados na areia, eles nada me puderam ensinar que já não tivesse aprendido na simples leitura particular.

As Dez Categorias pareciam falar-me claramente da substância: o homem, por exemplo; do que nela se contém como a figura do homem; a estatura, quantos pés mede; o parentesco, de quem é



irmão; onde se acha; quando nasceu; se está de pé ou sentado, calçado ou armado; se faz alguma coisa; se padece algo; e, enfim, toda a infinidade de coisas que se encontram nestes nove gêneros de que citei alguns exemplos ou no próprio gênero da substância.

29. De que me aproveitava isto, se só me prejudicava? Julgando que tudo estava incluído nos dez predicamentos, esforçava-me por igualmente Vos compreender a Vós, meu Deus, que sois admiravelmente simples e imutável, como se estivésseis subordinado à vossa grandeza e beleza, ou como se fosseis um corpo, onde estes atributos se radicavam.

Vós, porém, sois a vossa mesma grandeza e beleza. Ora, um corpo, pelo fato de ser corpo, não é grande nem belo; continuaria a ser corpo ainda que fosse menor e menos belo. Era falso o que pensava de Vós. Era mentira. Eram ficções da minha miséria, e não uma concretização da vossa beleza. Tínheis ordenado — e assim se realizava em mim — que a terra me produzisse "espinhos e cardos" e que eu alcançasse o pão à custa de trabalho.

30. A mim, tão mau escravo nesse tempo, que me aproveitou ter lido e compreendido por mim mesmo todos os livros que pude, das artes a que chamam liberais? Comprazia-me neles, sem saber donde provinha tudo o que encerravam de certo e verdadeiro. Estava de costas voltadas para a luz e com a face erguida para os objetos iluminados. Por isso, o rosto com que os via iluminados não era iluminado.

Vós sabeis, Senhor, meu Deus, tudo o que aprendi, sem dificuldade e sem mestre, acerca da eloquência, da dialética, da geometria, da música e da matemática, porque a prontidão de inteligência e a agudeza de instituição são dons vossos; mas nem por isso Vo-los oferecia em sacrifício. E assim, longe de me serem úteis, causavam-me ainda mais dano, porque insisti em apoderar-me da melhor parte da minha herança "e não guardei em Vós a minha força", mas "afastei-me de Vós para uma região longínqua", onde a dissipei nas paixões com meretrizes. De que me serviam estes dons preciosos se usava mal deles? Só compreendia como aquelas artes eram difíceis de entender, ainda aos mais estudiosos e inteligentes,

quando me esforçava por lhas expor. Dentre eles, o melhor era só o que menos vagarosamente seguia a minha exposição.

31. Mas que fruto tirava daqui, Senhor, meu Deus — Suprema Verdade —, se Vos concebia como um corpo luminoso e imenso e me considerava como uma parcela desse corpo? Que requintada perversidade! Assim era eu! Não me envergonho, meu Deus, de confessar as vossas misericórdias para comigo e de Vos invocar, já que não me envergonhei de proferir blasfêmias diante dos homens, e de ladrar contra Vós.

De que me servia possuir um talento tão ágil para aquelas ciências e ter desfeito, sem auxílio de nenhum mestre humano, o nó de tantos livros intrincados, se errava na Ciência da Religião, com sacrílegas e deformantes torpezas? E que prejuízo sofriam os vossos filhos em serem menos inteligentes, se não se afastavam de Vós, e, se se iam cobrindo de penas no ninho da vossa Igreja, nutrindo as asas da caridade com o alimento sadio da fé?

Fazei, ó Senhor, nosso Deus, que esperemos à sombra das vossas asas. Protegei-nos e guiai-nos até quando atingirem os cabelos brancos. A nossa firmeza só é firmeza quando Vós nela estais; mas quando depende de nós, então é enfermidade. O nosso bem vive sempre em Vós; e somos perversos porque nos apartamos de Vós.

Fazei, ó Senhor, que voltemos já para Vós para nos não submergirmos, porque o nosso bem, que sois Vós mesmo, vive, sem deficiência alguma, em Vós. Apesar de nos termos precipitado do nosso bem, não temos receio de o não encontrar quando voltarmos; porque, na nossa ausência, não desaba a nossa morada — a vossa eternidade.

# **LIVRO V - EM ROMA E EM MILÃO**

**I — Primeiras desilusões do maniqueísmo (1-7).**

**II — Em Roma (8-12).**

**III — Em Milão. Abandono da doutrina de Maniqueu (13-14).**

## **1 - Lábios em prece.**

1. Recebei o sacrifício das Confissões, por meio do ministério da minha língua, por Vós formada e que impelistes a confessar o vosso nome. Sarai todos os meus ossos, e que eles clamem: "Senhor, quem há semelhante a Vós?". Aquele que se dirige a Vós de coisa nenhuma que nele se realize Vos informa, porque nem o coração fechado se esconde ao vosso olhar, nem a dureza dos homens repele a vossa mão. Pelo contrário, àquela amolecei-la, quando quiserdes, ou com a misericórdia ou com o castigo. "Não há ninguém que se furte ao vosso calor!"

Que a minha alma Vos louve para que Vos ame; que confesse as vossas misericórdias para que Vos louve. Toda a criação entoia continuamente as vossas glórias.

Todo o espírito Vos louva, pelos seus próprios lábios, erguidos para Vós; os animais e os seres do reino mineral louvam-Vos pela boca daqueles que os consideram. Assim, a nossa alma levanta-se da lassidão até Vós, apoiando-se nas vossas criaturas, e atira-se para Vós, que maravilhosamente as criastes. Aí encontrará o rejuvenescimento e a verdadeira força.

## **2 - Não se foge da vista de Deus.**

2. Que os revoltados e os maus fujam e se escapem! Vós os vedes

e distinguis as suas sombras. Convivem com todos os seres belos, e eles são feios! Que prejuízo Vos causaram? Em que ponto desonram o vosso império, que permanece íntegro e justo, desde os céus ao profundo dos abismos? Para onde fugiram, quando fugiam do vosso rosto? Ou em que lugar os não encontrais? Fugiram para Vos não verem, a Vós, que os estais vendo! Mas, obcecados, depararam convosco, porque não abandonais nada do que criastes. Injustamente Vos ofenderam e justamente são castigados. Subtraindo-se à vossa benignidade, encontraram a vossa justiça e caíram sob a vossa severidade!

Naturalmente ignoram que estais em toda parte, e que nenhum lugar Vos circunscreve, e que só Vós estais na presença dos que divagam longe de Vós! Que se convertam e que Vos procurem, porque, da mesma forma como deixaram o Criador, Vós abandonais a criatura.

Convertam-se e procurem-Vos, já que estais no seu coração, no coração dos que Vos confessam, dos que se lançam em Vós e choram no vosso seio, depois de percorrerem os caminhos da perdição.

Carinhosamente lhes enxugais as lágrimas, e tanto mais gozam com os prantos quanto mais choram, porque não é o homem, nem é a carne e o sangue, mas sois Vós, seu Criador, que os robusteceis e consolais. Onde estava quando Vos procurava? Vós estáveis diante de mim; porém eu apartava-me de mim e, se nem sequer me encontrava a mim mesmo, muito menos a Vós!

### **3 - Inconsistência do maniqueísmo.**

3. Falarei, na presença do meu Deus, do ano vigésimo nono da minha idade. Já tinha vindo para Cartago o bispo dos maniqueístas, chamado Fausto, "grande laço do demônio", pois seduzia a muitos por meio da sua melíflua eloquência. Não obstante ser esta por mim aplaudida, sabia, contudo, discerni-la das verdades que desejava aprender.

Não reparava no vaso do discurso em que mas ministrava, mas sim

no alimento de ciência que Fausto, tão conceituado entre eles, me apresentava como manjar. Tinha chegado até mim a fama de que era erudito nas ciências mais prestigiosas, e, sobretudo, conhecedor das artes liberais.

Como eu tinha lido muitos filósofos e conservava na memória as suas teorias, comparava algumas delas com as longas fábulas dos maniqueístas. As doutrinas dos filósofos pareciam-me mais prováveis porque "se mostraram com poder de avaliar o tempo presente, ainda que de modo algum encontrariam o seu Deus". "Porque sois grande, ó Senhor, ponde os olhos nas coisas humildes; porém, às excelsas, vós as conheceis de longe". Só Vos avizinhais dos corações contritos. Não sois encontrado pelos soberbos, ainda que numerem com hábil perícia as estrelas e as areias, ainda que meçam as regiões siderais e investiguem o curso dos astros.

4. Procuram estes segredos com a razão e com o engenho que lhes concedestes; descobriram muitas coisas e vaticinaram muitos anos antes os eclipses do Sol e da Lua, o dia, a hora e o lugar em que haviam de suceder, sem se enganarem nos cálculos. Os seus vaticínios realizaram-se. Escreveram normas que eles descobriram e que ainda hoje se leem. Por elas determinaram em que ano, em que mês do ano, em que dia do mês e em que hora do dia e em que parte da sua luz a Lua ou o Sol se hão de eclipsar, acontecendo tudo exatamente como está predito.

Os homens, que ignoram estes segredos, admiram tais maravilhas e ficam estupefatos. Os eruditos exultam e ensoberbecem-se. Esses, que por ímpio orgulho se afastam e eclipsam da vossa luz, preveem o eclipse futuro do Sol e não veem o seu, no tempo presente!

Não buscam religiosamente donde lhes veio o talento com que investigam essas coisas. Achando que Vós as criastes, não se Vos entregam, para que conserveis o que fizestes e para que matem em si mesmos o que eles se fizeram. Sacrifiquem-Vos os pensamentos altivos, como se imolam as aves; as curiosidades, como "peixes do mar, com os quais passeiam pelos caminhos secretos do abismo";

e as luxúrias como animais do campo, para que Vós, ó fogo devorador, consumais as suas preocupações já mortas, robustecendo-os para a vida imortal.

5. Mas não conheceram o "caminho", o vosso Verbo, por meio de quem fizestes as coisas que se numeram e esses mesmos que as numeram, os sentidos com que percebem o que numeram, e a mente, graças à qual eles as numeram. "Só a vossa sabedoria é inumerável." O próprio Unigênito "fez-se nossa sabedoria, justiça e santificação". Foi considerado como um de nós e como tal pagou tributo a César. Não conheceram este caminho por onde, descendo de si mesmos ao Salvador, podiam subir por Ele até Ele.

Não conheceram este caminho e julgaram-se tão altos e tão cintilantes como as estrelas! Mas eis que ruíram em terra e o seu coração insensato entenebreceu-se. Dizem muitas verdades acerca das criaturas e não buscam piedosamente a Verdade, o Artífice da criação. Por conseguinte, não O encontram; ou, se O encontram, conhecendo a Deus, não O honram como a Deus, nem lhe dão graças. Desvanecem-se em seus pensamentos, dizem-se sábios e atribuem a si próprios o que é vosso. Por isso desejam, com tão perversa cegueira, atribuir-Vos também as suas falsidades, isto é, imputar-vos as suas mentiras, a Vós, que sois a Verdade, e mudar a "glória dum Deus incorrupto na imagem e semelhança do homem corruptível, na das aves, quadrúpedes e serpentes". Convertem a vossa verdade em mentira, veneram e servem antes "à criatura do que ao Criador".

6. Conservara, porém, destes filósofos muitas opiniões verdadeiras, cuja explicação se me oferecia por meio da matemática, da ordem dos tempos e testemunhos palpáveis das estrelas. Conferia tudo com as declarações de Manes, que, acerca destes assuntos, delirando, escreveu muitas obras.

Não me dava ele a razão dos solstícios e dos equinócios, nem dos eclipses das estrelas nem de coisa alguma que aprendera nos livros profanos. Ali era obrigado a acreditar em coisas totalmente diversas, além de não concordarem com as noções que eu, por cálculos matemáticos e pelos próprios olhos, averiguara.

## **4 - Feliz o que conhece a Deus!**

7. Senhor, Deus da Verdade, porventura quem conhece estas coisas já Vos agrada?

Infeliz do homem que as conhece, mas Vos desconhece a Vós! Feliz o que Vos conhece, ainda que as ignore! O que Vos conhece a Vós e àquelas coisas não é mais bem-aventurado por causa delas, mas unicamente por causa de Vós, se, conhecendo-as, Vos glorifica como a Deus, Vos rende graças e não se desvanece em seus pensamentos.

O homem que, reconhecendo estar na posse duma árvore, Vos dá graças pelo uso dela (ainda que ignore quantos côvados tenha de altura e qual a largura da sua copa) não é melhor que aquele que, medindo-a e enumerando-lhe todos os ramos, não só a não possui mas nem sequer reconhece e ama O que a criou? O mesmo se diga do homem fiel a quem pertence todo o mundo com suas riquezas e que tudo "possui como se nada tivesse", se está unido a Vós, a quem tudo serve. Ainda que ele desconheça a trajetória das estrelas da Ursa Menor, seria loucura duvidar se é ou não superior ao que Vos despreza a Vós, que "tudo ordenastes com número, peso e medida", embora o desprezador meça os espaços do céu, conte as estrelas e pese os elementos.

## **5 - O sábio ignorante.**

8. Mas quem pedia a esse Manes que escrevesse sobre estes assuntos, de cujo conhecimento se pode prescindir na aprendizagem da piedade? Vós dissestes ao homem: "A piedade é sabedoria".

Podia Manes ignorar a piedade, ainda que fosse profundamente instruído nestas questões. Mas, já que desavergonhadamente ousou ensiná-las sem as conhecer, de modo algum poderia alcançar a piedade. É vaidade mundana pavonear-nos com esses conhecimentos, porém é sinal de piedade o confessar-Vos. Afastando-se desta regra, falou Manes tanto sobre isto que os

verdadeiramente sábios se convenceram da sua ignorância.

Donde claramente se pode deduzir qual fosse a sua competência em matérias mais obscuras. Não queria ser estimado mediocrementemente. Por isso tentou provar que o Espírito que consola e enriquece os vossos fiéis habitava pessoalmente dentro dele, com toda a plenitude do seu poder.

Foi surpreendido a falar erroneamente sobre o céu, os astros e os movimentos do Sol e da Lua. E, ainda que estes erros se não relacionem com assuntos religiosos, contudo obviamente transparece ser sacrílega a sua ousadia, porque não só ensinava o que lhe era desconhecido, mas também proferia mentiras, com tão insensato orgulho, que não hesitava em atribuí-las a uma pessoa Divina.

9. Quando ouço que algum dos meus irmãos em Cristo ignora estes problemas e confunde umas coisas com outras, sofro com paciência a sua opinião.

Ainda que ele não saiba a posição e a natureza das criaturas corpóreas, não vejo que isso lhe seja prejudicial, contanto que não creia em coisas indignas de Vós, Senhor e Criador de tudo. Todavia, ser-lhe-á funesto, se julga que isso pertence à essência doutrinai da Religião, e se ousar defender pertinazmente o que não conhece. Mas ainda a essa fraqueza a suporta a caridade materna no berço da fé, até que o homem novo se transforme "em varão perfeito" e o vento de qualquer doutrina o não possa agitar.

Com respeito a Manes, quem não julgaria digna de ser detestada com horror a sua rematada loucura, se fosse convencido da sua falsidade aquele que teve a ousadia de fazer-se doutor, mestre, guia e chefe dos convertidos a essas doutrinas, a ponto de eles se persuadirem de que não seguiam a qualquer homem, mas ao Espírito Santo?

Ainda, porém, não me tinha certificado se se podiam ou não explicar, segundo a sua doutrina, as mudanças do crescimento e diminuição dos dias e das noites, a alternativa do dia e da noite e os eclipses dos astros e outros fenômenos da natureza que eu



conhecia pelas minhas leituras. Suposto que se pudessem explicar, seria ainda incerto para mim se esses fenômenos se realizavam assim ou não; mas antepunha a autoridade de Manes à minha fé, porque o tinha na conta de santo.

## **6 - Eloquência de Fausto.**

10. Durante cerca de nove anos, em que o meu pensamento errante escutava a doutrina maniqueísta, ansiosamente esperava a vinda de Fausto. Se por acaso encontrava alguns dos sequazes de Manes, sentiam-se embaraçados com as minhas objeções acerca daqueles problemas. Mas asseguravam-me que, quando viesse Fausto, facilmente me resolveria numa simples conversa todas estas dificuldades, e ainda outras mais intrincadas que lhe propusesse.

Logo que ele chegou, notei que era homem amável, aliciante na conversa, e que expunha dum modo mais agradável os mesmos assuntos que os outros maniqueístas costumam tratar. Mas como é que esse copeiro tão elegante, que me servia por copos preciosos, me podia matar a sede? Já estava saciado de ouvir semelhantes teorias. Nem estas me pareciam melhores pelo fato de serem propostas em linguagem mais cuidada, nem a eloquência fazia com que eu as tivesse como verdadeiras, nem o considerava como sábio por ser de rosto esbelto e palavreado colorido. Aqueles que mo tinham elogiado não eram bons apreciadores, pois tinham-no como prudente e sábio pelo fato de os deleitar com a sua eloquência.

Conheci outra espécie de pessoas que tinham a verdade como suspeita e não se lhe queriam render, se lhes fosse proposta em estilo copioso e elegante. Vós, porém, meu Deus, já me tínheis ensinado de modos admiráveis e ocultos! Creio o que Vós me ensinastes, porque é verdade, e só Vós sois o Mestre da Verdade em qualquer parte e de qualquer lugar que ela brilhe. Já tinha aprendido de Vós que não devemos ter qualquer coisa como verdadeira pelo fato de ser dita eloquentemente, nem como falsa, por ser expressa em linguagem rude. Pelo contrário, não a devemos julgar verdadeira por ser enunciada dum modo inculto,

nem falsa por ser proposta em estilo elegante.

A sabedoria e a ignorância são como os alimentos úteis ou nocivos. Podem-nos ser apresentados com palavras polidas ou com rudeza de forma, como os bons e maus alimentos nos podem ser servidos em pratos finos ou grosseiros.

11. A avidez com que durante tanto tempo esperei Fausto deleitava-se enfim no ardor e sentimento com que ele discutia, nos termos apropriados e na facilidade com que lhe ocorriam as palavras para adornar a frase. Gostava pois de o ouvir. Louvava-o e engrandecia-o como muitos outros, e ainda mais do que eles. Tinha pena de não me ser permitido, naquela reunião de ouvintes, propor-lhe dificuldades e compartilhar com ele os cuidados dos meus problemas, conferindo familiarmente, escutando e respondendo às suas palavras.

Por isso, logo que se me ofereceu oportunidade, comecei com meus amigos a entrevistá-lo, numa ocasião em que não nos era indecoroso discutir. Expus-lhe algumas dúvidas das que me preocupavam. Notei que das artes liberais apenas sabia a gramática, e, ainda esta, de modo nada extraordinário. Porque ele tinha lido alguns discursos de Cícero, pouquíssimos tratados de Sêneca, alguns trechos de poetas e os poucos livros da seita elegantemente escritos em latim, e, além disso, porque se exercitava cotidianamente na oratória, tinha adquirido esta facilidade de falar, que o bom emprego do seu talento e certa graça natural tornavam mais agradável e sedutora.

Senhor e Deus meu, árbitro da minha consciência, não é, porventura, verdadeiro o que Vos relato? Eis o meu coração e a minha memória diante de Vós, que já então me trazíeis no segredo oculto da vossa Providência! Já então púnheis os meus pecados vergonhosos diante da minha face, para que os visse e detestasse!

## **7 - O desiludido.**

12. Logo que transpareceu com suficiente clareza a imperícia de Fausto nestas ciências em que o julgava eminente, comecei a

desesperar da sua capacidade para me esclarecer e desfazer as dificuldades que embaraçavam meu espírito. Poderia ele perfeitamente, com a ignorância daquelas questões, possuir a verdadeira piedade, contanto que não fosse maniqueísta.

Os livros desta seita, na verdade, estão recheados de intermináveis fábulas, acerca do céu, dos astros, do Sol e da Lua. Já não esperava que me pudesse explicar argutamente aquelas teorias, como eu ardentemente desejava, comparando-as com os cálculos astronômicos, que eu em outras partes lera, a ver se era preferível a solução que os livros maniqueístas davam ou se, pelo menos, apresentavam igual explicação. Quando lhe propus essas dificuldades para serem discutidas, desculpou-se modestamente, sem ousar tomar sobre si tal encargo. Reconhecera a sua ignorância no assunto e não se ruborizou de a confessar. Não pertencia à classe dos palradores que eu muitas vezes suportava e que, esforçando-se por me elucidar naqueles problemas, nada me diziam. Este homem tinha coração, e, se não era reto para Vós, era ao menos cauteloso para consigo mesmo.

Não era inteiramente imperito na sua imperícia, e, portanto, não quis ser enredado nestas disputas temerárias, donde não teria saída alguma nem retirada fácil. Por isso se tornou mais simpático aos meus olhos, porque a modéstia da alma que confessa sua incapacidade é mais bela que as coisas que eu desejava aprender. Com esta sua disposição de ânimo o encontrava em todas as questões mais difíceis e sutis.

13. Resfriado assim o ardor com que me aplicava às doutrinas dos maniqueístas, desesperei ainda mais dos seus restantes mestres, depois que este, tão célebre, se revelou incapaz de resolver os numerosos problemas que me embaraçavam. Comecei a tratar com ele por causa da paixão que o inflamava pela literatura, que eu, como retórico, já então ensinava aos jovens de Cartago. Lia com ele, ou aquilo que ele desejava ouvir ou o que eu julgava conveniente ao seu espírito. Quanto ao mais, todo o esforço que determinadamente me impusera a fim de progredir nesta seita ruiu por completo logo que conheci aquele homem, mas não de tal

forma que dos maniqueístas me separasse radicalmente. Com efeito, não encontrando outro caminho melhor que aquele por onde desesperadamente me lançara, resolvera contentar-me entretanto com ele, até que brilhasse outra via de preferível escolha.

Deste modo, aquele Fausto, que tinha sido para muitos outros um "laço mortal", começara involuntária e inconscientemente a afrouxar aquele com que eu fora capturado. As vossas mãos, meu Deus, ocultas nos segredos da vossa Providência, não abandonavam minha alma. Noite e dia, minha mãe Vos oferecia por mim, em sacrifício, o sangue do seu coração transformado em lágrimas. Vós procedestes comigo "de modo admirável". Fostes Vós, meu Deus, quem dispôs deste modo as coisas, pois o "Senhor é quem dirige os passos do homem e lhe inspira o seu caminho". Quem nos salvaria senão a vossa mão, restauradora da obra que fizestes?

## **8 - A caminho de Roma.**

14. Vós me impelistes a tomar a resolução de partir para Roma e de preferir lecionar aí o que ensinava em Cartago. Não deixarei de confessar o motivo desta minha determinação, pois que em tudo isso se devem reconhecer e celebrar os vossos profundíssimos segredos e a vossa misericórdia, sempre tão vizinha de nós.

Portanto, se resolvi dirigir-me a Roma, não foi porque meus amigos, que me aconselhavam essa viagem, me prometessem maiores lucros e maior dignidade, se bem que nesse tempo também estas razões moviam o meu espírito. O motivo principal e quase único assentava em eu ouvir dizer que os rapazes estudavam aí mais sossegadamente, refreados por mais regrada disciplina. Não invadiam desordenada e imprudentemente a escola de outro que não tinham como professor, nem eram admitidos sem sua licença. Em Cartago, pelo contrário, a liberdade dos estudantes é vergonhosa e destemperada. Precipitam-se cinicamente pelas escolas adentro e com atitude quase furiosa perturbam a ordem que o professor estabeleceu como necessária ao adiantamento dos alunos. Com uma insolência incrível, cometem mil impropérios que

deviam ser punidos, se o costume os não patrocinasse.

Isso, porém, apenas manifesta serem eles tanto mais infelizes quanto maior é a sem-cerimônia com que praticam, como lícito, aquilo que a vossa lei eterna nunca permitirá. Julgam que o fazem sem castigo, mas são punidos pela sua mesma cegueira, e sofrem males incomparavelmente maiores que os ocasionados aos outros. Portanto, esses costumes, de que eu não quis compartilhar quando estudante, era obrigado a suportá-los de outrem, quando professor. Por este motivo, desejava partir para uma cidade na qual, segundo me asseguravam os informadores, nada acontecia de semelhante.

Na realidade, porém, Vós, "minha esperança e minha herança na terra dos vivos", impelíeis-me a mudar de sítio para a salvação da minha alma. Estendíeis o agulhão a Cartago, para dali me arrancardes, e oferecíeis-me delícias em Roma, para me atraídes. Propúnheis-me estas seduições por meio dos homens que amam esta vida de morte, dos quais uns se entregavam a atos de loucura, outros me prometiam vaidades.

Usáveis ocultamente da sua e minha perversidade, para me corrigirdes os passos. Dum lado, aqueles que perturbavam o meu sossego estavam cegos por uma raiva vergonhosa; do outro, os que me convidavam a mudar de residência saboreavam a terra. Porém, eu, que em Cartago detestava uma miséria verdadeira, apetecia, em Roma, uma felicidade mentirosa.

15. Só Vós, meu Deus, conhecíeis os motivos por que abandonava Cartago para me dirigir a Roma. Não mos manifestáveis a mim nem a minha mãe, que chorou amargamente a minha partida e me seguiu até o mar. Como ela me agarrasse com violência para me fazer voltar ou para ir comigo, eu enganei-a, fingindo não querer separar-me dum amigo, até que, soprando o vento, ele pudesse navegar. Assim me escapei, mentindo a minha mãe, e que mãe! Mas Vós perdoastes-me misericordiosamente este pecado, e eu, todo cheio de execráveis imundícies, fui salvo por Vós das águas do mar até me conduzídes às águas da vossa graça. Estas, purificando-me, deviam secar os rios de lágrimas com que todos os dias, na vossa presença, os olhos de minha mãe, por minha causa,

regavam a terra.

Recusando ela voltar sem mim, foi com grande dificuldade que a persuadi a que permanecesse, durante essa noite, num lugar vizinho ao nosso navio, e consagrado à memória de São Cipriano.

Nessa mesma noite parti ocultamente, enquanto ela ficou orando e derramando lágrimas. Que Vos pedia ela, meu Deus, com tantos prantos, senão que me não permitísseis fazer a viagem? Mas Vós, por um desígnio mais profundo, ouvindo só o objeto principal dos seus desejos, não atendestes ao que ela então Vos pedia, para realizardes em mim a aspiração das suas contínuas preces.

Soprou o vento, enfunou as velas e logo escapou à nossa vista a praia, onde, de manhã cedo, minha mãe, louca de dor, enchia, com suas queixas e prantos, os vossos ouvidos, insensíveis àquelas lamentações. Arrebatáveis-me então com os meus apetites para lhes pordes termo, e castigáveis, com o justo flagelo da dor, as saudades demasiado sensíveis de minha mãe. Ela, segundo os costumes das mães, e mais ainda que muitas outras, desejava-me sempre junto de si, desconhecendo as grandes alegrias que Vós lhe iríeis causar com a minha ausência. Não o suspeitava, e desfazia-se em lágrimas e lamentações. Esses tormentos denunciavam nela a herança de Eva, pois gerava com lágrimas o que com lágrimas dera à luz.

Enfim, depois de incriminar a minha perfídia e crueldade, dedicou-se novamente a orar por mim, e entregou-se à vida habitual, enquanto eu me dirigia a Roma.

## **9 - O flagelo da doença.**

16. Eis que em Roma sou acolhido pelo flagelo da doença. Já ia descer ao inferno, levando comigo todas as faltas que tinha cometido contra Vós, contra mim e contra os outros. Eram elas numerosas e pesavam sobre a cadeia do pecado original, pelo qual todos morremos em Adão. Ainda me não tínheis perdoado pelos merecimentos de Cristo nenhuma dessas culpas, nem Ele tinha ainda apagado, com a sua cruz, as inimizades que eu, pelos meus

pecados, contraíra convosco. Como poderia Ele desfazê-las pela cruz, se eu julgava estar nela suspenso um fantasma sem realidade? Tão falsa, portanto, me parecia a morte da sua carne, quão verdadeira era a da minha alma; e tão verdadeira era a morte da sua carne quão falsa era a vida da minha alma, que disto se não persuadia.

Entretanto, agravando-se a febre, eu estava a ponto de partir e de perecer. Para onde iria, se então morresse, senão para o fogo e tormentos proporcionados às minhas culpas, segundo vossas retas disposições? Minha mãe não estava informada destes acontecimentos, e, apesar de ausente, orava por mim. Mas Vós, presente em toda parte, a ouvíeis onde ela estava. No sítio onde eu residia, compadeceíeis-Vos de mim, restituindo-me a saúde do corpo, ainda que o meu coração sacrilegamente perseverasse na loucura.

Nem sequer num perigo tão eminente desejava o vosso batismo. Quando criança era mais santo do que agora, porque então o solicitei da piedade de minha mãe, como já antes recordei e confessei. Crescera em anos para a minha desonra, e, na minha loucura, mofava dos remédios da vossa medicina, que, em tal estado, me não permitiu morrer duas vezes. Se o coração de minha mãe fosse golpeado por esta ferida, nunca mais sararia!

Não sou bastante eloquente para falar de quanto me apreciava, nem da sua solicitude, mais cuidadosa em me gerar espiritualmente do que em me conceber quanto ao corpo.

17. Por isso, não vejo como poderia fechar essa ferida se o punhal da minha morte trespassasse as entranhas do seu amor. Onde estariam essas orações, tão prolongadas, frequentes e nunca interrompidas? Em nenhuma parte, senão em Vós. Seria possível que Vós, o Deus das misericórdias, desprezásseis "o coração contrito e humilhado" de uma viúva casta e sóbria, esmoler, obediente e obsequiadora dos vossos santos, que não deixava passar dia algum sem levar a sua oferenda ao vosso altar?

Duas vezes ao dia, de manhã e à tarde, sem exceção, se dirigia à

vossa igreja, não para gastar o tempo em vãs conversações e tagarelices de velhas, mas sim para escutar vossas palavras e ser por Vós ouvida em suas preces. E poderíeis Vós desdenhar das lágrimas com que ela Vos pedia, não o ouro e a prata ou qualquer outro bem desprezível e frágil, mas a salvação da alma do seu filho? Poderíeis Vós desprezar e desamparar do vosso auxílio aquela a quem transformastes com vossos dons? De modo algum, Senhor.

Pelo contrário, assistíeis, escutáveis suas petições e procedíeis segundo a ordem com que preordenáveis os acontecimentos.

Longe de mim a ideia de suspeitar de que a enganáveis naquelas visões e respostas, das quais já recordei umas e omiti outras. Guardava-as fielmente no seu coração e, sempre orando, Vo-las apresentava como títulos dos vossos compromissos. Já que a "vossa misericórdia não tem fim", condescendeis em tornar-Vos, por vossas promessas, devedor daqueles a quem perdoastes todas as dívidas.

## **10 - Erros maniqueístas de Agostinho.**

18. Restabeleceste-me daquela doença e salvastes, então, pelo que respeita ao corpo, o filho da vossa serva, para terdes oportunidade de lhe conceder uma saúde melhor e mais firme.

Em Roma, também me juntava com aqueles "santos", fingidos e embusteiros. Não convivia somente com os "discípulos" — em cujo número se contava o dono da casa onde eu adoecera e tivera a convalescença —, mas, sobretudo, mantinha relações com os que eles chamavam "eleitos". Ainda então me parecia que não éramos nós que pecávamos, mas não sei que outra natureza, estabelecida em nós. A minha soberba deleitava-se com não ter as responsabilidades da culpa. Quando procedia mal, não confessava a minha culpabilidade, para que me pudésseis curar a alma, já que Vos tinha ofendido, mas gostava de a desculpar e de acusar uma outra coisa que estava comigo e que não era eu. Na verdade, tudo aquilo era eu, se bem que a impiedade me tinha dividido contra mim



mesmo! Era este pecado tanto mais difícil de cura quanto eu menos pecador me julgava.

E que execranda iniquidade, ó Deus Todo-Poderoso, preferir que fôsseis derrotado em mim para minha ruína, a ser vencido por Vós para minha salvação. Ainda nessa época não tínheis posto "uma guarda à minha boca e uma porta de resguardo ao redor de meus lábios", a fim de meu coração "se não inclinar às palavras perversas e excogitar desculpas dos pecados como fazem os homens prevaricadores". Por isso mantinha ainda amizade com os seus "eleitos". Mas, já desesperado de poder alcançar a verdade por meio desta falsa doutrina, resolvera ir-me contentando com ela, caso não encontrasse outra melhor. No entanto, conservava-a com frouxidão e negligência.

19. Ocorreu-me ao pensamento ter havido uns filósofos chamados Acadêmicos, mais prudentes do que os outros porque julgavam que de tudo se havia de duvidar, e sustentavam que nada de verdadeiro podia ser compreendido pelo homem. Ao meu espírito, que ainda não entendia tal doutrina, parecia que tinham raciocinado com esperteza, como vulgarmente se julgava. Não dissimulei em impugnar ao meu hospedeiro a sua demasiada credence acerca das narrações fabulosas de que estavam cheios os livros de Manes. Convivia com estes homens em mais estreita amizade do que com aqueles que não estavam infeccionados da heresia. Quanto a esta, já a não defendia com o entusiasmo de outrora. Mas as relações amigáveis com maniqueístas — pois grande número deles se ocultava em Roma — tornavam-me bastante negligente em inquirir outra coisa.

Principalmente, "ó Deus do Céu e da terra", Criador de todas as coisas visíveis e invisíveis, desesperava de poder encontrar na vossa Igreja a verdade, de que me tinham apartado. Parecia-me muito vergonhoso acreditar que tínheis uma figura de carne humana e que éreis contornado pelos traços corporais dos nossos membros. Porém o principal e quase único motivo do meu erro inevitável era, quando desejava pensar no meu Deus, não poder formar uma ideia dele, se não lhe atribísse um corpo, visto

parecer-me impossível que houvesse alguma coisa que não fosse material.

20. Daqui deduzia eu a existência duma certa substância do mal que tinha a sua massa feia e disforme — ou fosse grosseira como a que chamam terra ou tênue e sutil como o ar —, a qual eu julgava ser o espírito maligno investindo a terra. E porque a minha piedade, como quer que ela fosse, me obrigava a crer que a bondade de Deus não criou nenhuma natureza má, estabelecia eu duas substâncias opostas a si mesmas, ambas infinitas: a do mal, mais diminuta, e a do bem, mais extensa. Deste princípio pestilencial provinham as restantes blasfêmias.

Com efeito, quando o meu espírito se esforçava por voltar à fé católica, sentia-se repellido, porque a opinião que formava da fé católica não era exata. Parecia-me mais piedoso — ó meu Deus, a quem confessam por mim vossas misericórdias —, parecia-me mais piedoso crer-Vos infinito, e limitado apenas sob este aspecto pela substância do mal, do que julgar-Vos limitado de todos os lados segundo a forma do corpo humano. Parecia-me mais justo crer que não tivésseis criado nenhum mal do que acreditar que proviesse de Vós a sua natureza tal qual eu a imaginava. Com efeito, o mal aparecia à minha ignorância não só como substância mas como substância corpórea, já que a minha mente não podia formular a ideia senão dum corpo sutil, difundido pelo espaço.

Também supunha que o nosso Salvador e vosso Unigênito, enviado para nos salvar, proviesse dessa luzidia substância do vosso corpo. Deste modo, em nada acreditava, referente a Ele, a não ser no que a minha louca imaginação sugeria. Julgava que tal natureza não podia nascer de Maria Virgem sem se ajuntar com a carne.

Supunha então que se manchava, porque não via a possibilidade de ela se ajuntar sem se corromper. Tinha receio, por isso, de que Ele tivesse nascido da carne, para não ser obrigado a crê-lo por ela maculado. Agora talvez os vossos fiéis se riam suave e benevolmente de mim, se lerem estas Confissões. Contudo, era este o meu estado.

## **11 - Evasiva dos maniqueístas.**

21. Além disso, não estava persuadido de que se pudesse defender o que na vossa Escritura os maniqueístas atacavam. Mas, uma vez por outra, desejava conferir cada um destes pontos com algum varão muito douto nos seus livros, para lhe tatear a opinião.

Já me tinham começado a mover, em Cartago, os discursos dum certo Elpídio, que falava na presença dos maniqueístas e disputava contra eles, propondo passagens da Sagrada Escritura a que eu não podia facilmente resistir. A resposta deles parecia-me fraca. Mesmo assim, não a expunham em público, mas em segredo, afirmando que a Sagrada Escritura tinha sido falsificada no Novo Testamento por certas pessoas que quiseram inserir a lei dos judeus na fé cristã. E, contudo, eles não alegavam nenhuns exemplares que não fossem apócrifos! Eu, de certo modo cativo e sufocado por imagens materiais, sentia-me comprimido por aquelas "substâncias", sob as quais, arquejante, de maneira nenhuma podia respirar o ar límpido e simples da vossa verdade.

## **12 - Fraude dos discípulos.**

22. Em Roma, comecei diligentemente a ocupar-me com a tarefa para que tinha vindo, isto é, com o ensino da retórica.

Primeiramente juntei em casa alguns discípulos, com os quais, e por seu intermediário, principiei a ser conhecido. Mas eis que sou informado de que em Roma estavam em praxe alguns procedimentos que eu não tolerava na África. Na verdade, não me chegara aos ouvidos que ali, em Roma, se dessem aquelas invasões às aulas, por adolescentes corrompidos.

Mas logo me afirmaram que os alunos conspiram e passam em grande número dum professor para outro, a fim de não pagarem os mestres, faltando deste modo aos compromissos e menosprezando a justiça por amor ao dinheiro. A estes odiava-os meu coração, ainda que não fosse com verdadeiro rancor. Antipatizava talvez mais com o que deles tinha sofrido do que com as suas ações ilícitas.

Não há dúvida de que são infames e se maculam longe de Vós amando os efêmeros passatempos e a recompensa de lodo que suja as mãos quando se apanha, abraçando o mundo que lhes foge e desprezando-Vos, a Vós, que permaneceis eternamente, a Vós, que chamais de novo, a Vós, que ofereceis o perdão à alma humana adúltera quando esta, como pródiga, se volta para Vós.

Agora detesto, como malvados e disformes, esses jovens, ainda que os ame para se emendarem, para preferirem ao dinheiro aquela mesma ciência que aprendem e para Vos apreciarem mais a Vós, Deus meu, não só Verdade e abundância duma felicidade certa, mas também Paz casta. Mas eu, nesse tempo, não queria suportá-los na sua maldade, mais por interesse próprio do que por desejo, em Vós motivado, de que eles se fizessem bons.

## **13 - Em Milão. Encontro com Santo Ambrósio.**

23. Portanto, depois que dirigiram de Milão um pedido ao prefeito de Roma para que aquela cidade fosse provida dum professor de retórica, a quem se concederia a licença de viajar na diligência do Estado, eu próprio solicitei esse emprego por intermédio destes mesmos amigos, embriagados pelas vaidades dos maniqueístas. Era para me separar, mas tanto eles como eu o ignorávamos. Propôs-me Símaco, então prefeito, um tema para discursar, e, sendo eu aprovado, me enviou.

Chegando a Milão, fui visitar o Bispo Ambrósio, conhecido pelas suas qualidades em toda a terra e vosso piedoso servidor, cuja eloquência zelosamente servia ao vosso povo "a fina flor do vosso trigo, a alegria do azeite de oliveira e a sóbria embriaguez do vinho". Vós me leváveis a Ambrósio, sem eu o saber, para ser por ele conscientemente levado a Vós.

Este homem de Deus recebeu-me paternalmente e apreciou a minha vida bastante episcopalmente. Comecei a amá-lo, ao princípio não como mestre da Verdade — pois jamais esperava encontrá-la na vossa Igreja —, mas como um homem benigno para mim.

Ardorosamente o ouvia quando pregava ao povo, não com o espírito que convinha, mas como que a sondar a sua eloquência para ver se correspondia à fama, ou se realmente se exagerava ou diminuía a sua reputação oratória. Estava suspenso das suas palavras, extasiado, porém indiferente e até mofando do que ele dizia. Deleitava-me com a suavidade do discurso, bem mais erudito do que o de Fausto, porém menos humorístico e sedutor na apresentação. Pelo que se refere ao assunto, não se podem comparar, pois um vagabundeava pelos enganos dos maniqueístas, e o outro ensinava com a máxima segurança a salvação.

Mas "dos pecadores", tal qual eu era nesse tempo, "está longe a salvação". Todavia, insensivelmente e sem o saber, me ia aproximando dela.

## **14 - O catecúmeno.**

24. Não me esforçava por aprender o que o bispo dizia, mas só reparava no modo como ele falava. Este gosto frívolo da eloquência permanecera em mim, perdidas já todas as esperanças de que se patenteasse ao homem o caminho para Vós. Contudo, junto com as palavras que me deleitavam, iam-se também infiltrando no meu espírito os ensinamentos que desprezava.

Já os não podia discernir uns dos outros. Enquanto abria o coração para receber as palavras eloquentes, entravam também de mistura, pouco a pouco, as verdades que ele pregava. Logo comecei a notar que estas se podiam defender.

Já não julgava temerárias as afirmações da fé católica, que eu supunha nada poder retorquir contra os ataques dos maniqueus. Isto consegui-o eu por ouvir muitíssimas vezes a interpretação de textos enigmáticos do Velho Testamento, que, tomados no sentido literal, me davam a morte. Expostos assim, segundo o sentido alegórico, muitíssimos dos textos daqueles livros, já repreendia o meu desespero, que me levava a crer na impossibilidade de resistir àqueles que aborreciam e troçavam da lei e dos profetas.

Não obstante, não me julgava obrigado a seguir logo o caminho da

fé católica, só pelo fato de ela também poder contar com doutos defensores, que refutavam as objeções dos seus adversários com eloquência e lógica. Igualmente, não me parecia condenável o partido que eu abraçara, pois eram iguais as armas de defesa. Deste modo a fé católica não me parecia vencida, mas também ainda se me não afigurava vencedora.

25. Apliquei então as forças do espírito, para ver se dalgum modo podia com argumentos decisivos convencer os maniqueístas da falsidade. Se a minha inteligência pudesse conceber uma substância espiritual, imediatamente se apagariam e seriam arrancadas da minha alma todas aquelas invenções. Mas não podia. Contudo, quanto mais meditava, refletindo e comparando as teorias acerca do mundo material e de toda a natureza acessível aos sentidos do corpo, mais e mais me capacitava de que a maioria dos filósofos tiveram opiniões muito mais prováveis.

Assim, duvidando de tudo, à maneira dos Acadêmicos — como os julga a opinião mais seguida —, e flutuando entre todas as doutrinas, determinei abandonar os maniqueístas, parecendo-me que não devia, nesta crise de dúvida, permanecer naquela seita à qual já antepunha alguns filósofos. Porém recusava-me terminantemente a confiar a cura da enfermidade de minha alma a esses filósofos que desconheciam o nome salutar de Cristo.

Por isso, resolvi fazer-me catecúmeno na Igreja católica, à qual meus pais me tinham inclinado, até vir alguma certeza a elucidar-me no caminho a seguir.

# **LIVRO VI - ENTRE AMIGOS**

**I — Aproximação do catolicismo (1-6).**

**II — Com os amigos: Alípio e Nebrício (7-10).**

**III — Miragens terrenas (11-16).**

## **1 - Amor de mãe.**

1. "Ó esperança minha desde a mocidade", onde estáveis, e para onde Vos apartastes? Não fostes Vós quem me criou, quem me distinguiu dos animais da terra e me fez mais sábio do que as aves do céu? E, contudo, caminhava por trevas e resvaladouros e procurava-Vos fora de mim, sem descobrir o Deus do meu coração. Tinha chegado à profundidade do mar. Desconfiava e desesperava de encontrar a verdade.

Minha mãe, forte na piedade, já tinha vindo ao meu encontro, seguindo-me por terra e por mar, com a segurança posta em Vós, no meio de todos os perigos. Era ela que, nos riscos dos mares, incutia coragem aos próprios marinheiros que costumam animar os inexperientes navegadores do abismo, quando se perturbam: prometia-lhes a chegada a salvamento, porque Vós, em visão, lho havíeis prometido.

Encontrou-me em grave perigo, na desesperação de buscar a verdade; mas, enfim, descobrindo-lhe que já não era maniqueísta, e que também ainda não era católico, não saltou de alegria, como quem ouve qualquer nova imprevista, apesar de já estar sossegada por eu abandonar parte da minha miséria, que a fazia chorar por mim como por um morto, que havíeis de ressuscitar. Minha mãe oferecia-me a Vós, no esquife do pensamento, para que dissésseis a este filho de viúva: "jovem, eu te digo, levanta-te", e para que ele revivesse, começasse a falar e o entregásseis à mãe!

Não foi, portanto, com imoderado júbilo que seu coração estremeceu, ao ouvir que em grande parte me tinha convertido, graça que ela todos os dias Vos pedia com lágrimas. Ainda não havia alcançado a verdade, mas já me tinha arrancado do erro. Tendo a certeza de que Vós, que lhe prometestes a graça total, me daríeis o que faltava, respondeu-me com grande calma e com o coração cheio de confianças que esperava em Cristo que, antes de partir desta vida, me havia de ver fiel católico. Foi isso o que me disse. Mas, diante de Vós, ó fonte de misericórdias, aumentava cada vez mais as súplicas e lágrimas, para que apressásseis o vosso auxílio e iluminásseis as minhas trevas. Por isso corria com mais diligência à igreja, ficando suspensa dos lábios de Ambrósio como "duma fonte de água que jorra para a vida eterna". Ela amava este homem como um anjo de Deus, porque sabia que fora ele quem me tinha levado a flutuar nesta dúvida. Antevia, com absoluta certeza, que eu ia passar da doença para a saúde, depois de sofrer de permeio um perigo mais grave, o dessa dúvida, que era o paroxismo da enfermidade, que os médicos chamam estado crítico.

## **2 - A obediência de Mônica.**

2. Assim, trazendo papas, pão e vinho puro, como em África costumava fazer, levando-os para junto das sepulturas dos santos, foi impedida pelo ostiário.

Apenas soube que o bispo tinha proibido tal costume, tão piedosa e submissamente se conformou, que me admirei de que ela começasse antes a reprovar o seu hábito e não a discutir semelhante proibição. É que o seu espírito não estava perturbado pela embriaguez, nem o amor do vinho a incitava ao ódio da verdade, como a muitos homens e mulheres que, ante um cântico de sobriedade, experimentam a mesma náusea que os ébrios diante duma bebida aguada. Mas trazendo o cabaz com as iguarias usuais para comer e distribuir, não bebia mais que um pequeno copo de vinho, temperado segundo o seu paladar bastante sóbrio, para em nada desdizer da sua dignidade. E, se havia muitas



sepulturas de mortos a honrar daquele modo, levava sempre o mesmo copo, usando-o em toda parte, de tal maneira que não só já estava muito aguado, mas até bastante quente, e distribuindo-o em pequenos tragos por todos os seus que se achavam presentes, porque buscava a piedade e não o prazer.

Todavia, apenas soube que aquele ilustre pregador e bispo tão amante da piedade proibira semelhante prática, ainda aos que a faziam com sobriedade, para que não se oferecesse ocasião aos ébrios de se embriagarem e porque tais espécies de "parentais" eram muito semelhantes à superstição dos pagãos, de muito boa vontade se absteve dela.

Em vez de um cabaz cheio de frutos terrestres, aprendeu a levar aos túmulos dos mártires um coração cheio de puríssimos desejos. Dava aos necessitados tudo o que podia. Assim, celebrava ali a comunhão com o Corpo do Senhor, pois, à imitação da sua Paixão, foram imolados e coroados os mártires.

Mas parece-me, Senhor Deus meu — e assim o vê o meu coração na vossa presença —, que talvez minha mãe não teria cedido ao corte desse costume se outro, a quem não respeitasse como a Ambrósio, lho proibisse. De fato, ela tinha-lhe muito amor por me ter salvado. E Ambrósio estimava-a pela solicitude tão religiosa com que praticava fervorosamente as boas obras e frequentava a igreja. Por isso, muitas vezes, ao ver-me, irrompia em louvores, felicitando-me por ter tal mãe.

Não imaginava ele o filho que ela tinha em mim: — um homem que duvidava de tudo aquilo e julgava impossível encontrar o caminho da vida!

### **3 - O trabalho de Ambrósio.**

3. Eu ainda não gemia por Vós, ao rezar, para que me acudísseis, mas o meu espírito estava inclinado a procurar-Vos, e inquieto por discutir.

Ao ver o próprio Ambrósio honrado com tantos poderes, tinha-o na

conta de homem feliz, segundo o mundo. Só me parecia dura a sua vida de celibato. Não aprendera a julgar, nem experimentara ainda a esperança que o animava, nas lutas travadas contra as tentações do seu alto cargo. Não tinha eu experiência da consolação nas adversidades e do paladar íntimo do coração com que ele saborosamente ruminava o pão dos vossos gozos.

Por seu turno, também ele não conhecia as minhas agitações nem a cova onde eu perigava cair, pois não lhe podia perguntar, como desejava, o que queria. As multidões dos homens de negócios, a quem ele acudia nas dificuldades, impediam-me de o ouvir e de lhe falar.

No pouquíssimo tempo em que não estava com eles, refazia o corpo com o alimento necessário, ou o espírito com a leitura.

Mas, quando lia, os olhos divagavam pelas páginas e o coração penetrava-lhes o sentido, enquanto a voz e a língua descansavam. Nas muitas vezes em que me achei presente — porque a ninguém era proibida a entrada, nem havia o costume de lhe anunciarem quem vinha —, sempre o via ler em silêncio e nunca doutro modo.

Assentava-me e permanecia em longo silêncio — quem é que ousaria interrompê-lo no seu trabalho tão aplicado? —, afastando-me finalmente. Imaginava que, nesse curto espaço de tempo, em que, livre do bulício dos cuidados alheios, se entregava a aliviar a sua inteligência, não se queria ocupar de mais nada. Lia em silêncio, para se precaver, talvez, contra a eventualidade de lhe ser necessário explicar a qualquer discípulo, suspenso e atento, alguma passagem que se oferecesse mais obscura no livro que lia. Vinha assim a gastar mais tempo neste trabalho e a ler menos tratados do que desejaria. Ainda que a razão mais provável de ler em silêncio poderia ser para conservar a voz, que facilmente lhe enrouquecia. Mas, fosse qual fosse a intenção com que o fazia, só podia ser boa, como feita por tal homem.

4. O certo é que nenhum ensejo se me oferecia de indagar o que desejava saber de tão santo oráculo vosso, qual era o seu peito, senão quando lhe ouvia algumas breves palavras. Mas aquelas

minhas ânsias devorantes precisavam de encontrá-lo muito desocupado, para com ele se abrirem largamente. Jamais assim o achavam. É certo que todos os domingos o ouvia "expor fielmente ao povo a palavra da verdade", convencendo-me cada vez mais de que se podiam desatar todos os nós das calúnias sagazes que teciam contra os livros divinos aqueles que me enganavam.

Logo soube também que esta verdade: "o homem foi criado por Vós à vossa imagem", não era interpretada pelos vossos filhos espirituais — que pela graça regenerastes na Santa Mãe Igreja — de modo a acreditarem e Vos julgarem encerrado na forma de corpo humano. Eu, que nem sequer levemente ou por enigma suspeitava do que era substância espiritual, contudo, alegrei-me e envergonhei-me de ter ladrado, durante tantos anos, não contra a fé católica, mas contra ficções tecidas de pensamentos corruptos.

Tinha sido temerário e ímpio, precisamente por haver caluniado e falado de verdades que deveria ter procurado conhecer. Vós, porém, que viveis tão alto e tão perto de nós, tão escondido e tão presente, que não possuís uns membros maiores e outros menores, mas estais todo em toda parte, não sois espaço nem sois certamente esta forma corpórea. Vós criastes o homem à vossa imagem, e contudo ele, desde a cabeça aos pés, está contido no espaço!

## **4 - A letra e o espírito.**

5. Se não compreendia, portanto, como é que o homem poderia ser imagem vossa, a minha obrigação era bater à porta e perguntar-Vos como se deveria crer, e não responder com insultos, como se tal crença fosse como eu supunha.

O desejo de saber o que havia de aceitar como verdadeiro roia tanto mais fortemente o meu interior quanto mais me envergonhava de ter sido iludido e enganado durante tanto tempo com a promessa da certeza, e de ter, com erro e entusiasmo pueril, pairado tanto de inúmeras coisas incertas, como se fossem verdadeiras. Depois vi a razão por que eram falsas. O certo é que, sendo elas assim,

considerarei-as outrora como irrefutáveis, quando em cegos debates acusava a vossa Igreja Católica. Embora não estivesse ainda convencido de que ela ensinasse a verdade, sabia, contudo, ao certo que não ensinava aquilo de que a acusava.

Assim me convertia, ó meu Deus, confundindo-me e alegrando-me por a única Igreja verdadeira — corpo do vosso Filho único, onde, em criancinha, me ensinaram o nome de Cristo — não gostar de bagatelas infantis. Rejubilava por não existir entre a sua doutrina tão sã o erro de Vos circunscrever, ó Criador de tudo, sob a figura dos membros humanos, a um espaço, que, apesar de sumo e amplo, seria, contudo, limitado.

6. Alegrava-me também de ver que já me não propunham a leitura dos antigos escritos da Lei e dos Profetas, com a mesma panorâmica em que, tempos antes, me pareciam absurdas tais doutrinas, quando arguia os vossos santos, na suposição de que os interpretavam como eu julgava, quando na verdade os não interpretavam assim. Cheio de gozo, ouvia muitas vezes a Ambrósio dizer nos sermões ao povo, como que a recomendar, diligentemente, esta verdade: "A letra mata e o espírito vivifica".

Removido assim o místico véu, desvendou-me espiritualmente passagens que, à letra, pareciam ensinar o erro. Ele nada dizia que me desagradasse, embora tivesse afirmações que eu ainda então ignorava se eram ou não verdadeiras.

Abstinha o meu coração de qualquer afirmativa, com medo de cair no precipício.

Mas esta suspensão matava-me ainda mais, porque desejava estar tão certo do que não via, como de sete mais três serem dez. Não era eu tão louco que imaginasse poder alcançar esta evidência. Mas, como isso, desejava entender todas as demais coisas: as corpóreas que não tinha presente aos sentidos, e as espirituais, que só por meio de formas corpóreas poderia conceber.

Se acreditasse, poderia ter obtido a cura. Assim o olhar, já mais purificado, da minha inteligência, dirigir-se-ia, de algum modo, para a vossa verdade sempre constante e indefectível.

Costuma suceder ao doente que consultou um médico desprestigiado ter depois receio dum médico bom. Assim acontecia à saúde da minha alma, que não podia curar-se, senão crendo. Porque temia crer o que era falso, recusava deixar-se curar, resistindo às vossas mãos, ó Divino Médico, que fabricastes o remédio da fé e o derramastes em todas as enfermidades do mundo, dando-lhe, a ela, tão grande autoridade!

## **5 - O valor da Bíblia.**

7. Entretanto, preferindo a doutrina católica, já sentia, então, que era mais razoável e menos enganoso sermos obrigados a crer o que não demonstrava, quer houvesse prova, mesmo que esta não fosse para o alcance de qualquer pessoa, quer a não houvesse. Seria isso mais sensato do que zombarem da crença os maniqueístas, apoiados em temerária promessa de ciência, para depois nos mandarem acreditar em inúmeras fábulas tão absurdas que as não podiam provar.

Em seguida, ó Senhor, tocastes e dispusestes, a pouco e pouco, a minha alma, ao considerar os muitos fatos em que acreditava sem os ver nem presenciar na sua realização.

Tais eram os inúmeros acontecimentos da história dos povos, a infinidade de notícias de lugares e cidades que não visitara, muitos conhecimentos recebidos dos amigos, dos médicos, de tantos e tantos homens, e de outras muitas coisas em que temos de crer, sob pena de nada podermos realizar nesta vida.

Enfim, com que fé inflexível acreditava serem meus os pais de que nasci! E podê-lo-ia saber, se não acreditasse no que ouvia? Então, ao considerar tudo isso, convencestes-me de que não eram dignos de censura os que acreditavam nos vossos Livros, reconhecidos com tanta autoridade em quase todos os povos. Censuráveis eram os que não criam. Por isso não lhes devia dar ouvidos, se por acaso me dissessem: "Como sabes que tais livros foram entregues ao gênero humano pelo Espírito do único Deus verdadeiro e infalível?" Ora, era isso precisamente o que havia de crer, porque nenhum

ataque das inumeráveis controvérsias e calúnias que lera em filósofos entre si desavindos me pôde arrancar a fé. Por isso nunca deixei de acreditar na vossa existência, apesar de ignorar o que éreis e desconhecer que o governo das coisas humanas Vos pertence.

8. Acreditava nisto, é verdade; mas umas vezes com mais firmeza, outras com mais frouxidão. Porém, sempre acreditei que existíeis e cuidáveis de nós, não obstante ignorar o que devia pensar da vossa substância, ou que caminho nos levaria ou reconduziria a Vós.

E assim, apesar de estarmos doentes para alcançar a verdade com a transparência da razão e por isso nos ser necessária a autoridade dos Livros Santos, já principiara, contudo, a crer que de modo nenhum concederíeis autoridade tão prestigiada à Escritura em toda a terra, se por meio dela não quisésseis que acreditassem em Vós e Vos procurassem.

Portanto, já atribuía à elevação dos mistérios as obscuridades que na Sagrada Escritura me costumavam impressionar, conquanto tivesse ouvido muitas explicações verossímeis a esse respeito. A veracidade bíblica parecia-me tanto mais venerável e digna de fé sacrossanta quanto era claro que, possuindo a Escritura a qualidade de ser facilmente lida por todos os homens, reservava a dignidade dos seus mistérios para uma percepção mais profunda. Com palavras claríssimas e em estilo simplicíssimo, dá-se a todos e estimula a vontade dos que não são levianos de coração, para a todos receber no seu seio comum e (só) transportar, pela porta estreita, poucas almas para Vós. Estas, porém, são muitas mais do que as que levaria, se ela não brilhasse no elevado píncaro da autoridade e não atraísse as multidões ao regaço da santa humildade.

Pensava nisto e assistíeis-me; suspirava e ouvíeis-me; flutuava e governáveis-me; seguia pela estrada larga do mundo e não me desamparáveis.

## **6 - Miséria da ambição! — O encontro do**

## **mendigo.**

9. Eu a aspirar às honras, às riquezas, ao casamento, e Vós a rirdes-Vos de mim!

Sofria nestas ambições dificuldades bem amargas. Vós éreis-me tanto mais propício quanto menos consentíeis que me fosse agradável tudo o que não éreis Vós.

Vede o meu coração, ó Vós, Senhor, que quisestes que recordasse estas verdades e Vo-las confessasse. Agora anda unida a Vós esta alma que arrancastes do visco tenaz da morte.

Como era miserável! Picáveis a parte mais sensível da ferida, para que, deixando tudo, voltasse para Vós, que estais acima de todas as coisas. Sem Vós nada existiria.

Pungíeis a ferida para que eu me convertesse e ela curasse. Como era miserável e como procedestes para que sentisse a minha desgraça, naquele dia em que me preparava para declamar louvores ao imperador! Neles mentiria muito, e os que o sabiam apoiavam o mentiroso!

O meu coração agitava-se com estes cuidados e ardia na febre de pensamentos corrompidos, quando, ao passar por um bairro de Milão, reparei num pobre mendigo, já ébrio, julgo eu, mas humorístico e alegre. Gemi e falei, aos amigos que me acompanhavam, das muitas angústias provenientes das nossas loucuras. Com todos os esforços — quais eram os que então me preocupavam, carregado, sob o agulhão das paixões, com o peso da minha desgraça, que aumentava ao arrastá-lo —, só queríamos chegar à alegria segura, aonde já tinha chegado, primeiro que nós, aquele mendigo, e aonde nunca, talvez, chegaríamos. Dirigia-me para aquilo mesmo que eleja alcançara com poucas moedas pedidas de esmola, isto é, para a alegria da felicidade temporal, dando voltas e rodeios trabalhosos.

Não possuía o ébrio, é certo, a alegria verdadeira. Mas, com tais ambições, eu buscava-a muito mais falsamente. Ele, com certeza, andava alegre, e eu preocupado; ele vivia seguro, e eu cheio de

inquietações. Se alguém me perguntasse se preferia andar alegre ou perturbado, responderia: "andar alegre". Se, porém, de novo me interrogasse se antes queria ser como o ébrio ou como eu era, escolheria viver acabrunhado por cuidados e temores. Mas faria isso por maldade, ou, talvez, com razão? É claro que me não devia antepor a ele por ser mais culto, pois da ciência não tirava alegria, antes pelo contrário, procurava com ela simplesmente agradar aos homens, não para os instruir, mas só para lhes ser agradável. Era por isso que "quebráveis os meus ossos" com a vara da vossa justiça.

10. Afastem-se, pois, da minha alma os que lhe bradam: "O que importa é que haja motivo para alegria". Aquele mendigo folgava na embriaguez, tu ambicionavas a alegria na glória. E em que glória, Senhor?

Naquela que não está em Vós. Porque aquela alegria não era verdadeira, assim como o não era a glória, esta ia agitando cada vez mais o meu espírito. O ébrio curaria ainda naquela noite a sua embriaguez, e eu já me deitara e erguera com a minha e com ela me havia de deitar e erguer. E reparai, Senhor, por quantos dias!

Importa saber a razão por que cada um se alegra. Conheço e vejo que a alegria da esperança fiel dista infinitamente daquela vaidade! Também entre o ébrio e mim havia grande diferença. Sem dúvida, ele era mais feliz, não só porque transbordava de hilaridade — porém eu era devorado por ansiedades — mas porque ele adquirira o vinho desejando prosperidade aos seus benfeitores, enquanto eu procurava a ostentação com a mentira.

Disse, então, muita coisa neste sentido aos amigos, e muitas vezes, em casos semelhantes, examinava como me corria a vida.

Encontrava-me infeliz, afligia-me, multiplicava a mesma dor. Se me sorria alguma ventura, sentia náuseas em apanhá-la, porque ela voava no mesmo instante em que ia agarrá-la.

## **7 - A amizade de Alípio.**

11. Os que convivíamos em boa amizade, lamentávamo-nos no



meio destas reflexões. Falava mais intimamente destes assuntos sobretudo com Alípio e Nebrídio. Alípio nascera no mesmo município que eu. Seus pais eram da gente principal da cidade e ele era mais novo do que eu. Fora meu aluno quando comecei a ensinar na nossa terra e depois em Cartago. Estimava-me muito por lhe parecer bom e sábio, e eu apreciava-o pela índole inclinada à virtude, que já brilhava em tenra idade. Porém, o abismo dos costumes cartagineses, onde fervem os espetáculos frívolos, engolfara-o na loucura dos jogos circenses.

Quando se revolia desgraçadamente nesse abismo, sendo eu ali professor de retórica numa escola pública, ainda me não ouvia, como mestre, por causa duma desavença que se levantara entre mim e o pai. Descobrimo que amava o circo funestamente, angustiava-me dolorosamente, por me parecer que ia a perder, ou já perdera, tão bela esperança. Mas eu não tinha nenhum poder conferido pela estima da amizade, ou, ao menos, pelo direito de mestre, para o repreender e fazer recuar, dando-lhe qualquer castigo. Julgava que compartilharia da mesma ideia do pai a meu respeito. Mas não. Pondo de parte, neste assunto, a vontade paterna, começou a cumprimentar-me, vinha às minhas aulas, ouvia alguma coisa e partia.

12. Mas já me fugia da memória tratar com ele, para se não perder um talento tão precioso, na paixão cega e impetuosa de jogos fúteis. Vós, porém, ó Senhor, que presidis ao governo de tudo o que criastes, não Vos esquecesteis do que havia de ser, entre os vossos filhos, ministro dos sacramentos. Para que Vos fosse atribuída abertamente a sua emenda, Vós a realizastes por meu intermédio, mas sem eu saber.

Um dia, estando eu sentado no lugar do costume, com os alunos diante de mim, chegou, saudou-me, sentou-se, e prestou atenção ao assunto de que se tratava. Tinha em minhas mãos, por acaso, o texto da lição. Ora, ao explicá-lo, para compreenderem com mais agrado e clareza o que expunha, pareceu-me oportuno juntar à comparação dos jogos do circo uma crítica mordaz aos que eram escravizados por tal loucura. Mas Vós sabeis, ó meu Deus, que eu

não pensava, então, em curar a Alípio daquela peste. Todavia caiu em si, e pensou que tenha dito aquilo por sua causa. O que outro tomaria como motivo para me censurar, tomou-o ele como causa para se censurar a si mesmo e para me estimar com mais ardor.

Já, outrora, disséreis e escrevéreis em vossos Livros: "Repreende o sábio, e amarte-á". Eu não o repreenderia: mas Vós servis-Vos de todos, umas vezes sabendo-o ele, outras não, segundo a ordem justa que conheceis. Fizestes do meu coração e da minha língua carvões ardentes com que queimaríeis e curaríeis esse espírito corrupto, mas de tão prometedora esperança. Cale os vossos louvores quem não atenta na vossa misericórdia, por mim confessada desde a medula do meu ser.

O caso é que, após estas palavras, escapou-se dum fosso tão profundo, onde gostosamente se ia enterrando e cegando com a ânsia de gozo, e remoçou a alma com a temperança corajosa, retirando-se de todas as baixezas do circo, aonde nunca mais voltou.

Convenceu depois o pai relutante a que me contratasse como mestre. Aquele, cedendo, fez-lhe a vontade. Começando de novo Alípio a ouvir-me, foi comigo envolvido pela superstição, amando nos maniqueístas a ostentação de continência que julgava verdadeira e sincera. Esta era, porém, malvada e sedutora, cativando as preciosas almas, ainda não experimentadas na estimativa da sublimidade do Bem, e facilmente enganadas pela aparência duma virtude, afinal, fingida e falsa.

## **8 - Quem ama o perigo.**

13. Sem, de modo nenhum, abandonar a carreira mundana que seus pais lhe pintaram mágica, partira, antes de mim, para Roma, a estudar direito. Aqui deixou-se arrebatado incrivelmente pela excessiva avidez dos espetáculos dos gladiadores.

Detestava ao princípio, por completo, tais divertimentos. Uma vez, alguns amigos e condiscípulos, ao voltarem dum jantar, encontraram-no por acaso no caminho e levaram-no com amigável

violência ao anfiteatro a assistir aos jogos cruéis e funestos daquele dia. Ele recusava com veemência, e resistia, dizendo: "Por arrastardes a esse lugar e lá colocardes o meu corpo, julgais que podereis fazer com que o espírito e os olhos prestem atenção aos espetáculos? Assistirei como ausente, saindo assim triunfante de vós e mais dos espetáculos". Ouvindo estas palavras, levaram-no consigo ao anfiteatro, sem mais demora, com desejo, talvez, de observar se era capaz de cumprir a promessa.

Apenas lá chegaram, ocuparam os lugares que puderam. Tudo fervia nas paixões mais selvagens. Ele, fechando as portas dos olhos, proibiu ao espírito cair em tais crueldades. Oxalá tivesse também tapado os ouvidos! Num incidente da luta, um grande clamor saído de toda a multidão sobressaltou-o terrivelmente: vencido pela curiosidade e julgando-se preparado para desprezar e dominar a cena, fosse qual fosse abriu os olhos.

Imediatamente foi ferido na alma por um golpe mais profundo do que o que havia recebido no corpo o gladiador a quem desejou contemplar. Caiu mais miseravelmente do que aquele por cuja queda se tinha levantado o clamor. Entrou-lhe este pelos ouvidos e abriu-lhe os olhos, por onde foi ferida e abatida a alma, até então mais audaz que corajosa e tanto mais fraca quanto mais presumida de si mesma, em vez de confiar em Vós, como devia. Logo que viu o sangue, bebeu simultaneamente a crueldade. Não se retirou do espetáculo, antes se fixou nele. Sem o saber, sorvia o furor popular, deleitava-se no combate criminoso, e inebriava-se no prazer sangrento. Já não era o mesmo que tinha vindo, mas um da turba a que se ajuntara, um verdadeiro companheiro daqueles por quem se deixara arrastar. Que mais direi? Presenciou, gritou, apaixonou-se e trouxe de lá um ardor tão louco que o incitava a voltar não só com os que o haviam arrastado, mas a ir à sua frente e arrastando os outros.

Mas Vós o arrancastes deste caminho com a vossa mão tão forte e misericordiosa, ensinando-lhe que devia colocar toda a confiança em Vós e não em si. Mas isso foi só muito tempo depois.

## 9 - Por linhas tortas. . . Alípio e um roubo.

14. Retinha Alípio, contudo, na sua memória este fato, como remédio para o futuro. Lembro-me de outro caso que lhe sucedeu quando andava em Cartago a estudar, sendo já meu discípulo. Estava no Foro, ao meio-dia, a pensar numa declamação que devia fazer como exercício, segundo o costume dos estudantes, quando permitistes que os guardas do Foro o viessem prender como ladrão. Parece-me que permitistes isso, ó meu Deus, só para que aquele jovem, tão grande no futuro, começasse já a aprender que, ao julgar uma causa, o homem não deve condenar a outro com facilidade e crueldade temerária.

Foi o caso que, enquanto ele passeava sozinho diante do tribunal com as tábuas e o estilete, um jovem estudante, o verdadeiro ladrão, trazendo escondida uma machada, entrou, sem ele notar, pelas grades que rodeiam a rua dos banqueiros, e começou a cortar o chumbo.

Ouvindo o barulho das machadadas, os banqueiros que estavam em cima começaram a gritar e mandaram gente prender a quem encontrasse.

O ladrão, ao ouvir os gritos, escapou-se e deixou a machada, porque temia ser apanhado com ela na mão. Alípio, que o não tinha visto entrar, sentiu-o sair e fugir apressadamente. Desejando saber o motivo, entrou no terraço. Ao ver a machada, pegou nela, e examinava-a admirado quando chegaram os guardas. Encontram-no só, segurando a machada cujo barulho os tinha posto alerta. Acorrem, prendem-no e levam-no, gloriando-se, diante dos habitantes do Foro reunidos, de terem apanhado o ladrão em flagrante. Já iam entregá-lo à justiça.

15. Mas a lição devia ficar por aqui, porque Vós, Senhor, socorrestes imediatamente a inocência de quem éreis única testemunha. Quando o conduziam à cadeia ou ao suplício, saiu-lhes ao encontro um arquiteto encarregado da direção suprema dos edifícios públicos. Ficaram os guardas satisfeitos por encontrarem este magistrado, que suspeitava serem eles os autores dos roubos

do Foro. Agora, poderia enfim reconhecer por quem eram cometidos.

O arquiteto tinha visto várias vezes a Alípio em casa dum senador a quem frequentemente visitava. Reconhecendo-o, apertou-lhe a mão, afastou-o da turbamulta e perguntou-lhe o motivo de tamanha desgraça. Ouvindo o que se tinha passado, mandou àquela multidão tumultuosa, que ali estava ameaçadora e fremente, que o seguisse.

Chegaram à casa do jovem que praticara o roubo. Estava à porta um escravo, tão novo ainda, que, sem medo do senhor, podia facilmente revelar tudo. Este escravo tinha acompanhado o jovem ao Foro. Alípio reconheceu-o e declarou-o ao arquiteto. Este mostrou-lhe a machada, perguntando-lhe de quem era. "É nossa", respondeu imediatamente o escravo. Interrogado, manifestou o resto.

Deste modo, o processo foi transferido para esta casa, ficando confundida a multidão, que já começava a triunfar de Alípio. O futuro dispensador da vossa palavra e juiz de tantas causas na vossa Igreja saiu assim experimentado e instruído.

## **10 - Dois amigos.**

16. Encontrara eu a Alípio em Roma, onde se me ligou por um estreitíssimo laço de amizade, e comigo partiu para Milão, para me não abandonar e para exercer o direito, que aprendera mais por vontade dos pais que pela sua. Já por três vezes fora assessor e sempre com admirável desinteresse, causando admiração em todos os que antepunham o dinheiro à inocência.

O seu caráter foi posto à prova não só pelo atrativo do prazer, mas também pelo aguilhão do medo. No tempo em que servia, em Roma, de assessor ao tesoureiro geral da Itália, havia um senador poderosíssimo, a quem estavam sujeitos muitos clientes, uns por benefícios, outros por temor. Segundo costumam os da sua poderosa categoria, quis que lhe fosse permitido não sei bem o quê, proibido pelas leis. Alípio opôs-se. Prometeu-lhe um presente: troçou dele. Recorreu o senador às ameaças. Calcou-as aos pés,

com geral admiração de todos os que viam ânimo tão pouco comum e que não desejava como amigo nem temia como inimigo um homem tão poderoso, célebre pela grande fama de possuir imensos meios de beneficiar ou prejudicar.

O próprio juiz, de quem Alípio era conselheiro, apesar de também se opor às pretensões do senador, não lhas recusava abertamente, e, descarregando toda a responsabilidade sobre Alípio, afirmava que só este lho não permitia, porque — e era verdade —, se acesse, Alípio demitir-se-ia imediatamente.

O amor das letras em Alípio era o único bem que estava a ponto de o tentar.

Poderia com os lucros de pretor mandar transcrever códices. Porém, sempre que consultava a justiça, deliberava pelo melhor, persuadido de que a integridade que lhe proibia esta ação era muito melhor que o poder que lhe permitia. Pequeno fato este, mas "quem é fiel no pouco, também o é no muito"; e de modo nenhum são vãs aquelas palavras que saíram da boca da vossa verdade: "Se, pois, não fordes fiéis nas riquezas injustas, quem vos confiará as verdadeiras? E se não fordes fiéis nas alheias, quem vos dará o que é vosso?"

Tal era, então, este meu amigo que me amava entranhadamente e que comigo estava para resolver o teor de vida que devíamos seguir.

17. Quanto a Nebrídio, este abandonou a terra natal vizinha de Cartago e até deixou essa cidade, onde era muito conhecido. Deixou as ricas propriedades do pai, a casa e a própria mãe, que o não quis seguir, e veio para Milão, só pelo motivo único de conviver comigo no estudo persistente da Verdade e da Sabedoria. Amante investigador da vida feliz e acérrimo indagador das questões mais difíceis, suspirava e flutuava a par de mim.

Eram, pois, três as bocas que tinham fome e respiravam dumas para as outras a sua pobreza, esperando que lhes "désseis alimento no tempo oportuno". Se desejávamos vislumbrar o motivo por que sofriamos, assaltavam-nos as trevas com todas as

amarguras que, por misericórdia vossa, acompanhavam a nossa vida mundana. Afastávamo-nos, então, a gemer, e dizíamos: "Quanto tempo durará este sofrimento?" Repetíamos frequentemente estas palavras. Mas, apesar de as repetirmos, não deixávamos este teor de vida, porque não víamos nenhuma certeza a que nos pudéssemos segurar, se a abandonássemos.

## **11 - Luta da alma em busca da verdade.**

18. Admirava-me muito, ao recordar diligentemente quão longo fora o período de tempo decorrido após os dezenove anos, idade em que começara a arder no desejo da Sabedoria, propondo-me, depois de a obter, abandonar todas as esperanças frívolas e todas as loucuras enganosas das vãs paixões. Porém, chegado já aos trinta anos, continuava ainda preso ao mesmo lodo de gozar dos bens presentes que fugiam e me dissipavam.

Entretanto, exclamava: "Amanhã encontrá-la-ei; oh! a verdade aparecer-me-á com evidência e possuí-la-ei; Fausto virá explicar-me tudo". Ó grandes homens da Academia!

Nada se pode conceber de certo para a conduta da vida? Não. Busquemos pois com mais diligência, sem desesperar. Nos Livros Santos já não é absurdo o que parecia absurdo, podendo ser interpretado dum modo diferente e mais aceitável. Fixarei os pés naquele degrau em que meus pais me colocaram quando criança, até encontrar, finalmente, a verdade manifesta. Mas onde a buscarei, e quando? A Ambrósio falta-lhe tempo para me ouvir, e a mim para ler. Além disso, onde encontrar esses livros? Onde e quando os poderei alcançar? E a quem hei de pedi-los? Repartamos o tempo, distribuamos algumas horas para a salvação da alma. Nasceu-nos uma grande esperança: a fé católica não ensina o que supúnhamos e incriminávamos com leviandade.

Os instruídos nos dogmas olham como um crime supor a Deus delimitado pela figura dum corpo humano. E duvidamos ainda bater, para que nos sejam abertas as restantes verdades? Os discípulos ocupam-me as horas da manhã. E que faço das outras?

Por que as não consagro a este trabalho? Mas, então, quando hei de visitar os amigos mais poderosos, de cujo favor tanto necessito? Quando hei de preparar as lições que os discípulos me pagam? Quando hei de reparar as forças, descansando o espírito da fadiga causada por tantos trabalhos?

19. "Pereça tudo isso e deixemos as coisas vãs e fúteis."

Entreguemo-nos unicamente à busca da verdade. A vida é miserável e a hora da morte, incerta. Se me surpreender de súbito, em que estado sairei deste mundo e onde aprenderei o que nesta vida negligenciei saber? Não terei antes de suportar os suplícios desta negligência? E se a morte me amputar e exterminar todas estas preocupações, tirando-me os sentidos? É preciso, portanto, examinar também este ponto.

Mas longe de mim que tal suceda! Não é supérfluo nem vão o estar por todo o mundo difundida a fé cristã, tão grandiosa e tão elevada! Nunca se teriam criado, por poder divino, tantas e tão grandes maravilhas para o nosso proveito, se, com a morte do corpo, se consumasse também a vida da alma. Por que tardo, pois, em abandonar as esperanças do mundo, para totalmente me dedicar à busca de Deus e da vida bem aventurada?

Mas espera! Os bens terrenos também são agradáveis. Possuem não pequenas doçuras. Não devemos, por isso, apartar deles, inconsideradamente, a nossa inclinação, pois seria vergonhoso voltar de novo a eles. Olha quão pouco falta para alcançar um cargo honroso! Que mais tenho a desejar? Tenho em abundância amigos poderosos. Sem necessidade de me apressar mais, podia já ser, ao menos, presidente (dum tribunal), e casar-me com uma moça que possuísse alguma fortuna, para não sobrecarregar os nossos gastos. Seria este o limite do meu desejo. Muitos homens importantes e dignos de imitação entregaram-se, apesar de casados, ao estudo da Sabedoria.

20. Ao dizer isto, enquanto os ventos alternavam e impeliam o meu coração para um e outro lado, o tempo fugia e eu tardava em converter-me ao Senhor. Adiava de dia para dia o viver em Vós, sem, contudo, diferir o morrer todos os dias em mim mesmo.



Desejando a vida feliz, temia buscá-la na sua morada. Procurava-a fugindo-lhe! Julgava que seria extremamente desgraçado, se me privassem dos abraços duma esposa. Não pensava ainda no remédio da vossa misericórdia, para curar tal doença, porque nunca fizera a experiência. Pensava que a castidade era fruto das próprias forças, e persuadia-me de que as não tinha. Sendo tão néscio, não sabia que, como estava escrito, ninguém pode ser casto, se Vós lhe não concedeis forças. Sim, Vós dar-mas-íeis se com gemidos internos ferisse os vossos ouvidos, e com fé firme descarregasse em Vós todos os meus cuidados.

## **12 - Matrimônio e castidade.**

21. Alípio opunha-se bastante ao meu casamento, afirmando que, se o fizesse, jamais poderíamos viver juntos, com segura tranquilidade, no amor da sabedoria, como já de há muito tempo desejávamos. Ele era de tal modo casto que causava admiração, porque, ao entrar na juventude, experimentara o prazer carnal, mas não ficara preso a ele.

Tinha-se arrependido, desprezara-o e depois vivia já em perfeita continência.

Resistia-lhe eu, porém, argumentando com os exemplos dos que, desposados, cultivaram a ciência, bem merecendo de Deus e guardando fidelidade e amor aos seus amigos. Mas estava bem longe desta grandeza de alma. Acorrentado à enfermidade da carne, arrastava com mortífero prazer a minha cadeia, temendo que se quebrasse, e afastava as palavras deste bom conselheiro, como um doente que, ao tocarem-lhe na ferida, repele a mão que lhe desliga.

Além disso, a serpente falava por meu intermédio ao próprio Alípio, para o enlaçar, estendendo no seu caminho, por meio da minha língua, suaves armadilhas, a fim de que seus pés inocentes e livres nelas ficassem embaraçados.

22. Admirava-se de que eu, a quem tanto estimava, estivesse de tal modo preso ao visco da volúpia, a ponto de afirmar, sempre que

disputávamos sobre tal assunto, ser-me de todo impossível levar vida casta. Ao vê-lo assim admirado, defendia-me, dizendo que havia grande distância entre o prazer que ele experimentara rápida e furtivamente — prazer de que dificilmente se recordaria, e por isso sem custo nenhum com facilidade desprezava — e os meus deleites costumados, aos quais, se se ajuntasse o título honesto do matrimônio, já não haveria motivo para se admirar de que eu não pudesse desprezar tal teor de vida.

Depois disso, começou Alípio também a desejar o matrimônio, vencido não pela paixão do prazer, mas da curiosidade. Dizia desejar saber que felicidade era essa, sem a qual a minha vida, que tanto lhe agradava, me não parecia vida, mas sofrimento. O seu espírito, liberto dessa cadeia, ficava estupefato perante a minha escravidão.

Da admiração passava ao desejo da experiência, para depois descer à realização. Ia assim despenhar-se talvez na mesma escravidão que o fazia espantar, pois queria fazer um pacto com a morte, e quem ama o perigo nele cairá.

Só superficialmente nos interessava, tanto a ele como a mim, a beleza conjugai que há nos deveres do matrimônio e na educação dos filhos. O que em grande parte e com violência me prendia e torturava era o hábito de saciar a insaciável concupiscência. Pelo contrário, a ele era a admiração que o arrastava ao cativeiro.

Tal era o nosso estado até o momento em que Vós, ó Altíssimo, que não abandonais o nosso barro, viestes compassivamente, de modo admirável e oculto, em socorro dos infelizes.

## **13 - O pedido de casamento.**

23. Entretanto, instavam sem descanso para que me casasse. Já tinha feito o pedido de casamento e recebido boas promessas, ajudado sobretudo por minha mãe, que o fazia com o fim de me ver regenerado, depois do matrimônio, na água salutar do batismo.

Minha mãe alegrava-se de me ver cada vez mais apto para o

receber, notando que na minha fé se realizavam os seus votos e as vossas promessas.

Vós nunca lhe quisestes revelar, em visão, nada do meu futuro casamento, apesar de, a meu pedido e desejo seu, Vo-lo pedir, todos os dias, com fortes clamores do coração. Ela via umas imagens vãs e fantásticas, aonde o ímpeto do espírito humano arrasta, quando anda preocupado. Contava-me isso, não com aquela confiança com que costumava, quando realmente Vos manifestáveis, mas com desprezo, pois afirmava que, por um palpite que não sabia explicar com palavras, distinguia entre as vossas revelações e os sonhos da sua alma.

Apesar de tudo, instava-se pelo casamento, e pediu-se a mão da jovem. Faltava-lhe, porém, quase dois anos para chegar à idade núbil. Mas, como ela agradava, ia-se esperando.

## **14 - Projeto desfeito.**

24. Éramos muitos os amigos que trazíamos o espírito agitado. Falávamos com aborrecimento dos dissabores tumultuosos da vida humana. Já quase tínhamos resolvido viver sossegadamente, retirados da multidão. Tínhamos projetado aquele sossego deste modo: se alguma coisa possuíssemos, juntá-la-íamos para uso comum, combinando formar de tudo um só patrimônio, de tal forma que, por uma amizade sincera, não houvesse um objeto deste, outro daquele, mas de tudo se fizesse uma só fortuna, sendo tudo de cada um e tudo de todos. Parecia-nos que se poderiam reunir na mesma sociedade cerca de dez homens. Entre nós contavam-se alguns ricos, sobretudo Romaniano, meu conterrâneo e amigo íntimo desde tenra infância, a quem, então, grandes cuidados de negócios haviam arrastado à corte imperial. Era ele o que mais instara por este projeto e o que tinha mais autoridade para o persuadir, porque as suas enormes riquezas eram muito superiores às dos outros.

Pareceu-nos bem que dois de nós, cada ano, como administradores, tratassem de todo o necessário, ficando os outros

em paz. Mas quando se começou a pensar se as mulheres que uns já tinham e eu desejava ter o permitiriam, desfez-se em nossas mãos todo aquele projeto que tão belamente imaginamos. Arruinou-se e teve que se rejeitar.

Daqui enveredamos de novo para os suspiros e gemidos, seguindo pelos "caminhos largos e trilhados do século", porque "muitos eram os pensamentos no nosso coração. Porém os vossos desígnios permanecem eternamente". Por causa desses desígnios, ríeis-Vos das nossas resoluções, e preparáveis as vossas, para "nos dardes o alimento no tempo oportuno, para abrires a vossa mão e, enfim, para encherdes as nossas almas com a vossa bênção".

## **15 - Cativo do prazer.**

25. Entretanto os meus pecados multiplicavam-se. Sendo arrancada do meu lado, como impedimento para o matrimônio, aquela com quem partilhava o leito, o meu coração, onde ela estava presa, rasgou-se, feriu-se e escorria sangue. Retirara-se ela para África, fazendo-Vos voto de jamais conviver com outro homem e deixando-me o filho natural que dela tivera.

E eu, miserável, não imitei esta mulher! Impaciente da dilação — porque só depois de dois anos receberia a que pedira em casamento — e porque não era amante do matrimônio, mas escravo do prazer, procurei outra mulher — mas não esposa — para assim manter e prolongar, intata ou mais agravada, a doença da minha alma, patrocinada pelo mau hábito que perduraria até à vinda do reino matrimonial. Não sarara ainda aquela chaga, aberta pelo corte da primeira mulher. Mas após a inflamação e após a dor pungente, a ferida gangrenava, doendo-me dum modo mais frio, mas mais desesperado.

## **16 - Sob a asa de Deus.**

26. Louvor e glória a Vós, ó Fonte das Misericórdias! Eu a tornar-me mais desgraçado, e Vós, cada vez mais pertinho de mim! Sem

eu saber, a vossa mão direita, que me havia de arrancar da lama e lavar-me, estava mesmo junto de mim. Só o temor da morte e do vosso futuro juízo, que, através das várias doutrinas, nunca se retirou do meu peito, me convidava a sair do abismo tão profundo dos prazeres carnaís.

Disputava com Alípio e Nebrídio, meus amigos, sobre o fim dos bons e dos maus, declarando que Epicuro, no meu conceito, teria recebido a palma, se eu não acreditasse que, depois da morte, continuava a vida da alma e havia o juízo dos méritos, coisa que Epicuro negou.

Perguntava o motivo por que é que não seríamos felizes, ou que mais buscaríamos, se fôssemos imortais e vivêssemos em perpétuo gozo corporal, sem receio algum de o perder. Ainda ignorava que esta pergunta era fruto da minha grande miséria. Assim imerso no vício e cego, não podia pensar na luz da Virtude e da Beleza, que os olhos da carne não veem, e só o íntimo da alma distingue.

Na minha miséria, nem sequer considerava de que manancial brotava este gosto de tratar deliciosamente destes assuntos vergonhosos com os amigos. Sem estes não poderia ser feliz, por maior que fosse a afluência de prazeres carnaís, segundo o desejo de sensualidade que então possuía. Sim, amava estes amigos, mas com desinteresse. Por sua vez, sentia que eles igualmente me amavam.

Ó caminhos tortuosos! Ai da alma audaciosa que se afastou de Vós, na esperança de possuir algum bem melhor! Quer se vire ou revire para trás, quer se volte para os lados ou para diante, tudo lhe é duro.

Só Vós sois o descanso. Só Vós nos assistis e libertais de erros deploráveis, metendo-nos no vosso Caminho, consolando-nos e dizendo: "Correi; eu guiar-vos-ei, conduzindo-vos até ao fim, e aí vos hei de manter".

# **LIVRO VII - A CAMINHO DE DEUS**

**I — O problema de Deus e o problema do mal. A astrologia (1-8).**

**II — O neoplatonismo e Santo Agostinho. Solução ao problema do mal (9-21).**

## **1 - Emancipando-se do falso conceito de Deus.**

1. A minha adolescência má e nefanda já tinha morrido. De caminho para a juventude, quanto mais crescia em anos, tanto mais vergonhoso me tornava com a minha vaidade, a ponto de não poder imaginar outra substância além da que os nossos olhos constantemente veem. Desde que comecei a ouvir as lições da Sabedoria, não Vos supunha, ó meu Deus, sob a figura de corpo humano, pois sempre fugi deste errado juízo, e me alegrava de encontrar esta verdadeira doutrina na fé da nossa mãe espiritual, a vossa.

Igreja Católica. Mas não me ocorria outro modo de Vos conceber na imaginação!

Ora, sendo eu homem — e que homem! —, esforçava-me por Vos imaginar o grande, o único verdadeiro Deus. Com efeito, acreditava, com todas as fibras do coração, que éreis incorruptível, inviolável e imutável. Porém, apesar de não saber donde e o modo como me vinha esta certeza, via perfeitamente e estava certo de que aquilo que se pode corromper é inferior ao incorruptível, e o que não se pode deteriorar, sem hesitação o antepunha ao deteriorável, e o imutável parecia-me melhor do que aquilo que é suscetível de mudança.

O meu coração clamava com violência contra todos os meus fantasmas. Com este único golpe, esforçava-me por enxotar da

vista do meu espírito a turbamulta das imagens imundas que volitavam à minha volta. Mas, apenas dispersa, eis que, num abrir e fechar de olhos, ela, apinhando-se, de novo se aproximava e irrompia contra as minhas pupilas, obscurecendo-as. E assim, apesar de não Vos conceber sob a forma de corpo humano, necessitava, contudo, de Vos imaginar como sendo alguma coisa corpórea situada no espaço, quer imanente ao mundo, quer difundida por fora do mundo, através do infinito.

Era este o ser incorruptível, indeteriorável, imutável, que antepunha ao que é corruptível, sujeito à deterioração e à mudança. Tudo o que concebia como não ocupando espaço me parecia um nada absoluto, e não um vácuo, como sucederia se arrancássemos um objeto dum lugar e este ficasse vazio de qualquer corpo terrestre, úmido, aéreo ou celeste.

Com efeito, neste caso, um lugar vazio seria como que um nada espaçoso.

2. Assim "atoleimado de coração", sem consciência nítida de mim mesmo, considerava como um puro nada tudo o que não se estendesse ou difundisse ou conglobasse ou dilatasse por certo espaço, ou assumisse ou pudesse assumir qualquer destes estados. Quais são as formas por onde meus olhos costumam passar, tais eram as imagens por onde meu espírito caminhava.

Eu não notava que este ato apreensivo de entendimento com que formava essas imagens não era da mesma natureza que estas. Com efeito, a atividade intelectual, se não fosse alguma coisa de grande, não poderia formar imagens.

A Vós, ó Vida da minha vida, também Vos imaginava como um Ser imenso, penetrando por todos os lados a massa do Universo e alastrando-Vos fora dele, por toda parte, através das imensidades sem limites, de tal modo que a terra, o céu e todas as coisas Vos continham e todas elas se acabavam em Vós, sem, contudo, acabardes em parte alguma.

Mas assim como a massa do ar, deste ar que está por cima da terra, não se opõe a que a luz do sol penetre por ele, atravessando-

o sem o rasgar nem cortar, mas enchendo-o inteiramente, assim julgava que não só as substâncias transparentes do céu, do ar e do mar, mas também as da terra eram por Vós penetradas em todas as suas partes, grandes e pequenas, para receberem a vossa presença, governando-as interiormente com vossa oculta inspiração e exteriormente dirigindo tudo o que criastes.

Assim conjecturava eu, pois não Vos podia conceber doutra maneira. Tal conjectura, porém, era falsa. Deste modo, uma parte da terra que fosse maior deveria também encerrar maior parte de Vós; e outra que fosse menor, uma parte menor. Estando tudo assim impregnado de Vós, o corpo do elefante, pelo fato de ser maior e ocupar mais espaço que o de um pássaro, teria proporcionalmente mais de Vós que o corpo do pássaro. E, deste modo, partido em fragmentos, comunicaríeis a vossa presença às grandes e pequenas partes do Universo, respectivamente com grandes e exíguas porções de Vós mesmo. Não é, porém, assim. Mas ainda não tínheis iluminado as minhas trevas.

## **2 - Argumento de Nebrídio contra os maniqueístas.**

3. Bastava-me, Senhor, para esmagar aqueles sedutores seduzidos, aqueles faladores mudos — pois o vosso Verbo não falava por meio deles —, sim, bastava-me a objeção que já de há muito tempo, em Cartago, lhes costumava propor Nebrídio, com que nos abalava a todos nós, que o ouvíamos: Que poderia fazer contra Vós esta desprezível raça de trevas — de que os maniqueístas se costumam servir como de massa hostil para Vos atacar — se não aceitásseis batalha contra ela?

Se alguém Vos respondesse que poderia ser nociva nalgum ponto, então serieis violável e corruptível! Se, porém, dissesse que em nada Vos podia danificar, nenhum motivo haveria para que lutásseis e pelejásseis em tais circunstâncias que uma parte de Vós, um membro vosso ou um rebento da vossa própria substância se misturava com forças inimigas e com naturezas que não criastes.



Ao contato destas, essa parte de Vós de tal modo se corromperia e danificaria, que, caindo da felicidade para a miséria, necessitaria de socorro para se poder libertar e purificar! Ora, esse rebento de Vós mesmo era a nossa alma, que o vosso Verbo, livre, deveria, com sua ajuda, arrancar do cativeiro, que o vosso Verbo imaculado deveria remir da corrupção. Neste caso o Verbo seria corruptível, pois era formado duma só e mesma substância que a alma. Ora, se eles afirmam que tudo o que sois, isto é, a substância de que Vos formais, é incorruptível, (segue-se que) todas aquelas suposições são falsas e abomináveis; se dizem, pelo contrário, que o Verbo é corruptível, tal afirmação é, por si mesma, falsa, e logo, à primeira palavra, digna de abominação.

Bastava-me, portanto, só este raciocínio contra aqueles que a todo o custo deveria vomitar do meu peito oprimido. Com efeito, sentindo e falando assim de Vós, não tinham por onde sair, senão cometendo um horrível sacrilégio de coração e de língua.

### **3 - A causa do mal.**

4. Mas, ó Senhor Nosso — ó Deus verdadeiro que criastes não só as nossas almas mas também os nossos corpos, e não só nossas almas e corpos, mas ainda todos os seres e todas as coisas —, eu já então afirmava e cria firmemente que sois incontaminável, alheio a toda alteração, e absolutamente imutável.

Todavia, não tinha uma ideia clara e nítida da causa do mal. Porém, qualquer que ela fosse, tinha assente para mim que de tal modo a havia de buscar, que por ela não fosse constrangido a crer, como mutável, um Deus imutável, pois, doutra maneira, cairia no mal cuja causa procurava. Por isso buscava-a com segurança, certo de que não era verdadeira a doutrina que estes homens pregavam. Fugia deles com a alma, porque, quando eu indagava a origem do mal, via-os repletos de malícia que os levava a crerem antes sujeita ao mal a vossa substância do que a deles ser suscetível de o cometer.

5. Esforçava-me por entender (a questão) — que ouvia declarar — acerca de o livre arbítrio da vontade ser a causa de praticarmos o

mal, e o vosso reto juízo o motivo de o sofrermos. Mas era incapaz de compreender isso nitidamente.

Tentava arrancar do abismo a vista do meu espírito. Porém de novo mergulhava nele, e, sempre com reiterados esforços, me submergia sem cessar. Erguia-me para a vossa luz o fato de eu saber tanto ao certo que tinha uma vontade como sabia que tinha uma vida. Por isso, quando queria ou não queria uma coisa, tinha a certeza absoluta de que não era outro senão eu quem queria ou não queria, experimentando cada vez mais que aí estava a causa do meu pecado. Quanto ao que fazia contra a vontade, notava que isso era antes padecer (o mal) do que praticá-lo. Considerava isso não como uma falta, mas como uma punição, em que, reconhecendo a vossa justiça, era logo forçado a confessar que justamente recebia o castigo.

Mas de novo refletia: "Quem me criou? Não foi o meu Deus, que é bom, e é também a mesma bondade? Donde me veio, então, o querer eu o mal e não querer o bem? Seria para que houvesse motivo de eu justamente ser castigado? Quem colocou em mim e quem semeou em mim este viveiro de amarguras, sendo eu inteira criação do meu Deus tão amoroso? Se foi o demônio quem me criou, donde é que veio ele? E se, por uma decisão de sua vontade perversa, se transformou de anjo bom em demônio, qual é a origem daquela vontade má com que se mudou em diabo, tendo sido criado anjo perfeito por um Criador tão bom"?

De novo me sentia oprimido e sufocado por estes pensamentos, mas de modo algum arrastado àquele inferno do erro "onde ninguém Vos confessa", se se admite a tese de estardes Vós antes sujeito ao mal do que o homem ser considerado capaz de o cometer.

## **4 - Deus é incorruptível.**

6. Assim me esforçava por encontrar as outras verdades, do mesmo modo que já tinha descoberto ser melhor o incorruptível que o corruptível. Por conseguinte, confessava que Vós, quem quer que

fôsseis, não estáveis sujeito à corrupção. Jamais alma alguma pôde ou poderá conceber alguma coisa melhor do que Vós — sumo e ótimo Bem.

Sendo absolutamente certo e inegável que o incorruptível se antepõe ao corruptível — como aliás já admitia —, poderia eu, se não fôsseis incorruptível, ter atingido com o pensamento algo mais perfeito que o meu Deus. Portanto, logo que vi que o incorruptível se deve preferir ao corruptível, imediatamente Vos deveria ter buscado, e, em seguida, deveria indagar donde vem o mal, isto é, a corrupção, a qual de modo algum pode afetar a vossa substância.

É absolutamente certo que de modo nenhum pode a corrupção alterar o nosso Deus, por meio de qualquer vontade, de qualquer necessidade ou de qualquer acontecimento imprevisto, porque Ele é o próprio Deus, porque tudo o que deseja é bom e Ele próprio é o mesmo Bem. Ora, estar sujeito à corrupção não é um bem.

Não podeis ser obrigado, por força, seja ao que for, porque em Vós a vontade não é maior do que o poder. Porém, seria maior, se Vós mesmo fôsseis maior que Vós mesmo.

Mas a vontade e o poder de Deus são o mesmo Deus. Para Vós, que tudo conheceis, existe acaso alguma coisa imprevista?

Nenhuma natureza existe, senão porque a conhecestes. Para que proferimos nós tantas palavras a fim de comprovar que a substância de Deus não é corruptível, já que, se o fosse, não seria Deus?

## **5 - É Deus o autor do mal?**

7. Buscava a origem do mal, mas buscava-a erroneamente. E, ainda mesmo nessa indagação, não enxergava o mal que nela havia. Obrigava a passar, ante o olhar do meu espírito, todas as criaturas, tudo o que nelas podemos ver, como a terra, o mar, o ar, as estrelas, as árvores e os animais sujeitos à morte, bem como aquilo que não vemos nela, como o Armamento do céu, todos os anjos e todos os espíritos celestes. Mas, como se estes últimos fossem corpóreos, a minha imaginação colocou-os a uns nuns

lugares, a outros noutros.

Fiz da vossa criação uma única e imensa massa, diferenciada em diversas espécies de corpos: uns, corpos verdadeiros; outros, espíritos que eu imaginava sob a figura de corpos. Eu a supus não com a sua própria grandeza, porque a não podia saber, mas com a que me agradou, porém, limitada de todos os lados. A Vós, Senhor, infinito em todas as direções, imaginei-Vos a rodeá-la e penetrá-la de todas as partes, como se fósseis um único mar em toda parte e de todos os lados infinito na vossa imensidade, tendo dentro de si uma esponja da grandeza que nos aprouvesse, mas rodeada e inteiramente cheia dum mar imenso.

Assim, a vossa criatura finita, supunha-a eu cheia de Vós, que sois o infinito. Dizia: Eis Deus, e eis o que Deus criou! Deus é bom e assombroso e incomparavelmente preferível a tudo isto. Ele é bom e, por conseguinte, criou boas coisas. E eis como Ele as rodeia e as enche! Onde está, portanto, o mal? Onde e por onde conseguiu penetrar?

Qual é a sua raiz e a sua semente? Porventura não existe nenhuma? Por que recear muito, então, o que não existe? E, se é em vão que tememos, o próprio medo indubitavelmente é o mal que nos tortura e inutilmente nos oprime o coração. Esse mal é tanto mais compressivo quanto é certo que não existe o que tememos, e nem por isso deixamos de temer. Por consequência, ou existe o mal que tememos, ou esse temor é o mal.

Qual a sua origem, se Deus, que é bom, fez todas as coisas? Sendo o supremo e sumo Bem, criou bens menores do que Ele; mas, enfim, o Criador e as criaturas, todos são bons. Onde, pois, vem o mal? Ou seria pelo fato de Deus fazer tudo isso com matéria em que existia algo de mau, e ao dar-lhe a forma e ao ordená-la, ter deixado nela alguma coisa que não transformasse em bem? E isto por quê? Não podia Ele convertê-la inteiramente de modo a não permanecer nela nada de mau, já que era Onipotente? Enfim, por que quis fazer dela alguma coisa, e por que não preferiu antes reduzi-la totalmente ao nada, com a sua mesma Onipotência? Poderia acaso ela existir contra a vontade divina? Se a matéria é

eterna, por que a deixou perdurar tanto no passado, por um espaço indefinido de tempo, e por que motivo se comprazeu em fazer dela alguma coisa, só tanto tempo depois?

Se subitamente quis fazer alguma coisa, por que a não reduziu ao nada, sendo Onipotente, e não ficou só Ele, todo verdadeiro Bem, todo sumo Bem, todo Bem infinito? Se não convinha que Aquele que é bom permanecesse estéril de obras boas, não poderia Ele fazer desaparecer e aniquilar a matéria que era má, estabelecendo outra que fosse boa, donde criasse tudo? Não seria pois todo-poderoso, se nada de bom pudesse criar sem a ajuda daquela matéria a que Ele mesmo não tinha dado a existência.

Revolvia tudo isto dentro do meu peito miserável, oprimido pelos mordazes cuidados do temor da morte e por não ter encontrado a verdade. Estava, contudo, arraigada no meu coração a fé em Jesus Cristo, vosso Filho, Senhor Salvador Nosso, professada pela Igreja Católica. Se bem que me achasse ainda informe e flutuando para além da norma da doutrina, contudo o meu espírito não abandonava a fé, antes cada vez mais se abraçava a ela.

## **6 - Os vaticínios dos astrólogos.**

8. Também já tinha rejeitado as enganadoras predições e os ímpios delírios dos astrólogos. Ainda nisso, meu Deus, Vos quero confessar as vossas misericórdias, desde as fibras mais secretas da minha alma! Fostes Vós, só Vós — pois quem é que nos afasta da morte de todo o erro, senão a Vida que não conhece morte, a Sabedoria que ilumina as inteligências indigentes, sem precisar de luz alguma, e rege todo o mundo, até às folhas movediças das árvores? —, fostes Vós que medicastes a contumácia que eu opunha ao arguto velho Vindiciano, e a Nebrídio, jovem de alma admirável. O primeiro dizia-me com toda a veemência e o segundo frequentemente — ainda que com certa hesitação — que nenhuma arte existia para prever o futuro; que as conjeturas eram fundadas no acaso, e que, por jogo de palavras, se vaticinavam muitas coisas; que aqueles mesmos que as diziam ignoravam se se haviam

de realizar, acertando nelas somente porque as não calaram.

Fostes Vós que me suscitastes um amigo, assíduo em interrogar os astrólogos. Embora ele não fosse muito versado nessa ciência, contudo, como já disse, curiosamente consultava os astrólogos, e sabia alguma coisa que afirmava ter ouvido ao pai. Ignorava ele quanto isso valia para destruir a fama daquela arte!

Este homem, chamado Firmino, que tinha sido educado nas artes liberais e instruído na eloquência, consultou-me um dia, como a amigo muito íntimo, a respeito de uns negócios em que tinha grandes esperanças. Perguntou qual fosse o meu vaticínio, "segundo a sua estrela", como eles dizem. Porém, eu, que já então neste assunto me começava a deixar dobrar pelas razões de Nebrídio, não me recusei a expor-lhe os meus prognósticos e o que me ocorrera, acrescentando contudo que estava já quase persuadido de que tudo isto era ridículo e quimérico.

Contou Firmino então que seu pai também se interessava por semelhantes livros e que tivera um amigo que, do mesmo modo e simultaneamente, acreditava em tudo aquilo.

Com igual unanimidade e com igual ardor se entregavam a essas ninharias que lhes incendiavam o coração. Até observavam os momentos do nascimento dos animais domésticos que em casa viam a luz do dia, anotando a posição das estrelas, para deste modo fazerem deduções das experiências da sua arte. Dizia, pois, Firmino ter ouvido referir ao pai que, quando a mãe se ia predispondo para o dar à luz, também uma escrava daquele amigo paterno se achou grávida, coisa que não passou despercebida ao senhor, o qual, com apurada diligência, até procurava informar-se de quando as cadelas tinham a cria.

E aconteceu que — contando com a maior cautela os dias, as horas e as partes mínimas das horas, um, da mulher e o outro, da escrava — ambas se recolheram ao leito ao mesmo tempo, de modo que, com igual minúcia, foram obrigados a dar a mesma estrela, um ao nascimento do filho e o outro ao nascimento do escravozinho. Quando as mulheres começaram a sentir as dores do

parto, informaram-se eles mutuamente do que em suas casas se passava. Prepararam criados para mandarem um ao outro a anunciar, com igual rapidez, o nascimento das crianças. Estas informações facilmente as conseguiam, como se o fato se passasse no seu respectivo prédio.

Acrescentava Firmino que esses mensageiros se cruzavam com tanta precisão a meio do caminho das duas casas que era impossível que ambos não observassem exatamente as mesmas posições dos astros, nas mesmas frações de tempo. E contudo, Firmino, como filho de família ilustre, seguia pelos caminhos mais esplêndidos do mundo, enriquecia continuamente e era cumulado de honras; ao passo que o escravo, sem jamais ser aliviado do jugo da sua condição, servia a seu senhor, segundo informava aquele que perfeitamente o conhecia.

9. Ouvindo estas coisas e dando-lhes fé, em razão do crédito que me merecia quem as narrava, toda aquela minha relutância caiu vencida. Esforcei-me logo por afastar Firmino daquela vã curiosidade, dizendo-lhe que, examinando eu as constelações que presidiram ao seu nascimento, para lhe declarar a verdade, devia igualmente adivinhar que seus pais eram os primeiros entre os seus concidadãos; sua família era nobre na própria terra natal, que ele era de condição livre e que recebera educação esmerada e fora instruído nas artes liberais. Se aquele escravo me pedisse que lhe dissesse a verdade segundo as mesmas constelações — já que estas pertenciam a ambos —, novamente deveria ler nelas que esse tal era de família abjeta, de condição servil, e tudo o mais, que difere e dista muito das circunstâncias do primeiro caso.

Mas como seria possível que eu, examinando a mesma constelação, falasse a verdade, predizendo futuros diversos? No caso de lhes prognosticar idêntico destino, eu não diria por isso a verdade. Donde com toda a certeza se conclui que os fatos preditos pela contemplação dos astros não se dizem por arte, mas por acaso; e que as falsidades proferem-se, não por imperícia na arte, mas porque falhou a sorte.

10. Aberta esta entrada, ruminava tudo isso comigo, para que

nenhum desses loucos, que viviam de tal negócio e que eu desejava atacar imediatamente e pôr a ridículo, me pudesse resistir, lançando-me à cara que Firmino e o pai me tinham enganado.

Desviei o fio do raciocínio para os que nascem gêmeos. A maioria destes saem do ventre materno, um após outro, com tão pequeno intervalo de tempo, que a este — por mais que haja luta entre os gêmeos para possuírem na ordem natural a primazia — é impossível registrá-lo pela observação humana e tomar notas dele, de molde a que os astrólogos, examinando-as, se possam pronunciar exatamente. Os prognósticos não serão exatos porque, vendo o astrólogo os mesmos documentos, deveria dizer a mesma coisa de Esaú e Jacó. Mas os sucessos na vida de um e de outro não foram os mesmos. Portanto, ou o astrólogo anunciava falsidades ou, no caso de falar certo, não deveria dizer a mesma coisa de ambos, ainda que visse os mesmos documentos. Neste caso, não era por arte, mas por acaso é que dizia a verdade.

Vós, porém, Senhor — justíssimo organizador de tudo —, por meio dum secreto instinto, desconhecido aos consulentes e aos astrólogos, fazeis que cada qual, enquanto consulta, ouça o que lhe convém ouvir, segundo os merecimentos ocultos da sua alma e segundo os abismos dos vossos incorruptíveis juízos. Que nenhum se atreva a perguntar-Vos: "Que é isto? Para que é isto?" Não vo-lo pergunte; não vo-lo pergunte, porque é um simples homem.

## **7 - Ainda o problema do mal.**

11. Deste modo já Vós, ó meu Auxílio, me tínheis libertado daquelas prisões.

Entretanto buscava, sem êxito, a origem do mal. Porém, não permitíeis que eu, nas ondas do pensamento, me apartasse daquela fé pela qual acreditava na vossa existência, na vossa substância inalterável, na vossa providência para com os homens, e na vossa Justiça. Cria em Jesus Cristo, vosso Filho, na Sagrada Escritura, que a autoridade da vossa Igreja recomenda. Cria que Vós estabelecesteis um caminho de salvação para os homens em



direção àquela Vida que começa após a morte.

Salvos e bem arraigados, no meu coração, estes princípios, investigava angustiosamente a origem do mal. Que tormentos aqueles do meu coração parturiente! Quantos gemidos, meu Deus! Quando em silêncio, esforçada-mente, Vos procurava, grandes clamores se dirigiam à vossa misericórdia. Eram as angústias tácitas da minha alma. Vós sabíeis o que eu padecia, mas nenhum homem o sabia. De fato, quão pouco era o que comunicava com a língua aos ouvidos dos meus mais íntimos amigos! Porventura chegava até eles todo o tumulto do meu coração, que nem o tempo nem os meus lábios bastavam para declarar?

Mas todas "as lamentações que rugiam do fundo do meu coração" iam ter aos vossos ouvidos; "diante de Vós estava o meu desejo, mas a luz dos vossos olhos não estava em mim", porque ela estava dentro, e eu estava fora. Nem ela precisava de espaço. Mas eu fixava a atenção naquelas que são contidas pelo espaço, sem aí encontrar um sítio para descansar. Nem elas me hospedavam de modo a poder dizer: "Isto me basta; estou bem"!

Nem me deixavam partir para onde me achasse satisfeito. Quanto a elas, era superior; mas era inferior com relação a Vós. Éreis para mim, sujeito a Vós, verdadeiro gozo, submetendo-me todas estas criaturas que criastes abaixo de mim.

Esta minha situação constituía um justo equilíbrio e um lugar intermediário da minha salvação, se perseverasse servindo-Vos conforme à "vossa imagem". Mas como eu, na minha soberba, me rebelei contra Vós e investi o Senhor, confiado "no escudo da minha dura cerviz", até mesmo estas ínfimas criaturas se ergueram sobre mim e me oprimiam, sem nunca ter sossego nem alívio.

Enquanto as olhava, elas mesmas se me ofereciam, de toda parte, em tropel e em massa. Mas voltava a refletir e logo as imagens dos corpos se me opunham, como que a dizerem: "Para onde vais, indigno e impuro?" E com as minhas chagas, cresciam elas em ousadia, porque "humilhastes o soberbo como a homem ferido". Com a presunção, separava-me de Vós. A minha face, bastante

inchada, tapava-me os olhos.

## **8 - O colírio das dores.**

12. Mas Vós, Senhor, "permaneceis internamente" e "não Vos irais conosco para sempre" porque Vos compadecesteis da terra e do pó e Vos comprazestes em reformar, na vossa presença, as minhas deformidades.

Estimuláveis-me com um misterioso agulhão para que estivesse impaciente até me certificar da vossa existência, por uma intuição interior. O meu tumor decrescia ao contato da mão oculta da vossa medicina. A vista perturbada e entenebrecida da minha inteligência melhorava, de dia para dia, com o colírio das minhas dores salutareis.

## **9 - O neoplatonismo e a fé cristã.**

13. Querendo Vós mostrar-me primeiramente como "resistis aos soberbos e dais graças aos humildes" e quão grande seja a misericórdia com que ensinastes aos homens o caminho da humildade, por "se ter feito carne o vosso Verbo e ter habitado entre os homens", deparastes-me por intermédio dum certo homem, intumescido por monstruoso orgulho, alguns livros platônicos, traduzidos do grego em latim. Neles li, não com estas mesmas palavras, mas provado com muitos e numerosos argumentos, que ao princípio era o Verbo e o Verbo existia em Deus e Deus era o Verbo: e este, no princípio, existia em Deus. Todas as coisas foram feitas por Ele, e sem Ele nada foi criado. O que foi feito, n Ele é vida, e a vida era a luz dos homens; a luz brilha nas trevas e as trevas não a compreenderam. A alma do homem, ainda que dê testemunho da Luz, não é, porém, a Luz; mas o Verbo — Deus — é a Luz verdadeira que ilumina todo homem que vem a este mundo. Estava neste mundo que foi feito por Ele, e o mundo não o conheceu. Porém, que veio para o que era seu e os seus não o receberam; que a todos os que o receberam lhes deu poder de

fazerem filhos de Deus aos que crescessem em seu nome — isto não o li naqueles livros.

14. Do mesmo modo, li nesse lugar que o Verbo Deus não nasceu da carne, nem do sangue, nem da vontade do homem, mas de Deus. Porém, que o Verbo se fez homem e habitou entre nós, isso não o li eu aí.

Descobri naqueles escritos, expresso de muitos e variados modos, que o Filho, "existindo com a forma do Pai, não considerou como usurpação ser igual a Deus", porque o é por natureza. Porém aqueles livros não trazem que "se aniquilou a si mesmo tomando a forma de escravo, feito à imagem dos homens e sendo julgado, no exterior, como um homem". Não dizem que "se humilhou fazendo-se obediente até à morte, e morte de cruz, pelo que Deus o exaltou dos mortos, e lhe deu um nome que está acima de todo nome, para que ao nome de Jesus todo joelho se dobre nos céus, na terra e nos infernos, e toda língua confesse que o Senhor Jesus está na glória de Deus Pai".

Lá encontrei "que o vosso Filho Unigênito, eterno como Vós, permanece imutável antes de todos os séculos e sobre todos os séculos, que, para serem bem-aventuradas, todas as almas recebem da sua plenitude, e que, para serem sábias, são renovadas pela participação da Sabedoria que permanece em si mesma". Que "não perdoastes ao vosso único Filho, mas o entregastes por todos nós" — isso não vem naqueles livros.

"Escondestes pois estas coisas aos sábios e as revelastes aos humildes", para que viessem "a Ele os atribulados e os sobrecarregados e Ele os aliviasse, porque é manso e humilde de coração". Dirige os benignos na justiça e ensina aos mansos os seus caminhos.

Vê a nossa humildade e o nosso trabalho e perdoa-nos todos os pecados. Porém, aqueles que se levantaram no coturno duma doutrina mais sublime não O ouvem dizer: "Aprendeis de mim que sou manso e humilde de coração e encontrareis descanso para as vossas almas". Ainda que conheçam "a Deus, não O glorificam

como Deus, nem Lhe dão graças, mas desvanecem-se em seus pensamentos e o seu coração insensato obscurece-se. Dizendo-se sábios, tornam-se estultos".

15. Por isso lia também aí que transformaram a imutável glória da vossa incorruptibilidade em ídolos e em estátuas de toda espécie, à semelhança de imagem do homem corruptível, das aves, dos animais e das serpentes, ou seja, o alimento dos egípcios, pelo qual Esaú perdeu o direito de primogenitura. Israel, o povo primogênito, "de coração voltado para o Egito", curvando a vossa imagem — a sua alma — ante o ídolo do "bezerro que come feno", em lugar de Vós, honrou a cabeça dum animal.

Encontrei nesses livros estas afirmações, mas não me alimentei delas. Agradou-Vos, Senhor, arrancar de Jacó o opróbrio do abatimento, para que o maior servisse ao menor. Chamastes os povos à vossa herança. Eu também vim para Vós de entre os povos e fixei a mente no ouro que, segundo a vossa vontade, o vosso povo tirou do Egito, pois era vosso, onde quer que ele estivesse. Por meio do vosso Apóstolo, dissestes aos atenienses que em Vós "vivemos, nos movemos e existimos, como também o disseram alguns dos vossos poetas". Naturalmente daqui vieram aqueles livros. Mas não me fixei nos ídolos dos egípcios, a quem serviam com o vosso ouro "aqueles que mudaram a verdade de Deus em mentira, venerando e submetendo-se antes à criatura do que ao Criador".

## **10 - O descortinar do mistério divino.**

16. Em seguida aconselhado a voltar a mim mesmo, recolhi-me ao coração, conduzido por Vós. Pude fazê-lo, porque Vos tornastes meu auxílio.

Entreí, e, com aquela vista da minha alma, vi, acima dos meus olhos interiores e acima do meu espírito, a Luz imutável. Esta não era o brilho vulgar que é visível a todo o homem, nem era do mesmo gênero, embora fosse maior. Era como se brilhasse muito mais clara e abrangesse tudo com a sua grandeza. Não era nada disto,

mas outra coisa, outra coisa muito diferente de todas estas.

Essa Luz não permanecia sobre o meu espírito como o azeite em cima da água, ou como o céu sobre a terra, mas muito mais elevada, pois Ela própria me criou e eu sou-lhe inferior, porque fui criado por Ela.

Quem conhece a Verdade conhece a Luz Imutável, e quem a conhece, conhece a Eternidade. O Amor conhece-a! Ó Verdade eterna, Amor verdadeiro, Eternidade adorável! Vós sois o meu Deus! Por Vós suspiro noite e dia. Quando pela primeira vez Vos conheci, erguestes-me para que aprendesse a existência d'Aquele que era objeto do meu olhar. Mas eu ainda não era capaz de ver! Deslumbrastes a fraqueza da minha íris, brilhando com veemência sobre mim. Tremi com amor e horror. Pareceu-me estar longe de Vós numa região desconhecida, como se ouvisse a vossa voz lá do alto: "Sou o pão dos fortes; cresce e comer-Me-ás. Não Me transformarás em ti como ao alimento da tua carne, mas mudar-te-ás em Mim".

Conheci que, "por causa da iniquidade, castigastes o homem e secastes a minha alma como teia de aranha". E disse: "Porventura não existe a verdade, pelo fato de não estar espalhada por espaços finitos nem infinitos"? Vós respondestes-me de longe: "Sim, Eu sou o que Sou". E ouvi como se ouve no coração, sem ter motivo algum para duvidar. Mais facilmente duvidaria da minha vida do que da existência da Verdade, cujo conhecimento se apreende por meio das coisas criadas.

## **11 - A relatividade das criaturas.**

17. Examinei todas as outras coisas que estão abaixo de Vós e vi que nem existem absolutamente, nem totalmente deixam de existir. Por um lado existem, pois provêm de Vós; por outro não existem, pois não são aquilo que Vós sois. Ora, só existe verdadeiramente o que permanece imutável. Por isso, "para mim é bom prender-me a Deus", porque, se não permanecer n'Ele, também não poderei continuar em mim. Ele, porém, permanecendo em si, renova todas

as coisas. "Vós sois o meu Senhor, pois não careceis dos meus bens."

## **12 - O problema do mal. A perfeição das criaturas.**

18. Vi claramente que todas as coisas que se corrompem são boas: não se poderiam corromper se fossem sumamente boas, nem se poderiam corromper se não fossem boas. Com efeito, se fossem absolutamente boas, seriam incorruptíveis, e se não tivessem nenhum bem, nada haveria nelas que se corrompesse.

De fato, a corrupção é nociva, e, se não diminuísse o bem, não seria nociva.

Portanto, ou a corrupção nada prejudica — o que não é aceitável — ou todas as coisas que se corrompem são privadas de algum bem. Isto não admite dúvida. Se, porém, fossem privadas de todo o bem, deixariam inteiramente de existir. Se existissem e já não pudessem ser alteradas, seriam melhores porque permaneciam incorruptíveis. Que maior monstruosidade do que afirmar que as coisas se tornariam melhores com, perder todo o bem?

Por isso, se são privadas de todo o bem, deixarão totalmente de existir. Logo, enquanto existem, são boas. Portanto, todas as coisas que existem são boas, e aquele mal que eu procurava não é uma substância, pois, se fosse substância, seria um bem. Na verdade, ou seria substância incorruptível, e então era certamente um grande bem, ou seria substância corruptível, e, nesse caso, se não fosse boa, não se poderia corromper.

Vi, pois, e pareceu-me evidente que criastes boas todas as coisas, e que certissimamente não existe nenhuma substância que Vós não criásseis. E, porque as não criastes todas iguais, por esta razão, todas elas, ainda que boas em particular, tomadas conjuntamente são muito boas, pois o nosso Deus criou "todas as coisas muito boas".

## **13 - A solução do problema do mal. As dissonâncias de pormenor.**

19. Em absoluto, o mal não existe nem para Vós, nem para as vossas criaturas, pois nenhuma coisa há fora de Vós que se revolte ou que desmanche a ordem que lhe estabelecesteis. Mas porque, em algumas das suas partes, certos elementos não se harmonizam com outros, são considerados maus. Mas estes coadunam-se com outros, e por isso são bons (no conjunto) e bons em si mesmos. Todos estes elementos que não concordam mutuamente concordam na parte inferior da criação a que chamamos terra, cujo céu acastelado de nuvens e batido pelos ventos quadra bem com ela. Longe de mim o pensamento de dizer: "Estas coisas não deveriam existir".

Embora, ao considerá-las só a elas, eu desejasse que fossem melhores, contudo bastava só isto para eu ter de Vos louvar, pois sois digníssimo de louvor, como o proclamam "os dragões da terra e todos os abismos, o fogo, o granizo, a neve, a geada, o vento das tempestades que executam as vossas ordens; os montes e todas as colinas; as árvores frutíferas e todos os cedros; as feras e todos os gados; os répteis e as aves que voam; os reis da terra e todos os povos; os príncipes e todos os juizes da terra. Os jovens e as donzelas, os velhos e os mais novos louvam o vosso nome".

Mas também Vos louvam lá do alto do céu... Entoam os vossos louvores, Deus Nosso, "nas alturas, todos os vossos anjos, todas as potestades, o Sol e a Lua, todas as estrelas e a luz, os céus dos céus. Também as águas que estão sobre os céus exaltam o vosso Nome". Já não desejava coisas melhores, porque, abarcando tudo com o pensamento, via que os elementos superiores são incontestavelmente mais perfeitos que os inferiores. Mas um juízo mais sensato fazia-me compreender que a criação em conjunto valia mais que os elementos superiores tomados isoladamente.

## **14 - A trajetória dum erro.**

20. Não há saúde naqueles a quem desagrade alguma parte da vossa criação, como em mim também não a havia, quando me não agradavam muitas coisas que criastes.

Porque a minha alma não ousava desgostar-se do meu Deus, recusava olhar como obra vossa tudo o que lhe não agradava. Por isso, lançara-se na "teoria das duas substâncias", mas não encontrava descanso, e apenas expressava opiniões alheias.

Desembaraçando-se destes erros, a minha alma tinha imaginado, para si, um Deus que se difundia por toda parte através do espaço infinito. Julgando que éreis Vós, colocara esse Deus no seu coração, e de novo ela se transformou num templo abominável do seu ídolo. Todavia, depois que afagastes, sem eu o saber, a minha cabeça e fechastes "meus olhos para que não vissem a vaidade", desprendi-me um pouco de mim mesmo, e a minha loucura adormeceu profundamente... Despertei em vossos braços, e vi que éreis infinito, mas não daquele modo. Esta visão não provinha da carne.

## **15 - A harmonia da criação.**

21. Olhei depois para as outras coisas e vi que Vos deviam a existência. Vi que tudo acaba em Vós, mas não como quem termina num espaço material. Vós sois Aquele que tudo conserva na Verdade, como se tudo sustivésseis na palma da mão. Por isso todas as coisas são verdadeiras enquanto existem, e não há falsidade senão quando se julga que existe aquilo que não existe.

Reconheci que cada coisa se adapta perfeitamente não só ao seu lugar, mas também chega a seu tempo. Reconheci que Vós — único Ser Eterno — não começastes a operar depois de épocas incalculáveis de tempo, porque todos estes espaços de tempo, passados ou futuros, não teriam passado nem viriam, se Vós, na vossa imutabilidade, não agísseis.

## **16 - Onde reside o mal.**



22. Senti e experimentei não ser para admirar que o pão, tão saboroso ao paladar saudável, seja enjoativo ao paladar enfermo, e que a luz, amável aos olhos límpidos, seja odiosa aos olhos doentes.

Se a vossa justiça desagrada aos maus, com muito mais razão lhes desagradam a víbora e o caruncho que criastes bons e adaptados às partes inferiores dos seres criados, às quais os próprios malvados são tanto mais semelhantes quanto são mais diferentes de Vós. Do mesmo modo são os maus tanto mais parecidos com os elementos superiores da criação quanto mais se tornam semelhantes a Vós.

Procurei o que era a maldade e não encontrei uma substância, mas sim uma perversão da vontade desviada da substância suprema — de Vós, ó Deus — e tendendo para as coisas baixas: vontade que derrama as suas entranhas e se levanta com intumescência.

## **17 - Ascensão dolorosa.**

23. Admirava-me de já Vos ter amor e de não amar um fantasma em vez de Vós.

Não permanecia estável no gozo do meu Deus. Era arrebatado para Vós pela vossa Beleza, e logo arrancado de Vós, pelo meu peso, para me despenhar, a gemer, sobre as ínfimas criaturas. Este peso eram os hábitos da luxúria.

Mas a vossa lembrança acompanhava-me. Nem de forma alguma eu duvidava da existência dum Ser a quem me devesse unir. Sabia, porém, que ainda me não encontrava apto para essa união, pois "o corpo que se corrompe sobrecarrega a alma, e a morada terrena comprime o espírito que se dissipa".

Estava certíssimo de que "as vossas perfeições invisíveis se podem tornar compreensíveis desde o princípio do mundo por meio das coisas criadas, bem como o eterno poder e a vossa Divindade". Buscando, pois, o motivo por que é que aprovara a beleza dos corpos, quer celestes, quer terrenos, e que coisa me tornava capaz

de julgar e dizer corretamente dos seres mutáveis: "Isto deve ser assim, aquilo não deve ser assim", procurando qual fosse a razão deste meu raciocínio ao exprimir-me naqueles termos, descobri a imutável e verdadeira Eternidade, por cima da minha inteligência sujeita à mudança.

Deste modo, dos corpos subia pouco a pouco à alma que sente por meio do corpo, e de lá à sua força interior, à qual os sentidos comunicam o que é exterior — é este o limite até onde chega o conhecimento dos animais —, e, de novo, dali à potência raciocinante. A esta pertence ajuizar acerca das impressões recebidas pelos sentidos corporais. Mas essa potência, descobrindo-se também mudável em mim, levantou-se até à sua própria inteligência, afastou o pensamento das suas cogitações habituais, desembaraçando-se das turbas contraditórias dos fantasmas, para descortinar qual fosse a luz que a esclarecia, quando proclamava, sem a menor sombra de dúvida, que o imutável devia preferir-se ao mudável.

Daqui provinha o seu conhecimento a respeito do próprio Imutável, pois, se de nenhuma maneira o conhecesse, não o anteporia com toda a segurança ao variável.

Foi assim que ela atingiu aquele Ser, num abrir e fechar de olhos. Compreendi então que "as vossas perfeições invisíveis se declaram por meio das coisas que foram criadas". Mas não pude fixar a vista, e, ferido pela minha enfermidade, tornei aos vícios habituais. Não conservava comigo senão aquela lembrança amorosa, desejando, se assim me posso exprimir, os aromas dos alimentos que ainda não podia comer.

## **18 - O único caminho para a Verdade.**

24. Buscava um meio para me prover de forças a fim de ser apto para gozar-Vos, mas não o encontraria, enquanto não abraçasse "o Mediador entre Deus e os homens, Jesus Cristo Homem-Deus bendito por todos os séculos, que está acima de todas as coisas". Ele chamava-me e dizia: "Sou o caminho, a Verdade e a Vida". Eu

também devia crer que o Alimento que era incapaz de tomar se uniu à carne, pois "o Verbo se fez homem", para que a vossa Sabedoria, pela qual criastes tudo, se tornasse o leite da nossa infância.

Como possuía pouca humildade, não compreendia que Jesus, o meu Deus, fosse humilde, nem alcançava de que ensinamentos fosse mestra a sua fraqueza. Com efeito, o vosso Verbo, Verdade eterna, exaltado sobre as criaturas mais sublimes, ergue até si os que se lhe sujeitam. Porém nas partes inferiores da criação construiu para si, com o nosso lodo, uma vivenda humilde.

Por meio desta, rebaixa e atrai para si os que deseja submeter. Cura a soberba e alimenta o amor, para que, cheios de confiança em si mesmos, se não afastem para mais longe. Pelo contrário, humilham-se ao presenciar a seus pés a Divindade tornada humilde pela participação "da túnica da nossa carne", e cansados prostram-se-lhe diante d'Ele, que, erguendo-os, os exaltará.

## **19 - Hesitante na doutrina do Verbo.**

25. Eu, porém, pensava doutra maneira, e somente imaginava o meu Senhor Jesus Cristo como um homem de excelente sabedoria, que ninguém poderia igualar, sobretudo porque nasceu maravilhosamente duma Virgem, para nos dar exemplo de desprezo das coisas temporais e adquirir a imortalidade divina. Parecia-me que tinha merecido tão grande autoridade de magistério pelo cuidado com que se ocupou de nós. Nem sequer podia suspeitar que mistério encerravam as palavras: "O Verbo se fez homem".

Simplesmente pelos escritos que d'Ele tratavam sabia que comeu, bebeu, dormiu, fez caminhadas, regozijou-se, entristeceu-se, conversou, e que aquela carne não se tinha unido ao vosso Verbo senão pela alma e inteligência humana.

Isto já o sabe todo aquele que conhece a imutabilidade do vosso Verbo, imutabilidade que eu já conhecia quanto me era possível, e de que não duvidava absolutamente nada. Com efeito, mover agora pela vontade os membros do corpo, e logo depois não os mover; sentir agora um afeto e logo depois já o não sentir; exprimir, por

meio de sinais, sábias ideias, e logo voltar ao silêncio são características da mutabilidade da alma e da inteligência. Se isso que d'Ele se escreveu fosse falso, também tudo o mais correria risco de ser mentira, e nenhuma fé salvadora subsistiria nestes livros, para o gênero humano. Porque tais escritos são autênticos, reconhecia apenas em Cristo um homem completo: não só um corpo humano ou um corpo e uma alma sem mente, mas um homem real, que eu julgava avantajá-lo aos restantes mortais, não por ser a personificação da Verdade, mas por motivo da grande excelência de sua natureza humana e de sua mais perfeita participação quanto à Sabedoria.

Alípio, porém, supunha que os católicos acreditavam num Deus, revestido de carne, de modo que além de Deus e da carne não havia em Cristo uma alma. Não julgava que Lhe atribuísem uma inteligência humana. Porque estava bem persuadido de que as ações de Jesus Cristo, transmitidas à posteridade, não se dariam n'Ele sem uma criatura vital provida de razão, Alípio, com demasiada preguiça, se ia aproximando da mesma fé cristã. Mas depois, reconhecendo que tal erro era próprio dos hereges apolinaristas, jubiloso, juntou-se à fé católica.

Confesso, porém, que só um pouco mais tarde aprendi de que modo a verdade católica se aparta do erro de Fotino, a respeito de "o Verbo se ter feito homem". Por isso a reprovação dos hereges, dá azo a que se manifeste claramente o que sente a vossa Igreja e o que contém a sua doutrina. "Foi necessário haver hereges para que os fortes se manifestassem entre os fracos."

## **20 - Do platonismo à Sagrada Escritura.**

26. Mas depois de ler aqueles livros dos platônicos e de ser induzido por eles a buscar a verdade incorpórea, vi que "as vossas perfeições invisíveis se percebem por meio das coisas criadas". Sendo repellido (no meu esforço), senti o que, pelas trevas da minha alma, me não era permitido contemplar: experimentei a certeza de que existíeis e éreis infinito, sem contudo vos estenderdes pelos

espaços finitos e infinitos. Sabia que éreis verdadeiramente Aquele que sempre permanece o mesmo, sem Vos transformardes em outro, quer parcialmente e com algum movimento, quer de qualquer outro modo. Sabia que todas as outras coisas provêm de Vós, pelo motivo único e seguro de existirem.

Sim, tinha a certeza disso. Porém, era demasiado fraco para gozar de Vós!

Tagarelava à boca cheia como um sabichão, mas, se não buscasse em Cristo Nosso Salvador o caminho para Vós, não seria perito, mas que perece. Já então, cheio do meu castigo, começava a querer parecer um sábio; não chorava e, por acréscimo, inchava-me com a ciência.

Onde estava aquela caridade que se levanta sobre o alicerce da humildade, que é Jesus Cristo? Quando é que estes livros me ensinariam? Por isso, segundo julgo, Vós quisestes que eu fosse ao seu encontro antes de meditar as vossas Escrituras, para que se imprimisse em minha memória o sentimento que nelas experimentei.

Depois, quando em vossos livros encontrasse a serenidade e minhas feridas fossem tocadas por vossos dedos e fossem por eles curadas, discerniria perfeitamente a diferença que havia entre a presunção e a humildade, entre os que veem para onde se deve ir e os que não veem por onde se vai nem o caminho que conduz à pátria bem-aventurada. Esta será não somente objeto e contemplação, mas também lugar e morada.

Ora, se antes de tudo me tivesse instruído nas vossas Santas Escrituras, e, familiarizado com elas, sentisse a vossa doçura, se deparasse depois com aqueles volumes (dos platônicos), talvez eles me arrancassem do sólido fundamento da piedade. Ou, se persistisse no sentimento salutar que deles tinha haurido, julgaria que, se alguém aprendesse só por esses livros, também deles poderia alcançar o mesmo afeto espiritual.

## **21 - Entre o esplendor da verdade e o platonismo.**

27. Por conseguinte lancei-me avidamente sobre o venerável estilo (da Sagrada Escritura), ditada pelo vosso Espírito, preferindo, entre outros autores, o Apóstolo São Paulo. Desvaneceram-se-me aquelas objeções segundo as quais algumas vezes me pareceu haver contradição na Bíblia e incongruência entre o texto dos seus discursos e os testemunhos da Lei e dos Profetas. Compreendi o aspecto único daqueles castos escritos, e "aprendi a alegrar-me com tremor". Comecei a lê-los e notei que tudo o que de verdadeiro tinha lido nos livros dos platônicos se encontrava naqueles, mas com esta recomendação da vossa graça: que aquele que vê não se glorie como se não tivesse recebido não somente o que vê mas também a possibilidade de ver. "Com efeito, que coisa tem ele que não tenha recebido?" E Vós, que sois sempre o mesmo, não só o admoestais para que Vos veja, mas também para que se cure a fim de Vos possuir.

Aquele que não pode ver de longe, percorra, contudo, o caminho por onde possa vir a contemplar-Vos e a possuir-Vos. Efetivamente, ainda que o homem se deleite na "lei de Deus, segundo o homem interior", que fará ele "perante a outra lei dos seus membros, que recalcitra contra a lei do seu espírito e o cativa na lei do pecado, escrita nos seus membros"? "Por isso, Vós, Senhor, sois justo; nós, porém, pecamos, cometemos iniquidade; procedemos impiamente, e a vossa mão pesou sobre nós." Justamente fomos entregues ao pecador antigo, ao príncipe da morte, pois persuadia a nossa vontade a conformar-se com a sua, "que não permaneceu na vossa verdade".

Que fará o infeliz homem? "Quem o livrará deste corpo de morte, senão a vossa graça por Jesus Cristo Nosso Senhor", que Vós gerastes coeterno e criastes no princípio de vossos caminhos, ao qual "o príncipe deste mundo", apesar de o não encontrar em nada merecedor de morte, o matou? "Foi assim anulado o libelo que nos era contrário."

Ora, isto não o dizem os livros platônicos. Suas páginas não encerram a fisionomia daquela piedade, nem as lágrimas da compunção, nem "o vosso sacrifício nem o espírito compungido,

nem o coração contrito e humilhado", nem a salvação do povo, nem a cidade desposada, nem o penhor do Espírito Santo, nem o cálice do nosso resgate.

Lá ninguém canta: Porventura a minha alma não há de estar sujeita a Deus? "Depende d'Ele a minha salvação, porquanto Ele é o meu Deus e Salvador. Ele me recebe e d'Ele não me apartarei mais."

Nos livros platônicos ninguém ouve Aquele que exclama: "Vinde a Mim, vós, os que trabalhais". Desdenham em aprender d'Ele, que é manso e humilde de coração.

"Escondestes estas coisas aos sábios e entendidos, e as revelastes aos humildes."

Uma coisa é ver dum píncaro arborizado a pátria da paz e não encontrar o caminho para ela, gastando esforços vãos por vias inacessíveis, entre os ataques e insídias dos desertores fugitivos com o seu chefe Leão e Dragão; e outra coisa é alcançar o caminho que para lá conduz, defendido pelos cuidados do general celeste, onde os que desertaram da milícia do paraíso não podem roubar, pois o evitam como um suplício.

Estas coisas penetraram-me até às entranhas, por modos admiráveis, ao ler (São Paulo) "o mínimo dos vossos Apóstolos". E enchia-me de espanto, considerando as vossas obras. . .

## **LIVRO VIII - A CONVERSÃO**

**I — Simpliciano. A conversão de Vitorino , suas dificuldades e alegrias (1-4).**

**II — A luta na conversão: As duas vontades... A exposição de Ponticiano (5-7).**

**III — A conversão de Santo Agostinho, de Alípio e a alegria de Santa Mônica(8-12).**

### **1 - "A pérola preciosa".**

1. Fazei, ó meu Deus, que eu recorde e confesse, em ação de graças, as vossas misericórdias para comigo! Permiti que os meus ossos se penetrem do vosso amor e digam: "Senhor, quem é semelhante a Vós?" Rompestes os meus grilhões e "ofertar-Vos-ei um sacrifício de louvor". Narrarei como os rompestes, e todos os que Vos adoram exclamarão: "Bendito seja o Senhor no céu e na terra; o seu nome é grande e admirável".

As vossas palavras tinham-se gravado no íntimo do meu coração. Vós cercáveis-me de todos os lados. Tinha a certeza de que a vossa vida era eterna, apesar de só a ter visto "em enigma e como num espelho". Toda a dúvida sobre a substância incorruptível me fora resolvida, ao ver que dela provém toda a substância. Desejava. . . não digo estar mais certo de Vós, mas mais firme em Vós. Tudo vacilava, porém, na minha vida temporal, e o meu coração precisava ser limpo do antigo fermento. O verdadeiro caminho, que é o Salvador, encantava-me, mas ainda me repugnava enveredar por seus estreitos desfiladeiros.

Inspirastes-me então a ideia — que, no meu conceito, julguei boa — de ir falar com Simpliciano, que eu tinha por um bom servo vosso e



em quem brilhava a vossa graça. Ouvira dizer, além disso, que desde a juventude vivia devotadamente para Vós.

Com efeito, já envelhecera, e, em tão longa idade, seguira sempre, com zelo ardente, o vosso caminho. Devia ser um homem muito experimentado e instruído. Assim era, na verdade. Queria, por isso, falar com ele das minhas inquietações, para que me descobrisse o modo de uma alma agitada como a minha adiantar no vosso caminho.

2. Via cheia a Igreja. Uns caminhavam duma maneira, outros doutra. Desagradava-me a vida que levava no mundo. Era para mim de grande peso, agora que as paixões e a esperança de honras e dinheiro já me não animavam, como de ordinário, a sofrer tão pesada servidão. Sim, tudo isso já me não deleitava, em vista da vossa doçura e da beleza da vossa casa, que amei. Mas ainda estava tenazmente ligado à mulher. É certo que o Apóstolo não me proibia casar, não obstante exortar-me a um estado melhor, porque queria ardentemente que todos os homens fossem como ele. Eu, porém, demasiado fraco, escolhia o lugar mais aprazível. Era só por isso que vivia de hesitações em tudo o mais, lânguido e enfermo por causa das preocupações enervantes, porque, parecendo coagido a entregar-me à vida conjugai, via-me também obrigado a incumbir-me de novas obrigações que não queria suportar.

Ouvira, da boca da Verdade, que "existiam eunucos que a si próprios se mutilaram por amor do reino dos céus". Mas Ela acrescenta: "quem pode compreender, compreenda". "São vãos, por certo, todos os homens em quem se não acha a ciência de Deus, e que, pelos bens visíveis, não chegaram a conhecer Aquele que é." Mas já não me encontrava naquela vaidade. Ultrapassara-a, e, pelo testemunho de todas as criaturas, ó Criador nosso, encontrara-Vos, a Vós e ao vosso Verbo, que, juntamente convosco, é Deus, um só Deus, por quem tudo criastes.

Há outra espécie de ímpios, que, "tendo conhecido a Deus, não o glorificaram nem lhe renderam graças".

Tinha também caído neste pecado. "A vossa destra, porém,

amparou-me", e, depois de me arrancardes de lá, colocastes-me onde me restabelecesse, dizendo ao homem: "a piedade é sabedoria"; "não queirais parecer sábios, porque os que se dizem sábios tornam-se insensatos". Já encontrara a "pérola preciosa" que devia comprar, depois de vender tudo o que possuía. Mas duvidava ainda.

## **2 - A conversão de Vitorino.**

3. Dirigi-me, portanto, a Simpliciano, que, na concessão da graça, era pai do Bispo Ambrósio. E, na verdade, este amava-o como pai. Narrei-lhe os labirintos do meu erro.

Quando, porém, lhe disse que tinha lido uns livros platônicos vertidos para o latim por Vitorino — outrora retórico em Roma, e de quem eu ouvira dizer ter morrido cristão —, Simpliciano deu-me os parabéns por não ter caído nos escritos dos outros filósofos, cheios de falácias e enganos, "segundo os elementos do mundo". As obras platônicas sugerem, de todos os modos, Deus e o seu Verbo.

Em seguida, para me exortar à humildade de Cristo, "escondida aos sábios e revelada aos pequeninos", falou de Vitorino, a quem conhecera intimamente, quando estava em Roma. Não guardarei silêncio sobre o que me contou dele, porque encerra grande louvor, que só à vossa graça se deve atribuir. Vitorino não teve vergonha de se fazer servo do vosso Cristo e criancinha na vossa fonte, sujeitando o pescoço ao jugo da humildade e dobrando a fronte sob o opróbrio da Cruz, ele, o célebre e douto ancião, perito em todas as artes liberais, leitor e crítico de tantas obras filosóficas, preceptor de tantos senadores ilustres; ele, que, pelo seu insigne e notável magistério, merecera e aceitara a honra que os cidadãos deste mundo têm por mais excelsa — uma estátua no Foro romano; ele, até àquela idade o adorador dos ídolos e o participante dos ritos sacrílegos, com que então quase toda a nobreza romana, apaixonada, inspirava ao povo o culto de Osíris, "de monstros de deuses de todo o gênero e até do ladrador Anúbis" — monstros que outrora "pegaram em armas contra Netuno, Vênus e Minerva"

— a quem Roma fazia súplicas, depois de os ter vencido; ele, enfim, o velho Vitorino, que por tantos anos defendera esses deuses com aterradora eloquência.

4. O Senhor, Senhor, que "inclinastes os céus e de lá desceste, que tocastes os montes e fumegaram", como pudestes insinuar-Vos naquele coração? Vitorino — afirmou-me Simpliciano — lia a Sagrada Escritura, perscrutava e investigava ansiosamente a verdade na literatura cristã. Dizia a Simpliciano, não às claras, mas na intimidade e familiarmente: "Sabes que já sou cristão?" E aquele respondia-lhe: "Não acreditarei em ti nem te contarei entre os cristãos, enquanto te não vir na Igreja de Cristo". Vitorino sorria, dizendo: "Portanto, são as paredes da igreja que nos fazem cristãos?" Repetia muitas vezes que já era cristão. Simpliciano respondia-lhe com a mesma frase, e Vitorino de novo repetia o gracejo das paredes.

Este temia ofender os amigos — soberbos adoradores dos demônios —, por julgar que, do cimo das suas dignidades babilônicas e mundanas, como do alto de cedros do Líbano que o Senhor ainda não abatera, haviam de ruir sobre ele pesadas perseguições.

Mas depois que hauriu força na leitura e oração, temeu ser negado por Cristo, "na presença dos santos anjos", se receasse "confessá-lo perante os homens". Imaginou-se réu de grande crime por se envergonhar dos sacramentos de humildade do vosso Verbo, e não corar com as sacrílegas adorações dos soberbos demônios, as quais, como soberbo imitador, aceitara. Teve pejo da vaidade e corou à vista da verdade. De súbito e inesperadamente disse a Simpliciano, como este me contou: "Vamos à igreja; quero fazer-me cristão". Simpliciano, não cabendo em si de alegria, foi com ele. Quando assimilou os primeiros mistérios da doutrina, deu, não muito depois, o nome para se regenerar no batismo, causando admiração em Roma e regozijo na Igreja. Os soberbos, ao verem o caso, iravam-se, rangiam os dentes e consumiam-se. Vós, porém, Deus e Senhor, éreis a esperança do vosso servo, que "não olhava para vaidades e enganosas loucuras".

5. Enfim, chegada a hora de fazer a profissão de fé — em Roma, os que se hão de aproximar para receber a graça costumam fazer essa profissão dum lugar elevado, em fórmulas fixas e decoradas, na presença do povo fiel —, contou-me Simpliciano que os presbíteros ofereceram a Vitorino para a fazer à parte, como se costumava permitir a alguns que deixavam antever timidez e vergonha. Mas ele preferiu confessar a sua salvação na presença da plebe santa. Se tinha professado publicamente a retórica, apesar de nela não ter ensinado a salvação, que motivo havia para, ao pronunciar as vossas palavras, ter medo da vossa mansa grei, ele que, ao proferir os seus discursos, não temia as turbas dos insensatos?! Quando subiu para dar testemunho da fé, como todos o conheciam, unanimemente soltaram com alarido o seu nome, em gritos de regozijo.

Quem havia ali que o não conhecesse? Ressoou, em som reprimido, pela boca de todo o povo delirante de alegria: "Vitorino, Vitorino!" Ao verem-no, imediatamente o aclamaram com júbilo. Mas logo emudeceram para o ouvirem com atenção. Vitorino pronunciou, com notável firmeza, a fórmula da verdadeira fé. Todos o desejavam raptar para dentro do coração. Raptaram-no com o amor e a alegria. Estas eram as mãos com que o arrebataram!

### **3 - A alegria do que volta a Deus.**

6. Ó Deus tão bom, que se passa no homem, para que se regozije mais com a salvação duma alma desesperada e agora livre dum grande perigo, do que se ele sempre tivesse conservado a esperança acerca dela e fosse menor o perigo? Mas também Vós, ó Pai misericordioso, sentis mais gozo "por um só penitente, do que por noventa e nove justos, que não precisam da penitência". Também nós ouvimos com imenso prazer a alegria do pastor que conduz aos ombros a ovelha desgarrada, ou a da mulher que encontrou a moeda, e, no meio do regozijo dos vizinhos, a repõe nos vossos tesouros. O júbilo da solenidade da vossa morada estanca-nos as lágrimas ao lermos que em vossa casa o filho mais

novo "estava morto e reviveu, tinha perecido e foi encontrado".

Regozijais-Vos em nós e em vossos anjos santificados por um amor Santo. Sois sempre o mesmo. Conheceis sempre e do mesmo modo tudo o que nem sempre nem da mesma maneira existe.

7. Que é, pois, o que se opera na alma, quando se deleita mais com as coisas encontradas ou reavidas que estima, do que se as possuísse sempre? Há, na verdade, muitos outros exemplos que o afirmam. Abundam os testemunhos que nos gritam: "É assim mesmo!" Triunfa o general vitorioso. Mas não teria alcançado a vitória se não tivesse pelejado, e quanto mais grave foi o perigo no combate, tanto maior é o gozo no triunfo. A tempestade arremessa os marinheiros, ameaçando-os com o naufrágio: "Todos empalidecem com a morte iminente". Mas tranquilizam-se o céu e o mar, e todos exultam muito, porque muito temeram. Está doente um amigo e o seu pulso acusa perigo.

Todos os que o desejam ver curado sentem-se simultaneamente doentes na alma.

Melhora. Ainda não recuperou as forças antigas e já reina tal júbilo qual não existia antes, quando se achava são e forte.

Até os próprios prazeres da vida humana não se apossam do coração do homem só por desgraças inesperadas e fortuitas, mas por moléstias previstas e voluntariamente procuradas. Não há prazer nenhum no comer e beber, se o incômodo da fome e da sede o não precede. Por isso os ébrios costumam tomar certos alimentos salgados, para que se lhes torne molesta a sede ardente que se há de transformar em prazer, quando acalmada pela bebida. Está estabelecido que não se entregam imediatamente aos maridos as esposas prometidas, para que o esposo, no caso de nunca haver suspirado pela esposa, não a venha a ter como coisa desprezível.

8. Isso tanto se verifica na alegria torpe e execranda como no prazer permitido e lícito; na mais sincera e pura amizade, como também naquele "que estava morto e reviveu, havia perecido e foi achado". Por toda parte, uma alegria maior é precedida duma dor

também maior.

Por que assim, ó Senhor, Deus meu, quando Vós próprio sois a vossa alegria eterna, e tudo o que está à vossa volta se alegra em Vós? Por que é que esta parte das vossas obras oscila em alternativas de queda e de progresso, de ofensas e de reconciliações? Será esta a sua condição? Só lhe concedestes isso, quando das alturas dos céus até aos abismos da terra, do princípio ao fim dos séculos, do anjo ao mais pequenino verme, do primeiro ao último movimento dispúnheis todas as variedades de bens e todas as vossas obras justas no seu lugar, e as determináveis no seu respectivo tempo? Ai de mim! Quão alto sois nas alturas e quão profundo nos profundos abismos! Nunca Vos apartais de nós, e, contudo, com que dificuldade nos voltamos para Vós!

#### **4 - O regozijo da Igreja.**

9. Eia, Senhor, agi, despertai-nos, e chamaí-nos! Vinde abraçar-nos e arrebatá-nos, inflamai-nos, enchei-nos de doçura: amemos, corramos. Não são muitos os que, dum tártaro de cegueira mais profundo que o de Vitorino, se voltam para Vós, se aproximam e, recebendo a luz, se veem iluminados? E, no caso de receberem essa luz, não é verdade que recebem igualmente de Vós o poder de se fazerem vossos filhos? Mas, se eles são menos conhecidos no mundo social, até as pessoas que os conhecem já se alegram menos. Com efeito, quando a alegria invade a muitos, o gáudio é mais abundante em cada um, pois aquecem-se e inflamam-se uns aos outros. Depois, os que são conhecidos de muita gente exercem influência na salvação de muitos e caminham adiante, seguidos de numerosas pessoas. Por isso, dão também grande alegria aos que os precederam. Não se regozijam só consigo. Mas longe de mim pensar que no vosso tabernáculo se recebem os ricos de preferência aos pobres, ou os nobres de preferência aos desprezados, porque escolhestes "o fraco segundo o mundo, para confundirdes o forte; escolhestes o vil deste mundo, o desprezível e

o que não é nada para destruídes o que é". Contudo, "o mínimo dos vossos apóstolos", por cuja língua fizeste ressoar estas palavras, quando fez passar, sob o jugo de Cristo, o Pro cônsul Paulo, cuja soberba abateu pela força e o transformou em súdito do grande Rei, gostou de se chamar também Paulo em vez do antigo Saulo, por ser tão grande a vitória brilhantemente alcançada. Com efeito, o adversário é mais completamente vencido naquele em quem ele domina com mais império e por meio do qual retém maior número de sequazes. Por isso, o inimigo segura com mais força os soberbos por meio do nome da nobreza, e, por intermédio destes, a outros muitos pelo título da autoridade.

Ora, quanto mais favorável era a opinião que havia do coração de Vitorino — espécie de reduto inexpugnável que o demônio tinha ocupado — e da língua — dardo comprido e agudo com que dera a morte a muitas almas —, tanto mais superabundantemente deviam exultar os vossos filhos, ao verem que o nosso Rei agrilhoara o forte, e que os seus vasos roubados se tinham purificado e acondicionado à vossa honra, tornando-se "úteis ao Senhor para toda boa obra".

## **5 - A luta das vontades.**

10. Logo que o vosso servo Simpliciano me contou tudo isso de Vitorino, imediatamente ardi em desejos de imitá-lo. De fato, toda a sua narração tinha este mesmo fim em vista. Porém, quando depois acrescentou que nos tempos do Imperador Juliano tinha sido promulgada uma lei proibindo aos cristãos ensinarem literatura e oratória — lei que Vitorino abraçou, preferindo assim abandonar antes a escola dos palradores do que a vossa Palavra, "com que tornais eloquentes as línguas das crianças" — pareceu-me que Vitorino era tão corajoso como feliz, por ter encontrado ocasião propícia para se entregar a Vós. Por isso eu suspirava, atado, não pelas férreas cadeias duma vontade alheia, mas pelas minhas, também de ferro.

O inimigo dominava o meu querer, e dele me forjava uma cadeia

com que me apertava. Ora, a luxúria provém da vontade perversa; enquanto se serve à luxúria, contrai-se o hábito; e, se não se resiste a um hábito, origina-se uma necessidade. Era assim que, por uma espécie de anéis entrelaçados — por isso lhes chamei cadeia —, me segurava apertado em dura escravidão. A vontade nova, que começava a existir em mim, a vontade de Vos honrar gratuitamente e de querer gozar de Vós, ó meu Deus, único contentamento seguro, ainda se não achava apta para superar a outra vontade, fortificada pela concupiscência. Assim, duas vontades, uma concupiscente, outra dominada, uma carnal e outra espiritual, batalhavam mutuamente em mim. Discordando, dilaceravam-me a alma.

11. Por isso, compreendia, por experiência própria, o que tinha lido. Entendia agora como "a carne tem desejos contra o espírito, e o espírito tem-nos contra a carne".

Eu, na verdade, vivia em ambos: na carne e no espírito. Vivia, porém, mais naquele que aprovava em mim (no desejo do espírito contra a carne), do que no outro que em mim condenava (no desejo da carne contra o espírito). Com efeito, neste já não era eu quem vivia, visto que, em grande parte, o sofria mais contra a vontade, do que o praticava de livre arbítrio. Mas, enfim, o hábito, que combatia tanto contra mim, provinha de mim, porque, com atos da vontade, eu chegava onde não queria. E quem poderá protestar legitimamente, quando um castigo justo persegue o pecador?

Eu já não tinha aquela escusa pela qual ordinariamente me parecia que, se ainda não desprezava o mundo, para Vos servir, era porque tinha uma luz incerta de verdade. Já não tinha essa escusa, pois a luz também já era certa para mim. Porém, ainda ligado à terra, recusava alistar-me no Vosso exército, e temia tanto ver-me livre de todos os impedimentos como se receasse ficar preso.

12. Semelhante ao que dorme num sonho, sentia-me docemente oprimido pelo peso do século. Os pensamentos com que em Vós meditava pareciam-se com os esforços daqueles que desejam despertar, mas que, vencidos pela profundidade da sonolência, de novo mergulham no sono. Não há ninguém que queira dormir



sempre. A sã razão de todos concorda que é preferível estar acordado. E contudo, quando o torpor torna os membros, pesados, retarda-se, as mais das vezes, a hora de sacudir o sono, e vai-se continuando, de boa vontade, a prolongá-lo até ao aborrecimento, mesmo depois de haver chegado o tempo de levantar.

Também eu estava certo de que o entregar-se ao vosso amor era melhor que ceder ao meu apetite. Mas o primeiro agradava-me e vencia-me; o segundo aprazia-me e encadeava-me. Não tinha, por isso, nada que Vos responder, quando me dizíeis: "Desperta, ó tu que dormes; levanta-te de entre os mortos e Cristo te iluminará".

Mostrando-me Vós, por toda parte, que faláveis verdade, eu, que já estava convencido, não tinha absolutamente nada que Vos responder senão palavras preguiçosas e sonolentas: "Um instante, um instantinho, esperai um momento". Mas este "instante" não tinha fim, e este "esperai um momento" ia-se prolongando.

"Deleitava-me com a vossa Lei segundo o homem interior, mas em vão, porque em meus membros outra lei repugnava à lei do meu espírito, e me mantinha cativo na lei do pecado que está em meus membros." Com efeito, a lei do pecado é a violência do hábito, pela qual a alma, mesmo contrafeita, é arrastada e presa, mas merecidamente, porque, querendo, se deixa escorregar. Ah! Miserável de mim! "Quem me livrará deste corpo mortal, senão a vossa graça, por/Jesus Cristo Nosso Senhor?"

## **6 - Narração de Ponticiano.**

13. Contarei agora e confessarei, "ó Senhor, meu amparo para glória do vosso nome, Redentor", como me arrancastes dos laços do desejo carnal, a que estava tão estreitamente preso.

Levava a vida do costume, numa ansiedade crescente, suspirando todos os dias por Vós e frequentando a vossa igreja por todo o tempo que me deixavam livre os negócios sob cujo peso gemia. Habitava comigo Alípio, desonerado do cargo de juiz, depois de ter sido assessor pela terceira vez, esperando ocasião de vender de novo as consultas como eu vendia a arte da eloquência, se é que,

pelo ensino, a podemos transmitir. Nebrídio, porém, havia cedido à nossa amizade, vindo substituir, nas aulas, a Verecundo, o nosso mais íntimo amigo, cidadão milanês e gramático, que com grande instância desejava e em nome da amizade pedia que um de nós lhe prestasse a ajuda de que tanto carecia.

Portanto, não foi o desejo das comodidades que atraiu para este ofício Nebrídio — pois poderia, se quisesse, tirar mais rendimento das suas letras —, mas, como amigo tão doce e aprazível, não quis, por dever de benevolência, desprezar o nosso pedido.

Procedia, porém, com a maior prudência, tendo o cuidado de se não fazer conhecido dos grandes segundo este mundo. Evitava no trato com eles toda a inquietação do espírito, que queria conservar livre e desocupado, com o maior número de horas possível para indagar, ler ou ouvir ler qualquer coisa da sabedoria.

14. Ora, um dia — não me recordo por que é que Nebrídio se achava ausente —, um tal Ponticiano, nosso compatriota, como africano que era, que no palácio desempenhava um cargo elevado, veio à nossa casa visitar-nos, a mim e a Alípio. Já não sei o que nos queria. Sentamo-nos para conversar. Por acaso, viu em cima da mesa de jogo que estava diante de nós um códice. Pegou nele, abriu-o, e inesperadamente encontrou as Epístolas do Apóstolo São Paulo. Imaginara que era algum dos livros cujo estudo me atarefava. Então, sorriu para mim e, felicitando-me, admirou-se de ter encontrado, em frente de meus olhos, este livro e só este livro.

Ponticiano era um cristão fiel que muitas vezes se prostrara diante de Vós, ó meu Deus, na igreja, em frequente e longa oração.

Declarei-lhe que todo o meu maior cuidado ia para aquela Bíblia.

Assim nasceu a conversa de Ponticiano acerca de Antão, monge do Egito, cujo nome resplandecia notoriamente entre vossos servos, mas que até àquela hora nos era desconhecido. Quando reparou nisto, alongou-se na conversa. Sugeriu-nos um homem tão grande, para nós desconhecido, e estranhava a nossa ignorância.

Ouvíamos, estupefatos, as vossas maravilhas tão autênticas, tão recentes e quase contemporâneas, realizadas na verdadeira Fé, na Igreja Católica. Todos nos admirávamos: nós, por serem estas

coisas tão grandes; e ele, por nunca as termos ouvido.

15. Daqui, passou a conversa à multidão de mosteiros, aos bons costumes que recendiam o vosso suave perfume, e, enfim, aos férteis desertos do ermo. Tudo isto ignorávamos absolutamente. Havia mesmo em Milão, fora das muralhas, um mosteiro cheio de santos religiosos, sob a tutela de Ambrósio, e nós sem o sabermos. Ponticiano prosseguia, continuando sempre a falar, e nós todos atentos, em silêncio.

Passou a contar-nos que um dia, não sei quando, ele e três camaradas saíram, creio que em Tréveris, a passear pelos jardins contíguos às muralhas. Era depois do meio-dia e o imperador achava-se absorvido nos jogos circenses.

Por acaso, caminhando afastados, em grupos de dois, um com Ponticiano, e do mesmo modo os outros, tomaram por caminhos diferentes. Ora, estes últimos deram com uma cabana onde habitavam uns vossos servos, "pobres em espírito, de quem é o reino dos céus". Encontraram lá um códice onde estava escrita a vida de Antão. Um deles começa a lê-la. Principia a admirar-se, a abraçar-se, e, enquanto lia, pensava em abraçar tal vida, e servir-Vos, abandonando a milícia do século. Pertenciam ao número dos chamados agentes de negócios (do imperador). Então, de repente, cheio de santo amor e salutar confusão, irado consigo mesmo, pousou os olhos no amigo e disse-lhe: "Peço-te que me digas: onde pretendemos nós chegar com todos estes trabalhos? Que buscamos? Por que razão militamos?

Que esperança maior podemos conceber no palácio, do que sermos validos do imperador? Mas, para isso, quanta incerteza e quantos perigos? Quantos perigos para chegar a um perigo ainda maior? E quando lá chegaremos nós? Porém, se eu quiser ser amigo de Deus, posso sê-lo desde já, imediatamente".

Disse essas palavras, e, agitado, exaltado por aquela gestação de vida nova, lançou de novo os olhos ao livro. Lia e transformava-se interiormente, onde só Vós o víeis. O pensamento fugia-lhe deste mundo, como logo se notou. Ao ler, revolveram-se-lhe as ondas do

coração. Sentiu de vez em quando frêmitos, viu o melhor partido a tomar e, resolvido a segui-lo, disse, já todo vosso, para o amigo: "Já rompi com todas as nossas esperanças; decidi servir a Deus; entro para o Seu serviço, nesta hora e neste lugar. Se não tens força para me imitares, não me sejas contrário". Respondeu o outro que se lhe queria também juntar com o companheiro de tão grande prêmio, em tão grande combate. E ambos, já vossos, edificavam, com capital suficiente, uma torre de salvação, deixando tudo o que possuíam para Vos seguir. Então, Ponticiano e o que com ele passeava pelas outras partes do jardim foram procurá-los. Chegaram ao sítio onde se encontravam, e avisaram-nos para que voltassem, pois já entardecia. Mas eles, contando a sua resolução, o propósito e o modo como tal vontade havia nascido neles e se enraizara, pediram que os não molestassem, caso recusassem juntar-se-lhes. Estes, porém, sem mudarem de vida, choraram-se a si mesmos, como referia Ponticiano. Felicitaram-nos piamente, encomendaram-se às suas orações e, arrastando o coração pela terra, afastaram-se para o palácio. Os outros dois, fixando o seu coração no céu, ficaram na cabana. Ambos tinham noivas. Quando estas depois souberam de tal resolução, consagraram-Vos também a virgindade.

## **7 - Reação de Agostinho.**

16. Isto me contava Ponticiano. Mas Vós, Senhor, enquanto ele falava, fazíeis-me refletir sobre mim mesmo, tirando-me da posição de costas em que me tinha posto para eu próprio me não poder ver. Colocáveis-me perante o meu rosto, para que visse como andava torpe, disforme, sujo, manchado e ulceroso. Via-me e horrorizava-me; mas não tinha por onde fugir.

Todas as vezes que me esforçava por afastar essa vista, Ponticiano avançava sempre na narrativa. Colocáveis-me a mim mesmo diante de mim, e arremessáveis-me para a frente dos meus olhos, para que, "encontrando a minha iniquidade, a odiasse".

Conhecia-a, mas fingia que a não via, procurando esquecê-la.

17. Mas quanto mais ardentemente amava aqueles jovens, de quem ouvia contar salutareos exemplos — pois se entregaram todos a Vós para os curardes —, tanto mais execravelmente me odiava, ao comparar-me com eles. Com efeito, já tinham decorrido muitos anos — talvez uns doze — desde o ano décimo nono da minha idade, em que me apaixonei pelo estudo da Sabedoria, ao ler o Hortênsio de Cícero. Eu ia adiando a hora de desprezar a felicidade terrena, para me entregar à busca da Sabedoria, cuja investigação, para não falar já da sua descoberta, se deve antepor aos tesouros encontrados, aos reinos do mundo e, enfim, aos prazeres corporais, que, a um aceno, afluíam à minha volta.

Eu, jovem tão miserável, sim, miserável desde o despertar da juventude, tinha-Vos pedido a castidade, nestes termos: "Dai-me a castidade e a continência; mas não ma deis já". Temia que me ouvísseis logo e me curásseis imediatamente da doença da concupiscência, que antes preferia suportar que extinguir. Tinha andado por maus caminhos, em sacrílega superstição, não que estivesse certo dela, mas porque a antepunha a outras verdades que não procurava com piedade e combatia hostilmente.

18. Julgava que o motivo por que adiava de dia para dia o desprezo da esperança do século e o seguir-Vos só a Vós era porque me não aparecia nada certo por onde dirigisse o meu trajeto. Veio então o dia em que me vi todo nu, sob as repreensões da consciência: "Onde está a tua palavra? Não dizias que era por causa da incerteza da verdade que não atiravas com o fardo da tua vaidade? Já tens a certeza e ainda o fardo te carrega, quando outros, que não se mataram em procurá-la, nem meditaram dez anos ou mais, em tais assuntos, recebem asas nos seus ombros mais livres".

Assim me roía interiormente, confundindo-me com horrível e acentuada vergonha, enquanto Ponticiano falava. Finda a conversa e alcançando o fim a que viera, partiu. E eu voltei a mim. O que não proferi contra mim mesmo?

Com que açoites de palavras não flagelei a alma, para que seguisse o impulso que eu fazia para ir atrás de Vós? Mas ela, renitente, recusava sem se escusar. Todos os argumentos estavam desfeitos

e refutados. Só ficara nela um mudo temor. A alma tinha medo, como da morte, de ser desviada da corrente do vício em que ia apodrecendo mortalmente.

## **8 - No jardim de Milão. Luta espiritual.**

19. Então, no meio daquela grande refrega que, na minha casa interior, no meu quarto — o coração —, violentamente tinha travado contra a alma, precipito-me sobre Alípio, exclamando, perturbado no rosto e no espírito: "Por que sofremos? Que significa o que acabas de ouvir? Os ignorantes levantam-se e arrebatam o céu, e nós, com doutrinas insensatas, eis como nos revolvemos na carne e no sangue! Teremos vergonha de segui-los, porque nos precederam, e não nos envergonhamos sequer de os não seguir"?

Tais foram algumas das palavras que disse. A perturbação arrancou-me de Alípio.

Ficou calado e atônito, a olhar-me, por eu falar dum modo insólito. A fronte, as faces, os olhos, a cor, o timbre da voz descreviam mais o estado da minha alma, do que as palavras que proferia.

Na habitação de que usávamos, bem como do resto da casa — pois o hospedeiro, o dono, não a habitava —, havia um pequeno jardim. Para lá me levava o tumulto do meu peito, onde ninguém era capaz de evitar a ardente luta que eu travara comigo e que se prolongaria até se resolver o assunto conforme Vós sabíeis e eu ignorava. Esta minha loucura seria salutar e esta morte, vivificante. Eu sabia o que tinha de mal, e ignorava o bem que havia de ter pouco tempo depois.

Afastei-me para o jardim e Alípio seguiu-me, passo a passo. Mesmo com ele presente, a minha solidão continuava. Como me havia ele de deixar, naquele estado?

Sentamo-nos o mais longe possível de casa.

Eu rangia em espírito, irando-me com turbulenta indignação, por não poder seguir o vosso agrado e aliança, ó meu Deus, pela qual todos os meus ossos clamavam, erguendo-Vos louvores até ao céu.

Para lá chegar não se vai de navio, de carro ou a pé, nem sequer para andar o caminho que tinha percorrido desde casa ao lugar onde estávamos sentados. Com efeito, não só o ir ao céu, mas também o atingi-lo não são mais que o querer ir, mas um querer forte e total, não uma vontade tibia que anda e desanda daqui para ali, que luta consigo mesma, erguendo-se num lado e caindo no outro.

20. Enfim, naquelas hesitações causadas pela dúvida, fazia os gestos que costumam fazer os homens que querem e não podem, ou porque não possuem membros ou porque os têm ligados com cadeias, debilitados pela fraqueza, ou de qualquer modo impedidos.

Agarrei o cabelo, feri a fronte, apertei os joelhos entre os dedos entrelaçados. Fiz todos estes gestos porque quis. Poderia, porém, querer e não os fazer, se a flexibilidade dos membros, me não obedecesse.

Fiz, portanto, muitos movimentos, quando o querer não era o mesmo que o poder. Não fiz o que incomparavelmente desejava muito mais, apesar de o poder fazer logo que quisesse, porque, para o querer, basta querer sinceramente. Ora, aqui a faculdade de poder identificava-se com a vontade; o querer era já praticar. E contudo não acontecia assim, porque o corpo, movendo ao mínimo sinal os membros, obedecia mais facilmente à vontade fraquíssima da alma, do que a própria alma se obedecia a si mesma para efetuar a sua grande vontade, só com a vontade.

## **9 - A vontade em guerra.**

21. Onde vem este prodígio? Qual o motivo? Fazei que brilhe a vossa misericórdia, e eu pergunte, pois talvez me possam responder os castigos sombrios dos homens e as tenebrosas desolações dos filhos de Adão. Onde provém este prodígio? Qual a causa? A alma manda ao corpo, e este imediatamente lhe obedece; a alma dá uma ordem a si mesma, e resiste! Ordena a alma à mão que se mova, e é tão grande a facilidade, que o mandado mal se distingue da execução. E a alma é alma, e a mão

é corpo! A alma ordena que a alma queira; e, sendo a mesma alma, não obedece.

Donde nasce este prodígio? Qual a razão? Repito: a alma ordena que queira — porque se não quisesse não mandaria —, e não executa o que lhe manda!

Mas não quer totalmente. Portanto, também não ordena terminantemente. Manda na proporção do querer. Não se executa o que ela ordena enquanto ela não quiser, porque a vontade é que manda que seja vontade. Não é outra alma, mas é ela própria. Se não ordena plenamente, logo não é o que manda, pois, se a vontade fosse plena, não ordenaria que fosse vontade, porque já o era. Portanto, não é prodígio nenhum em parte querer e em parte não querer, mas doença da alma. Com efeito, esta, sobrecarregada pelo hábito, não se levanta totalmente, apesar de socorrida pela verdade. São, pois, duas vontades.

Porque uma delas não é completa, encerra o que falta à outra.

## **10 - Contra os maniqueístas.**

22. Desapareçam, ó meu Deus, da vossa face, como vãos faladores e sedutores do espírito, os que, ao observarem a deliberação das duas vontades, afirmam que temos duas almas de naturezas diferentes: uma boa e outra má. Ora, esses tais são realmente maus, ao seguirem essa má doutrina. Só serão bons quando sentirem a verdade e concordarem com os homens de verdade, para que o vosso Apóstolo lhes possa também dizer: "Outrora fostes trevas, mas agora sois luz no Senhor". Porém, enquanto quiserem ser luz em si mesmos e não no Senhor, julgando que a natureza da alma é a mesma que a de Deus, vão-se fazendo trevas cada vez mais densas. Com efeito, na sua repugnante arrogância, afastaram-se para mais longe de Vós, verdadeira luz que ilumina todo homem que vem a este mundo. Refleti no que afirmais e corai de vergonha. Aproximai-vos d'Ele para serdes iluminados e os vossos rostos não serão cobertos de confusão.

Quando eu deliberava servir já o Senhor meu Deus, como há muito



tempo tinha proposto, era eu o que queria e era eu o que não queria; era eu mesmo. Nem queria, nem deixava de querer inteiramente. Por isso me digladiava, rasgando-me a mim mesmo. Esta destruição operava-se, é certo, contra a minha vontade, porém não indicava a natureza duma alma estranha, mas o castigo da minha própria alma. "Era o pecado", que habitava em mim e não eu quem mo afligia em castigo dum pecado cometido com mais liberdade por ser filho de Adão.

23. Se houvesse, portanto, tantas naturezas contrárias quantas as vontades que em nós se debatem, haveria não duas, mas maior número de naturezas. Se alguém hesita em ir a uma das ridículas reuniões dos maniqueístas ou ao teatro, logo aqueles gritam: "Eis duas naturezas: uma boa, que o atrai para cá; outra má, que o afasta. Que outra origem pode ter esta indecisão de vontades contrárias entre si?" Porém eu, pela minha parte, digo que ambas são más, tanto aquela que o arrasta para eles, como a outra que leva ao teatro. Mas eles só têm como boa a vontade que o conduz às suas reuniões!

Mas suponhamos que um dos nossos delibera e flutua entre duas vontades desavindas entre si, se há de ir ao teatro ou à nossa igreja. Não flutuarão os maniqueístas na resposta que hão de dar? Ou hão de confessar o que não querem, que a vontade boa é que o conduz à nossa igreja, aonde se dirigem os que já foram embebidos e ligados pelos Sacramentos — ou então hão de julgar que num só homem combatem duas naturezas e duas almas más. Portanto, será falso o que costumam dizer, que há uma natureza boa e outra má. Ou se hão de voltar, enfim, para a verdade, sem poder deixar de afirmar que, quando se delibera, a alma é uma só, hesitante entre diversas vontades.

24. Logo, admitindo eles que duas vontades combatem num só homem, nem por isso afirmam que contendem duas almas contrárias, uma boa e outra má, formadas de duas substâncias contrárias e de dois princípios também contrários! Vós, Deus verdadeiro, os reprovais, arguis e convenceis, uma vez que o mesmo acontece em vontades diferentes, ambas más, como, por

exemplo, quando alguém delibera se há de assassinar um homem a veneno ou a punhal, se há de assaltar esta ou aquela propriedade alheia quando as não pode apanhar ambas, se se há de servir do dinheiro para comprar o prazer luxurioso ou conservá-lo na avareza, se há de ir ao circo ou a teatro, dado o caso de serem no mesmo dia. Acrescento uma terceira deliberação: se se há de ir roubar a casa alheia havendo para isso oportunidade. Ajunto uma quarta incerteza: se se há de cometer adultério patenteando-se com isso simultaneamente a possibilidade.

Ora, se todas estas hipóteses se realizassem num dado momento e com igual ânsia se desejassem todas — coisa que de modo algum pode acontecer ao mesmo tempo —, despedaçariam a alma numa luta de quatro vontades ou mais ainda, pois é tão grande a abundância dos objetos apetecidos! Contudo, eles, os maniqueístas, não têm o costume de afirmar que haja tão grande multidão de substâncias diversas!...

O mesmo acontece nas vontades boas. Com efeito, pergunto-lhes se é bom deleitar-me com a leitura do Apóstolo, se é bom deleitar-me com o canto moderado dum salmo ou se é bom comentar o Evangelho. A cada uma destas perguntas, responderão: "É bom". Mas se todas nos agradessem igualmente e ao mesmo tempo, não atormentariam já estas diversas vontades o coração do homem, enquanto delibera qual delas preferentemente deve abraçar? E todas são boas e lutam mutuamente até que se tome uma resolução para a qual a vontade, que dantes se dividia, se volte inteiramente, já unificada.

Assim também quando a eternidade deleita a parte superior, e o desejo do bem temporal retém a parte inferior, é a mesma alma que, sem vontade plena, quer uma ou outra coisa. Por isso despedaça-se em penosas dores enquanto pela verdade prefere a eternidade, e pelo hábito não quer desprezar o desejo do bem temporal.

## **11 - O espírito e a carne. Últimas lutas.**

25. Assim sofria e me atormentava, acusando-me muito mais asperamente que de ordinário, rolando-me e revolvendo-me nas minhas cadeias até que totalmente estalassem, pois só tenuemente estava atado a elas. Mas, enfim, ainda estava preso. E Vós, ó Senhor, instáveis nos recônditos do meu coração. Com severa misericórdia duplicáveis os açoites do temor e da vergonha, para eu não afrouxar, e para eu partir as pequenas e leves cadeias que tinham ficado, a fim de se não robustecerem de novo, ligando-me mais tenazmente.

Dizia dentro de mim: "Vai ser agora, agora mesmo". E pelas palavras caminhava para a decisão final. Estava a ponto de a cumprir, e não a cumpria. Já não recaía nas antigas paixões, mas estava próximo delas e respirava-as. Ao mesmo tempo, esforçava-me por chegar a uma decisão. Faltava pouco, sim, faltava pouco. Já quase a atingia e segurava.

Mas ainda lá não estava nem a tocava, nem a alcançava, hesitando em morrer na morte ou viver na vida.

A paixão, arraigada em mim, dominava-me mais do que o bem, cujo hábito desconhecia. Ao passo que se vinha aproximando o tempo em que me devia transformar noutro homem, maior era o horror que me incutia. Mas este não me repelia para trás nem me desencaminhava. Simplesmente se mantinha indeciso.

26. Retinham-me preso bagatelas de bagatelas, vaidades de vaidades, minhas velhas amigas, que me sacudiam o vestido carnal e murmuravam baixinho: "Então despedes-nos? Daqui por diante, nunca mais estaremos contigo. Desde agora, nunca mais te será lícito fazer isto e aquilo..."

E que coisas, ó meu Deus, que pensamentos me sugeriam as vaidades no que eu chamei "isto ou aquilo"! Afaste-os da alma do vosso servo a vossa misericórdia! Que imundícies me sugeriam, que indecências! Reduzia-se já a menos de metade o número de vezes em que lhes dava ouvidos. Já as vaidades me não contradiziam abertamente, de frente, mas, como que a segredar-me pelas costas, espicaçavam-me furtivamente para que olhasse

para trás quando procurava afastar-me. Contudo, faziam-me retardar, por duvidar arrancar-me e desfazer-me delas, para saltar aonde me chamavam, enquanto o hábito violento me rosnava: "Julgas que poderás passar sem elas"?

27. Mas o hábito já me dizia isso com voz muito débil. Do lado para onde voltava o rosto e por onde temia passar, abria-se diante de mim a casta dignidade da continência, serena, sem alegria desordenada. Convidava-me, acariciando-me honestamente, para que viesse sem receios. Estendia-me as mãos piedosas e cheias de rebanhos de boas obras para me receber e me abraçar. Junto dela, quantos meninos, donzelas, numerosa juventude, todas as idades, viúvas venerandas, virgens idosas! Em nenhuma delas era estéril a mesma continência, senão mãe fecunda de filhos gerados nas alegrias de Vós, Esposo e Senhor. Ria-se de mim com ironia animadora, como que a dizer: "Então, não poderás fazer o que estes e estas fizeram? É porventura por si mesmos que estes o podem fazer? Não é por virtude de seu Deus e Senhor? Foi o Senhor seu Deus quem me entregou a eles. Por que te apoias em ti, ficando assim instável? Lança-te n'Ele e não temas! Ele não fugirá de ti, e tu não cairás. Lança-te confiadamente, e Ele, recebendo-te, curar-te-á".

Estava todo envergonhado porque ainda ouvia os murmúrios daquelas bagatelas e ficava suspenso na dúvida. De novo, a castidade parecia dizer-me: "Sê surdo às tentações imundas dos teus membros na terra, para os mortificares. Narram-te deleites, mas estes não são segundo a lei do Senhor teu Deus".

Esta controvérsia em meu coração era apenas eu a lutar comigo mesmo. Entretanto, Alípio, fixo a meu lado, aguardava, silencioso, o desenlace desta insólita agitação.

## **12 - A conversão.**

28. Quando, por uma análise profunda, arranquei do mais íntimo toda a minha miséria e a reuni perante a vista do meu coração, levantou-se enorme tempestade que arrastou consigo uma chuva

torrencial de lágrimas. Para derramá-las todas com seus gemidos, afastei-me de Alípio, porque a solidão representava-se-me mais acondicionada ao choro. Retirei-me o suficiente para que a sua presença me não pudesse ser pesada.

Eis em que estado me encontrava! Alípio bem o adivinhou, porque lhe disse, julgo eu, qualquer coisa em que se descortinava o tom pesado que o choro imprimia ao timbre da voz. Tinha-me, então, erguido. Alípio, no auge do assombro, ficou imóvel no sítio onde estivéramos. Retirei-me, não sei como, para debaixo duma figueira, e larguei as rédeas ao choro.

Prorromperam em rios de lágrimas os meus olhos. Este sacrifício era-Vos agradável. Dirigi-Vos muitas perguntas, não por estas mesmas palavras, mas por outras do mesmo teor: "E Vós, Senhor, até quando? Até quando continuareis irritado? Não Vos lembreis das minhas antigas iniquidades". Sentia ainda que elas me prendiam. Soltava gritos lamentosos: "Por quanto tempo, por quanto tempo andarei a clamar: Amanhã, amanhã? Por que não há de ser agora? Por que o termo das minhas torpezas não há de vir já, nesta hora"?

29. Assim falava e chorava, oprimido pela mais amarga dor do coração. Eis que, de súbito, ouço uma voz vinda da casa próxima. Não sei se era de menino, se de menina.

Cantava e repetia frequentes vezes: "Toma e lê; toma e lê".

Imediatamente mudando de semblante, comecei com a máxima atenção a considerar se as crianças tinham ou não o costume de trautear essa canção em algum dos jogos. Vendo que em parte nenhuma a tinha ouvido, reprimi o ímpeto das lágrimas, e levantei-me, persuadindo-me de que Deus só me mandava uma coisa: abrir o códice, e ler o primeiro capítulo que encontrasse. Tinha ouvido que Antão, assistindo, por acaso, a uma leitura do Evangelho, fora por ela advertido, como se essa passagem que se lia lhe fosse dirigida pessoalmente: "Vai, vende tudo o que possuis, dá-o aos pobres, e terás um tesouro no céu; depois vem e segue-Me". Com este oráculo se converteu a Vós.

Abalado, voltei aonde Alípio estava sentado, pois eu tinha aí colocado o livro das Epístolas do Apóstolo, quando de lá me levantei. Agarrei-o, abri-o e li em silêncio o primeiro capítulo em que pus os olhos: "Não caminheis em glotonarias e embriaguez, nem em desonestidades e dissoluções, nem em contendias e rixas; mas revesti-vos do Senhor Jesus Cristo e não procureis a satisfação da carne com seus apetites".

Não quis ler mais, nem era necessário. Apenas acabei de ler estas frases, penetrou-me no coração uma espécie de luz serena, e todas as trevas da dúvida fugiram.

30. Então, marcando a passagem com o dedo ou com outro sinal qualquer, fechei o livro. Já com o rosto tranquilo, mostrei-o a Alípio. Por sua vez, ele também me descobriu tudo o que em si se passara e que eu ignorava. Pediu-me que lhe mostrasse a passagem lida por mim. Indiquei-lha e ele prosseguiu, ultrapassando o que eu tinha lido.

Eu ignorava, porém, o texto seguinte, que era este: "Recebei ao fraco na fé". Alípio aplicou-o a si próprio e mostrou-mo. Com tal advertência, firmou-se no desejo e bom propósito, perfeitamente de acordo com os seus costumes regrados, que, desde há muito tempo, o distanciavam enormemente de mim. Sem nenhuma hesitação turbulenta, juntou-se a mim. Vamos ter em seguida com minha mãe, e declaramos-lhe o sucedido. Ela rejubila. Contamos-lhe como o caso se passou. Exulta e triunfa, bendizendo-Vos, Senhor, "que sois poderoso para fazer todas as coisas mais superabundantemente do que pedimos ou entendemos". Bendizia-Vos porque via que, em mim, lhe tínheis concedido muito mais do que ela costumava pedir, com tristes e lastimosos gemidos.

De tal forma me convertestes a Vós que eu já não procurava esposa, nem esperança alguma do século, mas permanecia firme naquela regra de fé em que tantos anos antes me tínheis mostrado a minha mãe. Transformastes a sua tristeza numa alegria muito mais fecunda do que ela desejava, e muito mais querida e casta do que a que podia esperar dos netos nascidos da minha carne.



# **LIVRO IX - O BATISMO**

**I — O adeus ao professorando. Na quinta de Cassiciaco. De novo em Milão (1-7).**

**II — Traços biográficos e morte de Mônica, mãe de Agostinho (8-13).**

## **1 - Em colóquio com Deus.**

1. "Ó Senhor, eu sou vosso servo, sim, vosso servo e filho da vossa escrava. Quebrastes as minhas cadeias; sacrificar-Vos-ei uma vítima de louvor. "Fazei que meu coração e minha língua Vos louvem e todos os meus ossos exclamem: Senhor, quem há semelhante a Vós"?

Profiram eles estas palavras, e Vós, respondi, dizendo à minha alma: "Eu sou a tua salvação".

Quem sou? Como sou eu? Que malícia não houve nos meus atos; ou, se não a houve nos meus atos, nas minhas palavras; ou, se não a houve nas minhas palavras, na minha vontade!

Vós, porém, Senhor bom e misericordioso, olhastes para a profundidade da minha morte e, com a vossa direita, exauristes do fundo do meu coração o abismo de perversidade. E agora tudo era não querer aquilo que eu queria, e querer o que Vós queríeis.

Mas onde estive durante tantos anos o meu livre arbítrio? De que profundo e misterioso abismo foi ele chamado num momento a fim de inclinar a minha cerviz ao vosso suave jugo e os meus ombros ao vosso fardo tão leve, ó Cristo Jesus, "minha ajuda e redenção"?

Quão suave se me tornou de repente carecer de delícias fúteis! Receava perdê-las, e agora já sentia prazer em abandoná-las! Vós, a verdadeira e suprema Suavidade, as afastáveis de mim. Vós as



afastáveis, e em vez delas entráveis Vós, mais doce que todo prazer — mas não para a carne e o sangue —, mais resplandecente que toda a luz, mas mais oculto que todo segredo, mais sublime que toda honra, mas não para aqueles que se exaltam em si mesmos.

Já o meu coração estava livre de torturantes cuidados, de ambição, de ganhos, e de se revolver e esfregar na sarna das paixões. Entretinha-me em conversa convosco, minha Claridade, minha Riqueza, minha Salvação, Senhor, meu Deus.

## **2 - O adeus à cátedra.**

2. Pareceu-me bem, na vossa presença, não abandonar ostensivamente o ministério da minha língua de artificiosa loquacidade, mas subtrair-me a ele suavemente, para dali em diante não comprarem, da minha boca, armas para o seu furor os jovens que não se preocupam da vossa lei nem da vossa paz, mas de loucuras vãs e combates em tribunais.

Felizmente já faltavam poucos dias para as férias das vindimas. Resolvi por isso suportá-los com paciência, para depois me retirar como de costume, e, resgatado por Vós, não mais me tornar a vender.

Estáveis a par do nosso plano, não porém os homens, a não ser os da nossa intimidade. Tínhamos combinado que não se comunicasse a ninguém, ainda que Vós, quando nos erguíamos "do vale das lágrimas" entoando o "cântico das subidas", nos tínheis concebido "setas agudas, carvões devoradores contra a língua pérfida". Esta tudo contradiz sob pretexto de dar conselhos, e, como quem devora alimento, ama o que consome.

3. Tínheis dardejado o nosso coração com setas da vossa caridade, e trazíamos as vossas palavras trespassadas nas entranhas. E os exemplos dos vossos servos — que das Trevas trouxéreis à luz e da morte à Vida — reunidos no seio do nosso pensamento queimavam e consumiam a pesada sonolência, a fim de não mais nos inclinarmos para as baixezas. Inflamavam-nos tão

vivamente que todo sopro da contradição, originado da crítica malévola, longe de nos extinguir, nos incendiaria mais e mais.

Contudo, por causa do vosso nome, que santificastes através do universo, também o nosso desígnio e resolução teriam certamente panegiristas. Pareceria quase jactância não esperar pelo tempo das férias já tão próximo; mas demitir-me dum cargo público, exposto aos olhares de toda a gente, seria por certo atrair a atenção de todos para a minha conduta. Muitas coisas se diriam: que eu deixei chegar de propósito um dia próximo às férias das vindimas para me dar aparências dum grande homem. E que utilidade havia em entregar às críticas e às disputas os meus sentimentos íntimos e "se blasfemasse o meu bem"?

4. Além disso, nesse verão, os pulmões, por causa do demasiado trabalho literário, começavam a sentir-se fracos e a respirar com dificuldade. A lesão revelava-se nas dores do peito, que se recusava a emitir voz mais nítida e mais prolongada. A princípio tais achaques perturbavam-me, porque quase me tinham constrangido a depor o fardo do magistério, e, para poder curar-me e convalescer, sem dúvida teria de interrompê-lo!

Mas apenas nasceu e se firmou em mim a plena vontade de "repousar e de ver que Vós sois o Senhor" — Vós o sabeis, meu Deus —, comecei a alegrar-me por se me deparar uma escusa verdadeira, com que pudesse moderar o agastamento dos homens, que, por causa dos seus filhos, jamais queriam que retomasse a minha liberdade.

Cheio pois de tal consolação, suportava o decurso daquele intervalo de tempo — seriam talvez uns vinte dias —, mas rudemente o suportava, pois já se tinha ausentado de mim a cobiça do ganho que me ajudava a desempenhar a dura ocupação. Eu ficaria esmagado, se a paciência não sucedesse à cobiça.

Alguns dos vossos servos e meus irmãos dirão talvez que pequei, porque, com o coração já cheio do Vosso serviço, consenti assentar-me ainda uma hora na cadeia da mentira. Não discuto. Não é verdade que Vós, Senhor misericordioso, me perdoastes e

lavastes na água santa este pecado, com todas as outras horrendas fraquezas de morte?

### **3 - Saudades dum amigo.**

5. Angustiadamente sofria Verecundo por causa do nosso bem-estar, porque, pelas cadeias que tenazmente o retinham, se via privado do nosso convívio. Não era ainda cristão.

A esposa, cristã, opunha-lhe uma cadeia bastante apertada com relação a nós, a qual o retardava no caminho que encetáramos. Dizia Verecundo que não queria ser cristão doutro modo, senão daquele que lhe era proibido.

Delicadamente, porém, nos ofereceu uma quinta para lá estacionarmos durante o tempo que nos aprouvesse. Vós, Senhor, o recompensareis na Ressurreição dos Justos, pois já lhes concedestes o prêmio. Na nossa ausência, quando já estávamos em Roma, acometido de doença e já fiel cristão, emigrou desta vida. Assim Vos compadecesteis, não só dele mas também de nós, para não nos afligirmos com dor intolerável, ao recordar a sua extremosa delicadeza de amigo, se o não pudéssemos contar entre vosso rebanho.

Graças Vos sejam dadas, Senhor nosso Deus. Somos vossos. As vossas exortações e consolações o demonstram. Fiel cumpridor de vossas promessas, recompensais, com a amenidade do vosso Paraíso eternamente viçoso, a Verecundo, por nos ter oferecido aquela sua propriedade de Cassicíaco, onde, longe do borbulhar do mundo, repousamos em Vós. Perdoas-tes-lhe os pecados sobre a terra, "no monte abundante, no vosso monte, no monte da fertilidade".

6. Angustiava-me então Verecundo, mas Nebrídio alegrava-se. Também este se despenhara, não sendo ainda cristão, naquela cova de erro tão pernicioso, a ponto de acreditar que a carne verdadeira do vosso Filho era uma aparência. Contudo, erguendo-se dessa cova — tal era a sua posição —, ainda não impregnado dos sacramentos da vossa Igreja, buscava apaixonadamente a

verdade.

Não muito depois da nossa conversão e regeneração por meio do vosso batismo, Vós o libertastes da carne quando já era fiel católico. Servia-Vos com perfeita castidade e continência, na África, entre os seus. Nesse tempo já toda a sua casa se tinha feito cristã, por seu intermédio.

Agora ele vive no "seio de Abraão" — qualquer que seja o significado de "seio"; nele vive o meu Nebrídio, o meu doce amigo, e com relação a Vós, Senhor, o vosso filho que, de liberto, tornastes adotivo. Aí vive. Pois, para essa alma, que lugar existe diferente daquele? Aí vive, nesse sítio a respeito do qual me fazia muitas perguntas, a mim, homenzinho ignorante. Já não aproxima o seu ouvido da minha boca, mas aproxima a sua boca espiritual da vossa fonte, e bebe, até mais não poder, a Sabedoria, em proporção da sua avidez, feliz para sempre. Nem creio que se inebrie de tal sorte com ela que se esqueça de mim, quando é certo que Vós, Senhor, de quem ele bebe, Vos lembrais de mim.

Assim éramos nós. Consolávamos Verecundo, que nos permanecia fiel à amizade, apesar da nossa conversão ser para ele objeto de tristeza. Exortávamo-lo à fidelidade no seu estado, isto é, na vida conjugai, esperando a ocasião de ele nos seguir. Isto, podia realizá-lo brevemente, e estava mesmo a ponto de o fazer. Enfim decorreram aqueles dias que pareciam muitos e longos por causa do amor da liberdade que eu queria para poder cantar, no íntimo do meu ser: "Disse o meu coração: busquei o vosso rosto, Senhor; de novo o procurarei".

## **4 - Na quinta de Cassiciaco.**

7. Chegou o dia em que, na realidade, me devia libertar da profissão de retórico, da qual já estava desligado no pensamento. Assim sucedeu. Livrastes a minha língua do lugar de que me tínheis já libertado o coração. Eu Vos bendizia, partindo radiante de júbilo para a casa do campo, com todos os meus.

O que aí realizei nas letras — já incontestavelmente em vosso

serviço, mas respirando ainda a soberba da escola, como o leitor numa pausa — atestam-no os livros de disputas com os presentes, ou só comigo na vossa presença. O que tratei em discussões com Nebrídio, ausente, mostram-no as cartas. Quando encontrarei tempo suficiente para comemorar todos os vossos grandes benefícios para comigo, sobretudo nesta época da vida? Tenho pressa de referir outras graças mais importantes.

Chama por mim a recordação do meu passado e torna-se-me doce, Senhor, confessar-Vos com que interiores estímulos me submetestes; como aplanastes a minha alma, abatendo os montes e as colinas dos meus pensamentos; como endireitastes as minhas vias tortuosas e suavizastes as asperezas, e como submetestes Alípio, o irmão do meu coração, ao nome de vosso Filho único, "Nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo", nome que ele a princípio desdenhosamente suportava que fosse inserido nos meus escritos. Preferia Alípio que cheirassem antes ao perfume dos cedros das escolas, já abatidos pelo Senhor, do que ao odor das ervas salutareis da vossa Igreja, antídoto contra o veneno das serpentes.

8. Que exclamações elevei até Vós, meu Deus, ao ler os salmos de Davi, esses cânticos de fé, esses hinos de piedade que baniam de mim o espírito da soberba! Eu, bisonho no vosso verdadeiro amor e ainda catecúmeno, gastava o tempo naquela casa de campo com o catecúmeno Alípio. Vivia ao nosso lado minha mãe, mulher no aspecto, mas viril na fé, com a calma própria duma idade avançada, ternura de mãe e piedade cristã.

Quantas exclamações proferia na leitura desses salmos e como me inflamava com eles, no vosso amor, desejando ardentemente recitá-los a toda a terra, se me fosse possível, para rebater o orgulho do gênero humano! Com efeito, são cantados em todo o universo, pois "não há ninguém que se subtraia ao vosso calor".

Como era veemente e atroz a dor com que me indignava contra os maniqueístas!

De novo me compadecia deles por não conhecerem aqueles sacramentos, aqueles remédios, e por se enfurecerem loucamente

contra um antídoto que os podia curar.

Queria que estivessem então junto de mim, em qualquer parte — sem eu saber que eles estavam presentes —, e que contemplassem o meu rosto e ouvissem as minhas exclamações ao ler, naquelas férias, o salmo quarto. Oxalá vissem eles o que fez de mim aquele salmo: "Quando Vos invoquei, ouvistes-me, ó Deus da minha justiça. Dilatastes a minha alma na tribulação. Tende misericórdia de mim, Senhor, e ouvi a minha súplica".

Oxalá me tivessem ouvido — sem eu o saber —, para que não pensassem que era por causa deles que eu pronunciava aquelas palavras com que entrecortava os salmos.

Efetivamente não as teria proferido nem as entoaria daquela maneira, se percebesse que era visto. Nem eles, se eu as dissesse, as teriam recebido tais como as pronunciei comigo quando, com familiar afeto à minha alma, me dirigi a mim mesmo, na vossa presença.

9. Horrorizei-me com temor e aí mesmo me abrasei em esperança, alegrando-me "na vossa misericórdia", ó Pai. Tudo isto saía pelos meus olhos e pela minha voz, quando o vosso Espírito de bondade, chegando-se a nós, nos dizia: "Filhos dos homens, até quando sereis duros de coração? Para que amais a vaidade e buscais a mentira"?

Sim! eu tinha amado a vaidade e buscara a mentira. Vós, Senhor, já "tínheis engrandecido o vosso Filho, ressuscitando-o dos mortos e colocando-o à vossa direita", para que lá do alto Jesus enviasse Aquele que tinha prometido, "o Paráclito, o Espírito de verdade". Ele já o tinha mandado, mas eu não o sabia. Enviara-o, porque já estava glorificado com ressurgir dos mortos e subir ao céu. Antes, porém, "o Espírito ainda não tinha sido concedido, porque Jesus ainda não estava glorificado". Clama o profeta: "Até quando sereis duros de coração? Para que amais a vaidade e buscais a mentira? Sabei que o senhor glorificou o seu Filho".

Clama: "Até quando"; clama: "Sabei". E eu errante tanto tempo, sem o saber, amei a vaidade e busquei a mentira. Por isso, ouvi e

tremi, porque me lembrava de ter sido igual àqueles a quem tais palavras se dirigiam.

Nos fantasmas que eu tivera como verdade, só havia vaidade e mentira. Soltei pesados e fortes queixumes, na amargura da minha recordação. Oxalá os tivessem ouvido aqueles que até agora amaram a vaidade, e buscam a mentira. Talvez se confundissem e vomitassem o erro! Vós ouvi-los-eis, pois por nós morreu, com verdadeira morte corporal, "Aquele que continuamente intercede por nós".

10. Lia: "Irai-vos e não pequeis". E eu, que já aprendera a irar-me contra os meus crimes passados, quanto me sentia impelido a não mais pecar, ó meu Deus!

Justamente me encolerizava, porque não pecava em mim outra natureza de ascendência tenebrosa, como afirmam os que não se irritam consigo mesmos e "entesouram, contra si, a ira, para o dia da vossa ira, dia da revelação do vosso justo juízo".

Os meus bens já não estavam fora, nem eram procurados sob este sol pelos olhos da carne. Aqueles que querem gozar fora de si mesmos facilmente se dissipam e derramam naquelas coisas aparentes e temporais, lambendo com o pensamento faminto as imagens de tais objetos. Oh! Se eles se debilitassem com a fome e dissessem: "Quem nos mostrarão Bem"?

Ouçam a nossa resposta: "Está gravada dentro de nós a luz do vosso rosto, Senhor". Nós não somos a luz que ilumina a todo homem, mas somos iluminados por Vós, para que sejamos luz em Vós os que fomos outrora trevas.

Oh! se vissem o interno e eterno Esplendor que me fazia irritar contra mim mesmo!

Porque embora eu o saboreasse, não lhes poderia mostrar esse brilho, se acaso trouxessem, no olhar, o seu coração pousado fora de Vós, e me dissessem: "Quem nos mostrará o Bem"?

Ali, onde me irava comigo mesmo, no recôndito da alma onde me compungia, onde Vos oferecera um sacrifício, imolando-Vos a minha concupiscência, onde, cheio de esperança em Vós, começara a

meditar na minha renovação, aí mesmo principiastes a fazer-me saborear as vossas doçuras, "dando alegria ao meu coração". Saía-me em exclamações, quando, lendo estas palavras fora de mim, as entendia no meu interior. Não desejava enriquecer-me de bens terrenos, devorando o tempo e sendo por ele devorado, pois possuía, na eterna simplicidade, "outro trigo, vinho e azeite".

11. No versículo seguinte, num grito profundo do meu coração, exclamava: "Oh! Estarei em paz Oh! Viverei em paz no seu mesmo Ser!" Oh! O que eu disse: "Dormirei e descansarei"! Quem nos resistirá quando se cumprir aquela palavra que está escrita: "A morte foi devorada pela vitória"? Vós sois esse Ente que não muda, em Vós está o descanso que faz esquecer todos os trabalhos, porque nenhum outro repouso existe senão Vós. Fora de Vós nem sequer posso adquirir outras muitas coisas que não são o que Vós sois. "Mas Vós, Senhor, singularmente me destes a esperança."

Eu lia inflamado em fervor e não encontrava o que havia de fazer a esses surdos mudos, de quem eu fora a peste, ladrando amarga e cegamente contra a Bíblia, dulcificada com o mel do céu e cintilante com a vossa claridade. Consumia-me de dor por causa dos inimigos da Escritura".

12. Quando recordarei todos os fatos sucedidos naquele silêncio, o rigor do vosso castigo e a admirável prontidão da vossa misericórdia? Atormentáveis-me, então, com uma dor de dentes. Piorando tanto que não podia falar, ocorreu-me pedir a todos os meus que estavam presentes para que rogassem por mim, ó Deus de toda a salvação. Este pedido, escrevi-o numa tabuazinha encerada e entreguei-o para que lhes fosse lido. Logo que dobramos os joelhos, em piedosa súplica, aquela dor desapareceu. Mas que dor? E como fugiu?! Fiquei deslumbrado, eu o confesso, ó meu Senhor Deus, ó meu Deus.

Nunca experimentara tal coisa desde os meus primeiros anos! O vosso poder insinuou-se em mim profundamente. Alegre na minha fé, louvei o vosso nome. Mas esta fé não me deixava estar seguro, pelo que dizia respeito aos meus pecados passados, os quais, ainda então, me não tinham sido perdoados pelo vosso batismo.



## **5 - Em comunicação com Santo Ambrósio.**

13. Acabadas as férias, fiz saber aos habitantes de Milão que deviam prover os seus estudos com outro vendedor de palavras, já que determinava consagrar-me ao vosso serviço. Nem eu, pelas dores de peito e dificuldade em respirar, poderia desempenhar o cargo.

Comuniquei por carta, ao vosso santo Bispo Ambrósio, os meus desregramentos passados e a minha resolução presente, para que me indicasse o que de preferência devia ler nas vossas Escrituras, a fim de melhor me dispor e de me tornar mais apto para a recepção de tão insigne graça.

Ordenou-me que lesse o profeta Isaías, segundo me parece, por ter vaticinado, mais claramente do que qualquer outro, o vosso Evangelho e a vocação dos gentios à fé.

Mas não o compreendi na primeira leitura, e, julgando que todo ele era assim obscuro, deferi a sua repetição para quando estivesse mais experimentado na palavra do Senhor.

## **6 - O batismo.**

14. Chegada a ocasião em que convinha inscrever-me entre os catecúmenos, deixando o campo, voltamos a Milão. Quis também Alípio renascer para Vós, juntamente comigo, no batismo, já revestido da humildade tão conforme com os vossos sacramentos. Era ele um fortíssimo domador do corpo, a ponto de trilhar descalço, com insólito arrojo, o solo regelado de Itália.

Juntamos também a nós Adeodato, o filho carnal do meu pecado, a quem tínheis dotado de grandes qualidades. Com quinze anos incompletos ultrapassava já em talento a muitos homens idosos e doutos. Confesso estes vossos dons, Senhor meu Deus, Criador de todas as coisas e tão poderoso para corrigir as nossas deformidades, porque nada de meu havia nesse jovem, além do pecado. Se por mim fora criado na vossa lei, fostes Vós e mais ninguém quem no-lo inspirou. Confesso-Vos, pois, estes vossos

dons.

Há um livro meu que se intitula De Magistro, onde ele dialoga comigo. Sabeis que todas as opiniões que aí se inserem, atribuídas ao meu interlocutor, eram as dele quando tinha dezesseis anos. Notei nele coisas ainda mais prodigiosas. Aquele talento causava-me calafrios de admiração, pois quem, senão Vós, poderia ser o artista de tais maravilhas?

Depressa lhe tirastes a vida da terra. É com a maior tranquilidade que eu me lembro dele, nada lhe receando na infância, nem na adolescência, nem no decurso da idade.

Associamo-lo a nós como irmão na graça, para o educarmos na vossa lei.

Recebemos o batismo e abandonou-nos a preocupação da vida passada.

Não me saciava, nesses primeiros dias, de considerar, com inefável doçura, a profundidade de vossos planos sobre a salvação da humanidade. Quanto não chorei, fortemente comovido, ao escutar os hinos e cânticos, ressoando maviosamente na vossa Igreja! Essas vozes insinuavam-se-me nos ouvidos, orvalhando de verdade o meu coração; ardia em afetos piedosos e corriam-me dos olhos as lágrimas: mas sentia-me consolado.

## **7 - O canto na igreja. Prenúncios de perseguição.**

15. Não havia muito tempo que a Igreja de Milão começara a adotar o consolador e edificante costume dos cânticos, com grande regozijo dos fiéis, que uniam num só coro as vozes e os corações. Havia um ano ou pouco mais que Justina, mãe do jovem Imperador Valentiniano, perseguia o vosso servo Ambrósio por causa da heresia com que fora seduzida pelos arianos.

A multidão dos fiéis velava na igreja, pronta a morrer com o seu bispo, vosso servo. Minha mãe, vossa serva que era a principal nas vigílias e na inquietação geral, vivia em contínua prece. Nós

mesmos, ainda frios sem o calor do vosso espírito, nos comovíamos com a perturbação e consternação da cidade.

Foi então que, para o povo se não acabrunhar com o tédio e tristeza, se estabeleceu o canto de hinos e salmos segundo o uso das igrejas do Oriente. Desde então até hoje tem-se mantido entre nós este costume, sendo imitado por muitos, por quase todos os vossos rebanhos de fiéis, espalhados no universo.

16. Ao vosso bispo, que acabo de nomear, manifestastes nesta conjuntura, por uma visão, o lugar onde estavam escondidos os corpos dos mártires Gervásio e Protásio, que por tantos anos conservastes incorruptos no tesouro dos vossos segredos, para no momento oportuno os descobrires, a fim de refreardes o furor duma simples mulher, embora imperatriz. Com efeito, descobertos e desenterrados os corpos, quando os transportavam com todas as honras à Basílica Ambrosiana, uns possessos, vexados por espíritos imundos, foram curados, conforme confessaram os mesmos demônios.

Também um cego de há vários anos, cidadão muito conhecido na cidade, tendo perguntado a causa das manifestações de regozijo entre o povo, informado dos acontecimentos, levantou-se e pediu ao guia que o levasse para junto dos corpos dos mártires. Chegado lá, pediu licença para tocar com um lenço o ataúde dos vossos "santos, cuja morte fora preciosa aos vossos olhos". Logo que tocou com o lenço e o levou aos olhos, estes abriram-se-lhe subitamente.

Propagou-se logo a fama do milagre, elevando-se até Vós ardentes e esplendorosos louvores. O coração da perseguidora, ainda que se não tenha rendido à fé da salvação, contudo reprimiu o furor na sua luta contra nós.

Graças Vos dou, ó meu Deus! Onde chamastes? Para que parte chamastes minha memória, a fim de confessar estes acontecimentos que, apesar da sua importância, omitira por esquecimento?

Ainda não corria atrás de Vós, quando deste modo se exalava "o

aromadas vossas fragrâncias". Por isso mais chorava ouvindo os vossos hinos. Suspirava outrora por Vós, e enfim respirava quanto o permite o ar duma choça de colmo.

## **8 - A morte de Mônica em Óstia. Sua educação.**

17. "Vós, que fazeis com que os unânimes habitem na mesma morada", associastes a nós o jovem Evódio, natural do nosso município. Era agente de negócios do imperador e, tendo-se convertido e batizado antes de nós, renunciou às milícias profanas, alistando-se na vossa. Estávamos juntos, queríamos habitar em comum num convívio santo.

Procurando um lugar onde mais acomodadamente Vos servíssemos juntos, voltávamos à África, quando em Óstia, na foz do Tibre, faleceu minha mãe.

Passo muitas coisas em silêncio, porque tenho pressa. Recebei, meu Deus, as minhas Confissões e ações de graças por tão inumeráveis benefícios, de que não faço aqui menção. Mas não quero calar os sentimentos que me brotam da alma, acerca desta vossa serva, que, pela carne, me concebeu para a vida temporal, e pelo coração me fez nascer para a eterna. Não quero publicar os seus méritos, mas os dons que lhe concedestes. Não foi ela, efetivamente, que se fez ou educou a si mesma. Nem o pai nem a mãe podiam adivinhar o que viria a ser aquela a quem geraram.

A disciplina do vosso Cristo e a doutrina do vosso Filho único educaram-na no vosso temor no seio de uma família fiel, que era digno membro da vossa Igreja.

Mais ainda que a diligência e educação da mãe, Mônica enaltecia a vigilância de uma velha escrava, que já tomara meu avô materno às costas, sendo ainda menino, como é costume serem trazidas as crianças pelas meninas mais crescidas. Estas recordações, a sua idade avançada e os costumes exemplares tornavam-na veneranda aos olhos dos amos, nesta casa cristã.

Esta serva desempenhava com solicitude o encargo que lhe

confiaram os seus senhores de lhes olhar pelas filhas, repreendendo-as quando era necessário, com santa e enérgica severidade, e instruindo-as com discreta prudência. Além das horas em que tomavam uma sóbria refeição à mesa de seus pais, nem água lhes deixava beber, ainda que ardessem em sede. Queria preveni-las dum mau hábito, e aduzia esta sábia razão: "Quereis agora beber água, porque não tendes vinho em vosso poder; quando vos casardes e ficardes senhoras da adega e da despensa, não mais gostareis da água, mas o hábito de beber prevalecerá".

Com este método de aconselhar e mandar com autoridade, lhes refreava o apetite em tenra idade e lhes adaptava a sede às regras da temperança, para que não desejassem o que não convinha.

18. Apesar disso — como a vossa serva mo contou a mim, seu filho —, insinuou-se-lhe pouco a pouco o gosto pelo vinho. Como filha sóbria, os pais mandavam-na, segundo o costume, tirar vinho do tonel. Mergulhava a caneca na cuba, aberta pela parte superior, e antes de despejar o vinho para a garrafa sorvia com a ponta dos lábios um pouquinho, porque, por causa da repugnância, não podia beber mais.

Não o fazia por inclinação à embriaguez, mas por excessos exuberantes da juventude, que fervem sob a forma de movimentos alegres e que de ordinário se corrigem nos ânimos pueris, pela autoridade severa dos mais velhos.

Aumentando, porém, dia a dia, a porção — "pois quem despreza as coisas pequenas insensivelmente cai nas maiores" —, escorregou para o hábito, de modo a esvaziar gulosamente copos cheios de vinho.

Onde estava então a prudente anciã e a sua severa proibição? Que remédio podia ser eficaz contra a doença oculta, se a vossa medicina, Senhor, não vigiasse por nós? Na ausência do pai, da mãe e dos educadores, estáveis presente Vós que nos criastes, que nos chamais a Vós, e que por vossos legados procurais fazer algum bem para a salvação das almas. Que fizestes, pois, meu Deus? Como a socorrestes? Como a curastes? Não fizestes sair

duma alma um sarcasmo agudo e doloroso, como ferro cirúrgico das vossas provisões secretas, para cortar dum só golpe aquela gangrena?

De fato, a escrava que costumava acompanhá-la até junto do tonel, litigando um dia com a sua jovem senhora, estando sós, lançou-lhe em rosto a intemperança, chamando-lhe com atroz insulto: "Bêbeda!"

Ferida por este aguilhão considerou a fealdade do seu hábito, reprovou-o e corrigiu-se. Assim como as adulações dos amigos nos pervertem, do mesmo modo as censuras dos inimigos nos reformam. Contudo, não lhes retribuís segundo o que obrais por seu intermédio, mas segundo o mal que queriam praticar. A escrava, zangada, quis vexar a sua jovem senhora, e não curá-la. Fê-lo em segredo, ou porque o lugar e a ocasião da questiúncula as encontrava sozinhas, ou porque ela mesma se expunha a um perigo por a ter denunciado tão tarde.

Mas, Vós, Senhor, que tudo dirigis no céu e na terra e endireitais para os vossos desígnios a torrente profunda da iniquidade e regulais o curso turbulento dos séculos, curastes uma alma pela insolência de outra. Por isso ninguém, ao refletir neste caso, atribua ao seu poder pessoal o sucesso das suas palavras, dirigidas a quem deseja corrigir.

## **9 - Mônica, esposa modelar.**

19. Educada assim na modéstia e temperança, Vós a tornáveis mais submissa aos pais do que eles a tornavam obediente a Vós. Quando chegou à idade núbil plena, deram-na em matrimônio a um homem, a quem servia como a senhor. Procurava conquistá-lo para Vós, falando-lhe em Vós pelos seus bons costumes, com os quais a tornáveis bela, respeitosamente amável e encantadora aos olhos do marido. Sofria-lhe também as infidelidades matrimoniais com tanta paciência, que nunca teve discórdia alguma com o marido, por este motivo. Esperava que a vossa misericórdia, descendo sobre ele, o fizesse casto, quando crescesse em Vós.

Se o coração do marido era afetuoso, o temperamento era arrebatado. Mas ela sabia que era melhor não resistir à ira do esposo, nem por ações nem por palavras. Logo que o via mais calmo e sossegado, oportunamente lhe dava a explicação da sua conduta, se por acaso ele irrefletidamente se irritava. Enfim, muitas senhoras, tendo maridos muito mais benignos, traziam no rosto desfigurado os vestígios das pancadas. Conversando entre amigas, enxovalhavam a vida dos esposos. Minha mãe repreendia-lhes a língua, admoestando-as seriamente como por gracejo. Lembrava-lhes que, desde o momento em que ouviram o contrato de matrimônio, como quem escuta a leitura dum documento pelo qual são feitas escravas, elas se deviam considerar como tais. Por este motivo, tendo presente essa condição, não podiam ser altivas com os seus senhores.

Estas matronas, conhecendo o mau gênio que ela suportava ao marido, admiravam-se de nada lhe ouvirem, nem por indício algum contar que Patrício lhe batesse ou que algum dia se desviassem por questiúnculas domésticas. Perguntavam-lhe familiarmente a razão, e a minha mãe expunha-lhes seu modo de proceder, de que acima fiz menção. As que o punham em prática, depois de o experimentarem, felicitavam-na. As outras, que não faziam caso, continuavam a ser vexadas e oprimidas.

20. A princípio a sogra irritava-se contra ela, por causa duns mexericos de escravas malévolas. De tal forma minha mãe a conquistou com afabilidades, com paciência e mansidão inalteráveis, que a própria sogra espontaneamente denunciou ao filho as línguas intrigantes das escravas como perturbadoras da paz doméstica entre a nora e ela, e lhe rogou que fossem castigadas. Com efeito, depois, Patrício, dócil à mãe e solícito pelo bom governo da casa e pela concórdia entre os seus, mandou flagelar as culpadas, segundo o desejo de quem as acusara. A sogra declarou que podia esperar igual castigo quem quer que para lhe agradar lhe dissesse mal da nora. Ninguém ousou mais expor-se a tal risco, e viveram as duas em doce harmonia, digna de ser lembrada.

21. Concedestes ainda um grande dom a esta fiel serva em cujo seio me criastes, "ó meu Deus e minha misericórdia". Quando podia, mostrava-se conciliadora entre as almas discordes e desavindas, a ponto de nada referir de uma à outra senão o que podia levá-las a reconciliar-se, ouvindo dum lado e doutro as queixas amargas, as quais costuma vomitar a discórdia encolerizada e cheia de ressentimentos, quando em presença duma amiga, o vômito de rancores contra a inimiga ausente desabafa em azedas confidencias.

De pouca importância me parecia este bem, se uma triste experiência me não mostrasse que um grande número de pessoas — não sei por que horrendo contágio de malícia, já espalhado por muito longe — não só repete a inimigos encolerizados o que uns, zangados, disseram de outros, mas ainda acrescenta coisas que eles não proferiram.

Pelo contrário, deve ter-se em pouca conta para alguém dotado de sentimentos humanos o não atizar ou não acender, com ditos malévolos, as inimizades dos outros, se não procura também, com boas palavras, extingui-las. Assim era minha mãe, como Vós, seu íntimo Mestre, a ensinastes na escola do coração.

22. Enfim, até Vos ganhou o marido, nos últimos tempos desta vida temporal, e não teve mais a lamentar nele o que lhe sofrerá antes de se converter. Era verdadeiramente a serva dos vossos servos! Todos os que a conheciam Vos louvavam, honrando-Vos e amando-Vos nela, porque lhe sentiam no coração a vossa presença, comprovada pelos frutos duma existência tão santa. Tinha sido "esposa dum só marido, saldara aos pais a sua dívida de gratidão, governara a casa piedosamente". Com as suas boas obras, dava testemunhos de santidade.

Educara os filhos, dando-os tantas vezes à luz, quantas os via apartarem-se de Vós.

Enfim, ainda antes de ela adormecer no Senhor, quando já vivíamos unidos em Vós pela graça do batismo, era tão desvelada para todos — já que por vossa liberalidade permitis que nos dirijamos



aos vossos servos — como se nos tivesse gerado a todos, servindo-nos como se fosse filha de cada um.

## **10 - O êxtase de Óstia.**

23. Próximo já do dia em que ela ia sair desta vida — dia que Vós conhecíeis e nós ignorávamos —, sucedeu, segundo creio, por disposição de vossos secretos desígnios, que nos encontrássemos sozinhos, ela e eu, apoiados a uma janela cuja vista dava para o jardim interior da casa onde morávamos. Era em Óstia, na foz do Tibre, onde, apartados da multidão, após o cansaço duma longa viagem, retemperávamos as forças para embarcarmos.

Falávamos a sós, muito docemente, "esquecendo o passado e ocupando-nos do futuro". Na presença da Verdade, que sois Vós, alvitávamos qual seria a vida eterna dos santos, "que nunca os olhos viram, nunca o ouvido ouviu, nem o coração do homem imaginou". Sim, os lábios do nosso coração abriam-se ansiosos para a corrente celeste "da Vossa fonte, a fonte da Vida", que está em Vós, para que, aspergidos segundo a nossa capacidade, pudéssemos de algum modo pensar num assunto tão transcendente.

24. Encaminhamos a conversa até à conclusão de que as delícias dos sentidos do corpo, por maiores que sejam, e por mais brilhante que seja o resplendor sensível que as cerca, não são dignas de comparar-se à felicidade daquela vida, nem merecem que delas se faça menção.

Elevando-nos em afetos mais ardentes por essa felicidade, divagamos gradualmente por todas as coisas corporais até o próprio céu, donde o Sol, a Lua e as estrelas iluminam a terra. Subíamos ainda mais em espírito, meditando, falando e admirando as vossas obras. Chegamos às nossas almas e passamos por elas para atingir essa região de inesgotável abundância, onde apascentais eternamente Israel com o pastio da verdade. Ali a vida é a própria Sabedoria, por quem tudo foi criado, tudo o que existiu e o que há de existir, sem que ela própria se crie a si mesma, pois

existe como sempre foi e como sempre será. Antes, não há nela ter sido, nem haver de ser, pois simplesmente "é", por ser eterna. Ter sido e haver de ser não são próprios do Ser eterno.

Enquanto assim falávamos, anelantes pela Sabedoria, atingimo-la momentaneamente num ímpeto completo do nosso coração.

Suspiramos e deixamos lá agarradas "as primícias do nosso espírito". Voltamos ao vão ruído dos nossos lábios, onde a palavra começa e acaba. Como poderá esta, meu Deus, comparar-se ao vosso Verbo, que subsiste por si mesmo, nunca envelhecendo e tudo renovando?

25. Dizíamos pois: Suponhamos uma alma onde jazem em silêncio a rebelião da carne, as vãs imaginações da terra, da água, do ar e do céu. Suponhamos que ela guarda silêncio consigo mesma, que passa para além de si, nem sequer pensando em si; uma alma na qual se calem igualmente os sonhos e as revelações imaginárias, toda a palavra humana, todo o sinal, enfim, tudo o que sucede passageiramente.

Imaginemos que nessa mesma alma existe o silêncio completo porque, se ainda pode ouvir, todos os seres lhe dizem: "Não nos fizemos a nós mesmos, fez-nos O que permanece eternamente". Se ditas estas palavras os seres emudecerem, porque já escutaram quem os fez, suponhamos então que Deus sozinho fala, não por essas criaturas, mas diretamente, de modo a ouvirmos a sua palavra, não pronunciada por uma língua corpórea, nem por voz de anjo, nem pelo estrondo do trovão, nem por metáforas enigmáticas, mas já por Ele mesmo.

Suponhamos que ouvíamos Aquele que amamos nas criaturas, mas sem o intermédio delas, assim como nós acabamos de experimentar, atingindo, num relance de pensamento, a Eterna Sabedoria, que permanece imutável sobre todos os seres. Se esta contemplação se continuasse e se todas as outras visões de ordem muito inferior cessassem, se unicamente esta arrebatasse a alma e a absorvesse, de tal modo que a vida eterna fosse semelhante a este vislumbre intuitivo, pelo qual suspiramos: não seria isto a realização do "entra no gozo do teu Senhor"? E quando sucederá

isto? Será quando todos "ressuscitarmos"?

Mas então não "seremos todos transformados"?

26. Ainda que isto disséssemos, não pelo mesmo modo e por estas palavras, contudo bem sabeis, Senhor, quanto o mundo e os seus prazeres nos pareciam vis, naquele dia, quando assim conversávamos. Minha mãe então disse: Meu filho, quanto a mim, já nenhuma coisa me dá gosto, nesta vida. Não sei o que faço ainda aqui, nem por que ainda cá esteja, esvanecidas já as esperanças deste mundo. Por um só motivo desejava prolongar um pouco mais a vida: para ver-te católico antes de morrer. Deus concedeu-me esta graça superabundantemente, pois vejo que já desprezas a felicidade terrena para servires ao Senhor. Que faço eu, pois, aqui?

## **11 - Últimos desejos de Mônica.**

27. Não me lembro bem do que lhe respondi a respeito destas palavras. Dentro de cinco dias ou pouco mais, recolhia-se ao leito, com febre. Num daqueles dias da sua doença perdeu os sentidos e, durante um curto espaço de tempo, não dava acordo dos presentes. Acorremos logo e imediatamente recuperou os sentidos. Vendo-nos de pé junto dela, a mim e ao meu irmão, disse-nos como quem procura alguma coisa: "Onde estava eu?" Depois, reparando em nós, atônitos de tristeza, acrescentou: "Sepultareis aqui a vossa mãe". Eu estava calado e sustendo as lágrimas. Meu irmão, porém, proferiu algumas palavras nas quais mostrava o desejo de vê-la morrer na pátria, o que julgava melhor, e não em país estranho. Ouvia-o, e, com o rosto cheio de aflição, fixando nele os olhos, repreendeu-o por acalentar tais sentimentos. Olhando depois para mim: "Vê o que ele diz!" E logo, dirigindo-se a ambos: "Enterrai este corpo em qualquer parte e não vos preocupeis com ele. Só vos peço que vos lembreis de mim diante do altar do Senhor, onde quer que estejais".

Tendo explicado o seu pensamento nos termos que lhe foi possível, calou-se. Com o agravamento da enfermidade, dilataram-se-lhe as dores.

28. Eu, ó Deus Invisível, pensando nos vossos dons, que disseminais pelos corações dos vossos fiéis, donde provêm colheitas admiráveis, alegrava-me e rendia-Vos graças, ao lembrar-me de quanto sabia a respeito do cuidado que sempre a preocupara da sua sepultura, dispondo e ordenando que fosse junto do corpo de seu marido.

Porque tinha vivido com ele em tão estreita união, desejava também ajuntar a esta felicidade — como a alma humana é incapaz das coisas divinas! — a dita de os homens poderem recordar que, após a sua peregrinação de além-mar, lhe fora concedida a graça de a terra cobrir na mesma sepultura a ambos os consortes.

Quando esta vaidade começara a retirar-se do seu coração, eu não o sabia, mas alegrava-me, admirando-me de que ela assim mo patenteasse. Contudo, na nossa conversa à janela, quando me disse: "Que estou eu a fazer neste mundo?", já não mostrava desejo de morrer na pátria.

Soube também que já quando vivíamos em Óstia, um dia em que eu não estava em casa, tinha ela falado com uma confiança maternal a alguns dos meus amigos acerca do desprezo desta vida e da felicidade da morte. Eles, admirados com aquele valor de uma mulher — fostes Vós que lho destes! —, perguntaram-lhe se não temia deixar o corpo tão longe da sua cidade. Respondeu: "Para Deus não é longe, nem devo temer que no fim dos séculos não saiba onde me há de ressuscitar".

Enfim, no nono dia da doença, aos cinquenta e seis anos de idade, e no trigésimo terceiro de minha vida, aquela alma piedosa e santa libertou-se do corpo.

## **12 - Lágrimas de dor.**

29. Fechei-lhe os olhos e apoderou-se-me da alma uma tristeza imensa, que se desfazia em torrentes de lágrimas. Mas, ao mesmo tempo, os meus olhos, sob o império violento da vontade, absorviam essa fonte até a secarem. Oh! Como foi angustiosa para mim a luta!

Quando ela exalou o último suspiro, Adeodato, meu filho, reventou em pranto. Mas, instado por todos nós, calou-se: deste modo a sua voz juvenil, voz do coração, também reprimiu e calou em mim esta espécie de emoção pueril que se expandia em choro. Parecia-nos que não ficava bem celebrar-lhe os funerais com pranto, lamentações e gemidos, porque essas demonstrações servem de ordinário para deplorar a infelicidade dos mortos ou o seu completo desaparecimento. A morte de minha mãe, pelo contrário, não foi infeliz nem total.

Sabíamos-lo pelo testemunho dos seus costumes, "pela sinceridade da sua fé" e por outras razões inequívocas.

30. Que era aquilo que me pungia dentro da alma, senão uma chaga, recente por ter sido arrancada num instante ao convívio tão doce e tão querido de viver junto da minha mãe?

Causava-me grande consolação o seguinte testemunho que deu de mim: na sua última doença, correspondendo com grande ternura aos meus obséquios, chamava-me "bom filho" e lembrava, com grande sentimento de amor, que nunca da minha boca fora proferida contra ela uma só palavra dura e injuriosa. Contudo, meu Deus, meu Criador, que comparação havia entre a solicitude que lhe tributava a servidão a que ela por mim se sujeitara? Por me sentir assim desamparado de lenitivo tão grande, a minha alma ficava em chaga, e a minha vida, formada pela fusão da sua, despedaçava-se.

31. Estancado o pranto de Adeodato, Evódio, tomando um saltério, começou a cantar um salmo ao qual todos respondíamos: "Cantar-Vos-ei, Senhor, a misericórdia e a justiça".

Informando-se do que se passava, concorreram muitos dos nossos irmãos e mulheres piedosas. Enquanto aqueles que costumavam encarregar-se dos funerais exerciam seu ofício, eu, em lugar onde a boa educação me permitia, falava com os meus amigos, que julgavam não me dever deixar só. Falava de assuntos conforme a minha situação, e com o bálsamo da verdade procurava mitigar os sofrimentos que só Vós conheciéis e eles ignoravam. Escutavam-

me com atenção, julgando que não sentia nenhuma dor. Porém eu, pertinho de vossos ouvidos, onde nenhum amigo me ouvia, censurava a ternura da minha sensibilidade e esforçava-me por reprimir a onda de tristeza que me invadia. Cedia ela um pouco ao meu esforço para de novo se insurgir impetuosa, sem contudo me fazer brotar as lágrimas ou me alterar o rosto. Mas eu sabia o que comprimia no coração!

Desgostava-me, profundamente, ser tão sensível a estas vicissitudes humanas que irremediavelmente acontecem conforme a ordem natural e a sorte de nossa condição. Por isso, a minha dor suscitava-me uma nova dor, e afligia-me com uma dupla tristeza.

32. Foi conduzido o cadáver à sepultura. Fui e voltei, sem derramar lágrimas. Nem mesmo chorei durante as orações que Vos dirigimos, ao ser oferecido o Sacrifício da nossa redenção pela defunta, cujo cadáver já estava depositado junto do sepulcro, antes de o enterrarem, como ali é costume. Nem sequer chorei durante as orações! Mas todo o dia senti, no meu íntimo, uma tristeza oprimente.

Com o espírito agitado Vos suplicava, com todas as forças, que sarásseis a minha dor. Creio que, se mo não concedíeis, era para gravardes na minha memória, ao menos por esta única experiência, quanto são poderosos os laços do hábito até na alma que já se não alimenta com palavras enganadoras. Lembrei-me de ir ao banho; ouvira dizer que este nome lhe fora dado por causa dos gregos lhe chamarem balanêion, por aliviar o espírito de angústias. Confesso também isso à vossa misericórdia, ó Pai dos órfãos, confesso que depois do banho fiquei como estava, sem conseguir expulsar do coração esta amarga tristeza. Depois adormeci.

Acordei e achei a minha dor bastante mitigada. Estando só, deitado no meu leito, recordei os versos verídicos do vosso Ambrósio: Vós sois, na verdade, "Deus, Criador de todas as coisas, Regendo o mundo supremo, Vestindo o dia com a beleza da luz, Vestindo a noite com a graça do sono, Para que o repouso, ao labor de cada dia, Os membros fatigados restitua, as mentes cansadas alivie e as tristezas angustiosas dissipe..."

33. Depois, pouco a pouco, voltava aos anteriores sentimentos a respeito da vossa serva. Recordava-me da sua convivência, piedosa para convosco, e santamente afável e paciente para comigo, e que de repente me fora arrebatada. Sentia consolação em chorar ante a vossa presença por causa dela e por ela, e também por causa de mim e por mim. As lágrimas que reprimia, soltei-as para que corressem à vontade, estendendo-as como um leito sob o meu coração. Este repousou nelas, porque aí estavam os vossos ouvidos e não os de qualquer homem que soberbamente interpretasse o meu choro.

Confesso-Vos agora tudo isso, Senhor, por escrito. Leia-o quem quiser, interprete-o como lhe parecer. Se alguém julgar que eu pequei, chorando uns breves minutos por minha mãe — que eu nesses momentos via morta ante os meus olhos e que tantos anos por mim chorara para que eu vivesse aos vossos olhos —, esse não se ria. Mas se é dotado de grande caridade, chore pelos meus pecados diante de Vós, que sois o Pai de todos os irmãos do vosso Cristo.

## **13 - Preces pela mãe.**

34. Agora, sarado já o meu coração desta ferida, na qual se poderia censurar a minha sentimentalidade, derramo diante de Vós, meu Deus, pela vossa serva, outra espécie de lágrimas. Manam dum espírito comovido pelos perigos que cercam toda a alma "que morre em Adão". Vivificada em Cristo ainda antes de ser libertada da carne, vivia de tal modo que o vosso nome era louvado na sua fé e nos seus bons costumes.

Contudo, não ousa dizer que desde o tempo em que a regenerastes pelo batismo, não caísse de sua boca alguma palavra oposta à vossa lei. O vosso Filho, que é a Verdade, declarou: "Se alguém chamar louco a seu irmão, será réu do fogo do inferno". E aí da vida humana, ainda a mais louvável, se a julgardes sem a vossa misericórdia! Mas porque não examinais as nossas faltas com rigor, confiadamente esperamos algum lugar junto de Vós. Quem, porém,

Vos enumera os seus verdadeiros méritos, que outra coisa expõe senão os vossos benefícios? Oh! Se os homens se reconhecessem como homens, "se aquele que se gloria se gloriasse no Senhor"!

35. Por isso, "Deus do meu coração, minha glória e minha vida", esqueço um momento as boas ações de minha mãe, pelas quais alegremente Vos dou graças, para Vos pedir perdão de seus pecados. Ouvi-me em nome d'Aquele que é a Medicina das nossas chagas, que foi suspenso do madeiro da cruz e, sentado "à vossa direita, intercede por nós". Sei que ela praticou a misericórdia e que perdoou de coração as faltas contra ela cometidas; perdoai-lhe também as suas dívidas, se algumas contraiu em tantos anos que se seguiram ao batismo.

Perdoai-lhe, Senhor, perdoai-lhe, eu Vo-lo suplico, e "não entreis com ela em juízo". "Que a vossa misericórdia supere a vossa justiça", pois são verdadeiras as vossas palavras e prometestes misericórdia aos misericordiosos. Contudo, se alguém foi misericordioso, a Vós o deve, a Vós, "que Vos compadecereis de quem já tiverdes tido piedade e usareis de misericórdia com quem tiverdes sido misericordioso".

36. Creio que fizestes já o que Vos suplico, mas desejo, Senhor, que "aproveis esta oblação voluntária da minha boca". Perto do dia da sua morte, minha mãe não desejou que seu corpo fosse pomposamente sepultado, nem que fosse ungido com aromas, nem ambicionou um túmulo magnífico, nem se preocupou com tê-lo na pátria. Nenhuma destas coisas nos recomendou. Mostrou apenas desejo de que nos lembrássemos dela junto do vosso altar, onde nunca tinha faltado um só dia a render-Vos homenagens, porque sabia que lá se distribui a vítima santa que "destruía o libelo de condenação, contrário a nós". Com essa vítima triunfou do inimigo que enumera as nossas faltas e procura acusações contra nós. Mas o nosso adversário nada encontrou n'Aquele com quem nós vencemos.

Quem poderá restituir a Cristo Jesus seu sangue inocente? Quem lhe poderá restituir o preço com que nos resgatou do inimigo para nos arrancar dele? Era a este mistério da vossa redenção que a



vossa serva ligara a sua alma pelos vínculos da fé.

Ninguém a arranque jamais da vossa proteção. Que o leão e o dragão nem à força nem por insídias se entre ponham entre ela e Vós. Para que o astuto acusador a não convença e arrebate, ela não responderá que nada deve. Dirá antes que as suas dívidas lhe foram perdoadas por Aquele a quem ninguém pode restituir o que por nós pagou sem ser devedor.

37. Que ela esteja em paz com o marido, já que, anteriormente ou posteriormente à sua união com ele, com ninguém mais se desposou. Serviu-o com paciência, alcançando méritos para também o ganhar para Vós.

Inspirai, meu Senhor e meu Deus, inspirai aos vossos servos, meus irmãos, aos vossos filhos, meus senhores, a quem sirvo pelo coração, pela voz e pela pena, inspirai a todos os que lerem estas páginas que se lembrem, junto ao altar, de Mônica, vossa serva, e de Patrício, outrora seu esposo, pelos quais me introduzistes nesta vida, dum modo tal que eu ignoro.

Que se lembrem, com piedoso afeto, dos que foram meus pais nesta vida transitória e meus irmãos em Vós, nosso Pai, e na Igreja Católica, nossa Mãe, e meus concidadãos na eterna Jerusalém. Por esta suspira o vosso povo na sua peregrinação, desde a partida até ao regresso.

Assim, graças a estas Confissões, o desejo último de minha mãe será mais copiosamente cumprido, com as orações de muitos, do que somente com as minhas.

# **LIVRO X - O ENCONTRO DE DEUS**

**I — Introdução à segunda parte: A caminho de Deus (1-7).**

**II — Da análise da memória a Deus (8-17).**

**III — Misérias e tentações do homem (18-41).**

**IV — Cristo é o único Mediador (42-43).**

## **1 - O apelo à verdade.**

1. Fazei que eu Vos conheça, ó Conhecedor de mim mesmo, sim, que Vos conheça como de Vós sou conhecido. Ó virtude da minha alma, entrai nela, adaptai-a a Vós, para a terdes e possuídes sem mancha nem ruga. É esta a esperança com que falo, a esperança em que me alegro quando gozo duma alegria sã. Os outros bens desta vida tanto menos se deveriam chorar quanto mais os choramos; e tanto mais se deveriam chorar quanto menos os choramos. Mas Vós amastes a verdade, pelo que quem a pratica alcança a luz. Quero-a também praticar no meu coração, confessando-me a Vós, e, nos meus escritos, a um grande número de testemunhas.

## **2 - Deus tudo penetra.**

2. Para Vós, Senhor, a cujos olhos está patente o abismo da consciência humana, que haveria em mim oculto, ainda que Vo-lo não quisesse confessar? Poder-Vos-ia ocultar a mim mesmo, mas não poderia esconder-me de Vós. Agora que os meus gemidos são testemunhas de que me desagrado, Vós iluminais-me, agradais-me, e eu de tal modo Vos amo e desejo que já me envergonho de mim. Desprezo-me e escolho-Vos. Só por vosso amor desejo agradar-

Vos a Vós e a mim.

Senhor, conheceis-me tal como sou. Já Vos disse com que fruto me vou confessando a Vós. Não Vos faço esta confissão com palavras e vozes de carne, mas com palavras da alma e gritos do pensamento, que vossos ouvidos já conhecem. Quando sou mau, o confessar-me a Vós é o mesmo que desagradar-me a mim próprio; porém, quando sou bom, o confessar-me a Vós só significa que não atribuo nada a mim, porque abençoais, Senhor, o justo mas antes o justificais da impiedade. Assim, ó meu Deus, a confissão que faço na vossa presença é e não é em silêncio. E em silêncio quanto às palavras; mas é em clamor quanto aos afetos. Nenhuma verdade digo aos homens que Vós já antes ma não tendes ouvido. Nem me ouvis nada que já antes mo não tivésseis dito.

### **3 - Confessar-me aos homens?!**

3. Que tenho eu que ver com os homens, para que me ouçam as Confissões, como se houvessem de me curar das minhas enfermidades? Que gente curiosa para conhecer a vida alheia e que indolente para corrigir a sua! Por que pretendem que lhes declare quem sou, se não desejam também ouvir de Vós quem eles são? Ouvindo-me falar de mim, como hão de saber que lhes declaro a verdade, se ninguém "sabe o que se passa num homem, a não ser o espírito desse homem que nele habita"? Se, porém, Vos ouvem falar a seu respeito, não poderão dizer: "Nosso Senhor mente". Com efeito, o ouvirem-Vos falar a seu respeito, que é senão conhecerem-se a si mesmos? E quem há que, conhecendo-se, diga sem mentir: "é falso"? "A caridade tudo crê", sobretudo entre os que ela unifica, ligando-os entre si. Por isso também eu, Senhor, me confesso a Vós, para que os homens, a quem não posso provar que falo verdade, me ouçam. Mas aqueles a quem a caridade abre em meu proveito os ouvidos acreditam em mim.

4. Vós, que sois o Médico do meu interior, esclarecei-me sobre o fruto com que faço esta confissão. Na verdade, as confissões dos meus males passados — que perdoastes e esquecesteis para me

tornardes feliz em Vós, transformando-me a alma com a fé e com o vosso sacramento —, quando se leem ou ouvem, despertam o coração para que não durma no desespero nem diga: "não posso". Despertam-na para que vigie no amor da vossa misericórdia e na doçura da vossa graça, com a qual se torna poderoso o fraco que, por ela, toma consciência da sua fraqueza. Consolam-se, além disso, os bons ao ouvirem os males passados daqueles que já não sofrem. Deleitam-se não por serem males, mas porque o foram e agora não o são.

O Senhor meu — a quem a minha consciência cotidianamente se confessa, mais confiada na esperança da vossa misericórdia do que na sua inocência —, mostrai-me, eu Vo-lo peço, que proveito, sim, que proveito haverá em confessar, neste livro, também aos homens, diante de Vós, não quem fui, mas quem sou? Já vi e recordei o fruto que daí se tira. Há muitos, porém, que desejam saber quem eu sou no momento atual em que escrevo as Confissões. Desses, uns conhecem-me, outros não; ou, simplesmente ouviram de mim ou de outros, a meu respeito, alguma coisa. Mas os seus ouvidos não me auscultam o coração, onde eu sou o que sou. Querem, pois, ouvir-me confessar quem sou no interior, para onde não podem lançar o olhar, o ouvido ou a mente. Querem-no contudo, dispostos a acreditar. Poder-me-ão conhecer? A caridade, porém, que os torna justos, diz-lhes que eu, ao confessar-me, não minto. É ela quem os faz acreditar em mim.

## **4 - O fruto das "confissões".**

5. Querem ouvir-me; mas com que fruto? Desejarão congratular-se comigo, ouvindo quanto a vossa graça me aproximou de Vós? Desejarão orar por mim, sabendo quanto o peso dos meus pecados me faz atrasar (na virtude)?

Bem, mostrar-lhes-ei quem sou. Já não é pequeno fruto. Senhor meu Deus, que muitos Vos rendam graças por mim e que numerosas pessoas Vos implorem em meu favor. Oxalá que o coração dos meus irmãos ame, em mim, o que ensinais a amar, e

igualmente aborreça o que ensinais a aborrecer!

Que isso brote dum coração fraterno, não dum coração estranho, nem de filhos espúrios "cuja boca falou vaidade e cuja direita é mão de iniquidade". Faça isso um coração fraterno que se alegre comigo quando me aprova e se entristeça quando me desaprova, porque igualmente me ama quer me aprove, quer me desaprove. A estes é que me revelarei: respirem eles nas minhas ações boas, e suspirem nas más. As ações boas são obras e dons vossos: as más são delitos meus e juízos vossos. Respirem nas ações boas e suspirem nas más. Subam à vossa presença hinos e lágrimas destes corações fraternos que são "os vossos turíbulos".

Vós. Senhor, deleitado com os perfumes do vosso santo templo, "tende piedade de mim, segundo a vossa grande misericórdia", por causa do vosso nome. Se nunca abandonais as obras começadas, aperfeiçoi o que em mim há incompleto.

6. O fruto das minhas Confissões é ver, não o que fui, mas o que sou. Confesso-Vos isto, com íntima exultação e temor, com secreta tristeza e esperança, não só diante de Vós mas também diante de todos os que creem em Vós; dos que participam da mesma alegria e, como eu, estão sujeitos à morte; dos que são meus concidadãos e peregrinam neste mundo; e enfim, diante dos que me precedem, me seguem ou me acompanham no caminho da vida. Estes são os vossos servos, os meus irmãos, aos quais constituístes vossos filhos e meus senhores. A eles me mandastes servir, se quisesse viver de Vós e convosco.

Mas esta ordem dir-me-ia pouco se o vosso Verbo, antes de me preceituar com palavras, não fosse à frente com obras. Eu cumpro-a com fatos e palavras. Faço-o ao abrigo das vossas asas; porque o perigo seria grande se, debaixo das vossas asas, a minha alma não Vos estivesse sujeita e a minha fraqueza Vos não fosse conhecida. Sou uma criancinha, mas meu Pai vive sempre e é para mim o tutor idôneo. Foi ele quem me gerou e é ele quem me protege. Vós sois todo o meu bem, Vós, onipotente, que estais comigo, mesmo antes de eu estar convosco. Revelarei, pois àqueles a quem me mandais servir, não o que fui, mas o que já sou

e o que ainda sou. "Mas não me julgo a mim mesmo."

Seja, pois, escutado assim.

## **5 - A ignorância humana.**

7. Vós, Senhor, podeis julgar-me, porque ninguém "conhece o que se passa num homem, senão o seu espírito, que nele reside". Há, porém, coisas no homem que nem sequer o espírito que nele habita conhece- Mas Vós, Senhor, que o criastes, sabeis todas as suas coisas. Eu, ainda que diante de Vós me despreze e me tenha na conta de terra e cinza, sei de Vós algumas coisas que não conheço de mim. "Nós agora vemos como por um espelho, em enigma, e não ainda face a face". Por isso, enquanto peregrino longe de Vós, estou mais presente a mim do que a Vós. Sei que em nada podeis ser prejudicado, mas ignoro a que tentações posso ou não posso resistir. Todavia, tenho esperança, porque sois fiel e não permitis que sejamos tentados acima das próprias forças.

Com a tentação, dais-nos também os meios para a podermos suportar.

Confessarei, pois, o que sei de mim, e confessarei também o que de mim ignoro, pois o que sei de mim, só o sei por que Vós me iluminais; e o que ignoro, ignorá-lo-ei somente enquanto as minhas trevas se não transformarem em meio-dia, na vossa presença.

## **6 - Quem é Deus?**

8. A minha consciência, Senhor, não duvida, antes tem a certeza de que Vos amo.

Feristes-me o coração com a vossa palavra e amei-Vos. O céu, a terra e tudo o que neles existe dizem-me por toda parte que Vos ame. Não cessam de o repetir a todos os homens, para que sejam inescusáveis. Compadecer-Vos-eis mais profundamente daquele de quem já Vos compadecestes, e concedereis misericórdia àquele para quem já fostes misericordioso. De outro modo, o céu e a terra só a surdos cantariam os vossos louvores.

Que amo eu, quando Vos amo? Não amo a formosura corporal, nem a glória temporal, nem a claridade da luz, tão amiga destes meus olhos, nem as doces melodias das canções de todo o gênero, nem o suave cheiro das flores, dos perfumes ou dos aromas, nem o maná ou o mel, nem os membros tão flexíveis aos abraços da carne. Nada disto amo, quando amo o meu Deus. E contudo, amo uma luz, uma voz, um perfume, um alimento e um abraço, quando amo o meu Deus, luz, voz, perfume e abraço do homem interior, onde brilha para a minha alma uma luz que nenhum espaço contém, onde ressoa uma voz que o tempo não arrebatava, onde se exala um perfume que o vento não esparge, onde se saboreia uma comida que a sofreguidão não diminui, onde se sente um contato que a saciedade não desfaz. Eis o que amo, quando amo o meu Deus.

Quem é Deus?

9. Perguntei-o à terra e disse-me: "Eu não sou". E tudo o que nela existe respondeu-me o mesmo. Interroguei o mar, os abismos e os répteis animados e vivos e responderam-me: "Não somos o teu Deus; busca-o acima de nós". Perguntei aos ventos que sopram; e o ar, com os seus habitantes respondeu-me: "Anaxímenes está enganado; eu não sou o teu Deus". Interroguei o céu, o Sol, a Lua, as estrelas e disseram-me: "Nós também não somos o Deus que procuras". Disse a todos os seres que me rodeiam as portas da carne: "Já que não sois o meu Deus, falai-me do meu Deus, dizei-me, ao menos, alguma coisa d'Ele". E exclamaram com alarido: "Foi Ele quem nos criou".

A minha pergunta consistia em contemplá-las; a sua resposta era a sua beleza. Dirigi-me, então, a mim mesmo, e perguntei-me: "E tu, quem és?" "Um homem" respondi. Servem-me um corpo e uma alma; o primeiro é exterior, a outra interior. Destas duas substâncias, a qual deveria eu perguntar quem é o meu Deus, que já tinha procurado com o corpo, desde a terra ao céu, até onde pude enviar, como mensageiros, os raios dos meus olhos? À parte interior, que é a melhor. Na verdade, a ela é que os mensageiros do corpo remetiam, como a um presidente ou juiz, as respostas do céu, da terra e de todas as coisas que neles existem, e que diziam:

"Não somos Deus; mas foi Ele quem nos criou".

O homem interior conheceu esta verdade pelo ministério do homem exterior. Ora, eu, homem interior — alma —, eu conheci-a também pelos sentidos do corpo. Perguntei pelo meu Deus à massa do Universo, e respondeu-me: "Não sou eu; mas foi Ele quem me criou".

10. Mas não se manifesta esta beleza a todos os que possuem sentidos perfeitos?

Porque não fala a todos do mesmo modo? Os animais, pequenos ou grandes, veem a beleza, mas não a podem interrogar. Não lhes foi dada a razão — juiz que julga o que os sentidos lhe anunciam. Os homens, pelo contrário, podem-na interrogar, para verem as perfeições invisíveis de Deus, considerando-as nas obras criadas. Submetem-se todavia a estas pelo amor, e, assim, já não as podem julgar. Nem a todos os que as interrogam respondem as criaturas, mas só aos que as julgam. Não mudam a voz, isto é, a beleza, se um a vê simplesmente, enquanto outro a vê e a interroga. Não aparecem a um duma maneira e a outro doutra... Mas, aparecendo a ambos do mesmo modo, para um é muda e para outro fala. Ou antes, fala a todos, mas somente a entendem aqueles que comparam a voz vinda de fora com a verdade interior.

Ora, a verdade diz-me: "O teu Deus não é o céu, nem a terra, nem corpo algum".

E a natureza deles exclama: "Repara que a matéria é menor na parte que no todo". Por isso te digo, ó minha alma, que és superior ao corpo, porque vivificas a matéria do teu corpo, dando-lhe vida, o que nenhum corpo pode fazer a outro corpo. Além disso, o teu Deus é também para ti vida da tua vida.

## **7 - Ultrapassando a força corpórea...**

11. Que amo então quando amo o meu Deus? Quem é Aquele que está no cimo da minha alma? Pela minha própria alma hei de subir até Ele. Ultrapassarei a força com que me prende ao corpo e com



que encho de vida o meu organismo. Mas não é com essa vida que encontro o meu Deus, porque (nesse caso) também "o cavalo e a mula, que não têm inteligência", O encontrariam, pois possuem essa mesma força que lhes vivifica os corpos.

Há, portanto, outra força que não só vivifica, mas também sensibiliza a carne que o Senhor me criou, mandando aos olhos que não ouçam e ao ouvido que não veja, mas aos primeiros que vejam e a este que ouça e a cada um dos restantes sentidos o que é próprio dos seus lugares e ofícios. Por eles, que eu — espírito uno — realizo as diversas funções. (Na minha investigação) ultrapassei ainda esta força que igualmente o cavalo e a mula possuem, visto que também sentem por meio do corpo.

## **8 - O palácio da memória.**

12. Transporei, então, esta força da minha natureza, subindo por degraus até Aquele que me criou.

Chego aos campos e vastos palácios da memória onde estão tesouros de inumeráveis imagens trazidas por percepções de toda espécie. Aí está também escondido tudo o que pensamos, quer aumentando quer diminuindo ou até variando de qualquer modo os objetos que os sentidos atingiram. Enfim, jaz aí tudo o que se lhes entregou e depôs, se é que o esquecimento ainda o não absorveu e sepultou.

Quando lá entro mando comparecer diante de mim todas as imagens que quero.

Umas apresentam-se imediatamente, outras fazem-me esperar por mais tempo, até serem extraídas, por assim dizer, de certos receptáculos ainda mais recônditos. Outras irrompem aos turbilhões e, enquanto se pede e se procura outra, saltam para o meio, como que a dizerem: "Não seremos nós?" Eu, então, com a mão do espírito, afasto-as do rosto da memória, até que se desanuvie o que quero e do seu esconderijo a imagem apareça à vista.

Outras imagens ocorrem-me com facilidade e em série ordenada, à

medida que as chamo.

Então as precedentes cedem o lugar às seguintes, e, ao cedê-lo escondem-se, para de novo avançarem quando eu quiser. É o que acontece, quando digo alguma coisa decorada.

13. Lá se conservam distintas e classificadas todas as sensações que entram isoladamente pela sua porta. Por exemplo, a luz, as cores e as formas dos corpos penetram pelos olhos; todas as espécies de sons, pelos ouvidos; todos os cheiros, pelo nariz; todos os sabores, pela boca. Enfim, pelo tato entra tudo o que é duro, mole, quente, frio, brando ou áspero, pesado ou leve, tanto extrínseco como intrínseco ao corpo.

O grande receptáculo da memória — sinuosidades secretas e inefáveis, onde tudo entra pelas portas respectivas e se aloja sem confusão — recebe todas estas impressões, para as recordar e revistar quando for necessário. Todavia, não são os próprios objetos que entram, mas as suas imagens: imagens das coisas sensíveis, sempre prestes a oferecer-se ao pensamento que as recorda.

Quem poderá explicar o modo como elas se formaram, apesar de se conhecer por que sentidos foram recolhidas e escondidas no interior? Pois mesmo quando me encontro em trevas e silêncio posso representar na memória, se quiser, as cores, e distinguir o branco do preto e todas as mais entre si. Os sons não invadem nem perturbam as imagens que aí se encontrarem. Estão como que escondidos, e retirados. Se me apetece chamá-los, imediatamente se apresentam. Então, estando a língua em repouso e a garganta em silêncio, canto o que me apraz. Aquelas imagens das cores, que não obstante lá continuam, não se interpõem nem me interrompem quando manejo este outro tesouro que entrou pelos ouvidos.

Do mesmo modo, conforme me agrada, recordo as restantes percepções que foram reunidas e acumuladas pelos outros sentidos. Assim, sem cheirar nada, distingo o perfume dos lírios do das violetas, ou então, sem provar nem apalpar, apenas pela lembrança, prefiro o mel ao arroze e o macio ao áspero.

14. Tudo isto realizo no imenso palácio da memória. Aí estão presentes o céu, a terra e o mar com todos os pormenores que neles pude perceber pelos sentidos, exceto os que já esqueci. E lá que me encontro a mim mesmo, e recordo as ações que fiz, o seu tempo, lugar, e até os sentimentos que me dominavam ao praticá-las. É lá que estão também todos os conhecimentos que recordo, aprendidos ou pela experiência própria ou pela crença no testemunho de outrem.

Deste conjunto de ideias, tiro analogias de coisas por mim experimentadas ou em que acreditei apoiado em experiências anteriores. Teço umas e outras com as passadas.

Medito as ações futuras, os acontecimentos, as esperanças. Reflito em tudo, como se me estivesse presente. "Farei isto e aquilo", digo no meu interior, nesse seio imenso do espírito, repleto de imagens de tantas e tão grandes coisas. Tiro esta ou aquela conclusão: "Oh! se sucedesse tal e tal acontecimento! Afaste Deus esta ou aquela calamidade"!

Eis o que exclamo dentro de mim. Ao dizer isso, tenho presentes as imagens de tudo o que exprime, hauridas do tesouro da memória, pois, se faltassem, absolutamente nada disto poderia dizer.

15. É grande esta força da memória, imensamente grande, ó meu Deus. É um santuário infinitamente amplo. Quem o pode sondar até ao profundo? Ora, esta potência é própria do meu espírito, e pertence à minha natureza. Não chego, porém, a apreender todo o meu ser. Será porque o espírito é demasiado estreito para se conter a si mesmo?

Então onde está o que de si mesmo não encerra? Estará fora e não dentro dele? Mas como é que o não contém?

Este ponto faz brotar em mim uma admiração sem limites que me subjuga.

Os homens vão admirar os píncaros dos montes, as ondas alterosas do mar, as largas correntes dos rios, a amplidão do oceano, as órbitas dos astros: e nem pensam em si mesmos! Não se admiram de eu ter falado (agora) de todas estas coisas num

tempo em que as não via com os olhos! Ora, não poderia falar delas se, dentro da minha memória, nos espaços tão vastos como se fora de mim os visse, não observasse os montes, as ondas, os rios, os astros que contemplei e o oceano em que acredito por testemunho alheio.

Mas, ao presenciá-los com os olhos, não os absorvi com a vista: residem em mim, não os próprios objetos, mas as suas imagens. Conheço com que sentido do corpo me foi impressa cada imagem.

## **9 - A memória intelectual.**

16. Não é só isto o que a capacidade imensa da minha memória encerra. Também lá se encontra tudo o que não esqueci, aprendido nas artes liberais.

Estes conhecimentos estão como que retirados num lugar mais íntimo, que não é lugar. Ora, eu não trago comigo as suas imagens, mas as próprias realidades. As noções de literatura, de dialética, as diferentes espécies de questões e todos os conhecimentos que tenho a este respeito existem também na minha memória, mas de tal modo que, se não retivesse a imagem, deixaria/ora o objeto. Neste caso sucederia como à voz que ressoa e logo passa, deixando nos ouvidos a impressão dum rasto que no-la faz recordar, como se continuasse a ressoar quando na realidade já não ressoa. Sucederia como ao perfume, que, ao passar e desvanecer-se nos ares, afeta o olfato, donde transmite para a memória a sua imagem, que se reproduz com a lembrança; como ao alimento, que no estômago perde o sabor, mas parece conservá-lo na memória; finalmente, como acontece a qualquer objeto que o corpo sente pelo tato e que a memória imagina, mesmo quando afastado de nós.

De fato, todas estas realidades não nos penetram na memória. Só as suas imagens é que são recolhidas com espantosa rapidez e dispostas, por assim dizer, em células admiráveis, donde admiravelmente são tiradas pela lembrança.

## **10 - A memória e os sentidos.**

17. Quando ouço dizer que há três espécies de questões, a saber: "se uma coisa existe (an sit?), qual a sua natureza (quid sit?) e qual a sua qualidade (quale sit?)", retenho as imagens dos sons de que se formaram estas palavras, e vejo que eles passaram com ruído através do ar, e já não existem. Não foi por nenhum dos sentidos do corpo que atingi essas coisas significadas nestes sons, nem as vi em parte nenhuma a não ser no meu espírito. Escondi na memória não as suas imagens, mas os próprios objetos.

Que digam, se podem, por onde entraram em mim. Percorrendo todas as portas do corpo, não consigo saber por qual entraram. Os olhos dizem: "Se eram coloridas, fomos nós que anunciamos". Replicam os ouvidos: "Ressoaram, foram por nós comunicadas". Declara o olfato: "Se tinham cheiro, passaram por mim". Afirma ainda o sentido do gosto: "Se não tinham sabor, nada me perguntes". E o tato: "Se não eram sensíveis, não as apalpei; e se as não apalpei, não as pude indicar".

Donde e por que parte me entraram na memória? Ignoro-o, porque, quando as aprendi, não acreditei nelas fiado num parecer alheio, mas reconheci-as existentes em mim, admitindo-as como verdadeiras. Entreguei-as ao meu espírito, como quem as deposita, para depois as tirar quando quiser. Estavam lá, portanto, mesmo antes de as aprender, mas não estavam na minha memória. Onde estavam então? Por que as conheci, quando disse: "Sim, é verdade", senão porque já existiam na minha memória? Mas tão retiradas e escondidas em concavidades secretas estavam que não poderia talvez pensar nelas, se dali não fossem arrancadas por alguém que me advertisse.

## **11 - A memória e as ideias inatas.**

18. Por esta razão, aprender estas noções — de que não haurimos as imagens pelos sentidos, mas que sem imagens vemos no nosso interior tais como são em si mesmas — achamos que consiste

apenas em coligir pelo pensamento aquelas coisas que a memória encerrava dispersas e desordenadas e em obrigá-las, pela força da atenção, a estarem sempre como que à mão e a apresentarem-se com facilidade ao esforço costumado do nosso espírito.

Quantas destas espécies nos traz a nossa memória as quais já antes havíamos encontrado e — como já me exprimi — as tivemos como que à mão! Nós somos de parecer que já aprendemos e conhecemos estas coisas. Mas se deixar de as recordar, ainda que seja por pequeno espaço de tempo, de novo imergem e como que se escapam para esconderijos mais profundos. E assim, como se fossem novos, é necessário pensar, segunda vez, nesses conhecimentos existentes na memória — pois não têm outra habitação — e juntá-los (cogenda) novamente, para que se possa saber. Quer dizer, precisamos de os coligir (colligenda), subtraindo-os a uma espécie de dispersão. E daqui (cogenda, cogo) é que vem cogitare; pois cogo e cogito são como ago e agito, facio e facito. Porém a inteligência reivindicou como próprio este verbo (cogito), de tal maneira que só ao ato de coligir (colligere), isto é, ao ato de juntar (cogere) no espírito, e não em qualquer parte, é que propriamente se chama "pensar" (cogitare).

## **12 - A memória e as matemáticas.**

19. Do mesmo modo a memória contém as noções e as regras inumeráveis dos números e das dimensões. Não foram os sentidos quem nos gravou estas ideias, porque estas não têm cor, nem som, nem cheiro, nem gosto, nem são táteis. Quando delas se fala, ouço os sons das palavras que as significam. Mas os números são uma coisa e as ideias que exprimem, outra; os primeiros soam diferentemente em grego e em latim. Porém as ideias nem são gregas nem latinas, nem de nenhuma outra língua.

Vi linhas traçadas por artistas, tão adelgaçadas como um fio de aranha. Mas essas linhas materiais são diferentes das imagens que os olhos carnis me anunciaram. Quem quer pode conhecê-las e representá-las interiormente, sem ter necessidade de pensar num

corpo. Por todos os sentidos corporais é que cheguei também ao conhecimento dos números. Mas esses números com que contamos são bem diferentes: não são as imagens dos números sensíveis. Por conseguinte, são mais reais. Ria-se de mim quem não compreender estas coisas que exponho. Eu terei compaixão de quem escarneça de mim.

### **13 - "A memória lembra-se de se lembrar".**

20. Conservo tudo isso na memória e, bem assim, o modo por que o aprendi.

Retenho na memória as muitas disputas que ouvi, cheias de erros contra estas verdades.

Ainda que falsas, não é falso lembrar-me delas. Recordo-me também ter sabido, nessas disputas, discernir as verdades das falsidades.

Agora vejo que as distingo dum modo inteiramente diferente daqueles com que as distingui tantas vezes, quando com frequência as considerava. Recordo-me, portanto, de muitas vezes ter compreendido isto. E o que agora entendo e distingo, conservo-o na memória para depois me lembrar de que agora o entendi. Por isso lembro-me de que me lembrei. E assim, se mais tarde me lembrar de que agora pude recordar estas coisas, será pela força da memória!

### **14 - A lembrança dos afetos da alma.**

21. Encerro também na memória os afetos da minha alma, não da maneira como os sente a própria alma, quando os experimenta, mas de outra muito diferente, segundo o exige a força da memória.

De fato, não estando agora alegre, recordo-me de ter estado contente. Sem tristeza, recordo a amargura passada. Repasso sem temor o medo que outrora senti, e, sem ambição, recordo a antiga cobiça. Algumas vezes, pelo contrário, evoco com alegria as tristezas passadas; e com amargura relembro as alegrias.

Não é de admirar, tratando-se do corpo: porque o espírito é uma coisa e o corpo é outra. Por isso, se recordo, cheio de gozo, as dores passadas do corpo, não é de admirar.

Porém, aqui o espírito é a memória. Efetivamente, quando confiamos a alguém qualquer negócio, para que se lhe grave na memória, dizemos-lhe: "Vê lá, grava-o bem no teu espírito". E quando nos esquecemos, exclamamos: "Não o conservei no espírito", ou então: "Escapou-se-me do espírito"; portanto, chamamos espírito à própria memória.

Sendo assim, por que será que ao evocar com alegria as minhas tristezas passadas a alma contém a alegria, e a memória a tristeza, de modo que a minha alma se regozija com a alegria que em si tem, e a memória se não entristece com a tristeza que em si possui?

Será porque não faz parte da alma? Quem se atreverá a afirmá-lo?

Não há dúvida que a memória é como o ventre da alma. A alegria, porém, e a tristeza são o seu alimento, doce ou amargo. Quando tais emoções se confiam à memória, podem ali encerrar-se depois de terem passado, por assim dizer, para esse estômago; mas não podem ter sabor. É ridículo considerar estas coisas como idênticas. Contudo, também não são inteiramente dessemelhantes.

22. Reparaí que me apoio na memória, quando afirmo que são quatro as perturbações da alma: o desejo, a alegria, o medo e a tristeza. Qualquer que seja o raciocínio que possa fazer, dividindo cada uma delas pelas espécies dos seus gêneros e definindo-as, aí encontro que dizer e declaro-o depois. Mas não me altero com nenhuma daquelas perturbações, quando as relembro com a memória. Ainda antes de eu as recordar e revolver, já lá estavam. Por isso consegui, mediante a lembrança, arrancá-las dali.

Assim como a comida, graças à ruminação, sai do estômago, assim também elas saem da memória, devido à lembrança. Então por que é que o disputador, ou aquele que se vai recordando, não sente, na boca do pensamento, a doçura da alegria, nem a amargura da tristeza? Porventura nisto é dessemelhante o que não é semelhante em todos os seus aspectos?



Quem de nósalaria voluntariamente da tristeza e do temor, se fôssemos obrigados a entristecer-nos e a temer, sempre que falamos de tristeza ou temor? Contudo, não os traríamos a conversa se não encontrássemos na nossa memória, não só os sons destas palavras, conforme as imagens gravadas em nós pelos sentidos corporais, mas também a noção desses mesmos sentimentos. As noções não as alcançamos por nenhuma porta da carne, mas foi o espírito que, pela experiência das próprias emoções, as sentiu e confiou à memória; ou então foi a própria memória que as reteve sem que ninguém lhas entregasse.

## **15 - A memória das coisas ausentes.**

23. Quem poderá facilmente explicar se esta recordação se produz por meio de imagens ou não? Pronuncio o nome, por exemplo, de "pedra", ou de "sol", quando tais objetos me não estão presentes aos sentidos. É claro que as suas imagens estão-me presentes na memória. Evoco a dor corporal: se nada me dói, não a posso ter presente.

Contudo, se a sua imagem me não estivesse presente na memória, eu não sabia o que dizia, e, ao raciocinar, não a distinguiria do prazer. Profiro o nome de "saúde" corporal, quando estou bom de saúde. Aqui já tenho presente o próprio objeto. Porém, se a sua imagem não residisse na minha memória, de modo nenhum poderia recordar a significação que tem o som desta palavra. Os doentes, ao ouvirem o nome "saúde", não saberiam de que se trata, se a força da memória lhes não conservasse a própria imagem, embora a realidade esteja longe do corpo.

Pronuncio os nomes dos números por que contamos. Ficam-me presentes na memória não as suas imagens, mas os próprios números. Evoco a imagem do Sol e logo se me apresenta na memória. Neste caso, eu não recorro a imagem dum imagem, mas a própria imagem. É ela que se me apresenta quando a relembro. Nomeio a palavra "memória" e reconheço o que nomeio. Onde o reconhecimento senão na própria memória?

Mas então está ela presente a si mesma, pela sua imagem, e não por si própria?

## **16 - A memória lembra-se do esquecimento.**

24. E mesmo quando falo no esquecimento e conheço o que pronuncio, como poderia reconhecê-lo, se dele me não lembrasse? Não falo do som desta palavra, mas do objeto que exprime. Se o esquecesse, não me poderia lembrar do que esse som significava.

Ora, quando me lembro da memória, esta fica presente a si, por si mesma. Quando me lembro do esquecimento, estão ao mesmo tempo presentes o esquecimento e a memória: a memória que faz com que me recorde, e o esquecimento que lembro.

Que é esquecimento senão a privação da memória? E como é, então, que o esquecimento pode ser objeto da memória se, quando está presente, não me posso recordar? Se nós retemos na memória aquilo de que nos lembramos, e se nos é impossível, ao ouvir a palavra "esquecimento", compreender o que ela significa, a não ser que dele nos lembremos, conclui-se que a memória retém o esquecimento. A presença do esquecimento faz com que o não esqueçamos; mas quando está presente, esquecemo-nos.

Não se deverá concluir que o esquecimento, quando o recordamos, está presente na memória, não por si mesmo, mas por uma imagem sua? De fato, se ele estivesse presente por si mesmo, faria com que o não lembrássemos, mas o esquecêssemos. Quem poderá penetrar, quem poderá compreender o modo como isto se realiza?

25. Eu, Senhor, cogito este problema, trabalho em mim mesmo, transformei-me numa terra de dificuldades e de suor copioso. Agora já não escalo as regiões do firmamento; não meço as distâncias dos astros; não procuro as leis do equilíbrio da Terra; sou eu que me lembro, eu, o meu espírito. Não é de admirar que esteja longe de mim tudo o que não sou eu. Todavia, que há mais perto de mim do que eu mesmo?

Oh! nem sequer chego a compreender a força da minha memória, sem a qual não poderia pronunciar o meu próprio nome! Que direi eu, pois, quando tenho a certeza de que me lembro do esquecimento? Poderei afirmar que não existe na minha memória aquilo de que me não lembro? Ou então, que o esquecimento está na minha memória, para que o não esqueça?

Ambas estas hipóteses são, em extremo, absurdas. Vejamos, pois, a terceira, que antes insinuei. Com que fundamento posso alvitrar que é a imagem do esquecimento, e não o próprio esquecimento, que está gravado na memória, quando dele me lembro?

Como poderei afirmar tal hipótese, se, quando a imagem de qualquer objeto se nos imprime na memória, é preciso que primeiro o próprio objeto nos esteja presente, para, que nos possa ser gravada a imagem? E assim que relembro Cartago, todos os lugares em que estive, os rostos das pessoas que vi, todos os objetos anunciados pelos outros sentidos e, do mesmo modo, a saúde e as dores do próprio corpo. Quando a memória tinha estas coisas presentes, tomou-lhes as imagens, para eu, depois, as poder contemplar e repassar no espírito, ao recordá-las quando ausentes.

Se, pois, é pela imagem, e não por si mesmo, que o esquecimento se enraíza na memória, foi preciso que se achasse presente para que a memória pudesse captar a imagem. Como pôde o esquecimento, quando estava presente, gravar a sua imagem na memória, se ele, com a sua presença, apaga tudo o que lá encontra impresso? Enfim, seja como for, apesar de ser inexplicável e incompreensível o modo como se realiza este fato, estou certo de que me lembro do esquecimento, que nos varre da memória tudo aquilo de que nos lembramos.

## **17 - Da memória a Deus.**

26. Grande é a potência da memória, ó meu Deus! Tem não sei quê de horrendo, uma multiplicidade profunda e infinita. Mas isto é o espírito, sou eu mesmo. E que sou eu, ó meu Deus? Qual é a minha

natureza? Uma vida variada de inumeráveis formas com amplidão imensa.

Eis-me nos campos da minha memória, nos seus antros e cavernas sem número, repletas, ao infinito, de toda a espécie de coisas que lá estão gravadas, ou por imagens, como os corpos, ou por si mesmas, como as ciências e as artes, ou, então, por não sei que noções e sinais, como os movimentos da alma, os quais, ainda quando a não agitam, se enraízam na memória, posto que esteja na memória tudo o que está na alma. Percorro todas estas paragens. Vou por aqui e por ali. Penetro por toda parte quanto posso, sem achar fim. Tão grande é a potência da memória e tal o vigor da vida que reside no homem vivente e mortal!

Que farei, ó meu Deus, ó minha verdadeira Vida? Transporei esta potência que se chama memória. Transpô-la-ei para chegar ate Vós, ó minha doce Luz? Que me dizeis?

Subindo em espírito até Vós, que morais lá no alto, acima de mim, transporei esta potência que se chama memória. Quero alcançar-Vos por onde podeis ser atingido, e prender-me a Vós por onde for possível. Os animais e as aves têm também memória.

Doutro modo não poderiam regressar aos covis e ninhos, nem fariam muitas outras coisas a que estão acostumados. Sem a memória não poderiam contrair hábitos nenhuns.

Passarei, pois, além da memória, para poder atingir Aquele que me distinguiu dos animais e me fez mais sábio que as aves do céu. Passarei, então, para além da memória, para Vos encontrar. Mas onde, ó Bondade verdadeira e suavidade segura? Para Vos encontrar, mas onde? Se Vos encontro sem a memória, estou esquecido de Vós. E como Vos hei de lá encontrar se me não lembro de Vós?

## **18 - A lembrança do objeto perdido.**

27. A mulher que perdera a moeda e a procurou com a lanterna não a teria encontrado se dela se não lembrasse. Tendo-a depois

achado, como saberia se era aquela, se dela se não recordasse já? Lembro-me de ter procurado muitos objetos perdidos, e de os ter encontrado. Sei-o porquê, se ao procurar algum desses objetos me perguntavam: "É este? Não será talvez aquele?", respondia sempre: "Não é", até aparecer o que buscava.

Se já me não recordasse desse objeto, fosse ele qual fosse, poder-mo-iam apresentar, que eu não o descobriria, por não o poder reconhecer. É sempre o que sucede quando procuramos e encontramos alguma coisa perdida. Se, por acaso, um objeto — por exemplo, um corpo qualquer visível — nos desaparece dos olhos e não da memória, conservamos a sua imagem lá dentro, e procuramo-lo, até se nos oferecer à vista. Quando for encontrado, reconhecemo-lo pela imagem que ficara dentro.

Não dizemos ter achado uma coisa que se perdera, se a não conhecemos, nem a podemos conhecer, se dela nos não lembramos. Esse objeto desaparecera para os olhos que a memória conservara.

## **19- O que é a reminiscência?**

28. Quando a própria memória perde qualquer lembrança, como sucede quando nos esquecemos e procuramos lembrar-nos, onde é que, afinal, a procuramos, senão na mesma memória? E se esta casualmente nos apresenta uma coisa por outra, repelimo-la até nos ocorrer o que buscamos. Apenas nos ocorre, exclamamos: "É isto!" Ora, não soltaríamos tal exclamação, se não conhecêssemos esse objeto, nem o reconheceríamos, se dele nos não lembrássemos. É certo, portanto, que o tínhamos esquecido. Poder-se-ia também dizer que esse objeto não fugira totalmente, mas que nós, por meio da parte que nos ficou impressa, procurávamos a outra? Com efeito, a memória sentia que já não podia resolver em conjunto o que conjuntamente costumava, e truncada no seu hábito e a coxear, exigia a entrega da parte que lhe faltava.

O mesmo sucede quando uma pessoa conhecida se nos depara à

vista ou ao pensamento e, esquecidos do seu nome, o procuramos. Ao ocorrer-nos outro nome, não o ligamos (a tal pessoa), porque nunca nos acostumamos a associá-los no nosso pensamento. Por isso afastamos esse nome até se nos apresentar aquele que simultânea e perfeitamente concorde com o conhecimento habitual.

Donde nos vem esse nome senão da própria memória? Supondo que o conhecemos por advertência doutrem, ainda é dela que nos vem, porque não o reconhecemos como um novo conhecimento, senão que, recordando-o, aprovamos ser esse o nome que nos disseram. Se se apagou completamente do espírito, não nos lembramos dele, ainda que nos avisem. Mas aquilo de que nos lembramos ter esquecido, ainda o não esquecemos inteiramente. Por isso, não podemos procurar um objeto perdido, se dele nos esquecemos totalmente.

## **20 - Como procurar a felicidade.**

29. Então, como Vos hei de procurar, Senhor? Quando Vos procuro, meu Deus, busco a vida feliz. Procurar-Vos-ei, para que a minha alma viva. O meu corpo vive da minha alma e esta vive de Vós.

Como procurar, então, a vida feliz? Não a alcançarei enquanto não exclamar: "Basta, ei-la". Mas onde poderei dizer estas palavras? Como procurar essa felicidade?

Como? Pela lembrança, como se a tivesse esquecido, e como se agora me recordasse de que a esqueci? Pelo desejo de travar conhecimento com uma vida, para mim incógnita, ou porque nunca a cheguei a conhecer, ou porque já a esqueci tão completamente, que nem sequer me lembro de a ter esquecido? Então, não é feliz aquela vida que todos desejam, sem haver absolutamente ninguém que a não queira? Onde a conheceram para assim a desejarem? Onde a viram para a amarem? Que a possuímos, é certo. Agora, o modo é que eu não sei.

Há uma maneira diferente de ser feliz, quando cada um possui a felicidade em concreto. Há quem seja feliz simplesmente em esperança. Estes possuem a felicidade dum modo inferior ao

daqueles que já são realmente felizes. Mas, ainda assim, estão muito melhor que aqueles que não têm nem a felicidade, nem a sua esperança. Mesmo estes devem experimentá-la de qualquer modo, porque, no caso contrário, não desejariam ser felizes. Ora, é absolutamente certo que eles o querem ser.

Não sei como conheceram a felicidade, nem por que noção a apreenderam. O que me preocupa é saber se essa noção habita na memória. Se lá existe, é sinal de que alguma vez já fomos felizes. Eu agora não procuro indagar se fomos todos felizes individualmente, ou se fomos somente naquele homem que primeiro pecou, em que todos morremos, e nascemos na infelicidade. O que eu quero saber é se a vida feliz reside ou não na memória. Se a não conhecêssemos, não a podíamos amar.

Mal ouvimos este nome, "felicidade", imediatamente temos de confessar que é isso mesmo o que apetecemos; não nos deleitamos simplesmente com o som da palavra.

Quando um grego ouve pronunciar esse vocábulo em latim, não se deleita, porque ignora o sentido. Mas nós deleitamo-nos; e ele também se deleita, se ouve em grego, porque a felicidade real não é grega nem latina, mas os gregos, os latinos e os homens de todas as línguas têm um desejo ardente de a alcançar. E assim, se fosse possível perguntar-lhes a uma só voz se "queriam ser felizes", todos, sem hesitação, responderiam que sim.

O que não aconteceria, se a memória não conservasse a própria realidade, significada nessa palavra.

## **21 - A lembrança da felicidade.**

30. Quem recorda esta felicidade, recordá-la-á como a cidade de Cartago, quem a viu? Não; a felicidade não é um corpo, e por isso não se vê com os olhos.

Lembramo-la, então, como quem lembra números? Não; porque a estes, quem já os conhece, não os procura adquirir. Ora, nós, tendo conhecimento da felicidade, amamo-la.

Mais ainda: queremos possuí-la, para sermos felizes.

Lembramo-la talvez como a eloquência? Também não, porque muitos, ao ouvirem pronunciar a palavra "eloquência", recordam logo a sua realidade e desejam ser eloquentes, eles, que ainda o não são, e que possuem já qualquer ideia de eloquência.

Pelos sentidos corporais, prestaram atenção a outros oradores. Foi por isso que se deleitaram, e agora desejam também ser eloquentes. É certo que não se deleitariam com a eloquência se não a conhecessem por qualquer noção interior, nem a quereriam alcançar, se com ela se não deleitassem. Porém, não é pelos sentidos corporais que descobrimos a vida feliz nos outros.

Recordá-la-emos, então, como a alegria? Sim, talvez. Eu lembro-me da alegria passada, mesmo quando estou triste, e penso na felicidade, quando me encontro desolado. Nunca vi, nem ouvi, nem cheirei, nem gostei, nem apalpei a alegria com os sentidos corporais. Simplesmente a experimentei na alma quando me alegrei.

A ideia de alegria enraizou-se-me na memória para mais tarde a poder recordar, umas vezes com enfado, outras com saudade, segundo as circunstâncias em que me lembro de ter estado alegre. Assim, por exemplo, inundei-me de gozo em ações torpes que agora, ao lembrá-las, detesto e aborreço; ou então, alegrei-me em atos legítimos e honestos, que lembro agora com saudade. Como os não tenho já presentes, evoco com tristeza essa antiga alegria.

31. Onde e quando experimentei a vida feliz, para a poder recordar, amar e desejar? Não sou eu o único, nem são poucos os que a desejam. Todos, absolutamente todos, querem ser felizes. Se não conhecêssemos a vida feliz por uma noção certa, não a desejaríamos com tão firme vontade. Que significa isto?

Se perguntarmos a dois homens se querem alistar-se no exército, é possível que um responda que sim, outro que não. Porém, se lhes perguntarmos se querem ser felizes, ambos dizem logo, sem hesitação, que sim, que o desejam, porque tanto o que quer ser militar como o que não quer têm um só fim em vista: o serem felizes. Opta um por um emprego, e outro por outro. Mas ambos



são unânimes em quererem ser felizes, como o seriam também se lhes perguntassem se queriam ter alegria. De fato, já chamam felicidade à alegria. Ainda que um siga por um caminho e outro por outro, esforçam-se por chegar a um só fim, que é alegrarem-se. Como ninguém pode dizer que não experimentou a alegria, encontramos-na na memória e reconhecemo-la sempre que dela ouvimos falar.

## **22 - A alegria é só Deus.**

32. Longe de mim, Senhor, longe do coração deste vosso servo, que se confessa a Vós, o julgar-se feliz, seja com que alegria for. Há uma alegria que não é concedida aos ímpios, mas só àqueles que desinteressadamente Vos servem: essa alegria sois Vós.

A vida feliz consiste em nos alegrarmos em Vós, de Vós e por Vós. Eis a vida feliz, e não há outra. Os que julgam que existe outra apegam-se a uma alegria que não é a verdadeira. Contudo, a sua vontade jamais se afastará de alguma imagem de alegria. . .

## **23 - A felicidade na verdade.**

33. Poderemos então concluir que nem todos querem ser felizes porque há alguns que não querem alegrar-se em Vós, que sois a única vida feliz? Não; todos querem uma vida feliz. Mas como "a carne combate contra o espírito e o espírito contra a carne, muitos não fazem o que querem", mas entregam-se àquilo que podem fazer. Com isso se contentam, porque aquilo que não podem realizar, não o querem com a vontade quanta é necessária para o poderem fazer.

Pergunto a todos se preferem encontrar a alegria na verdade ou na falsidade.

Todos são categóricos em afirmar que a preferem na verdade, como em dizer que desejam ser felizes. A vida feliz é a alegria que provém da verdade. Tal é a que brota de Vós, ó Deus, que sois "a minha luz, a felicidade do meu rosto" e o meu Deus. Todos desejam

esta vida feliz. Oh! Todos querem esta vida, que é a única feliz; sim, todos querem a alegria que provém da verdade.

Encontrei muitos com desejos de enganar outros, mas não encontrei ninguém que quisesse ser enganado. Onde conheceram eles esta vida feliz senão onde alcançaram o conhecimento da verdade? Amam a verdade, porque não querem ser enganados; e, ao amarem a verdade feliz, que não é mais que a alegria oriunda da verdade, amam, com certeza, também a verdade. Não a poderiam amar, se não tivessem na memória qualquer noção de verdade.

Por que não encontram nela a sua alegria? Por que não são felizes? Não são felizes porque, entregando-se com demasiado afinco a outras ocupações que, em vez de ditosos, os tornam ainda mais desgraçados, recordam, apenas frouxamente, aquela Verdade que os pode fazer felizes. "Por enquanto ainda há uma luz entre os homens." Caminhem, caminhem depressa, "para que as trevas os não surpreendam"!

34. Por que é que a verdade gera o ódio? Por que é que os homens têm como inimigo aquele que prega a verdade, se amam a vida feliz, que não é mais que a alegria vinda da verdade? Talvez por amarem de tal modo a verdade que todos os que amam outra coisa querem que o que amam seja a verdade. Como não querem ser enganados, não se querem convencer de que estão em erro. Assim, odeiam a verdade, por causa daquilo que amam em vez da verdade. Amam-na quando os ilumina, e odeiam-na quando os repreende. Não querendo ser enganados e desejando enganar, amam-na quando ela se manifesta e odeiam-na quando os descobre. Porém a verdade castigá-los-á, denunciando todos os que não quiserem ser manifestados por ela. Mas nem por isso ela se lhes há de mostrar.

É assim, é assim, é assim também a alma humana: cega, lânguida, torpe e indecente, procura ocultar-se e não quer que nada lhe seja oculto. Em castigo, não se pode ocultar à verdade, mas oculta-se-lhe. Apesar de ser tão infeliz, antes quer encontrar a alegria nas coisas verdadeiras do que nas falsas. Será feliz quando, liberta de todas as moléstias, se alegrar somente na Verdade, origem de tudo

o que é verdadeiro.

## **24 - Deus na memória.**

35. Eis o espaço que percorri através da memória, para Vos buscar, Senhor, e não Vos encontrei fora dela. Nada encontrei que se referisse a Vós de que não me lembrasse, pois, desde que Vos conheci, nunca me esqueci de Vós.

Onde encontrei a verdade, aí encontrei o meu Deus, a mesma Verdade. Desde que a conheci, nunca mais a deixei esquecer. Por isso, desde que Vos conheci, permaneceis na minha memória, onde Vos encontro sempre que de Vós me lembro e em Vós me deleito.

São estas as minhas santas delícias, que, por vossa misericórdia, me destes, ao olhardes para a minha pobreza.

## **25 - Onde?...**

36. Onde residis, Senhor, na minha memória? Em que lugar aí estais? Que esconderijo fabricastes dentro dela para Vós? Que santuário edificastes? Dignastes-Vos tributar esta honra à minha memória, mas o que eu pretendo saber é em que parte habitais.

Ao recordar-Vos, ultrapassei todas aquelas partes da memória que os animais também possuem, porque não Vos encontrava entre as imagens dos seres corpóreos.

Cheguei àquelas regiões onde tinha depositado os afetos da alma. Nem mesmo lá Vos encontrei. Entrei na sede da própria alma, na morada que ela tem na memória — pois o espírito também se recorda de si mesmo —, e nem aí estáveis. Assim como não sois nem imagem corpórea nem afeto de ser vivo, qual é a alegria, a tristeza, o desejo, o temor, a lembrança, o esquecimento e outras paixões semelhantes, assim também não podeis ser o meu espírito, porque sois o seu Senhor e o seu Deus. Tudo isso muda. Vós, porém, permaneceis imutável sobre todas as coisas, e, apesar disso, dignastes-Vos habitar na minha memória, desde que Vos conheci.

Por que procuro eu o lugar onde habitais, como se na memória houvesse compartimentos? É fora de dúvida que residis dentro dela porque me lembro de Vós, desde que Vos conheci e encontro-Vos lá dentro, sempre que de Vós me lembro.

## **26 - O encontro de Deus.**

37. Mas onde Vos encontrei para Vos poder conhecer? Vós não habitáveis na minha memória, quando ainda Vos não conhecia. Onde Vos encontrei, para Vos conhecer, senão em Vós mesmo, que estais acima de mim?

Nessa região não há espaço absolutamente nenhum. Quer retrocedamos, quer nos aproximemos de Vós, aí não existe espaço.

Ó Verdade, Vós em toda parte assistis a todos os que Vos consultam e ao mesmo tempo respondeis aos que Vos interrogam sobre os mais variados assuntos. Respondeis com clareza, mas nem todos Vos ouvem com a mesma lucidez. Todos Vos consultam sobre o que desejam, mas nem sempre ouvem o que querem. O Vosso servo mais fiel é aquele que não espera nem prefere ouvir aquilo que quer, mas se propõe aceitar, antes de tudo, a resposta que de Vós ouviu.

## **27 - Tarde Vos Amei!**

38. Tarde Vos amei, ó Beleza tão antiga e tão nova, tarde Vos amei! Eis que habitáveis dentro de mim, e eu lá fora a procurar-Vos! Disforme, lançava-me sobre estas formosuras que criastes. Estáveis comigo, e eu não estava convosco!

Retinha-me longe de Vós aquilo que não existiria se não existisse em Vós.

Porém chamastes-me com uma voz tão forte que rompestes a minha surdez!

Brilhastes, cintilastes e logo afugentastes a minha cegueira!

Exalastes perfume: respirei-o, suspirando por Vós. Saboreei-Vos, e agora tenho fome e sede de Vós. Tocastes-me e ardi no desejo da vossa paz.

## **28 - Miséria da vida humana. . .**

39. Quando estiver unido a Vós com todo o meu ser, em parte nenhuma sentirei dor e trabalho. A minha vida será então verdadeiramente viva, porque estará toda cheia de Vós. Libertais do seu peso aqueles que encheis. Porque não estou cheio de Vós, sou ainda peso para mim.

As minhas alegrias, que deviam ser choradas, lutam com as tristezas que me deviam incutir júbilo. Ignoro de que lado está a vitória. As tristezas do meu mal pelejam com os contentamentos bons, e não sei em que parte está o triunfo.

"Ai de mim! Ó Senhor, tende compaixão de mim!" Olhai, eu não escondo as minhas feridas. Vós sois o médico, e eu o enfermo; sois misericordioso e eu miserável.

Não é, "a vida do homem, sobre a terra, uma contínua tentação"? Quem deseja trabalhos e preocupações? Ordenais aos homens que os suportem e não que os amem.

Ninguém ama o que lhe custa, ainda quando goste de o suportar, porque, apesar de se alegrar com o sofrimento, prefere não ter nada que sofrer. Nos reveses anseio pela prosperidade, e nas coisas prósperas temo a adversidade.

Entre estes dois extremos, qual será o termo médio onde a vida humana não seja tentação? Ai das prosperidades do mundo, repito, ai das prosperidades do mundo, por causa do receio da desgraça e da corrupção da alegria! Ai das adversidades do mundo, uma, duas e três vezes, por causa do desejo da prosperidade, por ser a desgraça dura e ameaçar não é "a vida humana sobre a terra uma tentação contínua"?

## **29 - Toda a esperança está em Deus.**

40. Só na grandeza da vossa misericórdia coloco toda a minha esperança. Dai-me o que me ordenais, e ordenai-me o que quiserdes. Ordenais-nos a continência. Ora, afirmou um sábio: "Ao conhecer que ninguém pode ser casto sem o dom de Deus, é já um efeito da sabedoria o saber de quem provém este dom".

Pela continência, reunimo-nos e reduzimo-nos à unidade, da qual nos afastamos ao derramarmos-nos por inumeráveis criaturas.

Pouco Vos ama aquele que ama, ao mesmo tempo, outra criatura, e nunca Vos extinguis! Ó caridade, ó meu Deus, inflamai-me!

Ordenais-me a continência? Dai-me o que me ordenais e ordenai-me o que quiserdes!

### **30 - Tríplice tentação.**

41. Mandais-me, sem dúvida, que me abstenha da "concupiscência da carne, da concupiscência dos olhos e da ambição do mundo".

Ordenastes-me que me abstivesse das relações luxuriosas. Quanto ao matrimônio, apesar de o permitirdes, ensinastes-me que havia outro estado melhor. E porque mo concedestes, abracei-o antes de ser nomeado dispensador do vosso Sacramento.

Mas na minha memória, de que longamente falei, vivem ainda as imagens de obscenidades que o hábito inveterado lá fixou. Quando, acordado, me vêm à mente, não têm força. Porém, durante o sono, não só me arrastam ao deleite, mas até à aparência do consentimento e da ação. A ilusão da imagem possui tanto poder na minha alma e na minha carne, que, enquanto durmo, falsos fantasmas me persuadem a ações a que, acordado, nem sequer as realidades me podem persuadir.

Meu Deus e Senhor, não sou eu o mesmo nessas ocasiões? Apesar disso, que diferença tão grande vai de mim a mim mesmo, desde o momento em que ingresso no sono até àquele tempo em que de lá volto!

Onde está nesse momento a razão que resiste a tais sugestões quando estou acordado e permanece inabalável, quando as

próprias realidades se lhe introduzem?

Fecha-se, quando cerro os olhos? Dorme simultaneamente com os sentidos corporais? E por que é que muitas vezes, mesmo no sono, resistimos, lembrados do nosso propósito, e nele permanecemos castos, não dando nenhum consentimento a tais enganos? Contudo, a diferença é tão grande, que, quando no sono nos sucede não resistir, ao acordar voltamos ao descanso da consciência. Por essa mesma diferença é que vemos que não praticamos voluntariamente essas ações, dado o fato de sentirmos pena de que tais atos se tivessem passado em nós.

42. Não é poderosa a vossa mão, ó Deus onipotente, para me sarar todas as enfermidades da alma e para extinguir com graça mais abundante, os movimentos lascivos mesmo durante o sono? Aumentareis, Senhor, em mim, cada vez mais as vossas dádivas, para que a minha alma, liberta do visco da concupiscência, siga até Vós. Para que não seja rebelde, nem sequer no sono; para que não cometa tais torpezas e depravações sob a ação de imagens animalescas, descendo até à lascívia carnal; para que, enfim, de modo nenhum nelas consinta.

Não é muito para Vós — ó Onipotente, que podeis fazer ainda mais do que aquilo que pedimos e compreendemos — impedir, não só nesta vida mas também nesta idade, que alguma das tentações me deleite, mesmo que seja tão pequena como a que posso vencer logo, ao primeiro esforço da vontade, quando adormeço em pensamentos castos.

Agora, porém, exultando embora com tremor perante o bem que me concedestes, e lamentando-me diante do que ainda não obtive, disse ao meu Senhor que ainda me encontrava neste gênero de mal. Espero que aperfeiçoareis em mim as vossas misericórdias até à paz plena, que os sentidos interiores e exteriores terão convosco, quando a morte for substituída pela vitória.

## **31 - A gula.**

43. "Outro mal tem o dia", e oxalá que lhe bastasse! Reparámos os

gastos cotidianos do corpo, comendo e bebendo até ao momento em que Vós, destruindo os alimentos e o estômago, matardes a minha indigência, com uma saciedade maravilhosa, e revestirdes este corpo corruptível com a eterna incorruptibilidade. Por enquanto, esta necessidade (de alimento) é-me agradável, e combato contra esta delícia, para me não deixar dominar por ela.

Sustento uma guerra cotidiana com jejuns, reduzindo o corpo à escravidão. Mas depois disto vem o prazer para afastar as minhas dores. Efetivamente, se o remédio dos alimentos não nos socorrer, a fome e a sede tornam-se tormentos que abrasam e matam como a febre. Ora, estando este remédio sempre ao nosso alcance, graças à liberalidade dos vossos dons, que faz com que a terra, a água e o céu sirvam à nossa enfermidade, chamamos delícias a tal desgraça.

44. Ensinastes-me a tomar os alimentos, só como remédio. Mas, quando passo do tormento da indigência ao descanso da saciedade, o laço da concupiscência arma-me ciladas no caminho. Com efeito, esta passagem é um prazer, e não há outro por onde se possa ir para chegar aonde a necessidade nos obriga.

Sendo a saúde o motivo do comer e beber, o prazer junta-se a esta necessidade, como um companheiro perigoso. Ordinariamente procura ir adiante, para que se faça por ele o que, segundo vou dizendo, faço ou quero fazer por causa da saúde. Ora, o limite não é o mesmo para ambos os casos, pois o que basta à saúde é insuficiente para o prazer.

Muitas vezes não se vê bem ao certo se é o cuidado necessário do corpo que pede esse esforço do alimento, ou se é a voluptuosa e enganadora sensualidade que exige ser servida. A infeliz alma alegra-se com esta incerteza, e nela procura o apoio duma escusa, regozijando-se com não poder determinar o que é suficiente para o cuidado moderado da saúde. Por isso, sob pretexto da sua conservação, encobre a satisfação do prazer.

Esforço-me todos os dias por resistir a estas tentações, invocando, em meu auxílio, a vossa destra, e submetendo-Vos as minhas



incertezas, porque nesta matéria ainda não está firme o meu parecer.

45. Ouço a voz do meu Deus, que me ordena: "Não se façam pesados os vossos corações com a intemperança e a embriaguez". A embriaguez está longe de mim. Vós tereis compaixão da minha alma, não a deixando aproximar-se de mim.

A intemperança, porém, algumas vezes arrasta o vosso servo, mas compadecer-Vos-eis de mim, e a vossa misericórdia afastá-la-á para longe. Ninguém pode ser continente se Vós não lhe dais graça. Concedei-nos muitos benefícios quando Vos invocamos. Todo o bem que recebemos antes de orar, recebemo-lo de Vós. Enfim, é ainda um dom que nos concedei o reconhecermos depois como vosso esse benefício.

Nunca estive embriagado. Mas conheci muitos que foram vítimas de tal vício e, pela vossa graça, tornaram-se sóbrios. Os que nunca foram inclinados à embriaguez devem-no a Vós; e os que, durante algum tempo, foram inclinados a ela, devem-Vos a cura. Uns e outros devem-Vos o saberem que fostes Vós quem lhes concedeu essa graça.

E ouvi também outra palavra vossa: "Não corras atrás das tuas concupiscências, e reprime a tua sensualidade".

Por benefício vosso, prestei ouvidos ainda a outra frase de que muito gostei: "Nem porque comamos, teremos abundância, nem porque não comamos, nos faltará". Quer dizer: nem a abundância me há de fazer rico, nem a necessidade me há de tornar pobre.

Ouvi ainda outra voz: "Aprendi a contentar-me com o que possuo; sei viver na abundância e sofrer a penúria. Tudo posso naquele que me conforta". Eis como fala um soldado dos acampamentos celestiais, que não é o pó que nós somos. Mas lembrai-Vos, Senhor, de que somos pó e que do pó criastes o homem. Lembrai-Vos de que este "tinha perecido e foi encontrado". Porque foi pó aquele a quem amei pelas palavras inspiradas que proferiu, também nada pôde por si mesmo e assim disse: "Tudo posso naquele que me conforta". Concedei-me o que me ordenais e ordenai-me o que

quiserdes. O Apóstolo confessa que tudo recebeu de Deus, e, "quando se gloria, gloria-se no Senhor".

Ouvi também outro homem que Vos pedia para receber de Vós esta graça: "Tirai-me as concupiscências do comer e do beber". Donde se conclui claramente, ó Deus Santo, que sois Vós que concedeis a graça, quando fazemos o que mandais.

46. Ensinastes-me, Pai bondoso, que "tudo é puro para os puros", e que "o comer com escândalo dos outros é mau para o homem"; que "todas as vossas criaturas são boas, e nada se deve desprezar do que se pode tomar com ação de graças"; que "não é o alimento que nos faz recomendáveis a Deus"; que "ninguém nos julgue na comida e na bebida", e, enfim, que "aquele que come não despreze o que não come, e aquele que não come não condene aquele que come".

Eis o que aprendi de Vós. Dou-Vos graças e louvores, ó meu Deus e meu Mestre, a Vós, que batestes às portas dos meus ouvidos e me iluminastes o coração. Arrancai-me de toda tentação. Não receio a impureza do alimento, mas temo a imundície do prazer.

Sei que Noé teve licença para comer toda espécie de carne que pudesse servir de alimento. Sei que Elias refez as forças comendo carne; e que João, homem de admirável abstinência, não se manchou com animais, isto é, com os gafanhotos que lhe serviam de alimento. Mas sei também que Esaú se deixou enganar pela sofreguidão ardente dum prato de lentilhas; que Davi se repreendeu a si mesmo, por ter desejado água; e que o nosso Rei foi tentado não com carne, mas com pão. Por isso, o Povo (de Israel) mereceu ser repreendido no deserto, não por desejar carne, mas porque murmurou contra o Senhor por causa do desejo de alimento.

47. Exposto, portanto, a estas tentações, combato cotidianamente contra a concupiscência do comer e do beber, pois esta paixão não é coisa que se possa cortar logo duma vez, com o simples propósito de jamais a tocar para o futuro, como pude fazer no concúbito. Por isso, devemos ter mão nos freios do gosto, para afrouxar as rédeas com moderação, ou retesá-las.

Quem será, Senhor, que se não deixe arrastar um pouco para além

dos limites da necessidade? Se alguém há, como é grande! Engrandeça o vosso nome! Eu, porém, não sou deste número, porque sou pecador. Mas também engrandeço o vosso nome. Sei que Aquele que venceu o mundo intercede, junto de Vós, pelos meus pecados. Sei que Ele me enumera entre os membros enfermos do seu corpo, porque os vossos olhos viram a imperfeição dele e todos hão de ser inscritos no vosso livro.

## **32 - A sedução do perfume.**

48. Não me inquieto demasiado com as seduições do perfume. Quando está afastado, não o procuro. Quando o tenho presente, não me esquivo, mas também estou preparado para dele me abster. Ao menos assim me parece. Talvez me engane.

A própria razão, que em mim existe, de tal maneira se esconde nestas trevas deploráveis que me rodeiam que, quando o meu espírito se interroga a si mesmo acerca das próprias forças, julga que não deve acreditar facilmente em si, por desconhecer, na maior parte dos casos, o que nele se passa, exceto quando a experiência claramente lho manifesta.

Ninguém se deve ter por seguro nesta vida que toda ela se chama tentação.

Quem é que, sendo pior, não se pode tornar melhor, e de melhor descer a pior? Só há uma única esperança, uma única promessa inabalável: a vossa misericórdia.

## **33 - O prazer do ouvido.**

49. Os prazeres do ouvido prendem-me e subjugam-me com mais tenacidade. Mas Vós desligastes-me deles, libertando-me. Confesso que ainda agora encontro algum descanso nos cânticos que as vossas palavras vivificam, quando são entoadas com suavidade e arte. Não digo que fique preso por eles. Mas custa-me deixá-los quando quero. Para que essas melodias se possam intrometer no meu interior, em companhia dos pensamentos que

lhes dão vida, procuram no meu coração um lugar de certa dignidade.

Mas eu apenas concedo o que lhes convém.

Às vezes parece-me que lhes tributo mais honra do que a conveniente. Quando ouço cantar essas vossas santas palavras com mais piedade e ardor, sinto que o meu espírito também vibra com devoção mais religiosa e ardente do que se fossem cantadas doutro modo. Sinto que todos os afetos da minha alma encontram, na voz e no canto, segundo a diversidade de cada um, as suas próprias modulações, vibrando em razão dum parentesco oculto, para mim desconhecido, que entre eles existe. Mas o deleite da minha carne, ao qual se não deve dar licença de enervar a alma, engana-me muitas vezes. Os sentidos, não querendo colocar-se humildemente atrás da razão, negam-se a acompanhá-la.

Só porque, graças à razão, mereceram ser admitidos, já se esforçam por precedê-la e arrastá-la! Deste modo peço sem consentimento, mas advirto depois.

50. Outras vezes, preocupando-me imoderadamente com este embuste, peço por demasiada severidade. Uso às vezes de tanto rigor que desejaria desterrar dos meus ouvidos e da própria igreja todas as melodias dos suaves cânticos que ordinariamente costumam acompanhar o saltério de Davi. Nessas ocasiões parece-me que o mais seguro é seguir o costume de Atanásio, bispo de Alexandria. Recordo-me de muitas vezes me terem dito que aquele prelado obrigava o leitor a recitar os salmos com tão diminuta inflexão de voz que mais parecia um leitor que um cantor.

Porém, quando me lembro das lágrimas derramadas ao ouvir os cânticos da vossa Igreja nos primórdios da minha conversão à fé, e ao sentir-me agora atraído, não pela música, mas pelas letras dessas melodias, cantadas em voz límpida e modulação apropriada, reconheço, de novo, a grande utilidade deste costume.

Assim flutuo entre o perigo do prazer e os salutares efeitos que a experiência nos mostra. Portanto, sem proferir uma sentença irrevogável, inclino-me a aprovar o costume de cantar na Igreja,

para que, pelos deleites do ouvido, o espírito, demasiado fraco, se eleve até aos afetos de piedade. Quando, às vezes, a música me sensibiliza mais do que as letras que se cantam, confesso com dor que pequei. Neste caso, por castigo, preferiria não ouvir cantar. Eis em que estado me encontro.

Chorai comigo, chorai por mim, vós que praticais o bem no vosso interior, donde nascem as boas ações. Estas coisas, Senhor, não Vos podem impressionar, porque não as sentis. Porém, "ó meu Senhor e meu Deus, olhai para mim, ouvi-me, vede-me. compadecei-Vos de mim e curai-me". Sob o vosso olhar transformei-me, para mim mesmo, num enigma que é a minha própria enfermidade.

## **34 - A sedução dos olhos.**

51. Resta-me falar da voluptuosidade destes olhos da minha carne. Oxalá os ouvidos piedosos de meus irmãos, em que habitais como em templo vosso, me escutassem esta confissão que vou fazer! Concluiremos, assim, as tentações da concupiscência da carne, que ainda me perseguem, fazendo-me gemer e desejar ser revestido pelo nosso tabernáculo, que é o céu.

Os olhos amam a beleza e a variedade das formas, o brilho e a amenidade das cores. Oxalá que tais atrativos não me acorrentassem a alma! Oxalá que ela só fosse possuída por aquele Deus que criou estas coisas tão belas! O meu bem é Ele, e não as criaturas que todos os dias me importunam acordado, não me dando descanso, como o dão as vozes dos cantores, que por vezes ficam todas em silêncio.

A própria rainha das cores, esta luz que se derrama por tudo o que vemos e por todos os lugares em que me encontro no decorrer do dia, investe contra mim de mil maneiras e acaricia-me, até mesmo quando me ocupo noutra coisa que dela me abstrai.

Insinua-se com tal veemência que, se de repente me for arrebatada, procuro-a com vivo desejo. Se se ausenta por muito tempo. a minha alma cobre-se de tristeza.

52. Ó luz que Tobias contemplava, quando, cego dos olhos corporais, instruía o filho no caminho da Vida, jornadeando à sua frente com os pés da Caridade, sem nunca se enganar!

Ó luz que Isaac via, quando, apesar da velhice lhe ter oprimido e fechado os olhos carnaís, mereceu não abençoar os filhos reconhecendo-os, mas reconhecê-los, abençoando-os!

Ó luz que Jacó via, quando, privado também da vista pela avançada idade, irradiou, do seu coração iluminado, fulgores para todas as gerações do povo futuro, representadas nos seus filhos!

Ó luz que Jacó contemplava quando impôs as mãos, misteriosamente cruzadas, sobre os netos, filhos de José, não segundo a ordem por que os colocara o pai que via com os olhos externos, mas segundo uma outra ordem que ele discernia no seu interior!

Eis a verdadeira Luz, a única Luz que, de todos os que a veem e amam faz um todo único!

A outra luz corporal a que me referia ameniza a vida aos cegos amantes do século, com atraente e pérfida doçura. Contudo, os que nela sabem achar motivos para Vos louvar, ó Deus, Criador de todas as coisas, assumem-na como um hino em vosso louvor, sem por ela serem engolidos no seu sono. É assim que eu quero ser.

Resisto às seduições dos olhos para que os pés, com que começo a andar no vosso caminho, me não fiquem presos. Levanto até Vós, por isso, os olhos invisíveis, a fim de que me livreis os pés do laço da tentação. Vós não cessais de mos libertar, porque frequentemente se me prendem. E como fico, a cada passo, preso nas insídias espalhadas por toda parte, Vós não cessais de mos desenredar, "porque sois o guarda de Israel e não adormeceis nem dormis".

53. Que multidão inumerável de encantos não acrescentaram os homens às seduições da vista, com a variedade das artes, com as indústrias de vestidos, calçados, vasos, com outros fabricos desta espécie, com pinturas e esculturas variadas, com que ultrapassam o uso necessário moderado e a piedosa representação dos objetos!

No exterior correm atrás das suas obras. No interior esquecem Aquele que os criou e destroem o que por meio d'Ele fizeram!

Eu, ó meu Deus e minha glória, até daqui tiro razões para Vos cantar um hino, oferecendo um sacrifício de louvor ao meu Sacrificador, porque as belezas que passam da alma para as mãos do artista procedem daquela Beleza que está acima das nossas almas e pela qual a minha alma suspira de dia e de noite.

Mas os artistas e amadores destas belezas externas tiram desta suma Beleza apenas o critério para as apreciarem. Só não aprendem a regra para usá-las bem! Contudo, esta também lá está. Porém não a veem, porque, do contrário, não iriam tão longe, mas reservariam para Vós toda a sua força, e não a dissipariam em fatigantes delícias.

Eu mesmo, apesar de expor e compreender claramente esta doutrina, também me deixo prender por estas belezas; mas Vós, ó Senhor, libertais-me! Libertais-me, "porque a vossa misericórdia está perante os meus olhos". Caio miseravelmente, e Vós levantais-me misericordiosamente, umas vezes sem sofrimento, porque resvalei suavemente; outras, com dor, por ter caído desamparado no chão!

## **35 - A curiosidade.**

54. À tentação sobredita junta-se outra, mais perigosa sob múltiplos aspectos.

Além da concupiscência da carne — que vegeta na deleitação de todos os sentidos e prazeres, e mata a todos os que a servem, isto é, àqueles que se afastam para longe de Vós —, pulula na alma, em virtude dos próprios sentidos do corpo, não um apetite de se deleitar na carne, mas um desejo de conhecer tudo, por meio da carne.

Este desejo curioso e vão disfarça-se sob o nome de "conhecimento" e "ciência".

Como nasce da paixão de conhecer tudo, é chamado nas divinas

Escrituras a concupiscência dos olhos, por serem estes os sentidos mais aptos para o conhecimento.

E aos olhos que propriamente pertence o ver. Empregamos, contudo, este termo mesmo em relação aos outros sentidos, quando os usamos para obter qualquer conhecimento. Assim, não dizemos: "ouve como brilha", "cheira como resplandece", "saboreia como reluz", "apalpa como cintila". Mas já podemos dizer que todas essas coisas se veem. Por isso não só dizemos: "vê como isto brilha" — pois só os olhos o podem sentir —, mas também: "vê como ressoa, vê como cheira, vê como sabe bem, vê como é duro". É por isso, como já disse, que se chama concupiscência dos olhos à total experiência que nos vem pelos sentidos. Apesar de o ofício da vista pertencer primariamente aos olhos, contudo, os restantes sentidos usurpam-no por analogia, quando procuram um conhecimento qualquer.

55. Daqui se vê claramente quanto a volúpia e curiosidade agem em nós pelos sentidos: o prazer corre atrás do belo, do harmonioso, do suave, do saboroso, do brando; a curiosidade, porém, gosta às vezes de experimentar o contrário dessas sensações, não para se sujeitar a enfados dolorosos, mas para satisfazer a paixão de tudo examinar e conhecer.

Que gosto há em ver um cadáver dilacerado, a que se tem horror? Apesar disso, onde quer que esteja, toda a gente lá acorre, ainda que, vendo-o, se entristeça e empalideça. Depois, até em sonhos temem vê-lo, como se alguém os tivesse obrigado a ir examiná-lo, quando estavam acordados, ou como se qualquer anúncio de beleza os tivesse persuadido a lá irem.

O mesmo se dá com os outros sentidos. Iríamos longe se os percorrêssemos a todos. Por causa desta doença da curiosidade, exibem-se no teatro cenas monstruosas de superstição. Dela nasce o desejo de perscrutar os segredos sobrenaturais, que afinal nada nos aproveita conhecer, e que os homens anseiam saber, só por saber.

É ainda a curiosidade que, com o mesmo intuito de alcançar uma



ciência perversa, faz o homem recorrer às artes mágicas. Enfim é ela que, até na religião, nos arrasta a tentar a Deus, pedindo-lhe milagres e prodígios», não porque os exija a salvação das almas, mas só porque se deseja fazer a experiência.

56. Neste bosque imenso, repleto de tantas insídias e perigos, cortei e expulsei da minha alma muitos males. Vós assim mo concedestes, ó Deus da minha salvação. Mas quando, no meio de tantas tentações desta espécie, que por todos os lados me circundam e perturbam a vida cotidiana, ousarei afirmar que nenhuma delas me há de prender a atenção? Quando poderei afirmar que não hei de ver, nem me hei de deixar arrastar por nenhuma curiosidade vã?

Os teatros, é certo, já me não arrebatam, nem procuro conhecer o curso dos astros, nem nunca a minha alma esperou as respostas das sombras de que se vale a magia para as suas respostas. Detesto todos esses ritos sacrílegos. Mas, ó Senhor meu Deus, a quem devo servir na humilhação e simplicidade, com quantas maquinações me incita o inimigo a pedir-Vos um sinal! Contudo, suplico-Vos, pelo nosso Chefe e nossa Pátria — a pura e casta Jerusalém —, que, assim como até agora estive longe de mim este consentimento, assim continue a estar cada vez mais. Quando Vos peço a salvação de alguém, o fim do meu intento é muito diferente. Concedei-me agora e no futuro a graça de Vos servir jubilosamente, fazendo Vós o que quiserdes.

57. Contudo, quem poderá contar as insignificantes e desprezíveis misérias que todos os dias tentam a nossa curiosidade, e o número de vezes em que escorregamos?

Quantas e quantas vezes não ouvimos contar banalidades! Ao princípio toleramo-las, só para não ofender os fracos; mas depois ouvimo-las com gosto sempre crescente!

Já não contemplo um cão a correr atrás duma lebre quando isso sucede no circo.

Mas se a caçada for no campo, que eu casualmente atravesso, talvez ela me distraia dum pensamento importante, e, se me não

obriga a mudar de caminho para a seguir a cavalo, sigo-a ao menos com um desejo de coração. Se imediatamente, por meio da minha já tão conhecida fraqueza, me não avisardes que me liberte desse espetáculo, e se eu me não elevar até Vós com alguma consideração, ou desprezando-o por completo ou passando adiante, ficarei loucamente absorvido.

Quando estou sentado em casa não me prende também muitas vezes a atenção um lagarto a caçar moscas, ou uma aranha enredando as que se atiram às suas teias? Acaso, por serem animais pequenos, a curiosidade deixará de ser a mesma? É certo que disto me aproveito para Vos louvar, ó Criador admirável e Coordenador de todas as coisas. Mas não é isso o que primeiro me desperta a atenção. Uma coisa é levantar-me após a queda, e outra coisa é não cair nunca.

De tais misérias está repleta a minha vida. A minha única esperança é a vossa infinita misericórdia. Como o nosso coração é recipiente de todas estas misérias e porque traz essa imensa multidão de vaidades, muitas vezes as nossas orações interrompem-se e perturbam-se.

Enquanto na vossa presença elevamos até junto dos vossos ouvidos a voz da nossa alma, não sei donde provêm tantos pensamentos fúteis, que se despenham sobre nós e nos cortam a atenção em coisa tão importante.

## **36 - O orgulho.**

58. Teremos estas misérias na conta de desprezíveis? Haverá qualquer coisa que me restitua a esperança, a não ser a vossa conhecida misericórdia, que principiou a obra da minha conversão? Vós sabeis quanto me transformastes já. Curastes-me a paixão da vingança, para depois me perdoardes todas as minhas maldades, para me curardes todas as fraquezas, para me resgatares da morte a vida, para me coroardes com a vossa graça e misericórdia, e, enfim, para saciardes, com os vossos bens, os meus desejos. Depois, rebatestes o meu orgulho com o vosso temor e amansastes

a minha cerviz sob o vosso jugo. Trago-o agora e sinto-me leve, porque assim prometestes e o cumpristes. Ele era, na verdade, leve, mas eu não sabia, quando receava tomá-lo.

59. Acaso, ó Senhor — único Senhor que não reina com orgulho, porque sois o único Senhor verdadeiro, o único que não tem senhor —, acaso cessou em mim, ou poderá jamais cessar em toda a minha vida, este terceiro gênero de tentações, que consiste em querer ser temido e amado dos homens só com o fim exclusivo de encontrar uma alegria que não é alegria? Oh! Que vida miserável! Que repugnante arrogância! Tal é o motivo por que não Vos amamos, nem santamente Vos tememos. Por isso, resistis aos soberbos e dais a vossa graça aos humildes! Trovejais sobre as ambições do século, fazendo abalar até as raízes das montanhas.

Em face dos deveres exigidos pela sociedade, precisamos de ser amados e temidos dos homens. Mas o inimigo da nossa felicidade espalha laços por toda parte e insta conosco, gritando: "Vamos, coragem!", para que, ao procurarmos com avidez estas lisonjas, nos deixemos prender incautamente e desliguemos a nossa alegria da vossa verdade, colocando-a na mentira humana.

O inimigo incita-nos a que gostemos de ser amados e temidos, não por amor de Vós, mas em vez de Vós; para que, assim, assemelhando-nos a ele, vivamos na sua companhia, associados aos seus suplícios, e não unidos na concórdia da caridade.

Determinou ele "estabelecer a sua morada no vento norte", para que naquelas obscuras e geladas regiões o servíssemos como vosso sinuoso e perverso imitador.

Mas olhai, Senhor! Nós somos o vosso pequenino rebanho! Sede o nosso possuidor! Estendei as vossas asas, para nos refugiarmos debaixo delas. Sede a nossa glória! Fazei que sejamos amados só por amor de Vós, e que a vossa palavra ache em nós acatamento.

Reprovais aquele que deseja ser louvado pelos homens. Por isso não será defendido pelos homens quando o julgardes, nem liberto quando o condenardes. Não louvamos o pecador nos desejos da sua alma, nem é bem-aventurado o que faz a iniquidade. Se um

homem glorificado por qualquer dom que Vós, ó meu Deus, lhe concedestes se compraz mais em louvar-se do que em possuir esse dom que lhe atrai o louvor — Vós o reprovais, apesar de louvado pelos homens. E, nesse caso, aquele que o louvou é melhor que aquele que foi louvado; porque o primeiro comprazeu-se com o dom de Deus dado ao homem, e o segundo alegrou-se mais com o dom do homem do que com o dom de Deus.

### **37 - A tentação do louvor.**

60. Todos os dias nos vemos investidos por estas tentações, ó Senhor! Somos tentados sem interrupção! Os louvores humanos são a fornalha onde cotidianamente somos postos à prova. Também nesta miséria nos ordenais a continência. Concedei-nos o que nos ordenais e ordenai-nos o que quiserdes. Conheceis os gemidos que, a este respeito, se evaporam do meu coração para Vós. Conheceis os rios de lágrimas que rebentam dos meus olhos! Ah! Dificilmente entrevejo até que ponto estou limpo desta peste.

Receio muito as minhas venialidades ocultas, que vossos olhos conhecem e os meus não veem. Nos outros gêneros de tentações, posso examinar-me sem dificuldade; mas neste, quase nada. A facilidade que alcancei em refrear a alma quanto aos prazeres da carne e quanto à vã curiosidade, reconheço-a quando me abstenho dessas paixões, quer seja voluntariamente, quer porque as não tenha diante de mim. Nestes casos, pergunto a mim mesmo se me causa maior ou menor pena o não tê-las.

Quanto às riquezas que se ambicionam para satisfazer uma ou duas ou mesmo três concupiscências, se acaso a alma, ao possuí-las, não pode sentir se as despreza, ainda pode afastá-las para provar o seu desapego. Mas para carecer de louvores e experimentarmos se podemos passar sem eles, precisaremos nós de entregar-nos a uma vida pecaminosa tão perdida e brutal que ninguém nos conheça sem nos detestar? Que maior loucura se pode dizer ou imaginar?

Se o louvor deve ser habitualmente companheiro da vida sã e das boas obras, nesse caso não nos podemos abster do convívio do

louvor que acompanha a vida santa. A verdade, porém, é que não distinguimos se a privação dum bem nos é indiferente ou molesta, senão na ausência desse bem.

61. Que Vos hei de eu, Senhor, confessar, neste gênero de tentações? Que me deleito muito com os louvores? Mas ainda me deleito mais com a verdade do que com os louvores! Pois, se me dessem à escolha ou ser um doido que se engana em todas as coisas, mas que é louvado por todos, ou ser um homem seguro da verdade, mas por toda gente escarnecido, bem sei o que escolheria. Portanto, não quereria que o louvor saído duns lábios alheios aumentasse o gosto que experimento pela boa obra, seja ela qual for.

Porém, tenho de confessar que não só o louvor lhe aumenta o deleite, mas também que o vitupério lho diminui.

Quando me perturbo com esta minha miséria, penetra-me na mente uma desculpa cuja natureza Vós conheceis, meu Deus. Torno-me duvidoso e perplexo ante ela.

Pois Vós não só nos ordenastes a continência, que nos ensina que coisas devemos afastar da nossa afeição, mas também preceituastes a justiça, que nos ensina para onde havemos de dirigir o nosso amor. Não quisestes que nos amássemos somente a nós, mas também ao próximo. Ora, muitas vezes, quando retamente me deleito no louvor que é dado por uma pessoa inteligente, parece que me comprazo no aproveitamento e nas esperanças de que dá mostras. E, pelo contrário, entristeço-me com a sua maldade, quando a ouço censurar o que ignoro ou o que é bom.

Algumas vezes também me contristo com os louvores que me dirigem, quando enaltecem em mim coisas que me desagradam, ou quando apreciam bens somenos e transitórios, com maior estima do que merecem. Mas, repito de novo, como hei de eu saber se este sentimento me aflige por causa de eu não querer que o meu admirador pense a meu respeito de modo diverso do que eu penso? Será, não porque me deixe arrastar pelo valor e utilidade desse meu admirador, mas porque aqueles bens que em mim me agradam

me são mais saborosos quando agradam também aos outros? De certo modo, não sou louvado quando a minha opinião, a meu respeito, não é elogiada, porque ou encham de encômios as coisas que me desagradam, ou louvam ainda mais as coisas que menos me comprazem. Sobre este ponto não sou eu um enigma para comigo mesmo?

62. Em Vós, ó Verdade, vejo que não é por causa de mim, mas por utilidade do próximo que me devo sensibilizar com os louvores que me dirigem. Se é este ou não o meu caso, ignoro-o. Nesta questão, conheço-Vos melhor a Vós do que a mim mesmo.

Peço-Vos, meu Deus, que me mostreis as feridas que em mim encontrava para que as manifeste aos meus irmãos, dispostos a orar por mim. Fazei que me examine ainda mais diligentemente.

Se nos louvores que me tributam tenho em vista a utilidade do próximo, qual é a razão por que, ao ser outro injustamente vituperado, me sensibilizo menos do que se essa injúria me fosse dirigida a mim? Por que é que a mordedura dum ultraje que me fere me é mais sensível do que a injúria igualmente injusta, arremessada a outro, na minha presença?

Ignoro eu isto?

Deduzirei ainda que me engano a mim mesmo e corrompo a verdade diante de Vós no meu coração e na minha língua? Afastai, Senhor, para longe de mim esta loucura, para que as minhas palavras não sejam azeite de pecador a ungir a minha cabeça.

### **38 - A vanglória.**

63. "Sou necessitado e pobre", e o melhor que há em mim é aborrecer-me a mim mesmo, entre os secretos gemidos do meu coração, buscando eu a vossa misericórdia até ver a minha indigência reparada e aperfeiçoada com a paz desconhecida aos olhos do soberbo. Porém, as nossas palavras, saídas da boca, e as nossas ações, conhecidas dos homens, escondem uma tentação muito perigosa, originada da estima do louvor, a qual recolhe e

mendiga votos e pareceres alheios. A vanglória tenta-me até mesmo quando a critico em mim. Mas eu repreendo-a desse mesmo desejo de louvor.

O homem muitas vezes gloria-se vãmente no desprezo da vanglória. Mas, de fato, já não se pode gloriar nesse desprezo de glória, porque quando se gloria, já não despreza a glória!

## **39 - O amor-próprio.**

64. Existe dentro, bem dentro de nós, outro mal, oriundo do mesmo gênero de tentação, que faz vãos todos os que se comprazem em si, ainda quando não agradam aos outros — e até lhes desagradam —, ou mesmo quando nem sequer procuram agradar-lhes.

Ora, os que assim se comprazem em si mesmos desagradam-Vos muito, ó meu Deus, não só quando se gloriam dos males como se fossem bens, mas sobretudo quando se gloriam dos vossos bens como se fossem seus; ou quando, reconhecendo-os como provenientes de Vós, os atribuem aos próprios méritos; ou enfim quando, atribuindo-os à vossa graça, não se alegram amigavelmente de que outros também os possuam, tendo-lhes ainda por isso mesmo inveja.

Em todos estes perigos e trabalhos Vós vedes claramente quanto teme o meu coração. Eu sinto que, no entanto, sois mais diligente em me curar do que eu em me não infligir novas feridas.

## **40 - À busca de Deus.**

65. Quando é que Vós, ó Verdade, me não acompanhastes para me ensinardes o que havia de evitar e o que devia desejar, todas as vezes que Vos consultei? Por mim, quanto possível foi-Vos manifestado tudo o que pude observar no meu interior.

Percorri o melhor possível, com os sentidos, o mundo exterior. Observei em mim a vida do corpo e os próprios sentidos. Passei depois às profundezas da memória, a essas amplidões sucessivas, admiravelmente repletas de inumeráveis riquezas. Observei-as,

estupefato. Mas, sem Vós, nada pude distinguir. Contudo, reconheci que Vós nada disto éreis.

Não era eu quem descobria estas maravilhas. É certo que as percorri a todas e tentei distingui-las e avaliá-las no seu justo valor, tomando e interrogando os seres que traziam mensagens aos meus sentidos. Analisei outros seres que sentia unidos a mim e examinei as suas informações. Revolvia nos grandes tesouros da memória várias impressões, ora percorrendo umas, ora manifestando outras. Mas não era eu quem fazia tudo isso, nem era a força com que eu agia, a qual não éreis Vós, porque sois a luz imutável que eu consultava acerca da existência, da qualidade e do valor em todas estas coisas.

Eu ouvia os vossos ensinamentos e as vossas ordens. Costumo fazê-lo muitas vezes, porque sinto nisso grande alegria. Sempre que, nos meus trabalhos de obrigação, posso dispor de algum descanso, refugio-me nestes prazeres. Entre todas estas coisas que percorro, depois de Vos consultar, só em Vós encontro um reduto para a minha alma.

Nele se reúnem os meus pensamentos dispersos, e nada de mim se afasta de Vós.

Algumas vezes, submergis-me em devoção interior deveras extraordinária, que me transporta a uma inexplicável doçura, a qual, se em mim atingisse o fastígio, alcançaria uma nota misteriosa que já não pertence a esta vida. Mas caio em baixeiras cujo peso me acabrunha. Deixo-me absorver e dominar pelas imperfeições habituais. Choro muito por isso, mas sinto-me ainda muito preso. Tão pesado é o fardo do costume! Não quero estar onde posso, nem posso estar onde quero. De ambos os modos sou miserável!

## **41 - A tríplice concupiscência.**

66. Considerei, portanto, as fraquezas dos meus pecados na tríplice concupiscência, e invoquei a vossa destra para me salvar. Com efeito, apesar de ter o coração ferido, ainda pude ver o vosso esplendor. Mas, obrigado a recuar, exclamei: quem pode lá chegar?



"Fui expulso dos vossos olhos."

Vós sois a verdade que preside a tudo, e eu, na minha avareza, não Vos queria perder. Mas, além de Vós, desejava possuir também a mentira. Nisto parecia-me com aqueles que não querem mentir muito, com receio de perder a noção da verdade. Foi assim que Vos perdi, porque Vós não permitis que Vos possuamos juntamente com a mentira.

## **42 - Falsos mediadores...**

67. Poderia encontrar alguém que me reconciliasse convosco? Deveria eu recorrer aos anjos? Mas com que orações? Com que ritos? Ouvia dizer que muitos, querendo voltar para Vós, tentaram meter-se por este caminho, já que o não podiam fazer por si mesmos. Mas caíram no desejo de presenciar visões curiosas, merecendo, por isso, ficar entregues às ilusões.

Esses soberbos procuravam-Vos, levados mais pelo intento de ostentar o fausto da ciência do que pelo desejo de bater no peito. Por isso, dada a analogia dos seus corações com os demônios aéreos, por cujo poder mágico se deixaram iludir, atraíram a si os espíritos maus como cúmplices e companheiros da sua soberba. Procuravam um mediador que os purificasse e não o acharam. "O demônio tinha-se transfigurado em anjo de luz." Ele seduziu-lhes fortemente a carne orgulhosa, precisamente pela prerrogativa de não possuir corpo carnal.

Eles eram mortais e pecadores. E Vós, Senhor, com quem soberbamente procuravam reconciliar-se, sois imortal e sem pecado. Convinha que o mediador entre Deus e os homens tivesse semelhança com Deus e os homens; pois, se se parecesse só com os homens, estaria longe de Deus, e se fosse semelhante só a Deus, estaria longe dos homens. Assim, não haveria mediador!

Aquele falso intermediário (o demônio), que, por vossos ocultos juízos, tem licença para iludir a soberba humana, possui apenas uma coisa de comum com os homens: o pecado. Finge, contudo, assemelhar-se com Deus. Em razão de não estar vestido de carne

mortal, mostra-se imortal. Mas, como "a morte é o castigo do pecado", o demônio traz de comum com os homens a este, o que faz com que seja condenado à morte juntamente com eles.

## **43 - Cristo, Medidor imortal.**

68. O verdadeiro Mediador, que por vossa oculta misericórdia mostrastes e enviastes aos homens para que a seu exemplo aprendessem a humildade, é "o homem Jesus Cristo, Mediador entre Deus e os homens".

Apareceu como intermediário entre os mortais pecadores e o Justo Imortal.

Apareceu mortal com os homens, e justo com Deus. Como a recompensa da justiça é a vida e a paz, pela justiça unida a Deus desfez a morte dos ímpios justificados, querendo compartilhá-la com eles.

Cristo foi revelado aos santos do Antigo Testamento para que se salvassem pela fé na sua futura paixão, como nós nos salvamos pela fé já passada. De fato, só é Mediador enquanto homem. Como Verbo não é intermediário, porque é igual a Deus e é Deus em Deus, sendo ao mesmo tempo um só Deus.

Como nos amastes, ó Pai bondoso! "Não perdoastes ao Vosso Filho Único! Vós o entregastes à morte por nós, ímpios pecadores!" Como nos amastes! Foi por nosso amor que Ele, "não considerando como rapina o ser igual a Vós, se fez por nós obediente até à morte e morte de cruz". "Ele era o único entre os mortos que estava isento da morte, o único que tinha o poder de entregar a vida e de a reassumir de novo!" Foi, diante de Vós, o nosso vencedor e vítima. Tornou-se vencedor porque foi vítima. Foi, diante de Vós, o nosso Sacerdote e sacrifício.

Efetivamente, foi sacerdote porque foi sacrifício. De escravos fez-nos vossos filhos, servindo-nos, apesar de ter nascido de Vós.

Com razão n'Ele coloco toda a minha firme confiança, esperando que curareis todas as minhas enfermidades, por intermédio

d'Aquele que, sentado à vossa Direita, "intercede por nós". Doutra modo, desesperaria, pois são muitas e grandes as minhas fraquezas! Sim, são muitas e grandes, mas maior é o poder da vossa medicina.

Poderíamos pensar que o vosso Verbo se tinha afastado da união com o homem, e, desesperado de nos salvar, se não se tivesse feito homem e habitado entre nós.

Atemorizado com os meus pecados e com o peso da minha miséria, tinha revolido e meditado, em meu coração, o projeto de fugir para o ermo. Mas Vós mo proibistes e me fortalecesteis, dizendo: "Cristo morreu por todos, para que os viventes não vivam para si, mas para Aquele que morreu por eles".

Pois bem, Senhor, lanço em vossas mãos o cuidado da minha vida para que viva, e "meditarei nas maravilhas da vossa lei". Conheceis a minha ignorância e doença.

Ensinai-me e curai-me.

O vosso Filho Único, "em quem estão escondidos os tesouros da Sabedoria e da Ciência", remiu-me com o seu sangue. "Não me caluniem os soberbos", porque eu conheço bem o preço da minha redenção. Como o Corpo e bebo o Sangue desta Vítima.

Distribuo pelos outros. Sou pobre e anelo saciar-me com Ela na companhia daqueles que A comem e se saciam (na Eucaristia).

"Louvarão o Senhor aqueles que O buscam."

# **LIVRO XI - O HOMEM E O TEMPO**

**I - Deus criador. O Verbo de Deus (1-9).**

**II - Análise do tempo. O tempo e a eternidade (10-27).**

## **1 - Confessar a Deus o que ele já conhece?**

1. Sendo vossa a eternidade, ignorais porventura, Senhor, o que eu Vos digo, ou não vedes no tempo o que se passa no tempo? Por que razão Vos narro, pois, tantos acontecimentos? Não é, certamente, para que os conheçais por mim, mas para excitar o meu afeto para convosco e o daqueles que leem estas páginas, a fim de todos exclamarmos: "Deus é grande e digno de todo o louvor". Já disse e torno a repetir: Narro estas coisas pelo desejo de Vos amar. Também nós oramos, e contudo a Verdade diz-nos: "O vosso Pai conhece o que vos é necessário, antes de Lho pedirdes".

Por isso, patenteamos o nosso amor para convosco, confessando-Vos as nossas misérias e as vossas misericórdias, a fim de que ponhais termo à obra já começada da nossa libertação e sejamos felizes em Vós, cessando de ser miseráveis em nós. Por isso nos chamastes para que fôssemos pobres de espírito e mansos, para que chorássemos tendo fome e sede de justiça, para que fôssemos misericordiosos, puros e pacíficos.

Já Vos narrei muitas coisas segundo me foi possível e segundo o desejo de minha alma, já que fostes o primeiro a exigir de mim que me confessasse a Vós, meu Senhor e Meu Deus, "porque sois bom e a vossa misericórdia é eterna".

## **2 - Os arcanos das palavras divinas.**

2. Quando poderei eu, com a língua da minha pena, enumerar todas as vossas solicitações, terrores, consolações e incitamentos com que me introduzistes a pregar a vossa palavra e a distribuir a vossa doutrina ao vosso povo? Mesmo que fosse capaz de as enunciar por ordem, cada gota de tempo me é preciosa.

Desde menino que anseio ardentemente meditar a vossa lei, e nela confessar-Vos a minha ciência e imperícia, os primeiros alvares da iluminação da minha alma e os restos das minhas trevas, até que a minha fraqueza seja absorvida pela vossa fortaleza.

Não quero gastar noutras coisas as horas que me deixam livres as necessidades de alimentar o corpo e de repousar da contensão do espírito. Gastarei nisso os momentos livres dos serviços que devemos aos homens e dos que lhes prestamos sem lhos dever.

3. Senhor, Deus meu, "atendei a minha oração", e oxalá a vossa misericórdia ouça o meu desejo, porque não é só por mim que ele palpita, senão também por aqueles que a caridade me faz olhar como a irmãos. Vós vedes no meu coração que assim é. Sacrificar-Vos-ei as operações do meu pensamento e da minha língua. Dai-me, porém, aquilo que Vos desejo oferecer e sacrificar. "Eu sou pobre e indigente. Vós sois rico para os que Vos invocam", vigiando sobre nós com segurança.

Purificai os meus lábios e o meu coração de toda temeridade e mentira. Sejam as Sagradas Escrituras as minhas castas delícias. Que eu não seja enganado nelas, nem com elas engane os outros. Escutai a minha alma, Senhor, e tende piedade de mim, ó meu Deus, que sois luz dos cegos, força dos enfermos, e simultaneamente luz dos que veem e força dos fortes. Escutai compassivo a minha alma, ouvi-a enquanto clama do mais profundo abismo em que se encontra. Se os vossos ouvidos não estão presentes lá nesse abismo, para onde nos dirigiremos? Por quem chamaremos?

"Vosso é o dia e vossa é à noite." A um aceno da vossa vontade, os instantes voam. Concedei-me, por conseguinte, tempo para meditar os segredos da vossa lei, e não a fecheis aos que lhe vêm bater à

porta. Não foi em vão que quisestes fossem escritas tantas páginas sagradas cheias de mistérios. Porventura esses bosques não possuem também os seus veados que aí se acolhem e refugiam, aí passeiam e pastam, aí se deleitam ruminando?

Ó Senhor, aperfeiçoai-me e patenteai-me esses mistérios. A vossa palavra é a minha alegria. A vossa voz é mais deleitosa do que toda a afluência de prazeres. Concedei-me o que amo, porque estou inebriado de amor. E isso me concedestes. Não abandoneis os vossos dons, nem deixeis de regar esta erva sequiosa.

Oxalá Vos confesse tudo o que encontrar nos vossos livros e "ouça a voz dos vossos louvores". Possa eu inebriar-me de Vós e considerar as maravilhas da vossa lei, desde o princípio em que criastes o céu e a terra, até ao tempo em que partilharemos convosco do reino perpétuo da vossa Santa Cidade.

4. Senhor, tende compaixão de mim e ouvi o meu desejo. Julgo que nele não há nada de terrestre, nem de ouro nem de prata nem de pedras preciosas nem de vestidos luxuosos nem de honras e poderes nem de prazeres da carne nem de coisas necessárias ao corpo e a esta nossa via de peregrinos. Tudo nos é dado por acréscimo, a nós, que buscamos o reino do céu e vossa justiça.

Vede, Senhor meu Deus, donde nasce o meu anseio. "Os maus contaram-me as suas alegrias, mas estas não são como as que provêm da vossa lei, ó Senhor." Eis donde brota o meu anseio. Vede, ó Pai, aprovai e tende por bem que eu, sob o olhar da vossa misericórdia, encontre graça diante de Vós, para que os arcanos das vossas palavras se abram, quando o meu espírito lhes bater à porta.

Peço-Vos por intermédio de Nosso Senhor Jesus Cristo, "vosso Filho, o homem sentado à vossa destra, o Filho do Homem", ao qual confirmastes como Mediador entre Vós e nós. Por Ele nos buscastes quando Vos não procurávamos. Buscastes-nos para que também Vos buscássemos.

Rogo-vos por intermédio do vosso Verbo, pelo qual criastes todas as coisas, e, entre elas, a mim. Rogo-Vos pelo vosso Unigênito,

pelo qual chamastes à adoção o povo dos crentes, entre os quais estou eu também. Por Ele, que "está sentado à vossa direita e intercede por nós diante de Vós". "N'Ele se encontram todos os tesouros de Sabedoria e Ciência", aos quais procuro nos vossos livros. Moisés escreveu a seu respeito: "Isto di-lo Ele, isto di-lo a Verdade".

### **3 - Como compreender Moisés?**

5. Concedei-me que eu ouça e compreenda como "no princípio criastes o céu e a terra" Isto escreveu Moisés. Escreveu-o e deixou este mundo. Partiu daqui, de Vós para Vós, e agora não está na minha presença. Se estivesse presente, detê-lo-ia para lhe pedir e suplicar, por vosso intermédio, que me patenteasse o sentido desta frase. Prestaria atenção às palavras saídas dos seus lábios. Se Moisés falasse na língua hebraica, em vão impressionaria os meus ouvidos, porque nenhuma ideia atingiria a minha mente. Se, porém, se exprimisse em latim, compreenderia o que ele me dissesse.

Mas como saberia eu que ele falava verdade? E quando o soubesse, sabê-lo-ia por seu intermédio? A mesma Verdade, que não é hebraica nem grega nem latina nem bárbara, dir-me-ia interiormente, dentro do domicílio do meu pensamento, sem o auxílio dos órgãos da boca e da língua, e sem ruído de sílabas: "Moisés fala verdade". E eu, imediatamente, com toda a certeza e confiança, diria àquele vosso servo: "Dizeis a verdade".

Como o não posso consultar, interrogo-Vos, ó Verdade cuja plenitude ele possuía e com a qual enunciou aquelas verdades. Suplico-Vos, ó meu Deus, que me perdoeis os pecados, e, já que permitistes que aquele vosso servo dissesse estas coisas, fazei também que eu as compreenda.

### **4 - Deus, no poema da criação.**

6. Existem, pois, o céu e a terra. Em voz alta dizem-nos que foram criados, porque estão sujeitos a mudanças e vicissitudes. Ainda

mesmo o que não foi criado e todavia existe nada tem em si que antes não existisse. Portanto sofreu mudança e passou por vicissitudes. Proclamem todas estas coisas que não se fizeram a si próprias: "Existimos porque fomos criados. Portanto, não existíamos antes de existir, para que nos pudéssemos criar".

A mesma evidência é a voz com que o céu e a terra nos falam. Vós, Senhor, os criastes. Porque sois belo, eles são belos; porque sois bom, eles são bons; porque existis, eles existem. Não são tão formosos, nem tão bons, nem existem do mesmo modo que vós, seu Criador. Comparados convosco, nem são belos nem são bons nem existem.

Graças Vos sejam dadas por sabermos estas coisas. Mas a nossa ciência, comparada com a vossa, é ignorância.

## **5 - A palavra criadora.**

7. De que modo, porém, criastes o céu e a terra, e qual foi a máquina de que Vos servistes para esta obra tão imensa, se não procedestes como o artífice que forma um corpo doutro corpo, impondo-lhe, segundo a concepção da sua mente vigorosa, a imagem que vê em si mesma, com, os olhos do espírito? Donde lhe viria este poder, se Vós lhe não tivésseis criado a imaginação?

O artífice impõe a forma à matéria — a qual já existia e já a continha — isto é, à terra, ou à pedra, ou à madeira ou ao ouro ou a qualquer coisa material. Mas donde proviriam estes seres, se os não tivésseis criado? Fizestes ao artífice o corpo, fizestes-lhe a alma que impera aos membros. Criastes a matéria com que fabrica os objetos, a inspiração com que ele concebe a arte e vê internamente o plano que executa no exterior.

Concedestes ao artista os sentidos do corpo, com os quais, servindo-se deles como de intérpretes, transpõe da fantasia para a matéria a figura que deseja realizar. Com eles anuncia ao espírito o que fez, para que este lá dentro pergunte à Verdade —juiz da alma — se a obra foi bem realizada.



Todas estas criaturas Vos louvam como a Criador de tudo. Mas de que modo as fazeis? Como fizestes, meu Deus, o céu e a terra? Sem dúvida, não fizestes o céu e a terra no céu ou na terra, nem no ar ou nas águas, porque também estes pertencem ao céu e à terra. Nem criastes o Universo no Universo, porque, antes de o criardes, não havia espaço onde pudesse existir. Nem tínheis à mão matéria alguma com que modelásseis o céu e a terra. Nesse caso, donde viria essa matéria que Vós não criáreis e com a qual pudésseis fabricar alguma coisa? Que criatura existe que não exija a vossa existência?

Portanto, é necessário concluir que falastes, e os seres foram criados. Vós os criastes pela vossa palavra!

## **6 - A voz ecoando no silêncio.**

8. Mas como é que falastes? Porventura do mesmo modo como quando se ouviu de entre a nuvem a voz que dizia: "Este é o meu filho predileto"?

Com efeito, aquela voz ecoou e sumiu-se. Começou e findou. Ressoaram as sílabas e passaram, a segunda após a primeira, a terceira após a segunda, e todas pela mesma ordem, até à última, e, depois da última, o silêncio . . . Donde claramente ressalta que uma criatura as pronunciou, mediante uma vibração temporal, a serviço da vossa eterna vontade. Essas palavras transitórias anunciou-as ela, por intermédio dos ouvidos externos, à inteligência que as compreende e cujos órgãos interiores da audição estão dispostos para escutarem o vosso Verbo Eterno.

A inteligência comparou essas palavras, proferidas no tempo, com o vosso Verbo, gerado no eterno silêncio, e disse: "Sim, a diferença é grande, muito grande! Estas palavras estão muito abaixo de mim. Nem sequer existem, porque fogem e passam". "Porém o Verbo de Deus permanece sobre mim eternamente."

Se foi, portanto, por meio de palavras soantes e transitórias que dissestes que fossem feitos o céu e a terra, e se assim os criastes, conclui-se que já antes do céu e da terra existia uma criatura

material por cujas vibrações aquela voz pôde correr no tempo.

Porém, nenhum corpo existia antes do céu e da terra, ou, se existia, Vós o tínheis certamente criado sem ser por meio de voz transitória. Por ele emitistes a voz passageira com que dissestes que o céu e a terra fossem feitos.

Efetivamente, qualquer que seja a substância com que produzistes essa voz, de modo algum poderia existir, se a não tivésseis criado. Mas que palavra pronunciastes para dar ser à matéria com que havíeis de formar aquelas palavras?

## **7 - O Verbo de Deus coeterno com Deus.**

9. Assim nos convidais a compreender o Verbo, Deus junto de Vós, que sois Deus, o qual é pronunciado por toda a eternidade e no qual tudo é pronunciado eternamente. Nunca se acaba o que estava sendo pronunciado nem se diz outra coisa para dar lugar a que tudo se possa dizer, mas tudo se diz simultânea e eternamente. Se assim não fosse já haveria tempo e mudança, e não verdadeira eternidade e verdadeira imortalidade.

Tudo isso entendi, meu Deus, e por isso Vos dou graças. Confesso-Vos, Senhor, que o entendi, e comigo Vos conhece e bendiz todo o que não é ingrato à infalível Verdade. Sabemos, Senhor, sabemos que uma coisa morre e nasce, consoante deixa de ser o que era e passa a ser o que não era. No vosso Verbo, porém, nada desaparece, nada se substitui, porque é verdadeiramente eterno e imortal. Por isso, ao Verbo que é coeterno convosco, dizeis, ao mesmo tempo e eternamente, tudo o que dizeis. E tudo o que dizeis que se faça realiza-se! Para Vós não há diferença nenhuma entre o dizer e o criar. Nem tudo, porém, o que fazeis com a vossa palavra se realiza simultaneamente e desde toda a eternidade.

## **8 - Nós, discípulos do Verbo.**

10. Dizei-me a causa de tudo isto, eu vo-lo peço, Deus e Senhor meu! Alguma coisa entendo, mas não sei como me exprimir. Limito-

me a dizer que tudo quanto começa a existir ou deixa de existir só principia ou acaba quando se conhece, na vossa Razão eterna, que tudo isso deve ter começado ou terminado, ainda que nela nada começa e nada desaparece.

O vosso Verbo é este Princípio de todas as coisas porque também nos fala. Assim, falou-nos no Evangelho por meio do seu corpo. Ressoou essa voz exteriormente aos ouvidos dos homens para que acreditassem nele, o buscassem dentro de si mesmos e o encontrassem na eterna Verdade, onde o bom e único Mestre ensina a todos os discípulos.

Senhor, ouço aí a vossa voz a dizer-me que só nos fala verdadeiramente aquele que nos ensina. Quem nos não ensina, ainda que nos fale, é como se não nos falasse. Mas, além da Verdade Imutável, quem é que nos ensina? Ainda quando somos elucidados pela criatura mutável, somos encaminhados também para a Verdade Imutável, onde verdadeiramente aprendemos. Então conservamo-nos de pé a ouvi-lo e "enchemo-nos de alegria por causa da voz do Esposo", que nos conduz à origem donde somos.

Portanto, é Ele o princípio, porque, se Ele não permanecesse, não teríamos para onde voltar quando vagueássemos errantes. Quando, porém, voltamos do erro, voltamos com plena consciência. Ensina-nos, a fim de que possuamos essa plena consciência da nossa volta, porque é o Princípio. Ele fala-nos.

## **9 - A luz do Verbo em mim.**

11. Criastes, ó Deus, o céu e a terra, neste princípio, no vosso Verbo, no vosso Filho, na vossa Virtude, na vossa Sabedoria, falando e agindo dum modo admirável.

Quem o poderá compreender? Quem o poderá contar? Que luz é esta que me ilumina de quando em quando e me fere o coração, sem o lesar? Horrorizo-me e inflamo-me: horrorizo-me enquanto sou diferente dela, inflamo-me enquanto sou semelhante a ela.

É a Sabedoria, a mesma Sabedoria que bruxuleia em mim e rasga a minha nuvem.

Esta encobre-me de novo quando desanimo por causa da escuridão e do peso das minhas misérias.

"Enfraqueceu-se de tal modo na indigência o meu vigor" que não suporto o meu próprio bem, até que Vós, Senhor, que "Vos tornastes compassivo para com todas as minhas iniquidades", me cureis também de todos os achaques. "Resgatareis pois a minha alma da corrupção, coroar-me-eis na vossa compaixão e misericórdia, saciareis de bem o meu desejo, porque então a minha juventude será renovada como a da águia." "Fomos salvos pela esperança e aguardamos com paciência as vossas promessas." Ouça, pois, vossa voz em seu interior, quem puder! Eu clamarei, confiado no vosso oráculo: "Quão magníficas são as vossas obras, Senhor! Tudo fizestes na vossa Sabedoria". É ela o Princípio, e foi neste Princípio que criastes o céu e a terra.

## **10 - Que faria Deus antes da criação?**

12. Não é verdade que estão ainda cheios de velhice espiritual aqueles que nos dizem: "Que fazia Deus antes de criar o céu e a terra? Se estava ocioso e nada realizava", dizem eles, "por que não ficou sempre assim no decurso dos séculos, abstendo-se, como antes, de toda ação? Se existiu em Deus um novo movimento, uma vontade nova para dar o ser a criaturas que nunca antes criara, como pode haver verdadeira eternidade, se n'Ele aparece uma vontade que antes não existia"?

A vontade de Deus não é uma criatura. Está antes de toda criatura, pois nada seria criado se antes não existisse a vontade do Criador. Essa vontade pertence à própria substância de Deus. Se alguma coisa surgisse na substância de Deus que antes lá não estivesse, não podíamos, com verdade, chamar a essa substância eterna. Mas, se desde toda a eternidade é vontade de Deus que existam criaturas, por que razão não são as criaturas eternas?

## **11 - O tempo não pode medir a eternidade.**

13. Quem afirma tais coisas, ó "Sabedoria de Deus", Luz das inteligências, ainda não compreendeu como se realiza o que se faz por Vós e em Vós. Esforça-se por saborear as coisas eternas, mas o seu pensamento ainda volita ao redor das ideias da sucessão dos tempos passados e futuros, e, por isso, tudo o que excogita é vão.

A esse, quem o poderá prender e fixar, para que pare um momento e arrebate um pouco do esplendor da eternidade perpetuamente imutável, para que veja como a eternidade é incomparável, se a confronta com o tempo, que nunca para? Compreenderá então que a duração do tempo não será longa, se não se compuser de muitos movimentos passageiros.

Ora, estes não podem alongar-se simultaneamente.

Na eternidade, ao contrário, nada passa, tudo é presente, ao passo que o tempo nunca é todo presente. Esse tal verá que o passado é impelido pelo futuro e que todo o futuro está precedido dum passado, e todo o passado e futuro são criados e dimanam d'Aquele que sempre é presente. Quem poderá prender o coração do homem, para que pare e veja como a eternidade imóvel determina o futuro e o passado, não sendo ela nem passado nem futuro? Poderá, porventura, a minha mão que escreve explicar isto? Poderá a atividade da minha língua conseguir pela palavra realizar empresa tão grandiosa?

## **12 - O que fazia Deus antes da criação do mundo.**

14. Eis a minha resposta àquele que pergunta: "Que fazia Deus antes de criar o céu e a terra?" Não lhe responderei nos mesmos termos com que alguém, segundo se narra, respondeu, evitando, com graça, a dificuldade do problema: "Preparava", disse, "o inferno para aqueles que perscrutam estes profundos mistérios!" Uma coisa é ver a solução do problema e outra é rir-se dela. Não darei essa resposta. Gosto mais de responder: não sei — quando

de fato não sei — do que apresentar aquela solução, dando motivo a que se escarneça do que propôs a dificuldade e se louve aquele que respondeu coisas falsas.

Mas eu digo, meu Deus, que sois o Criador de tudo o que foi criado. Se pelo nome de "céu e terra" se compreendem todas as criaturas, não temo afirmar que antes de criardes o céu e a terra não fazíeis coisa alguma. Pois, se tivésseis feito alguma coisa, que poderia ser senão criatura vossa? Oxalá eu soubesse tudo o que me importa conhecer, como sei que Deus não fazia nenhuma criatura antes que se fizesse alguma criatura!

### **13 - O eterno "hoje".**

15. Mas se a célere fantasia de alguém anda vagueando por tempos imaginários anteriores à criação e se se admira de que Vós, Deus Onipotente, Criador e Mantenedor de todas as coisas, Artífice do céu e da terra, antes de empreenderdes essa empresa. Vos tenhais abstinido, durante inumeráveis séculos, da realização de tão grande obra, esse que atenda e considere quão falso é o objeto da sua admiração.

Como poderiam ter passado inumeráveis séculos, se Vós, que sois o Autor e o Criador de todos os séculos, ainda os não tínheis criado? Que tempo poderia existir se não fosse estabelecido por Vós? E como poderia esse tempo decorrer, se nunca tivesse existido?

Sendo, pois, Vós o obreiro de todos os tempos — se é que existiu algum tempo antes da criação do céu e da terra —, por que razão se diz que Vos abstínheis de toda a obra? Efetivamente fostes Vós que criastes esse mesmo tempo, nem ele podia decorrer antes de o criardes! Porém, se antes da criação do céu e da terra não havia tempo, para que perguntar o que fazíeis então? Não podia haver "então" onde não havia tempo. Não é no tempo que Vós precedeis o tempo, pois, doutro modo, não serieis anterior a todos os tempos.

16. Precedeis, porém, todo o passado, alteando-Vos sobre ele com a vossa eternidade sempre presente. Dominais todo o futuro porque

está ainda para vir.

Quando ele chegar, já será pretérito. "Vós, pelo contrário, permaneceis sempre o mesmo, e os vossos anos não morrem".

Os vossos anos não vão nem vêm. Porém os nossos vão e vêm, para que todos venham. Todos os vossos anos estão conjuntamente parados, porque estão fixos, nem os anos que chegam expulsam os que vão, porque estes não passam. Quanto aos nossos anos, só poderão existir todos, quando já todos não existirem. Os vossos anos são como um só dia, e o vosso dia não se repete de modo que possa chamar-se cotidiano, mas é um perpétuo "hoje", porque este vosso "hoje" não se afasta do "amanhã", nem sucede ao "ontem". O vosso "hoje" é a eternidade. Por isso gerastes coeterno o vosso Filho, a quem dissestes: "Eu hoje te gerei".

Criastes todos os tempos e existis antes de todos os tempos. Não é concebível um tempo em que possa dizer-se que não havia tempo.

## **14 - O que é o tempo?**

17. Não houve tempo nenhum em que não fizésseis alguma coisa, pois fazíeis o próprio tempo.

Nenhuns tempos Vos são coeternos, porque Vós permaneceis imutável, e se os tempos assim permanecessem, já não seriam tempos. Que é, pois, o tempo? Quem poderá explicá-lo clara e brevemente? Quem o poderá apreender, mesmo só com o pensamento, para depois nos traduzir por palavras o seu conceito? E que assunto mais familiar e mais batido nas nossas conversas do que o tempo? Quando dele falamos, compreendemos o que dizemos. Compreendemos também o que nos dizem quando dele nos falam. O que é, por conseguinte, o tempo? Se ninguém mo perguntar, eu sei; se o quiser explicar a quem me fizer a pergunta, já não sei. Porém, atrevo-me a declarar, sem receio de contestação, que, se nada sobreviesse, não haveria tempo futuro, e se agora nada houvesse, não existiria o tempo presente.

De que modo existem aqueles dois tempos — o passado e o futuro —, se o passado já não existe e o futuro ainda não veio? Quanto ao presente, se fosse sempre presente, e não passasse para o pretérito, já não seria tempo, mas eternidade. Mas se o presente, para ser tempo, tem necessariamente de passar para o pretérito, como podemos afirmar que ele existe, se a causa da sua existência é a mesma pela qual deixará de existir?

Para que digamos que o tempo verdadeiramente existe, porque tende a não ser?

## **15 - As três divisões do tempo.**

18. Contudo, dizemos tempo longo ou breve, e isto, só o podemos afirmar do futuro ou do passado. Chamamos "longo" ao tempo passado, se é anterior ao presente, por exemplo, cem anos. Do mesmo modo dizemos que o tempo futuro é "longo", se é posterior ao presente também cem anos. Chamamos "breve" ao passado, se dizemos, por exemplo, "há dez dias"; e ao futuro, se dizemos "daqui a dez dias". Mas como pode ser breve ou longo o que não existe? Com efeito, o passado já não existe e o futuro ainda não existe. Não digamos: "é longo"; mas digamos do passado: "foi longo"; e do futuro: "será longo".

Nesta questão, escarnecerá do homem a vossa Verdade, ó meu Deus e minha Luz?

O tempo longo, já passado, foi longo depois de passado ou quando ainda era presente? Só então podia ser longo (nesse momento presente), quando existia alguma coisa capaz de ser longa. O passado já não existia; portanto não podia ser longo aquilo que totalmente deixara de existir.

Não digamos pois: "o tempo passado foi longo", porque não encontraremos aquilo que tivesse podido ser longo, visto que já não existe desde o instante em que passou. Digamos antes: "aquele tempo presente foi longo", porque só enquanto foi presente é que foi longo. Ainda não tinha passado ao não ser, e portanto existia uma coisa que podia ser longa. Mas, logo que passou,



simultaneamente deixou de ser longo, porque deixou de existir.

19. Vejamos, portanto, ó alma humana, se o tempo presente pode ser longo. Foi-te concedida a prerrogativa de perceberes e medires a sua duração. Que me responderás?

Porventura cem anos presentes são muito tempo? Considera primeiro se cem anos podem ser presentes. Se o primeiro ano está decorrendo, este é presente, mas os outros noventa e nove são futuros, e portanto ainda não existem. Se está decorrendo o segundo ano, um é passado, outro presente e os restantes futuros. Se apresentarmos como presente qualquer dos anos intermediários da série centenária, notamos que os que estão antes dele são passados, e os que estão depois são futuros. Pelo que cem anos não podem ser presentes.

Examina, pelo menos, se o ano que está transitando pode ser presente. Com efeito, se o primeiro mês está passando, os outros são futuros. Se estamos no segundo mês, o primeiro já passou e os outros ainda não existem. Logo, nem o ano que está decorrendo pode ser todo presente, e, se não é todo presente, não é um ano presente. O ano compõe-se de doze meses; um mês qualquer é presente enquanto decorre; os outros são passados ou futuros. Nem sequer, porém, o mês que está decorrendo é presente, mas somente o dia. Se é o primeiro dia, todos os outros são futuros; se é o último, todos os outros são passados; se é um dia intermediário, está entre dias passados e futuros.

20. O tempo presente — o único que julgávamos poder chamar longo —, ei-lo reduzido apenas ao espaço dum só dia! Mas discutamos também acerca dele, porque nem sequer um dia é inteiramente presente.

O dia e a noite compõem-se de vinte e quatro horas, entre as quais a primeira tem as outras todas como futuras, e a última tem a todas como passadas. Com respeito a qualquer hora intermediária são pretéritas aquelas que a precedem, e futuras as subsequentes. Uma hora compõe-se de fugitivos instantes. Tudo o que dela já debandou é passado. Tudo o que ainda resta é futuro. Se pudermos

conceber um espaço de tempo que não seja suscetível de ser subdividido em mais partes, por mais pequeninas que sejam, só a esse podemos chamar tempo presente. Mas este voa tão rapidamente do futuro ao passado, que não tem nenhuma duração. Se a tivesse, dividir-se-ia em passado e futuro.

Logo, o tempo presente não tem nenhum espaço.

Onde existe portanto o tempo que podemos chamar longo? Será o futuro? Mas deste tempo não dizemos que é longo, porque ainda não existe. Dizemos: "será longo". E quando será? Se esse tempo ainda agora está para vir, nem então será longo, porque ainda não existe nele aquilo que seja capaz de ser longo. Suponhamos que, ao menos, no futuro será longo. Mas só o poderá começar a ser no instante em que ele nasce desse futuro — que ainda não existe — e se torna tempo presente, porque só então possui capacidade de ser longo. Mas com as palavras que acima deixamos transcritas o tempo presente clama que não pode ser longo.

## **16 - Pode medir-se o tempo.**

21. E contudo, Senhor, percebemos os intervalos dos tempos, comparamo-los entre si e dizemos que uns são mais longos e outros são mais breves. Medimos também quando este tempo é mais comprido ou mais curto do que outro, e respondemos que um é duplo ou triplo, ou que a relação entre eles é simples, ou que este é tão grande como aquele.

Mas não medimos os tempos que passam, quando os medimos pela sensibilidade.

Quem pode medir os tempos passados que já não existem ou os futuros que ainda não chegaram? Só se alguém se atrever a dizer que pode medir o que não existe! Quando está decorrendo o tempo, pode percebê-lo e medi-lo. Quando, porém, já tiver decorrido, não o pode perceber nem medir, porque esse tempo já não existe.

## **17 - Através do pretérito e do futuro.**

22. Não afirmo, ó Pai. Apenas pergunto. Meu Deus, assisti-me e dirigi-me!

Quem se atreveria a dizer-me que não há três tempos, conforme aprendemos na infância e às crianças o ensinamos: o pretérito, o presente e o futuro? Existirá somente o presente, visto que os outros dois não existem? Ou eles também existem, e então o tempo procede de algum retiro oculto, quando de futuro se faz presente? Entra o tempo noutro esconderijo, quando de presente se faz passado? Onde é que os adivinhos viram as coisas futuras que vaticinaram, se elas ainda não existem? Efetivamente, não é possível ver o que não existe. E os que narram fatos passados, sem dúvida não os poderiam veridicamente contar, se os não vissem com a alma. Ora, se esses fatos passados não existissem, de modo nenhum poderiam ser vistos. Existem, portanto, fatos futuros e pretéritos.

## **18 - O vaticínio do futuro pelo presente**

23. Permiti, Senhor, minha Esperança, que eu leve mais além as minhas investigações. Não se perturbe a minha atenção!

Se existem coisas futuras e passadas, quero saber onde elas estão. Se ainda o não posso compreender, sei todavia que em qualquer parte onde estiverem, aí não são futuras nem pretéritas, mas presentes. Pois, se também aí são futuras, ainda lá não estão; e, se nesse lugar são pretéritas, já lá não estão. Por conseguinte, em qualquer parte onde estiverem, quaisquer que elas sejam, não podem existir senão no presente. Ainda que se narrem os acontecimentos verídicos já passados, a memória relata, não os próprios acontecimentos que já decorreram, mas sim as palavras concebidas pelas imagens daqueles fatos, os quais, ao passarem pelos sentidos, gravaram no espírito uma espécie de vestígios. Por conseguinte, a minha infância, que já não existe presentemente, existe no passado que já não é. Porém a sua imagem, quando a

evoco e se torna objeto de alguma descrição, vejo-a no tempo presente, porque ainda está na minha memória.

Confesso-Vos, meu Deus, que não sei se a causa pela qual se prediz o futuro equivale ao fenômeno de se apresentarem ao espírito as imagens já existentes das coisas que ainda não existem. Sei com certeza que nós, a maior parte das vezes, premeditamos as nossas ações futuras, e essa premeditação é presente, ao passo que a ação premeditada ainda não existe, porque é futura. Quando empreendermos e começarmos a realizar o que premeditamos, então essa ação existirá, porque já não é futura, mas presente. De qualquer modo que suceda este pressentimento oculto das coisas futuras, não podemos ver senão o que possui existência. Ora, o que já existe não é futuro, mas presente. Por conseguinte, quando se diz que se veem os acontecimentos futuros, não se veem os próprios acontecimentos ainda inexistentes — isto é, os fatos futuros —, mas sim as suas causas, ou talvez os seus prognósticos já dotados de existência. Portanto, com relação aos que os veem, esses acontecimentos não são futuros, mas sim presentes.

24. Por esses vaticínios é apenas profetizado o futuro já preconcebido na alma.

Esses vaticínios, repito, já existem, e aqueles que predizem o futuro já os veem como presentes junto a si.

Tomemos algum exemplo da multidão tão numerosa de fenômenos.

Vejo a aurora e prognostico que o sol vai nascer. O que vejo é presente, o que anuncio é futuro. Não é o sol que é futuro, porque esse já existe, mas sim o seu nascimento, que ainda se não realizou. Contudo, não o poderia prognosticar sem conceber também, na minha imaginação, o mesmo nascimento, como agora o faço quando isso declaro. Mas nem aquela aurora que eu vejo no céu e que precede o aparecimento do sol, nem aquela imagem formada no meu espírito são o mesmo nascimento do sol, ainda que, para se predizer este futuro, se devam enxergar a aurora e a sua imagem como presentes.

Por conseguinte, as coisas futuras ainda não existem; e se ainda não existem, não existem presentemente. De modo algum podem ser vistas, se não existem. Mas podem ser prognosticadas pelas coisas presentes que já existem e se deixam observar.

## **19 - Oração ao senhor do futuro.**

25. Declarai-nos, pois, ó Soberano das vossas criaturas, de que modo ensinais às almas os acontecimentos futuros, pois não se pode duvidar de que os revelastes aos vossos profetas. De que modo ensinais as coisas futuras, ó Senhor para quem não há futuro? Ou antes, de que modo ensinais algumas coisas presentes acerca do futuro? Pois o que não existe também não pode, evidentemente, ser ensinado!

Este modo misterioso está demasiado acima da minha inteligência. Supera as minhas forças. Por mim não poderei atingi-lo. Porém, podê-lo-ei por Vós, quando mo concederdes, ó doce luz dos ocultos olhos da minha alma.

## **20 - Conclusão desta análise: nova terminologia.**

26. O que agora claramente transparece é que nem há tempos futuros nem pretéritos. É impróprio afirmar que os tempos são três: pretérito, presente e futuro. Mas talvez fosse próprio dizer que os tempos são três: presente das coisas passadas, presente das presentes, presente das futuras. Existem, pois, estes três tempos na minha mente que não vejo em outra parte: lembrança presente das coisas passadas, visão presente das coisas presentes e esperança presente das coisas futuras. Se me é lícito empregar tais expressões, vejo então três tempos e confesso que são três.

Diga-se também que há três tempos: pretérito, presente e futuro, como ordinária e abusivamente se usa. Não me importo nem me oponho nem critico tal uso, contanto que se entenda o que se diz e não se julgue que aquilo que é futuro já possui existência, ou que, o

passado subsiste ainda. Poucas são as coisas que exprimimos com terminologia exata. Falamos muitas vezes sem exatidão, mas entende-se o que pretendemos dizer!

## **21 - Novas dificuldades: como pode medir-se o tempo?**

27. Disse a pouco que medimos os tempos que passam, de modo que podemos afirmar: este espaço de tempo é duplo de tal outro, ou é-lhe equivalente, ou este é igual àquele. Do mesmo modo exprimimos outras subdivisões do tempo, se mais alguma outra medida pudermos enunciar. Por conseguinte, como dizia, medimos os tempos ao decorrerem. E se alguém me disser: "Como o sabeis?", responder-lhe-ei: "Sei-o porque os medimos". Não medimos o que não existe. Ora, as coisas pretéritas ou futuras não existem. Como medimos nós o tempo presente, se não tem espaço? Mede-se quando passa. Porém, quando já tiver passado, não se mede, porque já não será possível medi-lo.

Mas donde se origina ele? Por onde e para onde passa, quando se mede? Donde se origina ele senão do futuro?

Por onde caminha, senão pelo presente? Para onde se dirige, senão para o passado?

Portanto, nasce naquilo que ainda não existe, atravessando aquilo que carece de dimensão, para ir para aquilo que já não existe. Porém, que medimos nós senão o tempo nalgum espaço? Não diríamos tempos simples, duplos, triplos e iguais ou com outras denominações análogas, se os não considerássemos como espaços de tempos. Em que espaço medimos o tempo que está para passar? Será no futuro, donde parte? Mas nós não podemos medir o que ainda não existe! Será no presente, por onde parte? Mas nós não medimos o que não tem nenhuma extensão! Será no passado, para onde parte? Mas, para nós, não é mensurável o que já não existe!

## **22 - Senhor, desfazei este enigma!**

28. O meu espírito ardeu em ânsias de compreender este enigma tão complicado.

Não fecheis, Senhor meu Deus e Pai bondoso — peço-Vo-lo por amor de Jesus Cristo — , não fecheis ao meu desejo estes problemas comuns e ao mesmo tempo misteriosos.

Fazei, Senhor, que penetre neles e que me sejam claros e manifestos pela vossa misericórdia.

A quem devo interrogar sobre estas questões ou a quem poderei com mais fruto confessar a minha ignorância do que a Vós, a quem não molestam as minhas ânsias excessivamente inflamadas no estudo das vossas Escrituras? Dai-me o que amo, pois Vós me concedestes esta graça de amar. Dai-me, Pai, o que Vos peço, Vós que verdadeiramente sabeis presentear os vossos filhos com dádivas valiosas. Dai-mo, porque determinei conhecê-lo e não descansarei enquanto não mo manifestardes.

Peço-Vos por intermédio de Jesus Cristo, em nome do Santo dos Santos, que ninguém me perturbe nesta investigação. "Acreditei, e eis o motivo por que falo." É esta a minha esperança. Vivo para ela a fim de contemplar as delícias do Senhor.

"Tornastes velhos os meus dias", e eles passam, sem saber como.

Falamos do tempo e mais do tempo, dos tempos e ainda dos tempos. Andamos constantemente com o "tempo" na boca: "Por quanto tempo falou este homem?" "Quanto tempo demorou a fazer isto?" "Há quanto tempo não vejo aquilo?" "Esta sílaba tem o dobro de tempo daquela sílaba breve." Dizemos e ouvimos semelhantes expressões. Os outros compreendem-nos e nós compreendemo-los.

São palavras muito claras e muito ordinárias, mas ao mesmo tempo bastante obscuras. Exigem, por isso, uma nova análise.

## **23 - O tempo é certa distensão.**

29. Ouvi dizer a um homem instruído que o tempo não é mais que o movimento do Sol, da Lua e dos astros. Não concordei. Porque não seria antes o movimento de todos os corpos? Se os astros parassem e continuasse a mover-se a roda do oleiro, deixaria de haver tempo para medirmos as suas voltas? Não poderíamos dizer que estas se realizavam em espaços iguais, ou, se a roda umas vezes se movesse mais devagar, outras depressa, não poderíamos afirmar que umas voltas demoravam mais, outras menos? Ou, ao dizermos isto, não falamos nós no tempo, e não há nas nossas palavras sílabas longas e sílabas breves, assim chamadas, porque umas ressoam durante mais tempo e outras durante menos tempo? Fazer, meu Deus, com que os homens conheçam por meio deste simples exemplo as noções comuns das coisas grandes e pequenas.

Há estrelas e luzeiros no céu que servem de sinais, indicam as estações, as horas e os anos. Com certeza, existem. Mas nem eu afirmo que uma volta daquela roda de madeira represente um dia, nem aquele sábio se atreverá a dizer que esse giro não representa um determinado tempo.

30. Desejo saber a força e natureza do tempo com que medimos o movimento dos corpos e dizemos, por exemplo, que tal movimento é duas vezes mais longo no tempo do que outro qualquer.

Prossigamos na investigação: chamamos dia não somente à demora do Sol sobre a Terra, pela qual se diferencia o dia e a noite, mas também, ao giro completo que o Sol descreve do Oriente ao Oriente. Por isso dizemos: "Passaram-se tantos dias". Entendemos também as respectivas noites, sem enumerar à parte os seus espaços. Portanto, já que o movimento do Sol e o seu percurso do Oriente ao Oriente completam um dia, desejava saber se é o movimento que constitui o dia, ou se é a duração em que se realiza esse movimento, ou se são estas duas coisas conjuntamente.

Se fosse o movimento do Sol que constituísse o dia, teríamos um dia, ainda que o Sol completasse a sua carreira num tão pequeno espaço de tempo quanto é o duma só hora.

Se fosse a duração do percurso do Sol que constituísse o dia, não



haveria dia, se dum nascer a outro nascer do Sol houvesse a breve duração de tempo quanto é o duma só hora. Mas seria preciso que o Sol desse vinte e quatro voltas para completar um dia. Se fossem o movimento do Sol e a duração desse movimento a dar origem ao dia, este não se poderia apelidar com tal nome, se o Sol perfizesse o seu giro completo no espaço de uma hora. Também o não chamaríamos dia, se se passasse tanto tempo estando o Sol parado, quanto este costuma gastar no seu percurso de uma manhã a outra manhã.

Agora não procuro averiguar em que consiste aquilo que apelidamos dia, mas sim o que seja o tempo, unidade pela qual, medindo o trajeto do Sol, diríamos que o completou em menos de metade do espaço do tempo costumado, se acaso o perfizesse no espaço de tempo quanto é aquele em que decorrem doze horas. Comparando as duas durações, diremos que uma é simples e outra dupla, ainda que o Sol demorasse umas vezes o tempo simples, outras vezes o dobro, no seu percurso do Oriente ao Oriente.

Ninguém me diga, portanto, que o tempo é o movimento dos corpos celestes.

Quando, com a oração de Josué, o Sol parou, a fim de ele concluir vitoriosamente o combate, o Sol estava parado, mas o tempo caminhava. Este espaço de tempo foi o suficiente para executar e para pôr termo ao combate. Vejo portanto que o tempo é uma certa distensão. Vejo, ou parece-me que vejo? Só Vós, Luz e Verdade, mo demonstrareis.

## **24 - O tempo não é o movimento dos corpos.**

31. Se alguém me disser que o tempo é o movimento dum corpo, mandar-me-eis estar de acordo? Não mandareis. Ouço dizer que os corpos só se podem mover no tempo. Vós mesmo o afirmais. Mas não ouço dizer que o tempo é esse movimento dos corpos. Não o dizeis. Quando um corpo se move, é com o tempo que meço a duração desse movimento, desde que começou até acabar. Se o não vi principiar a mover-se e persevera de modo a não poder notar

quando termina, só me é permitido medir a duração do movimento desde o instante em que comecei a vê-lo até que o deixei de ver. Se o presencio por longo espaço, não posso dizer quanto tempo demorou, mas somente que demorou muito tempo, porque o "quanto" só por comparação o podemos avaliar. Dizemos, por exemplo, que "isto durou tanto quanto aquilo", que "isto durou o dobro daquilo" e de modo semelhante, nos outros casos. Se pudermos observar de que lado vem o corpo que se move e para onde vai, ou se as suas partes se movem como um torno, poderemos dizer quanto tempo durou de um lugar a outro o movimento deste corpo ou das partes.

Portanto, sendo diferentes o movimento do corpo e a medida da duração do movimento, quem não vê qual destas duas coisas se deve chamar de tempo? Num corpo que umas vezes se move com diferente velocidade e outras vezes está parado, medimos não somente o seu movimento mas também o tempo que está parado. Dizemos: "Esteve tanto tempo parado como a andar", ou "esteve parado o dobro ou o triplo do tempo em que esteve em movimento", e assim por diante. Ainda no cálculo exato ou aproximativo, costuma dizer-se "mais" e "menos".

Portanto, o tempo não é o movimento dos corpos.

## **25 - "Senhor, iluminareis as minhas trevas".**

32. Confesso-Vos, Senhor, que ainda ignoro o que seja o tempo. De novo Vos confesso também, Senhor — isto não o ignoro —, que digo estas coisas no tempo e que já há muito que falo do tempo, e que esta longa demora não é outra coisa senão uma duração, de tempo. E como posso saber isto, se ignoro o que seja o tempo? Acontecerá talvez que não saiba exprimir o que sei? Ai de mim, que nem ao menos sei o que ignoro!

Eis-me diante de Vós, ó meu Deus, para Vos declarar que não minto. Falo-Vos tal qual é o meu coração. "Vós acendereis a minha candeia, Senhor Meu Deus, e iluminareis as minhas trevas."

## 26 - Nova teoria sobre o tempo.

33. Acaso minha alma não Vos engrandece ao declarar-Vos, com verdade, que meço os tempos? Efetivamente, meu Deus, eu meço-os, e não sei o que meço. Meço o movimento dum corpo com o tempo. Não poderei eu medir o tempo do mesmo modo?

Ser-me-á possível medir o movimento dum corpo enquanto ele perdura, e quanto o corpo leva em chegar dum lugar a outro sem que meça o tempo em que se move?

Com que posso eu medir o tempo? É com um espaço mais breve de tempo que calculamos outro mais longo, do mesmo modo que medimos o comprimento dum caibro com o côvado? Igualmente vemos que, pela duração duma sílaba breve, se avalia a duma sílaba longa, e afirmamos que a duração duma é dupla da outra. Assim, medimos a extensão dum poema pelo número de versos, a grandeza dos versos pela dos pés, a dos pés pela duração das sílabas, as sílabas longas pelas breves, e não pelo número de páginas, pois deste modo mediríamos os espaços e não os tempos. Conforme as palavras passam e nós as pronunciamos, dizemos: "Este poema é extenso, pois se compõe de tantos versos; os versos são compridos porque constam de tantos pés; os pés também são compridos pois se estendem por tantas sílabas; estas são longas porque são o dobro das breves".

Mas nem assim alcançamos medida certa para o tempo, porque pode suceder que um verso menos extenso ressoe por maior espaço de tempo, se se pronuncia mais lentamente do que outro mais longo, se é proferido mais depressa. O mesmo sucede aos poemas, pés e sílabas.

Pelo que, pareceu-me que o tempo não é outra coisa senão distensão; mas de que coisa o seja, ignoro-o. Seria para admirar que não fosse a da própria alma. Portanto, disse-me, eu Vo-lo suplico, meu Deus, que coisa meço eu, quando declaro indeterminadamente: "Este tempo é mais longo do que aquele", ou quando digo determinadamente: "Este é duplo daquele outro"? Sei perfeitamente que meço o tempo, mas não o futuro, porque ainda

não existe. Também não avalio o presente, pois não tem extensão, nem o passado, que não existe. Que meço eu então? O tempo que presentemente decorre e não o que já passou? Assim o tinha dito eu.

## **27 - Uma experiência.**

34. Insiste, ó minha alma, e redobra esforçadamente de atenção: "Deus nos ajudará, pois Ele nos criou e não fomos nós que nos criamos".

Fixa o olhar onde desponta o amanhecer da Verdade. Supõe, por exemplo, que a voz dum corpo começa a ressoar, ecoa, continua a ecoar e cala-se. Fez-se silêncio. . . a voz esmoreceu ... já não é voz. Era futura antes de ecoar e não podia ser medida porque ainda não existia, e agora também não é possível medi-la porque já se calou. Nesses instantes em que ressoava era comensurável, porque então existia uma coisa suscetível de ser medida. Mas mesmo nesses momentos não era estável. Ia esmorecendo e passava. Não seria por acaso esta instabilidade ou movimento o que a tornava mensurável? Com efeito, ao esmorecer, estendia-se por um espaço de tempo pretérito onde seria possível medi-la, já que o presente não tem nenhuma extensão.

Porém, se então era possível medi-la, suponhamos que outra voz começou a ressoar e ainda ressoa numa vibração contínua e de igual intensidade. Meçamo-la enquanto ela ressoa, pois, desde que cesse de vibrar, já será pretérita e não a poderemos medir.

Meçamo-la por conseguinte e calculemos a sua duração. Todavia, ainda soa, e não a podemos avaliar senão desde o seu princípio — em que começou a ressoar — até o fim, quando emudecer, porque todo o intervalo se mede desde certo ponto até um limite determinado. Por este motivo, a voz que ainda não terminou não é suscetível de ser comensurada, de modo que possamos calcular a sua longa ou breve duração. Nem podemos afirmar que seja igual a alguma outra, ou que a sua relação seja simples ou dupla, nem estabelecer qualquer outra proporção. Logo que essa voz cesse,

fica destituída de existência. Então, de que modo poderá ser avaliada? Com efeito, medimos os tempos, mas não os que ainda não existem ou já passaram, nem os que não têm duração alguma, nem os que não têm limites. Não medimos, por conseguinte, os tempos futuros nem os passados, nem os presentes, nem os que estão passando. Contudo, medimos os tempos!

35. Este verso "Deus Creator omnium", de oito sílabas, vai-se alternando com sílabas breves e longas. Quatro breves: a primeira, terceira, quinta e sétima. Estas são simples, comparadas com as quatro longas: a segunda, quarta, sexta e oitava. Cada uma destas tem o dobro de tempo com relação às outras. Assim o noto pelo testemunho dos sentidos. Segundo o que estes me revelam, meço a sílaba longa pela breve e vejo que a longa contém duas vezes a breve. Mas quando soa uma após a outra, se a primeira é breve e a segunda é longa, como hei de reter a breve?

Como hei de aplicar a breve à longa para medir esta, de modo a poder averiguar que a longa tem o dobro de duração? Não é verdade que a longa só começa a ressoar no momento em que a breve tenha cessado?

Também não meço esta mesma sílaba longa enquanto é presente, pois só me é possível medi-la depois de terminada. E, uma vez terminada, passou. Que medirei eu, portanto? Onde está a sílaba breve que me serve de medida? Onde está a longa para eu a medir? Ambas ressoaram, voaram, foram passando e já não existem. Meço-as e, com a certeza que me pode dar a percepção dum sentido, respondo confiadamente que no espaço de tempo uma é simples, outra é dupla. Nem posso dizê-lo senão porque passaram e terminaram. Não as meço, portanto, a elas, que já não existem, mas a alguma coisa delas que permanece gravada na minha memória.

36. Em ti, ó meu espírito, meço os tempos! Não queiras atormentar-me, pois assim é. Não te perturbes com os tumultos das tuas emoções. Em ti, repito, meço os tempos.

Meço a impressão que as coisas gravam em ti à sua passagem,

impressão que permanece, ainda depois de elas terem passado. Meço-a a ela enquanto é presente, e não àquelas coisas que se sucederam para a impressão ser produzida. É a essa impressão ou percepção que eu meço, quando meço os tempos. Portanto, ou esta impressão é os tempos ou eu não meço os tempos.

Quando medimos os silêncios e dizemos que aquele silêncio durou o mesmo tempo que aquela voz, não dirigimos o pensamento para a duração da voz, como se ressoasse ainda, a fim de podermos avaliar no espaço de tempo o intervalo dos silêncios?

Com efeito, quando, sem abrir a boca nem pronunciar palavra, fazemos mentalmente poemas, versos ou qualquer discurso, ou medimos quaisquer movimentos, comparamo-los pelos espaços de tempo e achamos a relação duns com outros como se os pronunciássemos em voz alta.

Se alguém quisesse soltar uma palavra um pouco mais longa e regulasse com o pensamento a sua duração, esse delimitaria o espaço de tempo em silêncio. Confiando-o à memória, começaria a produzir aquela palavra que soa, até atingir o limite proposto. Mas essa voz ressoa e ressoará, pois a parte que esmoreceu sem dúvida já ressoou, e o que resta soará ainda. Vai assim emudecendo pouco a pouco, enquanto a presente atenção do espírito vai lançando o futuro para o passado. Com a diminuição do futuro, o passado cresce até ao momento em que seja tudo pretérito, pela consumição do futuro.

## **28 - O tempo e o espírito.**

37. Mas como diminui ou se consome o futuro, se ainda não existe? Ou como cresce o pretérito, que já não existe, a não ser pelo motivo de três coisas se nos depararem no espírito onde isto se realiza: expectativa, atenção e memória? Aquilo que o espírito espera passa através do domínio da atenção para o domínio da memória.

Quem, por conseguinte, se atreve a negar que as coisas futuras ainda não existem?

Não está já no espírito a expectativa das coisas futuras? Quem pode negar que as coisas pretéritas já não existem? Mas está ainda na alma a memória das coisas passadas. E quem contesta que o presente carece de espaço, porque passa num momento? Contudo, a atenção perdura, e através dela continua a retirar-se o que era presente. Portanto, o futuro não é um tempo longo, porque ele não existe: o futuro longo é apenas a longa expectativa do futuro. Nem é longo o tempo passado porque não existe, mas o pretérito longo outra coisa não é senão a longa lembrança do passado.

38. Vou recitar um hino que aprendi de cor. Antes de principiar, a minha expectativa estende-se a todo ele. Porém, logo que o começar, a minha memória dilata-se, colhendo tudo o que passa de expectativa para o pretérito. A vida deste meu ato divide-se em memória, por causa do que já recitei, e em expectativa, por causa do que hei de recitar. A minha atenção está presente e por ela passa o que era futuro para se tornar pretérito.

Quanto mais o hino se aproxima do fim, tanto mais a memória se alonga e a expectativa se abrevia, até que esta fica totalmente consumida, quando a ação, já toda acabada, passar inteiramente para o domínio da memória.

Ora, o que acontece em todo o cântico, isso mesmo sucede em cada uma das partes, em cada uma das sílabas, em cada ação mais longa — da qual aquele cântico é talvez uma parte — e em toda a vida do homem, cujas partes são os atos humanos. Isto mesmo sucede em toda a história "dos filhos dos homens", da qual cada uma das vidas individuais é apenas uma parte.

## **29 - A unidade do meu ser.**

39. Mas "porque a vossa misericórdia é superior às vidas" confesso-Vos que a minha vida é distensão. "A vossa destra recolheu-me" por meio do meu Senhor, Filho do Homem e Mediador entre Vós, que sois uno, e nós, que, além de sermos muitos em número, vivemos apegados e divididos por muitas coisas. Assim me

unirei por Ele a Vós, a quem, por seu intermédio, fui ligado. Desprendendo-me dos dias em que dominou em mim a "concupiscência", alcançarei a unidade do meu ser, seguindo a Deus Uno.

Esquecerei as coisas passadas. Preocupar-me-ei sem distração alguma, não com as coisas futuras e transitórias, mas com aquelas que existem no presente. "Com fervor de espírito, dirijo-me para a palma da celestial vocação, onde ouvirei o cântico dos vossos louvores e contemplarei a vossa alegria", que não conhece futuro nem passado.

Agora, porém, "os meus anos decorrem entre gemidos". Vós Senhor, consolação minha, sois eternamente meu Pai. Mas eu dispersei-me no tempo, cuja ordem ignoro. Os meus pensamentos, as entranhas íntimas da minha alma são dilacerados por tumultuosas vicissitudes, até ao momento em que eu, limpo e purificado pelo fogo do vosso amor, me una a Vós.

## **30 - Para além dos tempos...**

40. Estarei firme e imutável em Vós na minha forma, na vossa verdade. Não tolerarei as questões dos homens que, devido à enfermidade, castigo da sua culpa, tem mais sede de saber do que permite a sua capacidade. Perguntam: "Que fazia Deus antes de criar o céu e a terra?" Ou também: "Como lhe veio à mente a ideia de fazer alguma coisa, já que antes nunca fizera nada"?

Concedei-lhes, Senhor, a graça de pensarem bem no que dizem e de saberem que não se emprega o advérbio "nunca", onde não existe o tempo. Por conseguinte, dizer que "Deus nunca fizera nada" não é o mesmo que afirmar que Deus, em nenhum tempo, criara coisa alguma? Que eles vejam que nenhum tempo pode existir sem a criação, e deixem essa linguagem oca. Que estendam também o pensamento por aquelas coisas que estão antes, e entendam que Vós sois, antes de todos os tempos, o eterno Criador de todos os tempos. Estes não podem ser coeternos convosco, nem nenhuma outras criaturas, ainda que haja algumas que preexistem aos



tempos.

## **31 - Deus conhece de modo diferente das criaturas.**

41. Que abismo, Senhor, meu Deus, o dos vossos profundos segredos, e quão longe deles me levaram as consequências dos meus delitos! Sarai os meus olhos para me alegrar com a vossa luz! Se realmente existe um espírito dotado de tão grande ciência e presciência que conheça todo o passado e futuro — como eu sei um cântico dos mais vulgarizados — esse espírito é extraordinariamente maravilhoso e vertiginosamente estupendo.

Com efeito, nada se lhe esconde nem do passado nem dos restantes séculos, assim como, quando entoo aquele cântico, não se me escapa o número de estrofes proferidas desde o início, nem as que faltam para chegar ao termo. Mas longe de mim pensar que Vós, Criador do Universo, Criador das almas e dos corpos, longe de mim pensar que conheceis assim todos os segredos futuros e passados. O vosso conhecimento diverge muito do nosso. É extraordinariamente mais admirável e incomparavelmente mais misterioso.

Quando se canta uma melodia conhecida, o afeto varia e o sentimento espraia-se com a expectativa dos sons que estão para vir ou com a recordação dos que passaram. A Vós, que sois imutavelmente eterno, isto é, verdadeiramente eterno Criador das inteligências, não sucede o mesmo. Assim como, sem variar de ciência, conhecestes "no princípio o céu e a terra", assim também "criastes no princípio o céu e a terra", sem modificação alguma da vossa atividade.

Entoe vossos louvores aquele que compreende, e quem não compreende enalteça-Vos também! Oh! Quão sublime sois! Contudo, a vossa morada são os humildes de coração! Levantais os que caíram, e não caem aqueles de quem Vós sois a altura!

# **LIVRO XII - A CRIAÇÃO**

**I — "No princípio criou Deus o céu e a terra" (1-15).**

**II — Como a profundidade das Escrituras é inexaurível (16-32).**

## **1 - A grande tortura.**

1. Senhor, na miséria desta vida, o meu coração, agitado pelas palavras da vossa Sagrada Escritura, anda profundamente inquieto. Por isso, na maior parte dos casos, a pobreza da inteligência humana manifesta-se na abundância de palavras, porque a investigação é mais loquaz no buscar do que no descobrir, o pedir demora mais do que o obter e a mão, batendo à porta, cansa-se mais do que recebendo. Mas temos a vossa promessa, e quem a destruirá? "Se Deus é por nós, quem contra nós?" "Pedi e recebereis; buscai e achareis; batei e abrir-se-vos-á. Com efeito, todo aquele que pede recebe; o que busca, encontra; e a quem bate, abrir-se-á."

Estas são as vossas promessas. Quem temerá ser iludido, quando é a própria Verdade quem promete?

## **2 - Dois céus e duas terras.**

2. A humildade da minha língua confessa a vossa grandeza, porque fizeste o céu e a terra. Sim, criastes este céu que vejo e esta terra que piso e donde tiraste a terra que em mim levo.

Onde está, Senhor, o céu do céu, do qual ouvimos dizer pela voz do Salmista: "O céu do céu é do Senhor, mas deu a terra aos filhos dos homens"? Onde está o céu que não vemos, ante o qual todo

este que vemos é terra? Com efeito, ainda que todo este mundo corpóreo, cujo fundo é a nossa terra, não seja inteiramente belo em todas as suas facetas, contudo, recebeu uma aparência de formosura, mesmo nos seus últimos elementos. Não obstante, em comparação daquele céu do céu, o céu da nossa terra é terra.

Não é, portanto, absurdo dizer que cada um destes dois grandes corpos (o nosso céu e a nossa terra) é terra, se os compararmos àquele céu misterioso que pertence ao Senhor e não aos filhos dos homens.

### **3 - Trevas sobre o abismo.**

3. Não admira, pois, que esta "terra fosse invisível e informe". Reduzia-se a uma espécie de abismo profundo onde não entrava luz, por não ter nenhuma forma. Por isso, mandastes que se escrevesse: "As trevas estavam espalhadas sobre o abismo".

Que são as trevas senão a ausência da luz? Se houvesse luz, onde é que ela poderia existir se não iluminasse nem aclarasse a superfície da terra? E quando a luz ainda não existia, o que era a presença das trevas, senão a ausência da luz?

As trevas reinavam sobre o abismo, porque a luz não brilhava sobre ele, do mesmo modo que reina o silêncio onde não há som. E que significa haver silêncio, senão o não haver som?

Não fostes Vós, Senhor, que ensinastes esta alma que a Vós se confessa? Não me ensinastes, Senhor, que antes de formardes e diferenciardes esta matéria informe, nada existia, nem cor, nem figura, nem corpo, nem espírito? Não era, porém, o nada absoluto. Era antes a massa informe sem figura.

### **4 - A matéria informe.**

4. Que nome darei a esta matéria? Com que sentido e de que modo poderei dá-la a conhecer a inteligências curtas, a não ser por meio de algum vocábulo já usado? E pode acaso descobrir-se, em todas

as partes da terra, alguma coisa mais parecida com essa deformidade total do que a terra e o abismo? Na verdade, em razão do seu grau ínfimo de ser, a terra e o abismo são menos formosos que os outros corpos superiores, tão brilhantes e tão belos!

Então, por que não hei de admitir esta matéria informe comodamente manifestada aos homens pelo nome de "terra invisível e ordenada" que criastes sem beleza, para dela fazerdes um mundo belo?

## **5 - Sua natureza.**

5. Quando o nosso pensamento, ao procurar saber o que os nossos sentidos atingem a respeito desta matéria informe, se responde a si mesmo: "Não é uma forma inteligível como a vida nem como a justiça, porque ela é matéria corpórea; nem mesmo forma sensível, porque o que se vê e se sente não pode ser invisível e informe"; quando o pensamento humano se diz estas coisas, procura conhecê-la, ignorando-a, ou ignorá-la, conhecendo-a?

## **6 - O conceito da matéria informe.**

6. Senhor, se pela boca e pela pena Vos confessar tudo o que acerca desta matéria me ensinastes, tenho a dizer-Vos que não percebia nada quando outrora ouvia pronunciar este nome a pessoas que também nada entendiam. Imaginava-a sob numerosas formas diversas, sem conseguir concretizá-la na imaginação. O meu espírito revolvía em imensa desordem formas hediondas e horríveis. Mas, enfim, sempre eram formas. Chamava informe a essa matéria não porque não tivesse forma, mas por ser tal que, se me aparecesse assim tão insólita e imprópria, ela afastaria os meus sentidos e perturbaria a minha fraqueza de homem.

O que eu imaginava era informe, não por carência de toda forma, mas por comparação com as formas mais belas. Mas a verdadeira razão persuadia-me a que, se quisesse imaginar um ser informe, o abstraísse de todas as minudências de forma. Não me era possível,

porque mais depressa julgava como inexistente o que não tinha forma do que concebia um meio-termo entre a forma e o nada, que não fosse nem forma, nem nada, mas um ser informe próximo do não ser.

A minha inteligência, então, cessou de interrogar a imaginação cheia de imagens de formas corpóreas que ela, a seu arbítrio, ia mudando e variando. Fixei a atenção nos mesmos corpos, analisando mais profundamente a sua mutabilidade, pela qual deixam de ser o que tinham sido, para começarem a ser o que não eram. Suspeitei de que esta transição duma forma para a outra se fazia por meio de qualquer ser informe, e não pelo nada absoluto.

Mas o que eu desejava era saber, e não suspeitar. Se a minha voz e a minha pena Vos confessassem todos os nós que nesta questão me desatastes, quem dos meus leitores seria capaz de me compreender? Por isso, o meu coração não cessará de Vos honrar, com um cântico de louvor por tudo aquilo que não consigo exprimir com palavras.

A própria mutabilidade das coisas mudáveis é capaz de tomar todas as formas em que se transfiguram as coisas mudáveis. O que é ela? Um espírito? Um corpo? Uma espécie de espírito ou de corpo? Se pudéssemos dizer: "certo nada, que é e não é" — eis o nome que lhe daria. Mas tinha de existir de qualquer maneira, para poder tomar estas formas visíveis e complexas.

## **7 - A criação do céu e da terra.**

7. Se a mutabilidade existia, donde provinha senão de Vós, de quem todas as coisas recebem o ser, de qualquer modo que elas sejam? Tanto mais longe estão de Vós quanto mais diferentes são de Vós. Porém, tal distância não é espacial.

Vós, pois, Senhor, que não sois umas vezes uma coisa, e outras outra, mas o mesmo, o mesmo, sempre o mesmo, o "Santo, Santo, Santo, o Senhor" Deus onipotente, Vós, no princípio que procede de Vós, e na Sabedoria que procedeu de vossa substância, criastes alguma coisa do nada.

Criastes, sim, o céu e a terra, sem os tirardes de Vós. Doutro modo, seriam iguais ao vosso Filho Unigênito, e, por isso mesmo, iguais também a Vós. Ora, de modo nenhum seria justo que fosse igual a Vós o que não é da vossa substância.

Nada havia, fora de Vós, com que os pudésseis criar, ó Trindade Una e Unidade Trina. Do nada, pois, fizestes o céu e a terra, àquele, grande, e a esta, pequena, porque sois onipotente e bom para criardes tudo bom: um céu grande e uma terra pequena. Só Vós existíeis, e nada mais. Deste nada fizestes o céu e a terra, duas coisas: uma perto de Vós, outra perto do nada; uma que só a Vós tem como superior, outra que nada tem inferior a ela.

## **8 - O princípio do mundo visível.**

8. Mas este "céu do céu" pertence-Vos, Senhor. A terra que destes aos filhos dos homens para a verem e tocarem não era como agora a vemos e tocamos. Era invisível e informe. Era um abismo sobre o qual não havia luz. As trevas estendiam-se sobre o abismo, isto é, mais do que se estivessem no abismo. Sim, porque este abismo das águas, agora visíveis, tem ainda nas suas entranhas uma espécie de luz, de algum modo sensível aos peixes e aos animais que se arrastam no fundo. Mas tudo isto era um quasenada, pois que ainda era absolutamente informe; porém já era um ser capaz de ter forma.

Criastes, portanto, Senhor, o mundo, da matéria informe. Criastes do nada este quase nada, donde, depois, fizestes as grandes coisas, que nós, os filhos dos homens, admiramos. De fato, é verdadeiramente admirável este céu corpóreo, este firmamento que separa umas águas das outras, por Vós criado, no segundo dia, depois da luz, quando dissestes: "Faça-se, e assim se fez".

Chamastes céu ao firmamento chamastes céu ao céu desta terra e deste mar que criastes no terceiro dia, dando uma forma visível à matéria informe que tínheis criado antes de haver dia. Já anteriormente a este, tínheis criado outro céu, que era o céu do céu, porque no princípio criastes o céu e a terra. Porém, esta

mesma terra a que destes o ser era matéria informe, por ser invisível e informe e por se estenderem as trevas sobre o abismo.

Desta terra invisível e informe, deste caos, deste quase nada, fizestes tudo aquilo de que é formado (ou não) o mundo mutável onde aparece esta mobilidade, na qual se pode sentir e medir o tempo. Este é feito das mudanças das coisas, enquanto variam e se transformam as formas cuja matéria, como já disse, é terra invisível.

## **9 - O caos transcende o tempo.**

9. E por isso o Espírito, Mestre do vosso servo, quando recorda que no princípio criastes o céu e a terra, cala-se perante o tempo. Fica em silêncio perante os dias.

O céu do céu, criado por Vós no princípio, é, por assim dizer, uma criatura intelectual, que, apesar de não ser coeterna convosco, ó Trindade, participa contudo da vossa eternidade.

Conserva-se totalmente imóvel pela doçura que sente em Vos contemplar na suprema felicidade. Sem movimento nenhum desde que foi criada, permanece sempre unida a Vós, ultrapassando, por isso, todas as volúveis vicissitudes do tempo.

Porém, este caos, esta terra invisível e informe não foi numerada entre os dias.

Onde não há nenhuma forma nem nenhuma ordem, nada vem e nada passa; e onde nada passa, não pode haver dias nem sucessão de espaços de tempo!

## **10 - Invocação à Verdade.**

10. Ó Verdade, Luz do meu coração, não me falem as minhas trevas. Por elas me deixei escorregar, e obscureci-me. Mas, mesmo no fundo desse abismo, sim, desse abismo, amei-Vos. "Errei, mas recordei-me de Vós. Ouvei atrás de mim a vossa voz" a exortar-me a que voltasse. Porém dificilmente a podia ouvir, por

causa do tumulto dos turbulentos.

Agora, ardente e anelante, volto à tua frente. Ah! Ninguém me impeça; beberei, e assim viverei. Oxalá eu não seja a minha própria vida! Por minha culpa, mal vivi; causei-me a morte. Em Vós revivo. Falai, conversai comigo. Acreditei nos vossos Livros, cujas palavras encerram grandes mistérios.

## **11 - Revelastes-me. . .**

11. Já dissestes, Senhor, com voz forte, aos meus ouvidos interiores, que sois eterno e que só Vós possuis a imortalidade, porque não mudais sob o aspecto de forma ou de movimento. A vossa Vontade não varia com o tempo, porque uma vontade mutável não pode ser imortal. Vejo claramente esta verdade na vossa presença. Peço-Vos que a veja cada vez mais claramente e que, debaixo das vossas asas, persista com sobriedade neste conhecimento.

12. Igualmente, dissestes, Senhor, com voz forte, aos meus ouvidos interiores, que todas as naturezas e substâncias que não são o que Vós sois, mas existem, foram criadas por Vós. Só não veio de Vós o que não existe, bem como o movimento da vontade que se afasta de Vós, Ser Supremo, para se rebaixar ao menos ser, porque tal movimento é delito e pecado.

Dissestes-me que nenhum pecado Vos prejudica ou perturba a ordem do vosso império no sumo como no ínfimo. Vejo claramente esta verdade na vossa presença. Peço-Vos que a veja cada vez mais claramente e que, protegido pelas vossas asas, persista com sobriedade neste conhecimento.

Ainda dissestes, com voz forte, aos meus ouvidos interiores, que aquela criatura cujo deleite sois Vós também não é coeterna convosco. Dissestes que ela goza de Vós em castidade firme e perseverante; que nunca mostra em parte nenhuma a sua mutabilidade natural; que Vos tem sempre presente e se conserva sempre unida a Vós com todo o afeto; que não tem nada a esperar do futuro, nem fatos passados a recordar; que, enfim, não varia



com as vicissitudes nem se distende no tempo.

Se tal criatura existe, oh! Como é feliz por estar unida à vossa Felicidade, tendo-Vos como seu eterno habitador e iluminador! Nada encontro que mais naturalmente se possa chamar "céu do céu que pertence ao Senhor", do que a vossa Habitação, que contempla as vossas delícias sem nenhum defeito que a arraste para outra parte. Ela é alma pura, entranhadamente unida, por um laço de paz, aos Santos Espíritos, cidadãos da vossa cidade, situada no céu que está acima do nosso céu.

13. Se a alma que peregrinou longe de Vós já teve sede de Vós; "se as suas lágrimas foram para ela o pão, quando todos os dias lhe dizem: onde está o teu Deus?"; se pede e busca unicamente a graça de habitar em vossa casa todos os dias durante toda a sua vida. E quem é a sua vida senão Vós? Que são os vossos dias senão a vossa eternidade, ou que são os vossos anos que não acabam em razão de serdes sempre o mesmo? Essa alma compreenda, se pode, como é que sois eterno, inteiramente superior a todos os tempos.

Vossa Casa, que nunca se afastou de Vós, apesar de não ser eterna como Vós, não sofre as vicissitudes do tempo, pelo fato de Vos estar incessante e indefectivelmente unida!

Vejo claramente esta verdade na vossa presença. Peço-Vos que a veja cada vez mais claramente, e que, protegido pelas vossas asas, persista com humildade neste conhecimento.

14. Não sei que infirmitade vejo nas mudanças das últimas e ínfimas criaturas. E quem mo poderá dizer senão aquele que, com suas imaginações, divaga e se revolve nas frivolidades do coração? Quem, senão este, me ousará dizer que a infirmitade poderia significar as vicissitudes do tempo, contanto que todas as formas diminuíssem e se consumissem, ficando só esta massa informe, que faz com que todas as coisas se mudem e se transformem ora numa ora noutra forma? Esta hipótese é absolutamente impossível, porque não há tempo sem variedade de movimentos; nem há variedade alguma onde não há nenhuma forma.

## **12 - Duas criaturas prescindem do tempo.**

15. Enquanto mo permitistes, meditei, ó meu Deus, nestas verdades. Durante elas, excitastes-me a bater à porta, e abristes-ma. Ora, após essas reflexões, encontrei duas criaturas que não estão sujeitas ao tempo, apesar de nenhuma delas Vos ser coeterna; uma de tal modo é formada que goza da vossa eternidade e imutabilidade, sem nunca cessar de Vos contemplar nem sofrer intervalo de mudança alguma, ainda que seja mutável por natureza. A outra é tão informe, que não pode mudar de forma nem no movimento nem no estado de repouso. É-lhe impossível estar sujeita ao tempo. Mas não permitistes que ficasse informe porque, antes de qualquer dia, criastes no princípio o Céu e a TERRA, as duas criaturas a que me referia.

Mas "a terra era invisível, desorganizada; e as trevas cobriam a face do abismo". Estas palavras insinuam a ideia de matéria informe, para se instruírem gradualmente aqueles que não podem conceber que uma coisa possa ser privada de toda espécie de forma, sem estar contudo reduzida a nada. Desta matéria informe é que nasceriam este outro céu, e esta outra terra visível e organizada, esta água cristalina e, enfim, tudo o que na criação do mundo foi feito em dias sucessivos, como se recorda na Bíblia. Com efeito, todas estas criaturas estão de tal modo constituídas que, devido às mudanças ordenadas dos movimentos e das formas, se realizam nelas alternativas dos tempos.

## **13 - Interpretação das primeiras palavras bíblicas.**

16. "No princípio criou Deus o céu e a terra; a terra, porém, era invisível e desorganizada; e as trevas cobriam a face do abismo."

Quando ouço, ó meu Deus, estas palavras da Escritura, e noto que não se faz referência ao dia em que os criastes, interpreto-as deste modo: "o céu do céu" é o céu intelectual, onde a inteligência conhece simultaneamente e não por partes, nem por enigmas ou

como em espelho, mas inteiramente, com toda a clareza, face a face.

Conhece, não agora uma coisa, logo outra, mas, como já disse, simultaneamente, sem vicissitude de tempo. A terra invisível e desorganizada é a massa informe, sem aquela alternativa de tempo que costuma fazer com que as coisas tenham ora isto, ora aquilo, porque onde não há forma, também não existe "isto e aquilo".

Sem mencionar o dia, diz a vossa Escritura: "No princípio criou Deus o céu e a terra". Sobre estes dois elementos, "céu e terra", o primeiro formado desde o princípio, e o segundo inteiramente informe, eis a minha opinião: céu significa o céu do céu; e terra quer dizer a terra invisível e desorganizada. Por isso a Escritura ajuntou imediatamente a que terra se referia. Já ao narrar que no segundo dia foi criado o firmamento que se chama céu, dá a entender a que céu se referia antes, quando não mencionou o dia.

## **14 - A profundidade da Escritura.**

17. Oh! Que admirável profundidade das vossas palavras! Como a sua face nos acaricia como as crianças! Oh! Que admirável profundidade, ó meu Deus, que admirável profundidade! Atemoriza-nos lançar os olhos para ela: temor de respeito e temor de amor!

Odeio com veemência os seus inimigos. Oh! Se os matásseis com uma espada de dois gumes, para que desaparecessem! O meu desejo era vê-los morrer a si mesmos, a fim de viverem para Vós!

Outros, então, apresentam-se não como críticos, mas como panegiristas do Gênesis.

Dizem eles: "O Espírito de Deus, que, por meio de seu servo Moisés, escreveu estas palavras, não quis de maneira nenhuma dar-lhes esse sentido com que o interpreta, mas este outro que nós lhe damos".

Eis, ó Deus de todos nós, a resposta que dou a esses intérpretes, tomando-Vos por Árbitro.

## 15 - Em discussão.

18. Atrever-vos-eis a apontar como falso o que a Verdade, com voz clara, comunica ao ouvido da minha alma, acerca da verdadeira eternidade do Criador? Direis que a sua substância nunca varia com o tempo nem jamais a sua vontade prescinde da sua substância? Deste princípio se deduz que Deus não quer ora isto, ora aquilo, mas que o que uma vez quis, simultaneamente e para sempre o quer. Não pode querer repetidas vezes nem querer agora uma coisa, e logo outra, nem querer depois o que antes não queria ou deixar de querer o que queria, porque tal vontade, sendo mutável, não é eterna; ora, o nosso Deus é eterno.

Mais ainda. Essa voz que fala ao ouvido interno da minha alma declara-me que a expectativa das coisas futuras passará a ser intuição, quando se cumprirem. A sua intuição transformar-se-á em memória, depois de se realizarem. Mas todo o pensamento que assim varia, é mutável, e o mutável não é eterno; ora, o nosso Deus é eterno.

Condensando e reunindo todas estas verdades, deduzo que o meu Deus, o Deus eterno, não criou o mundo por um novo ato de vontade, e que nem a sua ciência pode sofrer alguma transição.

19. Que me respondeis, ó contraditares? São falsas estas coisas? "Não", respondem. Então quê? Porventura é falso que toda criatura revestida de forma, ou toda matéria capaz de forma só existem por Aquele que, por ser o Ente supremo, é soberanamente bom? "Também não", dizem eles. Então, que negais? Talvez o que afirmei da existência duma criatura sublime unida ao Deus verdadeiro e verdadeiramente eterno, por um amor tão puro? Essa, apesar de lhe não ser coeterna, não pode separar-se dele nem derivar para a variedade ou vicissitude do tempo, mas descansa apenas na contemplação da sua verdade. Essa criatura, amando-Vos quanto Vós lhe mandais, não se afasta de Vós para si mesma, porque Vós, ó meu Deus, lhe mostrais a face e a saciais. Ela é a casa de Deus, mansão que não é terrena nem sequer formada de matéria celeste ou corpórea, mas espiritual e participante da vossa eternidade,

porque permanece eternamente imaculada. Vós a fundastes pelos séculos dos séculos. Fixastes-lhe uma ordem que não passará jamais. Porém, essa habitação não Vos é coeterna, ó meu Deus, porque teve princípio. Foi criada.

20. É certo que antes dela não descobrimos o tempo, porque a sabedoria foi criada anteriormente a todas as coisas. Não me refiro, é claro, àquela Sabedoria de que Vós, ó meu Deus, sois Pai, e que é coeterna convosco, igual a Vós, pela qual todas as coisas são criadas, e em cujo Princípio fizestes o céu e a terra, mas simplesmente a esta sabedoria criada, quer dizer, a esta natureza intelectual que é luz pela contemplação da luz, e é chamada também sabedoria, ainda que criada.

Porém, a diferença que há entre a Luz que ilumina e a luz iluminada é tão grande como a que separa a Sabedoria criadora da sabedoria criada, ou como a que distingue a Justiça justificante da justiça feita em nós pela justificação. Nós somos também chamados a vossa Justiça. Diz um vosso servo: "Para que em Cristo nos tornemos a justiça de Deus". Portanto, antes de tudo, criastes uma sabedoria criada, espírito racional e intelectual que habita na vossa casta Cidade.

Esta última é nossa mãe, que está lá no alto, livre e eterna nos céus, e em que céus senão nos céus dos céus que Vos louvam, por serem o céu do céu que pertence ao Senhor? Se não encontramos o tempo antes dessa sabedoria, por ter sido também criada antes de todas as coisas e preceder a criação do tempo, então é evidente que existe antes dela a eternidade do Criador. Deste recebeu a origem, não no tempo, porque ainda não existia, mas na sua própria condição de ente criado.

21. A sabedoria criada procede, portanto, de Vós, ó meu Deus, apesar de ser inteiramente diferente de Vós e de ser doutra natureza. Não encontramos o tempo, não só antes dela, mas nem sequer nela, porque é suscetível de contemplar eternamente a vossa face, sem jamais dela se apartar, tornando-se, assim, inacessível a toda variação.

Contudo, é-lhe inerente a mesma mutabilidade que a entenebreceria e enregelaria, se não Vos estivesse unida por um grande amor, brilhando sempre como a luz do meio-dia, e refervendo ao contato do calor que de Vós recebe. Ó casa resplandecente e pura, amei a tua beleza e o lugar da habitação da glória do meu Senhor, que te criou e possui. Por ti suspiro no meu exílio, pedindo ao teu Criador que também me possua dentro de ti, porque também a mim me criou. Andei errante como a ovelha desgarrada, mas espero ser reconduzido, para dentro de ti, aos ombros d'Aquele que é o meu Pastor e teu arquiteto.

22. Que me respondeis, ó contraditores e meus interlocutores? Que me podeis responder, se acreditais em Moisés — o piedoso servo de Deus — e nos seus Livros, oráculos do Espírito Santo? Não é esta a casa de Deus, que, apesar de não ser coeterna com Deus, é, a seu modo, eterna nos céus, onde procurais as vicissitudes dos tempos, mas em vão, porque as não podeis encontrar? Ela transcende toda a extensão e todo o espaço volúvel do tempo. A sua felicidade consiste em estar sempre unida a Deus.

"É certo", dizem eles.

Então, qual destas verdades proclamadas ante o meu Deus pelo meu coração, quando escutava no seu interior a voz dos seus louvores, podeis apontar como falsa? O ter afirmado que a matéria era informe, e que nela não podia haver ordem, porque não tinha forma? Mas olhai que onde não havia ordem também não podia haver vicissitude de tempo. Mas este quase nada, visto não ser um nada absoluto, provinha, é certo, d'Aquele de quem nasce tudo o que de qualquer modo existe.

"Também te não contestamos isso", respondem eles.

## **16 - Adversários rejeitados.**

23. Quero, ó meu Deus, conversar um pouco, na vossa presença, só com aqueles que reconhecem como verdadeiras todas estas iluminações que a vossa Verdade não esconde ao meu espírito.

Os outros, que a negam, ladrem para aí quanto quiserem, até enrouquecerem. Pela minha parte, esforçar-me-ei por persuadi-los a que acalmem e deem acesso, em seus corações, às vossas palavras. Se recusarem e me repelirem, peço-Vos, ó meu Deus, que não sejais surdo aos meus rogos. Falai ao meu coração a linguagem da Verdade, pois só Vós assim falais. Deixá-los-ei fora a soprar o pó, e a levantar a terra contra os próprios olhos. Entrarei no recinto do coração e cantar-vos-ei hinos de amor, soluçando inefáveis gemidos, neste lugar do meu desterro, recordando Jerusalém, minha Pátria e Mãe, e para Vós, que sois o seu Rei, o seu Iluminador, o seu Pai, Defensor, Esposo, as suas castas e perpétuas delícias, a firme alegria, numa palavra, todos os bens inefáveis, porque sois único, sumo e verdadeiro Bem.

Não me apartarei de Vós, enquanto me não reunirdes todas as partes do meu ser, dispersas e deformadas, para que assim, ó meu Deus e misericórdia minha, me conformeis e estabeleçais na paz desta mãe tão amada (a Jerusalém celeste), onde estão as primícias do meu espírito e donde me vêm estas certezas.

A todos aqueles que não têm como falsas todas estas verdades, e, pelo contrário, as veneram conosco, elevando ao cume da autoridade a vossa Sagrada Escritura, ditada (em parte) por Moisés, e que não obstante nos contradizem nalguns pontos, dirijo estas palavras: ó meu Deus, sede Vós o árbitro entre as minhas confissões e as suas contradições.

## **17 - Opiniões diversas.**

24. Dizem eles: "Apesar de as tuas afirmações serem verdadeiras, contudo, não era isso o que Moisés queria significar quando disse, por inspiração do Espírito Santo: no princípio criou Deus o céu e a terra. Com o nome céu não quis exprimir essa criatura espiritual ou intelectual que sempre contempla a face de Deus; nem com o vocábulo terra quis significar a matéria informe".

Então?

"Moisés", respondem eles, "quis exprimir precisamente o que nós

afirmamos. Foi isso o que ele declarou com tais palavras".

Isso, o quê?

"Com as palavras céu e terra quis primeiramente significar, numa expressão breve e resumida, todo este mundo visível, para depois classificar, pela enumeração dos dias, ponto por ponto, tudo o que ao Espírito Santo agradou enunciar assim. Moisés dirigia-se a homens que constituíam um povo rude e carnal; por isso julgou oportuno revelar-lhes só as obras visíveis de Deus."

Portanto, os meus adversários concedem-me que "por terra invisível e desorganizada e tenebroso abismo" — os princípios de que foram sucessivamente criadas as coisas visíveis que todos conhecem — posso, sem perigo de contradição, entender a matéria informe de que falei.

25. E se alguém disser que este caos e esta deformidade da matéria foram sugeridos primeiramente sob o nome de céu e terra, por se ter fundado e aperfeiçoado nestes dois elementos o mundo visível, que se costuma designar por céu e terra, com todas as naturezas que nele tão claramente aparecem?

E se alguém propuser a hipótese de que as naturezas visíveis (da terra) e as invisíveis (do céu) não se chamam impropriamente céu e terra, e que, portanto, todos os seres criados por Deus na Sabedoria, isto é, no Princípio, estão compreendidos igualmente nestes dois vocábulos? Porém, como não foram feitos da mesma substância de Deus, mas tirados do nada, e porque não são a mesma coisa que Deus, todos estão sujeitos a certa mutabilidade, quer permaneçam como a eterna mansão de Deus, quer mudem, como a alma e o corpo do homem.

A matéria, comum a todas as coisas visíveis e invisíveis, até então informe, mas certamente suscetível de forma, donde se fariam o céu e a terra, isto é, as duas criaturas já formadas, a invisível e a visível, foi designada pelas expressões de "terra visível e desordenada", e "trevas sobre o abismo". Há apenas uma distinção a fazer: por "terra invisível e desordenada" entende-se a matéria corporal antes de ser qualificada pela forma; e "por trevas sobre o



abismo" entende-se a matéria espiritual antes de Deus lhe reprimir aquela imoderação fluida e antes de a iluminar com a sabedoria.

26. Outro, se quiser, ainda pode defender esta opinião: as palavras "céu e terra", que se leem no Gênesis, quando diz: "No princípio criou Deus o céu e a terra", não designam as naturezas invisíveis ou visíveis já perfeitas e formadas, mas sim matéria informe, significada nesses termos. Essa matéria seria o princípio dos seres que se haviam de formar e criar, porque estes já nela existiam confusamente, se bem que ainda não diferenciados pelas qualidades e formas. Ora, esses seres dispostos por suas ordens chamam-se céu e terra: uma criatura corporal, e o outro, espiritual.

## **18 - Interpretações legítimas.**

27. Ouvidas e consideradas todas estas teorias, quero evitar questões de palavras que para nada aproveitam, senão para confusão dos ouvintes. Porém a Lei é boa para edificação, se se usa legitimamente, porque a Lei tem por fim a caridade nascida dum coração puro, duma consciência reta e duma fé não fingida. Nem se devem esquecer os dois preceitos em que o nosso Mestre resumia toda a lei e os profetas. Ora, se eu confesso ardentemente esses preceitos, ó meu Deus, Luz dos meus olhos na escuridão, que me interessa que se deem sentidos diferentes àquelas palavras, se todos são verdadeiros? Sim, que me interessa que outro tenha uma opinião diferente da minha, se julga ser esse o verdadeiro pensamento do Escritor?

Nós todos os que o lemos esforça-mo-nos por indagar e compreender o pensamento do autor. Quando o temos por verídico, não ousamos imputar-lhe, como dito por ele, nada do que sabemos, ou julgamos ser falso. Contanto que cada um se esforce por interpretar bem as passagens da Sagrada Escritura conforme a ideia daquele que as escreveu, que mal há em interpretá-las noutro sentido, se Vós, ó Luz de todas as mentes sinceras, lho mostrais como verdadeiro? Que mal há nisso, se o autor que lemos só teve em vista a verdade, apesar de não ter dado ao texto este segundo

sentido?

## **19 - Interpretações únicas.**

28. É verdade, Senhor, que criastes o céu e a terra. É verdade que o Princípio é a vossa Sabedoria em que criastes todas as coisas.

É também verdade que este mundo visível se compõe de duas grandes partes: "o céu e a terra" — breve síntese de todas as naturezas criadas e constituídas. É ainda verdade que tudo o que é mutável apresenta ao nosso pensamento o conceito duma massa informe, capaz de tomar forma, de se mudar, ou de se transformar.

É verdade que um ser de si mutável, se está inerente a uma forma imutável, não se pode mudar nem submeter-se ao tempo. É verdade que a massa informe, que afinal é quase o nada, não pode sofrer as alternativas do tempo. É verdade que a matéria, de que se faz uma coisa, pode já ter, se assim nos podemos exprimir, o nome do objeto que dela resulta, e portanto também se pode chamar "céu e terra" àquela matéria informe donde foram criados o céu e a terra. É verdade que, de todas as coisas revestidas de forma, nada se aproxima mais do informe do que a terra e o abismo.

É verdade que Vós, origem de todas as coisas, fizestes não só o que foi criado e formado, mas também o que é criável e formável. Finalmente, é verdade que tudo o que se forma do informe é, ao princípio, informe, e só depois é que recebe forma.

## **20 - Interpretações arbitrárias.**

29. A todas estas verdades, de que não duvida nenhum daqueles que de Vós recebeu a graça de as ver com o olhar íntimo da alma, crendo firmemente que o vosso servo Moisés falou em espírito de verdade, há quem lhes dê esta interpretação: as palavras "no princípio fez Deus o céu e a terra" querem dizer que Deus criou, no seu Verbo, que lhe é coeterno, o mundo racional e sensível, ou espiritual e corporal.

Outro diz: "No princípio fez Deus o céu e a terra", isto é, Deus criou, no seu Verbo, que lhe é coeterno, toda esta massa do mundo corpóreo, com tudo o que ele contém de realidades manifestamente conhecidas.

Outro afirma: "No princípio criou Deus o céu e a terra" quer dizer que Deus fez no seu Verbo, que lhe é coeterno, a matéria informe das criaturas espirituais e corporais.

Sustenta outro: "No princípio criou Deus o céu e a terra" significa que Deus criou no seu Verbo, que lhe é coeterno, a matéria informe da criatura corporal, onde, então, residiam confundidos o céu e a terra, que agora vemos já diferenciados e moldados nesta grande estrutura do mundo.

E ainda outro: "No princípio criou Deus o céu e a terra" quer dizer que Deus, quando começou a atuar e a operar, criou a matéria informe que em si continha confusamente o céu e a terra, que agora nos surgem e aparecem já formados, com tudo o que neles existe.

## **21 - Segundo versículo do Gênesis.**

30. Do mesmo modo, pelo que pertence à interpretação das palavras que vêm a seguir, entre as muitas opiniões verdadeiras, uns escolhem esta: as palavras "a terra era invisível e em desordem, e as trevas estavam sobre a face do abismo" significam que aquela massa corpórea que Deus fez era ainda a matéria informe das coisas corpóreas, sem ordem nem luz.

Outros dizem: "A terra era invisível e sem ordem, e as trevas estavam sobre a face do abismo" quer dizer que tudo o que se chama céu e terra era ainda a matéria informe e tenebrosa donde haviam de sair o céu corpóreo e a terra também corpórea, com tudo o que neles existe, apreendido pelos nossos sentidos corporais.

Outros optam por esta interpretação: "A terra era invisível e sem ordem, e as trevas estavam sobre a face do abismo" significa que tudo o que se chamou "céu e terra" era ainda matéria informe e

tenebrosa, donde haviam de sair o céu inteligível — ou, por outras palavras, o céu do céu — e a terra, que era toda a natureza corpórea, entendendo igualmente sob este nome o céu material. Dessa matéria haviam de sair todas as criaturas invisíveis e visíveis.

Outros propõem: Com as palavras "a terra era invisível e sem ordem, e as trevas estavam sobre o abismo" não quis a Escritura chamar "céu e terra" a essa massa informe, pois ela já existia. Dessa massa informe chamada "terra invisível e desorganizada, e abismo tenebroso", Deus criou o céu e a terra, ou seja, as criaturas corporais e espirituais, como foi dito anteriormente ao afirmar-se que da matéria informe Deus criara o céu e a terra.

Outros dizem: "A terra era invisível e sem ordem, e as trevas estavam sobre o abismo" significa que essa massa informe era já a matéria de que Deus, como diz a Escritura anteriormente, formou o céu e a terra, ou, por outros termos, toda esta mole corpórea do mundo, dividida em duas grandes partes: a superior e a inferior, com todas as criaturas nelas existentes, que conhecemos e de que nos servimos.

## **22 – Objeções.**

31. Poderia alguém tentar opor às duas últimas opiniões esta objeção: Se não quereis dar o nome de "céu e terra" a esta matéria informe, havia portanto alguma coisa que Deus não tinha feito de que formou o céu e a terra, visto que a Escritura não referiu que Deus tivesse feito essa matéria — a não ser que a queiramos compreender na designação de céu e terra ou no simples nome de "terra" quando se diz: "No princípio criou Deus o céu e a terra". E assim, ainda que nos agrade chamar matéria informe à que é designada por estas palavras que se seguem: "A terra era invisível e sem ordem", contudo, por "terra" não devemos entender outra além da que Deus fez conforme ao que está escrito: "Fez Deus o céu e a terra".

Os que quiserem sustentar estas duas opiniões que pus em último lugar, ou qualquer delas, responderão, ao ouvir estas palavras,

dizendo: Não negamos, na verdade, que esta matéria informe tenha sido feita por Deus, de quem descem todas as coisas tão excelentes. Com efeito, dizemos que o que foi criado e formado é um bem maior, assim como também confessamos que o que é meramente criável e formável constitui um bem menor, mas, enfim, um bem. Muito embora a Escritura não ateste que Deus fez esta massa informe, muitas outras coisas há de que ela também não fala, como dos Querubins, dos Serafins e dos espíritos que o Apóstolo claramente denomina Tronos, Dominações, Potestades, embora seja manifesto que Deus os criou.

"E, se tudo se quer compreender nas palavras 'fez o céu e a terra', que dizer então das águas sobre que pairava o Espírito de Deus? Se tudo pretendemos compreender na palavra 'terra', como é que no nome da 'terra' se pode conceber a matéria informe, quando vemos tanta beleza no mar? Se aquela realmente lá está compreendida, porque é que está escrito que desta massa informe foi formado o firmamento que se chamou céu, sem se declarar que também assim foram formadas as águas, que, longe de serem informes e invisíveis, contemplamos em caudais tão lindos? Se receberam esta formosura quando Deus disse: 'Reúnam-se as águas que estão debaixo do firmamento', e se as embelezou ao reuni-las, que dizer das águas que estão sobre o firmamento? Se fossem ainda informes, não teriam recebido um lugar tão honroso. Nem está escrito com que palavras foram formadas."

Ora, não repugna à fé sã nem à inteligência clara que o Gênesis passasse em silêncio alguma coisa das que Deus criou, nem ousa nenhuma doutrina séria sustentar que as águas são coeternas com Deus, pelo fato de as ouvirmos mencionadas no Livro do Gênesis, embora sem referência ao dia em que foram criadas. Logo, por que motivo não entendemos, como no-lo ensina a verdade, que esta massa informe chamada pela Escritura "terra invisível, desorganizada e abismo tenebroso", a fez Deus do nada, e que, por isso, não lhe é coeterna, ainda que a narração bíblica deixe de referir o momento preciso em que foi criada?

## **23 - Duas espécies de questões.**

32. Tenho ouvido e meditado estas teorias, segundo mo permite a debilidade do meu entendimento. Eu Vo-la confesso, meu Deus, se bem que a conheceis! Vejo que duas espécies de questões se podem originar, quando uma coisa é enunciada por intérpretes fidedignos: uma é sobre a veracidade das afirmações em si mesmas; outra, se eles, os intérpretes, estão em desacordo com a intenção do que as enuncia. Uma coisa é inquirir a verdade sobre a criação, outra, procurar saber o que Moisés, egrégio confidente da vossa Fé, quis significar a quem o lê ou escuta.

Quanto ao primeiro problema, afastem-se de mim todos os que têm como verdadeiras essas suas falsidades. Quanto ao segundo, retirem-se também da minha presença os que atribuem essas falsas doutrinas a Moisés como tendo sido proferidas por ele. Possa eu associar-me e deliciar-me em Vós, Senhor, com aqueles que se alimentam com a vossa Verdade, na amplidão da Caridade. Aproximemo-nos simultaneamente das palavras do vosso Livro, procurando nelas o sentido genuíno do vosso Pensamento, segundo a intenção do vosso servo, por cuja pena as revelastes.

## **24 - O pensamento de Moisés.**

33. Entre tantas opiniões verdadeiras que ocorrem aos intérpretes destas palavras compreendidas ora duma maneira ora doutra, quem de nós encontrou o verdadeiro sentido, de tal modo que possa determinar com segurança o pensamento de Moisés e o significado das suas narrações? Com que segurança esse tal o pode afirmar como verdade, quer Moisés tenha pensado isso quer tenha pensado outra coisa?

Eu, vosso servo — meu Deus, eu Vo-lo manifesto! —, determinei consagrar-Vos nestas páginas o sacrifício da minha confissão. Peço à vossa misericórdia que se realize este meu desejo. Senhor, eis que eu proclamo confiadamente que tudo, o visível e invisível, foi criado por Vós, no vosso Verbo imutável. Mas posso eu dizer com a

mesma certeza que foi esta, e não outra, a intenção de Moisés, ao escrever: "No princípio criou Deus o céu e a terra"? Se bem que me persuado de que isto é certo na vossa Verdade, não vejo, porém, qual fosse o pensamento do seu espírito, ao escrever tais palavras. Pôde ele, de fato, referir-se ao começo da criação, quando disse: "No princípio".

Pôde voluntariamente significar nesta passagem, por "céu e terra", não uma natureza, ou espiritual ou corporal, já perfeitamente constituída, mas uma e outra, ainda incipientes e informes. Vejo que verdadeiramente se pode afirmar qualquer destas opiniões, mas não vejo, com a mesma clareza, que sentido deu ele a essas palavras.

Porém, ou esse grande homem, ao proferir estas expressões, lhe tenha dado um destes dois sentidos, ou qualquer outro que eu não declarei, não duvido, contudo, de que ele tenha conhecido a verdade, e de que a enunciou dum modo adequado.

## **25 - A refutação.**

34. Ninguém mais me queira molestar, dizendo-me: "Moisés não pensou o que tu dizes, mas o que eu digo". Se alguém me dissesse: "Como sabes tu que esse sentido atribuído por ti às palavras de Moisés é autenticamente o de Moisés?", eu não me deveria agastar e responderia talvez como acima o Fiz, ou responderia com algum desenvolvimento, se o meu impugnador fosse mais pertinaz. Mas quando alguém me declara: "Não pensou ele o que tu dizes, mas o que eu digo", sem contudo o contraditor negar a veracidade do que ambos afirmamos, então, ó meu Deus, ó vida dos pobres, em cujo seio não pode haver contradição, derramai uma chuva de suavidades no meu ânimo, para que possa suportar tais homens com paciência!

Não afirmam isto porque sejam muito espirituais ou porque leiam no coração do vosso servo o que proclamam, mas, sim, por serem soberbos. Não conhecem a opinião de Moisés, mas amam somente o próprio parecer, não por ser verdadeiro, mas por ser o deles. Se

assim não fosse, estimariam igualmente a opinião dos outros quando é verdadeira, assim como eu estimo o que eles dizem, quando afirmam a verdade, e, por esse motivo, já não é um bem exclusivo deles. Se amam essa opinião por ser a verdade, pertence-lhes a eles e a mim. É um bem comum, pertencente a todos os amantes da verdade.

Quanto ao pretenderem que Moisés não pensou segundo a minha interpretação, mas segundo a deles, isto é o que eu não aceito. Ainda que assim fosse, a sua temeridade não é concebida pela ciência, mas pela audácia; não é gerada pela clarividência, mas pelo orgulho.

São terríveis os vossos Juízos, Senhor, pois a vossa Verdade não é minha nem de qualquer outro, mas de todos nós, a quem manifestamente convidais a participar dela.

Admoestais-nos severamente a que a não queiramos ter como bem privativo, para que não nos privemos dela. Efetivamente, quem reivindica só para si próprio aquilo que ofereceis para gozo de todos, querendo como particular o que é de todos, é repellido desses bens comuns para os seus, isto é, da verdade para a mentira. "Com efeito, quem fala de si próprio mente."

35. Ouvi, ó Juiz ótimo, ó Deus que sois a mesma Verdade, ouvi a minha resposta, dirigida a esse impugnador. Atendei. Digo-a diante de Vós e dos meus irmãos que "seguem legitimamente a lei cujo fim é a caridade". Escutai e vede, se Vos apraz, o que eu lhes digo.

Eis as palavras fraternas e pacíficas que lhes dirijo: Se ambos vemos que é verdade o que tu dizes, e se ambos vemos que é verdade o que eu digo, onde, pergunto eu, o vemos nós? Nem eu, sem dúvida, o vejo em ti, nem tu em mim, mas vemo-lo ambos na imutável Verdade que está acima das nossas inteligências. Não discutindo nós da própria luz do Senhor nosso Deus, por que razão havemos de disputar sobre o pensamento dos outros, ao qual não podemos contemplar como se contempla a Verdade imutável? Ainda que Moisés nos aparecesse, e dissesse "este é o meu pensamento", nem assim o compreenderíamos, mas somente



acreditaríamos nele.

Por isso, "ninguém se exalte contra outro, acerca do que afirmam as Escrituras", esquecendo-se do preceito que manda amar o Senhor Nosso Deus, "com todo o nosso coração, com toda a nossa alma, com todo o nosso espírito e ao nosso próximo, como a nós mesmos". Se não acreditarmos que tudo o que Moisés exarou naqueles livros o pensou por causa destes dois preceitos da caridade, faremos do Senhor um mentiroso, ao interpretarmos o pensamento do seu servo de modo diferente do que ele lhe ensinou.

Entre tão grande número de opiniões verdadeiras que daquelas palavras se podem deduzir, vede já como é estulto afirmar temerariamente a qual delas Moisés dera o seu assentimento. Seria expor a caridade a ofensas e a perniciosas contendidas. Ora, por causa dela é que Moisés proferiu todas as palavras que procuramos interpretar!

## **26 - Se eu fosse o escritor do Gênesis.**

36. Ó meu Deus, elevação da minha baixeza e descanso dos meus trabalhos, que ouvis as minhas Confissões e me perdoais os pecados!

Já que me ordenais que ame o próximo como a mim mesmo, não posso contudo crer que Moisés, vosso servo tão fiel, fosse cumulado de menos dons do que eu teria desejado e apetecido para mim, se tivesse nascido naquela época e me tivésseis posto em seu lugar, para distribuir a Escritura pelo ministério do meu coração e da minha língua.

Ela, muito tempo depois, deveria ser útil a todas as gentes, e, com o seu prestígio e excelsa autoridade, deveria rebater, no mundo inteiro, as afirmações das doutrinas falsas e orgulhosas.

Queria eu, se então estivesse em lugar de Moisés — pois vimos todos da mesma massa; e "que é o homem se não Vos lembrais dele?" —, se eu fosse o que ele foi, e Vós me tivésseis encarregado de escrever o Gênesis, eu queria receber de Vós tal

arte de expressão e uma tal modalidade de estilo que até esses que não podem compreender como é que Deus cria se não recusassem a acreditar nas minhas, palavras, por ultrapassarem as suas forças. Eu queria que aqueles que já são capazes desta compreensão, se, acaso, refletindo, chegassem a qualquer outra doutrina verdadeira, a pudessem encontrar consignada nas poucas palavras do vosso servo. E se, à luz da Verdade, a outro se representasse diferente opinião, eu desejaria que a pudesse também aí encontrar.

## **27 - O passarinho implume.**

37. A fonte (cujas águas se aglomeram) num pequeno reservatório é (depois) mais abundante e fornece o caudal a diversos regatos para uma extensão mais ampla do que a de qualquer deles. Estes, oriundos da mesma fonte, espalham-se por muitos lugares.

Assim, de modo idêntico, a narração do vosso Dispensador, que havia de ser útil a todos os intérpretes, de poucas e modestas palavras faz deslizar correntes de verdade cristalina.

Destas, cada um pode haurir a parte de verdade que é capaz, uns duma maneira, outros doutra, para a desenvolverem em seguida por longos rodeios de expressão.

Alguns, ao lerem ou escutarem as palavras (da Criação) supõem a Deus como homem, ou como uma personagem dotada duma estrutura imensa, e que, por decisão nova e repentina, criou fora de si mesmo, como em lugares distantes, o céu e a terra, dois corpos gigantescos, um no alto, outro embaixo, nos quais estão contidas todas as coisas.

E ao ouvirem: "Disse Deus: faça-se aquilo, e logo foi feito", supõem que são palavras que começam e que acabam, que soam no tempo e que passam. Julgam que, imediatamente após o desvanecimento destas palavras, começou a existir o que fora mandado que existisse. E, se por acaso têm alguma opinião diversa, igualmente se ressentem da baixeza humana.

Mas estes são ainda como crianças, pois a sua debilidade alimenta-se desta humílima espécie de palavras como quem se alimenta do seio materno. Com isso, a fé fortifica-se neles salutarmente. Por ela têm como certo e sustentam que Deus criou todas as naturezas às quais os seus sentidos descobrem numa variedade admirável.

Mas se algum deles, desprezando a quase vulgaridade de vossas palavras e cheio de orgulhosa debilidade, se lançar fora do ninho onde fora criado, então, cairá miseravelmente! Vós, "Senhor Deus, tende compaixão" dele, para que os que passam pelo caminho não calquem aos pés esse passarinho implume. Enviai o vosso anjo. Ele o torne a colocar no ninho, para que assim a avezinha possa viver enquanto não souber voar.

## **28 - Multiplicidade de interpretações.**

38. Outros, para quem estas palavras (da Criação) não são já um ninho, mas um vergel cheio de sombra, descobrem nelas frutos escondidos e volitam cheios de alegria, e cantam festivamente enquanto buscam e colhem esses frutos.

Quando leem e ouvem palavras de Moisés, veem que a vossa eterna e estável subsistência, ó Deus, domina todos os tempos, passados e futuros, e, por conseguinte, não há criatura temporal que não seja obra vossa. Veem que a vossa vontade, que se confunde convosco, criou as coisas, sem sofrer mudança alguma ou impulso que antes não estivesse nela. Com um ato de vontade criastes todas as coisas, tirando de Vós, não um modelo que fosse a forma substancial de todos os seres, mas sim, tirando do nada uma matéria informe que não fosse igual a Vós.

A esta, dar-lhe-íeis uma forma segundo a vossa imagem, recorrendo Vós à vossa Unidade, segundo a medida preestabelecida que coube a cada um dos seres na sua própria espécie. Veem que "todas as obras da criação são muito boas", quer permaneçam à volta de Vós, quer, afastando-se pouco a pouco para mais longe de Vós, através do espaço e do tempo, sofram ou assumam variedades belas. Reconhecem estas coisas e

alegram-se à luz da vossa Verdade, quanto as suas forças lho permitem cá na terra.

39. Outro, examinando o sentido destas palavras: "no princípio criou Deus", reconhece por "princípio" a Sabedoria, "porque ela mesma no-lo diz". Outro, considerando igualmente estas palavras, entende por "princípio" o começo de todos os seres criados. Para eles, "Deus no princípio criou" significa: "Deus fez primeiramente".

Então, entre aqueles que no vocábulo "princípio" entendem que Deus criou, na sua Sabedoria, o céu e a terra, um crê que "o céu e a terra" designam a matéria de que o céu e a terra foram criados; outro pensa que a expressão se aplica a naturezas formadas e distintas; outro sustenta que pela palavra "céu" se designa a substância formada e espiritual, e pelo vocábulo "terra" a substância informe e corporal.

Aqueles, porém, que entendem pelas palavras "céu e terra" a matéria ainda informe, com a qual se haviam de formar o céu e a terra, esses não são unânimes nessa mesma interpretação: um pretende que dessa matéria hão de provir as criaturas inteligentes e sensíveis; outro julga que dela somente há de nascer uma certa massa sensível e corpórea contendo, no seu volumoso seio, todas as substâncias lúcidas e já visíveis.

Também não são concordes os que creem que, neste texto, se chama "céu e terra" às criaturas já dispostas e coordenadas. Um pretende que significa o mundo invisível e visível; outro, a natureza visível, na qual vemos o céu luminoso e a terra caliginosa, com tudo o que neles há.

## **29 - Objeções e prioridade da matéria.**

40. Mas aquele que às palavras "no princípio criou" dá este mesmo sentido como se dissessem: "primeiramente criou", esse não tem outra possibilidade de entender com verdade "céu" e "terra" senão significando por estes vocábulos a matéria do céu e da terra, isto é, a criação universal, ou, por outros termos, a criação espiritual e material. Pois, se quisesse referir-se ao conjunto da criação já

formado, poder-se-lhe-ia com razão perguntar: "Se Deus criou isto em primeiro lugar, o que criou em seguida?" Depois do conjunto da criação nada mais encontrará que fosse criado, e, por isso, há de ouvir com desprazer esta pergunta: "Como criou primeiramente aquilo, se nada criou depois"?

Quando porém afirma que ao princípio a matéria era informe e que depois a dotara duma forma, isto já não é absurdo, ainda que importe distinguir o que seja prioridade quanto à eternidade, ao tempo, ao apreço, à origem: quanto à eternidade, por exemplo, Deus antecede tudo; quanto ao tempo, a flor antecede o fruto; quanto ao apreço, o fruto antecede a flor; quanto à origem, o som antecede o canto. Destas quatro afirmações, a primeira e a última que citei dificilmente se compreendem; as duas intermediárias, porém, entendem-se com facilidade. Com efeito, é raro e dificultoso ao entendimento chegar a conhecer bem, Senhor, a vossa eternidade, a qual, permanecendo imutável, cria as coisas mutáveis, e por isso é anterior a elas.

Depois, quem tem a vista tão penetrante que possa com a inteligência distinguir, sem grande trabalho, de que maneira o som antecede ao canto? Podemos chegar a compreendê-lo refletindo nisto: o som precede ao canto, porque o canto não é outra coisa senão um som que recebeu a sua forma. Ora, pode muito bem existir alguma coisa que ainda não tenha forma, mas esta nunca pode ser infundida naquilo que não existe. A matéria é assim anterior àquilo que dela se formou.

É anterior, não porque fosse sua causa eficiente, pois ela também é antecipadamente criada. Nem a sua prioridade é de intervalo de tempo. Com efeito, não entoamos em primeiro lugar sons informes, independentemente do canto, para em seguida os ligarmos e dispormos em forma de melodia, como manufacturamos a madeira de que se faz a arca ou a prata de que é fabricado o vaso.

Estas substâncias precedem, por certo, no tempo, as formas das coisas que delas se fazem. No canto não é assim. Quando se canta, ouvimos o som, mas este não soa primeiro desarmoniosamente para, em seguida, receber a forma do canto.

Com efeito, uma vez que o som tiver ressoado, já passou. Nem se encontrará dele qualquer coisa que, retomada, se possa coordenar pela arte. Por conseguinte, o canto é constituído pelo próprio som que é a sua matéria. Por isso, esta recebe uma forma para ser canto. Por conseguinte, como dizia, a matéria (o som) é anterior à forma que é o canto. A prioridade não se radica ao poder de criar, pois o som não é artífice do canto, mas está subordinado à alma do cantor, ao ser emitido por um órgão corporal com o qual canta. Nem é anterior no tempo, pois é entoado conjuntamente. Nem é o primeiro da preferência, pois o som não é superior ao canto, visto que o canto não é somente som, mas também um som artístico. Mas é anterior na origem, porque o canto não é formado para que seja som, mas o som é formado para que seja canto.

Com este exemplo, já se pode compreender como a matéria das coisas foi primeiramente criada e chamada "céu" e "terra" porque dela foi formado o céu e a terra.

Não foi criada primeiramente no tempo, porque as formas das coisas é que produzem o tempo. Ora, aquela matéria estava informe, a qual só depois de receber a forma se pôde observar juntamente com o tempo. Nem afinal se pode narrar alguma coisa acerca da matéria informe, se não se considera anterior ao tempo, se bem que, no valor e estima, ela ocupa o último lugar, pois, sem dúvida, são melhores as coisas formadas do que as informes. A matéria informe é também precedida pela eternidade do Criador, que a fez para que fossem extraídas do nada as coisas.

### **30 - A concórdia.**

41. Nesta diversidade de pareceres verdadeiros, a mesma verdade faça nascer a concórdia! Que o nosso Deus tenha compaixão de nós, "para que usemos legitimamente da lei, segundo o preceito que tem por fim a caridade pura".

Por isso, se alguém me perguntar o que pensou acerca disto aquele vosso servo Moisés, não serão verdadeiras as palavras das minhas Confissões, se Vos não confessar que o ignoro. Sei todavia que

essas opiniões são legítimas, excluídas as interpretações grosseiras, acerca das quais expus o meu parecer. São porém "meninos" de grandes esperanças os que não temem estas palavras do vosso Livro, humildemente sublimes e eloquentemente breves. Mas confesso que todos os que nestas palavras distinguimos e dizemos a verdade nos amamos uns aos outros.

A Vós, nosso Deus, Fonte de Verdade, nós Vos amamos igualmente, se tivermos sede não de simples quimeras, mas da mesma verdade. E àquele vosso servo, cheio do vosso espírito, por quem recebemos esta Escritura, reverenciemo-lo. Estejamos certos de que ele, ao escrever estas coisas por vossa revelação, teve em vista aquilo que nelas ressalta, principalmente a luz da verdade e o fruto da utilidade.

## **31 - Moisés e os diversos sentidos da Bíblia.**

42. Assim, quando alguém disser: "Moisés entendeu isto como eu" e outrem replicar: "Pelo contrário, pensou como eu", julgo que se dirá com mais piedade: "Por que não quis ele antes expressar uma e outra coisa, se ambas são verdadeiras?" Se alguém encontrar um terceiro e um quarto ou mais sentidos verdadeiros, por que não acreditaremos que todas estas interpretações as viu Moisés, por meio do qual o Único Deus acomodou a Escritura Sagrada à inteligência de muitos que haviam de descobrir nela coisas verdadeiras e diferentes?

Eu, sem duvidar, digo com intrepidez, do fundo do coração: se eu, elevado ao cume da autoridade, escrevesse alguma coisa, preferiria fazê-lo de tal modo que as minhas palavras proclamassem tudo aquilo que alguém pudesse conceber de verdadeiro acerca dessas coisas. Queria antes isso do que pôr um só sentido autêntico, de tal forma claro, que excluísse os restantes cuja falsidade me não pudesse ofender.

Assim, não desejo ser tão temerário, meu Deus, que acredite que qualquer homem merecesse de Vós tal graça.

Moisés advertiu e pensou, sem dúvida, ao escrever estas palavras,

em tudo aquilo que de verdadeiro pudemos encontrar, em tudo aquilo que não pudemos encontrar ou que, até agora, não pudemos descobrir, e que, não obstante, se pode achar nelas.

## **32 - Senhor, inspirai-me!**

43. Enfim, Senhor — que sois Deus e não carne e sangue! —, se o homem nem tudo pode ver completamente, porventura o vosso bom espírito, "que me há de conduzir à terra da retidão", pôde desconhecer qualquer das coisas que, por estas palavras, tencionáveis revelar aos leitores vindouros, apesar de Moisés, por cujo meio foram pronunciadas, as não entender, senão num único sentido dos muitos verdadeiros? Se assim é, a interpretação que Moisés deu é mais elevada que as outras. Mas, Senhor, mostrai-nos essa interpretação ou aquela outra que seja verdadeira e que mais Vos agrade, para que, patenteando-nos o mesmo sentido revelado ao vosso servo, ou outro em conformidade com a ocasião em que essas palavras foram pronunciadas, nos alimenteis, para não nos deixarmos, iludir com o erro. Vede, Senhor, Deus meu, sim, vede, eu Vo-lo peço, quantas e quantas coisas escrevi sobre tão poucos versículos! Deste modo, como terei forças e tempo suficiente para examinar todos os vossos Livros?

Por isso, permiti-me que seja mais breve ao enaltecer-Vos neles e que, entre as muitas interpretações que me ocorrem, e acerca dos quais muitas outras me poderão ocorrer, eu escolha uma única, que seja verdadeira, boa e inspirada por Vós. Deste modo serei fiel em confessar-Vos. Se exprimir o mesmo sentido que seguiu o vosso servo Moisés, eu o declararei perfeita e exatamente, pois me devo esforçar por isso. Se ainda não consegui, possa ao menos declarar o que a vossa Verdade, pelas suas palavras, me quis dizer, a qual também inspirou a Moisés o que lhe aprouve.



## **LIVRO XIII - A PAZ**

**I — Agradecimento a Deus pela sua bondade manifesta na Criação e descoberta da Santíssima Trindade nas primeiras palavras do Gênesis (1-12).**

**II — Diversas alegorias sugeridas pelos primeiros versículos da Sagrada Escritura: a Luz (a alma iluminada pela fé), o Firmamento (a Bíblia), Águas no Firmamento (os anjos), Águas Amargas (os mundanos), a Terra Enxuta (a alma caritativa), os Frutos da Terra (as obras de misericórdia), os Peixes e os Cetáceos (os milagres estupendos), etc. (13-28).**

**III — Finalmente, a Beleza da Criação no pormenor e no conjunto (29-34), e a Esperança do Repouso em Deus (35-38).**

### **1 - Benefícios de Deus para com o homem.**

1. Invoco-Vos, "ó meu Deus, misericórdia minha", que me criastes e não Vos esquecesteis de quem Vos esqueceu. Chamo-Vos à minha alma, que preparastes para Vos receber, inspirando-lhe esse desejo. Agora, não desampareis aquele que Vos invoca.

Vós me prevenistes antes de Vos invocar, e instastes comigo de tantos e repetidos modos para que de longe Vos escutasse, me convertesse e chamasse por Vós, que chamáveis por mim. Sim, Vós, Senhor, apagastes todos os meus delitos para os não

castigardes como mereciam as obras de minhas mãos, as quais me afastaram de Vós.

Antecipastes todas as minhas obras para me dardes a recompensa do trabalho de vossas mãos que me criaram, porque Vós já éreis antes de eu existir. Nem eu era digno de que Vós me concedêsseis a existência! Contudo, eis que existo por um gesto de vossa Bondade, que precedeu tudo aquilo de que me fizestes. Não tivestes necessidade de mim para nada, nem sou um bem tão valioso que de mim Vos possais ajudar, meu Senhor e meu Deus. Não sou homem que, com os meus serviços, Vos possa aliviar, como se Vós sentísseis fadiga no trabalho. Nem o vosso poder diminui, se carecer das minhas homenagens. Se Vos não prestar culto, não sucede como à terra, que fica inculta se o lavrador a não cultivar. Devo servir-Vos e honrar-Vos para que a felicidade me venha até mim de Vós, de quem recebi a existência e a aptidão para gozar do bem.

## **2 - Deus, subsistência da criação.**

2. Com a plenitude da vossa Bondade subsistem as criaturas. O bem — embora inútil para Vós e que de modo algum se pode igualar convosco, ainda que provenha de Vós — não deixará de existir.

Que merecimentos poderiam apresentar-Vos o céu e a terra para que no princípio os criásseis? Que tinham merecido essas naturezas de ordem espiritual e corpórea que criastes segundo a vossa Sabedoria? Que me digam o que elas mereceram para receber de Vós, cada uma na sua espécie espiritual ou corporal, esse ser, mesmo imperfeito, informe e caminhando para a dissolução e para longe da vossa imagem!

Um ser espiritual, ainda que informe, vale mais do que qualquer corpo material organizado. Por sua vez, o ser material, ainda que informe, é preferível ao puro nada.

Assim, essas criaturas dependiam do vosso Verbo, e ficariam informes, se Ele mesmo as não houvesse chamado à vossa

Unidade e lhes não desse uma forma, de tal modo que todas Vos ficaram devendo o serem muito boas, ó único e sumo Bem. Que merecimentos antecipados apresentaram diante de Vós estas criaturas que nem sequer informes existiriam, se as não criásseis?

3. Que Vos mereceu a matéria corporal, para que existisse, ao menos invisível e inorgânica, se nem sequer isso fora, se a não tivésseis chamado à existência? Nenhuma coisa, perante Vós, podia merecer o dom da criação, visto que não existia para o merecer.

E que favores devíeis à criatura espiritual ainda insipiente para que vagueasse pelo menos tenebrosa, semelhante aos abismos e diferente de Vós, se o vosso Verbo a não conduzisse ao mesmo Verbo que a criou, e a não iluminasse e transformasse em luz — luz não igual (ao Verbo), mas semelhante à sua Beleza, que Vos é igual?

Assim como para um corpo não é a mesma coisa ser corpo e ser belo — caso contrário, não poderia haver deformidade —, assim também para um espírito criado, não é a mesma coisa viver e viver sapientemente, pois doutro modo a sua ciência seria imutável. Mas é para ele sumamente proveitoso quedar-se sempre unido a Vós, para que, afastando-se, não perca a claridade que adquiriu com o voltar-se para Vós, e não resvale para a vida semelhante às trevas dos abismos.

Na verdade, nós, que, pela alma, somos criaturas espirituais, afastados outrora de Vós — nossa luz —, fomos trevas, nessa vida. E por entre os restos da nossa escuridão, lutamos até que nos tornemos vossa justiça, em vosso único Filho, e nos assemelhemos às montanhas de Deus. Efetivamente fomos objeto dos vossos juízos, que são profundos como o abismo.

### **3 - O manancial divino.**

4. A respeito das palavras que dissestes nos alvares da criação: "Faça-se a luz, e fez-se a luz", entendo que a sua aplicação se adapta bem às criaturas espirituais, porque já então existia qualquer espécie de vida que poderíeis iluminar. Mas assim como nenhuma

possui títulos especiais para ser essa vida que pudésseis iluminar, do mesmo modo nenhuma delas mereceu, depois de adquirir a existência, a graça de a iluminardes, tanto mais que a sua "deformidade", "se a luz não fosse feita", de nenhum modo Vos agradaria.

A criatura espiritual agrada-Vos não pelo fato de existir, mas por ver a luz que a ilumina e por aderir a ela. Assim, deve a sua vida e toda a sua felicidade de viver apenas à vossa graça. Com efeito, por uma feliz escolha voltou-se para o que é incapaz de mudança para melhor, ou para pior. Voltou-se para Vós, que sois o único que existis, o único que simplesmente existis, para Vós, que não possuis outra vida, senão a vida feliz, pois sois a vossa Felicidade.

#### **4 - Deus não precisa das criaturas.**

5. O que faltaria, portanto, ao vosso bem — que para Vós consiste em Vós mesmo — se essas criaturas espirituais ou quaisquer outras interiormente não existissem ou se permanecessem informes? Não as fizestes por necessidade. Levado unicamente pela plenitude da vossa Bondade as amoldastes e impusestes-lhes uma forma. Mas não foi para completardes com elas o vosso gozo. A sua imperfeição desagrada-Vos porque sois perfeito, e por isso as aperfeiçoais para que Vos possam agradar, e não para que hajais de ser aperfeiçoado por elas.

Com efeito, o vosso Espírito bom era levado sobre as águas, mas não era levado por elas, como se nelas descansasse. Diz-se que o vosso Espírito bom nelas repousava, quando era ele que em si as fazia repousar. Mas a vossa vontade incorruptível e imutável, que se basta a si própria, era levada sobre aquela vida que tínheis criado. Para esta, não é o mesmo viver e viver feliz, porque não deixa de viver ainda que flutue na sua obscuridade. Essa vida tem necessidade de voltar-se para o Criador, de viver cada vez mais próxima da Fonte da Vida, de ver a luz na Luz divina. Precisa de aperfeiçoar-se, iluminar-se, e nela alcançar a felicidade.

## **5 - A Trindade Divina.**

6. Eis que me aparece, como num enigma, a Trindade. Sois Vós, meu Deus, pois Vós, Pai, criastes o céu e a terra no princípio da nossa Sabedoria, que é a vossa Sabedoria, que de Vós nasceu, igual e coeterna convosco, isto é, no vosso Filho.

Já largamente falei do "céu do céu" da "terra invisível e informe", e do "abismo das trevas", onde as naturezas espirituais permaneceriam errantes na sua imperfeição primitiva, se se não voltassem para Aquele donde procede toda a vida. Naquele abismo de trevas a Luz divina ia espalhar alguns raios de beleza, para que fossem o "céu do seu céu", que foi mais tarde criado entre as águas superiores e as águas inferiores.

No vocábulo "Deus", eu entendia já o Pai que criou todas as coisas; e pela palavra "princípio" significava o Filho, no qual tudo foi criado pelo Pai. E, como eu acreditasse que o meu Deus é Trino, procurava a Trindade nas vossas Escrituras e via que o vosso Espírito "pairava sobre as águas". Eis a vossa Trindade, meu Deus: Pai, Filho e Espírito Santo. Eis o Criador de toda criatura.

## **6 - Porque pairava o Espírito sobre as águas.**

7. Que razão houve, ó Luz verdadeira — aproximo de Vós o meu coração para que me não iluda com falsidades e lhe dissipeis as trevas —, dissei-me, eu Vo-lo peço pela nossa mãe, a Caridade, dissei-me a razão por que só depois de se nomear o céu, a terra invisível e informe e as trevas sobre os abismos é que a Escritura fala no vosso Espírito?

Será porque convenha apresentá-lo dizendo que Ele "pairava sobre alguma coisa"? E como se poderia dizer isto sem fazer menção do elemento sobre o qual se poderia imaginar pairando o vosso Espírito? De fato não pairava acima do Pai, nem acima do Filho, nem se poderia dizer que pairava, se não pairasse sobre alguma coisa.

Era, pois, necessário falar primeiro do elemento sobre que pairava,

e depois nomear Aquele a quem não podia referir-se doutra maneira senão dizendo que pairava.

Mas por que não convinha apresentá-lo, senão dizendo que pairava?

## **7 - Dons do Espírito Santo.**

8. Agora, aquele que o puder fazer siga pela inteligência o vosso Apóstolo quando diz que "a vossa caridade se difundiu nos nossos corações pelo Espírito que nos foi dado". O Apóstolo instrui-nos nas coisas espirituais, demonstrando-nos a excelsa via da caridade e ajoelhando-se por nossa causa diante Vós, para que conheçamos "a altíssima ciência da caridade de Cristo".

Por isso, como era "sobre-eminente" desde o princípio, pairava sobre as águas.

Mas a quem hei de falar? Como falar do peso da concupiscência que nos arrasta para o abismo escarpado?

Como falar da caridade que nos eleva pelo vosso Espírito flutuante sobre as águas?

Que termos empregarei? "Submergimo-nos" e "emergimos"? Mas nem sequer há lugar onde mergulhemos e venhamos à superfície. Que maior semelhança e que maior diferença? Por um lado são os nossos afetos, os nossos amores, a imundice do nosso espírito a deixar-se arrastar para baixo, pelo amor das preocupações. Por outro é a vossa santidade que nos eleva por amor da tranquilidade, para que levantemos os corações ao alto até junto de Vós, onde o vosso Espírito paira sobre as águas, e, para que cheguemos à excelsa paz, depois de a "nossa alma ter atravessado as águas desta vida, que nada têm de firme".

## **8 - A inquietação e o regaço de Deus.**

9. Caiu o Anjo, caiu a alma do homem, mostrando com a sua queda que lá nas profundezas das trevas havia o abismo. Este encerraria

todas as criaturas espirituais, se não tivésseis dito desde o princípio: "Faça-se a luz!", e a luz não tivesse aparecido, e todas as inteligências da vossa cidade celeste se não unissem a Vós pela obediência e descansassem em vosso Espírito, que pairava imutável sobre os seres transitórios.

Doutro modo, "o céu do céu" seria, em si, um abismo de trevas, ao passo que agora é luz do Senhor. Nesta lamentável inquietação dos espíritos caídos que mostram as suas trevas despidas da vossa luz, suficientemente demonstraís quão sublime fizestes a criatura racional. Efetivamente, tudo o que for menor do que Vós, de modo algum, a sacia na ânsia de felicidade e repouso, por isso mesmo, nem sequer se contenta a si própria.

Vós, o nosso "Deus, esclareceis as nossas trevas: de Vós provêm as nossas vestes tecidas da vossa luz; as nossas trevas serão como as trevas do meio-dia".

Dai-Vos a mim, ó meu Deus; entregai-Vos a mim. Eu amo Vos; e, se é ainda pouco, fazei que Vos ame com mais força. Não posso avaliar quanto amor me falta para ter o suficiente a fim de a minha vida correr para o vosso regaço e não sair dele, enquanto se não esconder nos segredos do vosso rosto. Uma só coisa reconheço: é que tudo me corre mal fora de Vós, e não só à volta de mim, mas até em mim. Toda a abundância que não é o meu Deus é para mim indigência.

## **9 - O peso do amor.**

10. Porventura o Pai e o Filho não pairavam sobre as águas? Se se imagina um corpo pairando num espaço, o conceito não se pode aplicar nem mesmo ao Espírito Santo. Mas se se considera a eminência imutável da Divindade pairando acima de tudo o que é transitório, então o Pai e o Filho também eram levados sobre as águas, como o Espírito Santo.

Qual o motivo por que só se faz esta afirmação do Espírito Santo? Porque é que só a Ele se refere a Escritura, ao falar duma espécie de lugar onde estava Aquele que certamente não ocupa espaço e

do qual unicamente se disse que é o "vosso dom"? É no "vosso dom" que repousamos. Nele gozaremos de Vós. É o nosso descanso, é o nosso lugar. É para lá que o Amor nos arrebatou e que o "Espírito Santo levanta o nosso abatimento desde as portas da morte. Na vossa "boa vontade" temos a paz.

O corpo, devido ao peso, tende para o lugar que lhe é próprio, porque o peso não tende só para baixo, mas também para o lugar que lhe é próprio. Assim o fogo encaminha-se para cima, e a pedra para baixo. Movem-se segundo o seu peso. Dirigem-se para o lugar que lhes compete. O azeite derramado sobre a água aflora à superfície; a água vertida sobre o azeite submerge-se debaixo deste: movem-se segundo o seu peso e dirigem-se para o lugar que lhes compete. As coisas que não estão no próprio lugar agitam-se, mas, quando o encontram, ordenam-se e repousam.

O meu amor é o meu peso. Para qualquer parte que vá, é ele quem me leva. O vosso Dom inflama-nos e arrebatou-nos para o alto. Ardemos e partimos. Fazemos ascensões no coração e cantamos o "cântico dos degraus". É o vosso fogo, o vosso fogo benfazejo que nos consome enquanto vamos e subimos para a paz da Jerusalém celeste. "Regozije-me com aquilo que me disseram: Iremos para a casa do Senhor." Lá nos colocará a "boa vontade", para que nada mais desejemos senão permanecer ali eternamente.

## **10 - Tudo o que temos é dom de Deus.**

11. Feliz a criatura que não conheceu outro estado! E, contudo, ela não o teria alcançado, se imediatamente após a sua criação, sem nenhum intervalo de tempo, o "vosso Dom", que paira sobre todo objeto mutável, a não tivesse erguido, com a palavra que dissesstes: "Faça-se a luz" e fez-se a luz". Em nós distingue o tempo em que fomos trevas daquele em fomos feitos luz. Mas daquela criatura a Bíblia não faz mais que indicar o que ela teria sido, se não fosse iluminada. Por isso fala dela como se antes fosse flutuante e tenebrosa. Assim aparece melhor a causa que a conduziu ao resplendor inextinguível e a transfigurou em luz.



Entenda estas coisas aquele que puder, e o que não puder, que Vos peça a graça de as compreender. Mas por que razão este me faz perguntas importunas, como se eu fosse a luz que "ilumina todo homem vindo a este mundo"?

## **11 - A concepção da Trindade.**

12. Quem compreende a Trindade Onipotente? E quem não fala dela, ainda que a não compreenda? É rara a pessoa que ao falar da Santíssima Trindade saiba o que diz.

Contendem e disputam. E contudo ninguém contempla esta visão sem paz interior.

Quisera que os homens meditassem três coisas, dentro de si mesmos. Todas estão muito afastadas da Augusta Trindade, mas apresento-lhes assunto onde se exercitem, experimentem e sintam quão longe estão de compreender este mistério.

As três coisas que digo são: existir, conhecer e querer. Existo, conheço e quero. Existo sabendo e querendo; e sei que existo e quero; e quero existir e saber.

Repare, quem puder, como a vida é inseparável nestes três conceitos: uma só vida, uma só inteligência, uma só essência, sem que seja possível operar uma distinção, que, apesar de tudo, existe.

Cada um está diante de si mesmo. Estude-se, veja e responda-me. Mas se refletir nesta matéria e me responder o que tiver descoberto, não julgue que chegou a conhecer o que é Incomutável. Este, como tal, é superior a todas estas operações da alma. É incomutável no Ser, Incomutável no Conhecimento e Incomutável na Vontade. Mas é por causa destas três faculdades que existe em Deus a Trindade? Ou estas três faculdades existem em cada uma das Pessoas Divinas, de tal maneira que todas as três se encontram em cada uma delas? Ou ambas as coisas se realizam misteriosamente, numa simplicidade que é justamente multiplicidade, sendo a Trindade o seu próprio fim infinito, pelo qual existe, se conhece e se basta imutavelmente na magnitude copiosa

da sua Unidade?

Quem facilmente o pensará? Quem o poderá explicar dalgum modo? Quem se atreverá temerariamente a dar uma solução de qualquer modo?

## **12 - O "Fiat Lux" na Igreja.**

13. Ó minha fé, avança na tua confissão! Diz ao Senhor teu Deus: "Santo, Santo, Santo é o Senhor meu Deus". Em vosso nome, Pai, Filho, Espírito Santo, fomos batizados. Em vosso nome, Pai, Filho e Espírito Santo, batizamos, pois pelo seu Cristo criou Deus entre nós um "céu" e uma "terra", isto é, os espirituais e os carnaís, os perfeitos e os imperfeitos da sua Igreja. A nossa "terra", antes de receber a forma da doutrina, era "invisível e desordenada".

Estávamos enterrados nas trevas da ignorância, porque castigastes o "homem pela sua iniquidade", e "os vossos justos juízos são como abismos profundos".

Mas, porque o vosso Espírito "pairava sobre as águas", a vossa misericórdia não abandonou a nossa miséria, e dissestes: "Faça-se a luz"; "Fazei penitência, pois se aproximou o reino dos céus".

"Fazei penitência, faça-se a luz."

Porque a alma nos perturba, lembra-mo-nos de Vós, ó Senhor, na terra do Jordão, na montanha igual a Vós, mas diminuída em altura, por nossa causa. Desagradaram-nos as nossas trevas. Voltamos para Vós e fez-se a luz.

Fomos "outrora trevas; agora, porém, somos luz no Senhor".

## **13 - Somos lamparina que há de ser estrela.**

14. Contudo, somos luz só pela fé e não pela visão clara (de Deus). "Fomos salvos pela esperança." E, quando se vê o que se espera, não há esperança. Ainda "o abismo chama por outro abismo", mas é já por intermédio do "sussurro das vossas cataratas".

São Paulo, que diz: "Não vos pude falar como a espirituais, mas sim

como a carnaís", até ele julga que ainda não alcançou a meta. Assim, esquecendo-se das coisas passadas, estende o seu pensamento para as coisas futuras e geme sob o peso que o esmaga. A sua alma anseia pelo Deus vivo, "como os cervos pelas fontes vivas", e exclama: "Quando chegarei lá?" Desejando "abrigar-se sob a sua morada, que está no céu", chama também pelos que estão no abismo inferior, dizendo: "Não vos conformeis com este século, mas reformai-vos pela renovação do vosso espírito". "Não sejais crianças nas vossas mentes, mas sede como crianças quanto ao mal, para que sejais perfeitos no espírito."

E repreende também: "Ó loucos gaiatas, quem vos fascinou"?

Isto di-lo (São Paulo), não já com a sua voz, mas com a vossa. Enviastes lá de cima o Espírito Santo, por intermédio de Jesus, que subiu ao alto a abrir as cataratas dos vossos dons para que a torrente caudalosa alegrasse a vossa Cidade. Por esta suspira (São Paulo) o amigo do Esposo, possuindo já, em si, "as primícias do espírito", mas gemendo ainda consigo mesmo, esperando a adoção e o resgate do seu corpo. Por Ela suspira — pois é membro da Esposa; por Ela se incendeia em zelo — pois é o amigo do Esposo. Zela pela Igreja e não por si, porque, com a voz das vossas cataratas, e não com a sua, chama por outro abismo, objeto do seu zelo e dos seus temores. Receia que, "assim como a serpente enganou a Eva com a sua astúcia, assim os sentidos (dos imperfeitos) degenerem da castidade" que está no nosso Esposo, vosso único Filho.

Quão resplandecente será aquela luz da sua Beleza, quando O contemplarmos tal qual é e tiverem passado "as lágrimas que se tornaram o meu pão de dia e de noite, ao perguntar-se-me todos os dias: Onde está o teu Deus"?

## **14 - Na esperança.**

15. E eu digo: "Meu Deus, onde estais? Onde estais Vós? Respiro em Vós um pouco, quando derramo a minha alma sobre mim num cântico de exultação e de louvor, semelhante ao ruído dum festim".

Mas ainda está triste, porque escorrega e se transforma em abismo, ou melhor, sente que é ainda abismo.

A minha fé, a fé que acendestes à minha frente para de noite alumiar meus pés, diz-lhe: "Por que estás triste, ó minha alma! e por que me perturbas? Espera no Senhor"; a sua palavra é lâmpada para os teus passos. Espera e persevera, até que passe a noite, que é a mãe dos maus, até que passe a ira do Senhor, ira de quem fomos filhos quando outrora éramos trevas. Destas, arrastamos ainda os restos no corpo morto pelo pecado, até que chegue o alvorecer do dia e se dissipem as sombras. Espera no Senhor.

De manhã pôr-me-ei na sua presença e o contemplarei; "sempre o hei de louvar". "De manhã pôr-me-ei na sua presença." "Verei a salvação do meu rosto", isto é, o meu Deus, que "vivificará os nossos corpos mortais pelo seu Espírito, que em nós habita."

Ele desliza misericordiosamente à superfície do nosso interior tenebroso e flutuante.

Recebemos por isso nesta peregrinação o penhor de sermos já luz (nesta vida), ao sermos salvos pela esperança. De filhos da noite e das trevas que dantes éramos, tornamo-nos filhos da luz e do dia. Só Vós, por entre a incerteza da ciência humana, distinguis entre uns e outros, porque provaís os nossos corações e chamais "à luz, dia, e às trevas, noite". Sim, quem, senão Vós, pode fazer este discernimento? Mas que coisa possuímos que não tenhamos de Vós recebido? Fomos feitos vasos de honra, da mesma massa de argila de que outros foram feitos vasos de ignomínia.

## **15 - A Escritura e os anjos.**

16. Mas quem, senão Vós, Senhor, estendeu sobre nós e para nosso proveito o "firmamento" de autoridade da vossa divina Escritura? "O céu será dobrado como um livro", e agora, estende-se como um pergaminho sobre as nossas cabeças.

A vossa divina Escritura goza da mais sublime autoridade depois que aqueles mortais, por quem no-la dispensastes, encontraram a

morte. Vós, Senhor, sabeis como vestistes de peles os homens, ao tornarem-se mortais pelo pecado. Pelo que, desdobrastes como um pergaminho o firmamento do vosso livro.

Desenrolastes os vossos oráculos em tudo concordes, que dispusestes acima de nós por meio do ministério de homens mortais. Sem dúvida, pela sua morte, o fundamento da autoridade em vossas palavras por eles divulgadas admiravelmente se estende acima de tudo o que exista cá embaixo na terra. Enquanto eles viveram no mundo, essa autoridade não se tinha dilatado tão sublimemente. Ainda não tínheis desenrolado o céu como se faz a um pergaminho.

17. Ainda não tínheis divulgado por toda parte a fama que alcançariam aos nossos olhares! Neles está o vosso testemunho, que dá sabedoria aos humildes. "Completai, meu Deus, os vossos louvores pelos lábios daqueles que ainda são meninos e crianças de peito."

De fato, não conhecemos outros livros que assim destruam a soberba e assim arruinem o inimigo defensor que resiste a toda reconciliação convosco e advoga seus pecados. Não conheci, ó Senhor, não conheci palavras tão puras, que tanto me persuadissem a confessar-Vos, que tanto suavizassem a sujeição da minha mente ao vosso jugo e me convidassem a servir-Vos tão desinteressadamente! Possa eu compreender essas verdades, ó Pai querido. Concedei este favor à minha sujeição, já que para os submissos as firmastes.

18. Há sobre este firmamento outras águas que, segundo creio, são imortais e isentas de toda a corrupção terrena. Que elas louvem o vosso nome! Que os povos supracelestes de vossos anjos, que não têm necessidade de olhar este firmamento nem de conhecer, pela leitura, a vossa palavra, Vos bendigam! Eles veem continuamente a vossa face e percebem, sem o auxílio de sílabas que passam, a vossa vontade. Sim, percebem-na, elegem-na e amam-na. Aprendem continuamente, e nunca esquecem o que aprendem! Elegendo e amando a vossa vontade, leem a imutável estabilidade

de vossas resoluções. Os seus códices não se fecham nem os seus livros se cerram porque Vós mesmo sois eternamente o seu livro, já que estabeleceste os vossos anjos acima deste firmamento, por Vós assente sobre a fraqueza dos homens, para que estes, olhando-o, conheçam a vossa misericórdia, que no tempo Vos enaltece, a Vós, Criador dos tempos.

"No céu, Senhor, reside a vossa misericórdia e a vossa verdade levanta-se até às nuvens."

Passam as nuvens, porém o céu permanece. Passarão desta vida à eterna os pregadores da vossa palavra, mas a vossa Escritura estender-se-á sobre todos os povos até ao fim dos séculos.

"Também o Armamento e a terra deixarão de existir. Porém, vossas palavras jamais hão de emudecer." Este "pergaminho" será enrolado, e o feno sobre o qual se estendia sumir-se-á com o seu resplendor. Mas a vossa palavra permanece eternamente. Agora, ela aparece-nos não como é, mas em enigma de nuvens e através do espelho do céu, porque "ainda não manifestou o que havemos de ser", posto que também nós sejamos diletos ao vosso Filho.

Jesus olha-nos através da teia da carne. Acariciou-nos, inflamou-nos no seu amor, e "nós corremos atrás do aroma do seu perfume". Mas "quando aparecer, seremos semelhantes a Ele, porque vê-Lo-emos tal qual é". Senhor, concedei-nos a graça de O vermos como é, pois ainda O não podemos contemplar.

## **16 - Ciência, luz e vida.**

19. Ora, assim como sois o Ser absoluto, assim também sois o único que possui a verdadeira ciência.

Vós sois imutável na vossa existência; imutável a vossa sabedoria; imutável na vossa vontade. A vossa essência sabe e quer imutavelmente; a vossa sabedoria é e quer imutavelmente; a vossa vontade imutavelmente é e sabe. Nem parece justo aos vossos olhos que o ser mutável e por Vós iluminado conheça a luz imutável como ela se conhece a si própria. Por isso, "a minha alma é, aos vossos olhos, como terra ressequida sem água", porque, assim

como ela se não pode iluminar por si mesma, assim também, por virtude própria, se não pode saciar. "Em Vós jorra a fonte da vida, e na vossa Luz veremos a luz."

## **17 - As águas amargas, alegoria dos mundanos.**

20. Quem é que reuniu num só espaço as águas amargas? Têm estas como fim obter uma felicidade temporal e terrena. Para a alcançar não se poupam a esforços, apesar de serem já muitos e variados os cuidados que as agitam. Quem, Senhor, senão Vós, disse às águas que "se reunissem num só lugar", e que aparecesse "a terra enxuta", sedenta de Vós?

O mar é vosso, fostes Vós que o fizestes. Foram as vossas mãos que formaram a "terra enxuta". Chama-se mar não à amargura das vontades, mas à reunião das águas.

Reprimis as tendências más das almas e determinais os limites até onde podem avançar as águas, para que as ondas se quebrem contra si próprias. Assim, criais o mar (do mundo) submetido ao vosso poder universal.

21. Porém, às almas que têm sede de Vós e que aparecem aos vossos olhos separadas do mar (do mundo) por outra vocação, Vós as regais com uma água misteriosa e doce, para que a "terra" dê o seu fruto. E então, quando Vós, seu Dono e seu Deus, o ordenais, a nossa alma germina em obras de misericórdia, conformes à sua própria condição, amando o próximo, ajudando-o nas necessidades materiais.

Essa "terra" (a alma misericordiosa) contém em si esta semente de compaixão, conforme for a sua semelhança com o próximo, porque é o sentimento nascido da nossa miséria que nos leva a ter piedade dos que estão precisados, na proporção em que desejaríamos que nos auxiliassem, se tivéssemos as mesmas necessidades.

Devemos socorrer o próximo não somente nas coisas fáceis, semelhantes às ervas nascidas de semente, mas também obsequiá-lo com uma proteção forte e vigorosa. Assim a terra

produz árvores de fruto, isto é, obras que arrebatam das mãos dos poderosos os que sofrem vitupérios e lhes dão a sombra da nossa proteção, com o roble resistente da verdadeira justiça.

## **18 - Os justos, astros no Armamento.**

22. Assim, como Vós, Senhor, criais e repartis a alegria e a força, assim, eu vo-lo peço, nasça também da "terra" a verdade; a "justiça" olhe para nós do céu, e façam-se astros no "firmamento". Repartamos o nosso pão com os que têm fome, alojemos em nossa casa o pobre sem abrigo, vistamos os nus e não desprezemos os que, "habitando sob o mesmo teto, são nossos semelhantes".

Nascidos estes frutos na nossa "terra", vede, Senhor, como a germinação é boa.

Fazei que apareça a nossa "luz no momento oportuno". Com esta pequena colheita das nossas boas obras, fazei que obtenhamos a graça de nos elevarmos até à contemplação das delícias do Verbo da Vida, para que brilhemos, "no mundo, como astros", fixos no firmamento da vossa Escritura. Nela ensinais-nos a distinguir as coisas inteligíveis das sensíveis, como o dia da noite. Nela ensinais-nos a diferenciar as almas espirituais daquelas que se entregam aos sentidos.

Deste modo, já não sois Vós o único a separar a luz das trevas, nos arcanos da vossa inteligência, como sucedia antes de estar criado o firmamento. Também as vossas criaturas espirituais, depois de a vossa graça se ter manifestado através do mundo, brilham sobre a terra, dividindo o dia da noite e determinando as diferenças dos tempos.

Com efeito, antiga aliança passou, e eis que surge outra nova. A nossa salvação está mais perto do que quando começamos a acreditar. A noite avançou em sua marcha e aproximou-se o dia. Vós coroads o ano da vossa bênção enviando operários para a vossa messe em cuja sementeira outros trabalharam, e enviando-os também para outra sementeira, cuja colheita não se há de recolher antes do fim dos séculos.



Deste modo realizais os desejos dos justos e abençoais os seus anos. Porém "Vós sois sempre o mesmo", e nos vossos anos, que não têm fim, preparais um celeiro para os anos que passam.

23. Por um desígnio eterno, lançaís sobre a terra os dons celestes, no tempo determinado: a uns dais, por meio do Espírito Santo, a palavra da Sabedoria, semelhante a grande corpo luminoso, destinado àqueles que se deleitam — como ao raiar do dia — com a luz cintilante da Verdade; a outros dais, por meio do mesmo espírito, a palavra da Ciência, corpo já menos luminoso; a outros dais a fé, a outros o poder de curar, a outros o dom dos milagres, a outros o da profecia a outros o dom do discernimento dos espíritos, a outros o dom das línguas. E todos estes dons são como estrelas. . . "Todas estas graças as opera um só e mesmo Espírito, que reparte por cada um os seus dons como lhe agrada."

É Ele quem, distintamente, para utilidade dos fiéis, faz aparecer o brilho destes astros.

O dom da ciência — que contém todos os vossos mistérios, os quais, como a Lua, têm a sua fase segundo os tempos — e todos os outros dons sucessivamente mencionados, comparei-os eu às estrelas. Mas, do brilho da Sabedoria com que se alegra o anunciado dia, distinguem-se tanto que, em sua comparação, não são mais do que o começo da noite! Porém os vossos dons são necessários àqueles a quem vosso servo prudente (São Paulo) não pôde falar como a homens espirituais, mas como a homens carnis, ele, que pregou a Sabedoria entre os perfeitos.

Quanto ao homem "carnal" — como menino em Cristo que ainda se sustenta de leite —, não se considere abandonado na sua noite, mas esteja contente com a luz da lua e das estrelas, até que alcance forças para poder mastigar alimentos sólidos e fixar os olhos no brilho do sol.

Eis o que sapientissimamente nos ensinai, nosso Deus, no vosso Livro, no vosso firmamento, para que discernamos todas as coisas por meio duma contemplação inefável, apesar de estarmos sujeitos, por enquanto, "às constelações, ao tempo, aos dias e aos anos".

## 19 - Alegoria da "Terra enxuta".

24. Mas, antes de tudo, "lavai-vos e sede limpos; tirai a maldade de vossas almas e da presença de meus olhos", para que a "terra enxuta" comece a aparecer. Aprendei a praticar o bem, prestai justiça ao órfão, mantende os direitos da viúva, para que a terra produza erva de pastagem e árvores frutíferas. Em seguida vinde, disputemos — diz o Senhor —, para que brilhem os astros no firmamento e espalhem a sua luz sobre a terra.

Perguntava aquele rico ao Bom Mestre que havia de fazer para conseguir a vida eterna. Diga-lhe o Bom Mestre — Bom, porque é Deus, mas que o rico tinha na conta de simples homem e de nada mais! —, diga-lhe o Bom Mestre que, se quiser conseguir a vida, guarde os mandamentos e aparte de si a amargura da malícia e da iniquidade; que não mate, não cometa adultério, não roube, não pronuncie falsos testemunhos, para que apareça a "terra enxuta" e germine o respeito ao pai e à mãe, e o amor ao próximo.

"Tudo isto fiz eu", respondeu o rico.

Donde provêm, então, tantos espinhos, se esta terra é boa e frutífera?

Vai, arranca os silvados densos da avareza, vende quanto possuis, enche a tua alma de frutos, dando tudo aos pobres, e terás um tesouro no céu; segue ao Senhor, se queres ser perfeito e do número daqueles que Ele instrui na Divina Sabedoria. O Senhor sabe a distinção que é preciso formular entre o dia e a noite, e fará que a conheças para que tenhas lugar entre os astros do firmamento do céu. Isto não se poderá realizar, se o teu coração não estiver no céu, o que, igualmente não acontecerá sem nele residir o teu tesouro, como ouviste dizer ao Bom Mestre.

Mas "a terra estéril entristeceu-se" e "os espinhos sufocaram" a palavra divina.

25. Vós, porém, geração escolhida, "fracos segundo o mundo", que deixastes tudo para seguir ao Senhor, caminhei em seu seguimento e confundi os fortes. Segui-o com os pés resplandecentes e brilhai

no "firmamento" para que "os céus narrem a sua glória". Sabei distinguir entre a luz dos perfeitos, que não é ainda como a dos Anjos, e as trevas dos pequenos a quem não faltou a esperança. Resplandecei sobre toda a terra, e que o vosso dia, incandescente com o sol, revele ao dia a palavra da Sabedoria, e que a noite iluminada pela lua anuncie à noite a palavra da Ciência.

A lua e as estrelas alumiam a noite. Mas esta não as obscurece, antes pelo contrário, elas esclarecem a noite na medida em que pode ser iluminada. Assim sucedeu nos princípios da Igreja, como se Deus dissesse: "Apareçam os astros no firmamento do céu!", e subitamente se produzisse um ruído vindo do céu, como se soprasse um turbilhão veemente de vento. Foram vistas línguas de fogo, que, dividindo-se, pousaram sobre cada um dos apóstolos. Assim se criaram, no "firmamento" do céu, astros que possuíam a palavra da Vida. Discorrei por toda parte luminares sacrossantos, astros brilhantes! Vós sois a luz do mundo e não deveis permanecer sob o alqueire. Aquele a quem vos ligastes foi exaltado e exaltou-vos. Discorrei e dai-vos a conhecer a todas as gentes!

## **20 - Interpretações místicas.**

26. Que o mar conceba também e dê à luz as vossas obras, e que "as águas gerem os répteis de almas vivas". Pois, separando o precioso do vil, vós vos tornastes a boca de Deus, por quem Ele diz: "Que as águas produzam", não as almas vivas que a terra origina, mas "répteis dotados de almas vivas e as aves que voam sobre a terra". Os vossos sacramentos são como estes répteis que pelas obras dos vossos santos, ó meu Deus, deslizaram por meio das ondas das tentações do século para banharem os gentios com o vosso nome e os regenerarem pelo vosso batismo.

Então (no início da Igreja) foram operadas grandes maravilhas — semelhantes a enormes cetáceos —, e as vozes dos vossos mensageiros voaram sobre a terra, perto do firmamento da vossa Escritura. Esta protegia-os com sua autoridade e sob esse firmamento voavam, para qualquer parte que se dirigissem. "Não há

língua nem palavras em que não se ouçam as suas vozes".

Efetivamente, o brado dos Apóstolos espalhou-se por toda a terra e as suas palavras chegaram até aos confins do orbe. Vós, Senhor, "as multiplicastes" com as vossas bênçãos.

27. Porventura faltou à verdade ou confundo a questão, misturando os conhecimentos claríssimos referentes a estas coisas resplendorosas no firmamento do céu, não as distinguindo das obras corporais criadas no mar agitado do mundo e sob o firmamento do céu? Não, certamente! Por um lado, as noções acerca dos seres materiais são sólidas e invariáveis, nem se multiplicam de geração em geração, como as luzes da Sabedoria e da Ciência. Por outro, estes seres orgânicos comportam muitas e variadas operações corporais, e, crescendo uns de outros, multiplicam-se sob a vossa bênção, ó meu Deus. Consolastes, por este meio, o fastio dos sentidos do corpo, permitindo que uma verdade única seja figurada e apresentada ao entendimento de múltiplos modos, por meio de diversas operações sensíveis.

Eis as maravilhas que "as águas produziram" pela onipotência da vossa palavra.

As necessidades dos povos, afastados da vossa eterna Verdade, provocam estes prodígios por intermédio do vosso Evangelho. Efetivamente foram as águas que lançaram de suas entranhas essas maravilhas. A sua amargura doentia deu ocasião a que esses seres se originassem da vossa palavra.

28. Todas as coisas são belas, pois Vós sois o seu autor; mas Vós, que criastes tudo, sois indizivelmente mais belo! Se Adão, pela sua queda, não se tivesse afastado de Vós, não se difundiria do seu regaço a sujeira do mar, isto é, o gênero humano profundamente curioso, procelosamente intumescido, inconstante e movediço nas suas ondas. Não seria necessário que, no meio de tantas águas, os vossos dispensadores descobrissem, material e sensivelmente, tantos fatos alegóricos e palavras misteriosas.

Foi assim que me ocorreu interpretar aqueles "répteis" e "aves". Até mesmo os homens imbuídos e iniciados neste simbolismo não

avançariam mais "no conhecimento desses mistérios", se a sua alma, subindo mais alto, não se robustecesse na vida espiritual, e se, após as palavras iniciais (do batismo), não aspirasse à perfeição.

## **21 - A alma cristã.**

29. Pelo que, não foi o mar profundo, mas a terra separada das águas amargas que lançou de si, impelida pela vossa palavra, não répteis de almas vivas e aves, mas uma "alma viva". Já não tem necessidade do batismo, imprescindível aos gentios, e igualmente indispensável para ela, quando ainda se encontrava coberta pelas "águas".

A alma não pode entrar no reino dos céus por outro caminho, porque assim o determinastes. Não busca deslumbramentos de milagres para se enraizar na fé.

Essa alma é a terra fiel separada das águas amargas do mar, símbolo do paganismo.

Por isso, não deixa de acreditar mesmo que não veja milagres e prodígios, pois "o prodígio das línguas não é para os fiéis, mas para os infiéis". A terra, por Vós estabelecida sobre as águas, não tem necessidade desta espécie de aves que as águas produziram em obediência à voz do vosso mando. Enviai-lhe a vossa palavra, por intermédio dos vossos mensageiros!

Nós falamos das maravilhas dos Apóstolos, mas quem age por seu intermédio, para que possam produzir uma alma viva, sois Vós.

Quem a germina é a terra, porque é a causa de que se realizem estes fenômenos à sua superfície, assim como o mar foi a causa de que fossem produzidos "os répteis de almas vivas e as aves, sob o firmamento" do céu. A terra já não precisa de aves e répteis, porque se alimenta do peixe tirado do fundo do oceano, para aquela "mesa (da Eucaristia) que preparastes na presença" dos crentes. Pois, se foi extraído do fundo das águas, foi para alimentar a terra. E as aves, ainda que nascidas no mar, multiplicam-se também

sobre a face da terra.

A infidelidade dos homens foi a causa das primeiras palavras dos Evangelizadores, que exortam os fiéis e lhes lançam a bênção de muitos modos de dia em dia. Mas a alma viva (a alma cristã) recebeu a sua origem da terra, porque só aos fiéis é meritório refrearem-se no amor a este mundo, para que a alma deles viva para Vós. Sim, ela estava morta quando vivia, Senhor, "nas delícias", que eram mortíferas, porque só Vós sois as delícias vitais do coração puro.

30. Que os vossos ministros trabalhem na terra, não como entre as águas da infidelidade, anunciando e falando por milagres e frases místicas que, à vista destes prodígios misteriosos, tornam atenta a ignorância, mãe da admiração. Tal é a entrada da fé, para os filhos de Adão, que, esquecidos de Vós, se escondem da vossa face e se tornam um abismo. Os vossos ministros arroteiem esse campo como "terra enxuta" separada das fauces do abismo e sejam modelo para os fiéis, vivendo na sua presença de tal modo que os excitem a imitar o bem.

Assim, os fiéis ouvem não só para ouvir mas também para praticar o que lhes é ensinado: "Buscai a Deus e a vossa alma viverá", para que a terra produza uma alma viva": "não vos conformeis com este mundo"; abstende-Vos dele. Se a alma evita o mundo, vive, e, se o busca, morre.

Refreai-vos na violenta bestialidade da soberba, no prazer inerte da luxúria, na fama enganadora da ciência, a fim de que as alimárias sejam mansas e os animais domésticos sejam domados, e as serpentes não sejam venenosas. Tais são as paixões da alma, representadas alegoricamente. Mas o desdém da arrogância, o prazer da torpeza e o veneno da curiosidade são os movimentos da alma inerte, a qual não morre a ponto de carecer de todo o movimento. Morre, afastando-se da fonte da Vida, e é arrebatada pelo mundo que passa e com o qual se conforma.

31. A vossa palavra, porém, meu Deus, é "fonte de Vida eterna", e não passa.

Pela vossa palavra é-nos proibido esse afastamento de Vós, ao dizer-nos: "Não vos conformeis com este mundo, a fim de que a terra produza uma alma viva", na fonte da Vida, uma alma pura que observe a vossa palavra declarada pelos Evangelistas e imite os Imitadores do vosso Cristo, Eis o sentido místico da expressão "segundo a espécie", porque o homem imita aquele que ama. "Sede como eu", disse São Paulo, "porque também sou como vós".

Deste modo, as feras (as paixões) da alma viva tornar-se-ão boas, na doçura das suas ações. Assim no-lo ordenastes, ao dizer: "Realiza as tuas obras na mansidão, e serás amado por todo homem".

Os animais domésticos serão bons. Se comerem, não terão fastio, e, se não comerem, não padecerão fome. As serpentes tornar-se-ão boas. Não serão venenosas para fazerem mal, mas astutas para se acautelarem. Investigarão a natureza das coisas temporais tanto quanto basta para compreenderem, por meio das coisas criadas, a eternidade. Estes animais, as paixões, servem à razão, quando vivem refreados em todos os seus caminhos de morte e forem bons.

## **22 - Renovação de espírito.**

32. Deste modo, Deus, Senhor e Criador nosso, quando os afetos do amor mundano forem refreados — vivendo mal, com eles morremos — e quando a alma for vivente — vivendo bem — e estiver cumprida aquela sentença que dissestes pela boca do Apóstolo: "Não vos conformeis com este mundo", seguir-se-á aquilo que imediatamente ajuntastes. Assim dissestes: "Mas reformai-vos no rejuvenescimento da vossa mente", não já "segundo a espécie", como quem imita uma personagem ou como quem vive cingido à autoridade dum homem mais justo. Não dissestes: "Faça-se o homem segundo a sua espécie", mas: "Façamos o homem à nossa imagem e semelhança", para que entendamos qual seja a vossa vontade.

Além disso, o vosso Dispensador (São Paulo), que gerava os filhos

pelo Evangelho, não querendo que aqueles que alimentara com o leite e que, como ama, criara fossem criancinhas, disse-lhes: "Reformai-vos no rejuvenescimento do vosso espírito para entenderdes qual seja a vontade de Deus, e discernirdes o bem, o agradável e o perfeito". Por isso não dizeis: "Faça-se o homem", mas: "Façamos o homem". Nem dizeis "segundo a espécie", mas: "à nossa imagem e semelhança".

O homem, renovado pelo espírito e vendo perfeitamente a vossa verdade, não precisa das indicações de outro homem para proceder "segundo a sua espécie". Graças aos vossos ensinamentos, ele mesmo compreende a vossa vontade e aquilo que é bom, agradável e perfeito. Vós o ensinais a ver a Trindade da Unidade e a Unidade da Trindade, porque já é capaz deste ensinamento. Tendo Vós falado no plural: "Façamos o homem", afirma-se logo no singular: "E fez Deus o homem". Tendo Vós falado no plural: "A nossa imagem", enuncia-se no singular: "À imagem de Deus".

Deste modo, "o homem renova-se no conhecimento de Deus, segundo a imagem d'Aquele que o criou", e, tornando-se espiritual, julga de todas as coisas que certamente hão de ser julgadas. Porém ele de "ninguém é julgado".

## **23 - De que coisas pode julgar o homem espiritual.**

33. Quando, porém, lemos que o homem "julga todas as coisas", isto significa que tem poder sobre os peixes do mar, sobre as aves do céu, sobre todos os animais domésticos e feras, sobre toda a terra, e sobre os répteis que "pela terra se arrastam".

Este poder, exerce-o por meio da inteligência, pela qual percebe o que é do Espírito de Deus. Mas o "homem, posto em lugar de honra, não entendeu a sua grandeza e igualou-se aos jumentos insensatos, tornando-se semelhante a eles". Por isso, na vossa Igreja, meu Deus, tanto os que presidem como os que obedecem julgam pelo Espírito segundo a graça que a cada um concedestes,



porque "somos obra vossa e criados para obras boas". Desse modo formastes a criatura humana, o homem e a mulher na vossa graça espiritual, sem que no entanto houvesse na ordem do espírito distinção de sexo entre eles, porque "não há judeu, nem grego, nem escravo, nem homem livre".

Portanto, os "espirituais", quer os que presidem, quer os que obedecem, julgam espiritualmente. A sua inteligência não se exerce sobre os pensamentos intelectuais que brilham no firmamento, pois não lhes pertence formular juízos sobre tão sublime autoridade. Nem julgam da vossa Escritura, ainda que esta contenha obscuridades, porque lhe devemos sujeitar a inteligência. Temos como certo ainda mesmo o que permanece velado à nossa compreensão, e acreditamos que isso não foi dito com justiça e com verdade.

Deste modo o homem, se bem que já espiritual e renovado "no conhecimento de Deus, segundo a imagem d'Aquele que o criou", deve ser cumpridor e não juiz da lei.

Igualmente não pode ajuizar daquilo que distingue os homens espirituais dos carnis.

Estes, meu Deus, são conhecidos aos vossos olhos. Ainda se não manifestaram a nós com nenhuma das suas obras, para que, "pelos seus frutos, os conheçamos". Porém, Vós, Senhor, já os conheceis, já os classificastes, já lhes fizestes ocultamente o convite antes de ser criado o firmamento.

Também não é da gente alvorotada deste mundo que o homem espiritual julga.

Efetivamente, que tem ele "a julgar dos que estão fora", ignorando quem dentre eles chegará à doçura da vossa graça e quem há de permanecer na eterna amargura da impiedade?

34. Portanto, o homem que fizestes à vossa imagem não recebeu poder sobre os astros do céu, nem sobre o próprio firmamento misterioso, nem sobre o dia e a noite, que chamastes à existência antes da criação do céu, nem sobre a junção das águas, que é o mar. Mas recebeu jurisdição sobre os peixes do mar, sobre as aves

do céu, sobre todos os animais, sobre toda a terra e sobre todos os répteis que rastejam no chão.

Julga, pois, e aprova o que é bom, e condena o que é mau, quer na celebração dos sacramentos pelos quais são iniciados os que a vossa misericórdia procura no mar profundo; quer no banquete em que se apresenta o Peixe, tirado do fundo do oceano para alimento da terra fiel; quer nas vozes alegóricas e nas palavras sujeitas à autoridade do vosso Livro, e que voam, por assim dizer, sob o vosso firmamento, quando o vosso pregador interpreta, expõe, disserta, disputa, louva e Vos invoca com orações. Estas brotam em voz alta dos seus lábios, para que o povo responda: "Assim seja"!

A razão por que precisamos de enunciar tudo isso por palavras materiais é o abismo do mundo e a cegueira da carne, que não nos permite contemplar os pensamentos alheios, e por isso nos obriga a valer-nos de vozes e de sons que firam ruidosamente os ouvidos dos outros, para lhes comunicarmos os nossos pensamentos. Assim, ainda que as aves se multipliquem sobre a terra, recebem contudo a sua origem das águas.

Também o homem que vive segundo o espírito formula o seu parecer, aprovando o que é reto, e censurando o que encontra de vicioso nas almas e costumes dos fiéis. Julga das esmolas que são como frutos da terra, da alma viva que dominou suas afeições "pela castidade, pelos jejuns", pelos pensamentos piedosos. Julga de tudo aquilo que pelos sentidos corporais se manifesta. Resumindo, afirmo que o homem espiritual tem faculdade de julgar de tudo o que possa corrigir.

## **24 - "Crescei e multiplicai-vos"!**

35. Mas que é isto e que mistério é? Abençoaís os homens, Senhor, para que "cresçam, se multipliquem e encham a terra". Não querereis dar-nos a perceber algumas coisas sobre estas palavras?

Por que não abençoastes assim a luz, a quem chamastes dia, nem ao firmamento do céu, nem aos astros, nem às estrelas, nem à

terra, nem ao mar? Eu diria, meu Deus, que nos criastes à vossa imagem. Sim, eu diria que quisestes conceder particularmente este dom ao homem, mesmo que assim não tivésseis abençoado os peixes e os cetáceos para que crescessem, se multiplicassem e ocupassem as águas do mar, e para que as aves se multiplicassem sobre a terra.

Do mesmo modo afirmaria que esta bênção se estende também a todas as espécies que a si mesmas se propagam por meio de geração, se acaso as encontrasse entre os arbustos, entre as árvores de fruto e entre os animais da terra. Porém, nem às ervas, nem às árvores, nem aos animais ferozes, nem às serpentes foi dito: "Crescei e multiplicai-vos!", se bem que todos estes seres se multiplicam por geração, como os peixes, as aves e os homens, e deste modo mantêm a sua espécie.

36. Que direi então, ó Verdade e minha Luz? Que estas palavras foram proferidas inutilmente e sem motivo? De modo nenhum, Pai de misericórdia. Longe de mim que o servo do vosso Verbo diga tal coisa! Se eu não entendo o que quereis dizer com estas palavras, entendam-no outros melhores que eu, quer dizer, outros mais inteligentes segundo a capacidade, meu Deus, que a cada um proporcionastes.

Agrade-Vos pois a minha confissão, feita "diante de vossos olhos". Por ela declaro-Vos que creio, Senhor, que não foi em vão que assim falastes! Nem calarei o que estas palavras me sugeriram ao lê-las. O que eu penso é verdadeiro, e nada impede que eu assim explique as palavras figuradas dos vossos Livros. Sei que, por meio de sinais sensíveis, se significam diversas coisas que o nosso espírito percebe de uma única maneira; e que, pelo contrário, o espírito entende de muitas maneiras o que os sinais sensíveis representam duma só. Assim, por exemplo, o amor de Deus e do próximo, com quantas metáforas, em que inúmeras línguas — e, em cada língua, com que inúmeras expressões! — se enuncia de maneira concreta!

É neste sentido que "crescem e se multiplicam os peixes das águas".

Mas tu, leitor, quem quer que sejas, atende novamente. A Escritura declara duma só maneira, e a nossa voz também dum só modo pronuncia estas palavras: "No princípio criou Deus o céu e a terra..." E no entanto não é verdade que se interpretam sob vários aspectos, não sofisticada e falsamente, mas segundo a variedade de pontos de vista legítimos?

Assim crescem e se multiplicam as gerações dos homens.

37. Se considerarmos não alegoricamente, mas no sentido real a natureza das coisas, vemos que as palavras "crescei e multiplicai-vos" se estendem a tudo o que nasce de semente. Se, pelo contrário, as interpretarmos em sentido figurado, que era, a meu ver, o que a Escritura pretendia, a qual, com certeza, não atribui inutilmente esta bênção só às crias dos peixes ou aos filhos dos homens! — encontraremos uma grande multidão de criaturas corporais e espirituais, simbolizadas no céu e na terra; as almas dos justos e perversos, simbolizadas na luz e nas trevas; os santos legisladores por quem Deus nos deu a Lei, simbolizados no firmamento que foi estabelecido entre as águas superiores e as águas inferiores; a sociedade dos povos amargurados pelas suas paixões, simbolizada no mar; as afeições das almas piedosas, simbolizados na "terra enxuta"; as obras de misericórdia praticadas nesta vida, simbolizadas nas ervas que nascem de sementes e nas árvores frutíferas; os dons espirituais manifestados para utilidade do próximo, simbolizados nos astros do céu; as afeições regradas pela temperança, simbolizadas na alma viva.

Em tudo isso, pois, encontramos variedade, abundância e acréscimo. Mas, que uma só coisa cresça e se multiplique de tal modo que se enuncie de muitas formas e uma só perfeição se entenda de muitas maneiras, não o encontramos senão nos símbolos sensíveis e nas alegorias concebidas pelo espírito. Nós entendemos, como equivalendo a "símbolos sensíveis", "as gerações criadas nas águas", porque esses símbolos foram necessariamente motivados pela profundidade da nossa miséria carnal. Simbolizamos também por "gerações humanas" "as alegorias concebidas pelo espírito", por causa da fecundidade da

razão. Por isso, Senhor, creio que dissestes a uns e a outros: "Crescei e multiplicai-vos!" Por meio desta benção concedei-nos o poder e a licença de enunciar de diversos modos o que o nosso espírito concebe duma maneira simples, e de perceber sob várias formas o que nos vossos Livros lemos enunciado, obscuramente, duma só maneira.

É assim que se povoam "as águas do mar", que não se moveriam sem estas diversas interpretações. É assim que as várias gerações dos homens enchem a terra, cuja "aridez" se fertiliza pela paixão da verdade, sob o domínio da razão.

## **25 - "Os frutos da terra".**

38. Quero também expor, Senhor meu Deus, o que me sugere a vossa Escritura, ao continuar a lê-la, e di-lo-ei sem me envergonhar. Exporei verdades que me inspirastes e aquilo que Vós quisestes que eu daquelas palavras deduzisse. Nem creio que diga a verdade, se outro além de Vós me inspirar, pois só Vós sois "a Verdade, e todo o homem é mentiroso". Por isso, "quem fala de si mesmo enuncia mentiras". Portanto eu, para falar verdade, falarei do que me inspirastes.

Destes-nos, "para alimento, todas as ervas semeáveis que produzem semente à superfície de toda a terra, e as árvores que têm em si o fruto, junto com o germe". Não no-las concedestes só a nós, mas também às aves do céu, aos animais da terra e às serpentes. Não as ofertastes, porém, aos peixes e aos grandes cetáceos.

Dizíamos nós que nestes frutos da terra se significavam e representavam alegoricamente as obras de misericórdia, as quais brotam da terra fecunda, para ocorrerem às necessidades da vida. O piedoso Onesífero era semelhante a esta terra. Foi à sua casa que concedestes misericórdia, por ter matado a sede muitas vezes ao vosso servo Paulo e por se não ter envergonhado das cadeias do Apóstolo. O mesmo fizeram "os irmãos que da Macedônia lhe forneceram o necessário", dando com isso mostras de produzir

iguais frutos. Igualmente se queixava São Paulo de algumas árvores que lhe não deram o fruto que deviam. Por isso diz: "Na minha primeira defesa ninguém me assistiu; todos me abandonaram; que isto lhes não seja imputado"!

Devemos dar estes frutos aos que nos ministram doutrina conforme à razão, explicando-nos os divinos mistérios. Por este motivo os frutos são-lhes devidos como a homens. São-lhes devidos também como a almas vivas, pois dão-nos exemplos de todas as virtudes. Do mesmo modo, esses frutos são-lhes devidos como a aves do céu, por causa das suas bênçãos que se multiplicam sobre a terra, pois "a toda ela se estendeu a sua voz".

## **26 - Almas re floridas — São Paulo.**

39. Mas com estes frutos só se nutrem aqueles que alegremente os saboreiam. Os outros, "cujo deus é o seu ventre", não podem regozijar-se com eles. Até mesmo nos que dão esmola, o "fruto" não é o que eles dão, mas o espírito com que a oferecem. Vejo por isso perfeitamente qual era a fonte destas alegrias em São Paulo, que servia a Deus e não ao seu ventre. Vejo, e intensamente me congratulo com ele.

Recebera o Apóstolo, por intermédio de Epafrodite, as ofertas que lhe enviaram os filipenses. Vejo a causa da sua alegria. O que o alegrava era aquilo de que São Paulo se nutria, pois afirma com verdade: "Alegrei-me sumamente no Senhor, por ter de novo florescido a vossa estima para comigo, em que antes abundáveis, já que eu vos tinha causado aborrecimento". Portanto, tinham eles emurhecido com um prolongado aborrecimento, e como que secaram para os frutos das boas obras. Congratula-se com eles porque refloresceram, e não se congratula consigo mesmo por terem acudido à sua indigência.

Por isso declara São Paulo logo a seguir: "Não digo isto porque alguma coisa me falte, pois, nas circunstâncias em que me acho, aprendi a contentar-me. Sei passar privações e sei viver na abundância. Em tudo e por tudo tenho sido ensinado a tolerar a

fartura e a penúria, a estar na abundância e a sofrer necessidades. Tudo posso n'Aquele que me conforta" .

40. Qual o motivo da tua alegria, ó grande Paulo? Qual o motivo do teu júbilo? De que te alimentas, ó homem "renovado para o conhecimento de Deus segundo a imagem do que te criou", ó alma viva, tão pura, língua alada que nos fala de mistérios? Por que a esta espécie de animais se deve tal alimento? Dize-me: o que é que naquela obra dos filipenses servia de manjar à tua alma? — A alegria.

Ouçamos o que segue: "Contudo", diz ele, "fizeste bem em compartilhar da minha tribulação". O que lhe dá alegria, o que o nutre é terem eles procedido bem; e não o ter sido alargada a sua estreiteza. Por isso, meu Deus, ele afirma: Vós, "na angústia, dilataste-me o coração". Aprende em Vós — que o confortais — a estar na abundância e a sofrer privação. "Também vós, ó filipenses", acrescenta ele, "sabeis que no começo da pregação do Evangelho, quando parti da Macedônia, nenhuma Igreja teve comigo intercâmbio para dar e para receber, senão vós somente, porque para Tessalonica várias vezes enviastes com que ocorrer às minhas necessidades." Agora rejubila por terem voltado a praticar tão boas obras e alegra-se por terem re florido como um campo fértil e verdejante.

41. Seria acaso por causa das suas precisões, pois declarou: "Ocorrestes às minhas necessidades"? Alegra-se, porventura, por causa disso? Não, decerto. Como o sabemos?

Porque logo acrescenta: "Não é a vossa dádiva que eu busco, mas o fruto".

Aprendi de Vós, meu Deus, a distinguir entre a dádiva e o fruto. A dádiva é o próprio objeto oferecido por quem nos prove nas necessidades, como dinheiro, comida, bebida, roupa, posada e ajuda. O fruto, porém, é a boa e sincera vontade do doador. O nosso Mestre, na verdade, não disse somente: "O que receber um profeta", mas acrescentou: "na sua qualidade de profeta". Nem afirmou apenas: "quem receber um homem justo", mas acrescentou

também "na sua qualidade de justo". Deste modo, aquele receberá a recompensa do profeta, e este a do homem justo. Não se limita só a dizer: "O que der um copo de água fresca a um dos mais pequeninos dos meus" mas ajuntou "só na sua qualidade de discípulo". Por isso conclui: "Em verdade vos digo, não ficará sem recompensa".

É uma dádiva receber um profeta, receber um justo, dar um copo de água fresca a um discípulo. O fruto, porém, está em praticar esta ação como a um profeta, como a um justo, como a um discípulo. Com o fruto era Elias sustentado pela viúva, porque esta sabia que alimentava um homem de Deus, e por isso mesmo o alimentava. Porém o Profeta nutria-se com a dádiva do corvo. Não era o Elias interior que era alimentado, mas só o Elias exterior, que poderia morrer à míngua deste alimento.

## **27 - Os "peixes" e os "cetáceos".**

42. Portanto, Senhor, direi a verdade diante de Vós. Algumas vezes os homens ignorantes e infiéis, que para serem iniciados e ganhos à fé precisam destas metáforas de principiantes e destes milagres grandíloquos — figurados, assim o creio, sob o nome de "peixes" e de "cetáceos" —, tomam o encargo de aliviar os vossos filhos ou de os auxiliar nalguma necessidade da vida presente.

Mas, como ignoram a natureza da sua ação e o verdadeiro motivo por que a devem praticar, nem eles os alimentam, nem estes são alimentados por eles; porque nem os primeiros praticam essas boas obras com santa e reta intenção, nem os segundos se alegram com as dádivas, nas quais não descobrem ainda fruto algum. Ora, a alma só se alimenta daquilo que lhe traz alegria. Por isso os "peixes" e os "cetáceos" não se nutrem de alimentos que brotam da terra só depois de separada e limpa da sujeira das águas marinhas.

## **28 - A obra da criação é essencialmente boa.**



43. Vós vistes, ó meu Deus, todas as coisas que criastes. Pareceram-Vos elas muito boas e, assim, também nós as vemos e as achamos igualmente excelentes.

Depois de dizerdes a cada uma das espécies das vossas obras que "fossem criadas" e depois de elas o serem, vistes que eram boas.

Sete vezes contei-as eu, está escrito que vistes ser excelente a obra por Vós criada.

Na oitava declara-se que contemplastes todas as vossas criaturas como obra vista de conjunto, e eis que elas então não só Vos pareceram "boas", mas "muito boas".

Cada uma das criaturas separadamente era boa. Porém, consideradas em conjunto, eram não só "boas", mas até "muito boas". Isto mesmo o afirma também a beleza de qualquer ser orgânico. Um corpo, formado de membros todos belos, é muito mais belo que cada um dos seus membros de cuja conexão harmoniosa se forma o conjunto, posto que também cada membro separadamente tenha uma beleza peculiar.

## **29 - Fora do tempo.**

44. Inquiri atentamente se foram sete ou oito vezes que Vos pareceram boas as vossas obras, ao agradarem-Vos. Nessa vossa contemplação não encontrei o tempo pelo qual pudesse compreender ser esse o número de vezes que admirastes a criação. Por isso exclamei: Ó Senhor, eu creio que é verdadeira a vossa Escritura, pois não fostes Vós, a autêntica e a própria Verdade, que a ditastes? Por que me dizeis que a vossa visão dos seres criados não está sujeita ao tempo, se a vossa Escritura me narra, dia a dia, terdes Vós contemplado a excelência das vossas criaturas, e tendo-as eu contado, as vezes que as vistes, achei o seu número?

A isso me respondeis. Porque sois o meu Deus o dizeis com voz forte ao ouvido interior do vosso servo, rompendo a minha surdez e exclamando: "Homem, o que a minha Escritura diz, Eu o digo. Mas

ela di-lo no tempo, e este não atinge o meu Verbo, que subsiste comigo numa eternidade igual à minha. Assim, o que vedes pelo meu espírito, sou Eu que o vejo; o que dizeis pelo meu espírito, sou Eu que o digo. Mas, assim como quando vós contemplais estas coisas no tempo, Eu não as contemplo no tempo, assim, quando vós as dizeis no tempo, Eu não as digo no tempo".

### **30 - Erros dos maniqueístas sobre a criação.**

45. Eu ouvi, Senhor, meu Deus, a vossa voz. Tomei uma gota de doçura da vossa Verdade. Compreendi que há alguns a quem desagradam vossas obras, dizendo que muitas delas as criastes impelido pela necessidade, como, por exemplo, a estrutura do céu e a organização dos astros. Afirmam que as não fizestes por Vós mesmo, mas que já existiam criadas noutro lugar. Tirando-as de lá, simplesmente as reunistes, compondo-as e coordenando-as, quando edificastes as muralhas do mundo, depois de vencidos os inimigos, para que, cativos nessa fortaleza, jamais pudessem de novo rebelar-se contra Vós.

Dizem que nem criastes os outros seres nem os ordenastes, como, por exemplo, os organismos corpóreos, todos os animais pequeninos e também tudo o que se agarra à terra por meio de raízes. Declaram que um espírito hostil e outra natureza por Vós não criados os formam e geram nas regiões inferiores do mundo. Esses insensatos afirmam tais coisas porque não veem as vossas obras através do vosso Espírito, nem Vos reconhecem nelas.

### **31 - Deus ilumina o nosso olhar.**

46. O contrário sucede àqueles que contemplam essas obras pelo vosso Espírito, porque então sois Vós quem vê neles. Por conseguinte, quando veem que são boas, Vós vedes também essa bondade. Em tudo o que lhes agrada, por causa de Vós, nisso Vos tornais agradável; e aquilo que pelo vosso Espírito nos agrada, é em nós que Vos agrada.

Quem dos homens sabe o que é do homem, senão o espírito do homem que nele está?

Assim, também o que pertence a Deus ninguém o sabe, senão o Espírito de Deus. "Nós, porém", diz São Paulo, "recebemos não o espírito deste mundo, mas o Espírito que é de Deus, para conhecermos dos dons que Deus nos concedeu".

Sinto-me impelido a perguntar: não sabendo ninguém com certeza o que é de Deus, senão o Espírito de Deus, como conhecemos nós também os dons que Deus nos concede?

Responder-me-á alguém: "As coisas que nós conhecemos pelo seu Espírito, ninguém as sabe senão o Espírito de Deus". Por conseguinte, assim como se disse com toda a razão àqueles que falavam pelo Espírito de Deus: "Não sois vós quem fala"; e aos que sabem pelo Espírito de Deus: "Não sois vós quem sabe"; não menos retamente se diz àqueles que veem pelo Espírito de Deus: "Não sois vós quem vê". Deste modo, tudo o que pelo Espírito de Deus veem de bom, não são eles, mas Deus, quem o vê assim.

Por isso, uma coisa é um julgar como mau o que é bom, como os (maniqueístas) de que acima falei; e outra, ver o homem como bom o que é bom, como acontece a muitos a quem agrada a vossa criação, por esta ser excelente. Contudo, não sois Vós que lhes agradais nela, pois querem antes o gozo da criatura do que a Vós. Enfim, outra coisa sucede quando o homem vê que alguma criatura é boa sendo Deus quando vê nele que a criatura é boa, porque é bom que Deus seja amado naquilo que criou. Ele somente será amado pelo Espírito que nos concedeu, "pois a caridade de Deus foi difundida em nossos corações pelo Espírito Santo que nos foi dado". Por Ele vemos que é bom tudo o que de qualquer modo existe, pois procede d'Aquele que não existe de qualquer modo, pois o que Ele é, é-o por essência.

## **32 - O conjunto da criação.**

47. Graças Vos damos, Senhor! Vemos o céu e a terra, isto é, as partes superior e inferior corpórea, ou a criação espiritual e

material. Para adorno destas partes componentes de toda a massa do mundo ou de toda a criação no seu conjunto, vemos a luz, criada e separada das trevas.

Vemos o firmamento do céu, quer o entendamos como sendo o primeiro corpo do universo situado entre as águas espirituais superiores e as águas corporais inferiores, quer seja este espaço do ar, a que também se dá o nome de atmosfera. Por esta divagueiam as aves, entre as águas que se lhes sobrepõem em forma de vapor — que em noites serenas cai em gotas de orvalho — e as águas em estado líquido pela terra.

Vemos a formosura das águas reunidas nas campinas do mar. Vemos a terra árida, nua, ou de forma visível e ordenada, essa terra, mãe das plantas e das árvores.

Vemos brilhar por cima de nós os luzeiros do céu, o sol bastar ao dia, a lua e as estrelas consolarem a noite, e as divisões do tempo serem designadas e medidas por todos estes astros.

Contemplamos por toda parte o elemento da água, fecundo em peixes, em monstros marinhos e em aves, pois a densidade do ar, que sustenta o voo dos pássaros, cresce com a exalação das águas.

Vemos a face da terra embelezar-se com animais terrestres.

Vemos o homem, criado à vossa imagem e semelhança, constituído em dignidade acima de todos os viventes irracionais, por causa de vossa mesma imagem e semelhança, isto é, por virtude da razão e da inteligência. E assim como na sua alma há uma parte que impera pela reflexão e outra que se submete para obedecer, assim também a mulher foi criada, quanto ao corpo, para o homem. Ela, possuindo, sem dúvida, uma alma de igual natureza racional e de igual inteligência, está, quanto ao sexo, dependente do sexo masculino, assim como o apetite, de que nasce o ato, se subordina à inteligência para conceber da razão a facilidade em ordem ao bom procedimento.

Estas são as coisas que contemplamos, as quais, tomadas de per si, são belas, e em seu conjunto são ainda mais belas.

### **33 - A matéria e a forma do Universo.**

48. Enalteçam-Vos as vossas obras, para que Vos amemos! Que nós Vos amemos, para que as vossas obras Vos enalteçam! Elas têm princípio e fim no tempo, nascimento e morte, progresso e decadência, beleza e imperfeição. Portanto, todas elas têm sucessivamente manhã e tarde, ora oculta ora manifestamente.

Foram feitas por Vós do nada, não porém da vossa substância ou de certa matéria pertencente a outrem ou anterior a Vós, mas da matéria concriada, isto é, criada por Vós ao mesmo tempo que elas, e que, sem nenhum intervalo de tempo, fizestes passar da deformidade à forma.

Ê certo que a matéria do céu é diferente da terra e a beleza de um difere da beleza do outro, pois a matéria do mundo a tirastes do nada, e a beleza do mundo, da matéria informe. Vós as criastes, contudo, ao mesmo tempo, a matéria e a forma, porque entre a criação da matéria e a da forma não mediou nenhum espaço de tempo.

### **34 - Simbolismo da criação.**

49. Meditei igualmente sobre as verdades espirituais que quisestes significar quer pela ordem e sucessão de vossas obras, quer pela ordem com que quisestes que fossem referidas. Notei que as vossas obras, consideradas singularmente, são belas, e em seu conjunto são ainda mais belas.

No vosso Verbo, no vosso Único Filho, criastes o céu e a terra, a cabeça e o corpo da Igreja, numa predestinação anterior a todos os tempos, sem manhã nem tarde. Logo, porém, começastes a executar no tempo o que tínheis predestinado, a fim de manifestardes os vossos planos misteriosos e coordenardes as nossas desordens, pois sobre nós pesavam os nossos pecados. Longe de Vós, precipitamo-nos na voragem das trevas. O vosso misericordioso Espírito pairava sobre nós, para vir em nosso auxílio, em tempo oportuno.

Justificastes os ímpios, separaste-os dos pecadores e confirmastes a importância da vossa Escritura entre as pessoas de autoridade que Vos haviam de ser dóceis, e entre os súditos, que se lhes haviam de sujeitar. Congregastes numa só aspiração a sociedade dos infiéis, para que aparecessem os bons sentimentos dos fiéis e produzissem em vossa honra obras de misericórdia, distribuindo aos pobres igualmente os bens da terra para adquirirem os do céu.

Depois acendestes no firmamento alguns luzeiros, isto é, os vossos Santos, que têm palavras de vida e refulgem pela sublime autoridade conferida pelos dons espirituais.

Para comunicardes a vossa Lei às nações idolatras, formastes de matéria visível os Sacramentos, fizestes milagres visíveis e determinastes, em conformidade com o firmamento da vossa Escritura, as "palavras das vossas palavras", para que com elas fossem abençoados os fiéis. Em seguida, formastes no vigor da continência a alma viva dos cristãos por meio dos afetos ordenados.

Finalmente, renovastes, à vossa imagem e semelhança, a alma, somente a Vós submissa, e que não precisa de nenhum exemplo de autoridade humana para imitar.

Sujeitastes a atividade racional ao poder do entendimento, como a mulher ao homem.

Quisestes que a todos os vossos Ministros, necessários para aperfeiçoar nesta vida os cristãos, fossem prestados auxílios pelos mesmos fiéis, nas necessidades temporais. Esta obra de caridade ser-lhes-á valiosa para o futuro.

Vemos todas estas coisas, e todas elas são muito boas, porque as contemplais em nós, ó Deus, que nos concedestes o Espírito para as podermos ver e para nelas Vos amarmos.

## **35 - A paz.**

50. Ó Senhor meu Deus, concedei-me a paz, pois tudo nos

ofereceste, a paz tranquila, paz do sábado que não entardece. Com efeito, toda esta ordem formosíssima de seres excelentemente bons há de passar, depois de realizados os seus modos de existência.

Fez-se neles alvorada e tarde.

## **36 - O penhor da vida eterna.**

51. Ora o sétimo dia não tem crepúsculo. Não possui ocaso, porque Vós o santificastes para permanecer eternamente. Aquele descanso com que repousastes no sétimo dia após tantas obras excelentes e sumamente boas — as quais realizastes sem fadiga — significa-nos, pela palavra de vossa Escritura, que também nós, depois dos nossos trabalhos, que são bons porque no-los concedestes, descansaremos em Vós, no sábado da Vida Eterna.

## **37 - O repouso de Deus.**

52. Também então repousareis em nós, da mesma maneira que agora operais em nós.

Este nosso repouso será vosso por nós, assim como são vossas estas ações por nós.

Senhor, Vós sempre estais ativo; sempre estais em repouso. Não vedes, não Vos moveis, nem descansais, conforme o tempo. Porém, concedei-nos que vejamos no tempo, fazeis o próprio tempo e o nosso repouso, para além do tempo.

## **38 - A ação de Deus em nós.**

53. Nós vemos todas estas vossas criaturas porque existem e têm ser. Mas porque Vós as vedes é que elas existem. Eternamente, vemos que existem; e no nosso íntimo notamos que são boas. Vós, porém, as vistes feitas, onde julgastes que se deviam fazer.

Nós, agora, somos inclinados a praticar o bem, depois que o nosso coração o concebeu, inspirado pelo vosso Espírito. Mas, ao

princípio, desertando de Vós, éramos arrastados para o mal. Contudo, Vós, meu Deus e único Bem, nunca deixastes de nos beneficiar. Com a vossa graça algumas obras realizamos; mas estas não são eternas.

Depois de as termos praticado, esperamos repousar na vossa grande santificação. Vós sois o Bem que de nenhum bem precisa. Estais sempre em repouso, porque sois Vós mesmo o vosso descanso.

Quem dos homens poderá dar a outro homem a inteligência deste mistério? Que anjo a outro anjo? Que anjo ao homem? A Vós se peça, em Vós se procure, à vossa porta se bata. Deste modo, sim, deste modo se há de receber, se há de encontrar e se há de abrir a porta do mistério.

---





# Confessiones - Original em Latim

## Liber primus

### 1.1.1

magnus es, domine, et laudabilis valde. magna virtus tua et sapientiae tuae non est numerus. et laudare te vult homo, aliqua portio creaturae tuae, et homo circumferens mortalitatem suam, circumferens testimonium peccati sui et testimonium quia superbis resistis; et tamen laudare te vult homo, aliqua portio creaturae tuae. tu excitas ut laudare te delectet, quia fecisti nos ad te et inquietum est cor nostrum donec requiescat in te. da mihi, domine, scire et intellegere utrum sit prius invocare te an laudare te, et scire te prius sit an invocare te. sed quis te invocat nesciens te? aliud enim pro alio potest invocare nesciens. an potius invocaris ut sciaris? quomodo autem invocabunt, in quem non crediderunt? aut quomodo credent sine praedicante? et laudabunt dominum qui requirunt eum: quaerentes enim inveniunt eum et invenientes laudabunt eum. quaeram te, domine, invocans te et invocem te credens in te: praedicatus enim es nobis. invocat te, domine, fides mea, quam dedisti mihi, quam inspirasti mihi per humanitatem filii tui, per ministerium praedicatoris tui.

### 1.2.2

et quomodo invocabo deum meum, deum et dominum meum, quoniam utique in me ipsum eum vocabo, cum invocabo eum? et quis

locus est in me quo veniat in me deus meus, quo deus veniat in me, deus qui fecit caelum et terram? itane, domine deus meus? est quicquam in me quod capiat te? an vero caelum et terra, quae fecisti et in quibus me fecisti, capiunt te? an quia sine te non esset quidquid est, fit ut quidquid est capiat te? quoniam itaque et ego sum, quid peto ut venias in me, qui non essem nisi esses in me? non enim ego iam inferi, et tamen etiam ibi es, nam etsi descendero in infernum, ades. non ergo essem, deus meus, non omnino essem, nisi esses in me. an potius non essem nisi essem in te, ex quo omnia, per quem omnia, in quo omnia? etiam sic, domine, etiam sic. quo te invoco, cum in te sim? aut unde venias in me? quo enim recedam extra caelum et terram, ut inde in me veniat deus meus, qui dixit, `caelum et terram ego impleo'?

### 1.3.3

capiunt ergone te caelum et terra, quoniam tu imples ea? an imples et restat, quoniam non te capiunt? et quo refundis quidquid impleto caelo et terra restat ex te? an non opus habes ut quoquam continearis, qui contines omnia, quoniam quae imples continendo imples? non enim vasa quae te plena sunt stabilem te faciunt, quia etsi frangantur non effunderis. et cum effunderis super nos, non tu iaces sed erigis nos, nec tu dissiparis sed conligis nos. sed quae imples omnia, te toto imples omnia. an quia non possunt te totum capere omnia, partem tui capiunt et eandem partem simul omnia capiunt? an singulas singula et maiores maiora, minores minora capiunt? ergo est aliqua pars tua maior, aliqua minor? an ubique totus es et res nulla te totum capit?

### 1.4.4

quid es ergo, deus meus? quid, rogo, nisi dominus deus? quis enim dominus praeter dominum? aut quis deus praeter deum nostrum? summe, optime, potentissime, omnipotentissime, misericordissime et iustissime, secretissime et praesentissime, pulcherrime et fortissime, stabilis et incomprehensibilis, immutabilis mutans omnia, numquam

novus numquam vetus, innovans omnia et in vetustatem perducens superbos et nesciunt. semper agens semper quietus, conligens et non egens, portans et implens et protegens, creans et nutriens et perficiens, quaerens cum nihil desit tibi. amas nec aestuas, zelas et securus es, paenitet te et non doles, irasceris et tranquillus es, opera mutas nec mutas consilium, recipis quod invenis et numquam amisisti. numquam inops et gaudes lucris, numquam avarus et usuras exigis, supererogatur tibi ut debeas: et quis habet quicquam non tuum? reddis debita nulli debens, donas debita nihil perdens. et quid diximus, deus meus, vita mea, dulcedo mea sancta, aut quid dicit aliquis cum de te dicit? et vae tacentibus de te, quoniam loquaces muti sunt.

### 1.5.5

quis mihi dabit adquiescere in te? quis dabit mihi ut venias in cor meum et inebries illud, ut obliviscar mala mea et unum bonum meum amplectar, te? quid mihi es? miserere ut loquar. quid tibi sum ipse, ut amari te iubeas a me et, nisi faciam, irascaris mihi et mineris ingentes miserias? parvane ipsa est si non amem te? ei mihi! dic mihi per miserationes tuas, domine deus meus, quid sis mihi. dic animae meae, 'salus tua ego sum': sic dic ut audiam. ecce aures cordis mei ante te, domine. aperi eas et dic animae meae, 'salus tua ego sum.' curram post vocem hanc et apprehendam te. noli abscondere a me faciem tuam: moriar, ne moriar, ut eam videam.

### 1.5.6

angusta est domus animae meae quo venias ad eam: dilatetur abs te. ruinosus est: refice eam. habet quae offendant oculos tuos: fateor et scio. sed quis mundabit eam? aut cui alteri praeter te clamabo, 'ab occultis meis munda me, domine, et ab alienis parce servo tuo?' credo, propter quod et loquor, domine: tu scis. nonne tibi prolocutus sum adversum me delicta mea, deus meus, et tu dimisisti impietatem cordis mei? non iudicio contendo tecum, qui veritas es, et ego nolo fallere me ipsum, ne mentiatur iniquitas mea sibi. non ergo iudicio contendo tecum, quia, si iniquitates observaveris, domine, domine,

quis sustinebit?

### 1.6.7

sed tamen sine me loqui apud misericordiam tuam, me terram et cinerem sine tamen loqui. quoniam ecce misericordia tua est, non homo, inrisor meus, cui loquor. et tu fortasse inrides me, sed conversus misereberis mei. quid enim est quod volo dicere, domine, nisi quia nescio unde venerim huc, in istam dico vitam mortalem an mortem vitalem? nescio. et susceperunt me consolationes miserationum tuarum, sicut audivi a parentibus carnis meae, ex quo et in qua me formasti in tempore: non enim ego memini. exceperunt ergo me consolationes lactis humani, nec mater mea vel nutrices meae sibi ubera implebant, sed tu mihi per eas dabas alimentum infantiae secundum institutionem tuam et divitias usque ad fundum rerum dispositas. tu etiam mihi dabas nolle amplius quam dabas, et nutrientibus me dare mihi velle quod eis dabas: dare enim mihi per ordinatum affectum volebant quo abundabant ex te. nam bonum erat eis bonum meum ex eis, quod ex eis non sed per eas erat. ex te quippe bona omnia, deus, et ex deo meo salus mihi universa. quod animadverti postmodum, clamante te mihi per haec ipsa quae tribuis intus et foris. nam tunc sugere noram et adquiescere delectationibus, flere autem offensiones carnis meae, nihil amplius.

### 1.6.8

post et ridere coepi, dormiens primo, deinde vigilans. hoc enim de me mihi indicatum est et credidi, quoniam sic videmus alios infantes: nam ista mea non memini. et ecce paulatim sentiebam ubi essem, et voluntates meas volebam ostendere eis per quos implerentur, et non poteram, quia illae intus erant, foris autem illi, nec ullo suo sensu valebant introire in animam meam. itaque iactabam membra et voces, signa similia voluntatibus meis, pauca quae poteram, qualia poteram: non enim erant vere similia. et cum mihi non obtemperabatur, vel non intellecto vel ne obsesset, indignabar non subditis maioribus et liberis non servientibus, et me de illis flendo vindicabam. tales esse infantes

didici quos discere potui, et me talem fuisse magis mihi ipsi indicaverunt nescientes quam scientes nutritores mei.

### 1.6.9

et ecce infantia mea olim mortua est et ego vivo. tu autem, domine, qui et semper vivis et nihil moritur in te, quoniam ante primordia saeculorum, et ante omne quod vel ante dici potest, tu es, et deus es dominusque omnium quae creasti, et apud te rerum omnium instabilium stant causae, et rerum omnium mutabilium immutabiles manent origines, et omnium irrationalium et temporalium sempiternae vivunt rationes, dic mihi supplici tuo, deus, et misericors misero tuo dic mihi, utrum alicui iam aetati meae mortuae successerit infantia mea. an illa est quam egi intra viscera matris meae? nam et de illa mihi nonnihil indicatum est et praegnantem ipse vidi feminas. quid ante hanc etiam, dulcedo mea, deus meus? fuine alicubi aut aliquis? nam quis mihi dicat ista, non habeo; nec pater nec mater potuerunt, nec aliorum experimentum nec memoria mea. an inrides me ista quaerentem teque de hoc quod novi laudari a me iubes et confiteri me tibi?

### 1.6.10

confiteor tibi, domine caeli et terrae, laudem dicens tibi de primordiis et infantia mea, quae non memini. et dedisti ea homini ex aliis de se conicere et auctoritatibus etiam muliercularum multa de se credere. eram enim et vivebam etiam tunc, et signa quibus sensa mea nota aliis facerem iam in fine infantiae quaerebam. unde hoc tale animal nisi abs te, domine? an quisquam se faciendi erit artifex? aut ulla vena trahitur aliunde qua esse et vivere currat in nos, praeterquam quod tu facis nos, domine, cui esse et vivere non aliud atque aliud, quia summe esse ac summe vivere idipsum est? summus enim es et non mutaris, neque peragitur in te hodiernus dies, et tamen in te peragitur, quia in te sunt et ista omnia: non enim haberent vias transeundi, nisi contineres eas. et quoniam anni tui non deficiunt, anni tui hodiernus dies. et quam multi iam dies nostri et patrum nostrorum

per hodiernum tuum transierunt et ex illo acceperunt modos et utcumque extiterunt, et transibunt adhuc alii et accipient et utcumque existent. tu autem idem ipse es et omnia crastina atque ultra omniaque hesterna et retro hodie facies, hodie fecisti. quid ad me, si quis non intellegat? gaudeat et ipse dicens, `quid est hoc?' gaudeat etiam sic, et amet non inveniando invenire potius quam inveniando non invenire te.

## 1.7.11

exaudi, deus. vae peccatis hominum! et homo dicit haec, et misereris eius, quoniam tu fecisti eum et peccatum non fecisti in eo. quis me commemorat peccatum infantiae meae, quoniam nemo mundus a peccato coram te, nec infans cuius est unius diei vita super terram? quis me commemorat? an quilibet tantillus nunc parvulus, in quo video quod non memini de me? quid ergo tunc peccabam? an quia uberibus inhiabam plorans? nam si nunc faciam, non quidem uberibus sed escae congruenti annis meis ita inhians, deridebor atque reprehendar iustissime. tunc ergo reprehendenda faciebam, sed quia reprehendentem intellegere non poteram, nec mos reprehendi me nec ratio sinebat: nam extirpamus et eicimus ista crescentes. nec vidi quemquam scientem, cum aliquid purgat, bona proicere. an pro tempore etiam illa bona erant, flendo petere etiam quod noxie daretur, indignari acriter non subiectis hominibus liberis et maioribus hisque, a quibus genitus est, multisque praeterea prudentioribus non ad nutum voluntatis obtemperantibus feriendo nocere niti quantum potest, quia non oboeditur imperiis quibus perniciose oboediretur? ita inbecillitas membrorum infantilium innocens est, non animus infantium. vidi ego et expertus sum zelantem parvulum: nondum loquebatur et intuebatur pallidus amaro aspectu conlactaneum suum. quis hoc ignorat? expiare se dicunt ista matres atque nutrices nescio quibus remediis. nisi vero et ista innocentia est, in fonte lactis ubertim manante atque abundante opis egentissimum et illo adhuc uno alimento vitam ducentem consortem non pati. sed blande tolerantur haec, non quia nulla vel parva, sed quia aetatis accessu peritura sunt. quod licet probes, cum ferri aequo animo eadem ipsa non possunt

quando in aliquo annosiore deprehenduntur.

## 1.7.12

tu itaque, domine deus meus, qui dedisti vitam infanti et corpus, quod ita, ut videmus, instruxisti sensibus, compegisti membris, figura decorasti proque eius universitate atque incolumitate omnes conatus animantis insinuasti, iubes me laudare te in istis et confiteri tibi et psallere nomini tuo, altissime, quia deus es omnipotens et bonus, etiamsi sola ista fecisses, quae nemo alius potest facere nisi tu, une, a quo est omnis modus, formosissime, qui formas omnia et lege tua ordinas omnia. hanc ergo aetatem, domine, quam me vixisse non memini, de qua aliis credidi et quam me egisse ex aliis infantibus conieci, quamquam ista multum fida coniectura sit, piget me adnumerare huic vitae meae quam vivo in hoc saeculo. quantum enim attinet ad oblivionis meae tenebras, par illi est quam vixi in matris utero. quod si et in iniquitate conceptus sum et in peccatis mater mea me in utero aluit, ubi, oro te, deus meus, ubi, domine, ego, servus tuus, ubi aut quando innocens fui? sed ecce omitto illud tempus: et quid mihi iam cum eo est, cuius nulla vestigia recolo?

## 1.8.13

nonne ab infantia huc pergens veni in pueritiam? vel potius ipsa in me venit et successit infantiae? nec discessit illa: quo enim abiit? et tamen iam non erat. non enim eram infans qui non farer, sed iam puer loquens eram. et memini hoc, et unde loqui didiceram post adverti. non enim docebant me maiores homines, praebentes mihi verba certo aliquo ordine doctrinae sicut paulo post litteras, sed ego ipse mente quam dedisti mihi, deus meus, cum gemitibus et vocibus variis et variis membrorum motibus edere vellem sensa cordis mei, ut voluntati pareretur, nec valerem quae volebam omnia nec quibus volebam omnibus, prensabam memoria. cum ipsi appellabant rem aliquam et cum secundum eam vocem corpus ad aliquid movebant, videbam et tenebam hoc ab eis vocari rem illam quod sonabant cum eam vellent ostendere. hoc autem eos velle ex motu corporis aperiebatur



tamquam verbis naturalibus omnium gentium, quae fiunt vultu et nutu oculorum ceterorumque membrorum actu et sonitu vocis indicante affectionem animi in petendis, habendis, reiciendis fugiendisve rebus. ita verba in variis sententiis locis suis posita et crebro audita quarum rerum signa essent paulatim conligebam measque iam voluntates edomito in eis signis ore per haec enuntiabam. sic cum his inter quos eram voluntatum enuntiandarum signa communicavi, et vitae humanae procellosam societatem altius ingressus sum, pendens ex parentum auctoritate nutuque maiorum hominum.

### 1.9.14

deus, deus meus, quas ibi miseras expertus sum et ludificationes, quandoquidem recte mihi vivere puero id proponebatur, obtemperare monentibus, ut in hoc saeculo florerem et excellerem linguosis artibus ad honorem hominum et falsas divitias famulantibus. inde in scholam datus sum ut discerem litteras, in quibus quid utilitatis esset ignorabam miser. et tamen, si segnus in discendo essem, vapulabam. laudabatur enim hoc a maioribus, et multi ante nos vitam istam agentes praestruxerant aerumnosas vias, per quas transire cogebamur multiplicato labore et dolore filiis Adam. invenimus autem, domine, homines rogantes te et didicimus ab eis, sentientes te, ut poteramus, esse magnum aliquem qui posses etiam non apparens sensibus nostris exaudire nos et subvenire nobis. nam puer coepi rogare te, auxilium et refugium meum, et in tuam invocationem rumpebam nodos linguae meae et rogabam te parvus non parvo affectu, ne in schola vapularem. et cum me non exaudiebas, quod non erat ad insipientiam mihi, ridebantur a maioribus hominibus usque ab ipsis parentibus, qui mihi accidere mali nihil volebant, plagae meae, magnum tunc et grave malum meum.

### 1.9.15

estne quisquam, domine, tam magnus animus, praegrandi affectu tibi cohaerens, estne, inquam, quisquam (facit enim hoc quaedam etiam stoliditas: est ergo), qui tibi pie cohaerendo ita sit affectus granditer,

ut eculeos et ungulas atque huiuscemodi varia tormenta (pro quibus effugiendis tibi per universas terras cum timore magno supplicatur) ita parvi aestimet, diligens eos qui haec acerbissime formidant, quemadmodum parentes nostri ridebant tormenta quibus pueri a magistris affligebamur? non enim aut minus ea metuebamus aut minus te de his evadendis deprecabamur, et peccabamus tamen minus scribendo aut legendo aut cogitando de litteris quam exigebatur a nobis. non enim deerat, domine, memoria vel ingenium, quae nos habere voluisti pro illa aetate satis, sed delectabat ludere et vindicabatur in nos ab eis qui talia utique agebant. sed maiorum nugae negotia vocantur, puerorum autem talia cum sint, puniuntur a maioribus, et nemo miseratur pueros vel illos vel utrosque. nisi vero approbat quisquam bonus rerum arbiter vapulasse me, quia ludebam pila puer et eo ludo impediabar quominus celeriter discerem litteras, quibus maior deformius luderem. aut aliud faciebat idem ipse a quo vapulabam, qui si in aliqua quaestiuncula a conductore suo victus esset, magis bile atque invidia torqueretur quam ego, cum in certamine pilae a conlusore meo superabar?

## 1.10.16

et tamen peccabam, domine deus, ordinator et creator rerum omnium naturalium, peccatorum autem tantum ordinator, domine deus meus, peccabam faciendo contra praecepta parentum et magistrorum illorum. poteram enim postea bene uti litteris, quas volebant ut discerem quocumque animo illi mei. non enim meliora eligens inoboediens eram, sed amore ludendi, amans in certaminibus superbas victorias et scalpi aures meas falsis fabellis, quo prurirent ardentius, eadem curiositate magis magisque per oculos emicante in spectacula, ludos maiorum -- quos tamen qui edunt, ea dignitate praediti excellunt, ut hoc paene omnes optent parvulis suis, quos tamen caedi libenter patiuntur, si spectaculis talibus impediuntur ab studio quo eos ad talia edenda cupiunt pervenire. vide ista, domine, misericorditer, et libera nos iam invocantes te, libera etiam eos qui nondum te invocant, ut invocent te et liberes eos.

## 1.11.17

audieram enim ego adhuc puer de vita aeterna promissa nobis per humilitatem domini dei nostri descendentis ad superbiam nostram, et signabar iam signo crucis eius, et condiebar eius sale iam inde ab utero matris meae, quae multum speravit in te. vidisti, domine, cum adhuc puer essem et quodam die pressu stomachi repente aestuarem paene moriturus, vidisti, deus meus, quoniam custos meus iam eras, quo motu animi et qua fide baptismum Christi tui, dei et domini mei, flagitavi a pietate matris meae et matris omnium nostrum, ecclesiae tuae. et conturbata mater carnis meae, quoniam et sempiternam salutem meam carius parturiebat corde casto in fide tua, iam curaret festinabunda ut sacramentis salutaribus initiarer et abluerer, te, domine Iesu, confitens in remissionem peccatorum, nisi statim recreatus essem. dilata est itaque mundatio mea, quasi necesse esset ut adhuc sordidarer si viverem, quia videlicet post lavacrum illud maior et periculosior in sordibus delictorum reatus foret. ita iam credebam et illa et omnis domus, nisi pater solus, qui tamen non evicit in me ius maternae pietatis, quominus in Christum crederem, sicut ille nondum crediderat. nam illa satagebat ut tu mihi pater esses, deus meus, potius quam ille, et in hoc adiuvabas eam, ut superaret virum, cui melior serviebat, quia et in hoc tibi utique id iubenti serviebat.

## 1.11.18

rogo te, deus meus: vellem scire, si tu etiam velles, quo consilio dilatus sum ne tunc baptizarer, utrum bono meo mihi quasi laxata sint lora peccandi. an non laxata sunt? unde ergo etiam nunc de aliis atque aliis sonat undique in auribus nostris: `sine illum, faciat: nondum enim baptizatus est'? et tamen in salute corporis non dicimus: `sine vulneretur amplius: nondum enim sanatus est.' quanto ergo melius et cito sanarer et id ageretur mecum meorum meaque diligentia, ut recepta salus animae meae tuta esset tutela tua, qui dedisses eam. melius vero. sed quot et quanti fluctus impendere temptationum post pueritiam videbantur, noverat eos iam illa mater et terram per eos,

unde postea formarer, quam ipsam iam effigiem committere volebat.

## 1.12.19

in ipsa tamen pueritia, de qua mihi minus quam de adolescentia metuebatur, non amabam litteras et me in eas urgeri oderam, et urgebar tamen et bene mihi fiebat. nec faciebam ego bene (non enim discerem nisi cogerer; nemo autem invitus bene facit, etiamsi bonum est quod facit), nec qui me urgebant bene faciebant, sed bene mihi fiebat abs te, deus meus. illi enim non intuebantur quo referrem quod me discere cogeant, praeterquam ad satiandas insatiabiles cupiditates copiosae inopiae et ignominiosae gloriae. tu vero, cui numerati sunt capilli nostri, errore omnium qui mihi instabant ut discerem utebaris ad utilitatem meam, meo autem, qui discere nolebam, utebaris ad poenam meam, qua plecti non eram indignus, tantillus puer et tantus peccator. ita de non bene facientibus tu bene faciebas mihi et de peccante me ipso iuste retribuebas mihi. iussisti enim et sic est, ut poena sua sibi sit omnis inordinatus animus.

## 1.13.20

quid autem erat causae cur graecas litteras oderam, quibus puerulus imbuebar? ne nunc quidem mihi satis exploratum est. adamaveram enim latinas, non quas primi magistri sed quas docent qui grammatici vocantur. nam illas primas, ubi legere et scribere et numerare discitur, non minus onerosas poenalesque habebam quam omnes graecas. unde tamen et hoc nisi de peccato et vanitate vitae, qua caro eram et spiritus ambulans et non revertens? nam utique meliores, quia certiores, erant primae illae litterae quibus fiebat in me et factum est et habeo illud ut et legam, si quid scriptum invenio, et scribam ipse, si quid volo, quam illae quibus tenere cogebar Aeneae nescio cuius errores, oblitus errorum meorum, et plorare Didonem mortuam, quia se occidit ab amore, cum interea me ipsum in his a te morientem, deus, vita mea, siccis oculis ferrem miserimus.

### 1.13.21

quid enim miserius misero non miserante se ipsum et flente Didonis mortem, quae fiebat amando Aenean, non flente autem mortem suam, quae fiebat non amando te, deus, lumen cordis mei et panis oris intus animae meae et virtus maritans mentem meam et sinum cogitationis meae? non te amabam, et fornicabar abs te, et fornicanti sonabat undique: `euge! euge!' amicitia enim mundi huius fornicatio est abs te et `euge! euge!' dicitur ut pudeat, si non ita homo sit. et haec non flebam, et flebam Didonem extinctam ferroque extrema secutam, sequens ipse extrema condita tua relicto te et terra iens in terram. et si prohiberer ea legere, dolerem, quia non legerem quod dolerem. tali dementia honestiores et uberiores litterae putantur quam illae quibus legere et scribere didici.

### 1.13.22

sed nunc in anima mea clamet deus meus, et veritas tua dicat mihi, `non est ita, non est ita.' melior est prorsus doctrina illa prior. nam ecce paratior sum oblivisci errores Aeneae atque omnia eius modi quam scribere et legere. at enim vela pendent liminibus grammaticarum scholarum, sed non illa magis honorem secreti quam tegimentum erroris significant. non clament adversus me quos iam non timeo, dum confiteor tibi quae vult anima mea, deus meus, et adquiesco in reprehensione malarum viarum mearum, ut diligam bonas vias tuas, non clament adversus me venditores grammaticae vel emptores, quia, si proponam eis interrogans, utrum verum sit quod Aenean aliquando Carthaginem venisse poeta dicit, indoctiores nescire se respondebunt, doctiores autem etiam negabunt verum esse. at si quaeram quibus litteris scribatur Aeneae nomen, omnes mihi qui haec didicerunt verum respondent secundum id pactum et placitum quo inter se homines ista signa firmarunt. item si quaeram quid horum maiore vitae huius incommodo quisque obliviscatur, legere et scribere an poetica illa figmenta, quis non videat quid responsurus sit, qui non est penitus oblitus sui? peccabam ergo puer cum illa inania istis utilioribus amore praeponebam, vel potius ista oderam, illa

amabam. iam vero unum et unum duo, duo et duo quattuor, odiosa cantio mihi erat, et dulcissimum spectaculum vanitatis, equus ligneus plenus armatis et Troiae incendium atque ipsius umbra Creusae.

### 1.14.23

cur ergo graecam etiam grammaticam oderam talia cantantem? nam et Homerus peritus texere tales fabellas et dulcissime vanus est, mihi tamen amarus erat puero. credo etiam graecis pueris Vergilius ita sit, cum eum sic discere coguntur ut ego illum. videlicet difficultas, difficultas omnino ediscendae linguae peregrinae, quasi felle aspergebat omnes suavitates graecas fabulosarum narrationum. nulla enim verba illa noveram, et saevis terroribus ac poenis ut nossem instabatur mihi vehementer. nam et latina aliquando infans utique nulla noveram, et tamen advertendo didici sine ullo metu atque cruciatu, inter etiam blandimenta nutricum et ioca adridentium et laetitias adludentium. didici vero illa sine poenali onere urgentium, cum me urgeret cor meum ad parienda concepta sua, ¶et quā¶ non esset, nisi aliqua verba didicissem non a docentibus sed a loquentibus, in quorum et ego auribus parturiebam quidquid sentiebam. hinc satis elucet maiorem habere vim ad discenda ista liberam curiositatem quam meticulosam necessitatem. sed illius fluxum haec restringit legibus tuis, deus, legibus tuis a magistrorum ferulis usque ad temptationes martyrum, valentibus legibus tuis miscere salubres amaritudines revocantes nos ad te a iucunditate pestifera qua recessimus a te.

### 1.15.24

exaudi, domine, deprecationem meam, ne deficiat anima mea sub disciplina tua neque deficiam in confitendo tibi miserationes tuas, quibus eruisti me ab omnibus viis meis pessimis, ut dulcescas mihi super omnes seductiones quas sequebar, et amem te validissime, et amplexer manum tuam totis praecordiis meis, et eruas me ab omni temptatione usque in finem. ecce enim tu, domine, rex meus et deus meus, tibi serviat quidquid utile puer didici, tibi serviat quod loquor et

scribo et lego et numero, quoniam cum vana discerem tu disciplinam dabas mihi, et in eis vanis peccata delectationum mearum dimisisti mihi. didici enim in eis multa verba utilia, sed et in rebus non vanis disci possunt, et ea via tuta est in qua pueri ambulant.

## 1.16.25

sed vae tibi, flumen moris humani! quis resistet tibi? quamdiu non siccaberis? quousque volves Evae filios in mare magnum et formidulosum, quod vix transeunt qui lignum conscenderint? nonne ego in te legi et tonantem Iovem et adulterantem? et utique non posset haec duo, sed actum est ut haberet auctoritatem ad imitandum verum adulterium lenocinante falso tonitru. quis autem paenulatorum magistrorum audit aure sobria ex eodem pulvere hominem clamantem et dicentem: 'fingebat haec Homerus et humana ad deos transferebat: divina mallet ad nos'? sed verius dicitur quod fingebat haec quidem ille, sed hominibus flagitiosis divina tribuendo, ne flagitia flagitia putarentur et ut, quisquis ea fecisset, non homines perditos sed caelestes deos videretur imitatus.

## 1.16.26

et tamen, o flumen tartareum, iactantur in te filii hominum cum mercedibus, ut haec discant, et magna res agitur cum hoc agitur publice in foro, in conspectu legum supra mercedem salaria decernentium, et saxa tua percutis et sonas dicens: 'hinc verba discuntur, hinc acquiritur eloquentia, rebus persuadendis sententiisque explicandis maxime necessaria.' ita vero non cognosceremus verba haec, 'imbrem aureum' et 'gremium' et 'fucum' et 'templa caeli' et alia verba quae in eo loco scripta sunt, nisi Terentius induceret nequam adolescentem proponentem sibi Iovem ad exemplum stupri, dum spectat tabulam quandam pictam in pariete ubi inerat pictura haec, Iovem quo pacto Danae misisse aiunt in gremium quondam imbrem aureum, fucum factum mulieri? et vide quemadmodum se concitat ad libidinem quasi caelesti magisterio: 'at quem deum! inquit qui templa caeli summo sonitu concutit. ego homuncio id non

facерem? ego vero illud feci ac libens.' non omnino per hanc turpitudinem verba ista commodius discuntur, sed per haec verba turpitude ista confidentius perpetratur. non accuso verba quasi vasa electa atque pretiosa, sed vinum erroris quod in eis nobis propinabatur ab ebriis doctoribus, et nisi biberemus caedebamur, nec appellare ad aliquem iudicem sobrium licebat. et tamen ego, deus meus, in cuius conspectu iam segura est recordatio mea, libenter haec didici, et eis delectabar miser, et ob hoc bonae spei puer appellabar.

## 1.17.27

sine me, deus meus, dicere aliquid et de ingenio meo, munere tuo, in quibus a me deliramentis atterebatur. proponebatur enim mihi negotium, animae meae satis inquietum praemio laudis et dedecoris vel plagarum metu, ut dicerem verba lunonis irascentis et dolentis quod non posset Italia Teucrorum avertere regem, quae numquam lunonem dixisse audieram. sed figmentorum poeticorum vestigia errantes sequi cogebarur, et tale aliquid dicere solutis verbis quale poeta dixisset versibus. et ille dicebat laudabilius in quo pro dignitate adumbratae personae irae ac doloris similior affectus eminebat, verbis sententias congruenter vestientibus. ut quid mihi illud, o vera vita, deus meus, quod mihi recitanti adclamabatur prae multis coaetaneis et conlectoribus meis? nonne ecce illa omnia fumus et ventus? itane aliud non erat ubi exerceretur ingenium et lingua mea? laudes tuae, domine, laudes tuae per scripturas tuas suspenderent palmitem cordis mei, et non raperetur per inania nugarum turpis praeda volatilibus. non enim uno modo sacrificatur transgressoribus angelis.

## 1.18.28

quid autem mirum, quod in vanitates ita ferebar et a te, deus meus, ibam foras, quando mihi imitandi proponebantur homines qui aliqua facta sua non mala, si cum barbarismo aut soloecismo enuntiarent, reprehensi confundebantur, si autem libidines suas integris et rite



consequentibus verbis copiose ornateque narrarent, laudati gloriabantur? vides haec, domine, et taces, longanimis et multum misericors et verax. numquid semper tacebis? et nunc eruis de hoc immanissimo profundo quarerentem te animam et sitientem delectationes tuas, et cuius cor dicit tibi, `quaesivi vultum tuum.' vultum tuum, domine, requiram: nam longe a vultu tuo in affectu tenebroso. non enim pedibus aut a spatiis locorum itur abs te aut reditur ad te, aut vero filius ille tuus minor equos vel currus vel naves quaesivit, aut avolavit pinna visibili, aut moto poplite iter egit, ut in longinqua regione vivens prodige dissiparet quod dederas proficiscenti, dulcis pater quia dederas, et egeno redeunti dulcior: in affectu ergo libidinoso, id enim est tenebroso, atque id est longe a vultu tuo.

## 1.18.29

vide, domine deus, et patienter, ut vides, vide quomodo diligenter observent filii hominum pacta litterarum et syllabarum accepta a prioribus locutoribus, et a te accepta aeterna pacta perpetuae salutis neglegant, ut qui illa sonorum vetera placita teneat aut doceat, si contra disciplinam grammaticam sine adspiratione primae syllabae hominem dixerit, magis displiceat hominibus quam si contra tua praecepta hominem oderit, cum sit homo. quasi vero quemlibet inimicum hominem perniciosius sentiat quam ipsum odium quo in eum inritatur, aut vastet quisquam persequendo alium gravius quam cor suum vastat inimicando. et certe non est interior litterarum scientia quam scripta conscientia, id se alteri facere quod nolit pati. quam tu secretus es, habitans in excelsis in silentio, deus solus magnus, lege infatigabili spargens poenales caecitates supra inlicitas cupiditates, cum homo eloquentiae famam quaeritans ante hominem iudicem circumstante hominum multitudine inimicum suum odio immanissimo insectans vigilantissime cavet, ne per linguae errorem dicat, `inter hominibus', et ne per mentis furorem hominem auferat ex hominibus, non cavet.

## 1.19.30

horum ego puer morum in limine iacebam miser, et huius harenae palaestra erat illa, ubi magis timebam barbarismum facere quam cavebam, si facerem, non facientibus invidere. dico haec et confiteor tibi, deus meus, in quibus laudabar ab eis quibus placere tunc mihi erat honeste vivere. non enim videbam voraginem turpitudinis in quam proiectus eram ab oculis tuis. nam in illis iam quid me foedius fuit, ubi etiam talibus displicebam fallendo innumerabilibus mendaciis et paedagogum et magistros et parentes amore ludendi, studio spectandi nugatoria et imitandi ludicra inquietudine? furta etiam faciebam de cellario parentum et de mensa, vel gula imperitante vel ut haberem quod darem pueris ludum suum mihi quo pariter utique delectabantur tamen vendentibus. in quo etiam ludo fraudulentas victorias ipse vana excellentiae cupiditate victus saepe aucupabar. quid autem tam nolebam pati atque atrociter, si deprehenderem, arguebam, quam id quod aliis faciebam? et, si deprehensus arguerer, saevire magis quam cedere libebat. istane est innocentia puerilis? non est, domine, non est. oro te, deus meus: nam haec ipsa sunt quae a paedagogis et magistris, a nucibus et pilulis et passeribus, ad praefectos et reges, aurum, praedia, mancipia, haec ipsa omnino succedentibus maioribus aetatibus transeunt, sicuti ferulis maiora supplicia succedunt. humilitatis ergo signum in statura pueritiae, rex noster, probasti, cum aisti, 'talium est regnum caelorum.'

## 1.20.31

sed tamen, domine, tibi excellentissimo atque optimo conditori et rectori universitatis, deo nostro gratias, etiamsi me puerum tantum esse voluisses. eram enim etiam tunc, vivebam atque sentiebam meamque incolumitatem, vestigium secretissimae unitatis ex qua eram, curae habebam, custodiebam interiore sensu integritatem sensuum meorum inque ipsis parvis parvarumque rerum cogitationibus veritate delectabar. falli nolebam, memoria vigebam, locutione instruebar, amicitia mulcebar, fugiebam dolorem, abiectionem, ignorantiam. quid in tali animante non mirabile atque

laudabile? at ista omnia dei mei dona sunt. non mihi ego dedi haec, et bona sunt, et haec omnia ego. bonus ergo est qui fecit me, et ipse est bonum meum, et illi exulto bonis omnibus quibus etiam puer eram. hoc enim peccabam, quod non in ipso sed in creaturis eius me atque ceteris voluptates, sublimitates, veritates quaerebam, atque ita inruebam in dolores, confusiones, errores. gratias tibi, dulcedo mea et honor meus et fiducia mea, deus meus, gratias tibi de donis tuis: sed tu mihi ea conserva. ita enim servabis me, et augebuntur et perficientur quae dedisti mihi, et ero ipse tecum, quia et ut sim tu dedisti mihi.

## Liber secundus

### 2.1.1

recordari volo transactas foeditates meas et carnales corruptiones animae meae, non quod eas amem, sed ut amem te, deus meus. amore amoris tui facio istuc, recolens vias meas nequissimas in amaritudine recogitationis meae, ut tu dulcescas mihi, dulcedo non fallax, dulcedo felix et segura, et conligens me a dispersione, in qua frustatim discissus sum dum ab uno te aversus in multa evanui. exarsi enim aliquando satiari inferis in adolescentia, et silvescere ausus sum variis et umbrosis amoribus, et contabuit species mea, et computrui coram oculis tuis placens mihi et placere cupiens oculis hominum.

### 2.2.2

et quid erat quod me delectabat, nisi amare et amari? sed non tenebatur modus ab animo usque ad animum quatenus est luminosus limes amicitiae, sed exhalabantur nebulae de limosa concupiscentia carnis et scatebra pubertatis, et obnubilabant atque obfuscabant cor meum, ut non discerneret serenity dilectionis a caligine libidinis. utrumque in confuso aestuabat et rapiebat inbecillam aetatem per abrupta cupiditatum atque mersabat gurgite flagitiorum. invaluerat super me ira tua, et nesciebam. obsurduebam stridore catenae mortalitatis meae, poena superbiae animae meae, et ibam longius a te et sinebas, et iactabar et effundebar et difflovebam et ebulliebam per fornicationes meas, et tacebas. o tardum gaudium meum! tacebas tunc, et ego ibam porro longe a te in plura et plura sterilia semina dolorum superba deiectione et inquieta lassitudine.

### 2.2.3

quis mihi modularetur aerumnam meam et novissimarum rerum fugaces pulchritudines in usum verteret earumque suavitatibus metas praefigeret, ut usque ad coniugale litus exaestuarent fluctus aetatis meae? si tranquillitas in eis non poterat esse fine procreandorum liberorum contenta (sicut praescribit lex tua, domine, qui formas etiam propaginem mortis nostrae, potens imponere lenem manum ad temperamentum spinarum a paradiso tuo secluserum; non enim longe est a nobis omnipotentia tua, etiam cum longe sumus a te) -- aut certe sonitum nubium tuarum vigilantius adverterem: `tribulationem autem carnis habebunt huius modi; ego autem vobis parco'; et `bonum est homini mulierem non tangere'; et `qui sine uxore est, cogitat ea quae sunt dei, quomodo placeat deo; qui autem matrimonio iunctus est, cogitat ea quae sunt mundi, quomodo placeat uxori.' has ergo voces exaudirem vigilantior, et abscisus propter regnum caelorum felicius expectarem amplexus tuos.

## 2.2.4

sed efferbui miser, sequens impetum fluxus mei relicto te, et excessi omnia legitima tua nec evasi flagella tua. quis enim hoc mortalium? nam tu semper aderas misericorditer saeviens, et amarissimis aspergens offensionibus omnes inlicitas iucunditates meas, ut ita quaererem sine offensione iucundari, et ubi hoc possem, non invenirem quicquam praeter te, domine, praeter te, qui fingis dolorem in praecepto et percutis ut sanes et occidis nos ne moriamur abs te. ubi eram? et quam longe exulabam a deliciis domus tuae anno illo sexto decimo aetatis carnis meae, cum accepit in me sceptrum (et totas manus ei dedi) vesania libidinis, licentiosae per dedecus humanum, inlicitae autem per leges tuas? non fuit cura meorum ruentem excipere me matrimonio, sed cura fuit tantum ut discerem sermonem facere quam optimum et persuadere dictione.

## 2.3.5

et anno quidem illo intermissa erant studia mea, dum mihi reducto a Madauris, in qua vicina urbe iam coeperam litteraturae atque

oratoriae percipiendae gratia peregrinari, longinquioris apud Carthaginem peregrinationis sumptus praeparabantur animositate magis quam opibus patris, municipis Thagastensis admodum tenuis. cui narro haec? neque enim tibi, deus meus, sed apud te narro haec generi meo, generi humano, quantulacumque ex particula incidere potest in istas meas litteras. et ut quid hoc? ut videlicet ego et quisquis haec legit cogitemus de quam profundo clamandum sit ad te. et quid propius auribus tuis, si cor confitens et vita ex fide est? quis enim non extollebat laudibus tunc hominem, patrem meum, quod ultra vires rei familiaris suae impenderet filio quidquid etiam longe peregrinanti studiorum causa opus esset? multorum enim civium longe opulentiorum nullum tale negotium pro liberis erat, cum interea non satageret idem pater qualis crescerem tibi aut quam castus essem, dummodo essem disertus, vel desertus potius a cultura tua, deus, qui es unus verus et bonus dominus agri tui, cordis mei.

### 2.3.6

sed ubi sexto illo et decimo anno, interposito otio ex necessitate domestica, feriatu ab omni schola cum parentibus esse coepi, excesserunt caput meum vepres libidinum, et nulla erat eradicans manus. quin immo ubi me ille pater in balneis vidit pubescentem et inquieta indutum adulescentia, quasi iam ex hoc in nepotes gestiret, gaudens matri indicavit, gaudens vinulentia in qua te iste mundus oblitus est creatorem suum et creaturam tuam pro te amavit, de vino invisibili perversae atque inclinatae in ima voluntatis suae. sed matris in pectore iam inchoaveras templum tuum et exordium sanctae habitationis tuae, nam ille adhuc catechumenus et hoc recens erat. itaque illa exilivit pia trepidatione ac tremore et, quamvis mihi nondum fideli, timuit tamen vias distortas in quibus ambulant qui ponunt ad te tergum et non faciem.

### 2.3.7

ei mihi! et audeo dicere tacuisse te, deus meus, cum irem abs te longius? itane tu tacebas tunc mihi? et cuius erant nisi tua verba illa

per matrem meam, fidelem tuam, quae cantasti in aures meas? nec inde quicquam descendit in cor, ut facerem illud. volebat enim illa, et secreto memini ut monuerit cum sollicitudine ingenti, ne fornicarer maximeque ne adulterarem cuiusquam uxorem. qui mihi monitus muliebres videbantur, quibus obtemperare erubescerem. illi autem tui erant et nesciebam, et te tacere putabam atque illam loqui per quam mihi tu non tacebas, et in illa contemnebaris a me, a me, filio eius, filio ancillae tuae, servo tuo. sed nesciebam et praeceps ibam tanta caecitate ut inter coetaneos meos puderet me minoris dedecoris, quoniam audiebam eos iactantes flagitia sua et tanto gloriantes magis, quanto magis turpes essent, et libebat facere non solum libidine facti verum etiam laudis. quid dignum est vituperatione nisi vitium? ego, ne vituperarer, vitiosior fiebam, et ubi non suberat quo admisso aequarer perditis, fingebam me fecisse quod non feceram, ne viderer abiectior quo eram innocentior, et ne vilior haberer quo eram castior.

## 2.3.8

ecce cum quibus comitibus iter agebam platearum Babyloniae, et volutabar in caeno eius tamquam in cinnamidis et unguentis pretiosis. et in umbilico eius quo tenacius haererem, calcabat me inimicus invisibilis et seducebat me, quia ego seductilis eram. non enim et illa quae iam de medio Babylonis fugerat, sed ibat in ceteris eius tardior, mater carnis meae, sicut monuit me pudicitiam, ita curavit quod de me a viro suo audierat, iamque pestilentiosum et in posterum periculosum sentiebat cohercere termino coniugalis affectus, si resecari ad vivum non poterat. non curavit hoc, quia metus erat ne impediretur spes mea compede uxoria, non spes illa quam in te futuri saeculi habebat mater, sed spes litterarum, quas ut nossem nimis volebat parens uterque, ille quia de te prope nihil cogitabat, de me autem inania, illa autem quia non solum nullo detrimento sed etiam nonnullo adiumento ad te adipiscendum futura existimabat usitata illa studia doctrinae. ita enim conicio, recolens ut possum mores parentum meorum. relaxabantur etiam mihi ad ludendum habenae ultra temperamentum severitatis in dissolutionem affectionum variarum, et in omnibus erat

caligo intercludens mihi, deus meus, serenitatem veritatis tuae, et prodiebat tamquam ex adipe iniquitas mea.

## 2.4.9

furtum certe punit lex tua, domine, et lex scripta in cordibus hominum, quam ne ipsa quidem delet iniquitas. quis enim fur aequo animo furem patitur? nec copiosus adactum inopia. et ego furtum facere volui et feci, nulla compulsus egestate nisi penuria et fastidio iustitiae et sagina iniquitatis. nam id furatus sum quod mihi abundabat et multo melius, nec ea re volebam frui quam furto appetebam, sed ipso furto et peccato. arbor erat pirus in vicinia nostrae vineae pomis onusta nec forma nec sapore inlecebrosis. ad hanc excutiendam atque asportandam nequissimi adolescentuli perreximus nocte intempesta (quousque ludum de pestilentiae more in areis produxeramus) et abstulimus inde onera ingentia, non ad nostras epulas sed vel procienda porcis, etiamsi aliquid inde comedimus, dum tamen fieret a nobis quod eo liberet quo non liceret. ecce cor meum, deus, ecce cor meum, quod miseratus es in imo abyssi. dicat tibi nunc, ecce cor meum, quid ibi quaerebat, ut essem gratis malus et malitiae meae causa nulla esset nisi malitia. foeda erat, et amavi eam. amavi perire, amavi defectum meum, non illud ad quod deficiebam, sed defectum meum ipsum amavi, turpis anima et dissiliens a firmamento tuo in exterminium, non dedecore aliquid, sed dedecus appetens.

## 2.5.10

etenim species est pulchris corporibus et auro et argento et omnibus, et in contactu carnis congruentia valet plurimum, ceterisque sensibus est sua cuique adcommodata modificatio corporum. habet etiam honor temporalis et imperitandi atque superandi potentia suum decus, unde etiam vindictae aviditas oritur, et tamen in cuncta haec adipiscenda non est egrediendum abs te, domine, neque deviandum a lege tua. et vita quam hic vivimus habet inlecebram suam propter quendam modum decoris sui et convenientiam cum his omnibus infimis pulchris. amicitia quoque hominum caro nodo dulcis est propter



unitatem de multis animis. propter universa haec atque huius modi peccatum admittitur, dum immoderata in ista inclinatione, cum extrema bona sint, meliora et summa deseruntur, tu, domine deus noster, et veritas tua, et lex tua. habent enim et haec ima delectationes, sed non sicut deus meus, qui fecit omnia, quia in ipso delectatur iustus, et ipse est deliciae rectorum corde.

## 2.5.11

cum itaque de facinore quaeritur qua causa factum sit, credi non solet, nisi cum appetitus adipiscendi alicuius illorum bonorum quae infima diximus esse potuisse apparuerit aut metus amittendi. pulchra sunt enim et decora, quamquam prae bonis superioribus et beatificis abiecta et iacentia. homicidium fecit. cur fecit? adamavit eius coniugem aut praedium, aut voluit depraedari unde viveret, aut timuit ab illo tale aliquid amittere, aut laesus ulcisci se exarsit. num homicidium sine causa faceret ipso homicidio delectatus? quis crediderit? nam et de quo dictum est, vaecordi et nimis crudeli homine, quod gratuito potius malus atque crudelis erat, praedicta est tamen causa: `ne per otium,' inquit, `torpesceret manus aut animus.' quaere id quoque: `cur ita?' ut scilicet illa exercitatione scelerum capta urbe honores, imperia, divitias adsequeretur et careret metu legum et difficultate rerum propter `inopiam rei familiaris et conscientiam scelerum'. nec ipse igitur Catilina amavit facinora sua, sed utique aliud cuius causa illa faciebat.

## 2.6.12

quid ego miser in te amavi, o furtum meum, o facinus illud meum nocturnum sexti decimi anni aetatis meae? non enim pulchrum eras, cum furtum esses. aut vero aliquid es, ut loquar ad te? pulchra erant poma illa quae furati sumus, quoniam creatura tua erat, pulcherrime omnium, creator omnium, deus bone, deus summum bonum et bonum verum meum. pulchra erant illa poma, sed non ipsa concupivit anima mea miserabilis. erat mihi enim meliorum copia, illa autem decerpsi tantum ut furarer. nam decerpta proieci, epulatus inde solam

iniquitatem qua laetabar fruens. nam et si quid illorum pomorum intravit in os meum, condimentum ibi facinus erat. et nunc, domine deus meus, quaero quid me in furto delectaverit, et ecce species nulla est: non dico sicut in aequitate atque prudentia, sed neque sicut in mente hominis atque memoria et sensibus et vegetante vita, neque sicut speciosa sunt sidera et decora locis suis et terra et mare plena fetibus, qui succedunt nascendo decedentibus -- non saltem ut est quaedam defectiva species et umbratica vitiis fallentibus.

## 2.6.13

nam et superbia celsitudinem imitatur, cum tu sis unus super omnia deus excelsus. et ambitio quid nisi honores quaerit et gloriam, cum tu sis prae cunctis honorandus unus et gloriosus in aeternum? et saevitia potestatum timeri vult: quis autem timendus nisi unus deus, cuius potestati eripi aut subtrahi quid potest, quando aut ubi aut quo vel a quo potest? et blanditiae lascivientium amari volunt: sed neque blandius est aliquid tua caritate nec amatur quicquam salubrius quam illa prae cunctis formosa et luminosa veritas tua. et curiositas affectare videtur studium scientiae, cum tu omnia summe noveris. ignorantia quoque ipsa atque stultitia simplicitatis et innocentiae nomine tegitur, quia te simplicius quicquam non reperitur. quid te autem innocentius, quandoquidem opera sua malis inimica sunt? et ignavia quasi quietem appetit: quae vero quies certa praeter dominum? luxuria satietatem atque abundantiam se cupit vocari: tu es autem plenitudo et indeficiens copia incorruptibilis suavitatis. effusio liberalitatis obtendit umbram: sed bonorum omnium largitor affluentissimus tu es. avaritia multa possidere vult: et tu possides omnia. invidentia de excellentia litigat: quid te excellentius? ira vindictam quaerit: te iustius quis vindicat? timor insolita et repentina exhorrescit rebus quae amantur adversantia, dum praecavet securitati: tibi enim quid insolitum? quid repentinum? aut quis a te separat quod diligis? aut ubi nisi apud te firma securitas? tristitia rebus amissis contabescit quibus se oblectabat cupiditas, quia ita sibi nolle, sicut tibi auferri nihil potest.

## 2.6.14

ita fornicatur anima, cum avertitur abs te et quaerit extra te ea quae pura et liquida non invenit, nisi cum redit ad te. perverse te imitantur omnes qui longe se a te faciunt et extollunt se adversum te. sed etiam sic te imitando indicant creatorem te esse omnis naturae, et ideo non esse quo a te omni modo recedatur. quid ergo in illo furto ego dilexi, et in quo dominum meum vel vitiose atque perverse imitatus sum? an libuit facere contra legem saltem fallacia, quia potentatu non poteram ut mancam libertatem captivus imitarer, faciendo impune quod non liceret tenebrosa omnipotentiae similitudine? ecce est ille servus fugiens dominum suum et consecutus umbram. o putredo, o monstrum vitae et mortis profunditas! potuitne libere quod non licebat, non ob aliud nisi quia non licebat?

## 2.7.15

quid retribuam domino quod recolit haec memoria mea et anima mea non metuit inde? diligam te, domine, et gratias agam et confitear nomini tuo, quoniam tanta dimisisti mihi mala et nefaria opera mea. gratiae tuae deputo et misericordiae tuae quod peccata mea tanquam glaciem solvisti. gratiae tuae deputo et quaecumque non feci mala. quid enim non facere potui, qui etiam gratuitum facinus amavi? et omnia mihi dimissa esse fateor, et quae mea sponte feci mala et quae te duce non feci. quis est hominum qui suam cogitans infirmitatem audet viribus suis tribuere castitatem atque innocentiam suam, ut minus amet te, quasi minus ei necessaria fuerit misericordia tua, qua donas peccata conversis ad te? qui enim vocatus a te secutus est vocem tuam et vitavit ea quae me de me ipso recordantem et fatentem legit, non me derideat ab eo medico aegrum sanari a quo sibi praestitum est ut non aegrotaret, vel potius ut minus aegrotaret, et ideo te tantundem, immo vero amplius diligit, quia per quem me videt tantis peccatorum meorum languoribus exui, per eum se videt tantis peccatorum languoribus non implicari.

## 2.8.16

quem fructum habui miser aliquando in his quae nunc recolens erubesco, maxime in illo furto in quo ipsum furtum amavi, nihil aliud, cum et ipsum esset nihil et eo ipso ego miserior? et tamen solus id non fecissem (sic recordor animum tunc meum), solus omnino id non fecissem. ergo amavi ibi etiam consortium eorum cum quibus id feci. non ergo nihil aliud quam furtum amavi? immo vero nihil aliud, quia et illud nihil est. quid est re vera? (quis est qui doceat me, nisi qui inluminat cor meum et discernit umbras eius?) quid est? quod mihi venit in mentem quaerere et discutere et considerare, quia si tunc amarem poma illa quae furatus sum et eis frui cuperem, possem etiam solus; si satis esset committere illam iniquitatem qua pervenirem ad voluptatem meam, nec confricatione consciorum animorum accenderem pruritum cupiditatis meae. sed quoniam in illis pomis voluptas mihi non erat, ea erat in ipso facinore quam faciebat consortium simul peccantium.

## 2.9.17

quid erat ille affectus animi? certe enim plane turpis erat nimis, et vae mihi erat qui habebam illum. sed tamen quid erat? delicta quis intellegit? risus erat quasi titillato corde, quod fallebamus eos qui haec a nobis fieri non putabant et vehementer nolebant. cur ergo eo me delectabat quo id non faciebam solus? an quia etiam nemo facile solus ridet? nemo quidem facile, sed tamen etiam solos et singulos homines, cum alius nemo praesens, vincit risus aliquando, si aliquid nimie ridiculum vel sensibus occurrit vel animo. at ego illud solus non facerem, non facerem omnino solus. ecce est coram te, deus meus, viva recordatio animae meae. solus non facerem furtum illud, in quo me non libebat id quod furabar sed quia furabar: quod me solum facere prorsus non liberet, nec facerem. o nimis inimica amicitia, seductio mentis investigabilis, ex ludo et ioco nocendi aviditas et alieni damni appetitus nulla lucri mei, nulla ulciscendi libidine! sed cum dicitur, `eamus, faciamus,' et pudet non esse impudentem.

## 2.10.18

quis exaperit istam tortuosissimam et implicatissimam nodositatem? foeda est; nolo in eam intendere, nolo eam videre. te volo, iustitia et innocentia pulchra et decora, honestis luminibus et insatiabili satietate. quies est apud te valde et vita imperturbabilis. qui intrat in te, intrat in gaudium domini sui et non timebit et habebit se optime in optimo. defluxi abs te ego et erravi, deus meus, nimis devius ab stabilitate tua in adulescentia, et factus sum mihi regio egestatis.

# Liber tertius

## 3.1.1

veni Carthaginem, et circumstrepebat me undique sartago flagitiosorum amorum. nondum amabam, et amare amabam, et secretiore indigentia oderam me minus indigentem. quaerebam quid amarem, amans amare, et oderam securitatem et viam sine muscipulis, quoniam fames mihi erat intus ab interiore cibo, te ipso, deus meus, et ea fame non esuriebam, sed eram sine desiderio alimentorum incorruptibilium, non quia plenus eis eram, sed quo inanior, fastidiosior. et ideo non bene valebat anima mea et ulcerosa proiciebat se foras, miserabiliter scalpi avida contactu sensibilium. sed si non haberent animam, non utique amarentur. amare et amari dulce mihi erat, magis si et amantis corpore fruerer. venam igitur amicitiae coinquinabam sordibus concupiscentiae candoremque eius obnubilabam de tartaro libidinis, et tamen foedus atque inhonestus, elegans et urbanus esse gestiebam abundanti vanitate. rui etiam in amorem, quo cupiebam capi. deus meus, misericordia mea, quanto felle mihi suavitatem illam et quam bonus aspersisti, quia et amatus sum, et perveni occulte ad vinculum fruendi, et conligabar laetus aerumnosis nexibus, ut caederer virgis ferreis ardentibus zeli et suspicionum et timorum et irarum atque rixarum.

## 3.2.2

rapiebant me spectacula theatra, plena imaginibus miseriarum mearum et fomitibus ignis mei. quid est quod ibi homo vult dolere cum spectat luctuosa et tragica, quae tamen pati ipse nolle? et tamen pati vult ex eis dolorem spectator et dolor ipse est voluptas eius. quid est nisi mirabilis insania? nam eo magis eis movetur quisque, quo minus a talibus affectibus sanus est, quamquam, cum ipse patitur,

miseria, cum aliis compatitur, misericordia dici solet. sed qualis tandem misericordia in rebus fictis et scenicis? non enim ad subveniendum provocatur auditor sed tantum ad dolendum invitatur, et actori earum imaginum amplius favet cum amplius dolet. et si calamitates illae hominum, vel antiquae vel falsae, sic agantur ut qui spectat non doleat, abscedit inde fastidians et reprehendens; si autem doleat, manet intentus et gaudens lacrimat.

### 3.2.3

ergo amantur et dolores. certe omnis homo gaudere vult. an cum miserum esse neminem libeat, libet tamen esse misericordem, quod quia non sine dolore est, hac una causa amantur dolores? et hoc de illa vena amicitiae est. sed quo vadit? quo fluit? ut quid decurrit in torrentem picis bullientis, aestus immanes taetrarum libidinum, in quos ipsa mutatur et vertitur per nutum proprium de caelesti serenitate detorta atque deiecta? repudietur ergo misericordia? nequaquam. ergo amentur dolores aliquando, sed cave immunditiam, anima mea, sub tutore deo meo, deo patrum nostrorum et laudabili et superexaltato in omnia saecula, cave immunditiam. neque enim nunc non misereor, sed tunc in theatris congaudebam amantibus cum sese fruebantur per flagitia, quamvis haec imaginarie gererent in ludo spectaculi. cum autem sese amittebant, quasi misericors contristabar, et utrumque delectabat tamen. nunc vero magis misereor gaudentem in flagitio quam velut dura perpeccatum detrimento perniciosae voluptatis et amissione miserae felicitatis. haec certe verior misericordia, sed non in ea delectat dolor. nam etsi approbatur officio caritatis qui dolet miserum, mallet tamen utique non esse quod doleret qui germanitus misericors est. si enim est malivola benivolentia, quod fieri non potest, potest et ille qui veraciter sinceriterque miseretur cupere esse miseros, ut misereatur. nonnullus itaque dolor approbandus, nullus amandus est. hoc enim tu, domine deus, qui animas amas, longe alteque purius quam nos et incorruptibilis misereris, quod nullo dolore sauciaris. et ad haec quis idoneus?

### 3.2.4

at ego tunc miser dolere amabam, et quaerebam ut esset quod dolerem, quando mihi in aerumna aliena et falsa et saltatoria ea magis placebat actio histrionis meque alliciebat vehementius qua mihi lacrimae excutiebantur. quid autem mirum, cum infelix pecus aberrans a grege tuo et impatiens custodiae tuae turpi scabie foedarer? et inde erant dolorum amores, non quibus altius penetrarer (non enim amabam talia perpeti qualia spectare), sed quibus auditis et fictis tamquam in superficie raderer. quos tamen quasi ungues scalpentium fervidus tumor et tabes et sanies horrida consequebatur. talis vita mea numquid vita erat, deus meus?

### 3.3.5

et circumvolabat super me fidelis a longe misericordia tua. in quantas iniquitates distabui et sacrilega curiositate secutus sum, ut deserentem te deduceret me ad ima infida et circumventoria obsequia daemoniorum, quibus immolabam facta mea mala! et in omnibus flagellabas me. ausus sum etiam in celebritate sollemnitatum tuarum, intra parietes ecclesiae tuae, concupiscere et agere negotium procurandi fructus mortis. unde me verberasti gravibus poenis, sed nihil ad culpam meam, o tu praegrandis misericordia mea, deus meus, refugium meum a terribilibus nocentibus, in quibus vagatus sum praefidenti collo ad longe recedendum a te, amans vias meas et non tuas, amans fugitivam libertatem.

### 3.3.6

habebant et illa studia quae honesta vocabantur ductum suum intuentem fora litigiosa, ut excellerem in eis, hoc laudabilior, quo fraudulentior. tanta est caecitas hominum de caecitate etiam gloriantium. et maior etiam eram in schola rhetoris, et gaudebam superbe et tumebam typho, quamquam longe sedatior, domine, tu scis, et remotus omnino ab eversionibus quas faciebant eversores (hoc enim nomen scaevum et diabolicum velut insigne urbanitatis est),



inter quos vivebam pudore impudenti, quia talis non eram. et cum eis eram et amicitiiis eorum delectabar aliquando, a quorum semper factis abhorrebam, hoc est ab eversionibus quibus proterve insectabantur ignotorum verecundiam, quam proturbarent gratis inludendo atque inde pascendo malivolas laetitias suas. nihil est illo actu similis actibus daemoniorum. quid itaque verius quam eversores vocarentur, eversi plane prius ipsi atque perversi, deridentibus eos et seducentibus fallacibus occulte spiritibus in eo ipso quod alios inridere amant et fallere.

### 3.4.7

inter hos ego inbecilla tunc aetate discebam libros eloquentiae, in qua eminere cupiebam fine damnabili et ventoso per gaudia vanitatis humanae. et usitato iam discendi ordine perveneram in librum cuiusdam Ciceronis, cuius linguam fere omnes mirantur, pectus non ita. sed liber ille ipsius exhortationem continet ad philosophiam et vocatur 'Hortensius'. ille vero liber mutavit affectum meum, et ad te ipsum, domine, mutavit preces meas, et vota ac desideria mea fecit alia. viluit mihi repente omnis vana spes, et immortalitatem sapientiae concupiscebam aestu cordis incredibili, et surgere coeperam ut ad te redirem. non enim ad acuendam linguam, quod videbar emere maternis mercedibus, cum agerem annum aetatis undevicensimum iam defuncto patre ante biennium, non ergo ad acuendam linguam referebam illum librum, neque mihi locutio sed quod loquebatur persuaserat.

### 3.4.8

quomodo ardebam, deus meus, quomodo ardebam revolare a terrenis ad te, et nesciebam quid ageres mecum! apud te est enim sapientia. amor autem sapientiae nomen graecum habet philosophiam, quo me accendebant illae litterae. sunt qui seducant per philosophiam magno et blando et honesto nomine colorantes et fucantes errores suos, et prope omnes qui ex illis et supra temporibus tales erant notantur in eo libro et demonstrantur, et

manifestatur ibi salutifera illa admonitio spiritus tui per servum tuum bonum et pium: `videte, ne quis vos decipiat per philosophiam et inanem seductionem secundum traditionem hominum, secundum elementa huius mundi et non secundum Christum, quia in ipso inhabitat omnis plenitudo divinitatis corporaliter.' et ego illo tempore, scis tu, lumen cordis mei, quoniam nondum mihi haec apostolica nota erant, hoc tamen solo delectabar in illa exhortatione, quod non illam aut illam sectam, sed ipsam quaecumque esset sapientiam ut diligerem et quarererem et adsequerer et tenerem atque amplexarer fortiter, excitabar sermone illo et accendebar et ardebam, et hoc solum me in tanta flagrantia refrangebat, quod nomen Christi non erat ibi, quoniam hoc nomen secundum misericordiam tuam, domine, hoc nomen salvatoris mei, filii tui, in ipso adhuc lacte matris tenerum cor meum pie biberat et alte retinebat, et quidquid sine hoc nomine fuisset, quamvis litteratum et expolitum et veridicum, non me totum rapiebat.

### **3.5.9**

itaque institui animum intendere in scripturas sanctas et videre quales essent. et ecce video rem non compertam superbis neque nudatam pueris, sed incessu humilem, successu excelsam et velatam mysteriis. et non eram ego talis ut intrare in eam possem aut inclinare cervicem ad eius gressus. non enim sicut modo loquor, ita sensi, cum attendi ad illam scripturam, sed visa est mihi indigna quam tullianae dignitati compararem. tumor enim meus refugiebat modum eius et acies mea non penetrabat interiora eius. verum autem illa erat quae cresceret cum parvulis, sed ego dedignabar esse parvulus et turgidus fastu mihi grandis videbar.

### **3.6.10**

itaque incidi in homines superbe delirantes, carnales nimis et loquaces, in quorum ore laquei diaboli et viscum confectum commixtione syllabarum nominis tui et domini Iesu Christi et paracleti consolatoris nostri spiritus sancti. haec nomina non recedebant de

ore eorum, sed tenuis sono et strepitu linguae; ceterum cor inane veri. et dicebant, `veritas et veritas,' et multum eam dicebant mihi, et nusquam erat in eis, sed falsa loquebantur, non de te tantum, qui vere veritas es, sed etiam de istis elementis huius mundi, creatura tua, de quibus etiam vera dicentes philosophos transgredi debui prae amore tuo, mi pater summe bone, pulchritudo pulchrorum omnium. o veritas, veritas, quam intime etiam tum medullae animi mei suspirabant tibi, cum te illi sonarent mihi frequenter et multipliciter voce sola et libris multis et ingentibus! et illa erant fercula in quibus mihi esurienti te inferebatur pro te sol et luna, pulchra opera tua, sed tamen opera tua, non tu, nec ipsa prima. priora enim spiritalia opera tua quam ista corporea, quamvis lucida et caelestia. at ego nec priora illa, sed te ipsam, te veritas, in qua non est commutatio nec momenti obumbratio, esuriebam et sitiebam. et apponebantur adhuc mihi in illis ferculis phantasmata splendida, quibus iam melius erat amare istum solem saltem istis oculis verum quam illa falsa animo decepto per oculos. et tamen, quia te putabam, manducabam, non avide quidem, quia nec sapiebas in ore meo sicuti es (neque enim tu eras illa figmenta inania) nec nutriebar eis, sed exhauriebar magis. cibus in somnis simillimus est cibus vigilantium, quo tamen dormientes non aluntur; dormiunt enim. at illa nec similia erant ullo modo tibi, sicut nunc mihi locuta es, quia illa erant corporalia phantasmata, falsa corpora, quibus certiora sunt vera corpora ista quae videmus visu carneo, sive caelestia sive terrestria, cum pecudibus et volatilibus. videmus haec, et certiora sunt quam cum imaginamur ea. et rursus certius imaginamur ea quam ex eis suspicamur alia grandiora et infinita, quae omnino nulla sunt. qualibus ego tunc pascebar inanibus, et non pascebar. at tu, amor meus, in quem deficio ut fortis sim, nec ista corpora es quae videmus quamquam in caelo, nec ea quae non videmus ibi, quia tu ista condidisti nec in summis tuis conditionibus habes. quanto ergo longe es a phantasmatis illis meis, phantasmatis corporum quae omnino non sunt! quibus certiores sunt phantasiae corporum eorum quae sunt, et eis certiora corpora, quae tamen non es. sed nec anima es, quae vita est corporum (ideo melior vita corporum certiorque quam corpora), sed tu vita es animarum, vita vitarum, vivens te ipsa, et non mutaris, vita animae meae.

### 3.6.11

ubi ergo mihi tunc eras et quam longe? et longe peregrinabar abs te, exclusus et a siliquis porcorum quos de siliquis pascebam. quanto enim meliores grammaticorum et poetarum fabellae quam illa decipula! nam versus et carmen et Medea volans utiliores certe quam quinque elementa varie fucata propter quinque antra tenebrarum, quae omnino nulla sunt et occidunt credentem. nam versum et carmen etiam ad vera pulmenta transfero; volantem autem Medeam etsi cantabam, non adserebam, etsi cantari audiebam, non credebam. illa autem credidi -- vae, vae! quibus gradibus deductus in profunda inferi, quippe laborans et aestuans inopia veri, cum te, deus meus (tibi enim confiteor, qui me miseratus es et nondum confitentem), cum te non secundum intellectum mentis, quo me praestare voluisti beluis, sed secundum sensum carnis quaererem. tu autem eras interior intimo meo et superior summo meo. offendi illam mulierem audacem, inopem prudentiae, aenigma Salomonis, sedentem super sellam in foribus et dicentem, 'panes occultos libenter edite, et aquam dulcem furtivam bibite.' quae me seduxit, quia invenit foris habitantem in oculo carnis meae et talia ruminantem apud me qualia per illum vorassem.

### 3.7.12

nesciebam enim aliud vere quod est, et quasi acutule movebar ut suffragarer stultis deceptoribus, cum a me quaererent unde malum, et utrum forma corporea deus finiretur et haberet capillos et ungues, et utrum iusti existimandi essent qui haberent uxores multas simul et occiderent homines et sacrificarent de animalibus. quibus rerum ignarus perturbabar, et recedens a veritate ire in eam mihi videbar, quia non noveram malum non esse nisi privationem boni usque ad quod omnino non est. (quod unde viderem, cuius videre usque ad corpus erat oculis, et animo usque ad phantasma?) et non noveram deum esse spiritum, non cui membra essent per longum et latum nec cui esse moles esset, quia moles in parte minor est quam in toto suo, et si infinita sit, minor est in aliqua parte certo spatio definita quam per infinitum, et non est tota ubique sicut spiritus, sicut deus. et quid

in nobis esset secundum quod essemus et recte in scriptura diceremur ad imaginem dei, prorsus ignorabam.

### 3.7.13

et non noveram iustitiam veram interiorem, non ex consuetudine iudicantem sed ex lege rectissima dei omnipotentis, qua formarentur mores regionum et dierum pro regionibus et diebus, cum ipsa ubique ac semper esset, non alibi alia nec alias aliter, secundum quam iusti essent Abraham et Isaac et Iacob et Moyses et David et illi omnes laudati ore dei. sed eos ab imperitis iudicari iniquos, iudicantibus ex humano die et universos mores humani generis ex parte moris sui metientibus, tamquam si quis nescius in armamentis quid cui membro adcommodatum sit ocrea velit caput tegi et galea calciari et murmuret, quod non apte conveniat; aut in uno die indicto a promeridianis horis iustitio quisquam stomachetur non sibi concedi quid venale proponere, quia mane concessum est; aut in una domo videat aliquid tractari manibus a quoquam servo quod facere non sinatur qui pocula ministrat, aut aliquid post praeseptia fieri quod ante mensam prohibeatur, et indignetur, cum sit unum habitaculum et una familia, non ubique atque omnibus idem tribui. sic sunt isti qui indignantur, cum audierint illo saeculo licuisse iustis aliquid quod isto non licet iustis, et quia illis aliud praecepit deus, istis aliud pro temporalibus causis, cum eidem iustitiae utrique servierint, cum in uno homine et in uno die et in unis aedibus videant aliud alii membro congruere, et aliud iam dudum licuisse, post horam non licere, quiddam in illo angulo permitti aut iuberi, quod in isto iuxta vetetur et vindicetur. numquid iustitia varia est et mutabilis? sed tempora, quibus praesidet, non pariter eunt; tempora enim sunt. homines autem, quorum vita super terram brevis est, quia sensu non valent causas conexere saeculorum priorum aliarumque gentium, quas experti non sunt, cum his quas experti sunt, in uno autem corpore vel die vel domo facile possunt videre quid cui membro, quibus momentis, quibus partibus personisve congruat, in illis offenduntur, hic serviunt.

### 3.7.14

haec ergo tunc nesciebam et non advertebam, et feriebam undique ista oculos meos, et non videbam. et cantabam carmina et non mihi licebat ponere pedem quemlibet ubilibet, sed in alio atque alio metro aliter atque aliter et in uno aliquo versu non omnibus locis eundem pedem. et ars ipsa qua canebam non habebat aliud alibi, sed omnia simul. et non intuebar iustitiam, cui servirent boni et sancti homines, longe excellentius atque sublimius habere simul omnia quae praecipit et nulla ex parte variari et tamen variis temporibus non omnia simul, sed propria distribuentem ac praecipientem. et reprehendebam caecus pios patres non solum, sicut deus iuberet atque inspiraret, utentes praesentibus verum quoque, sicut deus revelaret, futura praenuntiantes.

### 3.8.15

numquid aliquando aut alicubi iniustum est diligere deum ex toto corde et ex tota anima et ex tota mente, et diligere proximum tamquam te ipsum? itaque flagitia quae sunt contra naturam ubique ac semper detestanda atque punienda sunt, qualia Sodomitarum fuerunt. quae si omnes gentes facerent, eodem criminis reatu divina lege tenerentur, quae non sic fecit homines ut se illo uterentur modo. violatur quippe ipsa societas quae cum deo nobis esse debet cum eadem natura cuius ille auctor est libidinis perversitate polluitur. quae autem contra mores hominum sunt flagitia pro morum diversitate vitanda sunt, ut pactum inter se civitatis aut gentis consuetudine vel lege firmatum nulla civis aut peregrini libidine violetur. turpis enim omnis pars universo suo non congruens. cum autem deus aliquid contra morem aut pactum quorumlibet iubet, etsi numquam ibi factum est, faciendum est, et si omissum, instaurandum, et si institutum non erat, instituendum est. si enim regi licet in civitate cui regnat iubere aliquid quod neque ante illum quisquam nec ipse umquam iusserat, et non contra societatem civitatis eius obtemperatur, immo contra societatem non obtemperatur (generale quippe pactum est societatis humanae oboedire regibus suis), quanto magis deo regnatori

universae creaturae suae ad ea quae iusserit sine dubitatione  
serviendum est. sicut enim in potestatibus societatis humanae maior  
potestas minori ad oboediendum praeponitur, ita deus omnibus.

### 3.8.16

item in facinoribus, ubi libido est nocendi sive per contumeliam sive  
per iniuriam et utrumque vel ulciscendi causa, sicut inimico inimicus,  
vel adipiscendi alicuius extra commodi, sicut latro viatori, vel evitandi  
mali, sicut ei qui timetur, vel invidendo, sicut feliciori miserior aut in  
aliquo prosperatus ei quem sibi aequari timet aut aequalem dolet, vel  
sola voluptate alieni mali, sicut spectatores gladiatorum aut inrisores  
aut inlusores quorumlibet. haec sunt capita iniquitatis quae pullulant  
principandi et spectandi et sentiendi libidine aut una aut duabus earum  
aut simul omnibus, et vivitur male adversus tria et septem, psalterium  
decem chordarum, decalogum tuum, deus altissime et dulcissime.  
sed quae flagitia in te, qui non corrumperis? aut quae adversus te  
facinora, cui noceri non potest? sed hoc vindicas quod in se homines  
perpetrant, quia etiam cum in te peccant, impie faciunt in animas  
suas, et mentitur iniquitas sibi sive corrumpendo ac pervertendo  
naturam suam, quam tu fecisti et ordinasti, vel immoderate utendo  
concessis rebus, vel in non concessa flagrando in eum usum qui est  
contra naturam. aut rei tenentur animo et verbis saevientes adversus  
te et adversus stimulum calcitrantes, aut cum diruptis limitibus  
humanae societatis laetantur audaces privatis conciliationibus aut  
diremptionibus, prout quidque delectaverit aut offenderit. et ea fiunt  
cum tu derelinqueris, fons vitae, qui es unus et verus creator et rector  
universitatis, et privata superbia diligitur in parte unum falsum. itaque  
pietate humili reditur in te, et purgas nos a consuetudine mala, et  
propitius es peccatis confitentium, et exaudis gemitus compeditorum,  
et solvis a vinculis quae nobis fecimus, si iam non erigamus adversus  
te cornua falsae libertatis, avaritia plus habendi et damno totum  
amittendi, amplius amando proprium nostrum quam te, omnium  
bonum.

### 3.9.17

sed inter flagitia et facinora et tam multas iniquitates sunt peccata proficientium, quae a bene iudicantibus et vituperantur ex regula perfectionis et laudantur spe frugis sicut herba segetis. et sunt quaedam similia vel flagitio vel facinori et non sunt peccata, quia nec te offendunt, dominum deum nostrum, nec sociale consortium, cum conciliantur aliqua in usum vitae, congrua et tempori, et incertum est an libidine habendi, aut puniuntur corrigendi studio potestate ordinata, et incertum est an libidine nocendi. multa itaque facta quae hominibus improbanda viderentur testimonio tuo approbata sunt, et multa laudata ab hominibus te teste damnantur, cum saepe se aliter habet species facti et aliter facientis animus atque articulus occulti temporis. cum vero aliquid tu repente inusitatum et improvisum imperas, etiamsi hoc aliquando vetuisti, quamvis causam imperii tui pro tempore occultes et quamvis contra pactum sit aliquorum hominum societatis, quis dubitet esse faciendum, quando ea iusta est societas hominum quae servit tibi? sed beati qui te imperasse sciunt. fiunt enim omnia a servientibus tibi, vel ad exhibendum quod ad praesens opus est, vel ad futura praenuntianda.

### 3.10.18

haec ego nesciens inridebam illos sanctos servos et prophetas tuos. et quid agebam cum inridebam eos, nisi ut inriderer abs te sensim atque paulatim perductus ad eas nugas ut crederem ficum plorare cum decerpitur et matrem eius arborem lacrimis lacteis? quam tamen ficum si comedisset aliquis sanctus, alieno sane non suo scelere decerptam, misceret visceribus et anhelaret de illa angelos, immo vero particulas dei gemendo in oratione atque ructando. quae particulae summi et veri dei ligatae fuissent in illo pomo, nisi electi sancti dente ac ventre solverentur. et credidi miser magis esse misericordiam praestandam fructibus terrae quam hominibus propter quos nascerentur. si quis enim esuriens peteret qui manichaeus non esset, quasi capitali supplicio damnanda buccella videretur si ei daretur.



### 3.11.19

et misisti manum tuam ex alto et de hac profunda caligine eruisti animam meam, cum pro me fleret ad te mea mater, fidelis tua, amplius quam flent matres corporea funera. videbat enim illa mortem meam ex fide et spiritu quem habebat ex te, et exaudisti eam, domine. exaudisti eam nec despexisti lacrimas eius; cum profluentes rigarent terram sub oculis eius in omni loco orationis eius, exaudisti eam. nam unde illud somnium quo eam consolatus es, ut vivere mecum cederet et habere mecum eandem mensam in domo? (quod nolle coeperat aversans et detestans blasphemias erroris mei.) vidit enim se stantem in quadam regula lignea et advenientem ad se iuvenem splendidum hilarem atque arridentem sibi, cum illa esset maerens et maerore confecta. qui cum causas ab ea quaesisset maestitiae suae cotidianarumque lacrimarum, docendi, ut adsolet, non discendi gratia, atque illa respondisset perditionem meam se plangere, iussisse illum (quo segura esset) atque admonuisse, ut attenderet et videret, ubi esset illa, ibi esse et me. quod illa ubi attendit, vidit me iuxta se in eadem regula stantem. unde hoc, nisi quia erant aures tuae ad cor eius, o tu bone omnipotens, qui sic curas unumquemque nostrum tamquam solum cures, et sic omnes tamquam singulos?

### 3.11.20

unde illud etiam, quod cum mihi narrasset ipsum visum, et ego ad id trahere conarer ut illa se potius non desperaret futuram esse quod eram, continuo sine aliqua haesitatione: `non,' inquit, `non enim mihi dictum est, ``ubi ille, ibi et tu," sed, ``ubi tu, ibi et ille.'" confiteor tibi, domine, recordationem meam, quantum recolo, quod saepe non tacui, amplius me isto per matrem vigilantem responso tuo, quod tam vicina interpretationis falsitate turbata non est et tam cito vidit quod videndum fuit (quod ego certe, antequam dixisset, non videram), etiam tum fuisse commotum quam ipso somnio quo feminae piaae gaudium tanto post futurum ad consolationem tunc praesentis sollicitudinis tanto ante praedictum est. nam novem ferme anni secuti

sunt quibus ego in illo limo profundi ac tenebris falsitatis, cum saepe surgere conarer et gravius alliderer, volutatus sum, cum tamen illa vidua casta, pia et sobria, quales amas, iam quidem spe alacrior, sed fletu et gemitu non segnior, non desineret horis omnibus orationum suarum de me plangere ad te, et intrabant in conspectum tuum preces eius, et me tamen dimittebas adhuc volvi et involvi illa caligine.

### 3.12.21

et dedisti alterum responsum interim quod recolo. nam et multa praetereo, propter quod propero ad ea quae me magis urgent confiteri tibi, et multa non memini. dedisti ergo alterum per sacerdotem tuum, quendam episcopum nutritum in ecclesia et exercitatum in libris tuis. quem cum illa femina rogasset ut dignaretur mecum conloqui et refellere errores meos et dedocere me mala ac docere bona (faciebat enim hoc, quos forte idoneos invenisset), noluit ille, prudenter sane, quantum sensi postea. respondit enim me adhuc esse indocilem, eo quod inflatus essem novitate haeresis illius et nonnullis quaestiunculis iam multos imperitos exagitassem, sicut illa indicaverat ei. 'sed' inquit 'sine illum ibi. tantum roga pro eo dominum. ipse legendo reperiet quis ille sit error et quanta impietas.' simul etiam narravit se quoque parvulum a seducta matre sua datum fuisse manichaeis, et omnes paene non legisse tantum verum etiam scriptitasse libros eorum, sibi que apparuisse nullo contra disputante et convincente quam esset illa secta fugienda: itaque fugisse. quae cum ille dixisset atque illa nollet adquiescere, sed instaret magis deprecando et ubertim flendo, ut me videret et mecum dissereret, ille iam substomachans taedio, 'vade' inquit 'a me. ita vivas: fieri non potest, ut filius istarum lacrimarum pereat.' quod illa ita se accepisse inter conloquia sua mecum saepe recordabatur, ac si de caelo sonuisset.

# Liber quartus

## 4.1.1

per idem tempus annorum novem, ab undevicensimo anno aetatis meae usque ad duodetricesimum, seducebamur et seducebamus, falsi atque fallentes in variis cupiditatibus, et palam per doctrinas quas liberales vocant, occulte autem falso nomine religionis, hic superbi, ibi superstitiosi, ubique vani, hac popularis gloriae sectantes inanitatem, usque ad theatricos plausus et contentiosa carmina et agonem coronarum faenearum et spectaculorum nugas et intemperantiam libidinum, illac autem purgari nos ab istis sordibus expetentes, cum eis qui appellarentur electi et sancti afferremus escas de quibus nobis in officina aqualiculi sui fabricarent angelos et deos per quos liberaremur. et sectabar ista atque faciebam cum amicis meis per me ac mecum deceptis. inrideant me arrogantes et nondum salubriter prostrati et elisi a te, deus meus, ego tamen confitear tibi dedecora mea in laude tua. sine me, obsecro, et da mihi circuire praesenti memoria praeteritos circuitus erroris mei et immolare tibi hostiam iubilationis. quid enim sum ego mihi sine te nisi dux in praeceps? aut quid sum, cum mihi bene est, nisi sugens lac tuum aut fruens te, cibo qui non corrumpitur? et quis homo est quilibet homo, cum sit homo? sed inrideant nos fortes et potentes, nos autem infirmi et inopes confiteamur tibi.

## 4.2.2

docebam in illis annis artem rhetoricam, et victoriosam loquacitatem victus cupiditate vendebam. malebam tamen, domine, tu scis, bonos habere discipulos, sicut appellantur boni, et eos sine dolo docebam dolos, non quibus contra caput innocentis agerent sed aliquando pro capite nocentis. et deus, vidisti de longinquo lapsantem in lubrico et in

multo fumo scintillantem fidem meam, quam exhibebam in illo magisterio diligentibus vanitatem et quaerentibus mendacium, socius eorum. in illis annis unam habebam non eo quod legitimum vocatur coniugio cognitam, sed quam indagaverat vagus ardor inops prudentiae, sed unam tamen, ei quoque servans tori fidem, in qua sane experirer exemplo meo quid distaret inter coniugalis placiti modum, quod foederatum esset generandi gratia, et pactum libidinosi amoris, ubi proles etiam contra votum nascitur, quamvis iam nata cogat se diligi.

### 4.2.3

recolo etiam, cum mihi theatrici carminis certamen inire placuisset, mandasse mihi nescio quem haruspicem, quid ei dare vellem mercedis ut vincerem, me autem foeda illa sacramenta detestatum et abominatum respondisse, nec si corona illa esset immortaliter aurea muscam pro victoria mea necari sinere. necaturus enim erat ille in sacrificiis suis animantia, et illis honoribus invitaturus mihi suffragatura daemones videbatur. sed hoc quoque malum non ex tua castitate repudiavi, deus cordis mei. non enim amare te noveram, qui nisi fulgores corporeos cogitare non noveram. talibus enim figmentis suspirans anima nonne fornicatur abs te et fidit in falsis et pascit ventos? sed videlicet sacrificari pro me nollem daemonibus, quibus me illa superstitione ipse sacrificabam. quid est enim aliud ventos pascere quam ipsos pascere, hoc est errando eis esse voluptati atque derisui?

### 4.3.4

ideoque illos planos quos mathematicos vocant plane consulere non desistebam, quod quasi nullum eis esset sacrificium et nullae preces ad aliquem spiritum ob divinationem dirigerentur. quod tamen christiana et vera pietas consequenter repellit et damnat. bonum est enim confiteri tibi, domine, et dicere, 'miserere mei: cura animam meam, quoniam peccavi tibi,' neque ad licentiam peccandi abuti indulgentia tua, sed meminisse dominicae vocis: 'ecce sanus factus

es; iam noli peccare, ne quid tibi deterius contingat.' quam totam illi salubritatem interficere conantur cum dicunt, 'de caelo tibi est inevitabilis causa peccandi' et 'Venus hoc fecit aut Saturnus aut Mars,' scilicet ut homo sine culpa sit, caro et sanguis et superba putredo, culpandus sit autem caeli ac siderum creator et ordinator. et quis est hic nisi deus noster, suavitas et origo iustitiae, qui reddes unicuique secundum opera eius et cor contritum et humilatum non spernis?

### 4.3.5

erat eo tempore vir sagax, medicinae artis peritissimus atque in ea nobilissimus, qui proconsul manu sua coronam illam agonisticam imposuerat non sano capiti meo, sed non ut medicus. nam illius morbi tu sanator, qui resistis superbis, humilibus autem das gratiam. numquid tamen etiam per illum senem defuisti mihi aut destitisti mederi animae meae? quia enim factus ei eram familiarior et eius sermonibus (erant enim sine verborum cultu vivacitate sententiarum iucundi et graves) adsiduus et fixus inhaerebam, ubi cognovit ex conloquio meo libris genethliacorum esse me deditum, benigne ac paterne monuit ut eos abicerem neque curam et operam rebus utilibus necessariam illi vanitati frustra impenderem, dicens ita se illa didicisse ut eius professionem primis annis aetatis suae deferre voluisset qua vitam degeret et, si Hippocraten intellexisset, et illas utique litteras potuisse intellegere; et tamen non ob aliam causam se postea illis relictis medicinam adsecutum, nisi quod eas falsissimas comperisset et nollet vir gravis decipiendis hominibus victum quaerere. 'at tu' inquit 'quo te in hominibus sustentas, rhetoricam tenes, hanc autem fallaciam libero studio, non necessitate rei familiaris, sectaris. quo magis mihi te oportet de illa credere, qui eam tam perfecte discere elaboravi, quam ex ea sola vivere volui.' a quo ego cum quaesissem quae causa ergo faceret ut multa inde vera pronuntiarentur, respondit ille ut potuit, vim sortis hoc facere in rerum natura usquequaque diffusam. si enim de paginis poetae cuiuspiam longe aliud canentis atque intendentis, cum forte quis consulit, mirabiliter consonus negotio saepe versus exiret, mirandum non esse

dicebat si ex anima humana superiore aliquo instinctu nesciente quid in se fieret, non arte sed sorte, sonaret aliquid quod interrogantis rebus factisque concineret.

#### 4.3.6

et hoc quidem ab illo vel per illum procurasti mihi, et quid ipse postea per me ipsum quaererem, in memoria mea deliniasti. tunc autem nec ipse nec carissimus meus Nebridius, adulescens valde bonus et valde castus, inridens totum illud divinationis genus, persuadere mihi potuerunt ut haec abicerem, quoniam me amplius ipsorum auctorum movebat auctoritas et nullum certum quale quaerebam documentum adhuc inveneram, quo mihi sine ambiguitate appareret, quae ab eis consultis vera dicerentur, forte vel sorte non arte inspectorum siderum dici.

#### 4.4.7

in illis annis quo primum tempore in municipio quo natus sum docere coeperam, comparaveram amicum societate studiorum nimis carum, coevum mihi et conflorentem flore adolescentiae. mecum puer creverat et pariter in scholam ieramus pariterque luseramus. sed nondum erat sic amicus, quamquam ne tunc quidem sic, uti est vera amicitia, quia non est vera nisi cum eam tu agglutinas inter haerentes tibi caritate diffusa in cordibus nostris per spiritum sanctum, qui datus est nobis. sed tamen dulcis erat nimis, cocta fervore parilium studiorum. nam et a fide vera, quam non germanitus et penitus adulescens tenebat, deflexeram eum in superstitiosas fabellas et perniciosas, propter quas me plangebat mater. mecum iam errabat in animo ille homo, et non poterat anima mea sine illo. et ecce tu imminens dorso fugitivorum tuorum, deus ultionum et fons misericordiarum simul, qui convertis nos ad te miris modis, ecce abstulisti hominem de hac vita, cum vix explevisset annum in amicitia mea, suavi mihi super omnes suavitates illius vitae meae.

#### 4.4.8

quis laudes tuas enumerat unus in se uno quas expertus est? quid tunc fecisti, deus meus, et quam investigabilis abyssus iudiciorum tuorum? cum enim laboraret ille febribus, iacuit diu sine sensu in sudore laetali et, cum desperaretur, baptizatus est nesciens, me non curante et praesumente id retinere potius animam eius quod a me acceperat, non quod in nescientis corpore fiebat. longe autem aliter erat. nam recreatus est et salvus factus, statimque, ut primo cum eo loqui potui (potui autem mox ut ille potuit, quando non discedebam et nimis pendebamus ex invicem), temptavi apud illum inridere, tamquam et illo inrisuro mecum baptismum quem acceperat mente atque sensu absentissimus, sed tamen iam se accepisse didicerat. at ille ita me exhorruit ut inimicum admonuitque mirabili et repentina libertate ut, si amicus esse vellem, talia sibi dicere desinerem. ego autem stupefactus atque turbatus distuli omnes motus meos, ut convalesceret prius essetque idoneus viribus valetudinis, cum quo agere possem quod vellem. sed ille abreptus dementiae meae, ut apud te servaretur consolationi meae. post paucos dies me absente repetitur febribus et defungitur.

#### 4.4.9

quo dolore contenebratum est cor meum, et quidquid aspiciebam mors erat. et erat mihi patria supplicium et paterna domus mira infelicitas, et quidquid cum illo communicaveram, sine illo in cruciatum immanem verterat. expetebant eum undique oculi mei, et non dabatur. et oderam omnia, quod non haberent eum, nec mihi iam dicere poterant, 'ecce veniet,' sicut cum viveret, quando absens erat. factus eram ipse mihi magna quaestio, et interrogabam animam meam quare tristis esset et quare conturbaret me valde, et nihil noverat respondere mihi. et si dicebam, 'spera in deum,' iuste non obtemperabat, quia verior erat et melior homo quem carissimum amiserat quam phantasma in quod sperare iubebatur. solus fletus erat dulcis mihi et successerat amico meo in deliciis animi mei.

#### 4.5.10

et nunc, domine, iam illa transierunt, et tempore lenitum est vulnus meum. possumne audire abs te, qui veritas es, et admoveere aurem cordis mei ori tuo, ut dicas mihi cur fletus dulcis sit miseris? an tu, quamvis ubique adsis, longe abiecisti a te miseriam nostram, et tu in te manes, nos autem in experimentis volvitur? et tamen nisi ad aures tuas ploraremus, nihil residui de spe nostra fieret. unde igitur suavis fructus de amaritudine vitae carpitur, gemere et flere et suspirare et conqueri? an hoc ibi dulce est, quod speramus exaudire te? recte istuc in precibus, quia desiderium perveniendi habent. num in dolore amissae rei et luctu, quo tunc operiebar? neque enim sperabam revivescere illum aut hoc petebam lacrimis, sed tantum dolebam et flebam. miser enim eram et amiseram gaudium meum. an et fletus res amara est et, prae fastidio rerum quibus prius fruebamur et tunc ab eis abhorremus, delectat?

#### 4.6.11

quid autem ista loquor? non enim tempus quaerendi nunc est, sed confitendi tibi. miser eram, et miser est omnis animus vinctus amicitia rerum mortalium, et dilaniatur cum eas amittit, et tunc sentit miseriam qua miser est et antequam amittat eas. sic ego eram illo tempore et flebam amarissime et requiescebam in amaritudine. ita miser eram et habebam cariorum illo amico meo vitam ipsam miseram. nam quamvis eam mutare vellem, nollem tamen amittere magis quam illum, et nescio an vellem vel pro illo, sicut de Oreste et Pylade traditur, si non fingitur, qui vellent pro invicem vel simul mori, qua morte peius eis erat non simul vivere. sed in me nescio quis affectus nimis huic contrarius ortus erat, et taedium vivendi erat in me gravissimum et moriendi metus. credo, quo magis illum amabam, hoc magis mortem, quae mihi eum abstulerat, tamquam atrocissimam inimicam oderam et timebam, et eam repente consumpturam omnes homines putabam, quia illum potuit. sic eram omnino, memini. ecce cor meum, deus meus, ecce intus. vide, quia memini, spes mea, qui me mundas a talium affectionum immunditia, dirigens oculos meos ad



te et evellens de laqueo pedes meos. mirabar enim ceteros mortales vivere, quia ille, quem quasi non moriturum dilexeram, mortuus erat, et me magis, quia ille alter eram, vivere illo mortuo mirabar. bene quidam dixit de amico suo: `dimidium animae' suae. nam ego sensi animam meam et animam illius unam fuisse animam in duobus corporibus, et ideo mihi horrore erat vita, quia nolebam dimidius vivere, et ideo forte mori metuebam, ne totus ille moreretur quem multum amaveram.

## 4.7.12

o dementiam nescientem diligere homines humaniter! o stultum hominem immoderate humana patientem! quod ego tunc eram. itaque aestuabam, suspirabam, flebam, turbabar, nec requies erat nec consilium. portabam enim concisam et cruentam animam meam impatientem portari a me, et ubi eam ponerem non inveniebam. non in amoenis nemoribus, non in ludis atque cantibus, nec in suave olentibus locis, nec in conviviis apparatis, neque in voluptate cubilis et lecti, non denique in libris atque carminibus adquiescebat. horrebant omnia et ipsa lux, et quidquid non erat quod ille erat improbum et odiosum erat praeter gemitum et lacrimas: nam in eis solis aliquantula requies. ubi autem inde auferebatur anima mea, onerabat me grandi sarcina miseriae. ad te, domine, levanda erat et curanda, sciebam, sed nec volebam nec valebam, eo magis quia non mihi eras aliquid solidum et firmum, cum de te cogitabam. non enim tu eras, sed vanum phantasma et error meus erat deus meus. si conabar eam ibi ponere ut requiesceret, per inane labebatur et iterum ruebat super me, et ego mihi remanseram infelix locus, ubi nec esse possem nec inde recedere. quo enim cor meum fugeret a corde meo? quo a me ipso fugerem? quo non me sequeretur? et tamen fugi de patria. minus enim eum quaerebant oculi mei ubi videre non solebant, atque a Thagastensi oppido veni Carthaginem.

## 4.8.13

non vacant tempora nec otiose volvuntur per sensus nostros: faciunt

in animo mira opera. ecce veniebant et praeteribant de die in diem, et veniendo et praetereundo inserebant mihi spes alias et alias memorias, et paulatim resarciebant me pristinis generibus delectationum, quibus cedebat dolor meus ille; sed succedebant non quidem dolores alii, causae tamen aliorum dolorum. nam unde me facillime et in intima dolor ille penetraverat, nisi quia fuderam in harenam animam meam diligendo moriturum acsi non moriturum? maxime quippe me reparabant atque recreabant aliorum amicorum solacia, cum quibus amabam quod pro te amabam, et hoc erat ingens fabula et longum mendacium, cuius adulterina confricatione corrumpebatur mens nostra pruriens in auribus. sed illa mihi fabula non moriebatur, si quis amicorum meorum moreretur. alia erant quae in eis amplius capiebant animum, conloqui et conridere et vicissim benivole obsequi, simul legere libros dulciloquos, simul nugari et simul honestari, dissentire interdum sine odio tamquam ipse homo secum atque ipsa rarissima dissensione condire consensiones plurimas, docere aliquid invicem aut discere ab invicem, desiderare absentes cum molestia, suscipere venientes cum laetitia: his atque huius modi signis a corde amantium et redamantium procedentibus per os, per linguam, per oculos et mille motus gratissimos, quasi fomitibus conflare animos et ex pluribus unum facere.

#### 4.9.14

hoc est quod diligitur in amicis, et sic diligitur ut rea sibi sit humana conscientia si non amaverit redamantem aut si amantem non redamaverit, nihil quaerens ex eius corpore praeter indicia benivolentiae. hinc ille luctus si quis moriatur, et tenebrae dolorum, et versa dulcedine in amaritudinem cor madidum, et ex amissa vita morientium mors viventium. beatus qui amat te et amicum in te et inimicum propter te. solus enim nullum carum amittit cui omnes in illo cari sunt qui non amittitur. et quis est iste nisi deus noster, deus, qui fecit caelum et terram et implet ea, quia implendo ea fecit ea? te nemo amittit nisi qui dimittit, et quia dimittit, quo it aut quo fugit nisi a te placido ad te iratum? nam ubi non invenit legem tuam in poena sua? et lex tua veritas et veritas tu.

## 4.10.15

deus virtutum, converte nos et ostende faciem tuam, et salvi erimus. nam quoquoersum se verterit anima hominis, ad dolores figitur alibi praeterquam in te, tametsi figitur in pulchris extra te et extra se. quae tamen nulla essent, nisi essent abs te. quae oriuntur et occidunt et oriendo quasi esse incipiunt, et crescunt ut perficiantur, et perfecta senescunt et intereunt: et non omnia senescunt, et omnia intereunt. ergo cum oriuntur et tendunt esse, quo magis celeriter crescunt ut sint, eo magis festinant ut non sint: sic est modus eorum. tantum dedisti eis, quia partes sunt rerum, quae non sunt omnes simul, sed decedendo ac succedendo agunt omnes universum, cuius partes sunt. (ecce sic peragitur et sermo noster per signa sonantia. non enim erit totus sermo, si unum verbum non decedat, cum sonuerit partes suas, ut succedat aliud.) laudet te ex illis anima mea, deus, creator omnium, sed non in eis figatur glutine amore per sensus corporis. eunt enim quo ibant, ut non sint, et conscindunt eam desideriis pestilentiosis, quoniam ipsa esse vult et requiescere amat in eis quae amat. in illis autem non est ubi, quia non stant: fugiunt, et quis ea sequitur sensu carnis? aut quis ea comprehendit, vel cum praesto sunt? tardus est enim sensus carnis, quoniam sensus carnis est: ipse est modus eius. sufficit ad aliud, ad quod factus est, ad illud autem non sufficit, ut teneat transcurrentia ab initio debito usque ad finem debitum. in verbo enim tuo, per quod creantur, ibi audiunt, 'hinc' et 'huc usque.'

## 4.11.16

noli esse vana, anima mea, et obsurdescere in aure cordis tumultu vanitatis tuae. audi et tu: verbum ipsum clamat ut redeas, et ibi est locus quietis imperturbabilis, ubi non deseritur amor si ipse non deserat. ecce illa discedunt ut alia succedant, et omnibus suis partibus constet infima universitas. 'numquid ego aliquo discedo?' ait verbum dei. ibi fige mansionem tuam, ibi commenda quidquid inde habes, anima mea; saltem fatigata fallaciis, veritati commenda quidquid tibi est a veritate, et non perdes aliquid, et reflorescent

putria tua, et sanabuntur omnes languores tui, et fluxa tua reformabuntur et renovabuntur et constringentur ad te, et non te deponent quo descendunt, sed stabunt tecum et permanebunt ad semper stantem ac permanentem deum.

#### 4.11.17

ut quid perversa sequeris carnem tuam? ipsa te sequatur conversam. quidquid per illam sentis in parte est, et ignoras totum cuius hae partes sunt, et delectant te tamen. sed si ad totum comprehendendum esset idoneus sensus carnis tuae, ac non et ipse in parte universi accepisset pro tua poena iustum modum, velles ut transiret quidquid existit in praesentia, ut magis tibi omnia placerent. nam et quod loquimur per eundem sensum carnis audis, et non vis utique stare syllabas sed transvolare, ut aliae veniant et totum audias. ita semper omnia, quibus unum aliquid constat (et non sunt omnia simul ea quibus constat): plus delectant omnia quam singula, si possint sentiri omnia. sed longe his melior qui fecit omnia, et ipse est deus noster, et non discedit, quia nec succeditur ei.

#### 4.12.18

si placent corpora, deum ex illis lauda et in artificem eorum retorque amorem, ne in his quae tibi placent tu displiceas. si placent animae, in deo amentur, quia et ipsae mutabiles sunt et in illo fixae stabiliuntur: alioquin irent et perirent. in illo ergo amentur, et rape ad eum tecum quas potes et dic eis: `hunc amemus: ipse fecit haec et non est longe. non enim fecit atque abiit, sed ex illo in illo sunt. ecce ubi est, ubi sapit veritas: intimus cordi est, sed cor erravit ab eo. redite, praevaricatores, ad cor et inhaerete illi qui fecit vos. state cum eo et stabitis, requiescite in eo et quieti eritis. quo itis in aspera? quo itis? bonum quod amatis ab illo est: sed quantum est ad illum, bonum est et suave; sed amarum erit iuste, quia iniuste amatur deserto illo quidquid ab illo est. quo vobis adhuc et adhuc ambulare vias difficiles et laboriosas? non est requies ubi quaeratis eam. quaerite quod quaeritis, sed ibi non est ubi quaeritis. beatam vitam quaeritis in

regione mortis: non est illic. quomodo enim beata vita, ubi nec vita?

## 4.12.19

et descendit huc ipsa vita nostra, et tulit mortem nostram et occidit eam de abundantia vitae suae, et tonuit, clamans ut redeamus hinc ad eum in illud secretum unde processit ad nos, in ipsum primum virginalem uterum ubi ei nupsit humana creatura, caro mortalis, ne semper mortalis. et inde velut sponsus procedens de thalamo suo exultavit ut gigans ad currendam viam. non enim tardavit, sed cucurrit clamans dictis, factis, morte, vita, descensu, ascensu, clamans ut redeamus ad eum: et discessit ab oculis, ut redeamus ad eum. et discessit ab oculis, ut redeamus ad cor et inveniamus eum. abscessit enim et ecce hic est. noluit nobiscum diu esse et non reliquit nos. illuc enim abscessit unde numquam recessit, quia mundus per eum factus est, et in hoc mundo erat et venit in hunc mundum peccatores salvos facere. cui confitetur anima mea et sanat eam, quoniam peccavit illi. filii hominum, quo usque graves corde? numquid et post descensum vitae non vultis ascendere et vivere? sed quo ascenditis, quando in alto estis et posuistis in caelo os vestrum? descendite, ut ascendatis, et ascendatis ad deum. cecidistis enim ascendendo contra deum.' dic eis ista, ut plorent in convalle plorationis, et sic eos rape tecum ad deum, quia de spiritu eius haec dicis eis, si dicis ardens igne caritatis.

## 4.13.20

haec tunc non noveram, et amabam pulchra inferiora et ibam in profundum, et dicebam amicis meis, `num amamus aliquid nisi pulchrum? quid est ergo pulchrum? et quid est pulchritudo? quid est quod nos allicit et conciliat rebus quas amamus? nisi enim esset in eis decus et species, nullo modo nos ad se moverent.' et animadvertēbam et videbam in ipsis corporibus aliud esse quasi totum et ideo pulchrum, aliud autem quod ideo deceret, quoniam apte adcommodaretur alicui, sicut pars corporis ad universum suum aut calciamentum ad pedem et similia. et ista consideratio scaturrivit in animo meo ex intimo corde meo, et scripsi libros `de pulchro et apto'

-- puto duos aut tres: tu scis, deus, nam excidit mihi. non enim habemus eos, sed aberraverunt a nobis nescio quo modo.

## 4.14.21

quid est autem quod me movit, domine deus meus, ut ad Hierium, Romanae urbis oratorem, scriberem illos libros? quem non noveram facie, sed amaveram hominem ex doctrinae fama, quae illi clara erat, et quaedam verba eius audieram et placuerant mihi. sed magis quia placebat aliis et eum efferebant laudibus, stupentes quod ex homine Syro, docto prius graecae facundiae, post in latina etiam dictor mirabilis extitisset et esset scientissimus rerum ad studium sapientiae pertinentium, mihi placebat. laudatur homo et amatur absens. utrumnam ab ore laudantis intrat in cor audientis amor ille? absit! sed ex amante alio accenditur alius. hinc enim amatur qui laudatur, dum non fallaci corde laudatoris praedicari creditur, id est cum amans eum laudat.

## 4.14.22

sic enim tunc amabam homines ex hominum iudicio, non enim ex tuo, deus meus, in quo nemo fallitur. sed tamen cur non sicut auriga nobilis, sicut venator studiis popularibus diffamatus, sed longe aliter et graviter et ita, quemadmodum et me laudari vellem? non autem vellem ita laudari et amari me ut histriones, quamquam eos et ipse laudarem et amarem, sed eligens latere quam ita notus esse et vel haberi odio quam sic amari. ubi distribuuntur ista pondera variorum et diversorum amorum in anima una? quid est quod amo in alio? quod rursus nisi odissem, non a me detestarer et repellerem, cum sit uterque nostrum homo? non enim sicut equus bonus amatur ab eo qui nollet hoc esse etiamsi posset. hoc et de histrione dicendum est, qui naturae nostrae socius est. ergone amo in homine quod odi esse, cum sim homo? grande profundum est ipse homo, cuius etiam capillos tu, domine, numeratos habes et non minuuntur in te: et tamen capilli eius magis numerabiles quam affectus eius et motus cordis eius.

### 4.14.23

at ille rhetor ex eo erat genere quem sic amabam ut vellem esse me talem. et errabam typho et circumferebar omni vento, et nimis occulte gubernabar abs te. et unde scio et unde certus confiteor tibi quod illum in amore laudantium magis amaveram quam in rebus ipsis de quibus laudabatur? quia si non laudatum vituperarent eum idem ipsi et vituperando atque spernendo ea ipsa narrarent, non accenderer in eo et non excitarer, et certe res non aliae forent nec homo ipse alius, sed tantummodo alius affectus narrantium. ecce ubi iacet anima infirma nondum haerens soliditati veritatis: sicut aurae linguarum flaverint a pectoribus opinantium, ita fertur et vertitur, torquetur ac retorquetur, et obnubilatur ei lumen et non cernitur veritas, et ecce est ante nos. et magnum quiddam mihi erat, si sermo meus et studia mea illi viro innotescerent. quae si probaret, flagrarem magis; si autem improbaret, sauciaretur cor vanum et inane soliditatis tuae. et tamen pulchrum illud atque aptum, unde ad eum scripseram, libenter animo versabam ob os contemplationis meae et nullo conlaudatore mirabar.

### 4.15.24

sed tantae rei cardinem in arte tua nondum videbam, omnipotens, qui facis mirabilia solus, et ibat animus per formas corporeas et pulchrum, quod per se ipsum, aptum autem, quod ad aliquid adcommodatum deceret, definiebam et distinguebam et exemplis corporeis adstruebam. et converti me ad animi naturam, et non me sinebat falsa opinio quam de spiritalibus habebam verum cernere. et inruebat in oculos ipsa vis veri, et avertebam palpitantem mentem ab incorporea re ad liniamenta et colores et tumentes magnitudines et, quia non poteram ea videre in animo, putabam me non posse videre animum. et cum in virtute pacem amarem, in vitiositate autem odissem discordiam, in illa unitatem, in ista quandam divisionem notabam, inque illa unitate mens rationalis et natura veritatis ac summi boni mihi esse videbatur, in ista vero divisione inrationalis vitae nescioquam substantiam et naturam summi mali, quae non solum esset substantia sed omnino vita esset, et tamen abs te non esset,

deus meus, ex quo sunt omnia, miser opinabar. et illam `monadem' appellabam tamquam sine ullo sexu mentem, hanc vero `dyadem', iram in facinoribus, libidinem in flagitiis, nesciens quid loquerer. non enim noveram neque didiceram nec ullam substantiam malum esse nec ipsam mentem nostram summum atque incommutabile bonum.

#### 4.15.25

sicut enim facinora sunt, si vitiosus est ille animi motus in quo est impetus et se iactat insolenter ac turbide, et flagitia, si est immoderata illa animae affectio qua carnales hauriuntur voluptates, ita errores et falsae opiniones vitam contaminant, si rationalis mens ipsa vitiosa est, qualis in me tunc erat nesciente alio lumine illam inlustrandam esse, ut sit particeps veritatis, quia non est ipsa natura veritatis, quoniam tu inluminabis lucernam meam, domine. deus meus, inluminabis tenebras meas, et de plenitudine tua omnes nos accepimus. es enim tu lumen verum quod inluminat omnem hominem venientem in hunc mundum, quia in te non est transmutatio nec momenti obumbratio.

#### 4.15.26

sed ego conabar ad te et repellebar abs te, ut saperem mortem, quoniam superbis resistis. quid autem superbius quam ut adsererem mira dementia me id esse naturaliter quod tu es? cum enim ego essem mutabilis et eo mihi manifestum esset, quod utique ideo sapiens esse cupiebam, ut ex deteriore melior fierem, malebam tamen etiam te opinari mutabilem quam me non hoc esse quod tu es. itaque repellebar et resistebas ventosae cervici meae, et imaginabar formas corporeas et caro carnem accusabam, et spiritus ambulans nondum revertebar ad te et ambulando ambulabam in ea quae non sunt, neque in te neque in me neque in corpore, neque mihi creabantur a veritate tua, sed a mea vanitate fingeantur ex corpore. et dicebam parvulis fidelibus tuis, civibus meis, a quibus nesciens exulabam, dicebam illis garrulus et ineptus, `cur ergo errat anima quam fecit deus?' et mihi nolebam dici, `cur ergo errat deus?' et



contendebam magis incommutabilem tuam substantiam coactam errare quam meam mutabilem sponte deviasse et poena errare confitebar.

#### **4.15.27**

et eram aetate annorum fortasse viginti sex aut septem, cum illa volumina scripsi, volvens apud me corporalia figmenta obstrepentia cordis mei auribus, quas intendebar, dulcis veritas, in interiorem melodiam tuam, cogitans de pulchro et apto, et stare cupiens et audire te et gaudio gaudere propter vocem sponsi, et non poteram, quia vocibus erroris mei rapiebar foras et pondere superbiae meae in ima decidebam. non enim dabas auditui meo gaudium et laetitiam, aut exultabant ossa, quae humilata non erant.

#### **4.16.28**

et quid mihi proderat quod annos natus ferme viginti, cum in manus meas venissent aristotelica quaedam, quas appellant decem categorias (quarum nomine, cum eas rhetor Carthaginiensis, magister meus, buccis typho crepantibus commemoraret et alii qui docti habebantur, tamquam in nescio quid magnum et divinum suspensus inhiabam), legi eas solus et intellexi? quas cum contulissem cum eis qui se dicebant vix eas magistris eruditissimis, non loquentibus tantum sed multa in pulvere depingentibus, intellexisse, nihil inde aliud mihi dicere potuerunt quam ego solus apud me ipsum legens cognoveram. et satis aperte mihi videbantur loquentes de substantiis, sicuti est homo, et quae in illis essent, sicuti est figura hominis, qualis sit, et statura, quot pedum sit, et cognatio, cuius frater sit, aut ubi sit constitutus aut quando natus, aut stet an sedeat, aut calciatus vel armatus sit, aut aliquid faciat aut patiat aliquid, et quaecumque in his novem generibus, quorum exempli gratia quaedam posui, vel in ipso substantiae genere innumerabilia reperiuntur.

#### **4.16.29**

quid hoc mihi proderat, quando et oberat, cum etiam te, deus meus, mirabiliter simplicem atque incommutabilem, illis decem praedicamentis putans quidquid esset omnino comprehensum, sic intellegere conarer, quasi et tu subiectus esses magnitudini tuae aut pulchritudini, ut illa essent in te quasi in subiecto sicut in corpore, cum tua magnitudo et tua pulchritudo tu ipse sis, corpus autem non eo sit magnum et pulchrum quo corpus est, quia etsi minus magnum et minus pulchrum esset, nihilominus corpus esset? falsitas enim erat quam de te cogitabam, non veritas, et figmenta miseriae meae, non firmamenta beatitudinis tuae. iusseras enim, et ita fiebat in me, ut terra spinas et tribulos pareret mihi et cum labore pervenirem ad panem meum.

## 4.16.30

et quid mihi proderat quod omnes libros artium quas liberales vocant tunc nequissimus malarum cupiditatum servus per me ipsum legi et intellexi, quoscumque legere potui? et gaudebam in eis, et nesciebam unde esset quidquid ibi verum et certum esset. dorsum enim habebam ad lumen et ad ea quae inluminantur faciem, unde ipsa facies mea, qua inluminata cernebam, non inluminabatur. quidquid de arte loquendi et disserendi, quidquid de dimensionibus figurarum et de musicis et de numeris, sine magna difficultate nullo hominum tradente intellexi. scis tu, domine deus meus, quia et celeritas intellegendi et dispiciendi acumen donum tuum est. (sed non inde sacrificabam tibi; itaque mihi non ad usum sed ad perniciem magis valebat, quia tam bonam partem substantiae meae satégi habere in potestate et fortitudinem meam non ad te custodiebam, sed profectus sum abs te in longinquam regionem, ut eam dissiparem in meretrices cupiditates.) nam quid mihi proderat bona res non utenti bene? non enim sentiebam illas artes etiam ab studiosis et ingeniosis difficillime intellegi, nisi cum eis eadem conabar exponere, et erat ille excellentissimus in eis qui me exponentem non tardius sequeretur.

## 4.16.31

sed quid mihi hoc proderat, putanti quod tu, domine deus veritas, corpus esses lucidum et immensum et ego frustum de illo corpore? nimia perversitas! sed sic eram nec erubesco, deus meus, confiteri tibi in me misericordias tuas et invocare te, qui non erubui tunc profiteri hominibus blasphemias meas et latrare adversum te. quid ergo tunc mihi proderat ingenium per illas doctrinas agile et nullo adminiculo humani magisterii tot nodosissimi libri enodati, cum deformiter et sacrilega turpitudine in doctrina pietatis errarem? aut quid tantum oberat parvulis tuis longe tardius ingenium, cum a te longe non recederent, ut in nido ecclesiae tuae tuti plumescerent et alas caritatis alimento sanae fidei nutrent? o domine deus noster, in velamento alarum tuarum speremus, et protege nos et porta nos. tu portabis et parvulos et usque ad canos tu portabis, quoniam firmitas nostra quando tu es, tunc est firmitas, cum autem nostra est, infirmitas est. vivit apud te semper bonum nostrum, et quia inde aversi sumus, perversi sumus. revertamur iam, domine, ut non evertamur, quia vivit apud te sine ullo defectu bonum nostrum, quod tu ipse es, et non timemus ne non sit quo redeamus, quia nos inde ruimus. nobis autem absentibus non ruit domus nostra, aeternitas tua.

# Liber quintus

## 5.1.1

accipe sacrificium confessionum mearum de manu linguae meae (quam formasti et excitasti, ut confiteatur nomini tuo), et sana omnia ossa mea, et dicant, `domine, quis similis tibi?' neque enim docet te quid in se agatur qui tibi confitetur, quia oculum tuum non excludit cor clausum nec manum tuam repellit duritia hominum, sed solvis eam cum voles, aut miserans aut vindicans, et non est qui se abscondat a calore tuo. sed te laudet anima mea ut amet te, et confiteatur tibi miserationes tuas ut laudet te. non cessat nec tacet laudes tuas universa creatura tua, nec spiritus omnis per os conversum ad te, nec animalia nec corporalia per os considerantium ea, ut exsurgat in te a lassitudine anima nostra, innitens eis quae fecisti et transiens ad te, qui fecisti haec mirabiliter. et ibi refectio et vera fortitudo.

## 5.2.2

eant et fugiant a te inquieti iniqui. et tu vides eos et distinguis umbras, et ecce pulchra sunt cum eis omnia et ipsi turpes sunt. et quid nocuerunt tibi? aut in quo imperium tuum dehonestaverunt, a caelis usque in novissima iustum et integrum? quo enim fugerunt, cum fugerent a facie tua? aut ubi tu non invenis eos? sed fugerunt ut non viderent te videntem se atque excaecati in te offenderent, quia non deseris aliquid eorum quae fecisti; in te offenderent iniusti et iuste vexarentur, subtrahentes se lenitati tuae et offendentes in rectitudinem tuam et cadentes in asperitatem tuam. videlicet nesciunt quod ubique sis, quem nullus circumscribit locus, et solus es praesens etiam his qui longe fiunt a te. convertantur ergo et quaerant te, quia non, sicut ipsi deseruerunt creatorem suum, ita tu deseruisti creaturam tuam: ipsi convertantur. et ecce ibi es in corde eorum, in

corde confitentium tibi et proicientium se in te et plorantium in sinu tuo post vias suas difficiles. et tu facilis terges lacrimas eorum, et magis plorant et gaudent in fletibus, quoniam tu, domine, non aliquis homo, caro et sanguis, sed tu, domine, qui fecisti, reficis et consolaris eos. et ubi ego eram, quando te quaerebam? et tu eras ante me, ego autem et a me discesseram nec me inveniebam: quanto minus te!

### 5.3.3

proloquar in conspectu dei mei annum illum undetricensimum aetatis meae. iam venerat Carthaginem quidam manichaeorum episcopus, Faustus nomine, magnus laqueus diaboli, et multi implicabantur in eo per inlecebram suaviloquentiae. quam ego iam tametsi laudabam, discernebam tamen a veritate rerum quarum discendarum avidus eram, nec quali vasculo sermonis, sed quid mihi scientiae comedendum apponeret nominatus apud eos ille Faustus intuebar. fama enim de illo praelocuta mihi erat quod esset honestarum omnium doctrinarum peritissimus et apprime disciplinis liberalibus eruditus. et quoniam multa philosophorum legeram memoriaeque mandata retinebam, ex eis quaedam comparabam illis manichaeorum longis fabulis, et mihi probabiliora ista videbantur quae dixerunt illi qui tantum potuerunt valere ut possent aestimare saeculum, quamquam eius dominum minime invenerint. quoniam magnus es, domine, et humilia respicis, excelsa autem a longe cognoscis, nec propinquas nisi obtritis corde nec inveniris a superbis, nec si illi curiosa peritia numerent stellas et harenam et dimetiantur sidereas plagas et vestigent vias astrorum.

### 5.3.4

mente sua enim quaerunt ista et ingenio quod tu dedisti eis et multa invenerunt et praenuntiaverunt ante multos annos defectus luminarium solis et lunae, quo die, qua hora, quanta ex parte futuri essent, et non eos fefellit numerus. et ita factum est ut praenuntiaverunt, et scripserunt regulas indagatas, et leguntur hodie atque ex eis praenuntiatur quo anno et quo mense anni et quo die mensis et qua

hora diei et quota parte luminis sui defectura sit luna vel sol: et ita fiet ut praenuntiatur. et mirantur haec homines et stupent qui nesciunt ea, et exultant atque extolluntur qui sciunt, et per impiam superbiam recedentes et deficientes a lumine tuo tanto ante solis defectum futurum praevident, et in praesentia suum non vident (non enim religiose quaerunt unde habeant ingenium quo ista quaerunt), et inveniunt quia tu fecisti eos, non ipsi se dant tibi, se ut serves quod fecisti, et quales se ipsi fecerant occidunt se tibi, et trucidant exaltationes suas sicut volatilia, et curiositates suas sicut pisces maris quibus perambulant secretas semitas abyssi, et luxurias suas sicut pecora campi, ut tu, deus, ignis edax consumas mortuas curas eorum, recreans eos immortaliter.

### **5.3.5**

sed non noverunt viam, verbum tuum, per quod fecisti ea quae numerant et ipsos qui numerant, et sensum quo cernunt quae numerant et mentem de qua numerant: et sapientiae tuae non est numerus. ipse autem unigenitus factus est nobis sapientia et iustitia et sanctificatio, et numeratus est inter nos, et solvit tributum Caesari. non noverunt hanc viam qua descendant ad illum a se et per eum ascendant ad eum. non noverunt hanc viam, et putant se excelsos esse cum sideribus et lucidos, et ecce ruerunt in terram, et obscuratum est insipiens cor eorum. et multa vera de creatura dicunt et veritatem, creaturae artificem, non pie quaerunt, et ideo non inveniunt, aut si inveniunt, cognoscentes deum non sicut deum honorant aut gratias agunt, et evanescunt in cogitationibus suis, et dicunt se esse sapientes sibi tribuendo quae tua sunt, ac per hoc student perversissima caecitate etiam tibi tribuere quae sua sunt, mendacia scilicet in te conferentes, qui veritas es, et immutantes gloriam incorrupti dei in similitudinem imaginis corruptibilis hominis et volucrum et quadrupedum et serpentium, et convertunt veritatem tuam in mendacium, et colunt et serviunt creaturae potius quam creatori.

### 5.3.6

multa tamen ab eis ex ipsa creatura vera dicta retinebam, et occurrebat mihi ratio per numeros et ordinem temporum et visibiles attestations siderum, et conferebam cum dictis Manichaei, quae de his rebus multa scripsit copiosissime delirans, et non mihi occurrebat ratio nec solistitorum et aequinoctiorum nec defectuum luminarium nec quidquid tale in libris saecularis sapientiae didiceram. ibi autem credere iubebar, et ad illas rationes numeris et oculis meis exploratas non occurrebat, et longe diversum erat.

### 5.4.7

numquid, domine deus veritatis, quisquis novit ista, iam placet tibi? infelix enim homo qui scit illa omnia, te autem nescit; beatus autem qui te scit, etiamsi illa nesciat. qui vero et te et illa novit, non propter illa beatior, sed propter te solum beatus est, si cognoscens te sicut te glorificet et gratias agat, et non evanescat in cogitationibus suis. sicut enim melior est qui novit possidere arborem et de usu eius tibi gratias agit, quamvis nesciat vel quot cubitis alta sit vel quanta latitudine diffusa, quam ille qui eam metitur et omnes ramos eius numerat et neque possidet eam neque creatorem eius novit aut diligit, sic fidelis homo, cuius totus mundus divitiarum est et quasi nihil habens omnia possidet inhaerendo tibi, cui serviunt omnia, quamvis nec saltem septentrionum gyros noverit, dubitare stultum est, quin utique melior sit quam mensor caeli et numerator siderum et pensor elementorum et negligens tui, qui omnia in mensura et numero et pondere disposuisti.

### 5.5.8

sed tamen quis quaerebat Manichaeum nescio quem etiam ista scribere, sine quorum peritia pietas disci poterat? dixisti enim homini, 'ecce pietas est sapientia.' quam ille ignorare posset, etiamsi ista perfecte nosset; ista vero quia non noverat, impudentissime audens docere, prorsus illam nosse non posset. vanitas est enim mundana

ista etiam nota profiteri, pietas autem tibi confiteri. unde ille devius ad hoc ista multum locutus est, ut convictus ab eis qui ista vere didicissent, quis esset eius sensus in ceteris quae abditiore sunt manifeste cognosceretur. non enim parvi se aestimari voluit, sed spiritum sanctum, consolatorem et ducem fidelium tuorum, auctoritate plenaria personaliter in se esse persuadere conatus est. itaque cum de caelo ac stellis et de solis ac lunae motibus falsa dixisse deprehenderetur, quamvis ad doctrinam religionis ista non pertineant, tamen ausus eius sacrilegos fuisse satis emerget, cum ea non solum ignorata sed etiam falsa tam vesana superbiae vanitate diceret, ut ea tamquam divinae personae tribuere sibi niteretur.

### 5.5.9

cum enim audio christianum aliquem fratrem illum aut illum ista nescientem et aliud pro alio sentientem, patienter intueor opinantem hominem nec illi obesse video, cum de te, domine creator omnium, non credat indigna, si forte situs et habitus creaturae corporalis ignoret. obest autem, si hoc ad ipsam doctrinae pietatis formam pertinere arbitretur et pertinacius affirmare audeat quod ignorat. sed etiam talis infirmitas in fidei cunabulis a caritate matre sustinetur, donec adsurgat novus homo in virum perfectum et circumferri non possit omni vento doctrinae. in illo autem qui doctor, qui auctor, qui dux et princeps eorum quibus illa suaderet, ita fieri ausus est, ut qui eum sequerentur non quemlibet hominem sed spiritum tuum sanctum se sequi arbitrarentur, quis tantam dementiam, sicubi falsa dixisse convinceretur, non detestandam longeque abiciendam esse iudicaret? sed tamen nondum liquido compereram utrum etiam secundum eius verba vicissitudines longiorum et breviorum dierum atque noctium et ipsius noctis et diei et deliquia luminum et si quid eius modi in aliis libris legeram posset exponi, ut, si forte posset, incertum quidem mihi fieret utrum ita se res haberet an ita, sed ad fidem meam illius auctoritatem propter creditam sanctitatem praeponerem.

### 5.6.10



et per annos ferme ipsos novem quibus eos animo vagabundus audivi nimis extento desiderio venturum expectabam istum Faustum. ceteri enim eorum in quos forte incurrissem, qui talium rerum quaestionibus a me obiectibus deficiebant, illum mihi promittebant, cuius adventu conlatoque conloquio facillime mihi haec et si qua forte maiora quaererem enodatissime expedirentur. ergo ubi venit, expertus sum hominem gratum et iucundum verbis et ea ipsa quae illi solent dicere multo suavius garrientem. sed quid ad meam sitim pretiosorum poculorum decentissimus ministrator? iam rebus talibus satiatae erant aures meae, nec ideo mihi meliora videbantur quia melius dicebantur, nec ideo vera quia diserta, nec ideo sapiens anima quia vultus congruus et decorum eloquium. illi autem qui eum mihi promittebant non boni rerum existimatores erant, et ideo illis videbatur prudens et sapiens, quia delectabat eos loquens. sensi autem aliud genus hominum etiam veritatem habere suspectam et ei nolle acquiescere, si compto atque uberi sermone promeretur. me autem iam docueras, deus meus, miris et occultis modis (et propterea credo quod tu me docueris, quoniam verum est, nec quisquam praeter te alius doctor est veri, ubicumque et undecumque claruerit), iam ergo abs te didiceram nec eo debere videri aliquid verum dici, quia eloquenter dicitur, nec eo falsum, quia incomposite sonant signa labiorum; rursus nec ideo verum, quia impolite enuntiatur, nec ideo falsum, quia splendidus sermo est, sed perinde esse sapientiam et stultitiam sicut sunt cibi utiles et inutiles, verbis autem ornatis et inornatis sicut vasis urbanis et rusticanis utrosque cibos posse ministrari.

### 5.6.11

igitur aviditas mea, qua illum tanto tempore expectaveram hominem, delectabatur quidem motu affectuque disputantis et verbis congruentibus atque ad vestiendas sententias facile occurrentibus. delectabar autem et cum multis vel etiam prae multis laudabam ac ferebam, sed moleste habebam quod in coetu audientium non sinerer ingerere illi et partiri cum eo curas quaestionum mearum conferendo familiariter et accipiendo ac reddendo sermonem. quod ubi potui et aures eius cum familiaribus meis eoque tempore occupare coepi quo

non dedeceret alternis disserere, et protuli quaedam quae me movebant, expertus sum prius hominem expertem liberalium disciplinarum nisi grammaticae atque eius ipsius usitato modo. et quia legerat aliquas tullianas orationes et paucissimos Senecae libros et nonnulla poetarum et suae sectae si qua volumina latine atque composite conscripta erant, et quia aderat cotidiana sermocinandi exercitatio, inde suppetebat eloquium, quod fiebat acceptius magisque seductorium moderamine ingenii et quodam lepore naturali. itane est, ut recolo, domine deus meus, arbiter conscientiae meae? coram te cor meum et recordatio mea, qui me tunc agebas abdito secreto providentiae tuae et inhonestos errores meos iam convertebas ante faciem meam, ut viderem et odissem.

## 5.7.12

nam posteaquam ille mihi imperitus earum artium quibus eum excellere putaveram satis apparuit, desperare coepi posse mihi eum illa quae me movebant aperire atque dissolvere; quorum quidem ignarus posset veritatem tenere pietatis, sed si manichaeus non esset. libri quippe eorum pleni sunt longissimis fabulis de caelo et sideribus et sole et luna; quae mihi eum, quod utique cupiebam, conlatis numerorum rationibus quas alibi ego legeram, utrum potius ita essent ut Manichaei libris continebantur, an certe vel par etiam inde ratio redderetur, subtiliter explicare posse iam non arbitrabar. quae tamen ubi considerata et discutienda protuli, modeste sane ille nec ausus est subire ipsam sarcinam. noverat enim se ista non nosse nec eum puduit confiteri. non erat de talibus, quales multos loquaces passus eram, conantes ea me docere et dicentes nihil. iste vero cor habebat, etsi non rectum ad te, nec tamen nimis incautum ad se ipsum. non usquequaque imperitus erat imperitiae suae, et noluit se temere disputando in ea coartare unde nec exitus ei ullus nec facilis esset reductus: etiam hinc mihi amplius placuit. pulchrior est enim temperantia confitentis animi quam illa quae nosse cupiebam. et eum in omnibus difficilioribus et subtilioribus quaestionibus talem inveniebam.

### 5.7.13

refracto itaque studio quod intenderam in Manichaei litteras, magisque desperans de ceteris eorum doctoribus, quando in multis quae me movebant ita ille nominatus apparuit, coepi cum eo pro studio eius agere vitam, quo ipse flagrabat in eas litteras quas tunc iam rhetor Carthaginiis adolescentes docebam, et legere cum eo sive quae ille audita desideraret sive quae ipse tali ingenio apta existimarem. ceterum conatus omnis meus quo proficere in illa secta statueram illo homine cognito prorsus intercidit, non ut ab eis omnino separarer sed, quasi melius quicquam non inveniens, eo quo iam quoquo modo inrueram contentus interim esse decreveram, nisi aliquid forte quod magis eligendum esset eluceret. ita ille Faustus, qui multis laqueus mortis extitit, meum quo captus eram relaxare iam coeperat, nec volens nec sciens. manus enim tuae, deus meus, in abdito providentiae tuae non deserebant animam meam, et de sanguine cordis matris meae per lacrimas eius diebus et noctibus pro me sacrificabatur tibi, et egisti mecum miris modis. tu illud egisti, deus meus, nam a domino gressus hominis diriguntur, et viam eius volet. aut quae procuratio salutis praeter manum tuam reficientem quae fecisti?

### 5.8.14

egisti ergo mecum ut mihi persuaderetur Romam pergere et potius ibi docere quod docebam Carthagini. et hoc unde mihi persuasum est non praeteribo confiteri tibi, quoniam et in his altissimi tui recessus et praesentissima in nos misericordia tua cogitanda et praedicanda est. non ideo Romam pergere volui, quod maiores quaestus maiorque mihi dignitas ab amicis qui hoc suadebant promittebatur (quamquam et ista ducebant animum tunc meum), sed illa erat causa maxima et paene sola, quod audiebam quietius ibi studere adolescentes et ordinatioe disciplinae coercitione sedari, ne in eius scholam quo magistro non utuntur passim et proterve inruant, nec eos admitti omnino nisi ille permiserit. contra apud Carthaginem foeda est et intemperans licentia scholasticorum. inrumpunt impudenter et prope

furiosa fronte perturbant ordinem quem quisque discipulis ad proficiendum instituerit. multa iniuriosa faciunt mira hebetudine, et punienda legibus nisi consuetudo patrona sit, hoc miseres eos ostendens, quo iam quasi liceat faciunt quod per tuam aeternam legem numquam licebit, et impune se facere arbitrantur, cum ipsa faciendi caecitate puniantur et incomparabiliter patiantur peiora quam faciunt. ergo quos mores cum studerem meos esse nolui, eos cum docerem cogebar perpeti alienos. et ideo placebat ire ubi talia non fieri omnes qui noverant indicabant. verum autem tu, spes mea et portio mea in terra viventium, ad mutandum terrarum locum pro salute animae meae, et Carthagini stimulos quibus inde avellerer admovebas, et Romae inlecebras quibus attraherer proponebas mihi per homines qui diligunt vitam mortuam, hinc insana facientes, inde vana pollicentes, et ad corrigendos gressus meos utebaris occulte et illorum et mea perversitate. nam et qui perturbabant otium meum foeda rabie caeci erant, et qui invitabant ad aliud terram sapiebant, ego autem, qui detestabar hic veram miseriam, illic falsam felicitatem appetebam.

## 5.8.15

sed quare hinc abirem et illuc irem, tu sciebas, deus, nec indicabas mihi nec matri, quae me profectum atrociter planxit et usque ad mare secuta est. sed fefelli eam, violenter me tenentem ut aut revocaret aut mecum pergeret. et finxi me amicum nolle deserere donec vento facto navigaret, et mentitus sum matri, et illi matri. et evasi, quia et hoc dimisisti mihi misericorditer servans me ab aquis maris, plenum exsecrandis sordibus usque ad aquam gratiae tuae, qua me abluto siccarentur flumina maternorum oculorum, quibus pro me cotidie tibi rigabat terram sub vultu suo. et tamen recusanti sine me redire vix persuasi ut in loco qui proximus nostrae navi erat, memoria beati Cypriani, maneret ea nocte. sed ea nocte clanculo ego profectus sum, illa autem non; mansit orando et flendo. et quid a te petebat, deus meus, tantis lacrimis, nisi ut navigare me non sineres? sed tu alte consulens et exaudiens cardinem desiderii eius non curasti quod tunc petebat, ut me faceres quod semper petebat. flavit ventus et

implevit vela nostra et litus subtraxit aspectibus nostris, in quo mane illa insaniebat dolore, et querellis et gemitu implebat aures tuas contemnentis ista, cum et me cupiditatibus meis raperes ad finiendas ipsas cupiditates et illius carnale desiderium iusto dolorum flagello vapularet. amabat enim secum praesentiam meam more matrum, sed multis multo amplius, et nesciebat quid tu illi gaudiorum factururus esses de absentia mea. nesciebat, ideo flebat et eiulabat, atque illis cruciatibus arguebatur in ea reliquiarium Evae, cum gemitu quaerens quod cum gemitu pepererat. et tamen post accusationem fallaciarum et crudelitatis meae conversa rursus ad deprecandum te pro me abiit ad solita, et ego Romam.

### 5.9.16

et ecce excipior ibi flagello aegritudinis corporalis, et ibam iam ad inferos portans omnia mala quae commiseram et in te et in me et in alios, multa et gravia super originalis peccati vinculum quo omnes in Adam morimur. non enim quicquam eorum mihi donaveras in Christo, nec solverat ille in cruce sua inimicitias quas tecum contraxeram peccatis meis. quomodo enim eas solveret in cruce phantasmatis, quod de illo credideram? quam ergo falsa mihi videbatur mors carnis eius, tam vera erat animae meae, et quam vera erat mors carnis eius, tam falsa vita animae meae, quae id non credebat. et ingravescentibus febribus iam ibam et peribam. quo enim irem, si hinc tunc abirem, nisi in ignem atque tormenta digna factis meis in veritate ordinis tui? et hoc illa nesciebat et tamen pro me orabat absens; tu autem ubique praesens ubi erat exaudiebas eam, et ubi eram miserebaris mei, ut recuperarem salutem corporis adhuc insanus corde sacrilego. neque enim desiderabam in illo tanto periculo baptismum tuum, et melior eram puer, quo illum de materna pietate flagitavi, sicut iam recordatus atque confessus sum. sed in dedecus meum creveram et consilia medicinae tuae demens inridebam, qui non me sivisti talem bis mori. quo vulnere si feriretur cor matris, numquam sanaretur. non enim satis eloquor quid erga me habebat animi, et quanto maiore sollicitudine me parturiebat spiritu quam carne pepererat.

### 5.9.17

non itaque video quomodo sanaretur, si mea talis illa mors transverberasset viscera dilectionis eius. et ubi essent tantae preces, et tam crebrae sine intermissione? nusquam nisi ad te. an vero tu, deus misericordiarum, sperneres cor contritum et humilatum viduae castae ac sobriae, frequentantis elemosynas, obsequentis atque servientis sanctis tuis, nullum diem praetermittentis oblationem ad altare tuum, bis die, mane et vespere, ad ecclesiam tuam sine ulla intermissione venientis, non ad vanas fabulas et aniles loquacitates, sed ut te audiret in tuis sermonibus et tu illam in suis orationibus? huiusne tu lacrimas, quibus non a te aurum et argentum petebat, nec aliquod nobile aut volubile bonum, sed salutem animae filii sui, tu, cuius munere talis erat, contemneres et repelleres ab auxilio tuo? nequaquam, domine. immo vero aderas et exaudiebas et faciebas ordine quo praedestinaveras esse faciendum. absit ut tu falleres eam in illis visionibus et responsis tuis, quae iam commemoravi et quae non commemoravi, quae illa fidei pectore tenebat et semper orans tamquam chirographa tua ingerebat tibi. dignaris enim, quoniam in saeculum misericordia tua, eis quibus omnia debita dimittis, etiam promissionibus debitor fieri.

### 5.10.18

recreasti ergo me ab illa aegritudine et salvum fecisti filium ancillae tuae tunc interim corpore, ut esset cui salutem meliorem atque certiolem dares. et iungebar etiam tunc Romae falsis illis atque fallentibus sanctis, non enim tantum auditoribus eorum, quorum e numero erat etiam is in cuius domo aegrotaveram et convalueram, sed eis etiam quos electos vocant. adhuc enim mihi videbatur non esse nos qui peccamus, sed nescio quam aliam in nobis peccare naturam, et delectabat superbiam meam extra culpam esse et, cum aliquid mali fecissem, non confiteri me fecisse, ut sanares animam meam, quoniam peccabat tibi, sed excusare me amabam et accusare nescio quid aliud quod mecum esset et ego non essem. verum autem totum ego eram et adversus me impietas mea me diviserat, et id erat

peccatum insanabilius, quo me peccatorem non esse arbitrabar, et execrabilis iniquitas, te, deus omnipotens, te in me ad perniciem meam, quam me a te ad salutem malle superari. nondum ergo posueras custodiam ori meo et ostium continentiae circum labia mea, ut non declinaret cor meum in verba mala ad excusandas excusationes in peccatis cum hominibus operantibus iniquitatem, et ideo adhuc combinabam cum electis eorum, sed tamen iam desperans in ea falsa doctrina me posse proficere, eaque ipsa quibus, si nihil melius reperirem, contentus esse decreveram iam remissius neglegentiusque retinebam.

## 5.10.19

etenim suborta est etiam mihi cogitatio, prudentiores illos ceteris fuisse philosophos quos academicos appellant, quod de omnibus dubitandum esse censuerant nec aliquid veri ab homine comprehendere posse decreverant. ita enim et mihi liquido sensisse videbantur, ut vulgo habentur, etiam illorum intentionem nondum intellegenti. nec dissimulavi eundem hospitem meum reprimere a nimia fiducia quam sensi eum habere de rebus fabulosis quibus Manichaei libri pleni sunt. amicitia tamen eorum familiarius utebar quam ceterorum hominum qui in illa haeresi non fuissent. nec eam defendebam pristina animositate, sed tamen familiaritas eorum (plures enim eos Roma occultat) pigrius me faciebat aliud quaerere, praesertim desperantem in ecclesia tua, domine caeli et terrae, creator omnium visibilium et invisibilium, posse inveniri verum, unde me illi averterant, multumque mihi turpe videbatur credere figuram te habere humanae carnis et membrorum nostrorum liniamentis corporalibus terminari, et quoniam cum de deo meo cogitare vellem, cogitare nisi moles corporum non noveram (neque enim videbatur mihi esse quicquam quod tale non esset), ea maxima et prope sola causa erat inevitabilis erroris mei.

## 5.10.20

hinc enim et mali substantiam quandam credebam esse talem et habere suam molem taetram et deformem et crassam, quam terram

dicebant, sive tenuem atque subtilem, sicuti est aeris corpus, quam malignam mentem per illam terram repentem imaginantur. et quia deum bonum nullam malam naturam creasse qualiscumque me pietas credere cogebat, constituebam ex adverso sibi duas moles, utramque infinitam, sed malam angustius, bonam grandius, et ex hoc initio pestilentioso me cetera sacrilegia sequebantur. cum enim conaretur animus meus recurrere in catholicam fidem, reperiiebar, quia non erat catholica fides quam esse arbitrabar. et magis pius mihi videbar, si te, deus meus, cui confitentur ex me miserationes tuae, vel ex ceteris partibus infinitum crederem, quamvis ex una, qua tibi moles mali opponebatur, cogerer finitum fateri, quam si ex omnibus partibus in corporis humani forma te opinarer finiri. et melius mihi videbar credere nullum malum te creasse (quod mihi nescienti non solum aliqua substantia sed etiam corporea videbatur, quia et mentem cogitare non noveram nisi eam subtile corpus esse, quod tamen per loci spatia diffunderetur) quam credere abs te esse qualem putabam naturam mali. ipsumque salvatorem nostrum, unigenitum tuum, tamquam de massa lucidissimae molis tuae porrectum ad nostram salutem ita putabam, ut aliud de illo non crederem nisi quod possem vanitate imaginari. talem itaque naturam eius nasci non posse de Maria virgine arbitrabar, nisi carni concerneretur. concerni autem et non inquinari non videbam, quod mihi tale figurabam. metuebam itaque credere in carne natum, ne credere cogerer ex carne inquinatum. nunc spiritales tui blande et amanter ridebunt me, si has confessiones meas legerint, sed tamen talis eram.

## 5.11.21

deinde quae illi in scripturis tuis reprehenderant defendi posse non existimabam, sed aliquando sane cupiebam cum aliquo illorum librorum doctissimo conferre singula et experiri quid inde sentiret. iam enim Elpidii cuiusdam adversus eosdem manichaeos coram loquentis et disserentis sermones etiam apud Carthaginem movere me coeperant, cum talia de scripturis proferret quibus resisti non facile posset. et inbecilla mihi responsio videbatur istorum, quam quidem non facile palam promebant sed nobis secretius, cum dicerent



scripturas novi testamenti falsatas fuisse a nescio quibus, qui Iudaeorum legem inserere christianae fidei voluerunt, atque ipsi incorrupta exemplaria nulla proferrent. sed me maxime captum et offocatum quodam modo deprimebant corporalia cogitantem moles illae, sub quibus anhelans in auram tuae veritatis liquidam et simplicem respirare non poteram.

## 5.12.22

sedulo ergo agere coeperam, propter quod veneram, ut docerem Romae artem rhetoricam, et prius domi congregare aliquos quibus et per quos innotescere coeperam. et ecce cognosco alia Romae fieri, quae non patiebar in Africa. nam re vera illas eversiones a perditis adolescentibus ibi non fieri manifestatum est mihi: 'sed subito,' inquiunt, 'ne mercedem magistro reddant, conspirant multi adulescentes et transferunt se ad alium, desertores fidei et quibus prae pecuniae caritate iustitia vilis est.' oderat etiam istos cor meum, quamvis non perfecto odio. quod enim ab eis passurus eram magis oderam fortasse quam eo quod cuilibet inlicita faciebant. certe tamen turpes sunt tales et fornicantur abs te amando volatica ludibria temporum et lucrum luteum, quod cum apprehenditur manum inquinat, et amplectendo mundum fugientem, contemnendo te manentem et revocantem et ignoscentem redeunti ad te meretrici animae humanae. et nunc tales odi pravos et distortos, quamvis eos corrigendos diligam, ut pecuniae doctrinam ipsam quam discunt praeferant, ei vero te deum veritatem et ubertatem certi boni et pacem castissimam. sed tunc magis eos pati nolebam malos propter me, quam fieri propter te bonos volebam.

## 5.13.23

itaque posteaquam missum est a Mediolanio Romam ad praefectum urbis, ut illi civitati rhetoricae magister provideretur, impertita etiam evectione publica, ego ipse ambivi per eos ipsos manichaeis vanitatibus ebrios (quibus ut carerem ibam, sed utrique nesciebamus) ut dictione proposita me probatum praefectus tunc Symmachus

mitteret. et veni Mediolanium ad Ambrosium episcopum, in optimis notum orbi terrae, pium cultorem tuum, cuius tunc eloquia strenue ministrabant adipem frumenti tui et laetitiam olei et sobriam vini ebrietatem populo tuo. ad eum autem ducebar abs te nesciens, ut per eum ad te sciens ducerer. suscepit me paterne ille homo dei et peregrinationem meam satis episcopaliter dilexit. et eum amare coepi, primo quidem non tamquam doctorem veri, quod in ecclesia tua prorsus desperabam, sed tamquam hominem benignum in me. et studiose audiebam disputantem in populo, non intentione qua debui, sed quasi explorans eius facundiam, utrum conveniret famae suae an maior minorve proflueret quam praedicabatur, et verbis eius suspendebar intentus, rerum autem incuriosus et contemptor adstabam. et delectabar suavitate sermonis, quamquam eruditioris, minus tamen hilarescentis atque mulcentis quam Fausti erat, quod attinet ad dicendi modum. ceterum rerum ipsarum nulla comparatio: nam ille per manichaeas fallacias aberrabat, ille autem saluberrime docebat salutem. sed longe est a peccatoribus salus, qualis ego tunc aderam, et tamen propinquabam sensim et nesciens.

## 5.14.24

cum enim non satagerem discere quae dicebat, sed tantum quemadmodum dicebat audire (ea mihi quippe iam desperanti ad te viam patere homini inanis cura remanserat), veniebant in animum meum simul cum verbis quae diligebam res etiam quas neglegebam, neque enim ea dirimere poteram. et dum cor aperirem ad excipiendum quam diserte diceret, pariter intrabat et quam vere diceret, gradatim quidem. nam primo etiam ipsa defendi posse mihi iam coeperunt videri, et fidem catholicam, pro qua nihil posse dici adversus oppugnantes manichaeos putaveram, iam non impudenter adseri existimabam, maxime audito uno atque altero et saepius aenigmate soluto de scriptis veteribus, ubi, cum ad litteram acciperem, occidebar. spiritualiter itaque plerisque illorum librorum locis expositis iam reprehendebam desperationem meam, illam dumtaxat qua credideram legem et prophetas detestantibus atque inridentibus resisti omnino non posse. nec tamen iam ideo mihi

catholicam viam tenendam esse sentiebam, quia et ipsa poterat habere doctos adsertores suos, qui copiose et non absurde obiecta refellerent, nec ideo iam damnandum illud quod tenebam quia defensionis partes aequabantur. ita enim catholica non mihi victa videbatur, ut nondum etiam victrix appareret.

## 5.14.25

tum vero fortiter intendi animum, si quo modo possem certis aliquibus documentis manichaeos convincere falsitatis. quod si possem spiritalem substantiam cogitare, statim machinamenta illa omnia solverentur et abicerentur ex animo meo: sed non poteram. verum tamen de ipso mundi huius corpore omnique natura quam sensus carnis attingeret multo probabiliora plerosque sensisse philosophos magis magisque considerans atque comparans iudicabam. itaque academicorum more, sicut existimantur, dubitans de omnibus atque inter omnia fluctuans, manichaeos quidem relinquendos esse decrevi, non arbitrans eo ipso tempore dubitationis meae in illa secta mihi permanendum esse cui iam nonnullos philosophos praeponebam. quibus tamen philosophis, quod sine salutari nomine Christi essent, curationem languoris animae meae committere omnino recusabam. statui ergo tamdiu esse catechumenus in catholica ecclesia mihi a parentibus commendata, donec aliquid certi eluceret quo cursum dirigerem.

## Liber sextus

### 6.1.1

spes mea a iuventute mea, ubi mihi eras et quo recesseras? an vero non tu feceras me et discreveras me a quadrupedibus et a volatilibus caeli sapientiore me feceras? et ambulabam per tenebras et lubricum et quaerebam te foris a me, et non inveniebam deum cordis mei. et veneram in profundum maris, et diffidebam et desperabam de inventione veri. iam venerat ad me mater pietate fortis, terra marique me sequens et in periculis omnibus de te secura. nam et per marina discrimina ipsos nautas consolabatur, a quibus rudes abyssi viatores, cum perturbantur, consolari solent, pollicens eis perventionem cum salute, quia hoc ei tu per visum pollicitus eras. et invenit me, periclitantem quidem graviter desperatione indagandae veritatis, sed tamen ei cum indicassem non me quidem iam esse manichaeum, sed neque catholicum christianum, non quasi inopinatum aliquid audierit, exilivit laetitia, cum iam secura fieret ex ea parte miseriae meae in qua me tamquam mortuum sed resuscitandum tibi flebat, et feretro cogitationis offerebat ut diceres filio viduae, 'iuvenis, tibi dico, surge,' et revivesceret et inciperet loqui et traderes illum matri suae. nulla ergo turbulenta exultatione trepidavit cor eius, cum audisset ex tanta parte iam factum quod tibi cotidie plangebat ut fieret, veritatem me nondum adeptum sed falsitati iam ereptum. immo vero quia certa erat et quod restabat te daturum, qui totum promiseras, placidissime et pectore pleno fiduciae respondit mihi credere se in Christo quod priusquam de hac vita emigraret me visura esset fidelem catholicum. et hoc quidem mihi. tibi autem, fons misericordiarum, preces et lacrimas densiores, ut accelerares adiutorium tuum et inluminares tenebras meas, et studiosius ad ecclesiam currere et in Ambrosii ora suspendi, ad fontem salientis aquae in vitam aeternam. diligebat autem illum virum sicut angelum dei, quod per illum cognoverat me

interim ad illam ancipitem fluctuationem iam esse perductum per quam transiturum me ab aegritudine ad sanitatem, intercurrente artiore periculo quasi per accessionem quam criticam medici vocant, certa praesumebat.

## 6.2.2

itaque cum ad memorias sanctorum, sicut in Africa solebat, pultes et panem et merum attulisset atque ab ostiario prohiberetur, ubi hoc episcopum vetuisse cognovit, tam pie atque oboedienter amplexa est ut ipse mirarer quam facile accusatrix potius consuetudinis suae quam disceptatrix illius prohibitionis effecta sit. non enim obsidebat spiritum eius vinulentia eamque stimulabat in odium veri amor vini, sicut plerosque mares et feminas qui ad canticum sobrietatis sicut ad potionem aquatam madidi nausiant, sed illa cum attulisset canistrum cum sollemnibus epulis praegustandis atque largiendis, plus etiam quam unum pocillum pro suo palato satis sobrio temperatum, unde dignationem sumeret, non ponebat, et si multae essent quae illo modo videbantur honorandae memoriae defunctorum, idem ipsum unum, quod ubique poneret, circumferebat, quo iam non solum aquatissimo sed etiam tepidissimo cum suis praesentibus per sorbitiones exiguas partiretur, quia pietatem ibi quaerebat, non voluptatem. itaque ubi comperit a praeclaro praedicatore atque antistite pietatis praeceptum esse ista non fieri nec ab eis qui sobrie facerent, ne ulla occasio se ingurgitandi daretur ebriosis, et quia illa quasi parentalia superstitioni gentilium essent simillima, abstinuit se libentissime, et pro canistro pleno terrenis fructibus plenum purgatoribus votis pectus ad memorias martyrum afferre didicerat, ut et quod posset daret egentibus et sic communicatio dominici corporis illic celebraretur, cuius passionis imitatione immolati et coronati sunt martyres. sed tamen videtur mihi, domine deus meus (et ita est in conspectu tuo de hac re cor meum), non facile fortasse de hac amputanda consuetudine matrem meam fuisse cessuram si ab alio prohiberetur quem non sicut Ambrosium diligebat. quem propter salutem meam maxime diligebat, eam vero ille propter eius religiosissimam conversationem, qua in bonis operibus tam fervens

spiritu frequentabat ecclesiam, ita ut saepe erumperet, cum me videret, in eius praedicationem gratulans mihi, quod talem matrem haberem, nesciens qualem illa me filium, qui dubitabam de illis omnibus et inveniri posse viam vitae minime putabam.

### 6.3.3

nec iam ingemescebam orando ut subvenires mihi, sed ad quaerendum intentus et ad disserendum inquietus erat animus meus, ipsumque Ambrosium felicem quendam hominem secundum saeculum opinabar, quem sic tantae potestates honorarent; caelibatus tantum eius mihi laboriosus videbatur. quid autem ille spei gereret, et adversus ipsius excellentiae temptamenta quid luctaminis haberet quidve solaminis in adversis, et occultum os eius, quod erat in corde eius, quam sapida gaudia de pane tuo ruminaret, nec conicere noveram nec expertus eram, nec ille sciebat aestus meos nec foveam periculi mei. non enim quaerere ab eo poteram quod volebam, sicut volebam, secludentibus me ab eius aure atque ore catervis negotiosorum hominum, quorum infirmitatibus serviebat. cum quibus quando non erat, quod perexiguum temporis erat, aut corpus reficiebat necessariis sustentaculis aut lectione animum. sed cum legebat, oculi ducebantur per paginas et cor intellectum rimabatur, vox autem et lingua quiescebant. saepe cum adessemus (non enim vetabatur quisquam ingredi aut ei venientem nuntiari mos erat), sic eum legentem vidimus tacite et aliter numquam, sedentesque in diuturno silentio (quis enim tam intento esse oneri auderet?) discedebamus et coniectabamus eum parvo ipso tempore quod reparandae menti suae nanciscebatur, feriatum ab strepitu causarum alienarum, nolle in aliud advocari et cavere fortasse ne, auditore suspenso et intento, si qua obscurius posuisset ille quem legeret, etiam exponere esset necesse aut de aliquibus difficilioribus dissertare quaestionibus, atque huic operi temporibus impensis minus quam vellet voluminum evolveret, quamquam et causa servandae vocis, quae illi facillime obtundebatur, poterat esse iustior tacite legendi. quolibet tamen animo id ageret, bono utique ille vir agebat.

### 6.3.4

sed certe mihi nulla dabatur copia sciscitandi quae cupiebam de tam sancto oraculo tuo, pectore illius, nisi cum aliquid breviter esset audiendum. aestus autem illi mei otiosum eum valde cui refunderentur requirebant nec umquam inveniebant. et eum quidem in populo verbum veritatis recte tractantem omni die dominico audiebam, et magis magisque mihi confirmabatur omnes versutarum calumniarum nodos quos illi deceptores nostri adversus divinos libros innectebant posse dissolvi. ubi vero etiam comperi ad imaginem tuam hominem a te factum ab spiritalibus filiis tuis, quos de matre catholica per gratiam regenerasti, non sic intellegi ut humani corporis forma te determinatum crederent atque cogitarent (quamquam quomodo se haberet spiritalis substantia, ne quidem tenuiter atque in aenigmate suspicabar), tamen gaudens erubui non me tot annos adversus catholicam fidem, sed contra carnalium cogitationum figmenta latrasse. eo quippe temerarius et impius fueram, quod ea quae debebam quaerendo discere accusando dixeram. tu enim, altissime et proxime, secretissime et praesentissime, cui membra non sunt alia maiora et alia minora, sed ubique totus es et nusquam locorum es, non es utique forma ista corporea, tamen fecisti hominem ad imaginem tuam, et ecce ipse a capite usque ad pedes in loco est.

### 6.4.5

cum ergo nescirem quomodo haec subsisteret imago tua, pulsans proponerem quomodo credendum esset, non insultans opponerem quasi ita creditum esset. tanto igitur acrior cura rodebat intima mea, quid certi retinerem, quanto me magis pudebat tam diu inlusum et deceptum promissione certorum puerili errore et animositate tam multa incerta quasi certa garrisse. quod enim falsa essent, postea mihi claruit; certum tamen erat quod incerta essent et a me aliquando pro certis habita fuissent, cum catholicam tuam caecis contentionibus accusarem, etsi nondum compertam vera docentem, non tamen ea docentem quae graviter accusabam. itaque confundebar et convertebar, et gaudebam, deus meus, quod ecclesia unica, corpus

unici tui, in qua mihi nomen Christi infanti est inditum, non saperet infantiles nugas neque hoc haberet in doctrina sua sana, quod te creatorem omnium in spatium loci quamvis summum et amplum, tamen undique terminatum membrorum humanorum figura contruderet.

### 6.4.6

gaudebam etiam quod vetera scripta legis et prophetarum iam non illo oculo mihi legenda proponerentur quo antea videbantur absurda, cum arguebam tamquam ita sentientes sanctos tuos, verum autem non ita sentiebant. et tamquam regulam diligentissime commendaret, saepe in popularibus sermonibus suis dicentem Ambrosium laetus audiebam: 'littera occidit, spiritus autem vivificat,' cum ea quae ad litteram perversitatem docere videbantur, remoto mystico velamento, spiritualiter aperiret, non dicens quod me offenderet, quamvis ea diceret quae utrum vera essent adhuc ignorarem. tenebam enim cor meum ab omni adsensione timens praecipitium, et suspendio magis necabar. volebam enim eorum quae non viderem ita me certum fieri ut certus essem quod septem et tria decem sint. neque enim tam insanus eram ut ne hoc quidem putarem posse comprehendere, sed sicut hoc, ita cetera cupiebam, sive corporalia, quae coram sensibus meis non adessent, sive spiritalia, de quibus cogitare nisi corporaliter nesciebam. et sanari credendo poteram, ut purgatiores acies mentis meae dirigeretur aliquo modo in veritatem tuam semper manentem et ex nullo deficientem. sed sicut evenire adsolet, ut malum medicum expertus etiam bono timeat se committere, ita erat valetudo animae meae, quae utique nisi credendo sanari non poterat et, ne falsa crederet, curari recusabat, resistens manibus tuis, qui medicamenta fidei confecisti et sparsisti super morbos orbis terrarum et tantam illis auctoritatem tribuisti.

### 6.5.7

ex hoc tamen quoque iam praeponens doctrinam catholicam, modestius ibi minimeque fallaciter sentiebam iuberi ut crederetur quod



non demonstrabatur (sive esset quid, sed cui forte non esset, sive nec quid esset), quam illic temeraria pollicitatione scientiae credulitatem inrideri et postea tam multa fabulosissima et absurdissima, quia demonstrari non poterant, credenda imperari. deinde paulatim tu, domine, manu mitissima et misericordissima pertractans et componens cor meum, consideranti quam innumerabilia crederem quae non viderem neque cum gererentur adfuissem, sicut tam multa in historia gentium, tam multa de locis atque urbibus quae non videram, tam multa amicis, tam multa medicis, tam multa hominibus aliis atque aliis, quae nisi crederentur, omnino in hac vita nihil ageremus, postremo quam inconcusse fixum fide retinerem de quibus parentibus ortus essem, quod scire non possem nisi audiendo credidissem, persuasisti mihi non qui crederent libris tuis, quos tanta in omnibus fere gentibus auctoritate fundasti, sed qui non crederent esse culpandos nec audiendos esse, si qui forte mihi dicerent, 'unde scis illos libros unius veri et veracissimi dei spiritu esse humano generi ministratos?' idipsum enim maxime credendum erat, quoniam nulla pugnacitas calumniosarum quaestionum per tam multa quae legeram inter se confligentium philosophorum extorquere mihi potuit ut aliquando non crederem te esse quidquid esses, quod ego nescirem, aut administrationem rerum humanarum ad te pertinere.

## 6.5.8

sed id credebam aliquando robustius, aliquando exilius, semper tamen credidi et esse te et curam nostri gerere, etiamsi ignorabam vel quid sentiendum esset de substantia tua vel quae via duceret aut reduceret ad te. ideoque cum essemus infirmi ad inveniendam liquida ratione veritatem et ob hoc nobis opus esset auctoritate sanctarum litterarum, iam credere coeperam nullo modo te fuisse tributurum tam excellentem illi scripturae per omnes iam terras auctoritatem, nisi et per ipsam tibi credi et per ipsam te quaeri voluisses. iam enim absurditatem quae me in illis litteris solebat offendere, cum multa ex eis probabiliter exposita audissem, ad sacramentorum altitudinem referebam eoque mihi illa venerabilior et sacrosancta fide dignior

apparebat auctoritas, quo et omnibus ad legendum esset in promptu et secreti sui dignitatem in intellectu profundiore servaret, verbis apertissimis et humillimo genere loquendi se cunctis praebens et exercens intentionem eorum qui non sunt leves corde, ut exciperet omnes populari sinu et per angusta foramina paucos ad te traiceret, multo tamen plures quam si nec tanto apice auctoritatis emineret nec turbas gremio sanctae humilitatis hauriret. cogitabam haec et aderas mihi, suspirabam et audiebas me, fluctuabam et gubernabas me, ibam per viam saeculi latam nec deserebas.

### 6.6.9

inhiabam honoribus, lucris, coniugio, et tu inridebas. patiebar in eis cupiditatibus amarissimas difficultates, te propitio tanto magis, quanto minus sinebas mihi dulcescere quod non eras tu. vide cor meum, domine, qui voluisti ut hoc recordarer et confiterer tibi. nunc tibi inhaereat anima mea, quam de visco tam tenaci mortis exuisti. quam misera erat! et sensum vulneris tu pungebas, ut relictis omnibus converteretur ad te, qui es super omnia et sine quo nulla essent omnia, converteretur et sanaretur. quam ergo miser eram, et quomodo egisti ut sentirem miseriam meam die illo quo, cum pararem recitare imperatori laudes, quibus plura mentirer et mentienti faveretur ab scientibus, easque curas anhelaret cor meum et cogitationum tabificarum febribus aestuaret, transiens per quendam vicum Mediolanensem animadverti pauperem mendicum, iam, credo, saturum, iocantem atque laetantem. et ingemui et locutus sum cum amicis qui mecum erant multos dolores insaniarum nostrarum, quia omnibus talibus conatibus nostris, qualibus tunc laborabam, sub stimulis cupiditatum trahens infelicitatis meae sarcinam et trahendo exaggerans, nihil vellemus aliud nisi ad securam laetitiam pervenire, quo nos mendicus ille iam praecessisset numquam illuc fortasse venturos. quod enim iam ille pauculis et emendicatis nummulis adeptus erat, ad hoc ego tam aerumnosis anfractibus et circuitibus ambiebam, ad laetitiam scilicet temporalis felicitatis. non enim verum gaudium habebat, sed et ego illis ambitionibus multo falsius quaerebam. et certe ille laetabatur, ego anxius eram, securus ille,

ego trepidus. et si quisquam percontaretur me utrum mallet exultare an metuere, responderem: `exultare'; rursus si interrogaret utrum me talem mallet qualis ille, an qualis ego tunc essem, me ipsum curis timoribusque confectum eligerem, sed perversitate -- numquid veritate? neque enim eo me praeponere illi debebam, quo doctior eram, quoniam non inde gaudebam, sed placere inde quaerebam hominibus, non ut eos docerem, sed tantum ut placerem. propterea et tu baculo disciplinae tuae confringebas ossa mea.

## 6.6.10

recedant ergo ab anima mea qui dicunt ei, `interest unde quis gaudeat. gaudebat mendicus ille vinulentia, tu gaudere cupiebas gloria.' qua gloria, domine, quae non est in te? nam sicut verum gaudium non erat, ita nec illa vera gloria et amplius vertebat mentem meam. et ille ipsa nocte digesturus erat ebrietatem suam, ego cum mea dormieram et surrexeram et dormiturus et surrecturus eram, vide quot dies! interest vero unde quis gaudeat, scio, et gaudium spei fidelis incomparabiliter distat ab illa vanitate, sed et tunc distabat inter nos. nimirum quippe ille felicius erat, non tantum quod hilaritate perfundebatur, cum ego curis eviscerarer, verum etiam quod ille bene optando adquisiverat vinum, ego mentiundo quaerebam typhum. dixi tunc multa in hac sententia caris meis, et saepe advertebam in his quomodo mihi esset, et inveniebam male mihi esse et dolebam et conduplicabam ipsum male et, si quid adrisisset prosperum, taedebat apprehendere, quia paene priusquam teneretur avolabat.

## 6.7.11

congemescebamus in his qui simul amice vivebamus, et maxime ac familiarissime cum Alypio et Nebridio ista conloquebar. quorum Alypius ex eodem quo ego eram ortus municipio, parentibus primatibus municipalibus, me minor natu. nam et studuerat apud me, cum in nostro oppido docere coepi, et postea Carthagini, et diligebat multum, quod ei bonus et doctus viderer, et ego illum propter magnam virtutis indolem, quae in non magna aetate satis eminebat.

gurges tamen morum Carthaginiensium, quibus nugatoria fervent spectacula, absorbuerat eum in insaniam circensium. sed cum in eo miserabiliter volveretur, ego autem rhetoricam ibi professus publica schola uterer, nondum me audiebat ut magistrum propter quandam simultatem quae inter me et patrem eius erat exorta. et compereram quod circum exitiabiliter amaret, et graviter angebar, quod tantam spem perditurus vel etiam perdidisse mihi videbatur. sed monendi eum et aliqua coercitione revocandi nulla erat copia vel amicitiae benivolentia vel iure magisterii. putabam enim eum de me cum patre sentire, ille vero non sic erat. itaque postposita in hac re patris voluntate salutare me coeperat veniens in auditorium meum et audire aliquid atque abire.

## 6.7.12

sed enim de memoria mihi lapsum erat agere cum illo, ne vanorum ludorum caeco et praecipiti studio tam bonum interimeret ingenium, verum autem, domine, tu, qui praesides gubernaculis omnium quae creasti, non eum oblitus eras futurum inter filios tuos antistitem sacramenti tui et, ut aperte tibi tribueretur eius correctio, per me quidem illam sed nescientem operatus es. nam quodam die cum sederem loco solito et coram me adessent discipuli, venit, salutavit, sedit atque in ea quae agebantur intendit animum. et forte lectio in manibus erat, quam dum exponerem opportune mihi adhibenda videretur similitudo circensium, quo illud quod insinuabam et iucundius et planius fieret cum inrisione mordaci eorum quos illa captivasset insania. scis tu, deus noster, quod tunc de Aypio ab illa peste sanando non cogitaverim. at ille in se rapuit meque illud non nisi propter se dixisse credidit et quod alius acciperet ad suscensendum mihi, accepit honestus adulescens ad suscensendum sibi et ad me ardentius diligendum. dixeras enim tu iam olim et innexueras litteris tuis, 'corripe sapientem, et amabit te.' at ego illum non corripueram, sed utens tu omnibus et scientibus et nescientibus ordine quo nosti (et ille ordo iustus est) de corde et lingua mea carbones ardentes operatus es, quibus mentem spei bonae adureres tabescentem ac sanares. taceat laudes tuas qui miserationes tuas non considerat,

quae tibi de medullis meis confitentur. etenim vero ille post illa verba proripuit se ex fovea tam alta, qua libenter demergebatur et cum mira voluptate caecabatur, et excussit animum forti temperantia, et resilierunt omnes circensium sordes ab eo ampliusque illuc non accessit. deinde patrem reluctantem evicit ut me magistro uteretur; cessit ille atque concessit. et audire me rursus incipiens illa mecum superstitione involutus est, amans in manichaeis ostentationem continentiae, quam veram et germanam putabat. erat autem illa vecors et seductoria, pretiosas animas captans nondum virtutis altitudinem scientes tangere et superficie decipi faciles, sed tamen adumbratae simulataeque virtutis.

### 6.8.13

non sane relinquens incantatam sibi a parentibus terrenam viam, Romam praecesserat ut ius disceret, et ibi gladiatorii spectaculi hiatu incredibili et incredibiliter abreptus est. cum enim aversaretur et detestaretur talia, quidam eius amici et condiscipuli, cum forte de prandio redeuntibus pervium esset, recusantem vehementer et resistentem familiari violentia duxerunt in amphitheatrum crudelium et funestorum ludorum diebus, haec dicentem: `si corpus meum in locum illum trahitis et ibi constituitis, numquid et animum et oculos meos in illa spectacula potestis intendere? adero itaque absens ac sic et vos et illa superabo.' quibus auditis illi nihilo setius eum adduxerunt secum, idipsum forte explorare cupientes utrum posset efficere. quo ubi ventum est et sedibus quibus potuerunt locati sunt, fervebant omnia immanissimis voluptatibus. ille clausis foribus oculorum interdixit animo ne in tanta mala procederet. atque utinam et aures obturavisset! nam quodam pugnae casu, cum clamor ingens totius populi vehementer eum pulsasset, curiositate victus et quasi paratus, quidquid illud esset, etiam visum contemnere et vincere, aperuit oculos. et percussus est graviore vulnere in anima quam ille in corpore quem cernere concupivit, ceciditque miserabilius quam ille quo cadente factus est clamor. qui per eius aures intravit et reseravit eius lumina, ut esset qua feriretur et deiceretur audax adhuc potius quam fortis animus, et eo infirmior quo de se praesumserat, qui debuit de te. ut

enim vidit illum sanguinem, immanitatem simul ebibit et non se avertit, sed fixit aspectum et hauriebat furias et nesciebat, et delectabatur scelere certaminis et cruenta voluptate inebriabatur. et non erat iam ille qui venerat sed unus de turba ad quam venerat, et verus eorum socius a quibus adductus erat. quid plura! spectavit, clamavit, exarsit, abstulit inde secum insaniam qua stimularetur redire non tantum cum illis a quibus prius abstractus est, sed etiam prae illis et alios trahens. et inde tamen manu validissima et misericordissima eruisti eum tu, et docuisti non sui habere sed tui fiduciam, sed longe postea.

### 6.9.14

verum tamen iam hoc ad medicinam futuram in eius memoria reponebatur. nam et illud quod, cum adhuc studeret iam me audiens apud Carthaginem et medio die cogitaret in foro quod recitaturus erat, sicut exerceri scholastici solent, sivistis eum comprehendi ab aeditimis fori tamquam furem, non arbitror aliam ob causam te permisisse, deus noster, nisi ut ille vir tantus futurus iam inciperet discere quam non facile in cognoscendis causis homo ab homine damnandus esset temeraria credulitate. quippe ante tribunal deambulabat solus cum tabulis ac stilo, cum ecce adulescens quidam ex numero scholasticorum, fur verus, securim clanculo apportans, illo non sentiente ingressus est ad cancellos plumbeos qui vico argentario desuper praeminent et praecidere plumbum coepit. sono autem securis audito submurmuraverunt argentarii qui subter erant, et miserunt qui apprehenderent quem forte invenissent. quorum vocibus auditis relicto instrumento ille discessit timens, ne cum eo teneretur. Alypius autem, qui non viderat intrantem, exeuntem sensit et celeriter vidit abeuntem et, causam scire cupiens, ingressus est locum et inventam securim stans atque admirans considerabat, cum ecce illi qui missi erant reperiunt eum solum ferentem ferrum cuius sonitu exciti venerant. tenent, attrahunt, congregatis inquilinis fori tamquam furem manifestum se comprehendisse gloriantur, et inde offerendus iudiciis ducebatur.

### 6.9.15

sed hactenus docendus fuit. statim enim, domine, subvenisti innocentiae, cuius testis eras tu solus. cum enim duceretur vel ad custodiam vel ad supplicium, fit eis obviam quidam architectus, cuius maxima erat cura publicarum fabricarum. gaudent illi eum potissimum occurrisset, cui solebant in suspicionem venire ablatarum rerum quae perissent de foro, ut quasi tandem iam ille cognosceret a quibus haec fierent. verum autem viderat homo saepe Alypium in domo cuiusdam senatoris ad quem salutandum ventitabat, statimque cognitum manu apprehensa semovit a turbis et tanti mali causam quaerens, quid gestum esset audivit omnesque tumultuantes qui aderant et minaciter frementes iussit venire secum. et venerunt ad domum illius adolescentis qui rem commiserat. puer vero erat ante ostium, et tam parvus erat ut nihil exinde domino suo metuens facile posset totum indicare; cum eo quippe in foro fuit pedisequus. quem posteaquam recoluit Alypius, architecto intimavit. at ille securim demonstravit puero, quaerens ab eo cuius esset. qui confestim `nostra' inquit; deinde interrogatus aperuit cetera. sic in illam domum translata causa confusisque turbis quae de illo triumphare iam coeperant, futurus dispensator verbi tui et multarum in ecclesia tua causarum examiner experientior instructiorque discessit.

### 6.10.16

hunc ergo Romae inveneram, et adhaesit mihi fortissimo vinculo mecumque Mediolanium profectus est, ut nec me desereret et de iure quod didicerat aliquid ageret secundum votum magis parentum quam suum. et ter iam adsederat mirabili continentia ceteris, cum ille magis miraretur eos qui aurum innocentiae praeponerent. temptata est quoque eius indoles non solum inlecebra cupiditatis sed etiam stimulo timoris. Romae adsidebat comiti largitionum Italicianarum. erat eo tempore quidam potentissimus senator cuius et beneficiis obstricti multi et terrori subditi erant. voluit sibi licere nescio quid ex more potentiae suae quod esset per leges illicitum; restitit Alypius. promissum est praemium; inrisit animo. praetentae minae; calcavit,

mirantibus omnibus inusitatam animam, quae hominem tantum et innumerabilibus praestandi nocendique modis ingenti fama celebratum vel amicum non optaret vel non formidaret inimicum. ipse autem iudex cui consiliarius erat, quamvis et ipse fieri nollet, non tamen aperte recusabat, sed in istum causam transferens ab eo se non permitti adserebat, quia et re vera, si ipse faceret, iste discederet. hoc solo autem paene iam inlectus erat studio litterario, ut pretiis praetorianis codices sibi conficiendos curaret, sed consulta iustitia deliberationem in melius vertit, utiliorem iudicans aequitatem qua prohibebatur quam potestatem qua sinebatur. parvum est hoc, sed qui in parvo fidelis est et in magno fidelis est, nec ullo modo erit inane quod tuae veritatis ore processit: `si in iniusto mammona fideles non fuistis, verum quis dabit vobis? et si in alieno fideles non fuistis, vestrum quis dabit vobis?' talis ille tunc inhaerebat mihi mecumque nutabat in consilio, quisnam esset tenendus vitae modus.

## 6.10.17

Nebridius etiam, qui relictam patriam vicinam Carthagini atque ipsa Carthagine, ubi frequentissimus erat, relicto paterno rure optimo, relicta domo et non secutura matre, nullam ob aliam causam Mediolanium venerat, nisi ut mecum viveret in flagrantissimo studio veritatis atque sapientiae, pariter suspirabat pariterque fluctuabat, beatae vitae inquisitor ardens et quaestionum difficillimarum scrutator acerrimus. et erant ora trium egentium et inopiam suam sibimet invicem anhelantium et ad te expectantium, ut dares eis escam in tempore opportuno. et in omni amaritudine quae nostros saeculares actus de misericordia tua sequebatur, intuentibus nobis finem cur ea pateremur, occurrebant tenebrae, et aversabamur gementes et dicebamus, `quamdiu haec?' et hoc crebro dicebamus, et dicentes non relinquebamus ea, quia non elucebat certum aliquid quod illis relictis apprehenderemus.

## 6.11.18

et ego maxime mirabar, satagens et recolens quam longum tempus



esset ab undevicensimo anno aetatis meae, quo fervere coeperam studio sapientiae, disponens ea inventa relinquere omnes vanarum cupiditatum spes inanes et insanias mendaces. et ecce iam tricenariam aetatem gerebam, in eodem luto haesitans aviditate fruendi praesentibus fugientibus et dissipantibus me, dum dico, `cras inveniam. ecce manifestum apparebit, et tenebo. ecce Faustus veniet et exponet omnia. o magni viri academici! nihil ad agendam vitam certi comprehendere potest. immo quaeramus diligentius et non desperemus. ecce iam non sunt absurda in libris ecclesiasticis quae absurda videbantur, et possunt aliter atque honeste intellegi. figam pedes in eo gradu in quo puer a parentibus positus eram, donec inveniatur perspicua veritas. sed ubi quaeretur? quando quaeretur? non vacat Ambrosio, non vacat legere. ubi ipsos codices quaerimus? unde aut quando comparamus? a quibus sumimus? deputentur tempora, distribuuntur horae pro salute animae. magna spes oborta est: non docet catholica fides quod putabamus et vani accusabamus. nefas habent docti eius credere deum figura humani corporis terminatum. et dubitamus pulsare, quo aperiantur cetera? antemeridianis horis discipuli occupant: ceteris quid facimus? cur non id agimus? sed quando salutamus amicos maiores, quorum suffragiis opus habemus? quando praeparamus quod emant scholastici? quando reparamus nos ipsos relaxando animo ab intentione curarum?

## 6.11.19

pereant omnia et dimittamus haec vana et inania: conferamus nos ad solam inquisitionem veritatis. vita misera est, mors incerta est. subito obrepat: quomodo hinc exhibimus? et ubi nobis discenda sunt quae hic negleximus? ac non potius huius neglegentiae supplicia luenda? quid si mors ipsa omnem curam cum sensu amputabit et finiet? ergo et hoc quaerendum. sed absit ut ita sit. non vacat, non est inane, quod tam eminens culmen auctoritatis christianae fidei toto orbe diffunditur. numquam tanta et talia pro nobis divinitus agerentur, si morte corporis etiam vita animae consumeretur. quid cunctamur igitur relicta spe saeculi conferre nos totos ad quaerendum deum et vitam beatam? sed expecta: iucunda sunt etiam ista, habent non parvam dulcedinem

suam; non facile ab eis praecedenda est intentio, quia turpe est ad ea  
rursum redire. ecce iam quantum est ut impetretur aliquis honor. et  
quid amplius in his desiderandum? suppetit amicorum maiorum copia:  
ut nihil aliud et multum festinemus, vel praesidatus dari potest. et  
ducenda uxor cum aliqua pecunia, ne sumptum nostrum gravet, et ille  
erit modus cupiditatis. multi magni viri et imitatione dignissimi  
sapientiae studio cum coniugibus dediti fuerunt.'

## 6.11.20

cum haec dicebam et alternabant hi venti et impellebant huc atque  
illuc cor meum, transibant tempora et tardabam converti ad dominum,  
et differebam de die in diem vivere in te et non differebam cotidie in  
memet ipso mori. amans beatam vitam timebam illam in sede sua et  
ab ea fugiens quaerebam eam. putabam enim me miserum fore nimis  
si feminae privarer amplexibus, et medicinam misericordiae tuae ad  
eandem infirmitatem sanandam non cogitabam, quia expertus non  
eram, et propriarum virium credebam esse continentiam, quarum mihi  
non eram conscius, cum tam stultus essem ut nescirem, sicut  
scriptum est, neminem posse esse continentem nisi tu dederis. utique  
dares, si gemitu interno pulsarem aures tuas et fide solida in te  
iactarem curam meam.

## 6.12.21

prohibebat me sane Alypius ab uxore ducenda, cantans nullo modo  
nos posse securo otio simul in amore sapientiae vivere, sicut iam diu  
desideraremus, si id fecissem. erat enim ipse in ea re etiam tunc  
castissimus, ita ut mirum esset, quia vel experientiam concubitus  
ceperat in ingressu adulescentiae suae, sed non haeserat magisque  
doluerat et spreverat et deinde iam continentissime vivebat. ego  
autem resistebam illi exemplis eorum qui coniugati coluissent  
sapientiam et promeruissent deum et habuissent fideliter ac  
dilexissent amicos. a quorum ego quidem granditate animi longe  
ab eram et deligatus morbo carnis mortifera suavitate trahebam  
catenam meam, solvi timens et quasi concusso vulnere repellens

verba bene suadentis tamquam manum solventis. insuper etiam per me ipsi quoque Alympio loquebatur serpens, et innectebat atque spargebat per linguam meam dulces laqueos in via eius, quibus illi honesti et expediti pedes implicarentur.

## 6.12.22

cum enim me ille miraretur, quem non parvi penderet, ita haerere visco illius voluptatis ut me adfirmarem, quotienscumque inde inter nos quaereremus, caelibem vitam nullo modo posse degere atque ita me defenderem, cum illum mirantem viderem, ut dicerem multum interesse inter illud quod ipse raptim et furtim expertus esset, quod paene iam ne meminisset quidem atque ideo nulla molestia facile contemneret, et delectationes consuetudinis meae, ad quas si accessisset honestum nomen matrimonii, non eum mirari oportere cur ego illam vitam nequirem spernere, coeperat et ipse desiderare coniugium, nequaquam victus libidine talis voluptatis sed curiositatis. dicebat enim scire se cupere quidnam esset illud sine quo vita mea, quae illi sic placebat, non mihi vita sed poena videretur. stupebat enim liber ab illo vinculo animus servitutem meam et stupendo ibat in experiendi cupidinem, venturus in ipsam experientiam atque inde fortasse lapsurus in eam quam stupebat servitutem, quoniam sponsionem volebat facere cum morte, et qui amat periculum incidet in illud. neutrum enim nostrum, si quod est coniugale decus in officio regendi matrimonii et suscipiendorum liberorum, ducebat nisi tenuiter. magna autem ex parte atque vehementer consuetudo satiandae insatiabilis concupiscentiae me captum excruciabat, illum autem admiratio capiendum trahebat. sic eramus, donec tu, altissime, non deserens humum nostram miseratus miseros subvenires miris et occultis modis.

## 6.13.23

et instabatur impigre ut ducerem uxorem. iam petebam, iam promittebatur maxime matre dante operam, quo me iam coniugatum baptismus salutaris ablueret, quo me in dies gaudebat aptari et vota

sua ac promissa tua in mea fide compleri animadvertibat. cum sane et rogatu meo et desiderio suo forti clamore cordis abs te deprecaretur cotidie ut ei per visum ostenderes aliquid de futuro matrimonio meo, numquam voluisiti. et videbat quaedam vana et phantastica, quo cogebat impetus de hac re satagentis humani spiritus, et narrabat mihi non cum fiducia qua solebat, cum tu demonstrabas ei, sed contemnens ea. dicebat enim discernere se nescio quo sapore, quem verbis explicare non poterat, quid interesset inter revelantem te et animam suam somniantem. instabatur tamen, et puella petebatur, cuius aetas ferme biennio minus quam nubilis erat, et quia ea placebat, exspectabatur.

## 6.14.24

et multi amici agitaveramus animo et conloquentes ac detestantes turbulentas humanae vitae molestias paene iam firmaveramus remoti a turbis otiose vivere, id otium sic moliti ut, si quid habere possemus, conferremus in medium unamque rem familiarem conflarem ex omnibus, ut per amicitiae sinceritatem non esset aliud huius et aliud illius, sed quod ex cunctis fieret unum et universum singulorum esset et omnia omnium, cum videremur nobis esse posse decem ferme homines in eadem societate essentque inter nos praedivites, Romanianus maxime communiceps noster, quem tunc graves aestus negotiorum suorum ad comitatum attraxerant, ab ineunte aetate mihi familiarissimus. qui maxime instabat huic rei et magnam in suadendo habebat auctoritatem, quod ampla res eius multum ceteris anteibat. et placuerat nobis ut bini annui tamquam magistratus omnia necessaria curarent ceteris quietis. sed posteaquam coepit cogitari utrum hoc mulierculae sinerent, quas et alii nostrum iam habebant et nos habere volebamus, totum illud placitum, quod bene formabamus, dissiluit in manibus atque confractum et abiectum est. inde ad suspiria et gemitus et gressus ad sequendas latas et tritas vias saeculi, quoniam multae cogitationes erant in corde nostro, consilium autem tuum manet in aeternum. ex quo consilio deridebas nostra et tua praeparabas nobis, daturus escam in opportunitate et aperturus manum atque impleturus animas nostras benedictione.

## 6.15.25

interea mea peccata multiplicabantur, et avulsa a latere meo tamquam impedimento coniugii cum qua cubare solitus eram, cor, ubi adhaerebat, concisum et vulneratum mihi erat et trahebat sanguinem. et illa in Africam redierat, vovens tibi alium se virum nescituram, relicto apud me naturali ex illa filio meo. at ego infelix nec feminae imitator, dilationis impatiens, tamquam post biennium accepturus eam quam petebam, quia non amator coniugii sed libidinis servus eram, procuravi aliam, non utique coniugem, quo tamquam sustentaretur et perduceretur vel integer vel auctior morbus animae meae satellitio perdurantis consuetudinis in regnum uxorium. nec sanabatur vulnus illud meum quod prioris praecisione factum erat, sed post fervorem doloremque acerrimum putrescebat, et quasi frigidius sed desperatius dolebat.

## 6.16.26

tibi laus, tibi gloria, fons misericordiarum! ego fiebam miserior et tu propinquior. aderat iam iamque dextera tua raptura me de caeno et ablutura, et ignorabam. nec me revocabat a profundiore voluptatum carnalium gurgite nisi metus mortis et futuri iudicii tui, qui per varias quidem opiniones numquam tamen recessit de pectore meo. et disputabam cum amicis meis Alypio et Nebridio de finibus bonorum et malorum: Epicurum accepturum fuisse palmam in animo meo, nisi ego credidissem post mortem restare animae vitam et tractus meritorum, quod Epicurus credere noluit. et quaerebam si essemus immortales et in perpetua corporis voluptate sine ullo amissionis terrore viveremus, cur non essemus beati aut quid aliud quaereremus, nesciens idipsum ad magnam miseriam pertinere quod ita demersus et caecus cogitare non possem lumen honestatis et gratis amplectendae pulchritudinis quam non videt oculus carnis, et videtur ex intimo. nec considerabam miser ex qua vena mihi manaret quod ista ipsa foeda tamen cum amicis dulciter conferebam, nec esse sine amicis poteram beatus, etiam secundum sensum quem tunc habebam in quantalibet affluentia carnalium voluptatum. quos utique amicos

gratis diligebam vicissimque ab eis me diligere gratis sentiebam. o  
tortuosas vias! vae animae audaci quae speravit, si a te recessisset,  
se aliquid melius habituram! versa et reversa in tergum et in latera et  
in ventrem, et dura sunt omnia, et tu solus requies. et ecce ades et  
liberas a miserabilibus erroribus et constituis nos in via tua et  
consolaris et dicis, `currite, ego feram et ego perducam et ibi ego  
feram.'

# Liber septimus

## 7.1.1

iam mortua erat adulescentia mea mala et nefanda, et ibam in iuventutem, quanto aetate maior, tanto vanitate turpior, qui cogitare aliquid substantiae nisi tale non poteram, quale per hos oculos videri solet. non te cogitabam, deus, in figura corporis humani; ex quo audire aliquid de sapientia coepi, semper hoc fugi et gaudebam me hoc repperisse in fide spiritalis matris nostrae, catholicae tuae, sed quid te aliud cogitarem non occurrebat. et conabar cogitare te, homo et talis homo, summum et solum et verum deum, et te incorruptibilem et inviolabilem et incommutabilem totis medullis credebam, quia nesciens unde et quomodo, plane tamen videbam et certus eram id quod corrumpi potest deterius esse quam id quod non potest, et quod violari non potest incunctanter praeponebam violabili, et quod nullam patitur mutationem melius esse quam id quod mutari potest. clamabat violenter cor meum adversus omnia phantasmata mea, et hoc uno ictu conabar abigere circumvolantem turbam immunditiae ab acie mentis meae, et vix dimota in ictu oculi, ecce conglobata rursus aderat et inruebat in aspectum meum et obnubilabat eum, ut quamvis non forma humani corporis, corporeum tamen aliquid cogitare cogerer per spatia locorum, sive infusum mundo sive etiam extra mundum per infinita diffusum, etiam ipsum incorruptibile et inviolabile et incommutabile quod corruptibili et violabili et commutabili praeponebam, quoniam quidquid privabam spatiis talibus nihil mihi esse videbatur, sed prorsus nihil, ne inane quidem, tamquam si corpus auferatur loco et maneat locus omni corpore vacuatus et terreno et humido et aereo et caelesti, sed tamen sit locus inanis tamquam spatiosum nihil.

## 7.1.2

ego itaque incrassatus corde nec mihimet ipsi vel ipse conspicuus, quidquid non per aliquanta spatia tenderetur vel diffunderetur vel conglobaretur vel tumeret vel tale aliquid caperet aut capere posset, nihil prorsus esse arbitrabar. per quales enim formas ire solent oculi mei, per tales imagines ibat cor meum, nec videbam hanc eandem intentionem qua illas ipsas imagines formabam non esse tale aliquid, quae tamen ipsas non formaret nisi esset magnum aliquid. ita etiam te, vita vitae meae, grandem per infinita spatia undique cogitabam penetrare totam mundi molem et extra eam quaquaversum per immensa sine termine, ut haberet te terra, haberet caelum, haberent omnia et illa finirentur in te, tu autem nusquam. sicut autem luci solis non obsisteret aeris corpus, aeris huius qui supra terram est, quominus per eum traiceretur penetrans eum, non dirrumpendo aut concidendo sed implendo eum totum, sic tibi putabam non solum caeli et aeris et maris sed etiam terrae corpus pervium et ex omnibus maximis minimisque partibus penetrabile ad capiendam praesentiam tuam, occulta inspiratione intrinsecus et extrinsecus administrantem omnia quae creasti. ita suspicabar, quia cogitare aliud non poteram; nam falsum erat. illo enim modo maior pars terrae maiorem tui partem haberet et minorem minor, atque ita te plena essent omnia ut amplius tui caperet elephanti corpus quam passeris, quo esset isto grandius grandiolemque occuparet locum, atque ita frustatim partibus mundi magnis magnas, brevibus breves partes tuas praesentes faceres. non est autem ita, sed nondum inluminaveras tenebras meas.

### 7.2.3

sat erat mihi, domine, adversus illos deceptos deceptores et loquaces mutos, quoniam non ex eis sonabat verbum tuum -- sat erat ergo illud quod iam diu ab usque Carthagine a Nebridio proponi solebat et omnes qui audieramus concussi sumus: quid erat tibi factura nescio qua gens tenebrarum, quam ex adversa mole solent opponere, si tu cum ea pugnare noluisses? si enim responderetur aliquid fuisse nocituram, violabilis tu et corruptibilis fores. si autem nihil ea nocere potuisse diceretur, nulla afferretur causa pugnandi, et



ita pugnandi ut quaedam portio tua et membrum tuum vel proles de ipsa substantia tua misceretur adversis potestatibus et non a te creatis naturis, atque in tantum ab eis corrumperetur et commutaretur in deterius ut a beatitudine in miseriam verteretur et indigeret auxilio quo erui purgarique posset, et hanc esse animam cui tuus sermo servienti liber et contaminatae purus et corruptae integer subveniret, sed et ipse corruptibilis, quia ex una eademque substantia. itaque si te, quidquid es, id est substantiam tuam qua es, incorruptibilem dicerent, falsa esse illa omnia et execrabilia; si autem corruptibilem, idipsum iam falsum et prima voce abominandum. sat erat ergo istuc adversus eos omni modo evomendos a pressura pectoris, quia non habebant qua exirent sine horribili sacrilegio cordis et linguae sentiendo de te ista et loquendo.

### 7.3.4

sed et ego adhuc, quamvis incontaminabilem et inconvertibilem et nulla ex parte mutabilem dicerem firmeque sentirem deum nostrum, deum verum, qui fecisti non solum animas nostras sed etiam corpora, nec tantum nostras animas et corpora sed omnes et omnia, non tenebam explicatam et enodatam causam mali. quaecumque tamen esset, sic eam quaerendam videbam, ut non per illam constringerer deum incommutabilem mutabilem credere, ne ipse fierem quod quaerebam. itaque securus eam quaerebam, et certus non esse verum quod illi dicerent quos toto animo fugiebam, quia videbam quaerendo unde malum repletos malitia, qua opinarentur tuam potius substantiam male pati quam suam male facere.

### 7.3.5

et intendebar ut cernerem quod audiebam, liberum voluntatis arbitrium causam esse ut male faceremus et rectum iudicium tuum ut pateremur, et eam liquidam cernere non valebam. itaque aciem mentis de profundo educere conatus mergebar iterum, et saepe conatus mergebar iterum atque iterum. sublevabat enim me in lucem tuam quod tam sciebam me habere voluntatem quam me vivere.

itaque cum aliquid vellem aut nollem, non alium quam me velle ac nolle certissimus eram, et ibi esse causam peccati mei iam iamque animadvertēbam. quod autem invitus facerem, pati me potius quam facere videbam, et id non culpam sed poenam esse iudicabam, quā me non iniuste plecti te iustum cogitans cito fatebar. sed rursus dicebam, `quis fecit me? nonne deus meus, non tantum bonus sed ipsum bonum? unde igitur mihi male velle et bene nolle? ut esset cur iuste poenas luerem? quis in me hoc posuit et iniecit mihi plantarium amaritudinis, cum totus fierem a dulcissimo deo meo? si diabolus auctor, unde ipse diabolus? quod si et ipse perversa voluntate ex bono angelo diabolus factus est, unde et in ipso voluntas mala quā diabolus fieret, quando totus angelus a conditore optimo factus esset?' his cogitationibus deprimebar iterum et suffocabar, sed non usque ad illum infernum subducebar erroris ubi nemo tibi confitetur, dum tu potius mala pati quam homo facere putatur.

#### 7.4.6

sic enim nitebar invenire cetera, ut iam inveneram melius esse incorruptibile quam corruptibile, et ideo te, quidquid esses, esse incorruptibilem confitebar. neque enim ulla anima umquam potuit poteritve cogitare aliquid quod sit te melius, qui summum et optimum bonum es. cum autem verissime atque certissime incorruptibile corruptibili praeponatur, sicut iam ego praeponebam, poteram iam cogitatione aliquid attingere quod esset melius deo meo, nisi tu esses incorruptibilis. ubi igitur videbam incorruptibile corruptibili esse praeferendum, ibi te quaerere debebam atque inde advertere ubi sit malum, id est unde sit ipsa corruptio, quā violari substantia tua nullo modo potest. nullo enim prorsus modo violat corruptio deum nostrum, nulla voluntate, nulla necessitate, nullo improvise casu, quoniam ipse est deus, et quod sibi vult bonum est, et ipse est idem bonum; corrumpi autem non est bonum. nec cogaris invitus ad aliquid, quia voluntas tua non est maior quam potentia tua. esset autem maior, si te ipso tu ipse maior esses: voluntas enim et potentia dei deus ipse est. et quid improvisum tibi, qui nosti omnia? et nulla natura est nisi quia nosti eam. et ut quid multa dicimus cur non sit corruptibilis

substantia quae deus est, quando, si hoc esset, non esset deus?

### 7.5.7

et quaerebam unde malum, et male quaerebam, et in ipsa inquisitione mea non videbam malum. et constituebam in conspectu spiritus mei universam creaturam, quidquid in ea cernere possumus, sicuti est terra et mare et aer et sidera et arbores et animalia mortalia, et quidquid in ea non videmus, sicut firmamentum caeli insuper et omnes angelos et cuncta spiritalia eius, sed etiam ipsa, quasi corpora essent, locis et locis ordinavit imaginatio mea. et feci unam massam grandem distinctam generibus corporum, creaturam tuam, sive re vera quae corpora erant, sive quae ipse pro spiritibus finxeram, et eam feci grandem, non quantum erat, quod scire non poteram, sed quantum libuit, undiqueversum sane finitam, te autem, domine, ex omni parte ambientem et penetrantem eam, sed usquequaque infinitum, tamquam si mare esset ubique et undique per immensa infinitum solum mare et haberet intra se spongiam quamlibet magnam, sed finitam tamen, plena esset utique spongia illa ex omni sua parte ex immenso mari. sic creaturam tuam finitam te infinito plenam putabam et dicebam, `ecce deus et ecce quae creavit deus, et bonus deus atque his validissime longissimeque praestantior; sed tamen bonus bona creavit, et ecce quomodo ambit atque implet ea. ubi ergo malum et unde et qua huc inrepsit? quae radix eius et quod semen eius? an omnino non est? cur ergo timemus et cavemus quod non est? aut si inaniter timemus, certe vel timor ipse malum est, quo incassum stimulator et excruciator cor, et tanto gravius malum, quanto non est, quod timeamus, et timemus. idcirco aut est malum quod timemus, aut hoc malum est quia timemus. unde est igitur, quoniam deus fecit haec omnia bonus bona? maius quidem et summum bonum minora fecit bona, sed tamen et creans et creata bona sunt omnia. unde est malum? an unde fecit ea, materies aliqua mala erat et formavit atque ordinavit eam, sed reliquit aliquid in illa quod in bonum non converteret? cur et hoc? an impotens erat totam vertere et commutare, ut nihil mali remaneret, cum sit omnipotens? postremo cur inde aliquid facere voluit ac non potius eadem omnipotentia fecit,

ut nulla esset omnino? aut vero exsistere poterat contra eius voluntatem? aut si aeterna erat, cur tam diu per infinita retro spatia temporum sic eam sivit esse ac tanto post placuit aliquid ex ea facere? aut iam, si aliquid subito voluit agere, hoc potius ageret omnipotens, ut illa non esset atque ipse solus esset totum verum et summum et infinitum bonum? aut si non erat bene, ut non aliquid boni etiam fabricaretur et conderet qui bonus erat, illa sublata et ad nihilum redacta materie quae mala erat, bonam ipse institueret unde omnia crearet? non enim esset omnipotens si condere non posset aliquid boni nisi ea quam non ipse condiderat adiuvaretur materia.' talia volvebam pectore misero, ingravidato curis mordacissimis de timore mortis et non inventa veritate; stabiliter tamen haerebat in corde meo in catholica ecclesia fides Christi tui, domini et salvatoris nostri, in multis quidem adhuc informis et praeter doctrinae normam fluitans, sed tamen non eam relinquebat animus, immo in dies magis magisque inbibebat.

## 7.6.8

iam etiam mathematicorum fallaces divinationes et impia deliramenta reieceram. confiteantur etiam hinc tibi de intimis visceribus animae meae miserationes tuae, deus meus! tu enim, tu omnino (nam quis alius a morte omnis erroris revocat nos nisi vita quae mori nescit, et sapientia mentes indigentes inluminans, nullo indigens lumine, qua mundus administratur usque ad arborum volatica folia?), tu procurasti pervicaciae meae, qua obluctatus sum Vindiciano acuto seni et Nebridio adulescenti mirabilis animae, illi vehementer adfirmanti, huic cum dubitatione quidem aliqua sed tamen crebro dicenti non esse illam artem futura praevidendi, coniecturas autem hominum habere saepe vim sortis et multa dicendo dici pleraque ventura, nescientibus eis qui dicerent sed in ea non tacendo incurrentibus -- procurasti ergo tu hominem amicum, non quidem segnem consultorem mathematicorum nec eas litteras bene callentem sed, ut dixi, consultorem curiosum et tamen scientem aliquid quod a patre suo se audisse dicebat: quod quantum valeret ad illius artis opinionem evertendam ignorabat. is ergo vir nomine Firminus, liberaliter institutus

et excultus eloquio, cum me tamquam carissimum de quibusdam suis rebus, in quas saecularis spes eius intumuerat, consuleret, quid mihi secundum suas quas constellationes appellant videretur, ego autem, qui iam de hac re in Nebridii sententiam flecti coeperam, non quidem abnuerem conicere ac dicere quod nutanti occurrebat, sed tamen subicerem prope iam esse mihi persuasum ridicula illa esse et inania, tum ille mihi narravit patrem suum fuisse librorum talium curiosissimum et habuisse amicum aequae illa simulque sectantem. qui pari studio et conlatione flatabant in eas nugas ignem cordis sui, ita ut mutorum quoque animalium, si quae domi parerent, observarent momenta nascentium atque ad ea caeli positionem notarent, unde illius quasi artis experimenta conligerent. itaque dicebat audisse se a patre quod, cum eundem Firminum praegnans mater esset, etiam illius paterni amici famula quaedam pariter utero grandescebat, quod latere non potuit dominum, qui etiam canum suarum partus examinatissima diligentia nosse curabat; atque ita factum esse, ut cum iste coniugis, ille autem ancillae dies et horas minutioresque horarum articulos cautissima observatione numerarent, enixae essent ambae simul, ita ut easdem constellationes usque ad easdem minutias utrique nascenti facere cogerentur, iste filio, ille servulo. nam cum mulieres parturire coepissent, indicaverunt sibi ambo quid sua cuiusque domo ageretur, et paraverunt quos ad se invicem mitterent, simul ut natum quod parturiebatur esset cuique nuntiatum: quod tamen ut continuo nuntiaretur, tamquam in regno suo facile effecerant. atque ita qui ab alterutro missi sunt tam ex paribus domorum intervallis sibi obviam factos esse dicebat, ut aliam positionem siderum aliasque particulas momentorum neuter eorum notare sineretur. et tamen Firminus amplo apud suos loco natus dealbatiores vias saeculi cursitabat, augebatur divitiis, sublimabatur honoribus, servus autem ille conditionis iugo nullatenus relaxato dominis serviebat, ipso indicante qui noverat eum.

### 7.6.9

his itaque auditis et creditis (talis quippe narraverat) omnis illa reluctatio mea resoluta concidit, et primo Firminum ipsum conatus

sum ab illa curiositate revocare, cum dicerem, constellationibus eius inspectis ut vera pronuntiarem, debuisse me utique videre ibi parentes inter suos esse primarios, nobilem familiam propriae civitatis, natales ingenuos, honestam educationem liberalesque doctrinas; at si me ille servus ex eisdem constellationibus (quia et illius ipsae essent) consulisset, ut eidem quoque vera proferrem, debuisse me rursus ibi videre abiectissimam familiam, conditionem servilem et cetera longe a prioribus aliena longaque distantia. unde autem fieret ut eadem inspiciens diversa dicerem, si vera dicerem, si autem eadem dicerem, falsa dicerem, inde certissime conlegi ea quae vera consideratis constellationibus dicerentur non arte dici sed sorte, quae autem falsa, non artis imperitia sed sortis mendacio.

## 7.6.10

hinc autem accepto aditu, ipse mecum talia ruminando, ne quis eorundem delirorum qui talem quaestum sequerentur, quos iam iamque invadere atque inrisos refellere cupiebam, mihi ita resisteret, quasi aut Firminus mihi aut illi pater falsa narraverit, intendi considerationem in eos qui gemini nascuntur, quorum plerique ita post invicem funduntur ex utero ut parvum ipsum temporis intervallum, quantamlibet vim in rerum natura habere contendant, conligi tamen humana observatione non possit litterisque signari omnino non valeat quas mathematicus inspecturus est ut vera pronuntiet. et non erunt vera, quia easdem litteras inspiciens eadem debuit dicere de Esau et de Iacob, sed non eadem utrique acciderunt. falsa ergo diceret aut, si vera diceret, non eadem diceret: at eadem inspiceret. non ergo arte sed sorte vera diceret. tu enim, domine, iustissime moderator universitatis, consulentibus consultisque nescientibus occulto instinctu agis ut, dum quisque consulit, hoc audiat quod eum oportet audire occultis meritis animarum ex abyssu iusti iudicii tui. cui non dicat homo, `quid est hoc?' `ut quid hoc?' non dicat, non dicat; homo est enim.

## 7.7.11

iam itaque me, adiutor meus, illis vinculis solveras, et quaerebam unde malum, et non erat exitus. sed me non sinebas ullis fluctibus cogitationis auferri ab ea fide qua credebam et esse te et esse incommutabilem substantiam tuam et esse de hominibus curam et iudicium tuum et in Christo, filio tuo, domino nostro, atque scripturis sanctis quas ecclesiae tuae catholicae commendaret auctoritas, viam te posuisse salutis humanae ad eam vitam quae post hanc mortem futura est. his itaque salvis atque inconcusse roboratis in animo meo, quaerebam aestuans unde sit malum. quae illa tormenta parturientis cordis mei, qui gemitus, deus meus! et ibi erant aures tuae nesciente me. et cum in silentio fortiter quaererem, magnae voces erant ad misericordiam tuam tacitae contritiones animi mei. tu sciebas quid patiebar, et nullus hominum. quantum enim erat quod inde digerebatur per linguam meam in aures familiarissimorum meorum! numquid totus tumultus animae meae, cui nec tempora nec os meum sufficebat, sonabat eis? totum tamen ibat in auditum tuum quod rugiebam a gemitu cordis mei, et ante te erat desiderium meum, et lumen oculorum meorum non erat mecum. intus enim erat, ego autem foris, nec in loco illud. at ego intendebar in ea quae locis continentur, et non ibi inveniebam locum ad requiescendum, nec recipiebant me ista ut dicerem, 'sat est et bene est,' nec dimittebant redire ubi mihi satis esset bene. superior enim eram istis, te vero inferior, et tu gaudium verum mihi subdito tibi et tu mihi subieceras quae infra me creasti. et hoc erat rectum temperamentum et media regio salutis meae, ut manerem ad imaginem tuam et tibi serviens dominarer corpori. sed cum superbe contra teurgerem et currerem adversus dominum in cervice crassa scuti mei, etiam ista infima supra me facta sunt et premebant, et nusquam erat laxamentum et respiramentum. ipsa occurrebant undique acervatim et conglobatim cernenti, cogitanti autem imagines corporum ipsae opponebantur redeunti, quasi diceretur, 'quo is, indigne et sordide?' et haec de vulnere meo creverant, quia humilasti tamquam vulneratum superbum, et timore meo separabar abs te et nimis inflata facies claudebat oculos meos.

## 7.8.12

tu vero, domine, in aeternum manes et non in aeternum irasceris nobis, quoniam miseratus es terram et cinerem. et placuit in conspectuo tuo reformare deformia mea, et stimulis internis agitabas me ut impatiens essem donec mihi per interiorem aspectum certus esses. et residebat tumor meus ex occulta manu medicinae tuae aciesque conturbata et contenebrata mentis meae acri collyrio salubrium dolorum de die in diem sanabatur.

### 7.9.13

et primo volens ostendere mihi quam resistas superbis, humilibus autem des gratiam, et quanta misericordia tua demonstrata sit hominibus via humilitatis, quod verbum tuum caro factum est et habitavit inter homines, procurasti mihi per quendam hominem immanissimo typho turgidum quosdam platonicorum libros ex graeca lingua in latinam versos, et ibi legi, non quidem his verbis sed hoc idem omnino multis et multiplicibus suaderi rationibus, quod in principio erat verbum et verbum erat apud deum et deus erat verbum. hoc erat in principio apud deum. omnia per ipsum facta sunt, et sine ipso factum est nihil. quod factum est in eo vita est, et vita erat lux hominum; et lux in tenebris lucet, et tenebrae eam non comprehenderunt. et quia hominis anima, quamvis testimonium perhibeat de lumine, non est tamen ipsa lumen, sed verbum deus est lumen verum, quod inluminat omnem hominem venientem in hunc mundum. et quia in hoc mundo erat, et mundus per eum factus est, et mundus eum non cognovit. quia vero in sua propria venit et sui eum non receperunt, quotquot autem receperunt eum, dedit eis potestatem filios dei fieri credentibus in nomine eius, non ibi legi.

### 7.9.14

item legi ibi quia verbum, deus, non ex carne, non ex sanguine non ex voluntate viri neque ex voluntate carnis, sed ex deo natus est; sed quia verbum caro factum est et habitavit in nobis, non ibi legi. indagavi quippe in illis litteris varie dictum et multis modis quod sit filius in forma patris, non rapinam arbitratus esse aequalis deo, quia



naturaliter idipsum est, sed quia semet ipsum exinanivit formam servi accipiens, in similitudinem hominum factus et habitu inventus ut homo, humilavit se factus oboediens usque ad mortem, mortem autem crucis: propter quod deus eum exaltavit a mortuis et donavit ei nomen quod est super omne nomen, ut in nomine Iesu omne genu flectatur caelestium terrestrium et infernorum, et omnis lingua confiteatur quia dominus Iesus in gloria est dei patris, non habent illi libri. quod enim ante omnia tempora et supra omnia tempora incommutabiliter manet unigenitus filius tuus coaeternus tibi, et quia de plenitudine eius accipiunt animae ut beatae sint, et quia participatione manentis in se sapientiae renovantur ut sapientes sint, est ibi; quod autem secundum tempus pro impiis mortuus est, et filio tuo unico non pepercisti, sed pro nobis omnibus tradidisti eum, non est ibi. abscondisti enim haec a sapientibus et revelasti ea parvulis, ut venirent ad eum laborantes et onerati et reficeret eos, quoniam mitis est et humilis corde, et dirigit mites in iudicio et docet mansuetos vias suas, videns humilitatem nostram et laborem nostrum et dimittens omnia peccata nostra. qui autem cothurno tamquam doctrinae sublimioris elati non audiunt dicentem, `discite a me quoniam mitis sum et humilis corde, et invenietis requiem animabus vestris,' etsi cognoscunt deum, non sicut deum glorificant aut gratias agunt, sed evanescunt in cogitationibus suis et obscuratur insipiens cor eorum; dicentes se esse sapientes stulti facti sunt.

### 7.9.15

et ideo legebam ibi etiam immutatam gloriam incorruptionis tuae in idola et varia simulacra, in similitudinem imaginis corruptibilis hominis et volucrum et quadrupedum et serpentium, videlicet Aegyptium cibum quo Esau perdidit primogenita sua, quoniam caput quadrupedis pro te honoravit populus primogenitus, conversus corde in Aegyptum et curvans imaginem tuam, animam suam, ante imaginem vituli manducantis faenum. inveni haec ibi et non manducavi. placuit enim tibi, domine, auferre opprobrium diminutionis ab Iacob, ut maior serviret minori, et vocasti gentes in hereditatem tuam. et ego ad te veneram ex gentibus et intendi in aurum quod ab Aegypto voluisti ut

auferret populus tuus, quoniam tuum erat, ubicumque erat. et dixisti Atheniensibus per apostolum tuum quod in te vivimus et movemur et sumus, sicut et quidam secundum eos dixerunt, et utique inde erant illi libri. et non attendi in idola Aegyptiorum, quibus de auro tuo ministrabant qui transmutaverunt veritatem dei in mendacium, et coluerunt et servierunt creaturae potius quam creatori.

## 7.10.16

et inde admonitus redire ad memet ipsum, intravi in intima mea duce te, et potui, quoniam factus es adiutor meus. intravi et vidi qualicumque oculo animae meae supra eundem oculum animae meae, supra mentem meam, lucem incommutabilem, non hanc vulgarem et conspicuam omni carni, nec quasi ex eodem genere grandior erat, tamquam si ista multo multoque clarius claresceret totumque occuparet magnitudine. non hoc illa erat sed aliud, aliud valde ab istis omnibus. nec ita erat supra mentem meam, sicut oleum super aquam nec sicut caelum super terram, sed superior, quia ipsa fecit me, et ego inferior, quia factus ab ea. qui novit veritatem, novit eam, et qui novit eam, novit aeternitatem; caritas novit eam. o aeterna veritas et vera caritas et cara aeternitas, tu es deus meus, tibi suspiro die ac nocte! et cum te primum cognovi, tu adsumpsisti me ut viderem esse quod viderem, et nondum me esse qui viderem. et reverberasti infirmitatem aspectus mei, radians in me vehementer, et contremui amore et horrore. et inveni longe me esse a te in regione dissimilitudinis, tamquam audirem vocem tuam de excelso: `cibus sum grandium: cresce et manducabis me. nec tu me in te mutabis sicut cibum carnis tuae, sed tu mutaberis in me.' et cognovi quoniam pro iniquitate erudisti hominem, et tabescere fecisti sicut araneam animam meam, et dixi, `numquid nihil est veritas, quoniam neque per finita neque per infinita locorum spatia diffusa est?' et clamasti de longinquo, `immo vero ego sum qui sum.' et audivi, sicut auditur in corde, et non erat prorsus unde dubitarem, faciliusque dubitarem vivere me quam non esse veritatem, quae per ea quae facta sunt intellecta conspicitur.

## 7.11.17

et inspexi cetera infra te et vidi nec omnino esse nec omnino non esse: esse quidem, quoniam abs te sunt, non esse autem, quoniam id quod es non sunt. id enim vere est quod incommutabiliter manet. mihi autem inhaerere deo bonum est, quia, si non manebo in illo, nec in me potero. ille autem in se manens innovat omnia, et dominus meus es, quoniam bonorum meorum non eges.

## 7.12.18

et manifestatum est mihi quoniam bona sunt quae corrumpuntur, quae neque si summa bona essent neque nisi bona essent corrumpi possent; quia si summa bona essent, incorruptibilia essent, si autem nulla bona essent, quid in eis corrumperetur non esset. nocet enim corruptio et, nisi bonum minueret, non noceret. aut igitur nihil nocet corruptio, quod fieri non potest, aut, quod certissimum est, omnia quae corrumpuntur privantur bono. si autem omni bono privabuntur, omnino non erunt. si enim erunt et corrumpi iam non poterunt, meliora erunt, quia incorruptibiliter permanebunt. et quid monstrosius quam ea dicere omni bono amisso facta meliora? ergo si omni bono privabuntur, omnino nulla erunt: ergo quamdiu sunt, bona sunt. ergo quaecumque sunt, bona sunt, malumque illud quod quaerebam unde esset non est substantia, quia si substantia esset, bonum esset. aut enim esset incorruptibilis substantia, magnum utique bonum, aut substantia corruptibilis esset, quae nisi bona esset, corrumpi non posset. itaque vidi et manifestatum est mihi quia omnia bona tu fecisti et prorsus nullae substantiae sunt quas tu non fecisti. et quoniam non aequalia omnia fecisti, ideo sunt omnia, quia singula bona sunt, et simul omnia valde bona, quoniam fecit deus noster omnia bona valde.

## 7.13.19

et tibi omnino non est malum, non solum tibi sed nec universae creaturae tuae, quia extra non est aliquid quod inrumpat et corrumpat ordinem quem imposuisti ei. in partibus autem eius quaedam

quibusdam quia non conveniunt, mala putantur; et eadem ipsa conveniunt aliis et bona sunt et in semet ipsis bona sunt. et omnia haec, quae sibimet invicem non conveniunt, conveniunt inferiori parti rerum, quam terram dicimus, habentem caelum suum nubilosum atque ventosum congruum sibi. et absit iam ut dicerem, `non essent ista,' quia etsi sola ista cernerem, desiderarem quidem meliora, sed iam etiam de solis istis laudare te deberem, quoniam laudandum te ostendunt de terra dracones et omnes abyssi, ignis, grando, nix, glacies, spiritus tempestatis, quae faciunt verbum tuum, montes et omnes colles, ligna fructifera et omnes cedri, bestiae et omnia pecora, reptilia et volatilia pinnata. reges terrae et omnes populi, principes et omnes iudices terrae, iuvenes et virgines, seniores cum iunioribus laudent nomen tuum. cum vero etiam de caelis te laudent, laudent te, deus noster. in excelsis omnes angeli tui, omnes virtutes tuae, sol et luna, omnes stellae et lumen, caeli caelorum et aquae quae super caelos sunt laudent nomen tuum. non iam desiderabam meliora, quia omnia cogitabam, et meliora quidem superiora quam inferiora, sed meliora omnia quam sola superiora iudicio saniore pendebam.

## 7.14.20

non est sanitas eis quibus displicet aliquid creaturae tuae, sicut mihi non erat cum displicerent multa quae fecisti. et quia non audebat anima mea ut ei displiceret deus meus, nolebat esse tuum quidquid ei displicebat. et inde ierat in opinionem duarum substantiarum, et non requiescebat, et aliena loquebatur. et inde rediens fecerat sibi deum per infinita spatia locorum omnium et eum putaverat esse te et eum conlocaverat in corde suo, et facta erat rursus templum idoli sui abominandum tibi, sed posteaquam fovisti caput nescientis et clausisti oculos meos, ne viderent vanitatem. cessavi de me paululum, et consopita est insania mea, et evigilavi in te et vidi te infinitum aliter, et visus iste non a carne trahebatur.

## 7.15.21

et respexi alia, et vidi tibi debere quia sunt et in te cuncta finita, sed aliter, non quasi in loco, sed quia tu es omnitenens manu veritate, et omnia vera sunt in quantum sunt, nec quicquam est falsitas, nisi cum putatur esse quod non est. et vidi quia non solum locis sua quaeque suis conveniunt sed etiam temporibus et quia tu, qui solus aeternus es, non post innumerabilia spatia temporum coepisti operari, quia omnia spatia temporum, et quae praeterierunt et quae praeteribunt, nec abirent nec venirent nisi te operante et manente.

## 7.16.22

et sensi expertus non esse mirum quod palato non sano poena est et panis qui sano suavis est, et oculis aegris odiosa lux quae puris amabilis. et iustitia tua displicet iniquis, nedum vipera et vermiculus, quae bona creasti, apta inferioribus creaturae tuae partibus, quibus et ipsi iniqui apti sunt, quanto dissimiliores sunt tibi, apti autem superioribus, quanto similiores fiunt tibi. et quaesivi quid esset iniquitas et non inveni substantiam, sed a summa substantia, te deo, detortae in infima voluntatis perversitatem, proicientis intima sua et tumescentis foras.

## 7.17.23

et mirabar quod iam te amabam, non pro te phantasma, et non stabam frui deo meo, sed rapiebar ad te decore tuo moxque diripiebar abs te pondere meo, et ruebam in ista cum gemitu; et pondus hoc consuetudo carnalis. sed mecum erat memoria tui, neque ullo modo dubitabam esse cui cohaererem, sed nondum me esse qui cohaererem, quoniam corpus quod corrumpitur adgravat animam et deprimit terrena inhabitatio sensum multa cogitantem, eramque certissimus quod invisibilia tua a constitutione mundi per ea quae facta sunt intellecta conspiciuntur, sempiterna quoque virtus et divinitas tua. quaerens enim unde approbarem pulchritudinem corporum, sive caelestium sive terrestrium, et quid mihi praesto esset integre de mutabilibus iudicanti et dicenti, 'hoc ita esset debet, illud non ita' -- hoc ergo quaerens, unde iudicarem cum ita iudicarem,

inveneram incommutabilem et veram veritatis aeternitatem supra mentem meam commutabilem. atque ita gradatim a corporibus ad sentientem per corpus animam atque inde ad eius interiorum vim, cui sensus corporis exteriora nuntiaret, et quousque possunt bestiae, atque inde rursus ad ratiocinantem potentiam ad quam refertur iudicandum quod sumitur a sensibus corporis. quae se quoque in me comperiens mutabilem erexit se ad intellegentiam suam et abduxit cogitationem a consuetudine, subtrahens se contradicentibus turbis phantasmatum, ut inveniret quo lumine aspergeretur, cum sine ulla dubitatione clamaret incommutabile praeferendum esse mutabili unde nosset ipsum incommutabile (quod nisi aliquo modo nosset, nullo modo illud mutabili certa praeponeret), et pervenit ad id quod est in ictu trepidantis aspectus. tunc vero invisibilia tua per ea quae facta sunt intellecta conspexi, sed aciem figere non evalui, et reperiens infirmitate redditus solitis non mecum ferebam nisi amantem memoriam et quasi olefacta desiderantem quae comedere nondum possem.

## 7.18.24

et quaerebam viam comparandi roboris quod esset idoneum ad fruendum te, nec inveniebam donec amplecterer mediatorem dei et hominum, hominem Christum Iesum, qui est super omnia deus benedictus in saecula, vocantem et dicentem, 'ego sum via et veritas et vita,' et cibum, cui capiendo invalidus eram, miscentem carni, quoniam verbum caro factum est ut infantiae nostrae lactesceret sapientia tua, per quam creasti omnia. non enim tenebam deum meum Iesum, humilis humilem, nec cuius rei magistra esset eius infirmitas noveram. verbum enim tuum, aeterna veritas, superioribus creaturae tuae partibus supereminens subditos erigit ad se ipsam, in inferioribus autem aedificavit sibi humilem domum de limo nostro, per quam subdendos deprimeret a seipsis et ad se traiceret, sanans tumorem et nutriendus amorem, ne fiducia sui progredierentur longius, sed potius infirmarentur, videntes ante pedes suos infirmam divinitatem ex participatione tunicae pelliciae nostrae, et lassi prosternerentur in eam, illa autem surgens levaret eos.

## 7.19.25

ego vero aliud putabam tantumque sentiebam de domino Christo meo, quantum de excellentis sapientiae viro cui nullus posset aequari, praesertim quia mirabiliter natus ex virgine, ad exemplum contemnendorum temporalium prae adipiscenda immortalitate, divina pro nobis cura tantam auctoritatem magisterii meruisse videbatur. quid autem sacramenti haberet verbum caro factum, ne suspicari quidem poteram. tantum cognoveram ex his quae de illo scripta traderentur quia manducavit et bibit, dormivit, ambulavit, exhilaratus est, contristatus est, sermocinatus est, non haesisse carnem illam verbo tuo nisi cum anima et mente humana. novit hoc omnis qui novit incommutabilitatem verbi tui, quam ego iam noveram, quantum poteram, nec omnino quicquam inde dubitabam. etenim nunc movere membra corporis per voluntatem, nunc non movere, nunc aliquo affectu affici, nunc non affici, nunc proferre per signa sapientes sententias, nunc esse in silentio, propria sunt mutabilitatis animae et mentis. quae si falsa de illo scripta essent, etiam omnia periclitarentur mendacio neque in illis litteris ulla fidei salus generi humano remaneret. quia itaque vera scripta sunt, totum hominem in Christo agnoscebam, non corpus tantum hominis aut cum corpore sine mente animum, sed ipsum hominem, non persona veritatis, sed magna quadam naturae humanae excellentia et perfectiore participatione sapientiae praeferri ceteris arbitrabar. Alypius autem deum carne indutum ita putabat credi a catholicis ut praeter deum et carnem non esset in Christo, animam mentemque hominis non existimabat in eo praedicari. et quoniam bene persuasum tenebat ea quae de illo memoriae mandata sunt sine vitali et rationali creatura non fieri, ad ipsam christianam fidem pigrius movebatur. sed postea haereticorum apollinaristarum hunc errorem esse cognoscens catholicae fidei conlaetatus et contemperatus est. ego autem aliquanto posterius didicisse me fateor, in eo quod verbum caro factum est, quomodo catholica veritas a Photini falsitate dirimatur. improbatio quippe haereticorum facit eminere quid ecclesia tua sentiat et quid habeat sana doctrina. oportuit enim et haereses esse, ut probati manifesti fierent inter infirmos.

## 7.20.26

sed tunc, lectis platoniorum illis libris, posteaquam inde admonitus quaerere incorpoream veritatem, invisibilia tua per ea quae facta sunt intellecta conspexi et repulsus sensi quid per tenebras animae meae contemplari non sinerem, certus esse te et infinitum esse nec tamen per locos finitos infinitosve diffundi et vere te esse, qui semper idem ipse esses, ex nulla parte nulloque motu alter aut aliter, cetera vero ex te esse omnia, hoc solo firmissimo documento quia sunt, certus quidem in istis eram, nimis tamen infirmus ad fruendum te. garriebam plane quasi peritus et, nisi in Christo, salvatore nostro, viam tuam quaererem, non peritus sed periturus essem. iam enim coeperam velle videri sapiens plenus poena mea et non flebam, insuper et inflabar scientia. ubi enim erat illa aedificans caritas a fundamento humilitatis, quod est Christus Iesus? aut quando illi libri me docerent eam? in quos me propterea, priusquam scripturas tuas considerarem, credo voluisti incurrere, ut imprimeretur memoriae meae quomodo ex eis affectus essem et, cum postea in libris tuis mansuefactus essem et curantibus digitis tuis contrectarentur vulnera mea, discernerem atque distinguerem quid interesset inter praesumptionem et confessionem, inter videntes quo eundum sit nec videntes qua, et viam ducentem ad beatificam patriam non tantum cernendam sed et habitandam. nam si primo sanctis tuis litteris informatus essem et in earum familiaritate obdulcuisses mihi, et post in illa volumina incidissem, fortasse aut abripiissent me a solidamento pietatis, aut si in affectu quem salubrem inbiberam perstitissem, putarem etiam ex illis libris eum posse concipi, si eos solos quisque didicisset.

## 7.21.27

itaque avidissime arripui venerabilem stilum spiritus tui, et prae ceteris apostolum Paulum, et perierunt illae quaestiones in quibus mihi aliquando visus est adversari sibi et non congruere testimoniis legis et prophetarum textus sermonis eius, et apparuit mihi una facies eloquiorum castorum, et exultare cum tremore didici. et coepi et inveni, quidquid illac verum legeram, hac cum commendatione gratiae



tuae dici, ut qui videt non sic gloriatur, quasi non acceperit non solum id quod videt, sed etiam ut videat (quid enim habet quod non accepit?) et ut te, qui es semper idem, non solum admoneatur ut videat, sed etiam sanetur ut teneat, et qui de longinquo videre non potest, viam tamen ambulet qua veniat et videat et teneat, quia, etsi condelectetur homo legi dei secundum interiorem hominem, quid faciet de alia lege in membris suis repugnante legi mentis suae et se captivum ducente in lege peccati, quae est in membris eius? quoniam iustus es, domine, nos autem peccavimus, inique fecimus, impie gessimus, et gravata est super nos manus tua, et iuste traditi sumus antiquo peccatori, praeposito mortis, quia persuasit voluntati nostrae similitudinem voluntatis suae, qua in veritate tua non stetit. quid faciet miser homo? quis eum liberabit de corpore mortis huius, nisi gratia tua per Iesum Christum dominum nostrum, quem genuisti coaeternum et creasti in principio viarum tuarum, in quo princeps huius mundi non invenit quicquam morte dignum, et occidit eum? et evacuatum est chirographum quod erat contrarium nobis. hoc illae litterae non habent: non habent illae paginae vultum pietatis huius, lacrimas confessionis, sacrificium tuum, spiritum contribulatum, cor contritum et humilatum, populi salutem, sponsam civitatem, arram spiritus sancti, poculum pretii nostri. nemo ibi cantat, `nonne deo subdita erit anima mea? ab ipso enim salutare meum: etenim ipse deus meus et salutaris meus, susceptor meus: non movebor amplius.' nemo ibi audit vocantem: `venite ad me, qui laboratis.' dedignantur ab eo discere quoniam mitis est et humilis corde. abscondisti enim haec a sapientibus et prudentibus et revelasti ea parvulis. et aliud est de silvestri cacumine videre patriam pacis et iter ad eam non invenire et frustra conari per invia circum obsidentibus et insidiantibus fugitivis desertoribus cum principe suo leone et dracone, et aliud tenere viam illuc ducentem cura caelestis imperatoris munitam, ubi non latrocinantur qui caelestem militiam deseruerunt; vitant enim eam sicut supplicium. haec mihi inviscerabantur miris modis, cum minimum apostolorum tuorum legerem, et consideraveram opera tua et expaveram.

# Liberal octavus

## 8.1.1

deus meus, recorder in gratiarum actione tibi et confitear misericordias tuas super me. perfundantur ossa mea dilectione tua et dicant: `domine, quis similis tibi?' dirupisti vincula mea: sacrificem tibi sacrificium laudis. quomodo dirupisti ea narrabo, et dicent omnes qui adorant te, cum audiunt haec, `benedictus dominus in caelo et in terra; magnum et mirabile nomen eius.' inhaeserant praecordiis meis verba tua, et undique circumvallabar abs te. de vita tua aeterna certus eram, quamvis eam in aenigmate et quasi per speculum videram; dubitatio tamen omnis de incorruptibili substantia, quod ab illa esset omnis substantia, ablata mihi erat, nec certior de te sed stabilior in te esse cupiebam. de mea vero temporali vita nutabant omnia et mundandum erat cor a fermento veteri. et placebat via ipse salvator, et ire per eius angustias adhuc pigebat. et immisisti in mentem meam visumque est bonum in conspectu meo pergere ad Simplicianum, qui mihi bonus apparebat servus tuus et lucebat in eo gratia tua. audieram etiam quod a iuventute sua devotissime tibi viveret; iam vero tunc senuerat et longa aetate in tam bono studio sectandae vitae tuae multa expertus, multa edoctus mihi videbatur: et vere sic erat. unde mihi ut proferret volebam conferenti secum aestus meos quis esset aptus modus sic affecto ut ego eram ad ambulandum in via tua.

## 8.1.2

videbam enim plenam ecclesiam, et alius sic ibat, alius autem sic, mihi autem displicebat quod agebam in saeculo et oneri mihi erat valde, non iam inflammantibus cupiditatibus, ut solebant, spe honoris et pecuniae ad tolerandam illam servitutem tam gravem. iam enim me

illa non delectabant prae dulcedine tua et decore domus tuae, quam dilexi, sed adhuc tenaciter conligabar ex femina, nec me prohibebat apostolus coniugari, quamvis exhortaretur ad melius, maxime volens omnes homines sic esse ut ipse erat. sed ego infirmior eligebam molliorem locum et propter hoc unum volvebar, in ceteris languidus et tabescens curis marcidis, quod et in aliis rebus quas nolebam pati congruere cogebar vitae coniugali, cui deditus obstringebar. audieram ex ore veritatis esse spadones qui se ipsos absciderunt propter regnum caelorum, sed `qui potest,' inquit, `capere, capiat.' vani sunt certe omnes homines quibus non inest dei scientia, nec de his quae videntur bona potuerunt invenire eum qui est. at ego iam non eram in illa vanitate. transcenderam eam et contestante universa creatura inveneram te creatorem nostrum et verbum tuum apud te deum tecumque unum deum, per quod creasti omnia. et est aliud genus impiorum, qui cognoscentes deum non sicut deum glorificaverunt aut gratias egerunt. in hoc quoque incideram, et dextera tua suscepit me et inde ablatum posuisti ubi convalescerem, quia dixisti homini, `ecce pietas est sapientia,' et, `noli velle videri sapiens, quoniam dicentes se esse sapientes stulti facti sunt.' et inveneram iam bonam margaritam, et venditis omnibus quae haberem emenda erat, et dubitabam.

### 8.2.3

perrexī ergo ad Simplicianum, patrem in accipienda gratia tunc episcopi Ambrosii et quem vere ut patrem diligebat. narraui ei circuitus erroris mei. ubi autem commemoravi legisse me quosdam libros platoniorum, quos Victorinus, quondam rhetor urbis Romae, quem christianum defunctum esse audieram, in latinam linguam transtulisset, gratulatus est mihi quod non in aliorum philosophorum scripta incidissem plena fallaciarum et deceptionum secundum elementa huius mundi, in istis autem omnibus modis insinuari deum et eius verbum. deinde, ut me exhortaretur ad humilitatem Christi sapientibus absconditam et revelatam parvulis, Victorinum ipsum recordatus est, quem Romae cum esset familiarissime noverat, deque illo mihi narravit quod non silebo. habet enim magnam laudem

gratiae tuae confitendam tibi, quemadmodum ille doctissimus senex et omnium liberalium doctrinarum peritissimus quique philosophorum tam multa legerat et diiudicaverat, doctor tot nobilium senatorum, qui etiam ob insigne praeclari magisterii, quod cives huius mundi eximium putant, statuam Romano foro meruerat et acceperat, usque ad illam aetatem venerator idolorum sacrorumque sacrilegorum particeps, quibus tunc tota fere Romana nobilitas inflata spirabat, †popiliosiam† et omnigenum deum monstra et Anubem latratorem, quae aliquando contra Neptunum et Venerem contraque Minervam tela tenuerant et a se victis iam Roma supplicabat, quae iste senex Victorinus tot annos ore terricrepto defensitaverat, non erubuerit esse puer Christi tui et infans fontis tui, subiecto collo ad humilitatis iugum et edomita fronte ad crucis opprobrium.

## 8.2.4

o domine, domine, qui inclinasti caelos et descendisti, tetigisti montes et fumigaverunt, quibus modis te insinuasti illi pectori? legebat, sicut ait Simplicianus, sanctam scripturam omnesque christianas litteras investigabat studiosissime et perscrutabatur, et dicebat Simpliciano, non palam sed secretius et familiarius, 'noveris me iam esse christianum.' et respondebat ille, 'non credam nec deputabo te inter christianos, nisi in ecclesia Christi videro.' ille autem inridebat dicens, 'ergo parietes faciunt christianos?' et hoc saepe dicebat, iam se esse christianum, et Simplicianus illud saepe respondebat, et saepe ab illo parietum inrisio repetebatur. amicos enim suos reverebatur offendere, superbos daemonicolas, quorum ex culmine Babylonicae dignitatis quasi ex cedris Libani, quas nondum contriverat dominus, graviter ruituras in se inimicitias arbitrabatur. sed posteaquam legendo et inhiando hausit firmitatem timuitque negari a Christo coram angelis sanctis, si eum timeret coram hominibus confiteri, reusque sibi magni criminis apparuit erubescendo de sacramentis humilitatis verbi tui et non erubescendo de sacris sacrilegis superbiorum daemoniorum, quae imitator superbus acceperat, depuduit vanitati et erubuit veritati subitoque et inopinatus ait Simpliciano, ut ipse narrabat, 'eamus in ecclesiam: christianus volo fieri.' at ille non se capiens laetitia perrexit

cum eo. ubi autem imbutus est primis instructionis sacramentis, non multo post etiam nomen dedit ut per baptismum regeneraretur, mirante Roma, gaudente ecclesia. superbi videbant et irascebantur, dentibus suis stridebant et tabescebant. servo autem tuo dominus deus erat spes eius, et non respiciebat in vanitates et insanias mendaces.

### 8.2.5

denique ut ventum est ad horam profitendae fidei, quae verbis certis conceptis retentisque memoriter de loco eminentiore in conspectu populi fidelis Romae reddi solet ab eis qui accessuri sunt ad gratiam tuam, oblatum esse dicebat Victorino a presbyteris ut secretius redderet, sicut nonnullis qui verecundia trepidaturi videbantur offerri mos erat; illum autem maluisse salutem suam in conspectu sanctae multitudinis profiteri. non enim erat salus quam docebat in rhetorica, et tamen eam publice professus erat. quanto minus ergo vereri debuit mansuetum gregem tuum pronuntians verbum tuum, qui non verebatur in verbis suis turbas insanorum? itaque ubi ascendit ut redderet, omnes sibimet invicem, quisque ut eum noverat, instrepuerunt nomen eius strepitu gratulationis (quis autem ibi non eum noverat?) et sonuit presso sonitu per ora cunctorum conlaetantium, 'Victorinus, Victorinus.' cito sonuerunt exultatione, quia videbant eum, et cito siluerunt intentione, ut audirent eum. pronuntiavit ille fidem veracem praeclara fiducia, et volebant eum omnes rapere intro in cor suum. et rapiebant amando et gaudento: hae rapientium manus erant.

### 8.3.6

deus bone, quid agitur in homine, ut plus gaudeat de salute desperatae animae et de maiore periculo liberatae quam si spes ei semper adfuisset aut periculum minus fuisset? etenim tu quoque, misericors pater, plus gaudes de uno paenitente quam de nonaginta novem iustis quibus non opus est paenitentia. et nos cum magna iucunditate audimus, cum audimus quam exultantibus pastoris umeris reportetur ovis quae erraverat, et drachma referatur in thesauros tuos

conlaetantibus vicinis mulieri quae invenit, et lacrimas excutit gaudium sollemnitatis domus tuae, cum legitur in domo tua de minore filio tuo quoniam 'mortuus erat et revixit, perierat et inventus est.' gaudes quippe in nobis et in angelis tuis sancta caritate sanctis. nam tu semper idem, qui ea quae non semper nec eodem modo sunt eodem modo semper nosti omnia.

### 8.3.7

quid ergo agitur in anima, cum amplius delectatur inventis aut redditis rebus quas diligit quam si eas semper habuisset? contestantur enim et cetera et plena sunt omnia testimoniis clamantibus, 'ita est.' triumphat victor imperator, et non vicisset nisi pugnavisset, et quanto maius periculum fuit in proelio, tanto est gaudium maius in triumpho. iactat tempestas navigantes minaturque naufragium: omnes futura morte pallescunt: tranquillatur caelum et mare, et exultant nimis, quoniam timuerunt nimis. aeger est carus et vena eius malum renuntiat: omnes qui eum salvum cupiunt aegrotant simul animo: fit ei recte et nondum ambulat pristinis viribus, et fit iam tale gaudium quale non fuit cum antea salvus et fortis ambulet. easque ipsas voluptates humanae vitae etiam non inopinatis et praeter voluntatem inruentibus, sed institutis et voluntariis molestiis homines adquirunt. edendi et bibendi voluptas nulla est, nisi praecedat esuriendi et sitiendi molestia. et ebriosi quaedam salsiuscula comedunt, quo fiat molestus ardor, quem dum exstinguit potatio, fit delectatio. et institutum est ut iam pactae sponsae non tradantur statim, ne vile habeat maritus datam quam non suspiraverit sponsus dilatam.

### 8.3.8

hoc in turpi et execranda laetitia, hoc in ea quae concessa et licita est, hoc in ipsa sincerissima honestate amicitiae, hoc in eo qui mortuus erat et revixit, perierat et inventus est: ubique maius gaudium molestia maiore praeceditur. quid est hoc, domine deus meus, cum tu aeternum tibi, tu ipse, sis gaudium, et quaedam de te circa te semper gaudeant? quid est quod haec rerum pars alternat defectu et

profectu, offensionibus et conciliationibus? an is est modus earum et tantum dedisti eis, cum a summis caelorum usque ad ima terrarum, ab initio usque in finem saeculorum, ab angelo usque ad vermiculum, a motu primo usque ad extremum, omnia genera bonorum et omnia iusta opera tua suis quaeque sedibus locares et suis quaeque temporibus ageres? ei mihi, quam excelsus es in excelsis et quam profundus in profundis! et nusquam recedis, et vix redimus ad te.

### 8.4.9

age, domine, fac, excita et revoca nos, accende et rape, flagra, dulcesce: amemus, curramus. nonne multi ex profundiore tartaro caecitatis quam Victorinus redeunt ad te et accedunt et inluminantur recipientes lumen? quod si qui recipiunt, accipiunt a te potestatem ut filii tui fiant. sed si minus noti sunt populis, minus de illis gaudent etiam qui noverunt eos. quando enim cum multis gaudetur, et in singulis uberius est gaudium, quia fervefaciunt se et inflammantur ex alterutro. deinde quod multis noti, multis sunt auctoritati ad salutem et multis praeaeunt secuturis, ideoque multum de illis et qui eos praecesserunt laetantur, quia non de solis laetantur. absit enim ut in tabernaculo tuo prae pauperibus accipiantur personae divitum aut prae ignobilibus nobiles, quando potius infirma mundi elegisti ut confunderes fortia, et ignobilia huius mundi elegisti et contemptibilia, et ea quae non sunt tamquam sint, ut ea quae sunt evacuares. et tamen idem ipse minimus apostolorum tuorum, per cuius linguam tua ista verba sonuisti, cum Paulus proconsul per eius militiam debellata superbia sub lene iugum Christi tui missus esset, regis magni provincialis effectus, ipse quoque ex priore Saulo Paulus vocari amavit ob tam magnae insigne victoriae. plus enim hostis vincitur in eo quem plus tenet et de quo plures tenet. plus autem superbos tenet nomine nobilitatis et de his plures nomine auctoritatis. quanto igitur gratius cogitabatur Victorini pectus, quod tamquam inexpugnabile receptaculum diabolus obtinuerat, Victorini lingua, quo telo grandi et acuto multos peremerat, abundantius exultare oportuit filios tuos, quia rex noster alligavit fortem, et videbant vasa eius erepta mundari et aptari in honorem tuum et fieri utilia domino ad omne opus bonum.

### 8.5.10

sed ubi mihi homo tuus Simplicianus de Victorino ista narravit, exarsi ad imitandum: ad hoc enim et ille narraverat. posteaquam vero et illud addidit, quod imperatoris Iuliani temporibus lege data prohibiti sunt christiani docere litteraturam et oratoriam. quam legem ille amplexus, loquacem scholam deserere maluit quam verbum tuum, quo linguas infantium facis disertas. non mihi fortior quam felicius visus est, quia invenit occasionem vacandi tibi, cui rei ego suspirabam, ligatus non ferro alieno sed mea ferrea voluntate. velle meum tenebat inimicus et inde mihi catenam fecerat et constrinxerat me. quippe ex voluntate perversa facta est libido, et dum servitur libidini, facta est consuetudo, et dum consuetudini non resistitur, facta est necessitas. quibus quasi ansulis sibimet innexis (unde catenam appellavi) tenebat me obstrictum dura servitus. voluntas autem nova quae mihi esse coeperat, ut te gratis colerem fruique te vellem, deus, sola certa iucunditas, nondum erat idonea ad superandam priorem vetustate roboratam. ita duae voluntates meae, una vetus, alia nova, illa carnalis, illa spiritalis, confligebant inter se atque discordando dissipabant animam meam.

### 8.5.11

sic intellegebam me ipso experimento id quod legeram, quomodo caro concupisceret adversus spiritum et spiritus adversus carnem, ego quidem in utroque, sed magis ego in eo quod in me approbavam quam in eo quod in me improbavam. ibi enim magis iam non ego, quia ex magna parte id patiebar invitus quam faciebam volens, sed tamen consuetudo adversus me pugnacior ex me facta erat, quoniam volens quo nollem perveneram. et quis iure contradiceret, cum peccantem iusta poena sequeretur? et non erat iam illa excusatio qua videri mihi solebam propterea me nondum contempto saeculo servire tibi, quia incerta mihi esset perceptio veritatis: iam enim et ipsa certa erat. ego autem adhuc terra obligatus militare tibi recusabam et impedimentis omnibus sic timebam expediri, quemadmodum impediri timendum est.



## 8.5.12

ita sarcina saeculi, velut somno adsolet, dulciter premebar, et cogitationes quibus meditabar in te similes erant conatibus expurgiscentium, qui tamen superati soporis altitudine remerguntur. et sicut nemo est qui dormire semper velit omniumque sano iudicio vigilare praestat, differt tamen plerumque homo somnum excutere cum gravis torpor in membris est, eumque iam displicentem carpit libentius quamvis surgendi tempus advenerit: ita certum habebam esse melius tuae caritati me dedere quam meae cupiditati cedere, sed illud placebat et vincebat, hoc libebat et vincebat. non enim erat quod tibi responderem dicenti mihi, 'surge qui dormis et exsurge a mortuis, et inluminabit te Christus,' et undique ostendenti vera te dicere, non erat omnino quid responderem veritate convictus, nisi tantum verba lenta et somnolenta: 'modo,' 'ecce modo,' 'sine paululum.' sed 'modo et modo' non habebat modum et 'sine paululum' in longum ibat. frustra condelectabar legi tuae secundum interiorem hominem, cum alia lex in membris meis repugnaret legi mentis meae et captivum me duceret in lege peccati quae in membris meis erat. lex enim peccati est violentia consuetudinis, qua trahitur et tenetur etiam invitus animus eo merito quo in eam volens inlabitur. miserum ergo me quis liberaret de corpore mortis huius nisi gratia tua per Iesum Christum, dominum nostrum?

## 8.6.13

et de vinculo quidem desiderii concubitus, quo artissimo tenebar, et saecularium negotiorum servitute quemadmodum me eximeris, narrabo et confitebor nomini tuo, domine, adiutor meus et redemptor meus. agebam solita, crescente anxietudine, et cotidie suspirabam tibi. frequentabam ecclesiam tuam, quantum vacabat ab eis negotiis sub quorum pondere gemebam. mecum erat Alypius otiosus ab opere iuris peritorum post adsessionem tertiam, expectans quibus iterum consilia venderet, sicut ego vendebam dicendi facultatem, si qua docendo praestari potest. Nebridius autem amicitiae nostrae cesserat, ut omnium nostrum familiarissimo Verecundo, Mediolanensi

et civi et grammatico, subdoceret, vehementer desideranti et familiaritatis iure flagitanti de numero nostro fidele adiutorium, quo indigebat nimis. non itaque Nebridium cupiditas commodorum eo traxit (maiora enim posset, si vellet, de litteris agere) sed officio benivolentiae petitionem nostram contemnere noluit, amicus dulcissimus et mitissimus. agebat autem illud prudentissime cavens innotescere personis secundum hoc saeculum maioribus, devitans in eis omnem inquietudinem animi, quem volebat habere liberum et quam multis posset horis feriatum ad quaerendum aliquid vel legendum vel audiendum de sapientia.

### 8.6.14

quodam igitur die (non recolo causam qua erat absens Nebridius) cum ecce ad nos domum venit ad me et Alypium Ponticianus quidam, civis noster in quantum Afer, praeclare in palatio militans: nescio quid a nobis volebat. et consedimus ut conloqueremur. et forte supra mensam lusoriam quae ante nos erat attendit codicem. tulit, aperuit, invenit apostolum Paulum, inopinate sane: putaverat enim aliquid de libris quorum professio me conterebat. tum vero arridens meque intuens gratulatorie miratus est, quod eas et solas prae oculis meis litteras repente comperisset. christianus quippe et fidelis erat, et saepe tibi, deo nostro, prosternebatur in ecclesia crebris et diuturnis orationibus. cui ego cum indicassem illis me scripturis curam maximam impendere, ortus est sermo ipso narrante de Antonio Aegyptio monacho, cuius nomen excellenter clarebat apud servos tuos, nos autem usque in illam horam latebat. quod ille ubi comperit, immoratus est in eo sermone, insinuans tantum virum ignorantibus et admirans eandem nostram ignorantiam. stupebamus autem audientes tam recenti memoria et prope nostris temporibus testatissima mirabilia tua in fide recta et catholica ecclesia. omnes mirabamur, et nos, quia tam magna erant, et ille, quia inaudita nobis erant.

### 8.6.15

inde sermo eius devolutus est ad monasteriorum greges et mores

suaveolentiae tuae et ubera deserta heremi, quorum nos nihil sciebamus. et erat monasterium Mediolanii plenum bonis fratribus extra urbis moenia sub Ambrosio nutritore, et non noveramus. pertendebat ille et loquebatur adhuc, et nos intenti tacebamus. unde incidit ut diceret nescio quando se et tres alios contubernales suos, nimirum apud Treveros, cum imperator promeridiano circensium spectaculo teneretur, exisse deambulatum in hortos muris contiguos atque illic, ut forte combinati spatiabantur, unum secum seorsum et alios duos itidem seorsum pariterque digressos; sed illos vagabundos inruisse in quandam casam ubi habitabant quidam servi tui spiritu pauperes, qualium est regnum caelorum, et invenisse ibi codicem in quo scripta erat vita Antonii. quam legere coepit unus eorum et mirari et accendi, et inter legendum meditari arripere talem vitam et relictam militia saeculari servire tibi. erant autem ex eis quos dicunt agentes in rebus. tum subito repletus amore sancto et sobrio pudore, iratus sibi, coniecit oculos in amicum et ait illi, 'dic, quaeso te, omnibus istis laboribus nostris quo ambimus pervenire? quid quaerimus? cuius rei causa militamus? maiorne esse poterit spes nostra in palatio quam ut amici imperatoris simus? et ibi quid non fragile plenumque periculis? et per quot pericula pervenitur ad grandius periculum? et quando istuc erit? amicus autem dei, si voluero, ecce nunc fio.' dixit hoc et turbidus parturitione novae vitae reddidit oculos paginis. et legebat et mutabatur intus, ubi tu videbas, et exuebatur mundo mens eius, ut mox apparuit. namque dum legit et volvit fluctus cordis sui, infremuit aliquando et discrevit decrevitque meliora, iamque tuus ait amico suo, 'ego iam abrui me ab illa spe nostra et deo servire statui, et hoc ex hac hora, in hoc loco aggredior. te si piget imitari, noli adversari.' respondit ille adhaerere se socium tantae mercedis tantaeque militiae. et ambo iam tui aedificabant turrem sumptu idoneo relinquendi omnia sua et sequendi te. tunc Ponticianus et qui cum eo per alias horti partes deambulabat, quaerentes eos, devenerunt in eundem locum et invenientes admonuerunt ut redirent, quod iam declinasset dies. at illi, narrato placito et proposito suo quoque modo in eis talis voluntas orta esset atque firmata, petiverunt ne sibi molesti essent si adiungi recusarent. isti autem nihilo mutati a pristinis fleverunt se tamen, ut dicebat, atque illis pie congratulati sunt, et

commendaverunt se orationibus eorum et trahentes cor in terra abierunt in palatium, illi autem affigentes cor caelo manserunt in casa. et habebant ambo sponas quae, posteaquam hoc audierunt, dicaverunt etiam ipsae virginitatem tibi.

## 8.7.16

narrabat haec Ponticianus. tu autem, domine, inter verba eius retorquebas me ad me ipsum, auferens me a dorso meo, ubi me posueram dum nollem me attendere, et constituebas me ante faciem meam, ut viderem quam turpis essem, quam distortus et sordidus, maculosus et ulcerosus. et videbam et horrebam, et quo a me fugerem non erat. sed si conabar avertere a me aspectum, narrabat ille quod narrabat, et tu me rursus opponebas mihi et impingebas me in oculos meos, ut invenirem iniquitatem meam et odissem. noveram eam, sed dissimulabam et cohibebam et obliviscebar.

## 8.7.17

tunc vero quanto ardentius amabam illos de quibus audiebam salubres affectus, quod se totos tibi sanandos dederunt, tanto execrabilius me comparatum eis oderam, quoniam multi mei anni mecum effluxerant (forte duodecim anni) ex quo ab undevicensimo anno aetatis meae, lecto Ciceronis Hortensio, excitatus eram studio sapientiae et differebam contempta felicitate terrena ad eam investigandam vacare, cuius non inventio sed vel sola inquisitio iam praeponenda erat etiam inventis thesauris regnisque gentium et ad nutum circumfluentibus corporis voluptatibus. at ego adulescens miser valde, miser in exordio ipsius adulescentiae, etiam petieram a te castitatem et dixeram, 'da mihi castitatem et continentiam, sed noli modo.' timebam enim ne me cito exaudires et cito sanares a morbo concupiscentiae, quem malebam expleri quam exstingui. et ieram per vias pravas superstitione sacrilega, non quidem certus in ea sed quasi praeponens eam ceteris, quae non pie quaerebam sed inimice oppugnabam.

## 8.7.18

et putaveram me propterea differre de die in diem contempta spe saeculi te solum sequi, quia non mihi apparebat certum aliquid quo dirigerem cursum meum. et venerat dies quo nudarer mihi et increparet in me conscientia mea: `ubi est lingua? nempe tu dicebas propter incertum verum nolle te abicere sarcinam vanitatis. ecce iam certum est, et illa te adhuc premit, umerisque liberioribus pinnas recipiunt qui neque ita in quaerendo attriti sunt nec decennio et amplius ista meditati.' ita rodebar intus et confundebar pudore horribili vehementer, cum Ponticianus talia loqueretur. terminato autem sermone et causa qua venerat, abiit ille, et ego ad me. quae non in me dixi? quibus sententiarum verberibus non flagellavi animam meam, ut sequeretur me conantem post te ire? et renitebatur, recusabat, et non se excusabat. consumpta erant et convicta argumenta omnia. remanserat muta trepidatio et quasi mortem reformidabat restringi a fluxu consuetudinis, quo tabescebat in mortem.

## 8.8.19

tum in illa grandi rixa interioris domus meae, quam fortiter excitaveram cum anima mea in cubiculo nostro, corde meo, tam vultu quam mente turbatus invado Alypium: exclamo, `quid patimur? quid est hoc? quid audisti? surgunt indocti et caelum rapiunt, et nos cum doctrinis nostris sine corde, ecce ubi volutamur in carne et sanguine! an quia praecesserunt, pudet sequi et non pudet nec saltem sequi?' dixi nescio qua talia, et abripuit me ab illo aestus meus, cum taceret attonitus me intuens. neque enim solita sonabam. plus loquebantur animum meum frons, genae, oculi, color, modus vocis quam verba quae promebam. hortulus quidam erat hospitii nostri, quo nos utebamur sicut tota domo: nam hospes ibi non habitabat, dominus domus. illuc me abstulerat tumultus pectoris, ubi nemo impediret ardentem litem quam mecum aggressus eram, donec exiret -- qua tu sciebas, ego autem non: sed tantum insaniebam salubriter et moriebar vitaliter, gnarus quid mali essem et ignarus quid boni post paululum futurus essem. abscessi ergo in hortum, et Alypius pedem

post pedem. neque enim secretum meum non erat, ubi ille aderat. aut quando me sic affectum desereret? sedimus quantum potuimus remoti ab aedibus. ego fremebam spiritu, indignans indignatione turbulentissima quod non irem in placitum et pactum tecum, deus meus, in quod eundum esse omnia ossa mea clamabant et in caelum tollebant laudibus. et non illuc ibatur navibus aut quadrigis aut pedibus, quantum saltem de domo in eum locum ieram ubi sedebamus. nam non solum ire verum etiam pervenire illuc nihil erat aliud quam velle ire, sed velle fortiter et integre, non semisauciam hac atque hac versare et iactare voluntatem parte adsurgente cum alia parte cadente luctantem.

### 8.8.20

denique tam multa faciebam corpore in ipsis cunctationis aestibus, quae aliquando volunt homines et non valent, si aut ipsa membra non habeant aut ea vel conligata vinculis vel resoluta languore vel quoquo modo impedita sint. si vulsi capillum, si percussi frontem, si consertis digitis amplexatus sum genu, quia volui, feci. potui autem velle et non facere, si mobilitas membrorum non obsequeretur. tam multa ergo feci, ubi non hoc erat velle quod posse: et non faciebam quod et incomparabili affectu amplius mihi placebat, et mox ut vellem possem, quia mox ut vellem, utique vellem. ibi enim facultas ea, quae voluntas, et ipsum velle iam facere erat; et tamen non fiebat, faciliusque obtemperabat corpus tenuissimae voluntati animae, ut ad nutum membra moverentur, quam ipsa sibi anima ad voluntatem suam magnam in sola voluntate perficiendam.

### 8.9.21

unde hoc monstrum? et quare istuc? luceat misericordia tua, et interrogem, si forte mihi respondere possint latebrae poenarum hominum et tenebrosissimae contritiones filiorum Adam. unde hoc monstrum? et quare istuc? imperat animus corpori, et paretur statim; imperat animus sibi, et resistitur. imperat animus ut moveatur manus, et tanta est facilitas ut vix a servitio discernatur imperium: et animus

animus est, manus autem corpus est. imperat animus ut velit animus, nec alter est nec facit tamen. unde hoc monstrum? et quare istuc, inquam, ut velit qui non imperaret nisi vellet, et non facit quod imperat? sed non ex toto vult: non ergo ex toto imperat. nam in tantum imperat, in quantum vult, et in tantum non fit quod imperat, in quantum non vult, quoniam voluntas imperat ut sit voluntas, nec alia, sed ipsa. non itaque plena imperat; ideo non est quod imperat. nam si plena esset, nec imperaret ut esset, quia iam esset. non igitur monstrum partim velle, partim nolle, sed aegritudo animi est, quia non totus adsurgit veritate consuetudine praegravatus. et ideo sunt duae voluntates, quia una earum tota non est et hoc adest alteri quod deest alteri.

## 8.10.22

pereant a facie tua, deus, sicuti pereunt, vaniloqui et mentis seductores qui, cum duas voluntates in deliberando animadverterint, duas naturas duarum mentium esse adseverant, unam bonam, alteram malam. ipsi vere mali sunt, cum ista mala sentiunt, et idem ipsi boni erunt, si vera senserint verisque consenserint, ut dicat eis apostolus tuus, 'fuistis aliquando tenebrae, nunc autem lux in domino.' illi enim dum volunt esse lux, non in domino sed in se ipsis, putando animae naturam hoc esse quod deus est, ita facti sunt densiores tenebrae, quoniam longius a te recesserunt horrenda arrogantia, a te vero lumine inluminante omnem hominem venientem in hunc mundum. attendite quid dicatis, et erubescite et accedite ad eum et inluminamini, et vultus vestri non erubescant. ego cum deliberabam ut iam servirem domino deo meo, sicut diu disposueram, ego eram qui volebam, ego qui nolebam: ego eram. nec plene volebam nec plene nolebam. ideo mecum contendebam et dissipabar a me ipso, et ipsa dissipatio me invito quidem fiebat, nec tamen ostendebat naturam mentis alienae sed poenam meae. et ideo non iam ego operabar illam, sed quod habitabat in me peccatum de supplicio liberioris peccati, quia eram filius Adam.

### 8.10.23

nam si tot sunt contrariae naturae quot voluntates sibi resistunt, non iam duae sed plures erunt. si deliberet quisquam utrum ad conventiculum eorum pergat an ad theatrum, clamant isti, 'ecce duae naturae, una bona hac ducit, altera mala illac reducit, nam unde ista cunctatio sibimet adversantium voluntatum?' ego autem dico ambas malas, et quae ad illos ducit et quae ad theatrum reducit. sed non credunt nisi bonam esse qua itur ad eos. quid si ergo quisquam noster deliberet et secum altercantibus duabus voluntatibus fluctuet, utrum ad theatrum pergat an ad ecclesiam nostram, nonne et isti quid respondeant fluctuabunt? aut enim fatebuntur quod nolunt, bona voluntate pergi in ecclesiam nostram, sicut in eam pergunt qui sacramentis eius imbuti sunt atque detinentur, aut duas malas naturas et duas malas mentes in uno homine conflare putabunt, et non erit verum quod solent dicere, unam bonam, alteram malam, aut convertentur ad verum et non negabunt, cum quisque deliberat, animam unam diversis voluntatibus aestuare.

### 8.10.24

iam ergo non dicant, cum duas voluntates in homine uno adversari sibi sentiunt, duas contrarias mentes de duabus contrariis substantiis et de duobus contrariis principiis contendere, unam bonam, alteram malam. nam tu, deus verax, improbas eos et redarguis atque convincis eos, sicut in utraque mala voluntate, cum quisque deliberat utrum hominem veneno interimat an ferro, utrum fundum alienum illum an illum invadat, quando utrumque non potest, utrum emat voluptatem luxuria an pecuniam servet avaritia, utrum ad circum pergat an ad theatrum, si uno die utrumque exhibeatur; addo etiam tertium, an ad furtum de domo aliena, si subest occasio; addo et quartum, an ad committendum adulterium, si et inde simul facultas aperitur; si omnia concurrant in unum articulum temporis pariterque cupiantur omnia quae simul agi nequeunt, discernunt enim animum sibimet adversantibus quattuor voluntatibus vel etiam pluribus in tanta copia rerum quae appetuntur, nec tamen tantam multitudinem diversarum



substantiarum solent dicere. ita et in bonis voluntatibus. nam quaero ab eis utrum bonum sit delectari lectione apostoli et utrum bonum sit delectari psalmo sobrio et utrum bonum sit evangelium disserere. respondebunt ad singula: 'bonum.' quid si ergo pariter delectent omnia simulque uno tempore, nonne diversae voluntates distendunt cor hominis, dum deliberatur quid potissimum arripiamus? et omnes bonae sunt et certant secum, donec eligatur unum quo feratur tota voluntas una, quae in plures dividebatur. ita etiam cum aeternitas delectat superius et temporalis boni voluptas retentat inferius, eadem anima est non tota voluntate illud aut hoc volens et ideo discerpitur gravi molestia, dum illud veritate praeponit, hoc familiaritate non ponit.

### 8.11.25

sic aegrotabam et excruciabar, accusans memet ipsum solito acerbius nimis ac volvens et versans me in vinculo meo, donec abrumperetur totum, quo iam exiguo tenebar, sed tenebar tamen. et instabas tu in occultis meis, domine, severa misericordia, flagella ingeminans timoris et pudoris, ne rursus cessarem et non abrumperetur idipsum exiguum et tenue quod remanserat, et revaleresceret iterum et me robustius alligaret. dicebam enim apud me intus, 'ecce modo fiat, modo fiat,' et cum verbo iam ibam in placitum. iam paene faciebam et non faciebam, nec relabebam tamen in pristina sed de proximo stabam et respirabam. et item conabar, et paulo minus ibi eram et paulo minus, iam iamque attingebam et tenebam. et non ibi eram nec attingebam nec tenebam, haesitans mori morti et vitae vivere, plusque in me valebat deterius inolitum quam melius insolitum, punctumque ipsum temporis quo aliud futurus eram, quanto propius admovebatur, tanto ampliorem incutiebat horrorem. sed non recutiebat retro nec avertebat, sed suspendebat.

### 8.11.26

retinebant nugae nugarum et vanitates vanitantium, antiquae amicae meae, et succutiebant vestem meam carneam et submurmurabant, 'dimittisne nos?' et 'a momento isto non erimus tecum ultra in

aeternum' et `a momento isto non tibi licebit hoc et illud ultra in aeternum.' et quae suggerebant in eo quod dixi `hoc et illud,' quae suggerebant, deus meus, avertat ab anima servi tui misericordia tua! quas sordes suggerebant, quae dedecora! et audiebam eas iam longe minus quam dimidius, non tamquam libere contradicentes eundo in obviam, sed velut a dorso mussitantes et discedentem quasi furtim vellicantes, ut respicerem. tardabant tamen cunctantem me abripere atque excutere ab eis et transilire quo vocabar, cum diceret mihi consuetudo violenta, `putasne sine istis poteris?'

## 8.11.27

sed iam tepidissime hoc dicebat. aperiebatur enim ab ea parte qua intenderam faciem et quo transire trepidabam casta dignitas continentiae, serena et non dissolute hilaris, honeste blandiens ut venirem neque dubitarem, et extendens ad me suscipiendum et amplectendum pias manus plenas gregibus bonorum exemplorum. ibi tot pueri et puellae, ibi iuventus multa et omnis aetas, et graves viduae et virgines anus, et in omnibus ipsa continentia nequaquam sterilis, sed fecunda mater filiorum gaudiorum de marito te, domine. et inridebat me inrisione hortatoria, quasi diceret, `tu non poteris quod isti, quod istae? an vero isti et istae in se ipsis possunt ac non in domino deo suo? dominus deus eorum me dedit eis. quid in te stas et non stas? proice te in eum! noli metuere. non se subtrahet ut cadas: proice te securus! excipiet et sanabit te.' et erubescebam nimis, quia illarum nugarum murmura adhuc audiebam, et cunctabundus pendebam. et rursus illa, quasi diceret, `obsurdesce adversus immunda illa membra tua super terram, ut mortificentur. narrant tibi delectationes, sed non sicut lex domini dei tui.' ista controversia in corde meo non nisi de me ipso adversus me ipsum. at Alypius affixus lateri meo inusitati motus mei exitum tacitus opperiebatur.

## 8.12.28

ubi vero a fundo arcano alta consideratio traxit et congeffit totam miseriam meam in conspectu cordis mei, oborta est procella ingens

ferens ingentem imbrem lacrimarum. et ut totum effunderem cum vocibus suis, surrexi ab Alypio (solitudo mihi ad negotium flendi aptior suggerebatur) et secessi remotius quam ut posset mihi onerosa esse etiam eius praesentia. sic tunc eram, et ille sensit: nescio quid enim, puto, dixeram in quo apparebat sonus vocis meae iam fletu gravidus, et sic surrexeram. mansit ergo ille ubi sedebamus nimie stupens. ego sub quadam fici arbore stravi me nescio quomodo, et dimisi habenas lacrimis, et proruperunt flumina oculorum meorum, acceptabile sacrificium tuum, et non quidem his verbis, sed in hac sententia multa dixi tibi: 'et tu, domine, usquequo? usquequo, domine, irasceris in finem? ne memor fueris iniquitatumstrarum antiquarum.' sentiebam enim eis me teneri. iactabam voces miserales: 'quamdiu, quamdiu, ``cras et cras"? quare non modo? quare non hac hora finis turpitudinis meae?'

## 8.12.29

dicebam haec et flebam amarissima contritione cordis mei. et ecce audio vocem de vicina domo cum cantu dicentis et crebro repetentis, quasi pueri an puellae, nescio: 'tolle lege, tolle lege.' statimque mutato vultu intentissimus cogitare coepi utrumnam solerent pueri in aliquo genere ludendi cantitare tale aliquid. nec occurrebat omnino audisse me uspiam, repressoque impetu lacrimarum surrexi, nihil aliud interpretans divinitus mihi iuberi nisi ut aperirem codicem et legerem quod primum caput invenissem. audieram enim de Antonio quod ex evangelica lectione cui forte supervenerat admonitus fuerit, tamquam sibi diceretur quod legebatur: 'vade, vende omnia quae habes, et da pauperibus et habebis thesaurum in caelis; et veni, sequere me,' et tali oraculo confestim ad te esse conversum. itaque concitus redii in eum locum ubi sedebat Alypius: ibi enim posueram codicem apostoli cum inde surrexeram. arripui, aperui, et legi in silentio capitulum quo primum coniecti sunt oculi mei: 'non in comessionibus et ebrietatibus, non in cubilibus et impudiciis, non in contentione et aemulatione, sed induite dominum Iesum Christum et carnis providentiam ne feceritis in concupiscentiis.' nec ultra volui legere nec opus erat. statim quippe cum fine huiusce sententiae quasi luce

securitatis infusa cordi meo omnes dubitationis tenebrae diffugerunt.

## 8.12.30

tum interiecto aut digito aut nescio quo alio signo codicem clausi et tranquillo iam vultu indicavi Aypio. at ille quid in se ageretur (quod ego nesciebam) sic indicavit. petit videre quid legissem. ostendi, et attendit etiam ultra quam ego legeram. et ignorabam quid sequeretur. sequebatur vero: 'infirmum autem in fide recipite.' quod ille ad se rettulit mihiq̄ aperuit. sed tali admonitione firmatus est placitoque ac proposito bono et congruentissimo suis moribus, quibus a me in melius iam olim valde longeque distabat, sine ulla turbulenta cunctatione coniunctus est. inde ad matrem ingredimur, indicamus: gaudet. narramus quemadmodum gestum sit: exultat et triumphat et benedicebat tibi, qui potens es ultra quam petimus et intellegimus facere, quia tanto amplius sibi a te concessum de me videbat quam petere solebat miserabilibus flebilibusque gemitibus. convertisti enim me ad te, ut nec uxorem quaererem nec aliquam spem saeculi huius, stans in ea regula fidei in qua me ante tot annos ei revelaveras, et convertisti luctum eius in gaudium multo uberius quam voluerat, et multo carius atque castius quam de nepotibus carnis meae requirebat.

# Liber nonus

## 9.1.1

o domine, ego servus tuus, ego servus tuus et filius ancillae tuae: dirupisti vincula mea, tibi sacrificabo hostiam laudis. laudet te cor meum et lingua mea, et omnia ossa mea dicant, `domine, quis similis tibi?' dicant, et responde mihi et dic animae meae, `salus tua ego sum.' quis ego et qualis ego? quid non mali aut facta mea aut, si non facta, dicta mea aut, si non dicta, voluntas mea fuit? tu autem, domine, bonus et misericors, et dextera tua respiciens profunditatem mortis meae et a fundo cordis mei exhauriens abyssum corruptionis. et hoc erat totum, nolle quod volebam et velle quod volebas. sed ubi erat tam annoso tempore et de quo imo altoque secreto evocatum est in momento liberum arbitrium meum, quo subderem cervicem leni iugo tuo et umeros levi sarcinae tuae, Christe Iesu, adiutor meus et redemptor meus? quam suave mihi subito factum est carere suavitatibus nugarum, et quas amittere metus fuerat iam dimittere gaudium erat. eiciebas enim eas a me, vera tu et summa suavitas, eiciebas et intrabas pro eis omni voluptate dulcior, sed non carni et sanguini, omni luce clarior, sed omni secreto interior, omni honore sublimior, sed non sublimibus in se. iam liber erat animus meus a curis mordacibus ambiendi et acquirendi et volutandi atque scalpendi scabiem libidinum, et garriebam tibi, claritati meae et divitiis meis et saluti meae, domino deo meo.

## 9.2.2

et placuit mihi in conspectu tuo non tumultuose abripere sed leniter subtrahere ministerium linguae meae nundinis loquacitatis, ne ulterius pueri meditantes non legem tuam, non pacem tuam, sed insanias mendaces et bella forensia, mercarentur ex ore meo arma furori suo.

et opportune iam paucissimi dies supererant ad vindemiales ferias, et statui tolerare illos, ut sollemniter abscederem et redemptus a te iam non redirem venalis. consilium ergo nostrum erat coram te, coram hominibus autem nisi nostris non erat. et convenerat inter nos ne passim cuiquam effunderetur, quamquam tu nobis a convalle plorationis ascendentibus et cantantibus canticum graduum dederas sagittas acutas et carbones vastatores adversus linguam subdola, velut consulendo contradicentem et, sicut cibum adsolet, amando consumentem.

### 9.2.3

sagittaveras tu cor nostrum caritate tua et gestabamus verba tua transfixa visceribus. et exempla servorum tuorum, quos de nigris lucidos et de mortuis vivos feceras, congesta in sinum cogitationis nostrae urebant et absumeabant gravem torporem, ne in ima vergeremus, et accendebant nos valide, ut omnis ex lingua subdola contradictionis flatus inflammare nos acrius posset, non extinguere. verum tamen quia propter nomen tuum, quod sanctificasti per terras, etiam laudatores utique haberet votum et propositum nostrum, iactantiae simile videbatur non opperiri tam proximum feriarum tempus, sed de publica professione atque ante oculos omnium sita ante discedere, ut conversa in factum meum ora cunctorum, intuentium quam vicinum vindemialium diem praevenire voluerim, multa dicerent, quod quasi appetissem magnus videri. et quo mihi erat istuc, ut putaretur et disputaretur de animo meo et blasphemaretur bonum nostrum?

### 9.2.4

quin etiam quod ipsa aestate litterario labori nimio pulmo meus cedere coeperat et difficulter trahere suspiria doloribusque pectoris testari se saucium vocemque clariorem productionemve recusare, primo perturbaverat me quia magisterii illius sarcinam paene iam necessitate deponere cogebat aut, si curari et convalescere potuissem, certe intermittere. sed ubi plena voluntas vacandi et

videndi quoniam tu es dominus oborta mihi est atque firmata (nosti, deus meus), etiam gaudere coepi quod haec quoque suberat non mendax excusatio, quae offensionem hominum temperaret, qui propter liberos suos me liberum esse numquam volebant. plenus igitur tali gaudio tolerabam illud intervallum temporis donec decurreret (nescio utrum vel viginti dies erant), sed tamen fortiter tolerabantur quia recesserat cupiditas, quae mecum solebat ferre grave negotium, et ego premendus remanseram nisi patientia succederet. peccasse me in hoc quisquam servorum tuorum, fratrum meorum, dixerit, quod iam pleno corde militia tua passus me fuerim vel una hora sedere in cathedra mendacii, at ego non contendo. sed tu, domine misericordissime, nonne et hoc peccatum cum ceteris horrendis et funereis in aqua sancta ignovisti et remisisti mihi?

### 9.3.5

macerabatur anxitudine Verecundus de isto nostro bono, quod propter vincula sua, quibus tenacissime tenebatur, deserere se nostro consortio videbat. nondum christianus, coniuge fideli, ea ipsa tamen artiore prae ceteris compede ab itinere quod aggressi eramus retardabatur, nec christianum esse alio modo se velle dicebat quam illo quo non poterat. benigne sane obtulit ut, quamdiu ibi essemus, in re eius essemus. retribuere illi, domine, in resurrectione iustorum, quia iam ipsam sortem retribuisti ei. quamvis enim absentibus nobis, cum Romae iam essemus, corporali aegritudine correptus et in ea christianus et fidelis factus ex hac vita emigravit. ita misertus es non solum eius sed etiam nostri, ne cogitantes egregiam erga nos amici humanitatem nec eum in grege tuo numerantes dolore intolerabili cruciaremur. gratias tibi, deus noster! tui sumus. indicant hortationes et consolationes tuae: fidelis promissor reddis Verecundo pro rure illo eius Cassiciaco, ubi ab aestu saeculi requievimus in te, amoenitatem sempiternae virentis paradisi tui, quoniam dimisisti ei peccata super terram in monte incaseato, monte tuo, monte uberi.

### 9.3.6

angebatur ergo tunc ipse, Nebridius autem conlaetabatur. quamvis enim et ipse nondum christianus in illam foveam perniciosissimi erroris inciderat ut veritatis filii tui carnem phantasma crederet, tamen inde emergens sic sibi erat, nondum imbutus ullis ecclesiae tuae sacramentis, sed inquisitor ardentissimus veritatis. quem non multo post conversionem nostram et regenerationem per baptismum tuum ipsum etiam fidelem catholicum, castitate perfecta atque continentia tibi servientem in Africa apud suos, cum tota domus eius per eum christiana facta esset, carne solvisti. et nunc ille vivit in sinu Abraham. quidquid illud est quod illo significatur sinu, ibi Nebridius meus vivit, dulcis amicus meus, tuus autem, domine, adoptivus ex liberto filius: ibi vivit. nam quis alius tali animae locus? ibi vivit unde me multa interrogabat homuncionem inexpertum. iam non ponit aurem ad os meum sed spiritale os ad fontem tuum, et bibit quantum potest sapientiam pro aviditate sua sine fine felix. nec eum sic arbitror inebriari ex ea ut obliviscatur mei, cum tu, domine, quem potat ille, nostri sis memor. sic ergo eramus, Verecundum consolantes tristem salva amicitia de tali conversione nostra et exhortantes ad fidem gradus sui, vitae scilicet coniugalis, Nebridium autem opperientes, quando sequeretur, quod de tam proximo poterat. et erat iam iamque facturus, cum ecce evoluti sunt dies illi tandem. nam longi et multi videbantur prae amore libertatis otiosae ad cantandum de medullis omnibus. tibi dixit cor meum, `quaesivi vultum tuum; vultum tuum, domine, requiram.'

### 9.4.7

et venit dies quo etiam actu solverer a professione rhetorica, unde iam cogitatu solutus eram, et factum est. eruisti linguam meam unde iam erueras cor meum, et benedicebam tibi gaudens, profectus in villam cum meis omnibus. ibi quid egerim in litteris iam quidem servientibus tibi, sed adhuc superbiae scholam tamquam in pausatione anhelantibus, testantur libri disputati cum praesentibus et cum ipso me solo coram te; quae autem cum absente Nebridio, testantur epistulae. et quando mihi sufficiat tempus commemorandi omnia magna erga nos beneficia tua in illo tempore, praesertim ad



alia maiora properanti? revocat enim me recordatio mea, et dulce mihi fit, domine, confiteri tibi quibus internis me stimulis perdomueris, et quemadmodum me complanaveris humilitatis montibus et collibus cogitationum mearum et tortuosa mea direxeris et aspera lenieris, quoque modo ipsum etiam Alypium, fratrem cordis mei, subegeris nomini unigeniti tui, domini et salvatoris nostri Iesu Christi, quod primo dedignabatur inseri litteris nostris. magis enim eas volebat redolere gymnasiorum cedros, quas iam contrivit dominus, quam salubres herbas ecclesiasticas adversas serpentibus.

#### 9.4.8

quas tibi, deus meus, voces dedi, cum legerem psalmos David, cantica fidelia, sonos pietatis excludentes turgidum spiritum, rudis in germano amore tuo, catechumenus in villa cum catechumeno Alypio feriat, matre adhaerente nobis muliebri habitu, virili fide, anili securitate, materna caritate, christiana pietate! quas tibi voces dabam in psalmis illis, et quomodo in te inflammabar ex eis et accendebar eos recitare, si possem, toto orbi terrarum adversus typhum generis humani! et tamen toto orbe cantantur, et non est qui se abscondat a calore tuo. quam vehementi et acri dolore indignabar manichaeis et miserabar eos rursus, quod illa sacramenta, illa medicamenta nescirent et insani essent adversus antidotum quo sani esse potuissent! vellem ut alicubi iuxta essent tunc et, me nesciente quod ibi essent, intuerentur faciem meam et audirent voces meas quando legi quartum psalmum in illo tunc otio. quid de me fecerit ille psalmus ('cum invocarem, exaudivit me deus iustitiae meae; in tribulatione dilatasti mihi. miserere mei, domine, et exaudi orationem meam') audirent ignorante me utrum audirent, ne me propter se illa dicere putarent quae inter haec verba dixerim, quia et re vera nec ea dicerem nec sic ea dicerem, si me ab eis audiri viderique sentirem, nec, si dicerem, sic acciperent quomodo mecum et mihi coram te de familiari affectu animi mei.

#### 9.4.9

inhorrui timendo ibidemque inferbui sperando et exultando in tua misericordia, pater. et haec omnia exhibant per oculos et vocem meam, cum conversus ad nos spiritus tuus bonus ait nobis, 'filii hominum, quousque graves corde? ut quid diligitis vanitatem et quaeritis mendacium?' dilexeram enim vanitatem et quaesieram mendacium, et tu, domine, iam magnificaveras sanctum tuum, suscitans eum a mortuis et conlocans ad dexteram tuam, unde mitteret ex alto promissionem suam, paracletum, spiritum veritatis. et miserat eum iam, sed ego nesciebam. miserat eum, quia iam magnificatus erat resurgens a mortuis et ascendens in caelum. ante autem spiritus nondum erat datus, quia Iesus nondum erat clarificatus. et clamat prophetia, 'quousque graves corde? ut quid diligitis vanitatem et quaeritis mendacium? et scitote quoniam dominus magnificavit sanctum suum.' clamat 'quousque', clamat 'scitote', et ego tamdiu nesciens vanitatem dilexi et mendacium quaesivi, et ideo audiui et contremui, quoniam talibus dicitur qualem me fuisse reminiscebar. in phantasmatis enim quae pro veritate tenueram vanitas erat et mendacium. et insonui multa graviter ac fortiter in dolore recordationis meae. quae utinam audissent qui adhuc usque diligunt vanitatem et quaerunt mendacium: forte conturbarentur et evomuissent illud, et exaudires eos cum clamarent ad te, quoniam vera morte carnis mortuus est pro nobis qui te interpellat pro nobis.

## 9.4.10

legebam, 'irascimini et nolite peccare,' et quomodo movebar, deus meus, qui iam didiceram irasci mihi de praeteritis, ut de cetero non peccarem, et merito irasci, quia non alia natura gentis tenebrarum de me peccabat, sicut dicunt qui sibi non irascuntur et thesaurizant sibi iram in die irae et revelationis iusti iudicii tui! nec iam bona mea foris erant nec oculis carneis in isto sole quaerebantur. volentes enim gaudere forinsecus facile vanescunt et effunduntur in ea quae videntur et temporalia sunt, et imagines eorum famelica cogitatione lambiunt. et o si fatigentur inedia et dicant, 'quis ostendet nobis bona?' et dicamus, et audiant, 'signatum est in nobis lumen vultus tui, domine.' non enim lumen nos sumus quod inluminat omnem hominem, sed

inluminamur a te ut, qui fuimus aliquando tenebrae, simus lux in te. o si viderent internum aeternum, quod ego quia gustaveram, frendebam, quoniam non eis poteram ostendere, si afferent ad me cor in oculis suis foris a te et dicerent, `quis ostendet nobis bona?' ibi enim ubi mihi iratus eram, intus in cubili ubi compunctus eram, ubi sacrificaveram mactans vetustatem meam et inchoata meditatione renovationis meae sperans in te, ibi mihi dulcescere coeperas et dederas laetitiam in corde meo. et exclamabam legens haec foris et agnoscens intus, nec volebam multiplicari terrenis bonis, devorans tempora et devoratus temporibus, cum haberem in aeterna simplicitate aliud frumentum et vinum et oleum.

### 9.4.11

et clamabam in consequenti versu clamore alto cordis mei, `o in pace! o in idipsum!' o quid dixit? `obdormiam et somnum capiam!' quoniam quis resistet nobis, cum fiet sermo qui scriptus est, `absorpta est mors in victoriam'? et tu es idipsum valde, qui non mutaris, et in te requies obliviscens laborum omnium, quoniam nullus alius tecum nec ad alia multa adipiscenda quae non sunt quod tu, sed tu, domine, singulariter in spe constituisti me. legebam et ardebam, nec inveniebam quid facerem surdis mortuis ex quibus fueram, pestis, latrator amarus et caecus adversus litteras de melle caeli melleas et de lumine tuo luminosas, et super inimicis scripturae huius tabescebam.

### 9.4.12

quando recordabor omnia dierum illorum feriatorum? sed nec oblitus sum nec silebo flagelli tui asperitatem et misericordiae tuae mirabilem celeritatem. dolore dentium tunc excruciabas me, et cum in tantum ingravesceret ut non valerem loqui, ascendit in cor meum admonere omnes meos qui aderant ut deprecarentur te pro me, deum salutis omnimodae. et scripsi hoc in cera et dedi ut eis legeretur. mox ut genua supplici affectu fiximus, fugit dolor ille. sed quis dolor? aut quomodo fugit? expavi, fateor, domine meus deus meus. nihil enim

tale ab ineunte aetate expertus fueram, et insinuati sunt mihi in profundo nutus tui. et gaudens in fide laudavi nomen tuum, et ea fides me securum esse non sinebat de praeteritis peccatis meis, quae mihi per baptismum tuum remissa nondum erant.

### 9.5.13

renuntiavi peractis vindemialibus ut scholasticis suis Mediolanenses venditorem verborum alium providerent, quod et tibi ego servire delegissem et illi professioni prae difficultate spirandi ac dolore pectoris non sufficerem. et insinuavi per litteras antistiti tuo, viro sancto Ambrosio, pristinos errores meos et praesens votum meum, ut moneret quid mihi potissimum de libris tuis legendum esset, quo percipiendae tantae gratiae paratior aptiorque fierem. at ille iussit Esaiam prophetam, credo, quod prae ceteris evangelii vocationisque gentium sit praenuntiator apertior. verum tamen ego primam huius lectionem non intellegens totumque talem arbitrans distuli repetendum exercitior in dominico eloquio.

### 9.6.14

inde ubi tempus advenit quo me nomen dare oporteret, relicto rure Mediolanium remeavimus. placuit et Alypio renasci in te mecum iam induto humilitate sacramentis tuis congrua et fortissimo domitori corporis, usque ad Italicum solum glaciale nudo pede obterendum insolito ausu. adiunximus etiam nobis puerum Adeodatum ex me natum carnaliter de peccato meo. tu bene feceras eum. annorum erat ferme quindecim et ingenio praeveniebat multos graves et doctos viros. munera tua tibi confiteor, domine deus meus, creator omnium et multum potens formare nostra deformia, nam ego in illo puero praeter delictum non habebam. quod enim et nutriebatur a nobis in disciplina tua, tu inspiraveras nobis, nullus alius. munera tua tibi confiteor. est liber noster qui inscribitur `de magistro': ipse ibi mecum loquitur. tu scis illius esse sensa omnia quae inseruntur ibi ex persona conlocutoris mei, cum esset in annis sedecim. multa eius alias mirabilia expertus sum: horrore mihi erat illud ingenium. et quis

praeter te talium miraculorum opifex? cito de terra abstulisti vitam eius, et securior eum recordor non timens quicquam pueritiae nec adolescentiae nec omnino homini illi. sociavimus eum coevum nobis in gratia tua, educandum in disciplina tua. et baptizati sumus et fugit a nobis sollicitudo vitae praeteritae. nec satiabar illis diebus dulcedine mirabili considerare altitudinem consilii tui super salutem generis humani. quantum flevi in hymnis et canticis tuis, suave sonantis ecclesiae tuae vocibus commotus acriter! voces illae influebant auribus meis, et eliquabatur veritas in cor meum, et exaestuabat inde affectus pietatis, et currebant lacrimae, et bene mihi erat cum eis.

### 9.7.15

non longe coeperat Mediolanensis ecclesia genus hoc consolationis et exhortationis celebrare magno studio fratrum concinentium vocibus et cordibus. nimirum annus erat aut non multo amplius, cum Iustina, Valentiniani regis pueri mater, hominem tuum Ambrosium persequeretur haeresis suae causa, qua fuerat seducta ab arrianis. excubabat pia plebs in ecclesia, mori parata cum episcopo suo, servo tuo. ibi mea mater, ancilla tua, sollicitudinis et vigiliarum primas tenens, orationibus vivebat. nos adhuc frigidi a calore spiritus tui excitabamur tamen civitate attonita atque turbata. tunc hymni et psalmi ut canerentur secundum morem orientalium partium, ne populus maeroris taedio contabesceret, institutum est, ex illo in hodiernum retentum multis iam ac paene omnibus gregibus tuis et per cetera orbis imitantibus.

### 9.7.16

tunc memorato antistiti tuo per visum aperuisti quo loco laterent martyrum corpora Protasii et Gervasii, quae per tot annos incorrupta in thesauro secreti tui reconderas, unde opportune promeres ad cohercendam rabiem femineam sed regiam. cum enim propalata et effossa digno cum honore transferrentur ad ambrosianam basilicam, non solum quos immundi vexabant spiritus confessis eisdem daemonibus sanabantur, verum etiam quidam plures annos caecus

civis civitatisque notissimus, cum populi tumultuante laetitia causam quaesisset atque audisset, exilivit eoque se ut duceret suum ducem rogavit, quo perductus impetravit admitti ut sudario tangeret feretrum pretiosae in conspectu tuo mortis sanctorum tuorum; quod ubi fecit atque admovit oculis, confestim aperti sunt. inde fama discurrens, inde laudes tuae ferventes, lucentes, inde illius inimicae animus etsi ad credendi sanitatem non applicatus, a persequendi tamen furore compressus est. gratias tibi, deus meus! unde et quo duxisti recordationem meam, ut haec etiam confiterer tibi, quae magna oblitus praeterieram? et tamen tunc, cum ita fragraret odor unguentorum tuorum, non currebamus post te. ideo plus flebam inter cantica hymnorum tuorum, olim suspirans tibi et tandem respirans, quantum patet aura in domo faenea.

## 9.8.17

qui habitare facis unanimes in domo, consociasti nobis et Evodium iuvenem ex nostro municipio. qui cum agens in rebus militaret, prior nobis ad te conversus est et baptizatus et relicta militia saeculari accinctus in tua. simul eramus, simul habitaturi placito sancto. quaerebamus quisnam locus nos utilius haberet servientes tibi; pariter remeabamus in Africam. et cum apud Ostia Tiberina essemus, mater defuncta est. multa praetereo, quia multum festino: accipe confessiones meas et gratiarum actiones, deus meus, de rebus innumerabilibus etiam in silentio. sed non praeteribo quidquid mihi anima parturit de illa famula tua, quae me parturivit et carne, ut in hanc temporalem, et corde, ut in aeternam lucem nascerer. non eius sed tua dicam dona in eam, neque enim se ipsa fecerat aut educaverat se ipsam. tu creasti eam (nec pater nec mater sciebat qualis ex eis fieret) et erudivit eam in timore tuo virga Christi tui, regimen unici tui, in domo fideli, bono membro ecclesiae tuae. nec tantam erga suam disciplinam diligentiam matris praedicabat quantam famulae cuiusdam decrepitae, quae patrem eius infantem portaverat, sicut dorso grandiuscularum puellarum parvuli portari solent. cuius rei gratia et propter senectam ac mores optimos in domo christiana satis a dominis honorabatur. unde etiam curam dominicarum filiarum

commissam diligenter gerebat et erat in eis cohercendis, cum opus esset, sancta severitate vehemens atque in docendis sobria prudentia. nam eas, praeter illas horas quibus ad mensam parentum moderatissime alebantur, etiamsi exardescerent siti, nec aquam bibere sinebat, praecavens consuetudinem malam et addens verbum sanum: `modo aquam bibitis, quia in potestate vinum non habetis; cum autem ad maritos veneritis factae dominae apothecarum et cellariorum, aqua sordebit, sed mos potandi praevalebit.' hac ratione praeciendi et auctoritate imperandi frenabat aviditatem tenerioris aetatis et ipsam puellarum sitim formabat ad honestum modum, ut iam nec liberet quod non deceret.

## 9.8.18

et subrepserat tamen, sicut mihi filio famula tua narrabat, subrepserat ei vinulentia. nam cum de more tamquam puella sobria iuberetur a parentibus de cupa vinum depromere, submisso poculo qua desuper patet, priusquam in lagunculam funderet merum, primoribus labris sorbebat exiguum, quia non poterat amplius sensu recusante. non enim ulla temulenta cupidine faciebat hoc, sed quibusdam superfluentibus aetatis excessibus, qui ludicris motibus ebulliunt et in puerilibus animis maiorum pondere premi solent. itaque ad illud modicum cotidiana modica addendo (quoniam qui modica spernit, paulatim decedit) in eam consuetudinem lapsa erat ut prope iam plenos mero caliculos inhianter hauriret. ubi tunc sagax anus et vehemens illa prohibitio? numquid valebat aliquid adversus latentem morbum, nisi tua medicina, domine, vigilaret super nos? absente patre et matre et nutritoribus tu praesens, qui creasti, qui vocas, qui etiam per praepositos homines boni aliquid agis ad animarum salutem. quid tunc egisti, deus meus? unde curasti? unde sanasti? nonne protulisti durum et acutum ex altera anima convicium tamquam medicinale ferrum ex occultis provisionibus tuis et uno ictu putredinem illam praecidisti? ancilla enim, cum qua solebat accedere ad cupam, litigans cum domina minore, ut fit, sola cum sola, obiecit hoc crimen amarissima insultatione vocans `meribibulam'. quo illa stimulo percussa respexit foeditatem suam confestimque damnavit atque

exuit. sicut amici adulantes pervertunt, sic inimici litigantes plerumque corrigunt. nec tu quod per eos agis, sed quod ipsi voluerunt, retribuis eis. illa enim irata exagitare appetivit minorem dominam, non sanare, et ideo clanculo, aut quia ita eas invenerat locus et tempus litis, aut ne forte et ipsa periclitaretur, quod tam sero prodidisset. at tu, domine, rector caelitum et terrenorum, ad usus tuos contorquens profunda torrentis, fluxum saeculorum ordinate turbulentum, etiam de alterius animae insania sanasti alteram, ne quisquam cum hoc advertit, potentiae suae tribuat, si verbo eius alius corrigatur quem vult corrigi.

## 9.9.19

educata itaque pudice ac sobrie potiusque a te subdita parentibus quam a parentibus tibi, ubi plenis annis nubilis facta est, tradita viro servivit veluti domino et sategit eum lucrari tibi, loquens te illi moribus suis, quibus eam pulchram faciebas et reverenter amabilem atque mirabilem viro. ita autem toleravit cubilis iniurias ut nullam de hac re cum marito haberet umquam simultatem. expectabat enim misericordiam tuam super eum, ut in te credens castificaretur. erat vero ille praeterea sicut benivolentia praecipuus, ita ira fervidus. sed noverat haec non resistere irato viro, non tantum facto sed ne verbo quidem. iam vero refractum et quietum cum opportunum viderat, rationem facti sui reddebat, si forte ille inconsideratius commotus fuerat. denique cum matronae multae, quarum viri mansuetiores erant, plagarum vestigia etiam dehonestata facie gererent, inter amica colloquia illae arguebant maritorum vitam, haec earum linguam, veluti per iocum graviter admonens, ex quo illas tabulas quae matrimoniales vocantur recitari audissent, tamquam instrumenta quibus ancillae factae essent deputare debuisse; proinde memores conditionis superbire adversus dominos non oportere. cumque mirarentur illae, scientes quam ferocem coniugem sustineret, numquam fuisse auditum aut aliquo indicio claruisse quod Patricius ceciderit uxorem aut quod a se invicem vel unum diem domestica lite dissenserint, et causam familiariter quaererent, docebat illa institutum suum, quod supra memoravi. quae observabant, expertae



gratulabantur; quae non observabant, subiectae vexabantur.

### 9.9.20

socrum etiam suam primo susurris malarum ancillarum adversus se inritatam sic vicit obsequiis, perseverans tolerantia et mansuetudine, ut illa ultro filio suo medias linguas famularum proderet, quibus inter se et nurum pax domestica turbabatur, expeteretque vindictam. itaque posteaquam ille et matri obtemperans et curans familiae disciplinam et concordiae suorum consulens proditas ad prodentis arbitrium verberibus cohercuit, promisit illa talia de se praemia sperare debere, quaecumque de sua nuru sibi, quo placeret, mali aliquid loqueretur, nullaue iam audente memorabili inter se benivolentiae suavitate vixerunt.

### 9.9.21

hoc quoque illi bono mancipio tuo, in cuius utero me creasti, deus meus, misericordia mea, munus grande donaveras, quod inter dissidentesque atque discordes quaslibet animas, ubi poterat, tam se praebebat pacificam ut cum ab utraque multa de invicem audiret amarissima, qualia solet eructare turgens atque indigesta discordia, quando praesenti amicae de absente inimica per acida colloquia cruditas exhalatur odiorum, nihil tamen alteri de altera proderet nisi quod ad eas reconciliandas valeret. parvum hoc bonum mihi videretur, nisi turbas innumerabiles tristis experirer (nescio qua horrenda pestilentia peccatorum latissime pervagante) non solum iratorum inimicorum iratis inimicis dicta prodere, sed etiam quae non dicta sunt addere, cum contra homini humano parum esse debeat inimicitias hominum nec excitare nec augere male loquendo, nisi eas etiam extinguere bene loquendo studuerit: qualis illa erat docente te magistro intimo in schola pectoris.

### 9.9.22

denique etiam virum suum iam in extrema vita temporali eius lucrata

est tibi, nec in eo iam fideli planxit quod in nondum fideli toleraverat: erat etiam serva servorum tuorum. quisquis eorum noverat eam, multum in ea laudabat et honorabat et diligebat te, quia sentiebat praesentiam tuam in corde eius sanctae conversationis fructibus testibus. fuerat enim unius viri uxor, mutuam vicem parentibus reddiderat, domum suam pie tractaverat, in operibus bonis testimonium habebat. nutrierat filios, totiens eos parturiens quotiens abs te deviare cernebat. postremo nobis, domine, omnibus, quia ex munere tuo sinis loqui, servis tuis, qui ante dormitionem eius in te iam consociati vivebamus percepta gratia baptismi tui, ita curam gessit quasi omnes genuisset, ita servivit quasi ab omnibus genita fuisset.

### 9.10.23

impendente autem die quo ex hac vita erat exitura (quem diem tu noveras ignorantibus nobis), provenerat, ut credo, procurante te occultis tuis modis, ut ego et ipsa soli staremus, incumbentes ad quandam fenestram unde hortus intra domum quae nos habebat prospectabatur, illic apud Ostia Tiberina, ubi remoti a turbis post longi itineris laborem instaurabamus nos navigationi. conloquebamur ergo soli valde dulciter et, praeterita obliviscentes in ea quae ante sunt extenti, quaerebamus inter nos apud praesentem veritatem, quod tu es, qualis futura esset vita aeterna sanctorum, quam nec oculus vidit nec auris audivit nec in cor hominis ascendit. sed inhiabamus ore cordis in superna fluentia fontis tui, fontis vitae, qui est apud te, ut inde pro captu nostro aspersi quoquo modo rem tantam cogitarem.

### 9.10.24

cumque ad eum finem sermo perduceretur, ut carnalium sensuum delectatio quantalibet, in quantalibet luce corporea, prae illius vitae iucunditate non comparatione sed ne commemoratione quidem digna videretur, erigentes nos ardentiore affectu in idipsum, perambulavimus gradatim cuncta corporalia et ipsum caelum, unde sol et luna et stellae lucent super terram. et adhuc ascendebamus interius cogitando et loquendo et mirando opera tua. et venimus in

mentes nostras et transcendimus eas, ut attingeremus regionem ubertatis indeficientis, ubi pascis Israhel in aeternum veritate pabulo, et ibi vita sapientia est, per quam fiunt omnia ista, et quae fuerunt et quae futura sunt, et ipsa non fit, sed sic est ut fuit, et sic erit semper. quin potius fuisse et futurum esse non est in ea, sed esse solum, quoniam aeterna est: nam fuisse et futurum esse non est aeternum. et dum loquimur et inhiamus illi, attingimus eam modice toto ictu cordis. et suspiravimus et reliquimus ibi religatas primitias spiritus et remeavimus ad strepitum oris nostri, ubi verbum et incipitur et finitur. et quid simile verbo tuo, domino nostro, in se permanenti sine vetustate atque innovanti omnia?

### 9.10.25

dicebamus ergo, `si cui sileat tumultus carnis, sileant phantasiae terrae et aquarum et aeris, sileant et poli, et ipsa sibi anima sileat et transeat se non se cogitando, sileant somnia et imaginariae revelationes, omnis lingua et omne signum, et quidquid transeundo fit si cui sileat omnino (quoniam si quis audiat, dicunt haec omnia, ``non ipsa nos fecimus, sed fecit nos qui manet in aeternum"), his dictis si iam taceant, quoniam erexerunt aurem in eum qui fecit ea, et loquatur ipse solus non per ea sed per se ipsum, ut audiamus verbum eius, non per linguam carnis neque per vocem angeli nec per sonitum nubis nec per aenigma similitudinis, sed ipsum quem in his amamus, ipsum sine his audiamus (sicut nunc extendimus nos et rapida cogitatione attingimus aeternam sapientiam super omnia manentem), si continuetur hoc et subtrahantur aliae visiones longe imparis generis et haec una rapiat et absorbeat et recondat in interiora gaudia spectatorem suum, ut talis sit sempiterna vita quale fuit hoc momentum intellegentiae cui suspiravimus, nonne hoc est: ``intra in gaudium domini tui"? et istud quando? an cum omnes resurgimus, sed non omnes immutabimur?"

### 9.10.26

dicebam talia, etsi non isto modo et his verbis, tamen, domine, tu

scis, quod illo die, cum talia loqueremur et mundus iste nobis inter verba vilesceret cum omnibus delectationibus suis, tunc ait illa, `fili, quantum ad me attinet, nulla re iam delector in hac vita. quid hic faciam adhuc et cur hic sim, nescio, iam consumpta spe huius saeculi. unum erat propter quod in hac vita aliquantum immorari cupiebam, ut te christianum catholicum viderem priusquam morerer. cumulatus hoc mihi deus meus praestitit, ut te etiam contempta felicitate terrena servum eius videam. quid hic facio?'

## 9.11.27

ad haec ei quid responderim non satis recolo, cum interea vix intra quinque dies aut non multo amplius decubuit febribus. et cum aegrotaret, quodam die defectum animae passa est et paululum subtracta a praesentibus. nos concurrimus, sed cito reddita est sensui et aspexit astantes me et fratrem meum, et ait nobis quasi quaerenti similis, `ubi eram?' deinde nos intuens maerore attonitos: `ponitis hic' inquit `matrem vestram.' ego silebam et fletum frenabam, frater autem meus quiddam locutus est, quo eam non in peregre, sed in patria defungi tamquam felicius optaret. quo audito illa vultu anxio reverberans eum oculis, quod talia saperet, atque inde me intuens: `vide' ait `quid dicit.' et mox ambobus: `ponite' inquit `hoc corpus ubicumque. nihil vos eius cura conturbet. tantum illud vos rogo, ut ad domini altare memineritis mei, ubiubi fueritis.' cumque hanc sententiam verbis quibus poterat explicasset, conticuit et ingravescente morbo exercebatur.

## 9.11.28

ego vero cogitans dona tua, deus invisibilis, quae immittis in corda fidelium tuorum, et proveniunt inde fruges admirabiles, gaudebam et gratias tibi agebam, recolens quod noveram, quanta cura semper aestuasset de sepulchro quod sibi providerat et praeparaverat iuxta corpus viri sui. quia enim valde concorditer vixerant, id etiam volebat, ut est animus humanus minus capax divinorum, adiungi ad illam felicitatem et commemorari ab hominibus, concessum sibi esse post

transmarinam peregrinationem ut coniuncta terra amborum coniugum terra tegeretur. quando autem ista inanitas plenitudine bonitatis tuae coeperat in eius corde non esse, nesciebam et laetabar, admirans quod sic mihi apparuisset (quamquam et in illo sermone nostro ad fenestram, cum dixit, 'iam quid hic facio?', non apparuit desiderare in patria mori). audiui etiam postea quod iam cum Ostiis essemus cum quibusdam amicis meis materna fiducia conloquebatur quodam die de contemptu vitae huius et bono mortis, ubi ipse non aderam, illisque stupentibus virtutem feminae (quoniam tu dederas ei) quaerentibusque utrum non formidaret tam longe a sua civitate corpus relinquere, 'nihil' inquit 'longe est deo, neque timendum est, ne ille non agnoscat in fine saeculi unde me resuscitet.' ergo die nono aegritudinis suae, quinquagesimo et sexto anno aetatis suae, tricesimo et tertio aetatis meae, anima illa religiosa et pia corpore soluta est.

## 9.12.29

premebam oculos eius, et confluebat in praecordia mea maestitudo ingens et transfluebat in lacrimas, ibidemque oculi mei violento animi imperio resorbebant fontem suum usque ad siccitatem, et in tali luctamine valde male mihi erat. tum vero ubi efflavit extremum, puer Adeodatus exclamavit in planctu atque ab omnibus nobis coercitus tacuit. hoc modo etiam meum quiddam puerile, quod labebatur in fletus, iuvenali voce cordis coercebatur et tacebat. neque enim decere arbitrabamur funus illud questibus lacrimosis gemitibusque celebrare, quia his plerumque solet deplorari quaedam miseria morientium aut quasi omnimoda extinctio. at illa nec misere moriebatur nec omnino moriebatur. hoc et documentis morum eius et fide non ficta rationibusque certis tenebamus.

## 9.12.30

quid erat ergo quod intus mihi graviter dolebat, nisi ex consuetudine simul vivendi, dulcissima et carissima, repente dirupta vulnus recens? gratulabar quidem testimonio eius, quod in ea ipsa ultima aegritudine

obsequiis meis interblandiens appellabat me pium et commemorabat grandi dilectionis affectu numquam se audisse ex ore meo iaculatum in se durum aut contumeliosum sonum. sed tamen quid tale, deus meus, qui fecisti nos, quid comparabile habebat honor a me delatus illi et servitus ab illa mihi? quoniam itaque deserebar tam magno eius solacio, sauciabatur anima et quasi dilaniabatur vita, quae una facta erat ex mea et illius.

### 9.12.31

cohibito ergo a fletu illo puero, psalterium arripuit Evodius et cantare coepit psalmum. cui respondebamus omnis domus: 'misericordiam et iudicium cantabo tibi, domine.' audito autem quid ageretur, convenerunt multi fratres ac religiosae feminae et, de more illis quorum officium erat funus curantibus, ego in parte, ubi decenter poteram, cum eis qui me non deserendum esse censebant, quod erat tempori congruum disputabam eoque fomento veritatis mitigabam cruciatum tibi notum, illis ignorantibus et intente audientibus et sine sensu doloris me esse arbitrantibus. at ego in auribus tuis, ubi eorum nullus audiebat, increpabam mollitiam affectus mei et constringebam fluxum maeroris, cedebatque mihi paululum. rursusque impetu suo ferebatur non usque ad eruptionem lacrimarum nec usque ad vultus mutationem, sed ego sciebam quid corde premerem. et quia mihi vehementer displicebat tantum in me posse haec humana, quae ordine debito et sorte conditionis nostrae accidere necesse est, alio dolore dolebam dolorem et duplici tristitia macerabar.

### 9.12.32

cum ecce corpus elatum est, imus, redimus sine lacrimis. nam neque in eis precibus quas tibi fudimus, cum offerretur pro ea sacrificium pretii nostri iam iuxta sepulchrum, posito cadavere priusquam deponeretur, sicut illic fieri solet, nec in eis ergo precibus flevi, sed toto die graviter in occulto maestus eram et mente turbata rogabam te, ut poteram, quo sanares dolorem meum, nec faciebas, credo commendans memoriae meae vel hoc uno documento omnis

consuetudinis vinculum etiam adversus mentem, quae iam non fallaci verbo pascitur. visum etiam mihi est ut irem lavatum, quod audieram inde balneis nomen inditum quia graeci balanion dixerint, quod anxietatem pellat ex animo. ecce et hoc confiteor misericordiae tuae, pater orphanorum, quoniam lavi et talis eram qualis priusquam lavissem, neque enim exudavit de corde meo maeroris amaritudo. deinde dormivi et evigilavi, et non parva ex parte mitigatum inveni dolorem meum atque, ut eram in lecto meo solus, recordatus sum veridicos versus Ambrosii tui. tu es enim,

deus, creator omnium"

"polique rector vestiens"

"diem decoro lumine,"

"noctem sopora gratia,"

"artus solutos ut quies"

"reddat laboris usui"

"mentesque fessas allevet"

"luctuque solvat anxios."

"

## 9.12.33

atque inde paulatim reducebam in pristinum sensum ancillam tuam conversationemque eius piam in te et sancte in nos blandam atque morigeram, qua subito destitutus sum, et libuit flere in conspectu tuo de illa et pro illa, de me et pro me. et dimisi lacrimas quas continebam, ut effluerent quantum vellent, substernens eas cordi meo. et requievit in eis, quoniam ibi erant aures tuae, non cuiusquam hominis superbe interpretantis ploratum meum. et nunc, domine, confiteor tibi in litteris: legat qui volet, et interpretetur ut volet, et si peccatum invenerit, flevisse me matrem exigua parte horae, matrem oculis meis interim mortuam quae me multos annos fleverat ut oculis

tuis viverem, non inrideat sed potius, si est grandi caritate, pro peccatis meis fleat ipse ad te, patrem omnium fratrum Christi tui.

### 9.13.34

ego autem, iam sanato corde ab illo vulnere in quo poterat redargui carnalis affectus, fundo tibi, deus noster, pro illa famula tua longe aliud lacrimarum genus, quod manat de concusso spiritu consideratione periculorum omnis animae quae in Adam moritur. quamquam illa in Christo vivificata etiam nondum a carne resoluta sic vixerit, ut laudetur nomen tuum in fide moribusque eius, non tamen audeo dicere, ex quo eam per baptismum regenerasti, nullum verbum exisse ab ore eius contra praeceptum tuum. et dictum est a veritate filio tuo, `si quis dixerit fratri suo, ``fatue", reus erit gehennae ignis'; et vae etiam laudabili vitae hominum, si remota misericordia discutias eam! quia vero non exquiris delicta vehementer, fiducialiter speramus aliquem apud te locum. quisquis autem tibi enumerat vera merita sua, quid tibi enumerat nisi munera tua? o si cognoscant se homines homines, et qui gloriatur, in domino gloriatur!

### 9.13.35

ego itaque, laus mea et vita mea, deus cordis mei, sepositis paulisper bonis eius actibus, pro quibus tibi gaudens gratias ago, nunc pro peccatis matris meae deprecor te. exaudi me per medicinam vulnere nostrorum, quae pependit in ligno et sedens ad dexteram tuam te interpellat pro nobis. scio misericorditer operatam et ex corde dimisisse debita debitoribus suis. dimitte illi et tu debita sua, si qua etiam contraxit per tot annos post aquam salutis. dimitte, domine, dimitte, obsecro, ne intres cum ea in iudicium. superexultet misericordia iudicio, quoniam eloquia tua vera sunt et promisisti misericordiam misericordibus. quod ut essent tu dedisti eis, qui misereberis cui misertus eris, et misericordiam praestabis cui misericors fueris.



### 9.13.36

et credo, iam feceris quod te rogo, sed voluntaria oris mei approba, domine. namque illa imminente die resolutionis suae non cogitavit suum corpus sumptuose contegi aut condiri aromatis aut monumentum electum concupivit aut curavit sepulchrum patrum. non ista mandavit nobis, sed tantummodo memoriam sui ad altare tuum fieri desideravit, cui nullius diei praetermissione servierat, unde sciret dispensari victimam sanctam qua deletum est chirographum quod erat contrarium nobis, qua triumphatus est hostis computans delicta nostra et quaerens quid obiciat, et nihil inveniens in illo, in quo vincimus. quis ei refundet innocentem sanguinem? quis ei restituet pretium quo nos emit, ut nos auferat ei? ad cuius pretii nostri sacramentum ligavit ancilla tua animam suam vinculo fidei. nemo a protectione tua dirumpat eam; non se interponat nec vi nec insidiis leo et draco. neque enim respondebit illa nihil se debere, ne convincatur et obtineatur ab accusatore callido, sed respondebit dimissa debita sua ab eo cui nemo reddet, quod pro nobis non debens reddidit.

### 9.13.37

sit ergo in pace cum viro, ante quem nulli et post quem nulli nupta est, cui servivit fructum tibi afferens cum tolerantia, ut eum quoque lucraretur tibi. et inspira, domine meus, deus meus, inspira servis tuis, fratribus meis, filiis tuis, dominis meis, quibus et corde et voce et litteris servio, ut quotquot haec legerint, meminerint ad altare tuum Monnicae, famulae tuae, cum Patricio, quondam eius coniuge, per quorum carnem introduxisti me in hanc vitam, quemadmodum nescio. meminerint cum affectu pio parentum meorum in hac luce transitoria, et fratrum meorum sub te patre in matre catholica, et civium meorum in aeterna Hierusalem, cui suspirat peregrinatio populi tui ab exitu usque ad reditum, ut quod a me illa poposcit extremum uberius ei praestetur in multorum orationibus per confessiones quam per orationes meas.

# Liber decimus

## 10.1.1

cognoscam te, cognitor meus, cognoscam sicut et cognitus sum. virtus animae meae, intra in eam et coapta tibi, ut habeas et possideas sine macula et ruga. haec est mea spes: ideo loquor et in ea spe gaudeo, quando sanum gaudeo. cetera vero vitae huius tanto minus flenda quanto magis fletur, et tanto magis flenda quanto minus fletur in eis. ecce enim veritatem dilexisti, quoniam qui facit eam venit ad lucem. volo eam facere in corde meo coram te in confessione, in stilo autem meo coram multis testibus.

## 10.2.2

et tibi quidem, domine, cuius oculis nuda est abyssus humanae conscientiae, quid occultum esset in me, etiamsi nollem confiteri tibi? te enim mihi absconderem, non me tibi. nunc autem quod gemitus meus testis est displicere me mihi, tu refulges et places et amaris et desideraris, ut erubescam de me et abiciam me atque eligam te et nec tibi nec mihi placeam nisi de te. tibi ergo, domine, manifestus sum, quicumque sim. et quo fructu tibi confitear, dixi, neque id ago verbis carnis et vocibus, sed verbis animae et clamore cogitationis, quem novit auris tua. cum enim malus sum, nihil est aliud confiteri tibi quam displicere mihi; cum vero pius, nihil est aliud confiteri tibi quam hoc non tribuere mihi, quoniam tu, domine, benedicis iustum, sed prius eum iustificas impium. confessio itaque mea, deus meus, in conspectu tuo tibi tacite fit et non tacite: tacet enim strepitu, clamat affectu. neque enim dico recti aliquid hominibus quod non a me tu prius audieris, aut etiam tu aliquid tale audis a me quod non mihi tu prius dixeris.

### 10.3.3

quid mihi ergo est cum hominibus, ut audiant confessiones meas, quasi ipsi sanaturi sint omnes languores meos? curiosum genus ad cognoscendam vitam alienam, desidiosum ad corrigendam suam. quid a me quaerunt audire qui sim, qui nolunt a te audire qui sint? et unde sciunt, cum a me ipso de me ipso audiunt, an verum dicam, quandoquidem nemo scit hominum quid agatur in homine, nisi spiritus hominis qui in ipso est? si autem a te audiant de se ipsis, non poterunt dicere, 'mentitur dominus.' quid est enim a te audire de se nisi cognoscere se? quis porro cognoscit et dicit, 'falsum est,' nisi ipse mentiatur? sed quia caritas omnia credit, inter eos utique quos conexos sibimet unum facit, ego quoque, domine, etiam sic tibi confiteor ut audiant homines, quibus demonstrare non possum an vera confitear. sed credunt mihi quorum mihi aures caritas aperit.

### 10.3.4

verum tamen tu, medice meus intime, quo fructu ista faciam, eliqua mihi. nam confessiones praeteritorum malorum meorum, quae remisisti et texisti ut beares me in te, mutans animam meam fide et sacramento tuo, cum leguntur et audiuntur, excitant cor ne dormiat in desperatione et dicat, 'non possum,' sed evigilet in amore misericordiae tuae et dulcedine gratiae tuae, qua potens est omnis infirmus qui sibi per ipsam fit conscius infirmitatis suae. et delectat bonos audire praeterita mala eorum qui iam carent eis, nec ideo delectat quia mala sunt, sed quia fuerunt et non sunt. quo itaque fructu, domine meus, cui cotidie confitetur conscientia mea, spe misericordiae tuae securior quam innocentia sua, quo fructu, quaeso, etiam hominibus coram te confiteor per has litteras adhuc quis ego sim, non quis fuerim? nam illum fructum vidi et commemoravi. sed quis adhuc sim, ecce in ipso tempore confessionum mearum, et multi hoc nosse cupiunt qui me noverunt et non me noverunt, qui ex me vel de me aliquid audierunt, sed auris eorum non est ad cor meum, ubi ego sum quicumque sum. volunt ergo audire confitente me quid ipse intus sim, quo nec oculum nec aurem nec mentem possunt intendere;

credituri tamen volunt, numquid cognituri? dicit enim eis caritas, qua boni sunt, non mentiri me de me confitentem, et ipsa in eis credit mihi.

### 10.4.5

sed quo fructu id volunt? an congratulari mihi cupiunt, cum audierint quantum ad te accedam munere tuo, et orare pro me, cum audierint quantum retarder pondere meo? indicabo me talibus. non enim parvus est fructus, domine deus meus, ut a multis tibi gratiae agantur de nobis et a multis rogeris pro nobis. amet in me fraternus animus quod amandum doces, et doleat in me quod dolendum doces. animus ille hoc faciat fraternus, non extraneus, non filiorum alienorum quorum os locutum est vanitatem et dextera eorum dextera iniquitatis, sed fraternus ille, qui cum approbat me, gaudet de me, cum autem improbat me, contristatur pro me, quia sive approbet sive improbet me, diligit me. indicabo me talibus. respirent in bonis meis, suspirent in malis meis. bona mea instituta tua sunt et dona tua, mala mea delicta mea sunt et iudicia tua. respirent in illis et suspirent in his, et hymnus et fletus ascendant in conspectum tuum de fraternis cordibus, turibulis tuis. tu autem, domine, delectatus odore sancti templi tui, miserere mei secundum magnam misericordiam tuam propter nomen tuum et nequaquam deserens coepta tua consumma imperfecta mea.

### 10.4.6

hic est fructus confessionum mearum, non qualis fuerim sed qualis sim, ut hoc confitear non tantum coram te, secreta exultatione cum tremore et secreto maerore cum spe, sed etiam in auribus credentium filiorum hominum, sociorum gaudii mei et consortium mortalitatis meae, civium meorum et mecum peregrinorum, praecedentium et consequentium et comitum vitae meae. hi sunt servi tui, fratres mei, quos filios tuos esse voluisti dominos meos, quibus iussisti ut serviam, si volo tecum de te vivere. et hoc mihi verbum tuum parum erat si loquendo praeciperet, nisi et faciendo praeiret. et ego id ago factis et dictis, id ago sub alis tuis nimis cum ingenti periculo, nisi quia sub alis tuis tibi subdita est anima mea et infirmitas

mea tibi nota est. parvulus sum, sed vivit semper pater meus et idoneus est mihi tutor meus. idem ipse est enim qui genuit me et tuetur me, et tu ipse es omnia bona mea, tu omnipotens, qui mecum es et priusquam tecum sim. indicabo ergo talibus qualibus iubes ut serviam, non quis fuerim, sed quis iam sim et quis adhuc sim; sed neque me ipsum diiudico. sic itaque audiar.

### 10.5.7

tu enim, domine, diiudicas me, quia etsi nemo scit hominum quae sunt hominis, nisi spiritus hominis qui in ipso est, tamen est aliquid hominis quod nec ipse scit spiritus hominis qui in ipso est. tu autem, domine, scis eius omnia, quia fecisti eum. ego vero quamvis prae tuo conspectu me despiciam et aestimem me terram et cinerem, tamen aliquid de te scio quod de me nescio. et certe videmus nunc per speculum in aenigmate, nondum facie ad faciem. et ideo, quamdiu peregrinor abs te, mihi sum praesentior quam tibi et tamen te novi nullo modo posse violari; ego vero quibus temptationibus resistere valem quibusve non valeam, nescio. et spes est, quia fidelis es, qui nos non sinis temptari supra quam possumus ferre, sed facis cum temptatione etiam exitum, ut possimus sustinere. confitear ergo quid de me sciam, confitear et quid de me nesciam, quoniam et quod de me scio, te mihi lucente scio, et quod de me nescio, tamdiu nescio, donec fiant tenebrae meae sicut meridies in vultu tuo.

### 10.6.8

non dubia sed certa conscientia, domine, amo te: percussisti cor meum verbo tuo, et amavi te. sed et caelum et terra et omnia quae in eis sunt, ecce undique mihi dicunt ut te amem, nec cessant dicere omnibus, ut sint inexcusabiles. altius autem tu misereberis cui misertus eris, et misericordiam praestabis cui misericors fueris: alioquin caelum et terra surdis loquuntur laudes tuas. quid autem amo, cum te amo? non speciem corporis nec decus temporis, non candorem lucis, ecce istis amicis oculis, non dulces melodias cantilenarum omnimodarum, non florum et unguentorum et aromatum

suaviolentiam, non manna et mella, non membra acceptabilia carnis amplexibus: non haec amo, cum amo deum meum, et tamen amo quandam lucem et quandam vocem et quandam odorem et quandam cibum et quandam amplexum, cum amo deum meum, lucem, vocem, odorem, cibum, amplexum interioris hominis mei, ubi fulget animae meae quod non capit locus, et ubi sonat quod non rapit tempus, et ubi olet quod non spargit flatum, et ubi sapit quod non minuit edacitas, et ubi haeret quod non divellit satietas. hoc est quod amo, cum deum meum amo.

### 10.6.9

et quid est hoc? interrogavi terram, et dixit, 'non sum.' et quaecumque in eadem sunt, idem confessa sunt. interrogavi mare et abyssos et reptilia animarum vivarum, et responderunt, 'non sumus deus tuus; quaere super nos.' interrogavi auras flabiles, et inquit universus aer cum incolis suis, 'fallitur Anaximenes; non sum deus.' interrogavi caelum, solem, lunam, stellas: 'neque nos sumus deus, quem quaeris,' inquit. et dixi omnibus his quae circumstant fores carnis meae, 'dicite mihi de deo meo, quod vos non estis, dicite mihi de illo aliquid,' et exclamaverunt voce magna, 'ipse fecit nos.' interrogatio mea intentio mea et responsio eorum species eorum. et direxi me ad me et dixi mihi, 'tu quis es?' et respondi, 'homo.' et ecce corpus et anima in me mihi praesto sunt, unum exterius et alterum interius. quid horum est unde quaerere debui deum meum, quem iam quaesiveram per corpus a terra usque ad caelum, quousque potui mittere nuntios radios oculorum meorum? sed melius quod interius. ei quippe renuntiabant omnes nuntii corporales, praesidenti et iudicanti de responsionibus caeli et terrae et omnium quae in eis sunt dicentium, 'non sumus deus' et, 'ipse fecit nos.' homo interior cognovit haec per exterioris ministerium; ego interior cognovi haec, ego, ego animus per sensum corporis mei, interrogavi mundi molem de deo meo, et respondit mihi, 'non ego sum, sed ipse me fecit.'

### 10.6.10

nonne omnibus quibus integer sensus est apparet haec species? cur non omnibus eadem loquitur? animalia pusilla et magna vident eam, sed interrogare nequeunt, non enim praeposita est in eis nuntiantibus sensibus iudex ratio. homines autem possunt interrogare, ut invisibilia dei per ea quae facta sunt intellecta conspiciant, sed amore subduntur eis et subditi iudicare non possunt. nec respondent ista interrogantibus nisi iudicantibus, nec vocem suam mutant, id est speciem suam, si alius tantum videat, alius autem videns interroget, ut aliter illi appareat, aliter huic, sed eodem modo utrique apparens illi muta est, huic loquitur: immo vero omnibus loquitur, sed illi intellegunt qui eius vocem acceptam foris intus cum veritate conferunt. veritas enim dicit mihi, 'non est deus tuus terra et caelum neque omne corpus.' hoc dicit eorum natura. viden? moles est, minor in parte quam in toto. iam tu melior es, tibi dico, anima, quoniam tu vegetas molem corporis tui praebens ei vitam, quod nullum corpus praestat corpori. deus autem tuus etiam tibi vitae vita est.

## 10.7.11

quid ergo amo, cum deum meum amo? quis est ille super caput animae meae? per ipsam animam meam ascendam ad illum. transibo vim meam qua haereo corpori et vitaliter compagem eius repleo. non ea vi reperio deum meum, nam reperiret et equus et mulus, quibus non est intellectus, et est eadem vis qua vivunt etiam eorum corpora. est alia vis, non solum qua vivifico sed etiam qua sensifico carnem meam, quam mihi fabricavit dominus, iubens oculo ut non audiat, et auri ut non videat, sed illi per quem videam, huic per quam audiam, et propria singillatim ceteris sensibus sedibus suis et officiis suis: quae diversa per eos ago unus ego animus. transibo et istam vim meam, nam et hanc habet equus et mulus: sentiunt enim etiam ipsi per corpus.

## 10.8.12

transibo ergo et istam naturae meae, gradibus ascendens ad eum qui fecit me, et venio in campos et lata praetoria memoriae, ubi sunt

thesauri innumerabilium imaginum de cuiusmodi rebus sensus invectarum. ibi reconditum est quidquid etiam cogitamus, vel augendo vel minuendo vel utcumque variando ea quae sensus attigerit, et si quid aliud commendatum et repositum est quod nondum absorbit et sepelivit oblivio. ibi quando sum, posco ut proferatur quidquid volo, et quaedam statim prodeunt, quaedam requiruntur diutius et tamquam de abstrusioribus quibusdam receptaculis eruuntur, quaedam catervatim se proruunt et, dum aliud petitur et quaeritur, prosiliunt in medium quasi dicentia, `ne forte nos sumus?' et abigo ea manu cordis a facie recordationis meae, donec enubiletur quod volo atque in conspectum prodeat ex abditis. alia faciliter atque imperturbata serie sicut poscuntur suggeruntur, et cedunt praecedentia consequentibus et cedendo conduntur, iterum cum voluero processura. quod totum fit cum aliquid narro memoriter.

## 10.8.13

ibi sunt omnia distincte generatimque servata, quae suo quaeque aditu ingesta sunt, sicut lux atque omnes colores formaeque corporum per oculos, per aures autem omnia genera sonorum omnesque odores per aditum narium, omnes sapores per oris aditum, a sensu autem totius corporis, quid durum, quid molle, quid calidum frigidumve, lene aut asperum, grave seu leve sive extrinsecus sive intrinsecus corpori. haec omnia recipit recolenda cum opus est et retractanda grandis memoriae recessus et nescio qui secreti atque ineffabiles sinus eius: quae omnia suis quaeque foribus intrant ad eam et reponuntur in ea. nec ipsa tamen intrant, sed rerum sensarum imagines illic praesto sunt cogitationi reminiscenti eas. quae quomodo fabricatae sint, quis dicit, cum appareat quibus sensibus raptae sint interiusque reconditae? nam et in tenebris atque in silentio dum habito, in memoria mea profero, si volo, colores, et discerno inter album et nigrum et inter quos alios volo, nec incurrunt soni atque perturbant quod per oculos haustum considero, cum et ipsi ibi sint et quasi seorsum repositi lateant. nam et ipsos posco, si placet, atque adsunt illico, et quiescente lingua ac silente gutture canto quantum volo, imaginesque illae colorum, quae nihilo minus ibi sunt, non se



interponunt neque interrumpunt, cum thesaurus alius retractatur qui influxit ab auribus. ita cetera quae per sensus ceteros ingesta atque congesta sunt recordor prout libet, et auram liliorum discerno a violis nihil olfaciens, et mel defrito, lene aspero, nihil tum gustando neque contrectando sed reminiscendo antepono.

### 10.8.14

intus haec ago, in aula ingenti memoriae meae. ibi enim mihi caelum et terra et mare praesto sunt cum omnibus quae in eis sentire potui, praeter illa quae oblitus sum. ibi mihi et ipse occurro meque recolo, quid, quando et ubi egerim quoque modo, cum agerem, affectus fuerim. ibi sunt omnia quae sive experta a me sive credita memini. ex eadem copia etiam similitudines rerum vel expertarum vel ex eis quas expertus sum creditarum alias atque alias, et ipse contexo praeteritis atque ex his etiam futuras actiones et eventa et spes, et haec omnia rursus quasi praesentia meditor. 'faciam hoc et illud' dico apud me in ipso ingenti sinu animi mei pleno tot et tantarum rerum imaginibus, et hoc aut illud sequitur. 'o si esset hoc aut illud!' 'avertat deus hoc aut illud!' dico apud me ista et, cum dico, praesto sunt imagines omnium quae dico ex eodem thesauro memoriae, nec omnino aliquid eorum dicerem, si defuissent.

### 10.8.15

magna ista vis est memoriae, magna nimis, deus meus, penetrale amplum et infinitum. quis ad fundum eius pervenit? et vis est haec animi mei atque ad meam naturam pertinet, nec ego ipse capio totum quod sum. ergo animus ad habendum se ipsum angustus est, ut ubi sit quod sui non capit? numquid extra ipsum ac non in ipso? quomodo ergo non capit? multa mihi super hoc oboritur admiratio, stupor apprehendit me. et eunt homines mirari alta montium et ingentes fluctus maris et latissimos lapsus fluminum et oceani ambitum et gyros siderum, et relinquunt se ipsos, nec mirantur quod haec omnia, cum dicerem, non ea videbam oculis, nec tamen dicerem, nisi montes et fluctus et flumina et sidera quae vidi et oceanum quem credidi intus

in memoria mea viderem, spatiis tam ingentibus quasi foris viderem. nec ea tamen videndo absorbei quando vidi oculis, nec ipsa sunt apud me sed imagines eorum, et novi quid ex quo sensu corporis impressum sit mihi.

## 10.9.16

sed non ea sola gestat immensa ista capacitas memoriae meae. hic sunt et illa omnia quae de doctrinis liberalibus percepta nondum exciderunt, quasi remota interiore loco non loco; nec eorum imagines, sed res ipsas gero. nam quid sit litteratura, quid peritia disputandi, quot genera quaestionum, quidquid horum scio, sic est in memoria mea ut non retenta imagine rem foris reliquerim, aut sonuerit et praeterierit sicut vox impressa per aures vestigio quo recoleretur, quasi sonaret cum iam non sonaret, aut sicut odor, dum transit et vanescit in ventos, olfactum afficit, unde traicit in memoriam imaginem sui quam reminiscendo repetamus, aut sicut cibus qui certe in ventre iam non sapit et tamen in memoria quasi sapit, aut sicut aliquid quod corpore tangendo sentitur, quod etiam separatum a nobis imaginatur memoria. istae quippe res non intromittuntur ad eam, sed earum solae imagines mira celeritate capiuntur et miris tamquam cellis reponuntur et mirabiliter recordando proferuntur.

## 10.10.17

at vero, cum audio tria genera esse quaestionum, an sit, quid sit, quale sit, sonorum quidem quibus haec verba confecta sunt imagines teneo, et eos per auras cum strepitu transisse ac iam non esse scio. res vero ipsas quae illis significantur sonis neque ullo sensu corporis attingi neque uspiam vidi praeter animum meum, et in memoria recondidi non imagines earum, sed ipsas: quae unde ad me intraverint dicant, si possunt. nam percurro ianuas omnes carnis meae, nec invenio qua earum ingressae sint. quippe oculi dicunt, 'si coloratae sunt, nos eas nuntiavimus'; aures dicunt, 'si sonuerunt, a nobis indicatae sunt'; nares dicunt, 'si oluerunt, per nos transierunt'; dicit etiam sensus gustandi, 'si sapor non est, nihil me interrogas';

tactus dicit, 'si corpulentum non est, non contrectavi; si non contrectavi, non indicavi.' unde et qua haec intraverunt in memoriam meam? nescio quomodo. nam cum ea didici, non credidi alieno cordi, sed in meo recognovi et vera esse approbavi et commendavi ei, tamquam reponens unde proferrem cum vellem. ibi ergo erant et antequam ea didicissem, sed in memoria non erant. ubi ergo aut quare, cum dicerentur, agnovi et dixi, 'ita est, verum est,' nisi quia iam erant in memoria, sed tam remota et retrusa quasi in cavis abditioribus ut, nisi admonente aliquo eruerentur, ea fortasse cogitare non possem?

## 10.11.18

quocirca invenimus nihil esse aliud discere ista quorum non per sensus haurimus imagines, sed sine imaginibus, sicuti sunt, per se ipsa intus cernimus, nisi ea quae passim atque indisposite memoria continebat, cogitando quasi conligere atque animadvertendo curare, ut tamquam ad manum posita in ipsa memoria, ubi sparsa prius et neglecta latitabant, iam familiari intentioni facile occurrant. et quam multa huius modi gestat memoria mea, quae iam inventa sunt et, sicut dixi, quasi ad manum posita, quae didicisse et nosse dicimur. quae si modestis temporum intervallis recolere desivero, ita rursus demerguntur et quasi in remotiora penetralia dilabuntur, ut denuo velut nova excogitanda sint indidem iterum (neque enim est alia regio eorum) et cogenda rursus, ut sciri possint, id est velut ex quadam dispersione conligenda, unde dictum est cogitare. nam cogo et cogito sic est, ut ago et agito, facio et factito. verum tamen sibi animus hoc verbum proprie vindicavit, ut non quod alibi, sed quod in animo conligitur, id est cogitur, cogitari proprie iam dicatur.

## 10.12.19

item continet memoria numerorum dimensionumque rationes et leges innumerabiles, quarum nullam corporis sensus impressit, quia nec ipsae coloratae sunt aut sonant aut olent aut gustatae aut contrectatae sunt. audivi sonos verborum, quibus significantur cum de

his disseritur, sed illi alii, istae autem alia sunt. nam illi aliter graece, aliter latine sonant, istae vero nec graecae nec latinae sunt nec aliud eloquiorum genus. vidi lineas fabrorum vel etiam tenuissimas, sicut filum araneae, sed illae aliae sunt, non sunt imagines earum quas mihi nuntiavit carnis oculus. novit eas quisquis sine ulla cogitatione qualiscumque corporis intus agnovit eas. sensi etiam numeros omnibus corporis sensibus quos numeramus, sed illi alii sunt quibus numeramus, nec imagines istorum sunt et ideo valde sunt. rideat me ista dicentem qui non eos videt, et ego doleam ridentem me.

### 10.13.20

haec omnia memoria teneo et quomodo ea didicerim memoria teneo. multa etiam quae adversus haec falsissime disputantur audiui et memoria teneo. quae tametsi falsa sunt, tamen ea meminisse me non est falsum. et discrevisse me inter illa vera et haec falsa quae contra dicuntur, et hoc meminisse aliterque nunc video discernere me ista, aliter autem meminisse saepe me discrevisse, cum ea saepe cogitarem. ergo et intellexisse me saepius ista meminisse, et quod nunc discerno et intellego, recondo in memoria, ut postea me nunc intellexisse meminerim. ergo et meminisse me meminisse, sicut postea, quod haec reminisci nunc potui, si recordabor, utique per vim memoriae recordabor.

### 10.14.21

affectiones quoque animi mei eadem memoria continet, non illo modo quo eas habet ipse animus cum patitur eas, sed alio multum diverso, sicut sese habet vis memoriae. nam et laetatum me fuisse reminiscor non laetus, et tristitiam meam praeteritam recordor non tristis, et me aliquando timuisse recolo sine timore et pristinae cupiditatis sine cupiditate sum memor. aliquando et e contrario tristitiam meam transactam laetus reminiscor et tristis laetitiam. quod mirandum non est de corpore: aliud enim animus, aliud corpus. itaque si praeteritum dolorem corporis gaudens meminisse, non ita mirum est. hic vero, cum animus sit etiam ipsa memoria (nam et cum mandamus aliquid ut

memoriter habeatur, dicimus, 'vide ut illud in animo habeas,' et cum obliviscimur, dicimus, 'non fuit in animo' et 'elapsus est animo,' ipsam memoriam vocantes animum), cum ergo ita sit, quid est hoc, quod cum tristitiam meam praeteritam laetus memini, animus habet laetitiam et memoria tristitiam laetusque est animus ex eo quod inest ei laetitia, memoria vero ex eo quod inest ei tristitia tristis non est? num forte non pertinet ad animum? quis hoc dixerit? nimirum ergo memoria quasi venter est animi, laetitia vero atque tristitia quasi cibus dulcis et amarus: cum memoriae commendantur, quasi traiecta in ventrem recondi illic possunt, sapere non possunt. ridiculum est haec illis similia putare, nec tamen sunt omni modo dissimilia.

## 10.14.22

sed ecce de memoria profero, cum dico quattuor esse perturbationes animi, cupiditatem, laetitiam, metum, tristitiam, et quidquid de his disputare potuero, dividendo singula per species sui cuiusque generis et definiendo, ibi invenio quid dicam atque inde profero, nec tamen ulla earum perturbatione perturbor cum eas reminiscendo commemoro. et antequam recolerentur a me et retractarentur, ibi erant; propterea inde per recordationem potuere depromi. forte ergo sicut de ventre cibus ruminando, sic ista de memoria recordando proferuntur. cur igitur in ore cogitationis non sentitur a disputante, hoc est a reminiscente, laetitiae dulcedo vel amaritudo maestitiae? an in hoc dissimile est, quod non undique simile est? quis enim talia volens loqueretur, si quotiens tristitiam metumve nominamus, totiens maerere vel timere cogeremur? et tamen non ea loqueremur, nisi in memoria nostra non tantum sonos nominum secundum imagines impressas a sensibus corporis sed etiam rerum ipsarum notiones inveniremus, quas nulla ianua carnis accepimus, sed eas ipse animus per experientiam passionum suarum sentiens memoriae commendavit aut ipsa sibi haec etiam non commendata retinuit.

## 10.15.23

sed utrum per imagines an non, quis facile dixerit? nomino quippe

lapidem, nomino solem, cum res ipsae non adsunt sensibus meis; in memoria sane mea praesto sunt imagines earum. nomino dolorem corporis, nec mihi adest dum nihil dolet; nisi tamen adesset imago eius in memoria mea, nescirem quid dicerem nec eum in disputando a voluptate discernerem. nomino salutem corporis cum salvus sum corpore; adest mihi quidem res ipsa. verum tamen nisi et imago eius inesset in memoria mea, nullo modo recordarer quid huius nominis significaret sonus, nec aegrotantes agnoscerent salute nominata quid esset dictum, nisi eadem imago vi memoriae teneretur, quamvis ipsa res abesset a corpore. nomino numeros quibus numeramus; eni adsunt in memoria mea non imagines eorum, sed ipsi. nomino imaginem solis, et haec adest in memoria mea, neque enim imaginem imaginis eius, sed ipsam recolo; ipsa mihi reminiscenti praesto est. nomino memoriam et agnosco quod nomino. et ubi agnosco nisi in ipsa memoria? num et ipsa per imaginem suam sibi adest ac non per se ipsam?

## 10.16.24

quid, cum oblivionem nomino atque itidem agnosco quod nomino, unde agnoscerem nisi meminissem? non eundem sonum nominis dico, sed rem quam significat. quam si oblitus essem, quid ille valeret sonus agnoscere utique non valerem. ergo cum memoriam meminim, per se ipsam sibi praesto est ipsa memoria. cum vero meminim oblivionem, et memoria praesto est et oblivio, memoria qua meminim, oblivio quam meminim. sed quid est oblivio nisi privatio memoriae? quomodo ergo adest ut eam meminim, quando cum adest meminisse non possum? at si quod meminimus memoria retinemus, oblivionem autem nisi meminissemus, nequaquam possemus audito isto nomine rem quae illo significatur agnoscere, memoria retinetur oblivio. adest ergo ne obliviscamur, quae cum adest, obliviscimur. an ex hoc intellegitur non per se ipsam inesse memoriae, cum eam meminimus, sed per imaginem suam, quia, si per se ipsam praesto esset oblivio, non ut meminissemus, sed ut oblivisceremur, efficeret? et hoc quis tandem indagabit? quis comprehendet quomodo sit?

## 10.16.25

ego certe, domine, laboro hic et laboro in me ipso. factus sum mihi terra difficultatis et sudoris nimii. neque enim nunc scrutamur plagas caeli aut siderum intervalla dimetimur vel terrae libramenta quaerimus. ego sum qui memini, ego animus. non ita mirum si a me longe est quidquid ego non sum: quid autem propinquius me ipso mihi? et ecce memoriae meae vis non comprehenditur a me, cum ipsum me non dicam praeter illam. quid enim dicturus sum, quando mihi certum est meminisse me oblivionem? an dicturus sum non esse in memoria mea quod memini? an dicturus sum ad hoc inesse oblivionem in memoria mea, ut non obliviscar? utrumque absurdissimum est. quid illud tertium? quo pacto dicam imaginem oblivionis teneri memoria mea, non ipsam oblivionem, cum eam memini? quo pacto et hoc dicam, quandoquidem cum imprimitur rei cuiusque imago in memoria, prius necesse est ut adsit res ipsa, unde illa imago possit imprimi? sic enim Carthagini memini, sic omnium locorum quibus interfui, sic facies hominum quas vidi, et ceterorum sensuum nuntiata, sic ipsius corporis salutem sive dolorem: cum praesto essent ista, cepit ab eis imagines memoria, quas intuerer praesentes et retractarem animo, cum illa et absentia reminiscerer. si ergo per imaginem suam, non per se ipsam, in memoria tenetur oblivio, ipsa utique aderat, ut eius imago caperetur. cum autem adesset, quomodo imaginem suam in memoria conscribebat, quando id etiam quod iam notatum invenit praesentia sua delet oblivio? et tamen quocumque modo, licet sit modus iste incomprehensibilis et inexplicabilis, etiam ipsam oblivionem meminisse me certus sum, qua id quod meminerimus obruitur.

## 10.17.26

magna vis est memoriae, nescio quid horrendum, deus meus, profunda et infinita multiplicitas. et hoc animus est, et hoc ego ipse sum. quid ergo sum, deus meus? quae natura sum? varia, multimoda vita et immensa vehementer. ecce in memoriae meae campis et antris et cavernis innumerabilibus atque innumerabiliter plenis innumerabilium rerum generibus, sive per imagines, sicut omnium

corporum, sive per praesentiam, sicut artium, sive per nescio quas notiones vel notationes, sicut affectionum animi (quas et cum animus non patitur, memoria tenet, cum in animo sit quidquid est in memoria), per haec omnia discurro et volito hac illac, penetro etiam quantum possum, et finis nusquam. tanta vis est memoriae, tanta vitae vis est in homine vivente mortaliter! quid igitur agam, tu vera mea vita, deus meus? transibo et hanc vim meam quae memoria vocatur, transibo eam ut pertendam ad te, dulce lumen. quid dicis mihi? ecce ego ascendens per animum meum ad te, qui desuper mihi manes, transibo et istam vim meam quae memoria vocatur, volens te attingere unde attingi potes, et inhaerere tibi unde inhaereri tibi potest. habent enim memoriam et pecora et aves, alioquin non cubilia nidosve repeterent, non alia multa quibus adsuescunt; neque enim et adsuescere valerent ullis rebus nisi per memoriam. transibo ergo et memoriam, ut attingam eum qui separavit me a quadrupedibus et a volatilibus caeli sapientiolem me fecit. transibo et memoriam, ut ubi te inveniam, vere bone, secunda suavis, ut ubi te inveniam? si praeter memoriam meam te invenio, immemor tui sum. et quomodo iam inveniam te, si memor non sum tui?

## 10.18.27

perdiderat enim mulier dragmam et quaesivit eam cum lucerna et, nisi memor eius esset, non inveniret eam. cum enim esset inventa, unde sciret utrum ipsa esset, si memor eius non esset? multa memini me perdita quaesisse atque invenisse. inde istuc scio, quia, cum quaererem aliquid eorum et diceretur mihi, 'num forte hoc est?' 'num forte illud?', tamdiu dicebam, 'non est,' donec id offerretur quod quaerebam. cuius nisi memor essem, quidquid illud esset, etiamsi mihi offerretur non invenirem, quia non agnoscerem. et semper ita fit, cum aliquid perditum quaerimus et invenimus. verum tamen si forte aliquid ab oculis perit, non a memoria, veluti corpus quodlibet visibile, tenetur intus imago eius et quaeritur, donec reddatur aspectui. quod cum inventum fuerit, ex imagine quae intus est recognoscitur. nec invenisse nos dicimus quod perierat, si non agnoscimus, nec agnoscere possumus, si non meminimus; sed hoc perierat quidem



oculis, memoria tenebatur.

## 10.19.28

quid, cum ipsa memoria perdit aliquid, sicut fit cum obliviscimur et quaerimus ut recordemur, ubi tandem quaerimus nisi in ipsa memoria? et ibi si aliud pro alio forte offeratur, respuimus donec illud occurrat quod quaerimus. et cum occurrit, dicimus, 'hoc est'; quod non diceremus nisi agnosceremus, nec agnosceremus nisi meminissemus. certe ergo obliti fueraimus. an non totum exciderat, sed ex parte quae tenebatur pars alia quaerebatur, quia sentiebat se memoria non simul volvere quod simul solebat, et quasi detruncata consuetudine claudicans reddi quod deerat flagitabat? tamquam si homo notus sive conspiciatur oculis sive cogitetur et nomen eius obliti requiramus, quidquid aliud occurrerit non conectitur, quia non cum illo cogitari consuevit ideoque respuitur donec illud adsit, ubi simul adsuefacta notitia non inaequaliter adquiescat. et unde adest nisi ex ipsa memoria? nam et cum ab alio commoniti recognoscimus, inde adest. non enim quasi novum credimus, sed recordantes approbamus hoc esse quod dictum est. si autem penitus aboleatur ex animo, nec admoniti reminiscimur. neque enim omni modo adhuc obliti sumus quod vel oblitos nos esse meminimus. hoc ergo nec amissum quaerere poterimus, quod omnino obliti fuerimus.

## 10.20.29

quomodo ergo te quaero, domine? cum enim te, deum meum, quaero, vitam beatam quaero. quaeram te ut vivat anima mea. vivit enim corpus meum de anima mea et vivit anima mea de te. quomodo ergo quaero vitam beatam? quia non est mihi donec dicam, 'sat, est illic.' ubi oportet ut dicam quomodo eam quaero, utrum per recordationem, tamquam eam oblitus sim oblitumque me esse adhuc teneam, an per appetitum discendi incognitam, sive quam numquam scierim sive quam sic oblitus fuerim ut me nec oblitum esse meminerim. nonne ipsa est beata vita quam omnes volunt, et omnino qui nolit nemo est? ubi noverunt eam, quod sic volunt eam? ubi

viderunt, ut amarent eam? nimirum habemus eam nescio quomodo. et est alius quidam modus quo quisque, cum habet eam, tunc beatus est, et sunt qui spe beati sunt. inferiore modo isti habent eam quam illi qui iam re ipsa beati sunt, sed tamen meliores quam illi qui nec re nec spe beati sunt. qui tamen etiam ipsi, nisi aliquo modo haberent eam, non ita vellent beati esse: quod eos velle certissimum est. nescio quomodo noverunt eam ideoque habent eam in nescio qua notitia, de qua satago, utrum in memoria sit, quia, si ibi est, iam beati fuimus aliquando, utrum singillatim omnes, an in illo homine qui primus peccavit, in quo et omnes mortui sumus et de quo omnes cum miseria nati sumus, non quaero nunc, sed quaero utrum in memoria sit beata vita. neque enim amaremus eam nisi nossemus. audimus nomen hoc et omnes rem ipsam nos appetere fatemur; non enim sono delectamur. nam hoc cum latine audit graecus, non delectatur, quia ignorat quid dictum sit; nos autem delectamur, sicut etiam ille si graece hoc audierit, quoniam res ipsa nec graeca nec latina est, cui adipiscendae graeci latinique inhiant ceterarumque linguarum homines. nota est igitur omnibus, qui una voce si interrogari possent utrum beati esse vellent, sine ulla dubitatione velle responderent. quod non fieret, nisi res ipsa, cuius hoc nomen est, eorum memoria teneretur.

## 10.21.30

numquid ita ut meminit Carthaginem qui vidit? non. vita enim beata non videtur oculis, quia non est corpus. numquid sicut meminimus numeros? non. hos enim qui habet in notitia, non adhuc quaerit adipisci, vitam vero beatam habemus in notitia ideoque amamus et tamen adhuc adipisci eam volumus, ut beati simus. numquid sicut meminimus eloquentiam? non. quamvis enim et hoc nomine audito recordentur ipsam rem, qui etiam nondum sunt eloquentes multique esse cupiant (unde apparet eam esse in eorum notitia), tamen per corporis sensus alios eloquentes animadverterunt et delectati sunt et hoc esse desiderant, quamquam nisi ex interiore notitia non delectarentur, neque hoc esse vellent nisi delectarentur. beatam vero vitam nullo sensu corporis in aliis experimur. numquid sicut meminimus

gaudium? fortasse ita. nam gaudium meum etiam tristis memini sicut vitam beatam miser, neque umquam corporis sensu gaudium meum vel vidi vel audivi vel odoratus sum vel gustavi vel tetigi, sed expertus sum in animo meo quando laetatus sum, et adhaesit eius notitia memoriae meae, ut id reminisci valeam, aliquando cum aspernatione, aliquando cum desiderio, pro earum rerum diversitate de quibus me gavisum esse memini. nam et de turpibus gaudio quodam perfusus sum, quod nunc recordans detestor atque exsecror, aliquando de bonis et honestis, quod desiderans recolo, tametsi forte non adsunt, et ideo tristis gaudium pristinum recolo.

## 10.21.31

ubi ergo et quando expertus sum vitam meam beatam, ut recorder eam et amem et desiderem? nec ego tantum aut cum paucis, sed beati prorsus omnes esse volumus. quod nisi certa notitia nossemus, non tam certa voluntate vellemus. sed quid est hoc? quod si quaeratur a duobus utrum militare velint, fieri possit ut alter eorum velle se, alter nolle respondeat. si autem ab eis quaeratur utrum esse beati velint, uterque se statim sine ulla dubitatione dicat optare, nec ob aliud velit ille militare, nec ob aliud iste nolit, nisi ut beati sint. num forte quoniam alius hinc, alius inde gaudet? ita se omnes beatos esse velle consonant, quemadmodum consonarent si hoc interrogarentur, se velle gaudere, atque ipsum gaudium vitam beatam vocant. quod etsi alius hinc, alius illinc adsequitur, unum est tamen quo pervenire omnes nituntur, ut gaudeant. quae quoniam res est quam se expertum non esse nemo potest dicere, propterea reperta in memoria recognoscitur quando beatae vitae nomen auditur.

## 10.22.32

absit, domine, absit a corde servi tui qui confitetur tibi, absit ut, quocumque gaudio gaudeam, beatum me putem. est enim gaudium quod non datur impiis, sed eis qui te gratis colunt, quorum gaudium tu ipse es. et ipsa est beata vita, gaudere ad te, de te, propter te: ipsa est et non est altera. qui autem aliam putant esse, aliud sectantur

gaudium neque ipsum verum. ab aliqua tamen imagine gaudii voluntas eorum non avertitur.

### **10.23.33**

non ergo certum est quod omnes esse beati volunt, quoniam qui non de te gaudere volunt, quae sola vita beata est, non utique beatam vitam volunt. an omnes hoc volunt, sed quoniam caro concupiscit adversus spiritum et spiritus adversus carnem, ut non faciant quod volunt, cadunt in id quod valent eoque contenti sunt, quia illud quod non valent, non tantum volunt quantum sat est ut valeant? nam quaero ab omnibus utrum malint de veritate quam de falsitate gaudere. tam non dubitant dicere de veritate se malle, quam non dubitant dicere beatos esse se velle. beata quippe vita est gaudium de veritate. hoc est enim gaudium de te, qui veritas es, deus, inluminatio mea, salus faciei meae, deus meus. hanc vitam beatam omnes volunt, hanc vitam, quae sola beata est, omnes volunt, gaudium de veritate omnes volunt. multos expertus sum qui vellent fallere, qui autem falli, neminem. ubi ergo noverunt hanc vitam beatam, nisi ubi noverunt etiam veritatem? amant enim et ipsam, quia falli nolunt, et cum amant beatam vitam, quod non est aliud quam de veritate gaudium, utique amant etiam veritatem, nec amarent nisi esset aliqua notitia eius in memoria eorum. cur ergo non de illa gaudent? cur non beati sunt? quia fortius occupantur in aliis, quae potius eos faciunt miseros quam illud beatos, quod tenuiter meminerunt. adhuc enim modicum lumen est in hominibus. ambulent, ambulent, ne tenebrae comprehendant.

### **10.23.34**

cur autem veritas parit odium et inimicus eis factus est homo tuus verum praedicans, cum ametur beata vita, quae non est nisi gaudium de veritate, nisi quia sic amatur veritas ut, quicumque aliud amant, hoc quod amant velint esse veritatem, et quia falli nollent, nolunt convinci quod falsi sint? itaque propter eam rem oderunt veritatem, quam pro veritate amant. amant eam lucentem, oderunt eam redargentem. quia enim falli nolunt et fallere volunt, amant eam cum

se ipsa indicat, et oderunt eam cum eos ipsos indicat. inde retribuet eis ut, qui se ab ea manifestari nolunt, et eos nolentes manifestet et eis ipsa non sit manifesta. sic, sic, etiam sic animus humanus, etiam sic caecus et languidus, turpis atque indecens latere vult, se autem ut lateat aliquid non vult. contra illi redditur, ut ipse non lateat veritatem, ipsum autem veritas lateat. tamen etiam sic, dum miser est, veris mavult gaudere quam falsis. beatus ergo erit, si nulla interpellante molestia de ipsa, per quam vera sunt omnia, sola veritate gaudebit.

## 10.24.35

ecce quantum spatiatum sum in memoria mea quaerens te, domine, et non te inveni extra eam. neque enim aliquid de te inveni quod non meminissem, ex quo didici te, nam ex quo didici te non sum oblitus tui. ubi enim inveni veritatem, ibi inveni deum meum, ipsam veritatem, quam ex quo didici non sum oblitus. itaque ex quo te didici, manes in memoria mea, et illic te invenio cum reminiscor tui, et delector in te. hae sunt sanctae deliciae meae, quas donasti mihi misericordia tua, respiciens paupertatem meam.

## 10.25.36

sed ubi manes in memoria mea, domine, ubi illic manes? quale cubile fabricasti tibi? quale sanctuarium aedificasti tibi? tu dedisti hanc dignationem memoriae meae, ut maneas in ea, sed in qua eius parte maneas, hoc considero. transcendendi enim partes eius quas habent et bestiae cum te recordarer, quia non ibi te inveniebam inter imagines rerum corporalium, et veni ad partes eius ubi commendavi affectiones animi mei, nec illic inveni te. et intravi ad ipsius animi mei sedem, quae illi est in memoria mea, quoniam sui quoque meminit animus, nec ibi tu eras, quia sicut non es imago corporalis nec affectio viventis, qualis est cum laetamur, contristamur, cupimus, metuemus, meminimus, obliviscimur et quidquid huius modi est, ita nec ipse animus es, quia dominus deus animi tu es. et commutantur haec omnia, tu autem incommutabilis manes super omnia et dignatus es habitare in memoria mea, ex quo te didici. et quid quaero quo loco

eius habites, quasi vero loca ibi sint? habitas certe in ea, quoniam tui meministi, ex quo te didici, et in ea te invenio, cum recordor te.

## 10.26.37

ubi ergo te inveni, ut discerem te? neque enim iam eras in memoria mea, priusquam te discerem. ubi ergo te inveni ut discerem te, nisi in te supra me? et nusquam locus, et recedimus et accedimus, et nusquam locus. veritas, ubique praesides omnibus consulentibus te simulque respondes omnibus etiam diversa consulentibus. liquide tu respondes, sed non liquide omnes audiunt. omnes unde volunt consulunt, sed non semper quod volunt audiunt. optimus minister tuus est qui non magis intuetur hoc a te audire quod ipse voluerit, sed potius hoc velle quod a te audierit.

## 10.27.38

sero te amavi, pulchritudo tam antiqua et tam nova, sero te amavi! et ecce intus eras et ego foris, et ibi te quaerebam, et in ista formosa quae fecisti deformis inruebam. mecum eras, et tecum non eram. ea me tenebant longe a te, quae si in te non essent, non essent. vocasti et clamasti et rupisti surditatem meam; coruscasti, splenduisti et fugasti caecitatem meam; fragrasti, et duxi spiritum et anhelo tibi; gustavi et esurio et sitio; tetigisti me, et exarsi in pacem tuam.

## 10.28.39

cum inhaesero tibi ex omni me, nusquam erit mihi dolor et labor, et viva erit vita mea tota plena te. nunc autem quoniam quem tu imple, sublevas eum, quoniam tui plenus non sum, oneri mihi sum. contendunt laetitiae meae flendae cum laetandis maeroribus, et ex qua parte stet victoria nescio. contendunt maerores mei mali cum gaudiis bonis, et ex qua parte stet victoria nescio. ei mihi! domine, miserere mei! ei mihi! ecce vulnera mea non abscondo. medicus es, aeger sum; misericors es, miser sum. numquid non temptatio est vita humana super terram? quis velit molestias et difficultates? tolerari

iubes ea, non amari. nemo quod tolerat amat, etsi tolerare amat. quamvis enim gaudeat se tolerare, mavult tamen non esse quod toleret. prospera in adversis desidero, adversa in prosperis timeo. quis inter haec medius locus, ubi non sit humana vita temptatio? vae prosperitatibus saeculi semel et iterum a timore adversitatis et a corruptione laetitiae! vae adversitatibus saeculi semel et iterum et tertio a desiderio prosperitatis, et quia ipsa adversitas dura est, et ne frangat tolerantiam! numquid non temptatio est vita humana super terram sine ullo interstitio?

## 10.29.40

et tota spes mea nisi in magna valde misericordia tua. da quod iubes et iube quod vis: imperas nobis continentiam. 'et cum scirem,' ait quidam, 'quia nemo potest esse continens, nisi deus det, et hoc ipsum erat sapientiae, scire cuius esset hoc donum.' per continentiam quippe conligimur et redigimur in unum, a quo in multa defluximus. minus enim te amat qui tecum aliquid amat quod non propter te amat. o amor, qui semper ardes et numquam extingueris, caritas, deus meus, accende me! continentiam iubes: da quod iubes et iube quod vis.

## 10.30.41

iubes certe ut contineam a concupiscentia carnis et concupiscentia oculorum et ambitione saeculi. iussisti a concubitu et de ipso coniugio melius aliquid quam concessisti monuisti. et quoniam dedisti, factum est, et antequam dispensator sacramenti tui fierem. sed adhuc vivunt in memoria mea, de qua multa locutus sum, talium rerum imagines, quas ibi consuetudo mea fixit, et occursantur mihi vigilantibus quidem carentes viribus, in somnis autem non solum usque ad delectationem sed etiam usque ad consensionem factumque simillimum. et tantum valet imaginis inlusio in anima mea in carne mea, ut dormienti falsa visa persuadeant quod vigilantibus vera non possunt. numquid tunc ego non sum, domine deus meus? et tamen tantum interest inter me ipsum et me ipsum intra momentum quo hinc ad soporem transeo vel

huc inde retranseo! ubi est tunc ratio qua talibus suggestionibus resistit vigilans et, si res ipsae ingerantur, inconcussus manet? numquid clauditur cum oculis? numquid sopitur cum sensibus corporis? et unde saepe etiam in somnis resistimus nostrique propositi memores atque in eo castissime permanentes nullum talibus inlecebris adhibemus adsensum? et tamen tantum interest ut, cum aliter accidit, evigilantes ad conscientiae requiem redeamus ipsaque distantia reperiamus nos non fecisse quod tamen in nobis quoquo modo factum esse doleamus.

## **10.30.42**

numquid non potens est manus tua, deus omnipotens, sanare omnes languores animae meae atque abundantiore gratia tua lascivos motus etiam mei soporis extinguere? augebis, domine, magis magisque in me munera tua, ut anima mea sequatur me ad te concupiscentiae visco expedita, ut non sit rebellis sibi, atque ut in somnis etiam non solum non perpetret istas corruptelarum turpitudines per imagines animales usque ad carnis fluxum, sed ne consentiat quidem. nam ut nihil tale vel tantulum libeat, quantum possit nutu cohiberi etiam in casto dormientis affectu, non tantum in hac vita sed etiam in hac aetate, non magnum est omnipotenti, qui vales facere supra quam petimus et intellegimus. nunc tamen quid adhuc sim in hoc genere mali mei, dixi bono domino meo, exultans cum tremore in eo quod donasti mihi, et lugens in eo quod inconsummatus sum, sperans perfecturum te in me misericordias tuas usque ad pacem plenariam, quam tecum habebunt interiora et exteriora mea, cum absorpta fuerit mors in victoriam.

## **10.31.43**

est alia malitia diei, quae utinam sufficiat ei. reficimus enim cotidianas ruinas corporis edendo et bibendo, priusquam escas et ventrem destruas, cum occideris indigentiam satietate mirifica et corruptibile hoc indueris incorruptione sempiterna. nunc autem suavis est mihi necessitas, et adversus istam suavitatem pugno, ne capiar, et



cotidianum bellum gero in ieiuniis, saepius in servitutem redigens corpus meum, et dolores mei voluptate pelluntur. nam fames et sitis quidam dolores sunt, urunt et sicut febris necant, nisi alimentorum medicina succurrat. quae quoniam praesto est ex consolatione munerum tuorum, in quibus nostrae infirmitati terra et aqua et caelum serviunt, calamitas deliciae vocantur.

## 10.31.44

hoc me docuisti, ut quemadmodum medicamenta sic alimenta sumpturus accedam. sed dum ad quietem satietatis ex indigentiae molestia transeo, in ipso transitu mihi insidiatur laqueus concupiscentiae. ipse enim transitus voluptas est, et non est alius, qua transeatur quo transire cogit necessitas. et cum salus sit causa edendi ac bibendi, adiungit se tamquam pedisequa periculosa iucunditas et plerumque praeire conatur, ut eius causa fiat quod salutis causa me facere vel dico vel volo. nec idem modus utriusque est: nam quod saluti satis est, delectationi parum est, et saepe incertum fit utrum adhuc necessaria corporis cura subsidium petat an voluptaria cupiditatis fallacia ministerium suppetat. ad hoc incertum hilaescit infelix anima et in eo praeparat excusationis patrocinium, gaudens non apparere quid satis sit moderationi valetudinis, ut obtentu salutis obumbret negotium voluptatis. his temptationibus cotidie conor resistere, et invoco dexteram tuam, et ad te refero aestus meos, quia consilium mihi de hac re nondum stat.

## 10.31.45

audio vocem iubentis dei mei, 'non graventur corda vestra in crapula et ebrietate.' ebrietas longe est a me: misereberis, ne appropinquet mihi. crapula autem nonnumquam subrepat servo tuo: misereberis, ut longe fiat a me. nemo enim potest esse continens, nisi tu des. multa nobis orantibus tribuis, et quidquid boni antequam oraremus accepimus, a te accepimus; et ut hoc postea cognosceremus, a te accepimus. ebriosus numquam fui, sed ebriosos a te factos sobrios ego novi. ergo a te factum est ut hoc non essent qui numquam

fuerunt, a quo factum est ut hoc non semper essent qui fuerunt, a quo etiam factum est ut scirent utrique a quo factum est. audivi aliam vocem tuam: `post concupiscentias tuas non eas et a voluptate tua vetare.' audivi et illam ex munere tuo, quam multum amavi: `neque si manducaverimus, abundabimus, neque si non manducaverimus, deerit nobis'; hoc est dicere: `nec illa res me copiosum faciet nec illa aerumnosum.' audivi et alteram: `ego enim didici in quibus sum sufficiens esse, et abundare novi et penuriam pati novi. omnia possum in eo qui me confortat.' ecce miles castrorum caelestium, non pulvis quod sumus. sed memento, domine, quia pulvis sumus, et de pulvere fecisti hominem, et perierat et inventus est. nec ille in se potuit, quia idem pulvis fuit quem talia dicentem adflatu tuae inspirationis adamavi: `omnia possum,' inquit, `in eo qui me confortat.' conforta me ut possim. da quod iubes et iube quod vis. iste se accepisse confitetur et quod gloriatur in domino gloriatur. audivi alium rogantem ut accipiat: `aufer a me,' inquit, `concupiscentias ventris.' unde apparet, sancte deus meus, te dare, cum fit quod imperas fieri.

## 10.31.46

docuisti me, pater bone, omnia munda mundis, sed malum esse homini qui per offensionem manducat; et omnem creaturam tuam bonam esse nihilque abiciendum quod cum gratiarum actione percipitur; et quia esca nos non commendat deo, et ut nemo nos iudicet in cibo aut in potu; et ut qui manducat non manducantem non spernat, et qui non manducat manducantem non iudicet. didici haec: gratias tibi, laudes tibi, deo meo, magistro meo, pulsatori aurium mearum, inlustratori cordis mei. eripe ab omni temptatione. non ego immunditiam obsonii timeo, sed immunditiam cupiditatis. scio Noe omne carnis genus quod cibo esset usui manducare permissum, Heliam cibo carnis reffectum, Iohannem mirabili abstinentia praeditum animalibus, hoc est lucustis in escam cedentibus, non fuisse pollutum. et scio Esau lenticulae concupiscentia deceptum, et David propter aquae desiderium a se ipso reprehensum, et regem nostrum non de carne sed de pane temptatum. ideoque et populus in heremo non quia carnes desideravit, sed quia escae desiderio adversus dominum

murmuravit, meruit improbari.

## 10.31.47

in his ergo temptationibus positus certo cotidie adversus concupiscentiam manducandi et bibendi. non enim est quod semel praecidere et ulterius non attingere decernam, sicut de concubitu potui. itaque freni gutturis temperata relaxatione et constrictione tenendi sunt. et quis est, domine, qui non rapiatur aliquantum extra metas necessitatis? quisquis est, magnus est, magnificet nomen tuum. ego autem non sum, quia peccator homo sum, sed et ego magnifico nomen tuum, et interpellat te pro peccatis meis qui vicit saeculum, numerans me inter infirma membra corporis sui, quia et imperfectum eius viderunt oculi tui, et in libro tuo omnes scribentur.

## 10.32.48

de inlecebra odorum non satago nimis. cum absunt, non requiro, cum adsunt, non respuo, paratus eis etiam semper carere. ita mihi videor; forsitan fallar. sunt enim et istae plangendae tenebrae in quibus me latet facultas mea quae in me est, ut animus meus de viribus suis ipse se interrogans non facile sibi credendum existimet, quia et quod inest plerumque occultum est, nisi experientia manifestetur, et nemo securus esse debet in ista vita, quae tota temptatio nominatur, utrum qui fieri potuit ex deteriore melior non fiat etiam ex meliore deterior. una spes, una fiducia, una firma promissio misericordia tua.

## 10.33.49

voluptates aurium tenacius me implicaverant et subiugaverant, sed resolvisti et liberasti me. nunc in sonis quos animant eloquia tua cum suavi et artificiosa voce cantantur, fateor, aliquantulum adquiesco, non quidem ut haeream, sed ut surgam cum volo. attamen cum ipsis sentiis, quibus vivunt ut admittantur ad me, quaerunt in corde meo nonnullius dignitatis locum, et vix eis praebeo congruentem. aliquando enim plus mihi videor honoris eis tribuere quam decet, dum ipsis

sanctis dictis religiosius et ardentius sentio moveri animos nostros in flammam pietatis cum ita cantantur, quam si non ita cantarentur, et omnes affectus spiritus nostri pro sui diversitate habere proprios modos in voce atque cantu, quorum nescio qua occulta familiaritate excitentur. sed delectatio carnis meae, cui mentem enervandam non oportet dari, saepe me fallit, dum rationi sensus non ita comitatur ut patienter sit posterior, sed tantum, quia propter illam meruit admitti, etiam praecurrere ac ducere conatur. ita in his pecco non sentiens et postea sentio.

### 10.33.50

aliquando autem hanc ipsam fallaciam immoderatus cavens error nimia severitate, sed valde interdum, ut melos omne cantilenarum suavium quibus davidicum psalterium frequentatur ab auribus meis removeri velim atque ipsius ecclesiae, tutiusque mihi videtur quod de Alexandrino episcopo Athanasio saepe mihi dictum commemini, qui tam modico flexu vocis faciebat sonare lectorem psalmi ut pronuntianti vicinior esset quam canenti. verum tamen cum reminiscor lacrimas meas quas fudi ad cantus ecclesiae in primordiis recuperatae fidei meae, et nunc ipsum cum moveor non cantu sed rebus quae cantantur, cum liquida voce et convenientissima modulatione cantantur, magnam instituti huius utilitatem rursus agnosco. ita fluctuo inter periculum voluptatis et experimentum salubritatis magisque adducor, non quidem inretractabilem sententiam proferens, cantandi consuetudinem approbare in ecclesia, ut per oblectamenta aurium infirmior animus in affectum pietatis adsurgat. tamen cum mihi accidit ut me amplius cantus quam res quae canitur moveat, poenaliter me peccare confiteor et tunc mallem non audire cantantem. ecce ubi sum! flete mecum et pro me flete qui aliquid boni vobiscum intus agitis, unde facta procedunt. nam qui non agitis, non vos haec movent. tu autem, domine deus meus, exaudi: respice et vide et miserere et sana me, in cuius oculis mihi quaestio factus sum, et ipse est languor meus.

## 10.34.51

restat voluptas oculorum istorum carnis meae, de qua loquar confessiones quas audiant aures templi tui, aures fraternae ac piaae, ut concludamus temptationes concupiscentiae carnis quae me adhuc pulsant, ingemescentem et habitaculum meum, quod de caelo est, superindui cupientem. pulchras formas et varias, nitidos et amoenos colores amant oculi. non teneant haec animam meam; teneat eam deus, qui fecit haec bona quidem valde, sed ipse est bonum meum, non haec. et tangunt me vigilantem totis diebus, nec requies ab eis datur mihi, sicut datur a vocibus canoris, aliquando ab omnibus, in silentio. ipsa enim regina colorum, lux ista perfundens cuncta quae cernimus, ubiubi per diem fuero, multimodo adlapsu blanditur mihi aliud agenti et eam non advertenti. insinuat autem se ita vehementer ut, si repente subtrahatur, cum desiderio requiratur; et si diu absit, contristat animum.

## 10.34.52

o lux quam videbat Tobis, cum clausis istis oculis filium docebat vitae viam et ei praeibat pede caritatis nusquam errans; aut quam videbat Isaac praegravatis et opertis senectute carneis luminibus, cum filios non agnoscendo benedicere sed benedicendo agnoscere meruit; aut quam videbat Iacob, cum et ipse prae grandi aetate captus oculis in filiis praesignata futuri populi genera luminoso corde radiavit et nepotibus suis ex Ioseph divexas mystice manus, non sicut pater eorum foris corrigebat, sed sicut ipse intus discernebat, imposuit -- ipsa est lux, una est et unum omnes qui vident et amant eam. at ista corporalis, de qua loquebar, inlecebrosa ac periculosa dulcedine condit vitam saeculi caecis amatoribus. cum autem et de ipsa laudare te norunt, deus creator omnium, adsumunt eam in hymno tuo, non absumuntur ab ea in somno suo: sic esse cupio. resisto seductionibus oculorum, ne implicentur pedes mei, quibus ingredior viam tuam, et erigo ad te invisibiles oculos, ut tu evellas de laqueo pedes meos. tu subinde evelles eos, nam inlaqueantur. tu non cessas evellere (ego autem crebro haereo in ubique sparsis insidiis) quoniam non dormies

neque dormitabis, qui custodis Israel.

### 10.34.53

quam innumerabilia variis artibus et opificiis, in vestibus, calciamentis, vasis et cuiuscemodi fabricationibus, picturis etiam diversisque figmentis atque his usum necessarium atque moderatum et piam significationem longe transgredientibus addiderunt homines ad inlecebras oculorum, foras sequentes quod faciunt, intus relinquentes a quo facti sunt et exterminantes quod facti sunt. at ego, deus meus et decus meum, etiam hinc tibi dico hymnum et sacrifico laudem sacrificatori meo, quoniam pulchra traiecta per animas in manus artificiosas ab illa pulchritudine veniunt quae super animas est, cui suspirat anima mea die ac nocte. sed pulchritudinum exteriorum operatores et sectatores inde trahunt approbandi modum, non autem inde trahunt utendi modum. et ibi est et non vident eum, ut non eant longius et fortitudinem suam ad te custodiant nec eam spargant in deliciosas lassitudines. ego autem haec loquens atque discernens etiam istis pulchris gressum innecto, sed tu evellis, domine, evellis tu, quoniam misericordia tua ante oculos meos est. nam ego capior miserabiliter, et tu evellis misericorditer aliquando non sentientem, quia suspensius incideram, aliquando cum dolore, quia iam inhaeseram.

### 10.35.54

huc accedit alia forma temptationis multiplicius periculosa. praeter enim concupiscentiam carnis, quae inest in delectatione omnium sensuum et voluptatum, cui servientes depereunt qui longe se faciunt a te, inest animae per eosdem sensus corporis quaedam non se oblectandi in carne, sed experiendi per carnem vana et curiosa cupiditas nomine cognitionis et scientiae palliata. quae quoniam in appetitu noscendi est, oculi autem sunt ad noscendum in sensibus principes, concupiscentia oculorum eloquio divino appellata est. ad oculos enim proprie videre pertinet, utimur autem hoc verbo etiam in ceteris sensibus, cum eos ad cognoscendum intendimus. neque enim

dicimus, `audi quid rutillet,' aut, `olefac quam niteat,' aut, `gusta quam splendeat,' aut, `palpa quam fulgeat': videri enim dicuntur haec omnia. dicimus autem non solum, `vide quid luceat,' quod soli oculi sentire possunt, sed etiam, `vide quid sonet,' `vide quid oleat,' `vide quid sapiat,' `vide quam durum sit.' ideoque generalis experientia sensuum concupiscentia (sicut dictum est) oculorum vocatur, quia videndi officium, in quo primatum oculi tenent, etiam ceteri sensus sibi de similitudine usurpant, cum aliquid cognitionis explorant.

## 10.35.55

ex hoc autem evidentius discernitur quid voluptatis, quid curiositatis agatur per sensus, quod voluptas pulchra, canora, suavia, sapida, lenia sectatur, curiositas autem etiam his contraria temptandi causa, non ad subeundam molestiam sed experiendi noscendique libidine. quid enim voluptatis habet videre in laniato cadavere quod exhorreas? et tamen sicubi iaceat, concurrunt, ut contristentur, ut palleant. timent etiam ne in somnis hoc videant, quasi quisquam eos vigilantes videre coegerit aut pulchritudinis ulla fama persuaserit. ita et in ceteris sensibus, quae persequi longum est. ex hoc morbo cupiditatis in spectaculis exhibentur quaeque miracula. hinc ad perscrutanda naturae, quae praeter nos est, operata proceditur, quae scire nihil prodest et nihil aliud quam scire homines cupiunt. hinc etiam si quid eodem perversae scientiae fine per artes magicas quaeritur. hinc etiam in ipsa religione deus temptatur, cum signa et prodigia flagitantur non ad aliquam salutem, sed ad solam experientiam desiderata.

## 10.35.56

in hac tam immensa silva plena insidiarum et periculorum, ecce multa praeciderim et a meo corde dispulerim, sicut donasti me facere, deus salutis meae. attamen quando audeo dicere, cum circumquaque cotidianam vitam nostram tam multa huius generis rerum circumstrepant, quando audeo dicere nulla re tali me intentum fieri ad spectandum et vana cura capiendum? sane me iam theatra non

rapiunt, nec curo nosse transitus siderum, nec anima mea umquam responsa quaesivit umbrarum; omnia sacrilega sacramenta detestor. a te, domine deus meus, cui humilem famulatum ac simplicem debeo, quantis mecum suggestionum machinationibus agit inimicus ut signum aliquod petam! sed obsecro te per regem nostrum et patriam Hierusalem simplicem, castam, ut quemadmodum a me longe est ad ista consensio, ita sit semper longe atque longius. pro salute autem cuiusquam cum te rogo, alius multum differens finis est intentionis meae, et te facientem quod vis das mihi et dabis libenter sequi.

## 10.35.57

verum tamen in quam multis minutissimis et contemptibilibus rebus curiositas cotidie nostra temptetur et quam saepe labamur, quis enumerat? quotiens narrantes inania primo quasi toleramus, ne offendamus infirmos, deinde paulatim libenter advertimus. canem currentem post leporem iam non specto cum in circo fit; at vero in agro, si casu transeam, avertit me fortassis et ab aliqua magna cogitatione atque ad se convertit illa venatio, non deviare cogens corpore iumentum sed cordis inclinatione, et nisi iam mihi demonstrata infirmitate mea cito admoneas aut ex ipsa visione per aliquam considerationem in te adsurgere aut totum contemnere atque transire, vanus hebesco. quid cum me domi sedentem stelio muscas captans vel aranea retibus suis inruentes implicans saepe intentum facit? num quia parva sunt animalia, ideo non res eadem geritur? pergo inde ad laudandum te, creatorem mirificum atque ordinatorem rerum omnium, sed non inde esse intentus incipio. aliud est cito surgere, aliud est non cadere. et talibus vita mea plena est, et una spes mea magna valde misericordia tua. cum enim huiuscemodi rerum conceptaculum fit cor nostrum et portat copiosae vanitatis catervas, hinc et orationes nostrae saepe interrumpuntur atque turbantur, et ante conspectum tuum, dum ad aures tuas vocem cordis intendimus, nescio unde inruentibus nugatoriis cogitationibus res tanta praeciditur.



## 10.36.58

numquid etiam hoc inter contemnenda deputabimus, aut aliquid nos reducet in spem nisi nota misericordia tua, quoniam coepisti mutare nos? et tu scis quanta ex parte mutaveris, qui me primitus sanas a libidine vindicandi me, ut propitius fias etiam ceteris omnibus iniquitatibus meis, et sanes omnes languores meos, et redimas de corruptione vitam meam, et coronas me in miseratione et misericordia, et saties in bonis desiderium meum, qui compressisti a timore tuo superbiam meam et mansuefecisti iugo tuo cervicem meam. et nunc porto illud, et lene est mihi, quoniam sic promisisti et fecisti; et vere sic erat, et nesciebam, quando id subire metuebam.

## 10.36.59

sed numquid, domine, qui solus sine typho dominaris, quia solus verus dominus es, qui non habes dominum, numquid hoc quoque tertium temptationis genus cessavit a me aut cessare in hac tota vita potest, timeri et amari velle ab hominibus, non propter aliud sed ut inde sit gaudium quod non est gaudium? misera vita est et foeda iactantia; hinc fit vel maxime non amare te nec caste timere te, ideoque tu superbis resistis, humilibus autem das gratiam, et intonas super ambitiones saeculi, et contremunt fundamenta montium. itaque nobis, quoniam propter quaedam humanae societatis officia necessarium est amari et timeri ab hominibus, instat adversarius verae beatitudinis nostrae, ubique spargens in laqueis `euge! euge!' ut, dum avidè conligimus, incaute capiamur et a veritate tua gaudium nostrum deponamus atque in hominum fallacia ponamus, libeatque nos amari et timeri non propter te sed pro te, atque isto modo sui similes factos secum habeat, non ad concordiam caritatis sed ad consortium supplicii, qui statuit sedem suam ponere in aquilone, ut te perversa et distorta via imitanti tenebrosi frigidique servirent. nos autem, domine, pusillus grex tuus ecce sumus, tu nos posside. praetende alas tuas, et fugiamus sub eas. gloria nostra tu esto; propter te amemur et verbum tuum timeatur in nobis. qui laudari vult ab hominibus vituperante te, non defendetur ab hominibus iudicante te nec eripietur

damnante te. cum autem non peccator laudatur in desideriis animae suae, nec qui iniqua gerit benedicetur, sed laudatur homo propter aliquod donum quod dedisti ei, at ille plus gaudet sibi laudari se quam ipsum donum habere unde laudatur, etiam iste te vituperante laudatur, et melior iam ille qui laudavit quam iste qui laudatus est. illi enim placuit in homine donum dei, huic amplius placuit donum hominis quam dei.

## 10.37.60

temptamur his temptationibus cotidie, domine, sine cessatione temptamur. cotidiana fornax nostra est humana lingua. imperas nobis et in hoc genere continentiam: da quod iubes et iube quod vis. tu nosti de hac re ad te gemitum cordis mei et flumina oculorum meorum. neque enim facile conligo quam sim ab ista peste mundatior, et multum timeo occulta mea, quae norunt oculi tui, mei autem non. est enim qualiscumque in aliis generibus temptationum mihi facultas explorandi me, in hoc paene nulla est. nam et a voluptatibus carnis et a curiositate supervacanea cognoscendi video quantum adsecutus sim posse refrenare animum meum, cum eis rebus careo vel voluntate vel cum absunt. tunc enim me interrogo quam magis minusve mihi molestum sit non habere. divitiae vero, quae ob hoc expetuntur, ut alicui trium istarum cupiditatum vel duabus earum vel omnibus serviant, si persentiscere non potest animus utrum eas habens contemnat, possunt et dimitti, ut se probet. laude vero ut careamus atque in eo experiamur quid possumus, numquid male vivendum est et tam perditae atque immaniter, ut nemo nos noverit qui non detestetur? quae maior dementia dici aut cogitari potest? at si bonae vitae bonorumque operum comes et solet et debet esse laudatio, tam comitatum eius quam ipsam bonam vitam deserere non oportet. non autem sentio, sine quo esse aut aequo animo aut aegre possim, nisi cum afuerit.

## 10.37.61

quid igitur tibi in hoc genere temptationis, domine, confiteor? quid, nisi

delectari me laudibus? sed amplius ipsa veritate quam laudibus. nam si mihi proponatur utrum malim furens aut in omnibus rebus errans ab omnibus hominibus laudari, an constans et in veritate certissimus ab omnibus vituperari, video quid eligam. verum tamen nollem, ut vel augeret mihi gaudium cuiuslibet boni mei suffragatio oris alieni. sed auget, fateor, non solum, sed et vituperatio minuit. et cum ista miseria mea perturbor, subintrat mihi excusatio, quae qualis sit, tu scis, deus; nam me incertum facit. quia enim nobis imperasti non tantum continentiam (id est a quibus rebus amorem cohibeamus), verum etiam iustitiam (id est quo eum conferamus), nec te tantum voluisti a nobis verum etiam proximum diligere, saepe mihi videor de propectu aut spe proximi delectari, cum bene intellegentis laude delector, et rursus eius malo contristari, cum eum audio vituperare quod aut ignorat aut bonum est. nam et contristor aliquando laudibus meis, cum vel ea laudantur in me in quibus mihi ipse displiceo, vel etiam bona minora et levia pluris aestimantur quam aestimanda sunt. sed rursus unde scio an propterea sic afficior, quia nolo de me ipso a me dissentire laudatorem meum, non quia illius utilitate moveor, sed quia eadem bona quae mihi in me placent iucundiora mihi sunt, cum et alteri placent? quodam modo enim non ego laudor, cum de me sententia mea non laudatur, quandoquidem aut illa laudantur quae mihi displicent, aut illa amplius quae mihi minus placent. ergone de hoc incertus sum mei?

## 10.37.62

ecce in te, veritas, video non me laudibus meis propter me, sed propter proximi utilitatem moveri oportere. et utrum ita sim, nescio. minus mihi in hac re notus sum ipse quam tu. obsecro te, deus meus, et me ipsum mihi indica, ut confitear oraturis pro me fratribus meis quod in me saucium comperero. iterum me diligentius interrogem. si utilitate proximi moveor in laudibus meis, cur minus moveor si quisquam alius iniuste vituperetur quam si ego? cur ea contumelia magis mordeor quae in me quam quae in alium eadem iniquitate coram me iacitur? an et hoc nescio? etiamne id restat, ut ipse me seducam et verum non faciam coram te in corde et lingua mea?

insaniam istam, domine, longe fac a me, ne oleum peccatoris mihi sit os meum ad impinguandum caput meum.

### **10.38.63**

egenus et pauper ego sum, et melior in occulto gemitu displicens mihi et quaerens misericordiam tuam, donec reficiatur defectus meus et perficiatur usque in pacem quam nescit arrogantis oculus. sermo autem ore procedens et facta quae innotescunt hominibus habent temptationem periculosissimam ab amore laudis, qui ad privatam quandam excellentiam contrahit emendicata suffragia. temptat et cum a me in me arguitur, eo ipso quo arguitur, et saepe de ipso vanae gloriae contemptu vanius gloriatur, ideoque non iam de ipso contemptu gloriae gloriatur: non enim eam contemnit cum gloriatur.

### **10.39.64**

intus etiam, intus est aliud in eodem genere temptationis malum, quo inanescunt qui placent sibi de se, quamvis aliis vel non placeant vel displiceant nec placere affectent ceteris. sed sibi placentes multum tibi displicent, non tantum de non bonis quasi bonis, verum etiam de bonis tuis quasi suis, aut etiam sicut de tuis, sed tamquam ex meritis suis, aut etiam sicut ex tua gratia, non tamen socialiter gaudentes, sed aliis invidentes eam. in his omnibus atque in huiuscemodi periculis et laboribus vides tremorem cordis mei, et vulnera mea magis subinde a te sanari quam mihi non infligi sentio.

### **10.40.65**

ubi non mecum ambulasti, veritas, docens quid caveam et quid appetam, cum ad te referrem inferiora visa mea quae potui, teque consulerem? lustravi mundum foris sensu quo potui, et attendi vitam corporis mei de me sensusque ipsos meos. inde ingressus sum in recessus memoriae meae, multiplices amplitudines plenas miris modis copiarum innumerabilium, et consideravi et expavi, et nihil eorum discernere potui sine te et nihil eorum esse te inveni. nec ego

ipse inventor, qui peragravi omnia et distinguere et pro suis quaeque dignitatibus aestimare conatus sum, excipiens alia nuntiantibus sensibus et interrogans, alia mecum commixta sentiens ipsosque nuntios dinoscens atque dinumerans iamque in memoriae latis opibus alia pertractans, alia recondens, alia eruens. nec ego ipse cum haec agerem, id est vis mea qua id agebam, nec ipsa eras tu, quia lux es tu permanens quam de omnibus consulebam, an essent, quid essent, quanti pendenda essent, et audiebam docentem ac iubentem. et saepe istuc facio. hoc me delectat, et ab actionibus necessitatis, quantum relaxari possum, ad istam voluptatem refugio. neque in his omnibus quae percurro consulens te invenio tutum locum animae meae nisi in te, quo conligantur sparsa mea nec a te quicquam recedat ex me. et aliquando intromittis me in affectum multum inusitatum introrsus, ad nescio quam dulcedinem, quae si perficiatur in me, nescio quid erit quod vita ista non erit. sed recido in haec aerumnosis ponderibus et resorbeor solitis et teneor et multum fleo, sed multum teneor. tantum consuetudinis sarcina digna est! his esse valeo nec volo, illic volo nec valeo, miser utrobique.

## 10.41.66

ideoque consideravi languores peccatorum meorum in cupiditate triplici, et dexteram tuam invocavi ad salutem meam. vidi enim splendorem tuum corde saucio et percussus dixi, 'quis illuc potest?' proiectus sum a facie oculorum tuorum. tu es veritas super omnia praesidens, at ego per avaritiam meam non amittere te volui, sed volui tecum possidere mendacium, sicut nemo vult ita falsum dicere, ut nesciat ipse quid verum sit. itaque amisi te, quia non dignaris cum mendacio possideri.

## 10.42.67

quem invenirem qui me reconciliaret tibi? ambiendum mihi fuit ad angelos? qua prece? quibus sacramentis? multi conantes ad te redire neque per se ipsos valentes, sicut audio, temptaverunt haec, et inciderunt in desiderium curiosarum visionum, et digni habiti sunt

inlusionibus. elati enim te quaerebant doctrinae fastu exserentes potius quam tundentes pectora, et adduxerunt sibi per similitudinem cordis sui conspirantes et socias superbiae suae potestates aeris huius, a quibus per potentias magicas deciperentur, quaerentes mediatorem per quem purgarentur, et non erat. diabolus enim erat transfigurans se in angelum lucis, et multum inlexit superbam carnem, quod carneo corpore ipse non esset. erant enim illi mortales et peccatores, tu autem, domine, cui reconciliari superbe quaerebant, immortalis et sine peccato. mediator autem inter deum et homines oportebat ut haberet aliquid simile deo, aliquid simile hominibus, ne in utroque hominibus similis longe esset a deo, aut in utroque deo similis longe esset ab hominibus atque ita mediator non esset. fallax itaque ille mediator, quo per secreta iudicia tua superbia meretur inludi, unum cum hominibus habet, id est peccatum, aliud videri vult habere cum deo, ut, quia carnis mortalitate non tegitur, pro immortalis se ostendet. sed quia stipendium peccati mors est, hoc habet commune cum hominibus, unde simul damnetur in mortem.

## **10.43.68**

verax autem mediator, quem secreta tua misericordia demonstrasti hominibus et misisti, ut eius exemplo etiam ipsam discerent humilitatem, mediator ille dei et hominum, homo Christus Iesus, inter mortales peccatores et immortalem iustum apparuit, mortalis cum hominibus, iustus cum deo, ut, quoniam stipendium iustitiae vita et pax est, per iustitiam coniunctam deo evacuet mortem iustificatorum impiorum, quam cum illis voluit habere communem. hic demonstratus est antiquis sanctis, ut ita ipsi per fidem futurae passionis eius, sicut nos per fidem praeteritae, salvi fierent. in quantum enim homo, in tantum mediator, in quantum autem verbum, non medius, quia aequalis deo et deus apud deum et simul unus deus.

## **10.43.69**

quomodo nos amasti, pater bone, qui filio tuo unico non pepercisti, sed pro nobis impiis tradidisti eum! quomodo nos amasti, pro quibus

ille, non rapinam arbitratus esse aequalis tibi, factus est subditus usque ad mortem crucis, unus ille in mortuis liber, potestatem habens ponendi animam suam et potestatem habens iterum sumendi eam, pro nobis tibi victor et victima, et ideo victor quia victima, pro nobis tibi sacerdos et sacrificium, et ideo sacerdos quia sacrificium, faciens tibi nos de servis filios de te nascendo, nobis serviendo. merito mihi spes valida in illo est, quod sanabis omnes languores meos per eum qui sedet ad dexteram tuam et te interpellat pro nobis; alioquin desperarem. multi enim et magni sunt idem languores, multi sunt et magni, sed amplior est medicina tua. potuimus putare verbum tuum remotum esse a coniunctione hominis et desperare de nobis, nisi caro fieret et habitaret in nobis.

## 10.43.70

conterritus peccatis meis et mole miseriae meae agitaveram corde meditatusque fueram fugam in solitudinem, sed prohibuisti me et confirmasti me dicens, 'ideo Christus pro omnibus mortuus est, ut qui vivunt iam non sibi vivant, sed ei qui pro ipsis mortuus est.' ecce, domine, iacto in te curam meam, ut vivam, et considerabo mirabilia de lege tua. tu scis imperitiam meam et infirmitatem meam: doce me et sana me. ille tuus unicus, in quo sunt omnes thesauri sapientiae et scientiae absconditi, redemit me sanguine suo. non calumnientur mihi superbi, quoniam cogito pretium meum, et manduco et bibo et erogo et pauper cupio saturari ex eo inter illos qui edunt et saturantur. et laudant dominum qui requirunt eum.

# Liber undecimus

## 11.1.1

numquid, domine, cum tua sit aeternitas, ignoras quae tibi dico, aut ad tempus vides quod fit in tempore? cur ergo tibi tot rerum narrationes digero? non utique ut per me noveris ea, sed affectum meum excito in te, et eorum qui haec legunt, ut dicamus omnes, `magnus dominus et laudabilis valde.' iam dixi et dicam, `amore amoris tui facio istuc.' nam et oramus, et tamen veritas ait, `novit pater vester quid vobis opus sit, priusquam petatis ab eo.' affectum ergo nostrum patefacimus in te confitendo tibi miserias nostras et misericordias tuas super nos, ut liberes nos omnino, quoniam coepisti, ut desinamus esse miseri in nobis et beatificemur in te, quoniam vocasti nos, ut simus pauperes spiritu et mites et lugentes et esurientes ac sitientes iustitiam et misericordes et mundicordes et pacifici. ecce narraui tibi multa, quae potui et quae volui, quoniam tu prior voluisti ut confiterer tibi, domino deo meo, quoniam bonus es, quoniam in saeculum misericordia tua.

## 11.2.2

quando autem sufficio lingua calami enuntiare omnia hortamenta tua et omnes terrores tuos, et consolationes et gubernationes, quibus me perduxisti praedicare verbum et sacramentum tuum dispensare populo tuo? et si sufficio haec enuntiare ex ordine, caro mihi valent stillae temporum. et olim inardesco meditari in lege tua et in ea tibi confiteri scientiam et imperitiam meam, primordia inluminacionis tuae et reliquias tenebrarum mearum, quousque devoretur a fortitudine infirmitas. et nolo in aliud horae diffluant quas invenio liberas a necessitatibus reficiendi corporis et intentionis animi et servitutis quam debemus hominibus et quam non debemus et tamen reddimus.



### 11.2.3

domine deus meus, intende orationi meae et misericordia tua exaudiat desiderium meum, quoniam non mihi soli aestuat, sed usui vult esse fraternae caritati. et vides in corde meo quia sic est. sacrificem tibi famulatum cogitationis et linguae meae, et da quod offeram tibi. inops enim et pauper sum, tu dives in omnes invocantes te, qui securus curam nostri geris. circumcide ab omni temeritate omnique mendacio interiora et exteriora labia mea. sint castae deliciae meae scripturae tuae, nec fallar in eis nec fallam ex eis. domine, attende et miserere, domine deus meus, lux caecorum et virtus infirmorum statimque lux videntium et virtus fortium, attende animam meam et audi clamantem de profundo. nam nisi adsint et in profundo aures tuae, quo ibimus? quo clamabimus? tuus est dies et tua est nox; ad nutum tuum momenta transvolant. largire inde spatium meditationibus nostris in abdita legis tuae, neque adversus pulsantes claudas eam. neque enim frustra scribi voluisti tot paginarum opaca secreta, aut non habent illae silvae cervos suos, recipientes se in eas et resumentes, ambulantes et pascentes, recumbentes et ruminantes. o domine, perfice me et revela mihi eas. ecce vox tua gaudium meum, vox tua super affluentiam voluptatum. da quod amo: amo enim, et hoc tu dedisti. ne dona tua deseras nec herbam tuam spernas sitientem. confitear tibi quidquid invenero in libris tuis et audiam vocem laudis, et te bibam et considerem mirabilia de lege tua ab usque principio in quo fecisti caelum et terram usque ad regnum tecum perpetuum sanctae civitatis tuae.

### 11.2.4

domine, miserere mei et exaudi desiderium meum. puto enim quod non sit de terra, non de auro et argento et lapidibus aut decoris vestibis aut honoribus et potestatibus aut voluptatibus carnis, neque de necessariis corpori et huic vitae peregrinationis nostrae, quae omnia nobis apponuntur quaerentibus regnum et iustitiam tuam. vide, deus meus, unde sit desiderium meum. narraverunt mihi iniusti delectationes, sed non sicut lex tua, domine: ecce unde est

desiderium meum. vide, pater, aspice et vide et approba, et placeat in conspectu misericordiae tuae invenire me gratiam ante te, ut aperiantur pulsanti mihi interiora sermonum tuorum. obsecro per dominum nostrum Iesum Christum filium tuum, virum dexteræ tuæ, filium hominis, quem confirmasti tibi mediatorem tuum et nostrum, per quem nos quaesisti non quaerentes te, quaesisti autem ut quaereremus te, verbum tuum per quod fecisti omnia (in quibus et me), unicum tuum per quem vocasti in adoptionem populum credentium (in quo et me) -- per eum te obsecro, qui sedet ad dexteram tuam et te interpellat pro nobis, in quo sunt omnes thesauri sapientiae et scientiae absconditi: ipsos quaero in libris tuis. Moyses de illo scripsit; hoc ipse ait, hoc veritas ait.

### 11.3.5

audiam et intellegam quomodo in principio fecisti caelum et terram. scripsit hoc Moyses, scripsit et abiit, transiit hinc a te ad te, neque nunc ante me est. nam si esset, tenerem eum et rogarem eum et per te obsecrarem ut mihi ista panderet, et praeberem aures corporis mei sonis erumpentibus ex ore eius, et si hebraea voce loqueretur, frustra pulsaret sensum meum nec inde mentem meam quicquam tangeret; si autem latine, scirem quid diceret. sed unde scirem an verum diceret? quod si et hoc scirem, num ab illo scirem? intus utique mihi, intus in domicilio cogitationis, nec hebraea nec graeca nec latina nec barbara, veritas sine oris et linguae organis, sine strepitu syllabarum diceret, 'verum dicit', et ego statim certus confidenter illi homini tuo dicerem, 'verum dicis.' cum ergo illum interrogare non possim, te, quo plenus vera dixit, veritas, rogo te, deus meus, rogo, parce peccatis meis, et qui illi servo tuo dedisti haec dicere, da et mihi haec intellegere.

### 11.4.6

ecce sunt caelum et terra! clamant quod facta sint; mutantur enim atque variantur. quidquid autem factum non est et tamen est, non est in eo quicquam quod ante non erat: quod est mutari atque variari.

clamant etiam quod se ipsa non fecerint: `ideo sumus, quia facta sumus. non ergo eramus antequam essemus, ut fieri possemus a nobis.' et vox dicentium est ipsa evidentia. tu ergo, domine, fecisti ea, qui pulcher es (pulchra sunt enim), qui bonus es (bona sunt enim), qui es (sunt enim). nec ita pulchra sunt nec ita bona sunt nec ita sunt, sicut tu conditor eorum, quo comparato nec pulchra sunt nec bona sunt nec sunt. scimus haec: gratias tibi, et scientia nostra scientiae tuae comparata ignorantia est.

### 11.5.7

quomodo autem fecisti caelum et terram? et quae machina tam grandis operationis tuae? non enim sicut homo artifex formas corpus de corpore, arbitrato animae valentis imponere utcumque speciem, quam cernit in semet ipsa interno oculo (et unde hoc valeret, nisi quia tu fecisti eam?) et imponit speciem iam esistenti et habenti, ut esset, veluti terrae aut lapidi aut ligno aut auro aut id genus rerum cuilibet. et unde ista essent, nisi tu instituisses ea? tu fabro corpus, tu animum membris imperitantem fecisti, tu materiam unde facit aliquid, tu ingenium quo artem capiat et videat intus quid faciat foris, tu sensum corporis quo interprete traiciat ab animo ad materiam id quod facit et renuntiet animo quid factum sit, ut ille intus consulat praesidentem sibi veritatem, an bene factum sit. te laudant haec omnia creatorem omnium. sed tu quomodo facis ea? quomodo fecisti, deus, caelum et terram? non utique in caelo neque in terra fecisti caelum et terram neque in aere aut in aquis, quoniam et haec pertinent ad caelum et terram neque in universo mundo fecisti universum mundum, quia non erat ubi fieret antequam fieret, ut esset. nec manu tenebas aliquid unde faceres caelum et terram: nam unde tibi hoc quod tu non feceras, unde aliquid faceres? quid enim est, nisi quia tu es? ergo dixisti et facta sunt atque in verbo tuo fecisti ea.

### 11.6.8

sed quomodo dixisti? numquid illo modo quo facta est vox de nube dicens, `hic est filius meus dilectus'? illa enim vox acta atque

transacta est, coepta et finita. sonuerunt syllabae atque transierunt, secunda post primam, tertia post secundam atque inde ex ordine, donec ultima post ceteras silentiumque post ultimam. unde claret atque eminet quod creaturae motus expressit eam, serviens aeternae voluntati tuae ipse temporalis. et haec ad tempus facta verba tua nuntiavit auris exterior menti prudenti, cuius auris interior posita est ad aeternum verbum tuum. at illa comparavit haec verba temporaliter sonantia cum aeterno in silentio verbo tuo et dixit, `aliud est longe, longe aliud est. haec longe infra me sunt nec sunt, quia fugiunt et praetereunt; verbum autem dei mei supra me manet in aeternum.' si ergo verbis sonantibus et praetereuntibus dixisti, ut fieret caelum et terra, atque ita fecisti caelum et terram, erat iam creatura corporalis ante caelum et terram, cuius motibus temporalibus temporaliter vox illa percurreret. nullum autem corpus ante caelum et terram, aut si erat, id certe sine transitoria voce feceras, unde transitoriam vocem faceres, qua diceres ut fieret caelum et terra. quidquid enim illud esset unde talis vox fieret, nisi abs te factum esset omnino non esset. ut ergo fieret corpus unde ista verba fierent, quo verbo a te dictum est?

### 11.7.9

vocas itaque nos ad intellegendum verbum, deum apud te deum, quod sempiternae dicitur et eo sempiternae dicuntur omnia. neque enim finitur quod dicebatur et dicitur aliud, ut possint dici omnia, sed simul ac sempiternae omnia; alioquin iam tempus et mutatio et non vera aeternitas nec vera immortalitas. hoc novi, deus meus, et gratias ago. novi, confiteor tibi, domine, mecumque novit et benedicit te quisquis ingratus non est certae veritati. novimus, domine, novimus, quoniam in quantum quidque non est quod erat et est quod non erat, in tantum moritur et oritur. non ergo quicquam verbi tui cedit atque succedit, quoniam vere immortale atque aeternum est. et ideo verbo tibi coaeterno simul et sempiternae dicis omnia quae dicis, et fit quidquid dicis ut fiat. nec aliter quam dicendo facis, nec tamen simul et sempiterna fiunt omnia quae dicendo facis.

## 11.8.10

cur, quaeso, domine deus meus? utcumque video, sed quomodo id eloquar nescio, nisi quia omne quod esse incipit et esse desinit tunc esse incipit et tunc desinit, quando debuisse incipere vel desinere in aeterna ratione cognoscitur, ubi nec incipit aliquid nec desinit. ipsum est verbum tuum, quod et principium est, quia et loquitur nobis. sic in evangelio per carnem ait, et hoc insonuit foris auribus hominum, ut crederetur et intus quaereretur et inveniretur in aeterna veritate, ubi omnes discipulos bonus et solus magister docet. ibi audio vocem tuam, domine, dicentis mihi, quoniam ille loquitur nobis qui docet nos, qui autem non docet nos, etiam si loquitur, non nobis loquitur. quid porro nos docet nisi stabilis veritas? quia et per creaturam mutabilem cum admonemur, ad veritatem stabilem ducimur, ubi vere discimus, cum stamus et audimus eum et gaudio gaudemus propter vocem sponsi, reddentes nos unde sumus. et ideo principium, quia, nisi maneret cum erraremus, non esset quo rediremus. cum autem redimus ab errore, cognoscendo utique redimus; ut autem cognoscamus, docet nos, quia principium est et loquitur nobis.

## 11.9.11

in hoc principio, deus, fecisti caelum et terram in verbo tuo, in filio tuo, in virtute tua, in sapientia tua, in veritate tua, miro modo dicens et miro modo faciens. quis comprehendet? quis enarrabit? quid est illud quod interlucet mihi et percutit cor meum sine laesione? et inhorresco et inardesco: inhorresco, in quantum dissimilis ei sum, inardesco, in quantum similis ei sum. sapientia, sapientia ipsa est quae interlucet mihi, discindens nubilum meum, quod me rursus cooperit deficientem ab ea caligine atque aggere poenarum mearum, quoniam sic infirmatus est in egestate vigor meus ut non sufferam bonum meum, donec tu, domine, qui propitius factus es omnibus iniquitatibus meis, etiam sanes omnes languores meos, quia et redimes de corruptione vitam meam, et coronabis me in miseratione et misericordia, et satiabis in bonis desiderium meum, quoniam renovabitur iuventus mea sicut aquilae. spe enim salvi facti sumus et promissa tua per

patientiam expectamus. audiat te intus sermocinantem qui potest: ego fidenter ex oraculo tuo clamabo, 'quam magnificata sunt opera tua, domine, omnia in sapientia fecisti!' et illa principium, et in eo principio fecisti caelum et terram.

## 11.10.12

nonne ecce pleni sunt vetustatis suae qui nobis dicunt, 'quid faciebat deus antequam faceret caelum et terram? si enim vacabat,' inquiunt, 'et non operabatur aliquid, cur non sic semper et deinceps, quemadmodum retro semper cessavit ab opere? si enim ullus motus in deo novus extitit et voluntas nova, ut creaturam conderet quam numquam ante condiderat, quomodo iam vera aeternitas, ubi oritur voluntas quae non erat? neque enim voluntas dei creatura est sed ante creaturam, quia non crearetur aliquid nisi creatoris voluntas praecederet. ad ipsam ergo dei substantiam pertinet voluntas eius. quod si exortum est aliquid in dei substantia quod prius non erat, non veraciter dicitur aeterna illa substantia. si autem dei voluntas sempiterna erat, ut esset creatura, cur non sempiterna et creatura?'

## 11.11.13

qui haec dicunt nondum te intellegunt, o sapientia dei, lux mentium, nondum intellegunt quomodo fiant quae per te atque in te fiunt, et conantur aeterna sapere, sed adhuc in praeteritis et futuris rerum motibus cor eorum volitat et adhuc vanum est. quis tenebit illud et figet illud, ut paululum stet, et paululum rapiat splendorem semper stantis aeternitatis, et comparet cum temporibus numquam stantibus, et videat esse incomparabilem, et videat longum tempus, nisi ex multis praetereuntibus motibus qui simul extendi non possunt, longum non fieri; non autem praeterire quicquam in aeterno, sed totum esse praesens; nullum vero tempus totum esse praesens; et videat omne praeteritum propelli ex futuro et omne futurum ex praeterito consequi, et omne praeteritum ac futurum ab eo quod semper est praesens creari et excurrere? quis tenebit cor hominis, ut stet et videat quomodo stans dictet futura et praeterita tempora nec futura nec

praeterita aeternitas? numquid manus mea valet hoc aut manus oris mei per loquellas agit tam grandem rem?

## 11.12.14

ecce respondeo dicenti, 'quid faciebat deus antequam faceret caelum et terram?' respondeo non illud quod quidam respondisse perhibetur, ioculariter eludens quaestionis violentiam: 'alta,' inquit, 'scrutantibus gehennas parabat.' aliud est videre, aliud ridere: haec non respondeo. libentius enim responderim, 'nescio quod nescio' quam illud unde inridetur qui alta interrogavit et laudatur qui falsa respondit. sed dico te, deus noster, omnis creaturae creatorem et, si caeli et terrae nomine omnis creatura intellegitur, audenter dico, 'antequam faceret deus caelum et terram, non faciebat aliquid.' si enim faciebat, quid nisi creaturam faciebat? et utinam sic sciam quidquid utiliter scire cupio, quemadmodum scio quod nulla fiebat creatura antequam fieret ulla creatura.

## 11.13.15

at si cuiusquam volatilis sensus vagatur per imagines retro temporum et te, deum omnipotentem et omniconcreantem et omnitenentem, caeli et terrae artificem, ab opere tanto, antequam id faceres, per innumerabilia saecula cessasse miratur, evigilet atque attendat, quia falsa miratur. nam unde poterant innumerabilia saecula praeterire quae ipse non feceras, cum sis omnium saeculorum auctor et conditor? aut quae tempora fuissent quae abs te condita non essent? aut quomodo praeterirent, si numquam fuissent? cum ergo sis operator omnium temporum, si fuit aliquod tempus antequam faceres caelum et terram, cur dicitur quod ab opere cessabas? idipsum enim tempus tu feceras, nec praeterire potuerunt tempora antequam faceres tempora. si autem ante caelum et terram nullum erat tempus, cur quaeritur quid tunc faciebas? non enim erat tunc, ubi non erat tempus.

## 11.13.16

nec tu tempore tempora praecedis, alioquin non omnia tempora praecederes. sed praecedis omnia praeterita celsitudine semper praesentis aeternitatis et superas omnia futura, quia illa futura sunt, et cum venerint, praeterita erunt. tu autem idem ipse es, et anni tui non deficient: anni tui nec eunt nec veniunt, isti enim nostri eunt et veniunt, ut omnes veniant; anni tui omnes simul stant, quoniam stant, nec euntes a venientibus excluduntur, quia non transeunt. isti autem nostri omnes erunt, cum omnes non erunt. anni tui dies unus, et dies tuus non cotidie sed hodie, quia hodiernus tuus non cedit crastino; neque enim succedit hesterno. hodiernus tuus aeternitas; ideo coaeternum genuisti cui dixisti, 'ego hodie genui te.' omnia tempora tu fecisti et ante omnia tempora tu es, nec aliquo tempore non erat tempus.

## 11.14.17

nullo ergo tempore non feceras aliquid, quia ipsum tempus tu feceras. et nulla tempora tibi coaeterna sunt, quia tu permanes. at illa si permanerent, non essent tempora. quid est enim tempus? quis hoc facile breviterque explicaverit? quis hoc ad verbum de illo proferendum vel cogitatione comprehenderit? quid autem familiarius et notius in loquendo commemoramus quam tempus? et intellegimus utique cum id loquimur, intellegimus etiam cum alio loquente id audimus. quid est ergo tempus? si nemo ex me quaerat, scio; si quaerenti explicare velim, nescio. fidenter tamen dico scire me quod, si nihil praeteriret, non esset praeteritum tempus, et si nihil adveniret, non esset futurum tempus, et si nihil esset, non esset praesens tempus. duo ergo illa tempora, praeteritum et futurum, quomodo sunt, quando et praeteritum iam non est et futurum nondum est? praesens autem si semper esset praesens nec in praeteritum transiret, non iam esset tempus, sed aeternitas. si ergo praesens, ut tempus sit, ideo fit, quia in praeteritum transit, quomodo et hoc esse dicimus, cui causa, ut sit, illa est, quia non erit, ut scilicet non vere dicamus tempus esse, nisi quia tendit non esse?



## 11.15.18

et tamen dicimus longum tempus et breve tempus, neque hoc nisi de praeterito aut futuro dicimus. praeteritum tempus longum verbi gratia vocamus ante centum annos, futurum itidem longum post centum annos, breve autem praeteritum sic, ut puta dicamus ante decem dies, et breve futurum post decem dies. sed quo pacto longum est aut breve, quod non est? praeteritum enim iam non est et futurum nondum est. non itaque dicamus, 'longum est,' sed dicamus de praeterito, 'longum fuit,' et de futuro, 'longum erit.' domine meus, lux mea, nonne et hic veritas tua deridebit hominem? quod enim longum fuit praeteritum tempus, cum iam esset praeteritum longum fuit, an cum adhuc praesens esset? tunc enim poterat esse longum quando erat, quod esset longum; praeteritum vero iam non erat, unde nec longum esse poterat, quod omnino non erat. non ergo dicamus, 'longum fuit praeteritum tempus'; neque enim inveniemus quid fuerit longum, quando, ex quo praeteritum est, non est, sed dicamus, 'longum fuit illud praesens tempus,' quia cum praesens esset, longum erat. nondum enim praeterierat ut non esset, et ideo erat quod longum esse posset; postea vero quam praeteriit, simul et longum esse destitit quod esse destitit.

## 11.15.19

videamus ergo, anima humana, utrum praesens tempus possit esse longum, datum enim tibi est sentire moras atque metiri. quid respondebis mihi? an centum anni praesentes longum tempus est? vide prius utrum possint praesentes esse centum anni. si enim primus eorum annus agitur, ipse praesens est, nonaginta vero et novem futuri sunt et ideo nondum sunt. si autem secundus annus agitur, iam unus est praeteritus, alter praesens, ceteri futuri. atque ita mediorum quemlibet centenarii huius numeri annum praesentem posuerimus. ante illum praeteriti erunt, post illum futuri. quocirca centum anni praesentes esse non poterunt. vide saltem utrum qui agitur unus ipse sit praesens. et eius enim si primus agitur mensis, futuri sunt ceteri, si secundus, iam et primus praeteriit et reliqui nondum sunt. ergo nec

annus qui agitur totus est praesens, et si non totus est praesens, non annus est praesens. duodecim enim menses annus est, quorum quilibet unus mensis qui agitur ipse praesens est, ceteri aut praeteriti aut futuri. quamquam neque mensis qui agitur praesens est, sed unus dies. si primus, futuris ceteris, si novissimus, praeteritis ceteris, si mediorum quilibet, inter praeteritos et futuros.

## 11.15.20

ecce praesens tempus, quod solum inveniebamus longum appellandum, vix ad unius diei spatium contractum est. sed discutiamus etiam ipsum, quia nec unus dies totus est praesens. nocturnis enim et diurnis horis omnibus viginti quattuor expletur, quarum prima ceteras futuras habet, novissima praeteritas, aliqua vero interiectarum ante se praeteritas, post se futuras. et ipsa una hora fugitivis particulis agitur. quidquid eius avolavit, praeteritum est, quidquid ei restat, futurum. si quid intellegitur temporis, quod in nullas iam vel minutissimas momentorum partes dividi possit, id solum est quod praesens dicatur; quod tamen ita raptim a futuro in praeteritum transvolat, ut nulla morula extendatur. nam si extenditur, dividitur in praeteritum et futurum; praesens autem nullum habet spatium. ubi est ergo tempus quod longum dicamus? an futurum? non quidem dicimus, 'longum est,' quia nondum est quod longum sit, sed dicimus, 'longum erit.' quando igitur erit? si enim et tunc adhuc futurum erit, non erit longum, quia quid sit longum nondum erit. si autem tunc erit longum, cum ex futuro quod nondum est esse iam coeperit et praesens factum erit, ut possit esse quod longum sit, iam superioribus vocibus clamat praesens tempus longum se esse non posse.

## 11.16.21

et tamen, domine, sentimus intervalla temporum et comparamus sibimet et dicimus alia longiora et alia breviora. metimur etiam quanto sit longius aut brevius illud tempus quam illud, et respondemus duplum esse hoc vel triplum, illud autem simplum aut tantum hoc esse quantum illud. sed praetereuntia metimur tempora cum sentiendo

metimur. praeterita vero, quae iam non sunt, aut futura, quae nondum sunt, quis metiri potest, nisi forte audebit quis dicere metiri posse quod non est? cum ergo praeterit tempus, sentiri et metiri potest, cum autem praeterierit, quoniam non est, non potest.

## 11.17.22

quaero, pater, non adfirmo. deus meus, praeside mihi et rege me. quisnam est qui dicat mihi non esse tria tempora, sicut pueri didicimus puerosque docuimus, praeteritum, praesens, et futurum, sed tantum praesens, quoniam illa duo non sunt? an et ipsa sunt, sed ex aliquo procedit occulto cum ex futuro fit praesens, et in aliquod recedit occultum cum ex praesenti fit praeteritum? nam ubi ea viderunt qui futura cecinerunt, si nondum sunt? neque enim potest videri id quod non est. et qui narrant praeterita, non utique vera narrarent si animo illa non cernerent. quae si nulla essent, cerni omnino non possent. sunt ergo et futura et praeterita.

## 11.18.23

sine me, domine, amplius quaerere, spes mea; non conturbetur intentio mea. si enim sunt futura et praeterita, volo scire ubi sint. quod si nondum valeo, scio tamen, ubicumque sunt, non ibi ea futura esse aut praeterita, sed praesentia. nam si et ibi futura sunt, nondum ibi sunt, si et ibi praeterita sunt, iam non ibi sunt. ubicumque ergo sunt, quaecumque sunt, non sunt nisi praesentia. quamquam praeterita cum vera narrantur, ex memoria proferuntur non res ipsae quae praeterierunt, sed verba concepta ex imaginibus earum quae in animo velut vestigia per sensus praetereundo fixerunt. pueritia quippe mea, quae iam non est, in tempore praeterito est, quod iam non est; imaginem vero eius, cum eam recolo et narro, in praesenti tempore intueor, quia est adhuc in memoria mea. utrum similis sit causa etiam praedicendorum futurorum, ut rerum, quae nondum sunt, iam existentes praesentiantur imagines, confiteor, deus meus, nescio. illud sane scio, nos plerumque praemeditari futuras actiones nostras eamque praemeditationem esse praesentem, actionem autem quam

praemeditamur nondum esse, quia futura est. quam cum aggressi fuerimus et quod praemeditabamur agere coeperimus, tunc erit illa actio, quia tunc non futura, sed praesens erit.

## **11.18.24**

quoquo modo se itaque habeat arcana praesensio futurorum, videri nisi quod est non potest. quod autem iam est, non futurum sed praesens est. cum ergo videri dicuntur futura, non ipsa quae nondum sunt, id est quae futura sunt, sed eorum causae vel signa forsitan videntur, quae iam sunt. ideo non futura sed praesentia sunt iam videntibus, ex quibus futura praedicantur animo concepta. quae rursus conceptiones iam sunt, et eas praesentes apud se intuentur qui illa praedicunt. loquatur mihi aliquod exemplum tanta rerum numerositas. intueor auroram, oriturum solem praenuntio. quod intueor, praesens est, quod praenuntio, futurum. non sol futurus, qui iam est, sed ortus eius, qui nondum est; tamen etiam ortum ipsum nisi animo imaginarer, sicut modo cum id loquor, non eum possem praedicere. sed nec illa aurora quam in caelo video solis ortus est, quamvis eum praecedat, nec illa imaginatio in animo meo. quae duo praesentia cernuntur, ut futurus ille ante dicatur. futura ergo nondum sunt, et si nondum sunt, non sunt, et si non sunt, videri omnino non possunt; sed praedici possunt ex praesentibus, quae iam sunt et videntur.

## **11.19.25**

tu itaque, regnator creaturae tuae, quis est modus quo doces animas ea quae futura sunt? docuisti enim prophetas tuos. quisnam ille modus est quo doces futura, cui futurum quicquam non est? vel potius de futuris doces praesentia? nam quod non est, nec doceri utique potest. nimis longe est modus iste ab acie mea: invaluit. ex me non potero ad illum, potero autem ex te, cum dederis tu, dulce lumen occultorum oculorum meorum.

## **11.20.26**

quod autem nunc liquet et claret, nec futura sunt nec praeterita, nec proprie dicitur, `tempora sunt tria, praeteritum, praesens, et futurum,' sed fortasse proprie diceretur, `tempora sunt tria, praesens de praeteritis, praesens de praesentibus, praesens de futuris.' sunt enim haec in anima tria quaedam et alibi ea non video, praesens de praeteritis memoria, praesens de praesentibus contuitus, praesens de futuris expectatio. si haec permittimur dicere, tria tempora video fateorque, tria sunt. dicatur etiam, `tempora sunt tria, praeteritum, praesens, et futurum,' sicut abutitur consuetudo; dicatur. ecce non curo nec resisto nec reprehendo, dum tamen intellegatur quod dicitur, neque id quod futurum est esse iam, neque id quod praeteritum est. pauca sunt enim quae proprie loquimur, plura non proprie, sed agnoscitur quid velimus.

## 11.21.27

dixi ergo paulo ante quod praetereuntia tempora metimur, ut possimus dicere duplum esse hoc temporis ad illud simplum, aut tantum hoc quantum illud, et si quid aliud de partibus temporum possumus renuntiare metiendo. quocirca, ut dicebam, praetereuntia metimur tempora, et si quis mihi dicat, `unde scis?', respondeam, scio quia metimur, nec metiri quae non sunt possumus, et non sunt praeterita vel futura. praesens vero tempus quomodo metimur, quando non habet spatium? metitur ergo cum praeterit, cum autem praeterierit, non metitur; quid enim metiatur non erit. sed unde et qua et quo praeterit, cum metitur? unde nisi ex futuro? qua nisi per praesens? quo nisi in praeteritum? ex illo ergo quod nondum est, per illud quod spatio caret, in illud quod iam non est. quid autem metimur nisi tempus in aliquo spatio? neque enim dicimus simpla et dupla et tripla et aequalia, et si quid hoc modo in tempore dicimus nisi spatia temporum. in quo ergo spatio metimur tempus praeteriens? utrum in futuro, unde praeterit? sed quod nondum est, non metimur. an in praesenti, qua praeterit? sed nullum spatium non metimur. an in praeterito, quo praeterit? sed quod iam non est, non metimur.

## 11.22.28

exarsit animus meus nosse istuc implicatissimum aenigma. noli claudere, domine deus meus, bone pater, per Christum obsecro, noli claudere desiderio meo ista et usitata et abdita, quominus in ea penetret et dilucescant allucente misericordia tua, domine. quem percontabor de his? et cui fructuosius confitebor imperitiam meam nisi tibi, cui non sunt molesta studia mea flammantia vehementer in scripturas tuas? da quod amo; amo enim, et hoc tu dedisti. da, pater, qui vere nosti data bona dare filiis tuis, da, quoniam suscepi cognoscere et labor est ante me, donec aperias. per Christum obsecro, in nomine eius sancti sanctorum nemo mihi obstrepat. et ego credidi, propter quod et loquor. haec est spes mea, ad hanc vivo, ut contempler delectationem domini. ecce veteres posuisti dies meos et transeunt, et quomodo, nescio. et dicimus tempus et tempus, tempora et tempora: 'quamdiu dixit hoc ille,' 'quamdiu fecit hoc ille' et: 'quam longo tempore illud non vidi' et: 'duplum temporis habet haec syllaba ad illam simplam brevem.' dicimus haec et audimus haec et intellegimur et intellegimus. manifestissima et usitatissima sunt, et eadem rursus nimis latent et nova est inventio eorum.

## 11.23.29

audivi a quodam homine docto quod solis et lunae ac siderum motus ipsa sint tempora, et non adhuc. cur enim non potius omnium corporum motus sint tempora? an vero, si cessarent caeli lumina et moveretur rota figuli, non esset tempus quo metiremur eos gyros et diceremus aut aequalibus morulis agi, aut si alias tardius, alias velocius moveretur, alios magis diuturnos esse, alios minus? aut cum haec diceremus, non et nos in tempore loqueremur aut essent in verbis nostris aliae longae syllabae, aliae breves, nisi quia illae longiore tempore sonuissent, istae breviores? deus, dona hominibus videre in parvo communes notitias rerum parvarum atque magnarum. sunt sidera et luminaria caeli in signis et in temporibus et in diebus et in annis. sunt vero, sed nec ego dixerim circuitum illius ligneolae rotae diem esse, nec tamen ideo tempus non esse ille dixerit.

## 11.23.30

ego scire cupio vim naturamque temporis, quo metimur corporum motus et dicimus illum motum verbi gratia tempore duplo esse diuturniorem quam istum. nam quaero, quoniam dies dicitur non tantum mora solis super terram, secundum quod aliud est dies, aliud nox, sed etiam totius eius circuitus ab oriente usque orientem, secundum quod dicimus, `tot dies transierunt' (cum suis enim noctibus dicuntur tot dies, nec extra reputantur spatia noctium) -- quoniam ergo dies expletur motu solis atque circuitu ab oriente usque orientem, quaero utrum motus ipse sit dies, an mora ipsa quanta peragitur, an utrumque. si enim primum dies esset, dies ergo esset, etiamsi tanto spatio temporis sol cursum illum peregisset, quantum est horae unius. si secundum, non ergo esset dies, si ab ortu solis usque in ortum alterum tam brevis mora esset quam est horae unius, sediciens et quater circuiret sol ut expleret diem. si utrumque, nec ille appellaretur dies, si horae spatio sol totum suum gyrum circuiret, nec ille, si sole cessante tantum temporis praeteriret, quanto peragere sol totum ambitum de mane in mane adsolet. non itaque nunc quaeram quid sit illud quod vocatur dies, sed quid sit tempus, quo metientes solis circuitum diceremus eum dimidio spatio temporis peractum minus quam solet, si tanto spatio temporis peractus esset, quanto peraguntur horae duodecim, et utrumque tempus comparantes diceremus illud simplum, hoc duplum, etiamsi aliquando illo simplo, aliquando isto duplo sol ab oriente usque orientem circuiret. nemo ergo mihi dicat caelestium corporum motus esse tempora, quia et cuiusdam voto cum sol stetisset, ut victoriosum proelium perageret, sol stabat, sed tempus ibat. per suum quippe spatium temporis, quod ei sufficeret, illa pugna gesta atque finita est. video igitur tempus quandam esse distentionem. sed video? an videre mihi videor? tu demonstrabis, lux, veritas.

## 11.24.31

iubes ut approbem, si quis dicat tempus esse motum corporis? non iubes. nam corpus nullum nisi in tempore moveri audio: tu dicis. ipsum

autem corporis motum tempus esse non audio: non tu dicis. cum enim movetur corpus, tempore metior quamdiu moveatur, ex quo moveri incipit donec desinat. et si non vidi ex quo coepit et perseverat moveri, ut non videam cum desinit, non valeo metiri, nisi forte ex quo videre incipio donec desinam. quod si diu video, tantummodo longum tempus esse renuntio, non autem quantum sit, quia et quantum cum dicimus, conlatione dicimus, velut: `tantum hoc, quantum illud' aut: `duplum hoc ad illud' et si quid aliud isto modo. si autem notare potuerimus locorum spatia, unde et quo veniat corpus quod movetur, vel partes eius, si tamquam in torno movetur, possumus dicere quantum sit temporis ex quo ab illo loco usque ad illum locum motus corporis vel partis eius effectus est. cum itaque aliud sit motus corporis, aliud quo metimur quamdiu sit, quis non sentiat quid horum potius tempus dicendum sit? nam si et varie corpus aliquando movetur, aliquando stat, non solum motum eius sed etiam statum tempore metimur et dicimus, `tantum stetit, quantum motum est' aut, `duplo vel triplo stetit ad id quod motum est' et si quid aliud nostra dimensio sive comprehenderit sive existimaverit, ut dici solet plus minus. non ergo tempus corporis motus.

## 11.25.32

et confiteor tibi, domine, ignorare me adhuc quid sit tempus, et rursus confiteor tibi, domine, scire me in tempore ista dicere, et diu me iam loqui de tempore, atque ipsum diu non esse diu nisi mora temporis. quomodo igitur hoc scio, quando quid sit tempus nescio? an forte nescio quemadmodum dicam quod scio? ei mihi, qui nescio saltem quid nesciam! ecce, deus meus, coram te, quia non mentior! sicut loquor, ita est cor meum. tu inluminabis lucernam meam, domine, deus meus, inluminabis tenebras meas.

## 11.26.33

nonne tibi confitetur anima mea confessione veridica metiri me tempora? itane, deus meus, metior et quid metiar nescio. metior motum corporis tempore: item ipsum tempus nonne metior? an vero



corporis motum metirer, quamdiu sit et quamdiu hinc illuc perveniat, nisi tempus in quo movetur metirer? ipsum ergo tempus unde metior? an tempore brevior metimur longius sicut spatio cubiti spatium transtri? sic enim videmur spatio brevis syllabae metiri spatium longae syllabae atque id duplum dicere. ita metimur spatia carminum spatiis versuum et spatia versuum spatiis pedum et spatia pedum spatiis syllabarum et spatia longarum spatiis brevium, non in paginis (nam eo modo loca metimur, non tempora) sed cum voces pronuntiando transeunt et dicimus, 'longum carmen est, nam tot versibus contexitur; longi versus, nam tot pedibus constant; longi pedes, nam tot syllabis tenduntur; longa syllaba est, nam dupla est ad brevem.' sed neque ita comprehenditur certa mensura temporis, quandoquidem fieri potest ut ampliore spatio temporis personet versus brevior, si productius pronuntietur, quam longior, si correptius. ita carmen, ita pes, ita syllaba. inde mihi visum est nihil esse aliud tempus quam distentionem; sed cuius rei, nescio, et mirum, si non ipsius animi. quid enim metior, obsecro, deus meus? et dico aut indefinite, 'longius est hoc tempus quam illud' aut etiam definite, 'duplum est hoc ad illud.' tempus metior, scio; sed non metior futurum, quia nondum est, non metior praesens, quia nullo spatio tenditur, non metior praeteritum, quia iam non est. quid ergo metior? an praetereuntia tempora, non praeterita? sic enim dixeram.

## 11.27.34

insiste, anime meus, et attende fortiter. deus adiutor noster: ipse fecit nos, et non nos. attende ubi albescit veritas. ecce puta vox corporis incipit sonare et sonat et adhuc sonat, et ecce desinit, iamque silentium est, et vox illa praeterita est et non est iam vox. futura erat antequam sonaret, et non poterat metiri quia nondum erat, et nunc non potest quia iam non est. tunc ergo poterat cum sonabat, quia tunc erat quae metiri posset. sed et tunc non stabat; ibat enim et praeteribat. an ideo magis poterat? praeteriens enim tendebatur in aliquod spatium temporis quo metiri posset, quoniam praesens nullum habet spatium. si ergo tunc poterat, ecce puta altera coepit sonare et adhuc sonat continuato tenore sine ulla distinctione. metiamur eam

dum sonat. cum enim sonare cessaverit, iam praeterita erit et non erit quae possit metiri. metiamur plane et dicamus quanta sit. sed adhuc sonat nec metiri potest nisi ab initio sui, quo sonare coepit, usque ad finem, quo desinit. ipsum quippe intervallum metimur ab aliquo initio usque ad aliquem finem. quapropter vox quae nondum finita est metiri non potest, ut dicatur quam longa vel brevis sit, nec dici aut aequalis alicui aut ad aliquam simpla vel dupla vel quid aliud. cum autem finita fuerit, iam non erit. quo pacto igitur metiri poterit? et metimur tamen tempora, nec ea quae nondum sunt, nec ea quae iam non sunt, nec ea quae nulla mora extenduntur, nec ea quae terminos non habent. nec futura ergo nec praeterita nec praesentia nec praetereuntia tempora metimur, et metimur tamen tempora.

## 11.27.35

`deus creator omnium': versus iste octo syllabarum brevibus et longis alternat syllabis. quattuor itaque breves (prima, tertia, quinta, septima) simplae sunt ad quattuor longas (secundam, quartam, sextam, octavam). hae singulae ad illas singulas duplum habent temporis. pronuntio et renuntio, et ita est quantum sentitur sensu manifesto. quantum sensus manifestus est, brevi syllaba longam metior eamque sentio habere bis tantum. sed cum altera post alteram sonat, si prior brevis, longa posterior, quomodo tenebo brevem et quomodo eam longae metiens applicabo, ut inveniam quod bis tantum habeat, quandoquidem longa sonare non incipit nisi brevis sonare destiterit? ipsamque longam num praesentem metior, quando nisi finitam non metior? eius autem finitio praeteritio est: quid ergo est quod metior? ubi est qua metior brevis? ubi est longa quam metior? ambae sonuerunt, avolaverunt, praeterierunt, iam non sunt. et ego metior fidenterque respondeo, quantum exercitato sensu fiditur, illam simplam esse, illam duplam, in spatio scilicet temporis. neque hoc possum, nisi quia praeterierunt et finitae sunt. non ergo ipsas quae iam non sunt, sed aliquid in memoria mea metior, quod infixum manet.

## 11.27.36

in te, anime meus, tempora metior. noli mihi obstrepere, quod est; noli tibi obstrepere turbis affectionum tuarum. in te, inquam, tempora metior. affectionem quam res praetereuntes in te faciunt et, cum illae praeterierint, manet, ipsam metior praesentem, non ea quae praeterierunt ut fieret; ipsam metior, cum tempora metior. ergo aut ipsa sunt tempora, aut non tempora metior. quid cum metimur silentia, et dicimus illud silentium tantum tenuisse temporis quantum illa vox tenuit, nonne cogitationem tendimus ad mensuram vocis, quasi sonaret, ut aliquid de intervallis silentiorum in spatio temporis renuntiare possimus? nam et voce atque ore cessante peragimus cogitando carmina et versus et quemque sermonem motionumque dimensiones quaslibet et de spatiis temporum, quantum illud ad illud sit, renuntiamus non aliter ac si ea sonando diceremus. voluerit aliquis edere longuisculam vocem, et constituerit praemeditando quam longa futura sit, egit utique iste spatium temporis in silentio memoriaeque commendans coepit edere illam vocem quae sonat, donec ad propositum terminum perducatur. immo sonuit et sonabit; nam quod eius iam peractum est, utique sonuit, quod autem restat, sonabit atque ita peragitur, dum praesens intentio futurum in praeteritum traicit, deminutione futuri crescente praeterito, donec consumptione futuri sit totum praeteritum.

## 11.28.37

sed quomodo minuitur aut consumitur futurum, quod nondum est, aut quomodo crescit praeteritum, quod iam non est, nisi quia in animo qui illud agit tria sunt? nam et expectat et attendit et meminit, ut id quod expectat per id quod attendit transeat in id quod meminerit. quis igitur negat futura nondum esse? sed tamen iam est in animo expectatio futurorum. et quis negat praeterita iam non esse? sed tamen adhuc est in animo memoria praeteritorum. et quis negat praesens tempus carere spatio, quia in puncto praeterit? sed tamen perdurat attentio, per quam pergat abesse quod aderit. non igitur longum tempus futurum, quod non est, sed longum futurum longa expectatio futuri est, neque longum praeteritum tempus, quod non est, sed longum praeteritum longa memoria praeteriti est.

## 11.28.38

dicturus sum canticum quod novi. antequam incipiam, in totum expectatio mea tenditur, cum autem coepero, quantum ex illa in praeteritum decerpsero, tenditur et memoria mea, atque distenditur vita huius actionis meae in memoriam propter quod dixi et in expectationem propter quod dicturus sum. praesens tamen adest attentio mea, per quam traicitur quod erat futurum ut fiat praeteritum. quod quanto magis agitur et agitur, tanto breviata expectatione prolongatur memoria, donec tota expectatio consumatur, cum tota illa actio finita transierit in memoriam. et quod in toto cantico, hoc in singulis particulis eius fit atque in singulis syllabis eius, hoc in actione longiore, cuius forte particula est illud canticum, hoc in tota vita hominis, cuius partes sunt omnes actiones hominis, hoc in toto saeculo filiorum hominum, cuius partes sunt omnes vitae hominum.

## 11.29.39

sed quoniam melior est misericordia tua super vitas, ecce distentio est vita mea, et me suscepit dextera tua in domino meo, mediatore filio hominis inter te unum et nos multos, in multis per multa, ut per eum apprehendam in quo et apprehensus sum, et a veteribus diebus conligar sequens unum, praeterita oblitus, non in ea quae futura et transitura sunt, sed in ea quae ante sunt non distentus sed extentus, non secundum distentionem sed secundum intensionem sequor ad palmam supernae vocationis, ubi audiam vocem laudis et contempler delectationem tuam nec venientem nec praetereuntem. nunc vero anni mei in gemitibus, et tu solacium meum, domine, pater meus aeternus es. at ego in tempora dissilui quorum ordinem nescio, et tumultuosis varietatibus dilaniantur cogitationes meae, intima viscera animae meae, donec in te confluam purgatus et liquidus igne amoris tui.

## 11.30.40

et stabo atque solidabor in te, in forma mea, veritate tua, nec patiar quaestiones hominum qui poenali morbo plus sitiunt quam capiunt et

dicunt, 'quid faciebat deus antequam faceret caelum et terram?' aut 'quid ei venit in mentem ut aliquid faceret, cum antea numquam aliquid fecerit?' da illis, domine, bene cogitare quid dicant, et invenire quia non dicitur numquam ubi non est tempus. qui ergo dicitur numquam fecisse, quid aliud dicitur nisi nullo tempore fecisse? videant itaque nullum tempus esse posse sine creatura et desinant istam vanitatem loqui. extendantur etiam in ea quae ante sunt, et intellegant te ante omnia tempora aeternum creatorem omnium temporum neque ulla tempora tibi esse coaeterna nec ullam creaturam, etiamsi est aliqua supra tempora.

## 11.31.41

domine deus meus, quis ille sinus est alti secreti tui et quam longe inde me proiecerunt consequentia delictorum meorum? sana oculos meos, et congaudeam luci tuae. certe si est tam grandi scientia et praescientia pollens animus, cui cuncta praeterita et futura ita nota sint, sicut mihi unum canticum notissimum, nimium mirabilis est animus iste atque ad horrorem stupendus, quippe quem ita non lateat quidquid peractum et quidquid reliquum saeculorum est, quemadmodum me non latet cantantem illud canticum, quid et quantum eius abierit ab exordio, quid et quantum restet ad finem. sed absit ut tu, conditor universitatis, conditor animarum et corporum, absit ut ita noveris omnia futura et praeterita. longe tu, longe mirabilius longeque secretius. neque enim sicut nota cantantis notumve canticum audientis expectatione vocum futurarum et memoria praeteritarum variatur affectus sensusque distenditur, ita tibi aliquid accidit incommutabiliter aeterno, hoc est vere aeterno creatori mentium. sicut ergo nosti in principio caelum et terram sine varietate notitiae tuae, ita fecisti in principio caelum et terram sine distentione actionis tuae. qui intellegit, confiteatur tibi, et qui non intellegit, confiteatur tibi. o quam excelsus es, et humiles corde sunt domus tua! tu enim erigis elisos, et non cadunt quorum celsitudo tu es.

# Liber duodecimus

## 12.1.1

multa satagit cor meum, domine, in hac inopia vitae meae, pulsatum verbis sanctae scripturae tuae, et ideo plerumque in sermone copiosa est egestas humanae intellegentiae, quia plus loquitur inquisitio quam inventio, et longior est petitio quam impetratio, et operosior est manus pulsans quam sumens. tenemus promissum: quis corrumpet illud? si deus pro nobis, quis contra nos? `petite et accipietis, quaerite et invenietis, pulsate et aperietur vobis. omnis enim qui petit accipit, et quaerens inveniet, et pulsanti aperietur.' promissa tua sunt, et quis falli timeat cum promittit veritas?

## 12.2.2

confitetur altitudini tuae humilitas linguae meae, quoniam tu fecisti caelum et terram: hoc caelum quod video terramque quam calco, unde est haec terra quam porto, tu fecisti. sed ubi est caelum caeli, domine, de quo audivimus in voce psalmi: `caelum caeli domino, terram autem dedit filiis hominum'? ubi est caelum quod non cernimus, cui terra est hoc omne quod cernimus? hoc enim totum corporeum non ubique totum ita cepit speciem pulchram in novissimis, cuius fundus est terra nostra, sed ad illud caelum caeli etiam terrae nostrae caelum terra est. et hoc utrumque magnum corpus non absurde terra est ad illud nescio quale caelum quod domino est, non filiis hominum.

## 12.3.3

et nimirum haec terra erat invisibilis et incomposita, et nescio qua profunditas abyssi, super quam non erat lux quia nulla species erat illi,

unde iussisti ut scriberetur quod `tenebrae erant super abyssum.' quid aliud quam lucis absentia? ubi enim lux esset, si esset, nisi super esset eminendo et inlustrando? ubi ergo lux nondum erat, quid erat adesse tenebras nisi abesse lucem? super itaque erant tenebrae quia super lux aberat, sicut sonus ubi non est, silentium est. et quid est esse ibi silentium nisi sonum ibi non esse? nonne tu, domine, docuisti hanc animam quae tibi confitetur? nonne tu, domine, docuisti me quod, priusquam istam informem materiam formares atque distingueres, non erat aliquid, non color, non figura, non corpus, non spiritus? non tamen omnino nihil: erat quaedam informitas sine ulla specie.

#### 12.4.4

quid ergo vocaretur, quo etiam sensu tardioribus utcumque insinuaretur, nisi usitato aliquo vocabulo? quid autem in omnibus mundi partibus reperiri potest propinquius informitati omnimodae quam terra et abyssus? minus enim speciosa sunt pro suo gradu infimo quam cetera superiora perlucida et luculenta omnia. cur ergo non accipiam informitatem materiae, quam sine specie feceras unde speciosum mundum faceres, ita commode hominibus intimatam ut appellaretur `terra invisibilis et incomposita',

#### 12.5.5

ut, cum in ea quaerit cogitatio quid sensus attingat et dicit sibi, `non est intellegibilis forma sicut vita, sicut iustitia, quia materies est corporum, neque sensibilis, quoniam quid videatur et quid sentiatur in invisibili et incomposita non est,' dum sibi haec dicit humana cogitatio, conetur eam vel nosse ignorando vel ignorare noscendo?

#### 12.6.6

ego vero, domine, si totum confitear tibi ore meo et calamo meo, quidquid de ista materia docuisti me, cuius antea nomen audiens et non intellegens, narrantibus mihi eis qui non intellegerent, eam cum

speciebus innumeris et variis cogitabam et ideo non eam cogitabam. foedas et horribiles formas perturbatis ordinibusolvebat animus, sed formas tamen, et informe appellabam non quod careret forma, sed quod talem haberet ut, si appareret, insolitum et incongruum aversaretur sensus meus et conturbaretur infirmitas hominis. verum autem illud quod cogitabam non privatione omnis formae sed comparatione formosiorum erat informe, et suadebat vera ratio ut omnis formae qualescumque reliquias omnino detraherem, si vellem prorsus informe cogitare et non poteram. citius enim non esse censebam quod omni forma privaretur quam cogitabam quiddam inter formam et nihil, nec formatum nec nihil, informe prope nihil. et cessavit mens mea interrogare hinc spiritum meum plenum imaginibus formatorum corporum et eas pro arbitrio mutantem atque variantem, et intendi in ipsa corpora eorumque mutabilitatem altius inspexi, qua desinunt esse quod fuerant et incipiunt esse quod non erant, eundemque transitum de forma in formam per informe quiddam fieri suspicatus sum, non per omnino nihil. sed nosse cupiebam, non suspicari. et si totum tibi confiteatur vox et stilus meus, quidquid de ista quaestione enodasti mihi, quis legentium capere durabit? nec ideo tamen cessabit cor meum tibi dare honorem et canticum laudis de his quae dictare non sufficit. mutabilitas enim rerum mutabilium ipsa capax est formarum omnium in quas mutantur res mutabiles. et haec quid est? numquid animus? numquid corpus? numquid species animi vel corporis? si dici posset 'nihil aliquid' et 'est non est,' hoc eam dicerem; et tamen iam utcumque erat, ut species caperet istas visibiles et compositas.

## 12.7.7

et unde utcumque erat, nisi esset abs te, a quo sunt omnia, in quantumcumque sunt? sed tanto a te longius, quanto dissimilius, neque enim locis. itaque tu, domine, qui non es alias aliud et alias aliter, sed idipsum et idipsum et idipsum, sanctus, sanctus, sanctus, dominus deus omnipotens, in principio, quod est de te, in sapientia tua, quae nata est de substantia tua, fecisti aliquid et de nihilo. fecisti enim caelum et terram non de te. nam esset aequale unigenito tuo ac



per hoc et tibi, et nullo modo iustum esset, ut aequale tibi esset quod de te non esset. et aliud praeter te non erat unde faceres ea, deus, una trinitas et trina unitas, et ideo de nihilo fecisti caelum et terram, magnum quiddam et parvum quiddam, quoniam omnipotens et bonus es ad facienda omnia bona, magnum caelum et parvam terram, duo quaedam, unum prope te, alterum prope nihil, unum quo superior tu esses, alterum quo inferius nihil esset.

### 12.8.8

sed illud caelum caeli tibi, domine; terra autem, quam dedisti filiis hominum cernendam atque tangendam, non erat talis qualem nunc cernimus et tangimus. invisibilis enim erat et incomposita, et abyssus erat super quam non erat lux, aut tenebrae erant super abyssum, id est magis quam in abyssu. ista quippe abyssus aquarum iam visibilium etiam in profundis suis habet speciei suae lucem utcumque sensibilem piscibus et reptantibus in suo fundo animantibus. illud autem totum prope nihil erat, quoniam adhuc omnino informe erat; iam tamen erat quod formari poterat. tu enim, domine, fecisti mundum de materia informi, quam fecisti de nulla re paene nullam rem, unde faceres magna, quae miramur filii hominum. valde enim mirabile hoc caelum corporeum, quod firmamentum inter aquam et aquam secundo die post conditionem lucis dixisti, 'fiat', et sic est factum. quod firmamentum vocasti caelum, sed caelum terrae huius et maris, quae fecisti tertio die dando speciem visibilem informi materiae, quam fecisti ante omnem diem. iam enim feceras et caelum ante omnem diem, sed caelum caeli huius, quia in principio feceras caelum et terram. terra autem ipsa quam feceras informis materies erat, quia invisibilis erat et incomposita, et tenebrae super abyssum. de qua terra invisibili et incomposita, de qua informitate, de quo paene nihilo faceres haec omnia quibus iste mutabilis mundus constat et non constat, in quo ipsa mutabilitas apparet, in qua sentiri et dinumerari possunt tempora, quia rerum mutationibus fiunt tempora dum variantur et vertuntur species, quarum materies praedicta est terra invisibilis.

### 12.9.9

ideoque spiritus, doctor famuli tui, cum te commemorat fecisse in principio caelum et terram, tacet de temporibus, silet de diebus. nimirum enim caelum caeli, quod in principio fecisti, creatura est aliqua intellectualis. quamquam nequaquam tibi, trinitati, coaeterna, particeps tamen aeternitatis tuae, valde mutabilitatem suam prae dulcedine felicissimae contemplationis tuae cohibet et sine ullo lapsu ex quo facta est inhaerendo tibi excedit omnem volubilem vicissitudinem temporum. ista vero informitas, terra invisibilis et incomposita, nec ipsa in diebus numerata est. ubi enim nulla species, nullus ordo, nec venit quicquam nec praeterit, et ubi hoc non fit, non sunt utique dies nec vicissitudo spatiorum temporalium.

### 12.10.10

o veritas, lumen cordis mei, non tenebrae meae loquantur mihi! defluxi ad ista et obscuratus sum, sed hinc, etiam hinc adamavi te. erravi et recordatus sum tui. audivi vocem tuam post me, ut redirem, et vix audivi propter tumultus impacatorum. et nunc ecce redeo aestuans et anhelans ad fontem tuum. nemo me prohibeat: hunc bibam et hinc vivam. non ego vita mea sim: male vixi ex me. mors mihi fui: in te revivesco. tu me alloquere, tu mihi sermocinare: credidi libris tuis, et verba eorum arcana valde.

### 12.11.11

iam dixisti mihi, domine, voce forti in aurem interiorem, quia tu aeternus es, solus habens immortalitatem, quoniam ex nulla specie motuve mutaris nec temporibus variatur voluntas tua, quia non est immortalis voluntas quae alia et alia est. hoc in conspectu tuo claret mihi et magis magisque clarescat, oro te, atque in ea manifestatione persistam sobrius sub alis tuis. item dixisti mihi, domine, voce forti in aurem interiorem, quod omnes naturas atque substantias quae non sunt quod tu es et tamen sunt, tu fecisti (et hoc solum a te non est, quod non est, motusque voluntatis a te, qui es, ad id quod minus est,

quia talis motus delictum atque peccatum est), et quod nullius peccatum aut tibi nocet aut perturbat ordinem imperii tui vel in primo vel in imo. hoc in conspectu tuo claret mihi et magis magisque clarescat, oro te, atque in ea manifestatione persistam sobrius sub alis tuis.

## 12.11.12

item dixisti mihi voce forti in aurem interiorem, quod nec illa creatura tibi coaeterna est cuius voluptas tu solus es, teque perseverantissima castitate hauriens mutabilitatem suam nusquam et numquam exerit, et te sibi semper praesente, ad quem toto affectu se tenet, non habens futurum quod expectet nec in praeteritum traiciens quod meminerit, nulla vice variatur nec in tempora ulla distenditur. o beata, si qua ista est, inhaerendo beatitudini tuae, beata sempiterno inhabitatore te atque inlustratore suo! nec invenio quid libentius appellandum existimem 'caelum caeli domino' quam domum tuam contemplantem delectationem tuam sine ullo defectu egrediendi in aliud, mentem puram concordissime unam stabilimento pacis sanctorum spirituum, civium civitatis tuae in caelestibus super ista caelestia.

## 12.11.13

unde intellegat anima, cuius peregrinatio longinqua facta est, si iam sitit tibi, si iam factae sunt ei lacrimae suae panis, dum dicitur ei per singulos dies, 'ubi est deus tuus?', si iam petit a te unam et hanc requirit, ut inhabitet in domo tua per omnes dies vitae suae? et quae vita eius nisi tu? et qui dies tui nisi aeternitas tua, sicut anni tui, qui non deficiunt, quia idem ipse es? hinc ergo intellegat anima quae potest quam longe super omnia tempora sis aeternus, quando tua domus, quae peregrinata non est, quamvis non sit tibi coaeterna, tamen indesinenter et indeficienter tibi cohaerendo nullam patitur vicissitudinem temporum. hoc in conspectu tuo claret mihi et magis magisque clarescat, oro te, atque in hac manifestatione persistam sobrius sub alis tuis.

## 12.11.14

ecce nescio quid informe in istis mutationibus rerum extremarum atque infimarum, et quis dicet mihi, nisi quisquis per inania cordis sui cum suis phantasmatis vagatur et volvitur, quis nisi talis dicet mihi quod, deminuta atque consumpta omni specie, si sola remaneat informitas per quam de specie in speciem res mutabatur et vertebatur, possit exhibere vices temporum? omnino enim non potest, quia sine varietate motionum non sunt tempora, et nulla varietas ubi nulla species.

## 12.12.15

quibus consideratis, quantum donas, deus meus, quantum me ad pulsandum excitas quantumque pulsanti aperis, duo reperio quae fecisti carentia temporibus, cum tibi neutrum coaeternum sit: unum quod ita formatum est ut sine ullo defectu contemplationis, sine ullo intervallo mutationis, quamvis mutabile tamen non mutatum, tua aeternitate atque incommutabilitate perfruatur; alterum quod ita informe erat ut ex qua forma in quam formam vel motionis vel stationis mutaretur, quo tempori subderetur, non haberet. sed hoc ut informe esset non reliquisti, quoniam fecisti ante omnem diem in principio caelum et terram, haec duo quae dicebam. `terra autem invisibilis erat et incompressa, et tenebrae super abyssum': quibus verbis insinuatur informitas, ut gradatim excipiantur qui omnimodam speciei privationem nec tamen ad nihil perventionem cogitare non possunt, unde fieret alterum caelum et terra visibilis atque composita et aqua speciosa et quidquid deinceps in constitutione huius mundi non sine diebus factum commemoratur, quia talia sunt ut in eis agantur vicissitudines temporum propter ordinatas commutationes motionum atque formarum.

## 12.13.16

hoc interim sentio, deus meus, cum audio loquentem scripturam tuam: `in principio fecit deus caelum et terram. terra autem erat invisibilis et

incomposita, et tenebrae erant super abyssum,' neque commemorantem quoto die feceris haec. sic interim sentio propter illud caelum caeli, caelum intellectuale, ubi est intellectus nosse simul, non ex parte, non in aenigmate, non per speculum, sed ex toto, in manifestatione, facie ad faciem; non modo hoc, modo illud, sed quod dictum est nosse simul sine ulla vicissitudine temporum, et propter invisibilem atque incompositam terram sine ulla vicissitudine temporum, quae solet habere modo hoc et modo illud, quia ubi nulla species, nusquam est hoc et illud. propter duo haec, primitus formatum et penitus informe, illud caelum, sed caelum caeli, hoc vero terram, sed terram invisibilem et incompositam, propter duo haec interim sentio sine commemoratione dierum dicere scripturam tuam, 'in principio fecit deus caelum et terram.' statim quippe subiecit quam terram dixerit, et quod secundo die commemoratur factum firmamentum et vocatum caelum, insinuat de quo caelo prius sine diebus sermo locutus sit.

## 12.14.17

mira profunditas eloquiorum tuorum, quorum ecce ante nos superficies blandiens parvulis, sed mira profunditas, deus meus, mira profunditas! horror est intendere in eam, horror honoris et tremor amoris. odi hostes eius vehementer: o si occidas eos de gladio bis acuto, et non sint hostes eius! sic enim amo eos occidi sibi, ut vivant tibi. ecce autem alii, non reprehensores sed laudatores libri Geneseos: 'non' inquiunt 'hoc voluit in his verbis intellegi spiritus dei, qui per Moysen famulum eius ista conscripsit, non hoc voluit intellegi quod tu dicis, sed aliud quod nos dicimus.' quibus ego, te arbitro, deus omnium nostrum, ita respondeo.

## 12.15.18

num dicetis falsa esse, quae mihi veritas voce forti in aurem interiori dicit de vera aeternitate creatoris, quod nequaquam eius substantia per tempora varietur nec eius voluntas extra eius substantiam sit? unde non eum modo velle hoc modo velle illud, sed

semel et simul et semper velle omnia quae vult, non iterum et iterum, neque nunc ista nunc illa, nec velle postea quod nolebat aut nolle quod volebat prius, quia talis voluntas mutabilis est et omne mutabile aeternum non est: deus autem noster aeternus est. item quod mihi dicit in aurem interiori, expectatio rerum venturarum fit contuitus, cum venerint, idemque contuitus fit memoria, cum praeterierint. omnis porro intentio quae ita variatur mutabilis est, et omne mutabile aeternum non est: deus autem noster aeternus est. haec conligo atque coniungo, et invenio deum meum, deum aeternum, non aliqua nova voluntate condidisse creaturam nec scientiam eius transitorium aliquid pati.

## 12.15.19

quid ergo dicetis, contradictores? an falsa sunt ista? `non' inquiunt. quid illud? num falsum est omnem naturam formatam materiamve formabilem non esse nisi ab illo qui summe bonus est quia summe est? `neque hoc negamus' inquiunt. quid igitur? an illud negatis, sublimem quandam esse creaturam tam casto amore cohaerentem deo vero et vere aeterno ut, quamvis ei coaeterna non sit, in nullam tamen temporum varietatem et vicissitudinem ab illo se resolvat et defluat, sed in eius solius veracissima contemplatione requiescat, quoniam tu, deus, diligenti te, quantum praecipis, ostendis ei te et sufficis ei, et ideo non declinat a te nec ad se? haec est domus dei non terrena neque ulla caelesti mole corporea, sed spiritalis et particeps aeternitatis tuae, quia sine labe in aeternum. statuisti enim eam in saeculum et in saeculum saeculi; praeceptum posuisti et non praeteribit. nec tamen tibi coaeterna, quoniam non sine initio, facta est enim.

## 12.15.20

nam etsi non invenimus tempus ante illam -- prior quippe omnium creata est sapientia, nec utique illa sapientia tibi, deus noster, patri suo, plane coaeterna et aequalis et per quam creata sunt omnia et in quo principio fecisti caelum et terram, sed profecto sapientia quae

creata est, intellectualis natura scilicet, quae contemplatione luminis lumen est; dicitur enim et ipsa, quamvis creata, sapientia, sed quantum interest inter lumen quod inluminat et quod inluminatur, tantum inter sapientiam quae creat et istam quae creata est, sicut inter iustitiam iustificantem et iustitiam quae iustificatione facta est (nam et nos dicti sumus iustitia tua; ait enim quidam servus tuus, `ut nos simus iustitia dei in ipso'). ergo quia prior omnium creata est quaedam sapientia quae creata est, mens rationalis et intellectualis castae civitatis tuae, matris nostrae, quae sursum est et libera est et aeterna in caelis (quibus caelis, nisi qui te laudant caeli caelorum, quia hoc est et caelum caeli domino?), etsi non invenimus tempus ante illam, quia et creaturam temporis antecedit, quae prior omnium creata est, ante illam tamen est ipsius creatoris aeternitas, a quo facta sumpsit exordium, quamvis non temporis, quia nondum erat tempus, ipsius tamen conditionis suae.

## 12.15.21

unde ita est abs te, deo nostro, ut aliud sit plane quam tu et non idipsum. etsi non solum ante illam sed nec in illa invenimus tempus, quia est idonea faciem tuam semper videre nec uspiam deflectitur ab ea (quo fit ut nulla mutatione varietur). inest ei tamen ipsa mutabilitas, unde tenebresceret et frigeret nisi amore grandi tibi cohaerens tamquam semper meridies luceret et ferveret ex te. o domus luminosa et speciosa, dilexi decorem tuum et locum habitationis gloriae domini mei, fabricatoris et possessoris tui! tibi suspiret peregrinatio mea, et dico ei qui fecit te ut possideat et me in te, quia fecit et me. erravi sicut ovis perdita, sed in umeris pastoris mei, structoris tui, spero me reportari tibi.

## 12.15.22

quid dicitis mihi, quos alloquebar contradictores, qui tamen et Moysen pium famulum dei et libros eius oracula sancti spiritus creditis? estne ista domus dei, non quidem deo coaeterna sed tamen secundum modum suum aeterna in caelis, ubi vices temporum frustra quaeritis,

quia non invenitis? supergreditur enim omnem distentionem et omne spatium aetatis volubile, cui semper inhaerere deo bonum est. `est' inquiunt. quid igitur ex his quae clamavit cor meum ad deum meum, cum audiret interius vocem laudis eius, quid tandem falsum esse contenditis? an quia erat informis materies, ubi propter nullam formam nullus ordo erat? ubi autem nullus ordo erat, nulla esse vicissitudo temporum poterat; et tamen hoc paene nihil, in quantum non omnino nihil erat, ab illo utique erat a quo est quidquid est, quod utcumque aliquid est. `hoc quoque' aiunt `non negamus.'

## 12.16.23

cum his enim volo coram te aliquid conloqui, deus meus, qui haec omnia, quae intus in mente mea non tacet veritas tua, vera esse concedunt. nam qui haec negant, latrent quantum volunt et obstrepant sibi: persuadere conabor ut quiescant et viam praebeant ad se verbo tuo. quod si noluerint et reppulerint me, obsecro, deus meus, ne tu sileas a me. tu loquere in corde meo veraciter; solus enim sic loqueris. et dimittam eos foris sufflantes in pulverem et excitantes terram in oculos suos, et intrem in cubile meum et cantem tibi amatoria, gemens inenarrabiles gemitus in peregrinatione mea et recordans Hierusalem extento in eam sursum corde, Hierusalem patriam meam, Hierusalem matrem meam, teque super eam regnatorem, inlustratorem, patrem, tutorem, maritum, castas et fortes delicias et solidum gaudium et omnia bona ineffabilia, simul omnia, quia unum summum et verum bonum. et non avertar donec in eius pacem, matris carissimae, ubi sunt primitiae spiritus mei, unde ista mihi certa sunt, conligas totum quod sum a dispersione et deformitate hac et conformes atque confirmes in aeternum, deus meus, misericordia mea. cum his autem qui cuncta illa quae vera sunt falsa esse non dicunt, honorantes et in culmine sequendae auctoritatis nobiscum constituentes illam per sanctum Moysen editam sanctam scripturam tuam, et tamen nobis aliquid contradicunt, ita loquor. tu esto, deus noster, arbiter inter confessiones meas et contradictiones eorum.



## 12.17.24

dicunt enim, `quamvis vera sint haec, non ea tamen duo Moyses intuebatur, cum revelante spiritu diceret, ``in principio fecit deus caelum et terram." non caeli nomine spiritalem vel intellectualem illam creaturam semper faciem dei contemplantem significavit, nec terrae nomine informem materiam.' quid igitur? `quod nos dicimus,' inquiunt, `hoc ille vir sensit, hoc verbis istis elocutus est.' quid illud est? `nomine' aiunt `caeli et terrae totum istum visibilem mundum prius universaliter et breviter significare voluit, ut postea digereret dierum enumeratione quasi articulatim universa quae sancto spiritui placuit sic enuntiare. tales quippe homines erant rudis ille atque carnalis populus cui loquebatur, ut eis opera dei non nisi solaabilia commendanda iudicaret.' terram vero invisibilem et inpositam tenebrosamque abyssum, unde consequenter ostenditur per illos dies facta atque disposita esse cuncta istaabilia quae nota sunt omnibus, non incongruenter informem istam materiam intellegendam esse consentiunt.

## 12.17.25

quid si dicat alius eandem informitatem confusionemque materiae caeli et terrae nomine prius insinuatam, quod ex ea mundus iste visibilis cum omnibus naturis quae in eo manifestissime apparent, qui caeli et terrae nomine saepe appellari solet, conditus atque perfectus est? quid si dicat et alius caelum et terram quidem invisibilem visibilemque naturam non indecenter appellatam, ac per hoc universam creaturam quam fecit in sapientia, id est in principio, deus, huiusmodi duobus vocabulis esse comprehensam; verum tamen quia non de ipsa substantia dei sed ex nihilo cuncta facta sunt, quia non sunt idipsum quod deus, et inest quaedam mutabilitas omnibus, sive maneant, sicut aeterna domus dei, sive mutantur, sicut anima hominis et corpus, communem omnium rerum invisibilium visibiliumque materiem adhuc informem, sed certe formabilem, unde fieret caelum et terra, id est invisibilis atque visibilis iam utraque formata creatura, his nominibus enuntiatam, quibus appellaretur terra invisibilis et

incomposita, et tenebrae super abyssum, ea distinctione ut terra invisibilis et incomposita intellegatur materies corporalis ante qualitatem formae, tenebrae autem super abyssum spiritalis materies ante cohibitionem quasi fluentis immoderationis et ante inlumptionem sapientiae?

## 12.17.26

est adhuc quod dicat, si quis alius velit, non scilicet iam perfectas atque formatas invisibiles visibilesque naturas caeli et terrae nomine significari, cum legitur, 'in principio fecit deus caelum et terram,' sed ipsam adhuc informem inchoationem rerum formabilem creabilemque materiam his nominibus appellatam, quod in ea iam essent ista confusa, nondum qualitibus formisque distincta, quae nunc iam digesta suis ordinibus vocantur caelum et terra, illa spiritalis, haec corporalis creatura.

## 12.18.27

quibus omnibus auditis et consideratis, nolo verbis contendere; ad nihil enim utile est nisi ad subversionem audientium. ad aedificationem autem bona est lex, si quis ea legitime utatur, quia finis eius est caritas de corde puro et conscientia bona et fide non ficta; et novi magister noster in quibus duobus praeceptis totam legem prophetasque suspenderit. quae mihi ardentem confitenti, deus meus, lumen oculorum meorum in occulto, quid mihi obest, cum diversa in his verbis intellegi possint, quae tamen vera sint? quid, inquam, mihi obest, si aliud ego sensero quam sensit alius eum sensisse qui scripsit? omnes quidem qui legimus nitimur hoc indagare atque comprehendere, quod voluit ille quem legimus, et cum eum veridicum credimus, nihil quod falsum esse vel novimus vel putamus audemus eum existimare dixisse. dum ergo quisque conatur id sentire in scripturis sanctis quod in eis sensit ille qui scripsit, quid mali est si hoc sentiat quod tu, lux omnium veridicarum mentium, ostendis verum esse, etiamsi non hoc sensit ille quem legit, cum et ille verum nec tamen hoc senserit?

## 12.19.28

verum est enim, domine, fecisse te caelum et terram. et verum est esse principium sapientiam tuam, in qua fecisti omnia. item verum est quod mundus iste visibilis habet magnas partes suas caelum et terram, brevi complexione factarum omnium conditarumque naturarum. et verum est quod omne mutabile insinuat notitiae nostrae quandam informitatem, qua formam capit vel qua mutatur et vertitur. verum est nulla tempora perpeti quod ita cohaeret formae incommutabili ut, quamvis sit mutabile, non mutetur. verum est informitatem, quae prope nihil est, vices temporum habere non posse. verum est quod, unde fit aliquid, potest quodam genere locutionis habere iam nomen eius rei quae inde fit: unde potuit vocari caelum et terra quaelibet informitas unde factum est caelum et terra. verum est omnium formatorum nihil esse informi vicinius quam terram et abyssum. verum est quod non solum creatum atque formatum sed etiam quidquid creabile atque formabile est tu fecisti, ex quo sunt omnia. verum est omne quod ex informi formatur prius esse informe, deinde formatum.

## 12.20.29

ex his omnibus veris de quibus non dubitant, quorum interiori oculo talia videre donasti et qui Moysen, famulum tuum, in spiritu veritatis locutum esse immobiliter credunt, ex his ergo omnibus aliud sibi tollit qui dicit, 'in principio fecit deus caelum et terram,' id est in verbo suo sibi coaeterno fecit deus intellegibilem atque sensibilem vel spiritalem corporalemque creaturam; aliud qui dicit, 'in principio fecit deus caelum et terram,' id est in verbo suo sibi coaeterno fecit deus universam istam molem corporei mundi huius cum omnibus quas continet manifestis notisque naturis; aliud qui dicit, 'in principio fecit deus caelum et terram,' id est in verbo suo sibi coaeterno fecit informem materiam creaturae spiritualis et corporalis; aliud qui dicit, 'in principio fecit deus caelum et terram,' id est in verbo suo sibi coaeterno fecit deus informem materiam creaturae corporalis, ubi confusum adhuc erat caelum et terra, quae nunc iam distincta atque

formata in istius mundi mole sentimus; aliud qui dicit, 'in principio fecit deus caelum et terram,' id est in ipso exordio faciendi atque operandi fecit deus informem materiam confuse habentem caelum et terram, unde formata nunc eminent et apparent cum omnibus quae in eis sunt.

## 12.21.30

item quod attinet ad intellectum verborum sequentium, ex illis omnibus veris aliud sibi tollit qui dicit, 'terra autem erat invisibilis et incomposita, et tenebrae erant super abyssum,' id est corporale illud quod fecit deus adhuc materies erat corporearum rerum informis, sine ordine, sine luce; aliud qui dicit, 'terra autem erat invisibilis et incomposita, et tenebrae erant super abyssum,' id est hoc totum quod caelum et terra appellatum est adhuc informis et tenebrosa materies erat, unde fieret caelum corporeum et terra corporea cum omnibus quae in eis sunt corporeis sensibus nota; aliud qui dicit, 'terra autem erat invisibilis et incomposita, et tenebrae erant super abyssum,' id est hoc totum quod caelum et terra appellatum est adhuc informis et tenebrosa materies erat, unde fieret caelum intelligibile (quod alibi dicitur caelum caeli) et terra, scilicet omnis natura corporea, sub quo nomine intellegatur etiam hoc caelum corporeum, id est unde fieret omnis invisibilis visibilisque creatura; aliud qui dicit, 'terra autem erat invisibilis et incomposita, et tenebrae erant super abyssum,' non illam informitatem nomine caeli et terrae scriptura appellavit, sed iam erat, inquit, ipsa informitas quam terram invisibilem et incompositam tenebrosamque abyssum nominavit, de qua caelum et terram deum fecisse praedixerat, spiritalem scilicet corporalemque creaturam; aliud qui dicit, 'terra autem erat invisibilis et incomposita, et tenebrae erant super abyssum,' id est informitas quaedam iam materies erat unde caelum et terram deum fecisse scriptura praedixit, totam scilicet corpoream mundi molem in duas maximas partes superiorem atque inferiorem distributam cum omnibus quae in eis sunt usitatis notisque creaturis.

## 12.22.31

cum enim duabus istis extremis sententiis resistere quisquam ita temptaverit: `si non vultis hanc informitatem materiae caeli et terrae nomine appellatam videri, erat ergo aliquid quod non fecerat deus, unde caelum et terram faceret; neque enim scriptura narravit quod istam materiem deus fecerit, nisi intellegamus eam caeli et terrae aut solius terrae vocabulo significatam cum diceretur, ``in principio fecit deus caelum et terram," ut id quod sequitur, ``terra autem erat invisibilis et incomposita," quamvis informem materiam sic placuerit appellare, non tamen intellegamus nisi eam quam fecit deus in eo quod praescriptum est: ``fecit caelum et terram," respondebunt assertores duarum istarum sententiarum quas extremas posuimus aut illius aut illius, cum haec audierint, et dicent, `informem quidem istam materiam non negamus a deo factam, deo, a quo sunt omnia bona valde, quia, sicut dicimus amplius bonum esse quod creatum atque formatum est, ita fatemur minus bonum esse quod factum est creabile atque formabile, sed tamen bonum: non autem commemorasse scripturam quod hanc informitatem fecerit deus, sicut alia multa non commemoravit, ut cherubim et seraphim, et quae apostolus distincte ait, ``sedes, dominationes, principatus, potestates," quae tamen omnia deum fecisse manifestum est. aut si eo quod dictum est, ``fecit caelum et terram," comprehensa sunt omnia, quid de aquis dicimus super quas ferebatur spiritus dei? si enim terra nominata simul intelleguntur, quomodo iam terrae nomine materies informis accipitur, quando tam speciosas aquas videmus? aut si ita accipitur, cur ex eadem informitate scriptum est factum firmamentum et vocatum caelum neque scriptum est factas esse aquas? non enim adhuc informes sunt et invisae quas ita decora specie fluere cernimus. aut si tunc acceperunt istam speciem cum dixit deus, ``congregetur aqua, quae est sub firmamento," ut congregatio sit ipsa formatio, quid respondebitur de aquis quae super firmamentum sunt, quia neque informes tam honorabilem sedem accipere meruissent nec scriptum est qua voce formatae sint? unde si aliquid Genesis tacuit deum fecisse, quod tamen deum fecisse nec sana fides nec certus ambigit intellectus, nec ideo ulla sobria doctrina

dicere audebit istas aquas coaeternas deo, quia in libro Geneseos commemoratas quidem audimus, ubi autem factae sint non invenimus, cur non informem quoque illam materiam, quam scriptura haec terram invisibilem et incompositam tenebrosamque abyssum appellat, docente veritate intellegamus ex deo factam esse de nihilo ideoque illi non esse coaeternam, quamvis ubi facta sit omiserit enuntiare ista narratio?'

## 12.23.32

his ergo auditis atque perspectis pro captu infirmitatis meae, quam tibi confiteor scienti deo meo, duo video dissensionum genera oboriri posse cum aliquid a nuntiis veracibus per signa enuntiatur: unum, si de veritate rerum, alterum, si de ipsius qui enuntiat voluntate dissensio est. aliter enim quaerimus de creaturae conditione quid verum sit, aliter autem quid in his verbis Moyses, egregius domesticus fidei tuae, intellegere lectorem auditoremque voluerit. in illo primo genere discedant a me omnes qui ea quae falsa sunt se scire arbitrantur; in hoc item altero discedant a me omnes qui ea quae falsa sunt Moysen dixisse arbitrantur. coniungar autem illis, domine, in te et delecter cum eis in te qui veritate tua pascuntur in latitudine caritatis, et accedamus simul ad verba libri tui et quaeramus in eis vountatem tuam per voluntatem famuli tui, cuius calamo dispensasti ea.

## 12.24.33

sed quis nostrum sic invenit eam inter tam multa vera quae in illis verbis aliter atque aliter intellectis occurrunt quaerentibus, ut tam fidenter dicat hoc sensisse Moysen atque hoc in illa narratione voluisse intellegi, quam fidenter dicit hoc verum esse, sive ille hoc senserit sive aliud? ecce enim, deus meus, ego servus tuus, qui vovi tibi sacrificium confessionis in his litteris et oro ut ex misericordia tua reddam tibi vota mea, ecce ego quam fidenter dico in tuo verbo incommutabili omnia te fecisse, invisibilia et visibilia. numquid tam fidenter dico non aliud quam hoc attendisse Moysen, cum scriberet,

`in principio fecit deus caelum et terram,' quia non, sicut in tua veritate hoc certum video, ita in eius mente video id eum cogitasse cum haec scriberet? potuit enim cogitare, `in ipso faciendi exordio,' cum diceret: `in principio'; potuit et caelum et terram hoc loco nullam iam formatam perfectamque naturam sive spiritalem sive corporalem, sed utramque inchoatam et adhuc informem velle intellegi. video quippe vere potuisse dici quidquid horum diceretur, sed quid horum in his verbis ille cogitaverit, non ita video, quamvis sive aliquid horum sive quid aliud quod a me commemoratum non est tantus vir ille mente conspexerit, cum haec verba promeret, verum eum vidisse apteque id enuntiavisse non dubitem.

## 12.25.34

nemo iam mihi molestus sit dicendo mihi, `non hoc sensit Moyses quod tu dicis, sed hoc sensit quod ego dico.' si enim mihi diceret, `unde scis hoc sensisse Moysen, quod de his verbis eius eloqueris?', aequo animo ferre deberem et responderem fortasse quae superius respondi vel aliquanto uberius, si esset durior. cum vero dicit, `non hoc ille sensit quod tu dicis, sed quod ego dico,' neque tamen negat quod uterque nostrum dicit, utrumque verum esse, o vita pauperum, deus meus, in cuius sinu non est contradictio, plue mihi mitigationes in cor, ut patienter tales feram. qui non mihi hoc dicunt, quia divini sunt et in corde famuli tui videntur quod dicunt, sed quia superbi sunt nec noverunt Moysi sententiam sed amant suam, non quia vera est, sed quia sua est. alioquin et aliam veram pariter amarent, sicut ego amo quod dicunt quando verum dicunt, non quia ipsorum est sed quia verum est: et ideo iam nec ipsorum est, quia verum est. si autem ideo ament illud quia verum est, iam et ipsorum est et meum est, quoniam in commune omnium est veritatis amatorum. illud autem quod contendunt non hoc sensisse Moysen quod ego dico, sed quod ipsi dicunt, nolo, non amo, quia etsi ita est, tamen ista temeritas non scientiae sed audaciae est, nec visus sed typhus eam peperit. ideoque, domine, tremenda sunt iudicia tua, quoniam veritas tua nec mea est nec illius aut illius, sed omnium nostrum quos ad eius communionem publice vocas, terribiliter admonens nos ut eam

nolimus habere privatam, ne privemur ea. nam quisquis id quod tu omnibus ad fruendum proponis sibi proprie vindicat, et suum vult esse quod omnium est, a communi propellitur ad sua, hoc est a veritate ad mendacium. qui enim loquitur mendacium, de suo loquitur.

## 12.25.35

attende, iudex optime, deus, ipsa veritas, attende quid dicam contradictori huic, attende. coram te enim dico et coram fratribus meis, qui legitime utuntur lege usque ad finem caritatis. attende et vide quid ei dicam, si placet tibi. hanc enim vocem huic refero fraternam et pacificam: `si ambo videmus verum esse quod dicis et ambo videmus verum esse quod dico, ubi, quaeso, id videmus? nec ego utique in te nec tu in me, sed ambo in ipsa quae supra mentes nostras est incommutabili veritate. cum ergo de ipsa domini dei nostri luce non contendamus, cur de proximi cogitatione contendimus, quam sic videre non possumus ut videtur incommutabilis veritas, quando, si ipse Moyses apparuisset nobis atque dixisset: ``hoc cogitavi," nec sic eam videremus, sed crederemus? non itaque supra quam scriptum est unus pro altero infletur adversus alterum. diligamus dominum deum nostrum ex toto corde, ex tota anima, ex tota mente nostra, et proximum nostrum sicut nosmet ipsos. propter quae duo praecepta caritatis sensisse Moysen, quidquid in illis libris sensit, nisi crediderimus, mendacem faciemus dominum, cum de animo conservi aliter quam ille docuit opinamur. iam vide quam stultum sit, in tanta copia verissimarum sententiarum quae de illis verbis erui possunt, temere adfirmare quam earum Moyses potissimum senserit, et perniciosis contentionibus ipsam offendere caritatem propter quam dixit omnia, cuius dicta conamur exponere.'

## 12.26.36

et tamen ego, deus meus, celsitudo humilitatis meae et requies laboris mei, qui audis confessiones meas et dimittis peccata mea, quoniam tu mihi praecipis ut diligam proximum meum sicut me ipsum, non possum minus credere de Moyse fidelissimo famulo tuo quam



mihi optarem ac desiderarem abs te dari muneris, si tempore illo natus essem quo ille eoque loci me constituisses, ut per servitutem cordis ac linguae meae litterae illae dispensarentur quae tanto post essent omnibus gentibus profuturæ et per universum orbem tanto auctoritatis culmine omnium falsarum superbarumque doctrinarum verba superaturæ. vellem quippe, si tunc ego essem Moyses (ex eadem namque massa omnes venimus; et quid est homo, nisi quia memor es eius?), vellem ergo, si tunc ego essem quod ille et mihi abs te Geneseos liber scribendus adiungeretur, talem mihi eloquendi facultatem dari et eum texendi sermonis modum ut neque illi qui nondum queunt intellegere quemadmodum creat deus, tamquam excedentia vires suas, dicta recusarent et illi qui hoc iam possunt, in quamlibet veram sententiam cogitando venissent, eam non praetermissam in paucis verbis tui famuli reperirent, et si alius aliam vidisset in luce veritatis, nec ipsa in eisdem verbis intellegenda deesset.

## 12.27.37

sicut enim fons in parvo loco uberior est pluribusque rivis in ampliora spatia fluxum ministrat quam quilibet eorum rivorum qui per multa locorum ab eodem fonte deducitur, ita narratio dispensatoris tui sermocinaturis pluribus profutura parvo sermonis modulo scatet fluente liquidæ veritatis, unde sibi quisque verum quod de his rebus potest, hic illud, ille illud, per longiores loquellarum anfractus trahat. alii enim cum hæc verba legunt vel audiunt, cogitant deum, quasi hominem aut quasi aliquam molem immensa præditam potestate novo quodam et repentino placito extra se ipsam tamquam locis distantibus, fecisse caelum et terram, duo magna corpora supra et infra, quibus omnia continerentur, et cum audiunt, 'dixit deus: fiat illud, et factum est illud,' cogitant verba coepta et finita, sonantia temporibus atque transeuntia, post quorum transitum statim existere quod iussum est ut existeret, et si quid forte aliud hoc modo ex familiaritate carnis opinantur. in quibus adhuc parvulis animalibus, dum isto humillimo genere verborum tamquam materno sinu eorum gestatur infirmitas, salubriter aedificatur fides, qua certum habeant et

teneant deum fecisse omnes naturas quas eorum sensus mirabili varietate circumspicit. quorum si quispiam quasi vilitatem dictorum aspernatus extra nutritorias cunas superba inbecillitate se extenderit, heu! cadet miser et, domine deus, miserere, ne implumem pullum conculcent qui transeunt viam, et mitte angelum tuum, qui eum reponat in nido, ut vivat donec volet.

## 12.28.38

alii vero, quibus haec verba non iam nidus sed opaca frutecta sunt, vident in eis latentes fructus et volitant laetantes et garriunt scrutantes et carpunt eos. vident enim, cum haec verba legunt vel audiunt tua, deus aeterne, stabili permansione cuncta praeterita et futura tempora superari, nec tamen quicquam esse temporalis creaturae quod tu non feceris, cuius voluntas, quia id est quod tu, nullo modo mutata vel quae antea non fuisset exorta voluntate fecisti omnia, non de te similitudinem tuam formam omnium sed de nihilo dissimilitudinem informem, quae formaretur per similitudinem tuam recurrens in te unum pro captu ordinato, quantum cuique rerum in suo genere datum est, et fierent omnia bona valde, sive maneant circa te sive gradatim remotiore distantia per tempora et locos pulchras mutationes faciant aut patiantur. vident haec et gaudent in luce veritatis tuae, quantum hic valent.

## 12.28.39

et alius eorum intendit in id quod dictum est, 'in principio fecit deus,' et respicit sapientiam, principium, quia et loquitur ipsa nobis. alius itidem intendit in eadem verba et principium intellegit exordium rerum conditarum et sic accipit 'in principio fecit' ac si diceretur 'primo fecit'. atque in eis qui intellegunt 'in principio' quod in sapientia fecisti caelum et terram, alius eorum ipsum caelum et terram, creabilem materiam caeli et terrae, sic esse credit cognominatam, alius iam formatas distinctasque naturas, alius unam formatam eandemque spiritalem caeli nomine, aliam informem corporalis materiae terrae nomine. qui autem intellegunt in nominibus caeli et terrae adhuc

informem materiam, de qua formaretur caelum et terra, nec ipsi uno modo id intellegunt, sed alius, unde consummaretur intellegibilis sensibilisque creatura, alius tantum, unde sensibilis moles ista corporea sinu grandi continens perspicuas promptasque naturas. nec illi uno modo, qui iam dispositas digestasque creaturas caelum et terram vocari hoc loco credunt, sed alius invisibilem atque visibilem, alius solam visibilem, in qua luminosum caelum suspicimus et terram caliginosam quaeque in eis sunt.

## 12.29.40

at ille qui non aliter accipit 'in principio fecit' quam si diceretur 'primo fecit' non habet quomodo veraciter intellegat caelum et terram, nisi materiam caeli et terrae intellegat, videlicet universae, id est intellegibilis corporalisque, creaturae. si enim iam formatam velit universam, recte ab eo quaeri poterit, si hoc primo fecit deus, quid fecerit deinceps, et post universitatem non inveniet ac per hoc audiet invitus, 'quomodo illud primo, si postea nihil?' cum vero dicit primo informem, deinde formatam, non est absurdus, si modo est idoneus discernere quid praecedat aeternitate, quid tempore, quid electione, quid origine: aeternitate, sicut deus omnia; tempore, sicut flos fructum; electione, sicut fructus florem; origine, sicut sonus cantum. in his quattuor primum et ultimum quae commemoravi difficillime intelleguntur, duo media facillime. namque rara visio est et nimis ardua conspiciere, domine, aeternitatem tuam incommutabiliter mutabilia facientem ac per hoc priorem. quis deinde sic acutum cernat animo, ut sine labore magno dinoscere valeat quomodo sit prior sonus quam cantus, ideo quia cantus est formatus sonus et esse utique aliquid non formatum potest, formari autem quod non est non potest? sic est prior materies quam id quod ex ea fit, non ea prior quia ipsa efficit, cum potius fiat, nec prior intervallo temporis. neque enim priore tempore sonos edimus informes sine cantu et eos posteriore tempore in formam cantici coaptamus aut fingimus, sicut ligna, quibus arca, vel argentum, quo vasculum fabricatur. tales quippe materiae tempore etiam praecedunt formas rerum quae fiunt ex eis, at in cantu non ita est. cum enim cantatur, auditur sonus eius,

non prius informiter sonat et deinde formatur in cantum. quod enim primo utcumque sonuerit, praeterit, nec ex eo quicquam reperies quod resumptum arte componas. et ideo cantus in sono suo vertitur, qui sonus eius materies eius est. idem quippe formatur, ut cantus sit. et ideo, sicut dicebam, prior materies sonandi quam forma cantandi. non per faciendi potentiam prior: neque enim sonus est cantandi artifex, sed cantanti animae subiacet ex corpore, de quo cantum faciat; nec tempore prior: simul enim cum cantu editur; nec prior electione: non enim potior sonus quam cantus, quandoquidem cantus est non tantum sonus verum etiam speciosus sonus. sed prior est origine, quia non cantus formatur ut sonus sit, sed sonus formatur ut cantus sit. hoc exemplo qui potest intellegat materiam rerum primo factam et appellatam caelum et terram, quia inde facta sunt caelum et terra, nec tempore primo factam, quia formae rerum exserunt tempora, illa autem erat informis iamque in temporibus simul animadvertitur, nec tamen de illa narrari aliquid potest, nisi velut tempore prior sit, cum pendatur extremior, quia profecto meliora sunt formata quam informia, et praecedatur aeternitate creatoris, ut esset de nihilo, unde aliquid fieret.

## 12.30.41

in hac diversitate sententiarum verarum concordiam pariat ipsa veritas, et deus noster misereatur nostri, ut legitime lege utamur, praecepti fine, pura caritate. ac per hoc, si quis quaerit ex me quid horum Moyses, tuus ille famulus, senserit, non sunt hi sermones confessionum mearum si tibi non confiteor, 'nescio.' et scio tamen illas veras esse sententias (exceptis carnalibus, de quibus quantum existimavi locutus sum -- quos tamen bonae spei parvulos haec verba libri tui non territavit alta humiliter et pauca copiose), sed omnes quos in eis verbis vera cernere ac dicere fateor, diligamus nos invicem pariterque diligamus te, deum nostrum, fontem veritatis, si non vana sed ipsam sitimus, eundemque famulum tuum, scripturae huius dispensatorem, spiritu tuo plenum, ita honoremus, ut hoc eum te revelante, cum haec scriberet, attendisse credamus quod in eis maxime et luce veritatis et fruge utilitatis excellit.

## 12.31.42

ita cum alius dixerit, 'hoc sensit quod ego,' et alius, 'immo illud quod ego,' religiosius me arbitror dicere, 'cur non utrumque potius, si utrumque verum est, et si quid tertium et si quid quartum et si quid omnino aliud verum quispiam in his verbis videt, cur non illa omnia vidisse credatur, per quem deus unus sacras litteras vera et diversa visuris multorum sensibus temperavit?' ego certe, quod intrepidus de meo corde pronuntio, si ad culmen auctoritatis aliquid scriberem, sic mallet scribere ut quod veri quisque de his rebus capere posset mea verba resonarent, quam ut unam veram sententiam ad hoc apertius ponerem, ut excluderem ceteras quarum falsitas me non posset offendere. nolo itaque, deus meus, tam praeceps esse ut hoc illum virum de te meruisse non credam. sensit ille omnino in his verbis atque cogitavit, cum ea scriberet, quidquid hic veri potuimus invenire et quidquid nos non potuimus aut nondum potuimus et tamen in eis inveniri potest.

## 12.32.43

postremo, domine, qui deus es et non caro et sanguis, si quid homo minus vidit, numquid et spiritum tuum bonum, qui deducet me in terram rectam, latere potuit, quidquid eras in eis verbis tu ipse revelaturus legentibus posteris, etiamsi ille per quem dicta sunt unam fortassis ex multis veris sententiam cogitavit? quod si ita est, sit igitur illa quam cogitavit ceteris excelsior. nobis autem, domine, aut ipsam demonstra aut quam placet alteram veram, ut sive nobis hoc quod etiam illi homini tuo sive aliud ex eorundem verborum occasione patefacias, tu tamen pascas, non error inludat. ecce, domine deus meus, quam multa de paucis verbis, quam multa, oro te, scripsimus! quae nostrae vires, quae tempora omnibus libris tuis ad istum modum sufficient? sine me itaque brevius in eis confiteri tibi et eligere unum aliquid quod tu inspiraveris verum, certum et bonum, etiamsi multa occurrerint, ubi multa occurrere poterunt, ea fide confessionis meae ut, si hoc dixero quod sensit minister tuus, recte atque optime (id enim conari me oportet), quod si adsecutus non fuero, id tamen

dicam quod mihi per eius verba tua veritas dicere voluerit, quae illi  
quoque dixit quod voluit.

# Liber decimustertius

## 13.1.1

invoco te, deus meus, misericordia mea, qui fecisti me et oblitum tui non oblitus es. invoco te in animam meam, quam praeparas ad capiendum te ex desiderio quod inspirasti ei. nunc invocantem te ne deseras, qui priusquam invocarem praevenisti et institisti crebrescens multimodis vocibus, ut audirem de longinquo et converterer et vocantem me invocarem te. tu enim, domine, delevisti omnia mala merita mea, ne retribueres manibus meis, in quibus a te defeci, et praevenisti omnia bona merita mea, ut retribueres manibus tuis, quibus me fecisti, quia et priusquam essem tu eras, nec eram cui praestares ut essem, et tamen ecce sum ex bonitate tua praeveniente totum hoc quod me fecisti et unde me fecisti. neque enim eguisti me aut ego tale bonum sum quo tu adiuveris, dominus meus et deus meus, non ut tibi sic serviam quasi ne fatigeris in agendo, aut ne minor sit potestas tua carens obsequio meo, neque ut sic te colam quasi terram, ut sis incultus si non te colam, sed ut serviam tibi et colam te, ut de te mihi bene sit, a quo mihi est ut sim cui bene sit.

## 13.2.2

ex plenitudine quippe bonitatis tuae creatura tua substitit, ut bonum quod tibi nihil prodesset nec de te aequale tibi esset, tamen quia ex te fieri potuit, non deesset. quid enim te promeruit caelum et terra, quas fecisti in principio? dicant quid te promeruerunt spiritalis corporalisque natura, quas fecisti in sapientia tua, ut inde penderent etiam inchoata et informia quaeque in genere suo vel spiritali vel corporali, euntia in immoderationem et in longinquam dissimilitudinem tuam, spiritale informe praestantius quam si formatum corpus esset,

corporale autem informe praestantius quam si omnino nihil esset, atque ita penderent in tuo verbo informia, nisi per idem verbum revocarentur ad unitatem tuam et formarentur et essent ab uno te summo bono universa bona valde. quid te promeruerant, ut essent saltem informia, quae neque hoc essent nisi ex te?

### 13.2.3

quid te promeruit materies corporalis, ut esset saltem invisibilis et incomposita, quia neque hoc esset nisi quia fecisti? ideoque te, quia non erat, promereri ut esset non poterat. aut quid te promeruit inchoatio creaturae spiritalis, ut saltem tenebrosa fluitaret similis abyssu, tui dissimilis, nisi per idem verbum converteretur ad idem a quo facta est atque ab eo inluminata lux fieret, quamvis non aequaliter tamen conformis formae aequali tibi? sicut enim corpori non hoc est esse quod pulchrum esse (alioquin deforme esse non posset), ita etiam creato spiritui non id est vivere quod sapienter vivere: alioquin incommutabiliter saperet. bonum autem illi est haerere tibi semper, ne quod adeptus est conversione aversione lumen amittat et relabatur in vitam tenebrosae abyssu similem. nam et nos, qui secundum animam creatura spiritalis sumus, aversi a te, nostro lumine, in ea vita fuimus aliquando tenebrae et in reliquiis obscuritatis nostrae laboramus, donec simus iustitia tua in unico tuo sicut montes dei. nam iudicia tua fuimus sicut multa abyssus.

### 13.3.4

quod autem in primis conditionibus dixisti, 'fiat lux, et facta est lux,' non incongruenter hoc intellego in creatura spiritali, quia erat iam qualiscumque vita quam inluminare. sed sicut non te promeruerat ut esset talis vita quae inluminari posset, ita nec cum iam esset promeruit te ut inluminaretur. neque enim eius informitas placeret tibi si non lux fieret, non existendo sed intuendo inluminantem lucem eique cohaerendo, ut et quod utcumque vivit et quod beate vivit non deberet nisi gratiae tuae, conversa per commutationem meliorem ad id quod neque in melius neque in deterius mutari potest. quod tu solus es,



quia solus simpliciter es, cui non est aliud vivere, aliud beate vivere, quia tua beatitudo es.

### **13.4.5**

quid ergo tibi deesset ad bonum, quod tu tibi es, etiamsi ista vel omnino nulla essent vel informia remanerent quae non ex indigentia fecisti sed ex plenitudine bonitatis tuae, cohibens atque convertens ad formam, non ut tamquam tuum gaudium compleatur ex eis? perfecto enim tibi displicet eorum imperfectio, ut ex te perficiantur et tibi placeant, non autem imperfecto, tamquam et tu eorum perfectione perficiendus sis. spiritus enim tuus bonus superferebatur super aquas, non ferebatur ab eis tamquam in eis requiesceret. in quibus enim requiescere dicitur spiritus tuus, hos in se requiescere facit. sed superferebatur incorruptibilis et incommutabilis voluntas tua, ipsa in se sibi sufficiens, super eam quam feceras vitam. cui non hoc est vivere quod beate vivere, quia vivit etiam fluitans in obscuritate sua; cui restat converti ad eum a quo facta est, et magis magisque vivere apud fontem vitae, et in lumine eius videre lumen, et perfici et inlustrari et beari.

### **13.5.6**

ecce apparet mihi in aenigmate trinitas quod es, deus meus, quoniam tu, pater, in principio sapientiae nostrae, quod est tua sapientia de te nata, aequalis tibi et coaeterna, id est in filio tuo, fecisti caelum et terram. et multa diximus de caelo caeli et de terra invisibili et incomposita et de abyssu tenebrosa secundum spiritalis informitatis vagabunda deliquia, nisi converteretur ad eum a quo erat qualiscumque vita et inluminatione fieret speciosa vita et esset caelum caeli eius, quod inter aquam et aquam postea factum est. et tenebam iam patrem in dei nomine, qui fecit haec, et filium in principii nomine, in quo fecit haec, et trinitatem credens deum meum, sicut credebam, quaerebam in eloquiis sanctis eius, et ecce spiritus tuus superferebatur super aquas. ecce trinitas deus meus, pater et filius et spiritus sanctus, creator universae creaturae.

### 13.6.7

sed quae causa fuerat -- o lumen veridicum, tibi admoveo cor meum, ne me vana doceat; discute tenebras eius et dic mihi, obsecro te per matrem caritatem, obsecro te, dic mihi, quae causa fuerat, ut post nominatum caelum et terram invisibilem et incompositam et tenebras super abyssum tum demum scriptura tua nominaret spiritum tuum? an quia oportebat sic eum insinuari, ut diceretur superferre? non posset hoc dici nisi prius illud commemoraretur cui superferri spiritus tuus posset intellegi. nec patri enim nec filio superferebatur nec superferri recte diceretur, si nulli rei superferretur. prius ergo dicendum erat cui superferretur, et deinde ille quem non oportebat aliter commemorari nisi ut superferri diceretur. cur ergo aliter eum insinuari non oportebat, nisi ut superferri diceretur?

### 13.7.8

iam hinc sequatur qui potest intellectu apostolum tuum dicentem quia caritas tua diffusa est in cordibus nostris per spiritum sanctum, qui datus est nobis, et de spiritalibus docentem et demonstrantem supereminentem viam caritatis et flectentem genua pro nobis ad te, ut cognoscamus supereminentem scientiam caritatis Christi. ideoque ab initio supereminens superferebatur super aquas. cui dicam, quomodo dicam de pondere cupiditatis in abruptam abyssum et de sublevatione caritatis per spiritum tuum, qui superferebatur super aquas? cui dicam? quomodo dicam? neque enim loca sunt quibus mergimur et emergimus. quid similis et quid dissimilis? affectus sunt, amores sunt, immunditia spiritus nostri defluens inferius amore curarum et sanctitas tui attollens nos superius amore securitatis, ut sursum cor habeamus ad te, ubi spiritus tuus superfertur super aquas, et veniamus ad supereminentem requiem, cum pertransierit anima nostra aquas quae sunt sine substantia.

### 13.8.9

defluxit angelus, defluxit anima hominis et indicaverunt abyssum

universae spiritalis creaturae in profundo tenebroso, nisi dixisses ab initio, 'fiat lux,' et facta esset lux, et inhaereret tibi omnis oboediens intellegentia caelestis civitatis tuae et requiesceret in spiritu tuo, qui superfertur incommutabiliter super omne mutabile. alioquin et ipsum caelum caeli tenebrosa abyssus esset in se; nunc autem lux est in domino. nam et in ipsa misera inquietudine defluentium spirituum et indicantium tenebras suas nudatas veste luminis tui, satis ostendis quam magnam rationalem creaturam feceris, cui nullo modo sufficit ad beatam requiem quidquid te minus est, ac per hoc nec ipsa sibi. tu enim, deus noster, inluminabis tenebras nostras: ex te oriuntur vestimenta nostra, et tenebrae nostrae sicut meridies erunt. da mihi te, deus meus, redde mihi te. en amo et, si parum est, amem validius. non possum metiri, ut sciam quantum desit mihi amoris ad id quod sat est, ut currat vita mea in amplexus tuos, nec avertatur donec abscondatur in abscondito vultus tui. hoc tantum scio, quia male mihi est praeter te non solum extra me sed et in me ipso, et omnis mihi copia quae deus meus non est egestas est.

### 13.9.10

numquid aut pater aut filius non superferebatur super aquas? si tamquam loco sicut corpus, nec spiritus sanctus; si autem incommutabilis divinitatis eminentia super omne mutabile, et pater et filius et spiritus sanctus superferebatur super aquas. cur ergo tantum de spiritu tuo dictum est hoc? cur de illo tantum dictum est quasi locus ubi esset, qui non est locus, de quo solo dictum est quod sit donum tuum? in dono tuo requiescimus: ibi te fruimur. requies nostra locus noster. amor illuc attollit nos et spiritus tuus bonus exaltat humilitatem nostram de portis mortis. in bona voluntate pax nobis est. corpus pondere suo nititur ad locum suum. pondus non ad ima tantum est, sed ad locum suum. ignis sursum tendit, deorsum lapis; ponderibus suis aguntur, loca sua petunt. oleum infra aquam fustum super aquam attollitur, aqua supra oleum fusa infra oleum demergitur; ponderibus suis aguntur, loca sua petunt. minus ordinata inquieta sunt; ordinantur et quiescunt. pondus meum amor meus; eo feror, quocumque feror. dono tuo accendimur et sursum ferimur;

inardescimus et imus. ascendimus ascensiones in corde et cantamus canticum graduum. igne tuo, igne tuo bono inardescimus et imus, quoniam sursum imus ad pacem Hierusalem, quoniam iucundatus sum in his qui dixerunt mihi, 'in domum domini ibimus.' ibi nos conlocabit voluntas bona, ut nihil velimus aliud quam permanere illic in aeternum.

### 13.10.11

beata creatura quae non novit aliud, cum esset ipsa aliud, nisi dono tuo, quod superfertur super omne mutabile, mox ut facta est attolleretur nullo intervallo temporis in ea vocatione qua dixisti, 'fiat lux,' et fieret lux. in nobis enim distinguitur tempore, quod tenebrae fuimus et lux efficimur; in illa vero dictum est quid esset; nisi inluminaretur, et ita dictum est, quasi prius fuerit fluxa et tenebrosa, ut appareret causa qua factum est ut aliter esset, id est ut ad lumen indeficiens conversa lux esset. qui potest intellegat, a te petat. ut quid mihi molestus est, quasi ego inluminem ullum hominem venientem in hunc mundum?

### 13.11.12

trinitatem omnipotentem quis intellegat? et quis non loquitur eam, si tamen eam? rara anima quae, cum de illa loquitur, scit quod loquitur. et contendunt et dimicant, et nemo sine pace videt istam visionem. vellem ut haec tria cogitarent homines in se ipsis: longe aliud sunt ista tria quam illa trinitas, sed dico ubi se exerceant et probent et sentiant quam longe sunt. dico autem haec tria: esse, nosse, velle. sum enim et scio et volo. sum sciens et volens, et scio esse me et velle, et volo esse et scire. in his igitur tribus quam sit inseparabilis vita et una vita et una mens et una essentia, quam denique inseparabilis distinctio et tamen distinctio, videat qui potest. certe coram se est; attendat in se et videat et dicat mihi. sed cum invenerit in his aliquid et dixerit, non iam se putet invenisse illud quod supra ista est incommutabile, quod est incommutabiliter et scit incommutabiliter et vult incommutabiliter. et utrum propter tria haec et ibi trinitas, an in singulis haec tria, ut terna singulorum sint, an utrumque miris modis simpliciter et

multipliciter infinito in se sibi fine, quo est et sibi notum est et sibi sufficit incommutabiliter idipsum copiosa unitatis magnitudine, quis facile cogitaverit? quis ullo modo dixerit? quis quolibet modo temere pronuntiaverit?

## 13.12.13

procede in confessione, fides mea; dic domino deo tuo, `sancte, sancte, sancte, domine deus meus, in nomine tuo baptizati sumus, pater et fili et spiritus sancte, in nomine tuo baptizamus, pater et fili et spiritus sancte,' quia et apud nos in Christo suo fecit deus caelum et terram, spiritales et carnales ecclesiae suae. et terra nostra antequam acciperet formam doctrinae invisibilis erat et incomposita, et ignorantiae tenebris tegebamur, quoniam pro iniquitate erudisti hominem, et iudicia tua sicut multa abyssus. sed quia spiritus tuus superferebatur super aquam, non reliquit miseriam nostram misericordia tua, et dixisti, `fiat lux'; `paenitentiam agite, appropinquavit enim regnum caelorum.' `paenitentiam agite'; `fiat lux.' et quoniam conturbata erat ad nos ipsos anima nostra, commemorati sumus tui, domine, de terra Iordanis et de monte aequali tibi sed parvo propter nos, et displicuerunt nobis tenebrae nostrae, et conversi sumus ad te, et facta est lux. et ecce fuimus aliquando tenebrae, nunc autem lux in domino.

## 13.13.14

et tamen adhuc per fidem, nondum per speciem: spe enim salvi facti sumus. spes autem quae videtur non est spes. adhuc abyssus abyssum invocat, sed iam in voce cataractarum tuarum. adhuc et ille qui dicit, `non potui vobis loqui quasi spiritalibus, sed quasi carnalibus,' etiam ipse nondum se arbitratur comprehendisse, et quae retro oblitus, in ea quae ante sunt extenditur et ingemescit gravatus, et sitit anima eius ad deum vivum, quemadmodum cervi ad fontes aquarum, et dicit, `quando veniam?', habitaculum suum, quod de caelo est, superindui cupiens, et vocat inferiorem abyssum dicens, `nolite conformari huic saeculo, sed reformamini in novitate mentis

vestrae,' et, `nolite pueri effici mentibus, sed malitia parvuli estote, ut mentibus perfecti sitis,' et, `o stulti Galatae, quis vos fascinavit?' sed iam non in voce sua; in tua enim, qui misisti spiritum tuum de excelsis per eum qui ascendit in altum et aperuit cataractas donorum suorum, ut fluminis impetus laetificarent civitatem tuam. illi enim suspirat sponsi amicus, habens iam spiritus primitias penes eum, sed adhuc in semet ipso ingemescens, adoptionem expectans, redemptionem corporis sui. illi suspirat (membrum est enim sponsae) et illi zelat (amicus est enim sponsi); illi zelat non sibi, quia in voce cataractarum tuarum, non in voce sua, invocatur abyssum, cui zelans timet ne sicut serpens Evam decepit astutia sua, sic et eorum sensus corrumpantur a castitate quae est in sponso nostro, unico tuo. quae est illa speciei lux? cum videbimus eum sicuti est, et transierint lacrimae, quae mihi factae sunt panis die ac nocte, dum dicitur mihi cotidie, `ubi est deus tuus?'

## 13.14.15

et ego dico, `deus meus ubi es?' ecce ubi es. respiro in te paululum, cum effundo super me animam meam in voce exultationis et confessionis, soni festivitatem celebrantis. et adhuc tristis est, quia relabitur et fit abyssus, vel potius sentit adhuc se esse abyssum. dicit ei fides mea, quam accendisti in nocte ante pedes meos, `quare tristis es, anima, et quare conturbas me? spera in domino.' lucerna pedibus tuis verbum eius. spera et persevera, donec transeat nox, mater iniquorum, donec transeat ira domini, cuius filii et nos fuimus aliquando tenebrae, quarum residua trahimus in corpore propter peccatum mortuo, donec aspiret dies et removeantur umbrae. spera in domino; mane astabo et contemplabor; semper confitebor illi. mane astabo et videbo salutare vultus mei, deum meum, qui vivificabit et mortalia corpora nostra propter spiritum, qui habitat in nobis, quia super interius nostrum tenebrosum et fluvidum misericorditer superferebatur. unde in hac peregrinatione pignus accepimus, ut iam simus lux, dum adhuc spe salvi facti sumus et filii lucis et filii diei, non filii noctis neque tenebrarum, quod tamen fuimus. inter quos et nos in isto adhuc incerto humanae notitiae tu solus dividis, qui probas corda

nostra, et vocas lucem diem et tenebras noctem. quis enim nos discernit nisi tu? quid autem habemus quod non accepimus a te, ex eadem massa vasa in honorem ex qua sunt et alia facta in contumeliam?

### **13.15.16**

aut quis nisi tu, deus noster, fecisti nobis firmamentum auctoritatis super nos in scriptura tua divina? caelum enim plicabitur ut liber et nunc sicut pellis extenditur super nos. sublimioris enim auctoritatis est tua divina scriptura, cum iam obierunt istam mortem illi mortales per quos eam dispensasti nobis. et tu scis, domine, tu scis, quemadmodum pellibus indueris homines, cum peccato mortales fierent. unde sicut pellem extendisti firmamentum libri tui, concordēs utique sermones tuos, quos per mortalium ministerium superposuisti nobis. namque ipsa eorum morte solidamentum auctoritatis in eloquiis tuis per eos editis sublimiter extenditur super omnia quae subter sunt, quod, cum hic viverent, non ita sublimiter extentum erat. nondum sicut pellem caelum extenderas, nondum mortis eorum famam usquequaque dilataveras.

### **13.15.17**

videamus, domine, caelos, opera digitorum tuorum; disserena oculis nostris nubilum quo subtexisti eos. ibi est testimonium tuum sapientiam praestans parvulis. perfice, deus meus, laudem tuam ex ore infantium et lactantium. neque enim novimus alios libros ita destruentes superbiam, ita destruentes inimicum et defensorem resistentem reconciliationi tuae defendendo peccata sua. non novi, domine, non novi alia tam casta eloquia, quae sic mihi persuaderent confessionem et lenirent cervicem meam iugo tuo et invitarent colere te gratis. intellegam ea, pater bone, da mihi hoc subterposito, quia subterpositis solidasti ea.

### **13.15.18**

sunt aliae aquae super hoc firmamentum, credo, immortales et a terrena corruptione secretae. laudent nomen tuum, laudent te supercaelestes populi angelorum tuorum, qui non opus habent suspicere firmamentum hoc et legendo cognoscere verbum tuum. vident enim faciem tuam semper, et ibi legunt sine syllabis temporum quid velit aeterna voluntas tua. legunt eligunt et diligunt; semper legunt et numquam praeterit quod legunt. eligendo enim et diligendo legunt ipsam incommutabilitatem consilii tui. non clauditur codex eorum nec plicatur liber eorum, quia tu ipse illis hoc es et es in aeternum, quia super hoc firmamentum ordinasti eos, quod firmasti super infirmitatem inferiorum populorum, ubi suspicerent et cognoscerent misericordiam tuam temporaliter enuntiantem te, qui fecisti tempora. in caelo enim, domine, misericordia tua et veritas tua usque ad nubes. transeunt nubes, caelum autem manet. transeunt praedicatores verbi tui ex hac vita in aliam vitam, scriptura vero tua usque in finem saeculi super populos extenditur. sed et caelum et terra transibunt, sermones autem tui non transibunt, quoniam et pellis plicabitur et faenum super quod extendebatur cum claritate sua praeteriet, verbum autem tuum manet in aeternum. quod nunc in aenigmate nubium et per speculum caeli, non sicuti est, apparet nobis, quia et nos quamvis filio tuo dilecti sumus, nondum apparuit quod erimus. attendit per retia carnis et blanditus est et inflammavit, et currimus post odorem eius. sed cum apparuerit, similes ei erimus, quoniam videbimus eum sicuti est. sicuti est, domine, videre nostrum, quod nondum est nobis.

## 13.16.19

nam sicut omnino tu es, tu scis solus, qui es incommutabiliter et scis incommutabiliter et vis incommutabiliter, et essentia tua scit et vult incommutabiliter, et scientia tua est et vult incommutabiliter, et voluntas tua est et scit incommutabiliter, nec videtur iustum esse coram te ut, quemadmodum se scit lumen incommutabile, ita sciatur ab inluminato commutabili. ideoque anima mea tamquam terra sine aqua tibi, quia sicut se inluminare de se non potest, ita se satiare de se non potest. sic enim apud te fons vitae, quomodo in lumine tuo videbimus lumen.



## 13.17.20

quis congregavit amaricantes in societatem unam? idem namque illis finis est temporalis et terrenae felicitatis, propter quam faciunt omnia, quamvis innumerabili varietate curarum fluctuent. quis, domine, nisi tu, qui dixisti ut congregarentur aquae in congregationem unam et appareret arida sitiens tibi, quoniam tuum est et mare et tu fecisti illud, et aridam terram manus tuae formaverunt? neque enim amaritudo voluntatum sed congregatio aquarum vocatur mare. tu enim coherces etiam malas cupiditates animarum et figis limites, quousque progredi sinantur aquae ut in se comminuantur fluctus earum, atque ita facis mare ordine imperii tui super omnia.

## 13.17.21

at animas sitientes tibi et apparentes tibi alio fine distinctas a societate maris occulto et dulci fonte inrigas, ut et terra det fructum suum. et dat fructum suum et te iubente, domino deo suo, germinat anima nostra opera misericordiae secundum genus, diligens proximum in subsidiis necessitatum carnalium, habens in se semen secundum similitudinem, quoniam ex nostra infirmitate compatimur ad subveniendum indigentibus similiter opitulantes, quemadmodum nobis vellemus opem ferri, si eodem modo indigeremus, non tantum in facilibus tamquam in herba seminali, sed etiam in protectione adiutorii forti robore, sicut lignum fructiferum, id est beneficium ad eripiendum eum qui iniuriam patitur de manu potentis et praebendo protectionis umbraculum valido robore iusti iudicii.

## 13.18.22

ita, domine, ita, oro te, oriatur, sicuti facis, sicuti das hilaritatem et facultatem, oriatur de terra veritas, et iustitia de caelo respiciat, et fiant in firmamento luminaria. frangamus esurienti panem nostrum et egenum sine tecto inducamus in domum nostram, nudum vestiamus et domesticos seminis nostri non despiciamus. quibus in terra natis fructibus, vide quia bonum est, et erumpat temporanea lux nostra, et

de ista inferiore fruge actionis in delicias contemplationis verbum vitae superius obtinentes appareamus sicut luminaria in mundo, cohaerentes firmamento scripturae tuae. ibi enim nobiscum disputas, ut dividamus inter intellegibilia et sensibilia tamquam inter diem et noctem vel inter animas alias intellegibilibus, alias sensibilibus deditas, ut iam non tu solus in abdito diiudicationis, sicut antequam fieret firmamentum, dividas inter lucem et tenebras, sed etiam spiritales tui in eodem firmamento positi atque distincti manifestata per orbem gratia tua luceant super terram et dividant inter diem et noctem et significant tempora, quia vetera transierunt, ecce facta sunt nova, et quia propior est nostra salus quam cum credidimus, et quia nox praecessit, dies autem appropinquavit, et quia benedicis coronam anni tui, mittens operarios in messem tuam, in qua seminanda alii laboraverunt, mittens etiam in aliam sementem, cuius messis in fine est. ita das vota optanti et benedicis annos iusti, tu autem idem ipse es et in annis tuis, qui non deficiunt, horreum praeparas annis transeuntibus. aeterno quippe consilio propriis temporibus bona caelestia das super terram,

## 13.18.23

quoniam quidem alii datur per spiritum sermo sapientiae tamquam luminare maius propter eos qui perspicuae veritatis luce delectantur tamquam in principio diei, alii autem sermo scientiae secundum eundem spiritum tamquam luminare minus, alii fides, alii donatio curationum, alii operationes virtutum, alii prophetia, alii diiudicatio spirituum, alteri genera linguarum, et haec omnia tamquam stellae. omnia enim haec operatur unus atque idem spiritus, dividens propria unicuique prout vult et faciens apparere sidera in manifestatione ad utilitatem. sermo autem scientiae, qua continentur omnia sacramenta quae variantur temporibus tamquam luna, et ceterae notitiae donorum, quae deinceps tamquam stellae commemorata sunt, quantum differunt ab illo candore sapientiae quo gaudet praedictus dies, tantum in principio noctis sunt. his enim sunt necessaria, quibus ille prudentissimus servus tuus non potuit loqui quasi spiritalibus, sed quasi carnalibus, ille qui sapientiam loquitur inter perfectos. animalis

autem homo tamquam parvulus in Christo lactisque potator, donec roboretur ad solidum cibum et aciem firmet ad solis aspectum, non habeat desertam noctem suam, sed luce lunae stellarumque contentus sit. haec nobiscum disputas sapientissime, deus noster, in libro tuo, firmamento tuo, ut discernamus omnia contemplatione mirabili, quamvis adhuc in signis et in temporibus et in diebus et in annis.

## 13.19.24

`sed prius lavamini, mundi estote, auferte nequitiam ab animis vestris atque a conspectu oculorum meorum, ut appareat arida. discite bonum facere, iudicate pupillo et iustificate viduam, ut germinet terra herbam pabuli et lignum fructiferum. et venite, disputemus,' dicit dominus, `ut fiant luminaria in firmamento caeli, et luceant super terram.' quaerebat dives ille a magistro bono quid faceret ut vitam aeternam consequeretur; dicat ei magister bonus, quem putabat hominem et nihil amplius (bonus est autem, quia deus est), dicat ei ut, si vult venire ad vitam, servet mandata, separet a se amaritudinem malitiae atque nequitiae, non occidat, non moechetur, non furetur, non falsum testimonium dicat, ut appareat arida et germinet honorem matris et patris et dilectionem proximi. `feci,' inquit, `haec omnia.' unde ergo tantae spinae, si terra fructifera est? vade, extirpa silvosa dumeta avaritiae, vende quae possides et implere frugibus dando pauperibus, et habebis thesaurum in caelis, et sequere dominum si vis esse perfectus, eis sociatus inter quos loquitur sapientiam ille qui novit quid distribuat diei et nocti, ut noris et tu, ut fiant et tibi luminaria in firmamento caeli. quod non fiet, nisi fuerit illic cor tuum; quod item non fiet, nisi fuerit illi thesaurus tuus, sicut audisti a magistro bono. sed contristata est terra sterilis, et spinae offocaverunt verbum.

## 13.19.25

vos autem genus electum, infirma mundi, qui dimisistis omnia ut sequeremini dominum: ite post eum et confundite fortia, ite post eum, speciosi pedes, et lucete in firmamento, ut caeli enarrent gloriam

eius, dividentes inter lucem perfectorum, sed nondum sicut angelorum, et tenebras parvulorum, sed non desperatorum. lucete super omnem terram, et dies sole candens eructet diei verbum sapientiae et nox luna lucens annuntiet nocti verbum scientiae. luna et stellae nocti lucent, sed nox non obscurat eas, quoniam ipsae inluminant eam pro modulo eius. ecce enim tamquam deo dicente, 'fiant luminaria in firmamento caeli,' factus est subito de caelo sonus, quasi ferretur flatus vehemens, et visae sunt linguae divisae quasi ignis, qui et insedit super unumquemque illorum, et facta sunt luminaria in firmamento caeli verbum vitae habentia. ubique discurrite, ignes sancti, ignes decori. vos enim estis lumen mundi nec estis sub modio. exaltatus est cui adhaesistis, et exaltavit vos. discurrite et innotescite omnibus gentibus.

## 13.20.26

concipiat et mare et pariat opera vestra, et producant aquae reptilia animarum vivarum. separantes enim pretiosum a vili facti estis os dei, per quod diceret, 'producant aquae' non animam vivam, quam terra producet, sed 'reptilia animarum vivarum et volatilia volantia super terram.' repserunt enim sacramenta tua, deus, per opera sanctorum tuorum inter medios fluctus temptationum saeculi ad imbuendas gentes nomine tuo in baptismo tuo. et inter haec facta sunt magnalia mirabilia tamquam ceti grandes et voces nuntiorum tuorum volantes super terram iuxta firmamentum libri tui, praeposito illo sibi ad auctoritatem, sub quo volitarent quocumque irent. neque enim sunt loquellae neque sermones quorum non audiantur voces eorum, quando in omnem terram exiit sonus eorum et in fines orbis terrae verba eorum, quoniam tu, domine, benedicendo multiplicasti haec.

## 13.20.27

numquid mentior aut mixtione misceo neque distinguo lucidas cognitiones harum rerum in firmamento caeli et opera corporalia in undoso mari et sub firmamento caeli? quarum enim rerum notitiae sunt solidae et terminatae sine incrementis generationum tamquam

lumina sapientiae et scientiae, earundem rerum sunt operationes corporales multae ac variae, et aliud ex alio crescendo multiplicantur in benedictione tua, deus, qui consolatus es fastidia sensuum mortalium, ut in cognitione animi res una multis modis per corporis motiones figuretur atque dicatur. aquae produxerunt haec, sed in verbo tuo. necessitates alienatorum ab aeternitate veritatis tuae populorum produxerunt haec, sed in evangelio tuo, quoniam ipsae aquae ista eiecerunt, quarum amarus languor fuit causa ut in tuo verbo ista procederent.

### **13.20.28**

et pulchra sunt omnia faciente te, et ecce tu inenarrabiliter pulchrior, qui fecisti omnia. a quo si non esset lapsus Adam, non diffunderetur ex utero eius salsugo maris, genus humanum profunde curiosum et procellose tumidum et instabiliter fluvidum, atque ita non opus esset ut in aquis multis corporaliter et sensibiliter operarentur dispensatores tui mystica facta et dicta (sic enim mihi nunc occurrerunt reptilia et volatilia), quibus imbuti et initiati homines corporalibus sacramentis subditi non ultra proficerent, nisi spiritaliter viveret anima gradu alio et post initii verbum in consummationem respiceret.

### **13.21.29**

ac per hoc in verbo tuo non maris profunditas, sed ab aquarum amaritudine terra discreta eicit non reptilia animarum vivarum et volatilia, sed animam vivam. neque enim iam opus habet baptismo, quo gentibus opus est, sicut opus habebat cum aquis tegetur. non enim intratur aliter in regnum caelorum ex illo quo instituisti ut sic intretur, nec magnalia mirabilium quaerit quibus fiat fides. neque enim nisi signa et prodigia viderit, non credit, cum iam distincta sit terra fidelis ab aquis maris infidelitate amaris, et linguae in signo sunt non fidelibus sed infidelibus. nec isto igitur genere volatili, quod verbo tuo produxerunt aquae, opus habet terra quam fundasti super aquas. immitte in eam verbum tuum per nuntios tuos, opera enim eorum narramus. sed tu es qui operaris in eis, et operentur animam vivam.

terra producit eam, quia terra causa est ut haec agant in ea, sicut mare fuit causa ut agerent reptilia animarum vivarum et volatilia sub firmamento caeli, quibus iam terra non indiget, quamvis piscem manducet levatum de profundo in ea mensa quam parasti in conspectu credentium; ideo enim de profundo levatus est, ut alat aridam. et aves marina progenies, sed tamen super terram multiplicantur. primarum enim vocum evangelizantium infidelitas hominum causa extitit, sed et fideles exhortantur et benedicuntur eis multipliciter de die in diem. at vero anima viva de terra sumit exordium, quia non prodest nisi iam fidelibus continere se ab amore huius saeculi, ut anima eorum tibi vivat, quae mortua erat in deliciis vivens, deliciis, domine, mortiferis, nam tu puri cordis vitales deliciae.

### **13.21.30**

operentur ergo iam in terra ministri tui, non sicut in aquis infidelitatis annuntiando et loquendo per miracula et sacramenta et voces mysticas, ubi intenta fit ignorantia mater admirationis in timore occultorum signorum (talis enim est introitus ad fidem filiis Adam oblitis tui, dum se abscondunt a facie tua et fiunt abyssus), sed operentur etiam sicut in arida discreta a gurgitibus abyssi et sint forma fidelibus vivendo coram eis et excitando ad imitationem. sic enim non tantum ad audiendum sed etiam ad faciendum audiunt, 'quaerite deum et vivet anima vestra, ut producat terra animam viventem; nolite conformari huic saeculo, continete vos ab eo.' evitando vivit anima, quae appetendo moritur. continete vos ab immani feritate superbiae, ab inertii voluptate luxuriae, et a fallaci nomine scientiae, ut sint bestiae mansuetae et pecora edomita et innoxii serpentes. motus enim animae sunt isti in allegoria; sed fastus elationis et delectatio libidinis et venenum curiositatis motus sunt animae mortuae, quia non ita moritur ut omni motu careat, quoniam discedendo a fonte vitae moritur atque ita suscipitur a praetereunte saeculo et conformatur ei.

### **13.21.31**

verbum autem tuum, deus, fons vitae aeternae est et non praeterit. ideoque in verbo tuo cohibetur ille discessus, dum dicitur nobis, ' nolite conformari huic saeculo,' ut producat terra in fonte vitae animam viventem, in verbo tuo per evangelistas tuos animam continentem imitando imitatores Christi tui. hoc est enim secundum genus, quoniam aemulatio viri ab amico est: 'estote', inquit, 'sicut ego, quia et ego sicut vos.' ita erunt in anima viva bestiae bonae in mansuetudine actionis. mandasti enim dicens, 'in mansuetudine opera tua perfice et ab omni homine diligeris.' et pecora bona neque si manducaverint, abundantia, neque si non manducaverint, egentia, et serpentes boni non perniciosi ad nocendum, sed astuti ad cavendum et tantum explorantes temporalem naturam, quantum sufficit, ut per ea quae facta sunt intellecta conspiciatur aeternitas. serviunt enim rationi haec animalia, cum a progressu mortifero cohibita vivunt et bona sunt.

## 13.22.32

ecce enim, domine deus noster, creator noster, cum cohibitae fuerint affectiones ab amore saeculi, quibus moriebamur male vivendo, et coeperit esse anima vivens bene vivendo, completumque fuerit verbum tuum quo per apostolum tuum dixisti, ' nolite conformari huic saeculo,' consequetur et illud quod adiunxisti statim et dixisti, 'sed reformamini in novitate mentis vestrae,' non iam secundum genus, tamquam imitantes praecedentem proximum nec ex hominis melioris auctoritate viventes. neque enim dixisti, 'fiat homo secundum genus,' sed, 'faciamus hominem ad imaginem et similitudinem nostram,' ut nos probemus quae sit voluntas tua. ad hoc enim dispensator ille tuus generans per evangelium filios, ne semper parvulos haberet quos lacte nutriret et tamquam nutrix foveret, 'reformamini,' inquit, 'in novitate mentis vestrae ad probandum vos quae sit voluntas dei, quod bonum et beneplacitum et perfectum.' ideoque non dicis, 'fiat homo,' sed, 'faciamus,' nec dicis, 'secundum genus,' sed, 'ad imaginem et similitudinem nostram.' mente quippe renovatus et conspiciens intellectam veritatem tuam homine demonstratore non indiget ut suum genus imitetur, sed te demonstrante probat ipse quae sit voluntas tua,

quod bonum et beneplacitum et perfectum, et doces eum iam capacem videre trinitatem unitatis vel unitatem trinitatis. ideoque pluraliter dicto `faciamus hominem,' singulariter tamen infertur, `et fecit deus hominem,' et pluraliter dicto `ad imaginem nostram,' singulariter infertur, `ad imaginem dei.' ita homo renovatur in agnitione dei secundum imaginem eius, qui creavit eum, et spiritalis effectus iudicat omnia, quae utique iudicanda sunt, ipse autem a nemine iudicatur.

### 13.23.33

quod autem iudicat omnia, hoc est, quod habet potestatem piscium maris et volatilium caeli et omnium pecorum et ferarum et omnis terrae et omnium reptantium quae repunt super terram. hoc enim agit per mentis intellectum, per quem percipit quae sunt spiritus dei. alioquin homo in honore positus non intellexit; comparatus est iumentis insensatis et similis factus est eis. ergo in ecclesia tua, deus noster, secundum gratiam tuam, quam dedisti ei, quoniam tuum sumus figmentum creati in operibus bonis, non solum qui spiritaliter praesunt sed etiam hi qui spiritaliter subduntur eis qui praesunt (masculum enim et feminam fecisti hominem hoc modo in gratia tua spiritali, ubi secundum sexum corporis non est masculus et femina, quia nec iudaeus neque graecus neque servus neque liber) -- spiritales ergo, sive qui praesunt sive qui obtemperant, spiritaliter iudicant, non de cognitionibus spiritalibus, quae lucent in firmamento (non enim oportet de tam sublimi auctoritate iudicare); neque de ipso libro tuo, etiam si quid ibi non lucet, quoniam summittimus ei nostrum intellectum certumque habemus etiam quod clausum est aspectibus nostris recte veraciterque dictum esse (sic enim homo, licet iam spiritalis et renovatus in agnitione dei secundum imaginem eius qui creavit eum, factor tamen legis debet esse, non iudex); neque de illa distinctione iudicat, spiritalium videlicet atque carnalium hominum, qui tuis, deus noster, oculis noti sunt et nullis adhuc nobis apparuerunt operibus ut ex fructibus eorum cognoscamus eos, sed tu, domine, iam scis eos et divisisti et vocasti in occulto, antequam fieret firmamentum; neque de turbidis huius saeculi populis quamquam spiritalis homo iudicat -- quid



enim ei de his qui foris sunt iudicare, ignorantibus quis inde venturus sit in dulcedinem gratiae tuae et quis in perpetua impietatis amaritudine remansurus?

### **13.23.34**

ideoque homo, quem fecisti ad imaginem tuam, non accepit potestatem luminarium caeli neque ipsius occulti caeli neque diei et noctis, quae ante caeli constitutionem vocasti, neque congregationis aquarum, quod est mare, sed accepit potestatem piscium maris et volatilium caeli et omnium pecorum et omnis terrae et omnium repentium quae repunt super terram. iudicat enim et approbat quod recte, improbat autem quod perperam invenerit, sive in ea sollemnitate sacramentorum quibus initiantur quos pervestigat in aquis multis misericordia tua, sive in ea qua ille piscis exhibetur quem levatum de profundo terra pia comedit, sive in verborum signis vocibusque subiectis auctoritati libri tui tamquam sub firmamento volitantibus, interpretando, exponendo, disserendo, disputando, benedicendo atque invocando te, ore erumpentibus atque sonantibus signis, ut respondeat populus, 'amen.' quibus omnibus vocibus corporaliter enuntiandis causa est abyssus saeculi et caecitas carnis, qua cogitata non possunt videri, ut opus sit instrepere in auribus. ita, quamvis multiplicentur volatilia super terram, ex aquis tamen originem ducunt. iudicat etiam spiritalis approbando quod rectum, improbando autem quod perperam invenerit in operibus moribusque fidelium, elemosynis tamquam terra fructifera et de anima viva mansuefactis affectionibus, in castitate, in ieiuniis, in cogitationibus piis de his quae per sensum corporis percipiuntur. de his enim iudicare nunc dicitur, in quibus et potestatem corrigendi habet.

### **13.24.35**

sed quid est hoc et quale mysterium est? ecce benedicis homines, o domine, ut crescant et multiplicentur et impleant terram. nihilne nobis ex hoc innuis, ut intellegamus aliquid? cur non ita benedixeris lucem quam vocasti diem nec firmamentum caeli nec luminaria nec sidera

nec terram nec mare? dicerem te, deus noster, qui nos ad imaginem tuam creasti, dicerem te hoc donum benedictionis homini proprie voluisse largiri, nisi hoc modo benedixisses pisces et cetos, ut crescerent et multiplicarentur et implerent aquas maris, et volatilia multiplicarentur super terram. item dicerem ad ea rerum genera pertinere benedictionem hanc quae gignendo ex semet ipsis propagantur, si eam reperirem in arbustis et frutectis et in pecoribus terrae. nunc autem nec herbis et lignis dictum est nec bestiis et serpentibus, 'crescite et multiplicamini,' cum haec quoque omnia sicut pisces et aves et homines gignendo augeantur genusque custodiant.

### **13.24.36**

quid igitur dicam, lumen meum, veritas? quia vacat hoc, quia inaniter ita dictum est? nequaquam, pater pietatis; absit ut hoc dicat servus verbi tui. et si ego non intellego quid hoc eloquio significes, utantur eo melius meliores, id est intellegentiores quam ego sum, unicuique quantum sapere dedisti. placeat autem et confessio mea coram oculis tuis, qua tibi confiteor credere me, domine, non incassum te ita locutum, neque silebo quod mihi lectionis huius occasio suggerit. verum est enim, nec video quid impediat ita me sentire dicta figurata librorum tuorum. novi enim multipliciter significari per corpus, quod uno modo mente intellegitur, et multipliciter mente intellegi, quod uno modo per corpus significatur. ecce simplex dilectio dei et proximi, quam multiplicibus sacramentis et innumerabilibus linguis et in unaquaque lingua innumerabilibus locutionum modis corporaliter enuntiatur! ita crescunt et multiplicantur fetus aquarum. attende iterum quisquis haec legis: ecce quod uno modo scriptura offert et vox personat, 'in principio deus fecit caelum et terram,' nonne multipliciter intellegitur, non errorum fallacia, sed verarum intellegentiarum generibus? ita crescunt et multiplicantur fetus hominum.

### **13.24.37**

itaque si naturas ipsas rerum non allegorice sed proprie cogitemus, ad omnia quae de seminibus gignuntur convenit verbum 'crescite et

multiplicamini.' si autem figurate posita ista tractemus (quod potius arbitror intendisse scripturam, quae utique non supervacue solis aquatilium et hominum fetibus istam benedictionem attribuit), invenimus quidem multitudines et in creaturis spiritalibus atque corporalibus tamquam in caelo et terra, et in animis iustis et iniquis tamquam in luce et tenebris, et in sanctis auctoribus per quos lex ministrata est tamquam in firmamento quod solidatum est inter aquam et aquam, et in societate amaricantium populorum tamquam in mari, et in studio piarum animarum tamquam in arida, et in operibus misericordiae secundum praesentem vitam tamquam in herbis seminalibus et lignis fructiferis, et in spiritalibus donis manifestatis ad utilitatem sicut in luminaribus caeli, et in affectibus formatis ad temperantiam tamquam in anima viva: in his omnibus nanciscimur multitudines et ubertates et incrementa. sed quod ita crescat et multiplicetur, ut una res multis modis enuntietur et una enuntiatio multis modis intellegatur, non invenimus nisi in signis corporaliter editis et rebus intellegibiliter excogitatis. signa corporaliter edita generationes aquarum propter necessarias causas carnalis profunditatis, res autem intellegibiliter excogitatas generationes humanas propter rationis fecunditatem intelleximus. et ideo credidimus utrique horum generi dictum esse abs te, domine, `crescite et multiplicamini.' in hac enim benedictione concessam nobis a te facultatem ac potestatem accipio et multis modis enuntiare quod uno modo intellectum tenuerimus, et multis modis intellegere quod obscure uno modo enuntiatum legerimus. sic implentur aquae maris, quae non moventur nisi variis significationibus, sic et fetibus humanis impletur et terra, cuius ariditas apparet in studio, et dominatur ei ratio.

## 13.25.38

volo etiam dicere, domine deus meus, quod me consequens tua scriptura commonet, et dicam nec verebor. vera enim dicam te mihi inspirante quod ex eis verbis voluisti ut dicerem. neque enim alio praeter te inspirante credo me verum dicere, cum tu sis veritas, omnis autem homo mendax, et ideo qui loquitur mendacium, de suo

loquitur. ergo ut verum loquar, de tuo loquor. ecce dedisti nobis in escam omne faenum sativum seminans semen quod est super omnem terram, et omne lignum quod habet in se fructum seminis sativi. nec nobis solis sed et omnibus avibus caeli et bestiis terrae atque serpentibus; piscibus autem et cetis magnis non dedisti haec. dicebamus enim eis terrae fructibus significari et in allegoria figurari opera misericordiae, quae huius vitae necessitatibus exhibentur ex terra fructifera. talis terra erat pius Onesiphorus, cuius domui dedisti misericordiam, quia frequenter Paulum tuum refrigeravit et catenam eius non erubuit. hoc fecerunt et fratres et tali fruge fructificaverunt qui quod ei deerat suppleverunt ex Macedonia. quomodo autem dolet quaedam ligna quae fructum ei debitum non dederunt, ubi ait, `in prima mea defensione nemo mihi adfuit, sed omnes me dereliquerunt: non illis imputetur.' esca enim debetur eis qui ministrant doctrinam rationalem per intellegentias divinorum mysteriorum, et ita eis debetur tamquam hominibus. debetur autem eis (sicut animae vivae) praebentibus se ad imitandum in omni continentia. item debetur eis tamquam volatilibus propter benedictiones eorum, quae multiplicantur super terram, quoniam in omnem terram exiit sonus eorum.

### 13.26.39

pascuntur autem his escis qui laetantur eis, nec illi laetantur eis, quorum deus venter. neque enim et in illis qui praebent ista, ea quae dant fructus est, sed quo animo dant. itaque ille qui deo serviebat non suo ventri, video plane unde gaudeat, video et congratulor ei valde. acceperat enim a Philippensibus quae per Epaphroditum miserant; sed tamen unde gaudeat, video. unde autem gaudet, inde pascitur, quia in veritate loquens `gavisus sum,' inquit, `magnifice in domino, quia tandem aliquando repullulastis sapere pro me, in quo sapiebatis; taedium autem habuistis.' isti ergo diuturno taedio marcuerant et quasi exaruerant ab isto fructu boni operis, et gaudet eis, quia repullularunt, non sibi, quia eius indigentiae subvenerunt. ideo secutus ait, `non quod desit aliquid dico; ego enim didici in quibus sum sufficiens esse. scio et minus habere, scio et abundare; in omnibus et in omni imbutus sum, et satiari et esurire et abundare et penuriam

pati: omnia possum in eo qui me confortat.'

## 13.26.40

unde ergo gaudes, o Paule magne? unde gaudes, unde pasceris, homo renovate in agnitione dei secundum imaginem eius qui creavit te, et anima viva tanta continentia et lingua volatilis loquens mysteria? talibus quippe animantibus ista esca debetur. quid est quod te pascit? laetitia. quod sequitur audiam: 'verum tamen,' inquit, 'bene fecistis communicantes tribulationi meae.' hinc gaudet, hinc pascitur, quia illi bene fecerunt, non quia eius angustia relaxata est, qui dicit tibi, 'in tribulatione dilatasti mihi,' quia et abundare et penuriam pati novit in te, qui confortas eum. 'scitis enim,' inquit, 'etiam vos, Philippenses, quoniam in principio evangelii, cum ex Macedonia sum profectus, nulla mihi ecclesia communicavit in ratione dati et accepti nisi vos soli, quia et Thessalonicam et semel et iterum usibus meis misistis.' ad haec bona opera eos redisse nunc gaudet et repullulasse laetatur tamquam revivescente fertilitate agri.

## 13.26.41

numquid propter usus suos, quia dixit, 'usibus meis misistis,' numquid propterea gaudet? non propterea. et hoc unde scimus? quoniam ipse sequitur dicens, 'non quia quaero datum, sed requiro fructum.' didici a te, deus meus, inter datum et fructum discernere. datum est res ipsa quam dat qui impertitur haec necessaria, veluti est nummus, cibus, potus, vestimentum, tectum, adiutorium. fructus autem bona et recta voluntas datoris est. non enim ait magister bonus 'qui susceperit prophetam' tantum, sed addidit 'in nomine prophetae'; neque ait tantum 'qui susceperit iustum', sed addidit 'in nomine iusti'; ita quippe ille mercedem prophetae, iste mercedem iusti accipiet. nec solum ait 'qui calicem aquae frigidae potum dederit uni ex minimis meis', sed addidit 'tantum in nomine discipuli,' et sic adiunxit, 'amen dico vobis, non perdet mercedem suam.' datum est suscipere prophetam, suscipere iustum, porrigere calicem aquae frigidae discipulo; fructus autem in nomine prophetae, in nomine iusti, in nomine discipuli hoc

facere. fructu pascitur Helias a vidua sciente quod hominem dei pasceret et propter hoc pasceret; per corvum autem dato pascebatur. nec interior Helias sed exterior pascebatur, qui posset etiam talis cibi egestate corrumpi.

### **13.27.42**

ideoque dicam quod verum est coram te, domine, cum homines idiotae atque infideles, quibus initiandis atque lucrandis necessaria sunt sacramenta initiorum et magnalia miraculorum, quae nomine piscium et cetorum significari credidimus, suscipiunt corporaliter reficiendos aut in aliquo usu praesentis vitae adiuvandos pueros tuos, cum id quare faciendum sit et quo pertineat ignorent, nec illi istos pascunt nec isti ab illis pascuntur, quia nec illi haec sancta et recta voluntate operantur nec isti eorum datis, ubi fructum nondum vident, laetantur. inde quippe animus pascitur, unde laetatur. et ideo pisces et ceti non vescuntur escis quas non germinat nisi iam terra ab amaritudine marinorum fluctuum distincta atque discreta.

### **13.28.43**

et vidisti, deus, omnia quae fecisti, et ecce bona valde, quia et nos videmus ea, et ecce omnia bona valde. in singulis generibus operum tuorum, cum dixisses ut fierent, et facta essent, illud atque illud vidisti quia bonum est. septies numeravi scriptum esse te vidisse quia bonum est quod fecisti; et hoc octavum est quia vidisti omnia quae fecisti, et ecce non solum bona sed etiam valde bona tamquam simul omnia. nam singula tantum bona erant, simul autem omnia et bona et valde. hoc dicunt etiam quaeque pulchra corpora, quia longe multo pulchrius est corpus quod ex membris pulchris omnibus constat quam ipsa membra singula quorum ordinatissimo conventu completur universum, quamvis et illa etiam singillatim pulchra sunt.

### **13.29.44**

et attendi, ut invenirem utrum septies vel octies videris quia bona sunt

opera tua, cum tibi placuerunt, et in tua visione non inveni tempora per quae intellegerem quod totiens videris quae fecisti, et dixi, `o domine, nonne ista scriptura tua vera est, quoniam tu verax et veritas edidisti eam? cur ergo tu mihi dicis non esse in tua visione tempora, et ista scriptura tua mihi dicit per singulos dies ea quae fecisti te vidisse quia bona sunt, et cum ea numerarem, inveni quotiens?' ad haec tu dicis mihi, quoniam tu es deus meus et dicis voce forti in aure interiore servo tuo, perrumpens meam surditatem et clamans: `o homo, nempe quod scriptura mea dicit, ego dico. et tamen illa temporaliter dicit, verbo autem meo tempus non accedit, quia aequali mecum aeternitate consistit. sic ea quae vos per spiritum meum videtis ego video, sicut ea quae vos per spiritum meum dicitis ego dico. atque ita cum vos temporaliter ea videatis, non ego temporaliter video, quemadmodum, cum vos temporaliter ea dicatis, non ego temporaliter dico.'

### **13.30.45**

et audiui, domine deus meus, et elinxi stillam dulcedinis ex tua veritate, et intellexi quoniam sunt quidam quibus displicent opera tua, et multa eorum dicunt te fecisse necessitate compulsus, sicut fabricas caelorum et compositiones siderum, et hoc non de tuo, sed iam fuisse alibi creata et aliunde, quae tu contraheres et compaginares atque contexeres, cum de hostibus victis mundana moenia molireris, ut ea constructione devincti adversus te iterum rebellare non possent; alia vero nec fecisse te nec omnino compegisse, sicut omnes carnes et minutissima quaeque animantia et quidquid radicibus terram tenet, sed hostilem mentem naturamque aliam non abs te conditam tibi contrariam in inferioribus mundi locis ista gignere atque formare. insani dicunt haec, quoniam non per spiritum tuum vident opera tua nec te cognoscunt in eis.

### **13.31.46**

qui autem per spiritum tuum vident ea, tu vides in eis. ergo cum vident quia bona sunt, tu vides quia bona sunt, et quaecumque propter te

placent, tu in eis places, et quae per spiritum tuum placent nobis, tibi placent in nobis. quis enim scit hominum quae sunt hominis, nisi spiritus hominis qui in ipso est? sic et quae dei sunt nemo scit nisi spiritus dei. `nos autem,' inquit, `non spiritum huius mundi accepimus, sed spiritum, qui ex deo est, ut sciamus quae a deo donata sunt nobis.' et admoneor ut dicam, `certe nemo scit quae dei sunt, nisi spiritus dei. quomodo ergo scimus et nos quae a deo donata sunt nobis?' respondetur mihi quoniam quae per eius spiritum scimus etiam sic nemo scit nisi spiritus dei. sicut enim recte dictum est, `non enim vos estis, qui loquimini,' eis qui in dei spiritu loquerentur, sic recte dicitur, `non vos estis, qui scitis,' eis qui in dei spiritu sciunt. nihilo minus igitur recte dicitur, `non vos estis, qui videtis,' eis qui in spiritu dei vident. ita quidquid in spiritu dei vident quia bonum est, non ipsi sed deus videt, quia bonum est. aliud ergo est ut putet quisque malum esse quod bonum est, quales supra dicti sunt; aliud ut quod bonum est videat homo quia bonum est, sicut multis tua creatura placet, quia bona est, quibus tamen non tu places in ea, unde frui magis ipsa quam te volunt; aliud autem ut, cum aliquid videt homo quia bonum est, deus in illo videat quia bonum est, ut scilicet ille ametur in eo quod fecit, qui non amaretur nisi per spiritum quem dedit, quoniam caritas dei diffusa est in cordibus nostris per spiritum sanctum, qui datus est nobis, per quem videmus quia bonum est, quidquid aliquo modo est: ab illo enim est qui non aliquo modo est, sed est est.

## 13.32.47

gratias tibi, domine! videmus caelum et terram, sive corporalem partem superiorem atque inferiorem sive spiritalem corporalemque creaturam, atque in ornatu harum partium, quibus constat vel universa mundi moles vel universa omnino creatura, videmus lucem factam divisamque a tenebris. videmus firmamentum caeli, sive inter spirituales aquas superiores et corporales inferiores, primarium corpus mundi, sive hoc spatium aeris, quia et hoc vocatur caelum, per quod vagantur volatilia caeli inter aquas, quae vaporaliter ei superferuntur et serenae etiam noctibus rorant, et has quae in terris graves fluitant.



videmus congregatarum aquarum speciem per campos maris et aridam terram vel nudatam vel formatam, ut esset visibilis et composita, herbarumque atque arborum materiem. videmus luminaria fulgere desuper, solem sufficere diei, lunam et stellas consolari noctem atque his omnibus notari et significari tempora. videmus umidam usquequaque naturam piscibus et beluis et alitibus fecundatam, quod aeris corpulentia, quae volatus avium portat, aquarum exhalatione concrecit. videmus terrenis animalibus faciem terrae decorari hominemque ad imaginem et similitudinem tuam cunctis inrationabilibus animantibus ipsa tua imagine ac similitudine, hoc est rationis et intellegentiae virtute, praeponi, et quemadmodum in eius anima aliud est quod consulendo dominatur, aliud quod subditur ut obtemperet, sic viro factam esse etiam corporaliter feminam, quae haberet quidem in mente rationalis intellegentiae parem naturam, sexu tamen corporis ita masculino sexui subiceretur, quemadmodum subicitur appetitus actionis ad concipiendam de ratione mentis recte agendi sollertiam. videmus haec et singula bona et omnia bona valde.

### **13.33.48**

laudant te opera tua ut amemus te, et amamus te ut laudent te opera tua. habent initium et finem ex tempore, ortum et occasum, profectum et defectum, speciem et privationem. habent ergo consequentia mane et vesperam, partim latenter partim evidenter. de nihilo enim a te, non de te facta sunt, non de aliqua non tua vel quae antea fuerit, sed de concreata, id est simul a te creata materia, quia eius informitatem sine ulla temporis interpositione formasti. nam cum aliud sit caeli et terrae materies, aliud caeli et terrae species, materiem quidem de omnino nihilo, mundi autem speciem de informi materia, simul tamen utrumque fecisti, ut materiam forma nulla morae intercapedine sequeretur.

### **13.34.49**

inspeximus etiam propter quorum figurationem ista vel tali ordine fieri

vel tali ordine scribi voluisti, et vidimus quia bona sunt singula et omnia bona valde in verbo tuo, in unico tuo, caelum et terra, caput et corpus ecclesiae, in praedestinatione ante omnia tempora sine mane et vespera. ubi autem coepisti praedestinata temporaliter exequi, ut occulta manifestares et incomposita nostra componeres (quoniam super nos erant peccata nostra et in profundum tenebrosum abieramus abs te, et spiritus tuus bonus superferebatur ad subveniendum nobis in tempore opportuno), et iustificasti impios et distinxisti eos ab iniquis et solidasti auctoritatem libri tui inter superiores, qui tibi dociles essent, et inferiores, qui ei subderentur, et congregasti societatem infidelium in unam conspiracyem, ut apparerent studia fidelium, ut tibi opera misericordiae parerent, distribuentes etiam pauperibus terrenas facultates ad acquirenda caelestia. et inde accendisti quaedam luminaria in firmamento, verbum vitae habentes sanctos tuos et spiritualibus donis praelata sublimi auctoritate fulgentes; et inde ad imbuendas infideles gentes sacramenta et miracula visibilia vocesque verborum secundum firmamentum libri tui, quibus etiam fideles benedicerentur, ex materia corporali produxisti; et deinde fidelium animam vivam per affectus ordinatos continentiae vigore formasti, atque inde tibi soli mentem subditam et nullius auctoritatis humanae ad imitandum indigentem renovasti ad imaginem et similitudinem tuam, praestantique intellectui rationabilem actionem tamquam viro feminam subdidisti, omnibusque tuis ministeriis ad perficiendos fideles in hac vita necessariis ab eisdem fidelibus ad usus temporales fructuosa in futurum opera praeberi voluisti. haec omnia videmus et bona sunt valde, quoniam tu ea vides in nobis, qui spiritum quo ea videremus et in eis te amaremus dedisti nobis.

## **13.35.50**

domine deus, pacem da nobis (omnia enim praestitisti nobis), pacem quietis, pacem sabbati, pacem sine vespera. omnis quippe iste ordo pulcherrimus rerum valde bonarum modis suis peractis transiturus est. et mane quippe in eis factum est et vespera.

### **13.36.51**

dies autem septimus sine vespera est nec habet occasum, quia sanctificasti eum ad permansionem sempiternam, ut id, quod tu post opera tua bona valde, quamvis ea quietus feceris, requievisti septimo die, hoc prae loquatur nobis vox libri tui, quod et nos post opera nostra ideo bona valde, quia tu nobis ea donasti, sabbato vitae aeternae requiescamus in te.

### **13.37.52**

etiam tunc enim sic requiesces in nobis, quemadmodum nunc operaris in nobis, et ita erit illa requies tua per nos, quemadmodum sunt ista opera tua per nos. tu autem, domine, semper operaris et semper requiescis, nec vides ad tempus nec moveris ad tempus nec quiescis ad tempus, et tamen facis et visiones temporales et ipsa tempora et quietem ex tempore.

### **13.38.53**

nos itaque ista quae fecisti videmus, quia sunt, tu autem quia vides ea, sunt. et nos foris videmus quia sunt, et intus quia bona sunt; tu autem ibi vidisti facta, ubi vidisti facienda. et nos alio tempore moti sumus ad bene faciendum, posteaquam concepit de spiritu tuo cor nostrum; priore autem tempore ad male faciendum movebamur deserentes te: tu vero, deus une bone, numquam cessasti bene facere. et sunt quaedam bona opera nostra ex munere quidem tuo, sed non sempiterna: post illa nos requieturos in tua grandi sanctificatione speramus. tu autem bonum nullo indigens bono semper quietus es, quoniam tua quies tu ipse es. et hoc intellegere quis hominum dabit homini? quis angelus angelo? quis angelus homini? a te petatur, in te quaeratur, ad te pulsetur: sic, sic accipietur, sic invenietur, sic aperietur.





# Bônus

Espero que tenha gostado deste livro. Conheça também as cartas de Sêneca a Lucílio.

Nas páginas seguintes estão a primeira carta do [Volume I](#) e do [Volume II](#), aproveite.

***Mantenha-se Forte. Mantenha-se Bem.***

## Obras filosóficas de Sêneca:

- [Cartas de um Estoico, Vol I](#) (*Epistulae morales ad Lucilium*)
- [Cartas de um Estoico, Vol II](#)
- [Cartas de um Estoico, Vol III](#)
- [Sobre a Ira](#) (*De Ira*)
- [Consolação a Márcia](#) (*Ad Marciam, De consolatione*)
- [Consolação a Minha Mãe Hêlvia](#) (*Ad Helviam matrem, De consolatione*)
- [Consolação a Políbio](#) (*De Consolatione ad Polybium*)
- [Sobre a Brevidade da vida](#) (*De Brevitate Vitae*)
- [Da Clemência](#) (*De Clementia*)
- [Sobre Constância do sábio](#) (*De Constantia Sapientis*)
- [A Vida Feliz](#) (*De Vita Beata*)
- [Sobre os Benefícios](#) (*De Beneficiis*)
- [Sobre a Tranquilidade da alma](#) (*De Tranquillitate Animi*)
- [Sobre o Ócio](#) (*De Otio*)
- [Sobre a Providência Divina](#) (*De Providentia*)
- Sobre a Superstição (*De Superstitione*) perdida, citada por Santo Agostinho.

## Biografia de Sêneca

- [Sêneca, Vida e Filosofia](#) por *Francis Holland*.

## Obras [Filosóficas](#)

- [A Consolação da Filosofia](#), por Boécio
- [Confissões](#), por Santo Agostinho
- [A Vida Intelectual](#) por *Antonin-Dalmace Sertillanges*
- [Meditações de Marco Aurélio](#)
- [Discurso da Servidão Voluntária](#) por *Étienne de La Boétie*
- [Fascismo e Democracia](#) por *George Orwell*
- [A Arte de ter Razão](#) por *Arthur Schopenhauer*
- [Estoicismo, Guia Definitivo](#) por *St. George Stock*
- [Ciropeia](#) por *Xenofonte*
- [Utopia](#) por *Thomas More*
- [Vidas e doutrinas dos filósofos ilustres](#) por *Diógenes*

*Laércio*

- [Andar a Pé](#) por *Henry David Thoreau*
- [Carta a Meneceu sobre a felicidade](#) por *Epicuro*
- [Epicuro, Cartas e Princípios](#) por *Epicuro*
- [O Dever do Advogado](#) por *Ruy Barbosa*
- [Os Sermões](#) por *Padre António Vieira*



# I. Sobre aproveitar o tempo

Saudações de Sêneca a Lucílio.

1. Continue a agir assim, meu querido Lucílio: liberte-se por conta própria; poupe e aproveite seu tempo, que até recentemente tem sido retirado a força de você ou furtado ou simplesmente escapado de suas mãos. Faça-se acreditar na verdade de minhas palavras: que certos momentos são arrancados de nós, que alguns são removidos suavemente e que outros fogem além de nosso alcance. O tipo mais desgraçado de perda, no entanto, é aquele devido ao descuido. Ademais, se você prestar atenção ao problema, você verá que a maior parte de nossa vida passa enquanto estamos fazendo coisas desagradáveis, uma boa parte enquanto não estamos fazendo nada e tudo isso enquanto estamos fazendo o que não deveríamos fazer.

2. Qual homem você pode me mostrar que coloca algum valor em seu tempo, que dá o devido valor a cada dia, que entende que está morrendo diariamente? Pois estamos equivocados quando pensamos que a morte é coisa do futuro; a maior parte da morte já passou. Quaisquer anos atrás de nós já estão nas mãos da morte. Portanto, Lucílio, faça como você me escreve que você está fazendo: mantenha cada hora ao seu alcance. Agarre a tarefa de hoje e você não precisará depender tanto do amanhã. Enquanto estamos postergando, a vida corre.

3. **Nada, Lucílio, é nosso, exceto o tempo. A natureza nos deu o privilégio desta única coisa, tão fugaz e escorregadia que qualquer um pode esbulhar tal posse.** Que tolos esses mortais são! Eles permitem que as coisas mais baratas e inúteis, que podem ser facilmente substituídas, sejam contabilizadas depois de terem sido adquiridas; mas nunca se consideram em dívida quando recebem parte dessa preciosa mercadoria, o tempo! E, no entanto,



o tempo é o único empréstimo que nem o mais agradecido destinatário pode pagar.

4. Você pode desejar saber como eu, que prego a você, estou praticando. Confesso francamente: meu saldo em conta corrente é como o esperado de alguém generoso mas cuidadoso. Não posso vangloriar-me de não desperdiçar nada, mas pelo menos posso lhe dizer o que estou desperdiçando, a causa e a maneira de desperdício; posso lhe dar as razões pelas quais sou um homem pobre. Minha situação, no entanto, é a mesma de muitos que são reduzidos a miséria sem culpa própria: todos os perdoam, mas ninguém vem em seu socorro.

5. Qual é o estado das coisas, então? É isto: eu não considero um homem como pobre, se o pouco que lhe resta o é suficiente. Contudo, aconselho-o a preservar o que é realmente seu; e nunca é cedo demais para começar. Pois, como acreditavam os nossos antepassados, é demasiado tarde para gastarmos quando chegarmos à raspa do tacho.<sup>1</sup> Daquilo que permanece no fundo, a quantidade é pouca e a qualidade é vil.

Mantenha-se Forte. Mantenha-se Bem.



## Notas:

<sup>1</sup> Tradução, por Sêneca, de frase célebre de Hesíodo

## LXVI. Sobre vários aspectos da virtude

Saudações de Sêneca a Lucílio.

1. Acabei de ver meu ex-colega de escola, Clarano, pela primeira vez em muitos anos. Você não precisa esperar que eu acrescente que ele é um homem velho. Mas asseguro-lhe que o encontrei são em espírito e robusto, embora ele esteja lutando com um corpo frágil e fraco. Pois a Natureza agiu de forma injusta quando lhe deu um pobre domicílio para uma alma tão rara. Ou talvez foi porque ela queria nos provar que uma mente absolutamente forte e feliz pode estar escondida sob qualquer exterior. Seja como for, Clarano supera todos esses obstáculos e, por desprezar seu próprio corpo, chegou a um estágio onde ele pode desprezar outras coisas também.

2. O poeta que cantou:

*Valor mostra mais agradável em uma forma que é justa*

gratior et pulchro veniens e corpore virtus. <sup>238</sup>

está, na minha opinião, enganado. Pois a virtude não precisa de nada para compensá-la, é sua própria glória e santifica o corpo em que habita. De qualquer modo, comecei a considerar Clarano sob uma luz diferente: ele parece-me simpático e bem construído tanto em corpo como na mente.

3. Assim como um grande homem pode nascer em um casebre, pode também uma linda e grande alma nascer em um corpo feio e insignificante. Por esta razão a natureza parece criar alguns homens deste selo com o objetivo de provar que a virtude nasce em qualquer lugar. Se tivesse sido possível produzir almas puras e nuas, desprovidas de corpo, ela o teria feito. Como é, a natureza

faz uma coisa ainda maior, pois ela produz certos homens que, embora impedidos em seus corpos, ainda assim rompem a obstrução de qualquer obstáculo.

4. Creio que Clarano foi produzido como um exemplo, para que possamos entender que a alma não é desfigurada pela feiura do corpo, mas pelo contrário, que o corpo é embelezado pela beleza da alma. Agora, apesar de Clarano e eu termos passado muito poucos dias juntos, tivemos muitas conversas, as quais vou em seguida verter e transmitir a você.

5. No primeiro dia investigamos esse problema: como todos os bens podem ser iguais sendo tríplice a respectiva natureza?<sup>239</sup> Pois alguns deles, de acordo com os nossos princípios filosóficos, são primários, como a alegria, a paz e o bem-estar de um país. Outros são de segunda ordem, moldados de um material infeliz, como a resistência ao sofrimento e o autocontrole durante uma doença grave. Rezaremos abertamente pelos bens da primeira classe; para a segunda classe, oraremos somente se a necessidade surgir. Há ainda uma terceira variedade como, por exemplo, um andar modesto, um semblante calmo e honesto, e um comportamento que se adapte ao homem de sabedoria.

6. Agora, como podem estes tipos de bens serem iguais quando os comparamos, se você conceder que devemos orar por um e evitar o outro? Se fizermos distinções entre eles, devemos retornar ao Sumo Bem e considerar qual é a sua natureza: a alma que olha para a verdade, que é hábil no que deve ser buscado e no que deve ser evitado, estabelecendo padrões de valor não de acordo com a opinião, mas de acordo com a natureza, uma alma que penetra o mundo inteiro e dirige seu olhar contemplativo sobre todos os seus fenômenos, prestando atenção estrita aos pensamentos e ações, igualmente grande e vigorosa, superior às dificuldades e as lisonjas, não cedendo a nenhum dos extremos da Fortuna, acima de todas as bênçãos e aflições, absolutamente linda, perfeitamente equipada com graça, bem como com força, saudável e vigorosa, imperturbável, nunca consternada, uma alma que força alguma pode vergar ou destruir, uma que o acaso não pode exaltar nem deprimir

– uma alma como esta é a própria personificação da virtude.

7. Esta seria sua aparência externa, se viesse sob um único aspecto e mostrasse uma vez só toda a sua integridade. Mas há muitos aspectos disso. Desdobram-se de acordo com a vida e ações; mas a própria virtude não se torna menor ou maior. Pois o Sumo Bem não pode diminuir nem a virtude retroceder. Em vez disso, a virtude é transformada, agora em uma qualidade e depois em outra, moldando-se de acordo com a função que está desempenhando.

8. Tudo o que ela toca leva à semelhança consigo mesma e tinge com sua própria cor. Adorna nossas ações, nossas amizades e, às vezes, casas inteiras onde entrou e pôs em ordem pela harmonia. Seja o que for que tenha tocado, imediatamente torna-o amável, notável, admirável. Portanto, o poder e a grandeza da virtude não podem elevar-se a alturas maiores, porque o incremento é negado àquilo que é superlativamente grande. Você não encontrará nada mais reto do que o reto, nada mais verdadeiro do que a verdade e nada mais moderado do que a moderação.

9. Toda virtude é ilimitada, pois limites dependem de medições definidas. A constância não pode avançar mais do que a fidelidade, a veracidade ou a lealdade. O que pode ser acrescentado ao que é perfeito? Nem se pode acrescentar nada à virtude pois, se alguma coisa puder ser acrescentada a ela, seria necessário que ela tivesse alguma imperfeição. Honra, também, não permite adição, pois é honrado por causa das mesmas qualidades que mencionei. E então? Você acha que a correção, a justiça, a legalidade, também não pertencem ao mesmo tipo e que elas são mantidas dentro de limites fixos? **A capacidade de melhorar é a prova de que uma coisa ainda é imperfeita.**

10. O bem, em todos os casos, está sujeito a essas mesmas leis. O interesse privado e o interesse público estão juntos; na verdade, é tão impossível separá-los quanto separar o louvável do desejável. Portanto, as virtudes são mutuamente iguais e assim são as obras da virtude e todos os homens que são tão afortunados de possuir essas virtudes.

11. Mas, como as virtudes das plantas e dos animais são perecíveis, são também frágeis, passageiras e incertas. Elas brotam e elas afundam novamente e por isso não são avaliadas ao mesmo valor, mas às virtudes humanas apenas uma regra se aplica. Pois a razão correta é única e de um só tipo. Nada é mais divino do que o divino ou mais celestial do que o celestial.

12. As coisas mortais decaem, caem, são desgastadas, crescem, são esgotadas e reabastecidas. Assim, no caso delas, em vista da incerteza de sua Fortuna, há desigualdade; mas das coisas divinas, a natureza é única. A razão, entretanto, não é nada mais do que uma porção do espírito divino colocado em um corpo humano. Se a razão é divina e o bem nunca carece de razão, então o bem é sempre divino. E além disso, não há distinção entre as coisas divinas. Consequentemente também não existe nenhuma distinção entre bens. Daí resulta que a alegria e uma corajosa e obstinada resistência à tortura são bens equivalentes, pois em ambas situações há a mesma grandeza de alma; descontraída e alegre em um caso e combativa e pronta para a ação no outro.

13. O quê? Você não acha que a virtude daquele que bravamente ataca a fortaleza do inimigo é igual a daquele que sofre um cerco com a maior paciência? Houve grandeza em Cipião quando seu comando pôs cerco a Numância e o cingiu de tal forma que obrigou homens até então invencíveis à autodestruição. Mas grandes também são as almas dos defensores sitiados ao perceberem que não está realmente cercado quem é livre para morrer e, por isso mesmo, morrem abraçados à liberdade.<sup>240</sup> Do mesmo modo, as outras virtudes também são iguais entre si: tranquilidade, simplicidade, generosidade, constância, equanimidade, resistência. Porque subjacente a todas elas há uma única virtude, a qual proporciona à alma a retidão e a constância de propósitos.

14. “O que então”, você diz, “*não há diferença entre a alegria e a obstinada resistência à dor?*” De forma alguma, não em relação às próprias virtudes, muito grande, no entanto, nas circunstâncias em que uma dessas duas virtudes é exibida. Em um caso, há um relaxamento natural e afrouxamento da alma, no outro há uma dor

não natural. Daí que estas circunstâncias, entre as quais uma grande distinção pode ser estabelecida, pertencem à categoria de coisas indiferentes, mas a virtude mostrada em cada caso é igual.

15. A virtude não é alterada pela questão com a qual trata. Se a matéria é dura e teimosa, não piora a virtude, se agradável e alegre, não a torna melhor. Portanto, a virtude permanece necessariamente igual. Pois, em cada caso, o que se faz é feito com igual retidão, com igual sabedoria e com igual honra. Assim, os estados de bondade envolvidos são iguais e é impossível para um homem ultrapassar esses estados de bondade, por conduzir-se melhor, seja um homem em sua alegria, ou o outro em meio a seu sofrimento. E dois bens, quando nenhum deles pode ser melhor que o outro, são iguais.

16. Pois se as coisas que são extrínsecas à virtude podem diminuir ou aumentar a virtude, então o que é honroso deixa de ser o único bem. Se você aceitar isso, a honra perece completamente. E por que? Deixe-me dizer-lhe: é porque nenhum ato é honrado quando é feito por um agente involuntário, quando é obrigatório. Cada ato honorável é voluntário. Misture-o com relutância, queixas, covardia ou medo e ele perde sua melhor característica: auto aprovação. O que não é livre não pode ser honrado, pois medo significa escravidão.

17. O bem moral está totalmente livre da ansiedade e é calmo, se alguma vez objeta, lamenta ou considera qualquer coisa como um mal, torna-se sujeito a perturbação e começa a chafurdar em meio a grande confusão. Pois, de um lado, a aparência de correção o atrai, por outro, a suspeita do mal o arrasta para trás, portanto, quando um homem está prestes a fazer algo honorável ele não deve considerar quaisquer obstáculos como infortúnios, embora os considere como inconvenientes, mas ele deve querer fazer a ação e fazê-la de boa vontade. Pois todo ato virtuoso é feito sem ordens ou coação; é puro e não contém mistura de mal.

18. Eu sei o que você pode me responder neste momento: *“Você está tentando fazer-me acreditar que não importa se um homem sente a alegria ou se encontra-se sob tortura e esgota seu*

*torturador?” Poderia dizer em resposta: “Epicuro também sustenta que o sábio, embora esteja sendo queimado no touro de Fálaris,<sup>241</sup> clamará: é agradável e não me preocupa em absoluto”. Por que você precisa se admirar, se eu afirmo que aquele que repousa num banquete e a vítima que resiste firmemente à tortura possuem bens iguais, quando Epicuro mantém uma coisa que é mais difícil de acreditar, ou seja, que é agradável ser assado desta maneira?*

19. Mas a resposta que eu dou é que há grande diferença entre alegria e dor; se me pedem para escolher, vou procurar a primeira e evitar a última. A primeira está de acordo com a natureza, a segunda é contrária a ela. Enquanto são classificadas por este padrão, há um grande abismo entre elas; mas quando se trata de uma questão da virtude envolvida, a virtude em cada caso é a mesma, quer venha através da alegria ou através da tristeza.

20. A vexação, a dor e outros inconvenientes não têm consequências, pois são vencidos pela virtude. Assim como o brilho do sol escurece todas as luzes menores, também a virtude, por sua própria grandeza, quebra e abrandando todas as dores, aborrecimentos e erros. Onde quer que seu brilho chegue, todas as luzes que brilham sem a ajuda da virtude são extintas e os inconvenientes, quando entram em contato com a virtude, não desempenham um papel mais importante do que uma nuvem de tempestade no mar.

21. Isto pode ser provado para você pelo fato de que o bom homem apressar-se-á sem hesitação a qualquer ação nobre. Mesmo que seja confrontado com o carrasco, o torturador e o pelourinho, ele persistirá, não quanto ao que ele deve sofrer, mas quanto ao que deve fazer, desempenhando tão prontamente uma ação honrosa quanto se estivesse na presença de um homem bom; ele considerará vantajoso para si mesmo, seguro e propício. E ele manterá o mesmo ponto de vista sobre uma ação honrosa, ainda que seja carregada de tristeza e dificuldades, como sobre um homem de bem que é pobre, doente ou desaproveitado no exílio.

22. Agora, compare um homem de bem extremamente rico com um

homem que não tem nada, exceto que em si mesmo tem todas as coisas: eles serão igualmente bons, embora experimentem Fortuna desigual. Este mesmo padrão, como tenho observado, deve ser aplicado tanto às coisas quanto aos homens. A virtude é tão louvável se ela habita num corpo sadio e livre, como se em alguém que está doente ou em escravidão.

23. Portanto, quanto à sua própria virtude, não a louvará mais se a Fortuna a favorecer concedendo-lhe um corpo sadio, do que se a Fortuna lhe der um corpo que é mutilado em algum membro, pois isso significaria classificar inferiormente um mestre porque ele está vestido como um escravo. Pois todas aquelas coisas sobre as quais a Fortuna tem influência - bens materiais, dinheiro, posses, posição - são fracas, inconstantes, propensas a perecer e de posse incerta. Por outro lado, as obras da virtude são livres e insubmissas, nem mais dignas de serem procuradas quando a Fortuna as trata com bondade, nem menos dignas quando alguma adversidade pesa sobre elas.

24. A amizade, no caso dos homens, corresponde à desejabilidade, no caso das coisas. Você não gostaria, eu imagino, de amar um bom homem, se ele fosse rico, mais do que se fosse pobre, e não amaria uma pessoa forte e musculosa mais do que uma pessoa delgada e de constituição delicada. Assim, nem procurará nem amará uma coisa boa que seja divertida e tranquila mais do que uma que é cheia de perplexidade e labuta.

25. Ou, se você fizer isso, você vai, no caso de dois homens igualmente bons, gostar mais de quem é limpo e bem-asseado do que daquele que é sujo e despenteado. Você chegaria ao ponto de se importar mais com um homem bom que é sã em todos os seus membros e sem defeito, do que com alguém que é fraco ou cego. Gradualmente sua exigência alcançaria tal ponto que, de dois homens igualmente justos e prudentes, você escolheria aquele que tem cabelos longos e ondulados! Sempre que a virtude em cada um é igual, a desigualdade em seus outros atributos não é aparente. Pois todas as outras coisas não são essenciais, mas apenas acessórios.



26. Qualquer homem julgaria seus filhos de modo tão injusto a fim de se preferir mais um filho saudável do que um doente, ou a um filho alto, de estatura incomum, mais do que a outro de pouca ou de baixa estatura? Os animais selvagens não mostram nenhum favoritismo entre sua prole; eles se deitam para amamentar todos igualmente. Aves fazem a distribuição justa de seus alimentos. Ulisses apressa-se de volta às rochas de sua Ítaca tão ansiosamente quanto Agamenon acelera até as majestosas muralhas de Micenas. Porque nenhum homem ama a sua terra natal porque ela é grande, ele a ama porque é sua.

27. E qual é o propósito de tudo isso? Que você saiba que a virtude considera todas as suas obras sob a mesma luz, como se fossem seus filhos, mostrando a mesma bondade a todos e ainda mais profunda bondade àqueles que encontram dificuldades. Pois mesmo os pais inclinam-se com mais afeição aos filhos por quem sentem piedade. A virtude, também, não necessariamente ama mais profundamente aquelas de suas obras que vê em problemas e sob pesados fardos, mas, como bons pais, ela lhes dá mais de seus cuidados de acolhimento.

28. Por que nenhum bem é maior do que qualquer outro bem? É porque nada pode ser mais apropriado do que aquele que é apropriado e nada mais nivelado do que aquilo que está nivelado. De duas coisas iguais a uma terceira você não poderá dizer que uma delas é "mais igual" do que a outra! Por isso mesmo nada pode haver de mais moral do que a própria moralidade.

29. Assim, se todas as virtudes são iguais por natureza, as três variedades de bens são iguais. Isto é o que quero dizer: há uma igualdade entre sentir alegria com autocontrole e sofrer dor com autocontrole. A alegria em um caso não ultrapassa no outro a firmeza da alma que afoga o gemido quando está nas garras do torturador; são desejáveis os bens do primeiro tipo, enquanto os do segundo são dignos de admiração e, em cada caso, não são menos iguais, porque qualquer inconveniente atribuído a este último é compensado pelas qualidades do bem, que é muito maior.

30. Qualquer homem que os julgue desiguais está se afastando das

próprias virtudes e está examinando meras exterioridades. Os bens verdadeiros têm o mesmo peso e o mesmo volume. O tipo espúrio contém muito vazio, quando são pesados, percebemos sua deficiência embora pareçam imponentes e grandiosos ao olhar.

31. Sim, meu caro Lucílio, o bem que a verdadeira razão aprova é sólido e eterno, fortalece o espírito e exalta-o, para que ele esteja sempre nas alturas. Mas as coisas que são irrefletidamente elogiadas e são bens na opinião da multidão meramente nos encham de alegria vazia. E, novamente, aquelas coisas que são temidas como se fossem males apenas inspiram ansiedade na mente dos homens, pois a mente é perturbada pela aparência do perigo, assim como os animais também o são perturbados.

32. Portanto, é sem razão que ambas as coisas distraiam e piquem o espírito: um não é digno de alegria nem o outro de medo. Somente a razão é imutável e se apegua a suas decisões. Pois a razão não é escrava dos sentidos, mas uma governante sobre eles. A razão é igual à razão, como uma linha reta para outra; portanto a virtude também é igual à virtude. A virtude não é nada mais do que razão correta. Todas as virtudes são razões. As razões são razões, se são razões certas. Se elas estão certas, elas também são iguais.

33. Como a razão é, assim também são as ações; portanto, todas as ações são iguais. Pois, uma vez que se assemelham à razão, também se assemelham umas às outras. Além disso, considero que as ações são iguais entre si, na medida em que são ações honradas e corretas. Haverá, naturalmente, grandes diferenças de acordo com a variação do material, como se torna agora mais amplo e depois mais estreito, agora glorioso e depois inferior, agora múltiplo no alcance e depois limitado. No entanto, o que é melhor em todos estes casos é igual; eles são todos honrados.

34. Da mesma forma, todos os homens bons, na medida em que são bons, são iguais. Há, de fato, diferenças de idade, um é mais velho, outro mais jovem; de constituição física, uns são belos, outros feios; de condições de vida, este homem é rico, aquele homem é pobre; este é influente, poderoso e conhecido pelas

idades e povos, aquele homem é desconhecido para a grande maioria e anônimo. Mas todos, em relação àquilo que importa – serem homens de bem – são iguais.

35. Os sentidos não decidem sobre coisas boas e más, eles não sabem o que é útil e o que não é útil.<sup>242</sup> Eles não podem registrar sua opinião a menos que sejam confrontados com um fato. Eles não podem ver o futuro nem se lembrar do passado e eles não sabem o que resulta do que. Mas é a partir desse conhecimento que uma sequência e sucessão de ações é tecida e uma unidade de vida é criada, uma unidade que prosseguirá em um curso reto. A razão, portanto, é o juiz do bem e do mal, o que é estrangeiro e externo, ela considera como escória e o que não é nem bom nem mau, ela julga como apenas acessório, insignificante e trivial. Pois todo o seu bem reside na alma.

36. Mas há certos bens que a razão considera primordiais, aos quais ela se dirige deliberadamente. Estes são, por exemplo, a vitória, filhos honestos e o bem-estar da pátria. Alguns outros considera secundários, estes se tornam manifestos apenas na adversidade, por exemplo, a equanimidade em suportar uma doença grave ou exílio. Certos bens são indiferentes, estes não são mais de acordo com a natureza do que contrários à natureza, como, por exemplo, um andar discreto e uma postura decente em uma cadeira. Pois sentar é um ato que não é menos de acordo com a natureza do que ficar em pé ou andar.

37. Os dois tipos de bens que são de ordem superior são diferentes: os primários são de acordo com a natureza, como a alegria derivada do comportamento obediente de seus filhos e do bem-estar de seu país. Os secundários são contrários à natureza, como a força moral em resistir à tortura ou na aceitação da sede quando a doença torna os órgãos vitais febris.

38. “O que então”, você diz; *“alguma coisa que é contrária à natureza pode ser um bem?”* Claro que não, mas aquela em que esse bem eleva-se a sua origem é por vezes contrária à natureza. Por estarem feridos, esvaindo-se sobre uma fogueira, aflitos com

má saúde, tais coisas são contrárias à natureza; mas é de acordo com a natureza que um homem preserve uma alma indomável em meio a tais aflições.

39. Para explicar brevemente o meu pensamento, o material com o qual o bem se relaciona às vezes é contrário à natureza, mas um bem em si mesmo nunca é contrário, pois nenhum bem existe sem razão e a razão está de acordo com a natureza. “O que, então”, você pergunta, “é a razão?” É seguir a natureza. “E o que”, você diz, “é o maior bem que o homem pode possuir?” É conduzir-se de acordo com o que a natureza deseja.

40. “Não há dúvida”, diz o opositor, “que a paz proporciona mais felicidade quando não é atacada do que quando é recuperada a custo de grande matança. Também não há dúvida de que a saúde que não foi comprometida, oferece mais felicidade do que a saúde que foi restituída à solidez por meio da força, por assim dizer, e pela resistência ao sofrimento, depois de doenças graves que ameaçaram a vida em si. E, da mesma forma, não há dúvida de que a alegria é um bem maior do que a luta de uma alma para suportar até o fim os tormentos das feridas ou da tortura”.

41. De modo algum, nada mais falso! Pois coisas que resultam do risco admitem ampla distinção, uma vez que são avaliadas de acordo com sua utilidade aos olhos daqueles que as experimentam, mas em relação aos bens, o único ponto a ser considerado é se eles estão de acordo com a natureza. E isso é igual no caso de todos os bens. Quando em uma reunião do senado nós votamos em favor da proposta de alguém, não pode ser dito “A. está mais de acordo com a proposta do que B.” Todos votam pela mesma proposta. Eu faço a mesma declaração com respeito às virtudes, todas elas estão de acordo com a natureza; e eu o faço em relação aos bens igualmente, estão todos de acordo com a natureza.

42. Um homem morre jovem, outro na velhice e outro ainda na infância, tendo desfrutado nada mais do que um simples vislumbre na vida. Todos eles foram igualmente sujeitos à morte, embora a morte tenha permitido a um avançar mais ao longo do caminho da vida, tenha cortado a vida do segundo em sua flor e quebrado a

vida do terceiro em seu início.

43. Alguns recebem sua sentença na mesa do jantar. Outros prolongam seu sono na morte. Alguns são eliminados durante conjunção carnal. Agora, compare essas pessoas com aquelas que foram perfuradas pela espada ou levadas à morte por cobras ou esmagadas em um desabamento ou torturadas até a morte pela torção prolongada de seus tendões. Algumas dessas partidas podem ser consideradas melhores, outras piores; mas o ato de morrer é igual em tudo. Os métodos de acabar com a vida são diferentes; mas o fim é um e o mesmo. A morte não tem graus maiores ou menores, pois tem o mesmo limite em todos os casos, o fim da vida.

44. A mesma coisa é verdade, asseguro-lhe, em relação aos bens. Você encontrará um em circunstâncias de puro prazer, outro em meio a tristeza e amargura. Uma pessoa controla bem os favores da Fortuna, a outra supera seus ataques. Cada um é igualmente um bem, embora um viaje em uma estrada plana e fácil e o outro, em uma estrada áspera. E o fim de todos eles é o mesmo: eles são bens, eles são dignos de louvor, eles acompanham a virtude e a razão. A virtude faz iguais entre si todas as coisas que toca.

45. Você não precisa duvidar que este é um dos nossos princípios; encontramos nos trabalhos de Epicuro dois bens, dos quais é composto o seu Bem Supremo ou bem-aventurança, isto é, um corpo livre de dor e uma alma livre de perturbação.<sup>243</sup> Estes bens, se estiverem completos, não aumentam, pois como pode o que é completo aumentar? O corpo é, suponhamos, livre da dor, que aumento pode haver a essa ausência de dor? A alma é serena e calma, que aumento pode haver para esta tranquilidade?

46. Assim como o tempo bom, purificado no mais puro brilho, não admite um grau ainda maior de clareza; também um homem, quando cuida de seu corpo e de sua alma, tecendo a textura de seu bem de ambos, tem condição perfeita e atingiu a meta de suas orações se não há comoção em sua alma ou dor em seu corpo. Quaisquer que sejam os encantos que receba em relação a estas

duas coisas não aumentam o seu Supremo Bem; eles simplesmente condimentam-no, por assim dizer, e acrescentam tempero a ele. Pois o bem absoluto da natureza do homem fica satisfeito com a paz no corpo e a paz na alma.

47. Posso mostrar-lhe neste momento nos escritos de Epicuro uma lista graduada dos bens, muito semelhante com a lista da nossa própria escola. Pois há algumas coisas, ele declara, que prefere receber, tais como descanso corporal livre de qualquer inconveniente e relaxamento da alma enquanto se deleita na contemplação de seus próprios bens. E há outras coisas que, embora preferisse que não acontecessem, mesmo assim elogia e aprova, por exemplo, o tipo de resignação, em momentos de má saúde e sofrimento grave, os quais Epicuro exibiu naquele último e mais abençoado dia de sua vida. Pois ele nos diz que teve que suportar a excruciante agonia de uma bexiga doente e de um estômago ulcerado, sofrimento tão aguçado que não permitiria aumento da dor; *“E ainda,”* ele disse, *“aquele dia não foi menos feliz.”*<sup>244</sup> E nenhum homem pode passar tal dia em felicidade a menos que possua o Bem Supremo.

48. Portanto, encontramos, até mesmo em Epicuro, bens que seriam melhor não experimentar que, no entanto, porque circunstâncias assim o decidem, devem ser acolhidos e aprovados e colocados ao nível dos bens mais elevados. Não podemos dizer que o bem que preencheu uma vida feliz, o bem pelo qual Epicuro deu graças nas últimas palavras que pronunciou, não é igual ao maior.

49. Permita-me, excelente Lucílio, pronunciar uma palavra ainda mais ousada: se qualquer mercadoria pudesse ser maior do que outras, eu preferiria aquelas que parecem acres às que são brandas e sedutoras, e as declararia maiores. Pois é uma conquista maior superar as barreiras do caminho do que manter a alegria dentro dos limites estreitos.

50. Exige o mesmo uso da razão, estou plenamente consciente, um homem suportar a prosperidade bem e também suportar a

desgraça corajosamente. O homem que dorme em frente às muralhas sem medo de perigo quando nenhum inimigo ataca o acampamento pode ser tão corajoso quanto o homem que, quando os tendões de suas pernas são cortados, se levanta de joelhos e não solta suas armas. Mas é para o soldado manchado de sangue e que retorna da frente, que os homens clamam: “*Bem feito, herói!*” E por isso, eu devo conceder maior louvor aos bens que foram julgados e mostraram coragem e que lutaram contra a Fortuna.

51. Devo hesitar em dar maior elogio à mão mutilada e seca de Múcio do que à mão inofensiva do homem mais corajoso do mundo? Lá estava Múcio,<sup>245</sup> desprezando o inimigo e desprezando o fogo e observando sua mão enquanto pingava sangue sobre o fogo no altar de seu inimigo, até que Porsena, invejando a fama do herói a quem ele impingiu o castigo, ordenou que o fogo fosse removido contra a vontade de sua vítima.

52. Por que não devo considerar este bem entre os bens primários e julgá-lo como muito maior do que aqueles outros bens que são desacompanhados de perigo e não foram testados pela Fortuna? Pois é uma coisa mais rara superar um inimigo com uma mão perdida do que com uma mão armada. E então? Você diz, “*you desire esse bem para si mesmo?*” Claro que sim. Pois esta é uma coisa que um homem não pode alcançar a menos que também a possa desejar.

53. Deveria eu desejar, em vez disso, que me permitam esticar os meus membros para que os meus escravos façam massagens, ou que uma mulher, ou um travesti efeminado, puxe as articulações dos meus dedos? Não posso deixar de acreditar que Múcio teve mais sorte porque manipulou as chamas tão calmamente como se estivesse estendendo a mão para o massagista. Ele havia aniquilado todos os seus erros anteriores, terminou a guerra desarmado e mutilado e, com aquele toco de uma mão, ele conquistou dois reis.

Mantenha-se Forte. Mantenha-se Bem.



## Notas:

**238** NT: Trecho de [Eneida](#), de Virgílio, V, 334. O sentido da palavra “*virtus*” no texto de Virgílio não é virtude, mas sim coragem física, valor.

**239** Sêneca não está falando aqui das três virtudes genéricas (físicas, éticas, lógicas), nem dos três tipos de bens (baseados na vantagem corporal) que foram classificados pela escola peripatética; Ele só está falando de três tipos de circunstâncias sob as quais o bem pode se manifestar. E no § 36 e seguintes ele mostra que considera apenas as duas primeiras classes como bens reais.

**240** NT: O exército de Cipião montou dois acampamentos e construiu uma muralha de circunvalação à volta da cidade espanhola com sete torres a partir das quais seus arqueiros podiam atirar por cima da muralha numantina. Ele também represou o pântano vizinho e criou um lago entre a muralha da cidade e sua própria muralha. Para proteger seus acampamentos, Cipião construiu também muralhas exteriores (cinco no total). Para completar o cerco, Cipião isolou a cidade do rio Douro: nos pontos onde o rio entrava e saía da cidade, pares de torres foram construídas e, entre os pares, cabos com lâminas foram estendidos através do rio para evitar a passagem de barcos e nadadores.

**241 Touro de Fálaris**, foi uma das mais cruéis máquinas de tortura e execução, cujo invento é atribuído a Fálaris, tirano de Agrigento. O aparelho era uma esfinge de bronze oca na forma de um touro mugindo, com duas aberturas, no dorso e na parte frontal localizada na boca. Após colocada a vítima em seu interior, a entrada da esfinge era fechada e posta sobre uma fogueira. À medida que a temperatura aumentava no interior do Touro, o ar ficava escasso e o executado procuraria meios para respirar, recorrendo ao orifício na extremidade do canal. Os gritos exaustivos do executado saíam pela boca do Touro, fazendo parecer que a esfinge estava viva.

**242** Aqui, Sêneca está lembrando Lucílio, como muitas vezes faz nas cartas anteriores, que a evidência dos sentidos é apenas um degrau para ideias superiores – um princípio do epicurismo.

**243** NT: Ver [Epicuro, Cartas e Princípios](#)

**244** NT: Ver Diógenes Laércio, [Vidas e doutrinas dos filósofos ilustres](#), livro X.

**245 Caio Múcio Cévola** (em latim: *Gaius Mucius Scaevola*). Logo depois da fundação da República Romana, Roma se viu rapidamente sob a ameaça etrusca representada por Lar Porsena. Depois de rechaçar um primeiro ataque, os romanos se refugiaram atrás das muralhas da cidade e Porsena iniciou um cerco. Conforme o cerco se prolongou, a fome começou a assolar



a população romana e Múcio, um jovem patrício, decidiu se oferecer para invadir sorrateiramente o acampamento inimigo para assassinar Porsena. Disfarçado, Múcio invadiu o acampamento inimigo e se aproximou de uma multidão que se apinhava na frente do tribunal de Porsena. Porém, como ele nunca tinha visto o rei, ele se equivoca e assassina uma pessoa diferente. Imediatamente preso, foi levado perante o rei, que o interrogou. Longe de se intimidar, Múcio respondeu às perguntas e se identificou como um cidadão romano disposto a assassiná-lo. Para demonstrar seu propósito e castigar seu próprio erro, Múcio colocou sua mão direita no fogo de um braseiro aceso e disse: “Veja, veja que coisa irrelevante é o corpo para os que não aspiram mais do que a glória!”. Surpreso e impressionado pela cena, o rei ordenou que Múcio fosse libertado. Como reconhecimento, Múcio confessa que trezentos jovens romanos haviam jurado, assim como ele, estar prontos a sacrificar-se para matá-lo. Aterrorizado por esta revelação, Porsena teria baixado suas armas e enviado embaixadores a Roma.